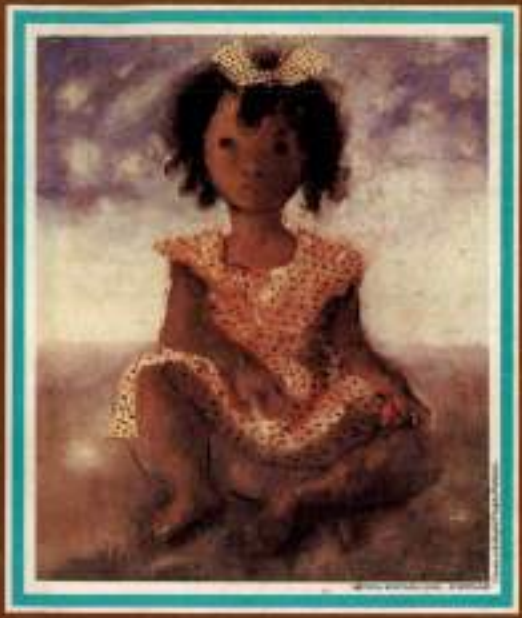

CRIANÇA: CIÊNCIA E COMPROMISSO

XXII REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA

RESUMOS DE COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS

Sociedade Brasileira de Psicologia
Outubro de 1992 - Ribeirão Preto - SP

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA. Resumos de Comunicações Científicas. XXII Reunião Anual. Ribeirão Preto, SP, SBP/Legis Summa, 1992. 505 p. Organizadores: de Oliveira, L. M.; Souza, D. G.; Matos, M. A.; Serio, T. M. A. P.; Zanotto, C. L. M. C.; Figueiredo, M. A. C.; e Gorayeb, R.

1. PSICOLOGIA

Capa: Menina Sentada. Portinari (1943)
Cortesia do Projeto Portinari

Arte da capa e cartaz: Luis Dias

Financiamentos:
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Financiadora de Estudos e Projetos

RESUMOS DE COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS XXII REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA

Sociedade Brasileira de Psicologia

Outubro de 1992 - Ribeirão Preto - SP

SUMÁRIO

CRIANÇA: CIÊNCIA E COMPROMISSO 5

COMUNICAÇÕES DE PESQUISA 7

CONFERÊNCIAS

A criança abandonada na história do Brasil 325

Estudo longitudinal de um autista: depoimentos de pessoas que acompanharam seu caminho 326

Imagens sobre a infância 327

Meccanismi e correlati dei ritmi biologici 328

As várias doutrinas filosóficas, científicas e, em particular, psicológicas, tendo como base a consciência 329

Associação da Educação com a mortalidade infantil e a gravidez na adolescência 330

Psicofísica social e clínica 331

Developing through relationships 332

MINI-CONFERÊNCIAS

Classes funcionais e equivalência de estímulos 335

O desenvolvimento de estratégias verbais e formação de equivalência em crianças pré-escolares 336

Memorização: análise conceitual e demonstrações empíricas 337

Processo psicológico de conhecimento da realidade social no Brasil do século XVI 338

SIMPÓSIOS

A criança e a morte 341
A identidade da criança negra 345
Behaviorismo e sociedade 349
Contaminação ambiental e comportamento 353
Drogas: o consumo do jovem, o discurso do adulto 357
Interação social, desenvolvimento cognitivo e aprendizagem 361
Problemas de pesquisa em Psicologia Organizacional 365
Processos senso-perceptuais humanos: ontogênese e avaliação do desenvolvimento 369
Utilização de recursos alternativos para o desenvolvimento da linguagem na criança com necessidades especiais 373
A construção de conhecimentos no contexto pré-escolar: processos de significação e intersubjetividade 377
Alfabetização e análise do comportamento: retrospectiva, avanços recentes e perspectivas 381
O analfabetismo do menino de rua como produção simbólica do espaço social no qual está inserido 385
O projeto de saúde perinatal e dos escolares 388
Problemas teóricos e metodológicos no estudo das relações 392
Processos senso-perceptuais humanos: aspectos teóricos e pesquisa no país 396
Violência doméstica contra crianças e adolescentes: problemas de pesquisa no Brasil 400
A criança e a instituição: aspectos preventivos 404
Afetividade, cognição e aprendizagem 407
Nutrição e desenvolvimento 411
O desenvolvimento da língua escrita numa perspectiva cognitiva 415
Skinner e a interpretação do comportamento verbal nos anos 90: implicações epistemológicas, empíricas e aplicadas 419

MESAS REDONDAS

Criança vítima da violência no trânsito: causas e remédios 425
Sonhos, fantasias, sentimentos e intuições: seu papel na análise do comportamento infantil 428
Emoções e ação pedagógica na infância: contribuições da Psicologia 432
O psicólogo brasileiro: construção de novos espaços 436
Particularidades da psicoterapia oferecida a idosos 440
Psicoterapia ou farmacoterapia: confrontação ou cooperação? 444
A creche é conveniente para crianças até 2 anos? 447

A psicologia faz gênero? 450
Bases teóricas aplicadas à prática clínica: as contingências na sessão terapêutica 454
Distúrbios infantis. Quem tratar: a criança, os pais ou a família? 458
O estudo da criança em interação social 462
O fracasso escolar e a classe especial para deficientes mentais: relações de correspondência e contradição 466

CURSOS
Pré-requisitos para a leitura e escrita exigidos pela escola 473
O superdotado: identificação, características e atendimento 474
Princípios de transferência ou generalização e suas implicações para educação e terapia 475
Aspectos psicológicos da assistência à criança com câncer 476
Família e deficiência: um convívio especial 477
Família e terapia familiar 478
Psicanálise da criança: Klein, Winnicott e Lacan 479
Representação social e a relação indivíduo sociedade 480
Triagem e psicodiagnóstico: processos de intervenção 481
Teste das fábulas: forma verbal e pictórica 482
Comportamento verbal e comportamento governado por regras - II 483
Raciocínio lógico-matemático: aprendizagem e desenvolvimento 484
Psicologia da terceira idade II: aprendizagem e memória 485
Representação e formação de conceitos na teoria de Vygotsky 486
Psicoterapia e deficiência 487
A creche como contexto de desenvolvimento da criança e o papel do educador 488

WORKSHOPS
Metodologia de estudo da interação: olhar naturalista x olhar simbólico 491
Oficina de sexo seguro, reprodução e AIDS 492

ÍNDICE DE AUTORES (pelo número dos resumos) 493

Nota: Os resumos foram fotografados dos originais submetidos pelos autores.

CRIANÇA: CIÊNCIA E COMPROMISSO

Este é o tema central da XXII Reunião Anual de Psicologia. A opção pelo tema teve como objetivo focalizar para discussão a relação da Psicologia com problemas contemporâneos enfrentados pela sociedade brasileira, em busca de alternativas que possam contribuir para solucioná-los. Procurou-se enfatizar especialmente as responsabilidades que a ciência psicológica tem com os problemas enfrentados pela criança no Brasil de hoje, os compromissos que norteiam a busca de conhecimento e o estabelecimento de bases científicas sólidas para propostas de intervenção conseqüentes. Os proponentes de atividades relativas ao tema foram solicitados a apresentar sugestões e recomendações para apreciação pela Assembléia Geral, com vistas a encaminhar às agências competentes subsídios para o estabelecimento de políticas e para o desencadeamento de ações concretas, que possibilitem soluções para problemas afins da criança brasileira, e a busca de um futuro melhor.

A seleção de um tema não excluiu outras iniciativas. Os resumos refletem o universo de temas e problemas que a Psicologia brasileira vem pesquisando e que apresenta à discussão na Reunião Anual de 1992.

COMUNICAÇÕES DE PESQUISA

1 TIPOS DE BRINCADEIRAS E FORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES. VIEIRA, M.L.; AZEVEDO, E.P.; ROSSATTO, M.I. e BOMTEMPO, E. INSTITUTO DE PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (SP)

O estudo da brincadeira é importante na medida em que torna possível compreender os processos básicos do desenvolvimento da criança. O principal objetivo do presente estudo, realizado em situação naturalística, foi o de caracterizar as formas de interação social e os tipos de brincadeira de crianças pré-escolares. Participaram deste estudo 18 crianças (9 meninos e 9 meninas) com idade média de 5 anos. Foram realizadas duas sessões de observação para cada sujeito. A técnica utilizada foi a de amostragem de tempo, em intervalos de 30-segundos, durante 10 minutos. Através da análise dos dados, concluiu-se que: a) a forma de interação social mais frequente foi a de brincadeira cooperativa, seguido do comportamento de observador, brincadeira paralela e brincadeira solitária; b) entre as meninas, a porcentagem de brincadeira cooperativa foi maior quando envolvia duplas; entre os meninos as maiores porcentagens mostraram o envolvimento de 1 a 4 parceiros; c) houve uma preferência das crianças para brincar com companheiros de mesmo sexo; d) os tipos de brincadeiras mais frequentes para ambos os sexos foi: brincadeira motora ampla e "faz-de-conta"; e e) a brincadeira turbulenta só foi observada nos meninos. Conclui-se, portanto, que crianças de 4 a 6 anos brincam a maior parte do tempo de forma cooperativa e existem algumas diferenças marcantes nas brincadeiras entre os sexos.

Apoio financeiro: CAPES

2

CRIANÇAS E A BRINCADEIRA NA PRAIA

* Gonçalves, A.C.R.; * Atalla, M.M.A.; * Salomon, S.M.
e Bomtempo, E. _ Instituto de Psicologia da USP

Considerando-se a importância do brincar para o desenvolvimento da criança, tendo-se em vista as suas funções terapêuticas, sociabilizadoras e cognitivas, resolveu-se pesquisar um tipo especial de brincadeira, a de praia.

Os objetivos deste trabalho foram de dois tipos : um mais amplo, que visa despertar a sensibilidade a respeito dos benefícios que os elementos naturais, água e areia, possam trazer para a criança; e o mais específico, que é a descrição dos comportamentos de brincar na praia e de uma investigação quanto à representação que as crianças têm desta atividade.

Os meios utilizados na obtenção dos dados foram - A Observação Direta na praia (Técnica de Amostra do Tempo), tendo como sujeitos crianças entre 6 e 9 anos que encontravam-se ao acaso na praia; - A Coleta de Desenhos, tendo como sujeitos 12 crianças entre 6 e 9 anos.

A Observação Direta mostrou que a zona de brincadeira predileta é à beira mar e a maior parte do tempo as crianças brincavam em grupos utilizando principalmente os elementos areia e água. Através dos Desenhos verificou-se a predominância dos elementos água, areia e céu, que foram subdivididos em categorias de dados presentes, para a análise. Os Desenhos também demonstraram jogos e brincadeiras na praia, com ênfase na utilização de elementos naturais, mais do que de brinquedos.

Concluiu-se que a brincadeira na praia, atividade espontânea e prazerosa, oferece: 1) Oportunidades de satisfazer necessidades psíquicas de forma substitutiva; 2) Possibilidades de experiências sensoriais múltiplas, que contribuem no conjunto de vivências para o desenvolvimento cognitivo; 3) Interação das crianças, favorecida pelo próprio ambiente e pelos elementos nele contidos.

* Alunas de Pós-Graduação : Disciplina "Psicologia do Brinquedo".

3 DESENVOLVIMENTO INICIAL DA FALA SOBRE ESTADOS SUBJETIVOS.

ALVES, J.M., SILVA, A.P.L., NOGUEIRA, L.S.N., AZEVEDO, C.S.S., SILVA, I.V. e CUNHA, M.R.C. Departamento de Psicologia Experimental, Universidade Federal do Pará.

Estados subjetivos são percepções internas não localizadas e de qualquer natureza (Engelmann, 1978). O presente estudo objetivou caracterizar as capacidades da criança e as oportunidades oferecidas para ela aprender a falar sobre estados subjetivos. Foram analisadas 30 transcrições da interação verbal de uma mesma díade mãe-criança (menina de classe média), durante os primeiros oito meses do segundo ano de vida da criança. Os termos denotativos de estados subjetivos mais frequentemente usados pela criança e pela mãe foram "quero/não quero", "sei/não sei", "dormir" e "gosto/não gosto". Os usos da criança foram frequentemente referidos a si, no presente e na afirmativa. A mãe referiu-se mais frequentemente a estados subjetivos da criança, no presente, na afirmativa e interrogativa. A criança usou termos repetindo a fala da mãe, mas também o fez espontaneamente e para falar de estados passados ou futuros. Também falou sobre antecedentes de estados subjetivos. Além de estar em contato com um vocabulário mais amplo que o seu, novos termos denotativos de estados subjetivos foram apresentados à criança associados a outros já conhecidos. Estados subjetivos comunicados de forma não-verbal pela criança foram nomeados pela mãe. A mãe também deu e solicitou da criança explicações sobre estados subjetivos, fez contrastes entre verbos cognitivos e entre comportamento expressivo e estado subjetivo. Estas condições foram consideradas facilitadoras da aprendizagem da fala sobre estados subjetivos.

4 CONCEPÇÕES SOBRE REGRAS MORAIS E SÓCIO-CONVENCIONAIS EM CRIANÇAS DE ESCOLA PÚBLICA

MARTINS, R. A. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, SP.

O propósito deste estudo é examinar as formas de raciocínio que crianças da pré-escola, da 1ª e da 3ª série do 1º Grau de escola pública dão a eventos morais e sócio-convencionais. Usando quatro histórias padronizadas, sendo duas morais e duas sócio-convencionais, entrevistamos um total de 72 crianças, onde foram avaliados os seguintes aspectos: categorias de justificação e os critérios de julgamento de gravidade da regra, punição devida ao transgressor, contingência e relatividade da regra e jurisdição de autoridade. Também foi investigado a origem do conhecimento social sob o ponto de vista da própria criança.

Resultados mostram que a medida que progridem em sua escolarização as crianças usam mais justificativas de danos, injúria, violação ao bem-estar do outro, justo e equitativo, para considerarem erradas as transgressões morais, e por outro lado usam convenções, prudência social e pessoal para julgarem as transgressões sócio-convencionais. Julgam as transgressões morais como mais graves e que devam ser mais punidas do que as socio-convencionais. Quanto aos critérios de julgamento de contingência, relatividade e jurisdição de autoridade as crianças não diferenciar claramente as transgressões morais das socio-convencionais. A avaliação da origem do conhecimento social, sob o ponto de vista da própria criança, mostra forte influência da família, principalmente da mãe, na transmissão desses conhecimentos sociais para a criança.

Resultados foram discutidos em termos das teorias de julgamento moral de J. Piaget, de desenvolvimento do conhecimento social em domínios de E. Turiel e da teoria de comunicação social de Shweder, Mahapatra e Miller.

- Pesquisa com apoio de Bolsa de Doutorado do CNpq.

5

ERA ISSO O QUE EU QUERIA? UM ESTUDO DA MATERNIDADE E DA PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA.

FRADO, C.S. ; TRINDADE, E.; BRUNS, M.A.T. - Departamento de Psicologia e Educação - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP

A adolescência é um período do desenvolvimento humano caracterizado de diferentes formas de acordo com cada cultura. Em nossa sociedade, a adolescência é um período razoavelmente longo, onde o jovem deve se dedicar à formação profissional para entrar no esquema de produção. Além dessa questão mais abrangente, o adolescente passa por mudanças fisiológicas e psicológicas.

Este estudo intenciona conhecer o que sentem as jovens que engravidam atualmente, como o fenômeno é experienciado por elas e também pelos jovens pais. Além disso, busca-se compreender como esses jovens vivenciam a sexualidade.

Foi utilizada a análise fenomenológica, uma vez que o vivenciar da sexualidade e da gravidez é percebido e relatado pelo próprio sujeito, proporcionando uma compreensão ampla desse fenômeno.

Participaram desse estudo jovens voluntários com idade entre 13 e 20 anos.

Os resultados mostram que há uma grande insegurança vivenciada por esses jovens devido às mudanças nas perspectivas de vida, tanto a nível de relacionamento, como a nível de manutenção econômica causadas pelo surgimento de novas vivências.

Conclui-se que a orientação sexual não é efetiva, o relacionamento entre pais e filhos permanece sem diálogo e os filhos não são vistos como indivíduos sexuados. Uma vez que a sexualidade encontra-se velada, só será reconhecida como fato real quando ocorre a gravidez, o que faz com que a gravidez na adolescência seja um acontecimento vivido de forma problemática pelos jovens.

6

O DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE PARA DISTINGUIR ENTRE APARENCIA E REALIDADE.

DIAS, M.G., Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, PE.

Para Leslie (1988b) a habilidade de fingir, como também de entender que outra pessoa está fingindo, estaria situada sob o mesmo domínio da estrutura lógica requerida para a compreensão de estados mentais, sendo uma manifestação primitiva da teoria de mente da criança e que apareceria entre os 18 e os 24 meses de idade. Por teoria da mente se entende a habilidade de levar em conta o próprio estado mental como também o estado mental do outro na compreensão e predição do comportamento. Neste estudo analisou-se, em crianças de orfanatos, em crianças de favelas e de NSE médio o desenvolvimento da capacidade de diferenciar entre mundo imaginário e mundo real. A tarefa de brincadeira de faz-de-conta ou fingir, como usado por Leslie (1987), foi utilizada. Os resultados mostram que a brincadeira do fingir aparece apenas aos 4 anos de idade em crianças de orfanatos, e aos 3 anos em crianças de favelas, enquanto as crianças de NSE médio conseguem o mesmo desempenho já aos 2 anos de idade, como ocorre com as crianças inglesas estudadas por Leslie (1987). Estes dados contrariam os argumentos dos inatistas que afirmam que haveria aparecimento dos mecanismos subjacentes à teoria de mente nas mesmas idades, como universais, e que este desenvolvimento não seria devido a diferentes experiências.

Projeto Financiado pelo CNPq e Facepe.

7

EFEITO DO DIAZEPAM EM RATOS COLOCADOS NO LABIRINTO EM T ELEVADO, UM POSSÍVEL MODELO EXPERIMENTAL DE ANSIEDADE E MEMÓRIA.

Viana, M.B.; Tomaz, C.A.B.; Graeff, F.G.
Lab. Psicobiologia, FFCLRP-USP Ribeirão Preto.

Numa tentativa de se estudar simultaneamente efeitos de drogas sobre a ansiedade e a memória, estamos desenvolvendo um novo modelo experimental no rato, denominado labirinto em T elevado. O aparelho é constituído de um braço fechado formando um ângulo reto com dois braços abertos, situados 50 cm acima do solo. Foram medidas: 1) a latência da saída do braço fechado para um dos abertos na primeira e na segunda tentativa (esquiva inibitória), bem como a latência de entrada no braço fechado, após colocação do animal na extremidade de um dos braços abertos (fuga). Tais medidas foram realizadas aos 25 min após a injeção de 2 mg/Kg, i.p., de diazepam, para avaliar o efeito sobre a ansiedade. Após 24 horas, foram medidas a terceira tentativa de esquiva inibitória e a segunda fuga, para aquilatar o efeito sobre a memória. No dia do tratamento, o diazepam atenuou significantemente ($P < 0.05$) a esquiva inibitória e retardou a fuga, indicando um efeito ansiolítico. Dois dias após, verificou-se um efeito amnésico da droga sobre a esquiva inibitória. Estes resultados preliminares indicam que o modelo em estudo é promissor, merecendo validação sistemática.

Apoio financeiro: FAPESP, CNPq
MVB bolsista da CAPES
CABT, FGG bolsistas do CNPq

8 **EFEITOS DA REEXPOSIÇÃO SOBRE A EXPLORAÇÃO NO LABIRINTO EM CRUZ ELEVADO EM RATOS.**

Garcia,R.A.; Paiva,R.V.F.; Almeida,S.S.
Laboratório de Nutrição e Comportamento, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, Ribeirão Preto-SP.

O labirinto em cruz elevado tem sido muito utilizado como modelo animal da ansiedade, tendo sido padronizado comportamental, fisiologica e farmacologicamente. Dados recentes têm demonstrado que uma primeira exposição a este teste deixa os animais tolerantes aos efeitos ansiolíticos dos benzodiazepínicos, sugerindo um aumento da ansiedade com a reexposição. Para testar esta hipótese de aumento da ansiedade o presente trabalho utilizou um procedimento da reexposição dos animais ao labirinto. Ratos Wistar, machos, foram colocados no centro do labirnto, voltados para um dos braços fechados, e durante 5 min registrava-se o número de entradas nos braços abertos e fechados, o tempo de permanência nos braços e no centro, além do número de falsas entradas nos braços abertos. Este procedimento era repetido diariamente por um período de 6 dias. Os resultados mostram que na segunda sessão os animais diminuem a frequência e o tempo de exploração dos braços abertos bem como o tempo no centro e o número de falsas entradas. Este baixo índice de exploração permanece nos quatro dias seguintes de teste. Estes dados indicam que a reexposição torna a situação experimental mais aversiva com consequente decréscimo na exploração. Além disso o aumento de aversividade registrada na segunda sessão não é revertida com as quatro sessões seguintes.

Apoio: CNPq/FAPESP

9

ANÁLISE ETOFARMACOLÓGICA DE PADRÕES DIFERENCIADOS DE DEFESA DO RATO WISTAR NO LABIRINTO EM CRUZ ELEVADO.

CRUZ, A.P.M., Mock, M.I., Graeff, F.G.(*), Departamento de Psicologia Experimental, UNESP/Assis, SP,* Departamento de Psicologia e Educação, FFCL/USP-RP, SP.

O presente trabalho teve como objetivo testar o efeito de manipulações farmalógicas com ansiolíticos e drogas pró-ansiogênicas sobre um etograma composto de categorias comportamentais de defesa do rato no labirinto em cruz elevado. Sessenta ratos, divididos em cinco grupos, foram inicialmente submetidos a um procedimento de 5 minutos de "handling" durante 3 dias consecutivos. No quarto dia, os ratos receberam injeções intraperitoniais de FG-7142 (1.0 mg/Kg), pentilenotetrazol (20 mg/Kg), nitrazepam (1.5 mg/Kg) ou midazolam (2.5 mg/Kg). As drogas foram dissolvidas em uma solução de salina contendo tween a 2%, a qual serviu de veículo. Em seguida, cada rato foi exposto durante 5 minutos ao labirinto. As sessões foram filmadas e posteriormente analisadas, registrando-se a freqüência e duração de 12 categorias comportamentais como índice de medo/ansiedade. O pentilenotetrazol e o FG-7142 produziram efeitos ansiogênicos seletivos, enquanto o nitrazepam e o midazolam efeitos ansiolíticos em relação ao grupo tratado apenas com o veículo da droga. Os resultados são discutidos em termos da participação do complexo de receptores GABA-benzodiazopínicos em desordens diferenciadas de ansiedade.

Apoio CAPES, CNPq e FAPESP

10

O USO DO LABIRINTO EM CRUZ ELEVADO PARA AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE ASSESSAMENTO DE RISCO (*RISK ASSESSMENT*) EM RATOS DESNUTRIDOS.

Garcia,R.A.; De Oliveira,L.M.; Almeida,S.S. Lab. de Nutrição e Comportamento, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP - Ribeirão Preto-SP.

Com o objetivo estudar o comportamento de *risk assessment* em animais desnutridos, o presente trabalho utilizou o labirinto em cruz elevado como forma de evitar o uso de estímulos aversivos dolorosos ou privação de alimento/água. Os ratos foram desnutridos durante a lactação (0-21 dias) por exposição das ratas-mães a dieta deficiente em proteína (6%) enquanto as controles receberam dieta normal em proteína (15%). Após o desmame (21 dias) todos receberam dieta normal de biotério até aos 70 dias, quando iniciou-se o teste comportamental. Os ratos foram colocados no labirinto, voltados para um dos braços fechados, registrando-se o número de entradas e o tempo dispendido nos braços abertos e fechados, além do tempo no centro e do número de falsas entradas nos braços abertos (*risk assessment*). Este procedimento foi repetido por 6 sessões com intervalo de 24 horas entre elas. A reexposição no labirinto não alterou o número total de entradas e o número de tentativas para entrar nos braços abertos, mas houve um decréscimo na porcentagem de entradas, e na porcentagem de tempo dispendido nos braços abertos, bem como no tempo de permanência no centro. O número de falsas entradas foi maior para os animais desnutridos. Estes dados sugerem um aumento da ansiedade com a reexposição e uma maior impulsividade/menor ansiedade dos animais desnutridos.

Apoio: CNPq/FAPESP

11

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: UMA LEITURA DAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS

CUNHA, LÍGIA G., Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Esp. Santo, ES.

O objetivo principal deste estudo foi pensar as relações pedagógicas através do arcabouço teórico da Psicanálise.

Usando esta estrutura de referência, o poder tecnicista e ideológico da educação foi questionado assim como a importância da dinâmica da intersubjetividade demonstrada.

A metodologia usada foi de natureza qualitativa. A pesquisa teve lugar numa escola pública localizada em Vitória-ES., frequentada por alunos de baixo nível sócio-econômico. Três professores de 1ª série, seus alunos e o corpo administrativo foram seus sujeitos. Os dados foram coletados através de entrevistas não-estruturadas e de observações, durante três meses, uma vez por semana em cada turma. A observadora tomou também algum tempo para observar aspectos institucionais da escola. Os dados foram analisados através do uso da técnica psicanalítica de Interpretação.

A partir dos dados pode-se dizer que as relações pedagógicas estabelecidas naquela instituição são muito influenciadas por questões intersubjetivas que dificultam o desenvolvimento de um processo educacional mais produtivo e satisfatório.

Este estudo aponta para a necessidade de se repensar a formação dos profissionais na área da educação, através de um novo posicionamento frente a uma produção educacional estabelecida sobre autonomia e prazer.

12

INTERAÇÕES ENTRE PAJENS E CRIANÇAS EM DIFERENTES AMBIENTES INSTITUCIONAIS: UM ESTUDO COMPARATIVO

CARVALHO, A.M. (*); MAGALHÃES, C.M.C.; PONTES, F.A. R.(**) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Gradualmente, a família nuclear vem cedendo seu exclusivo papel de criação das crianças, para instituições tipo escolinhas e creches cada vez mais cedo. Isto nos leva a indagar sobre que tipos de interações se estabelecem entre as crianças e sua pajens. Teriam um padrão semelhante às estabelecidas entre mãe-criança? Nesto sentido, a presente pesquisa teve por objetivo descrever as interações pajem-criança, em duas instituições de cuidado infantil, com níveis sócio-econômico diferentes. Os sujeitos foram 79 crianças, com idades de 2 anos e oito meses até 5 anos e suas respectivas pajens, em número de 5. Foram realizadas 5 sessões observacionais em cada instituição, com duração de 20 minutos cada, em situação de recreação, com foco nas pajens. As interações registradas foram distribuídas em 7 categorias de análise. Os principais resultados indicam: 1- Iniciativas das pajens caracterizadas predominantemente pelo Cuidado Físico às crianças; 2- Maior número de iniciativas das pajens com relação às crianças do que delas em direção às pajens; 3- Significativa demanda das crianças por Contato Afetuoso e Auxílio; 4- Incongruência na Creche entre o discurso das pajens e sua prática com as crianças. Concluindo, verifica-se que as interações nas duas instituições são predominantemente restritivas, principalmente no que se refere a situações de risco físico e o Contato Afetuoso delas com as crianças apresenta-se limitado. O fator sócio-econômico aparentemente não tem influência significativa sobre as interações pajem-criança. Sugere-se a continuidade da pesquisa comparando-se as interações investigadas com aquelas estabelecidas na díade mãe-criança.

* CAPES

** CNPq

13 | ANÁLISE FUNCIONAL DA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA

GIL, M.S.C.A., BRANCO, U.V.C., OLIVEIRA, M.M.M. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

O presente estudo visa, através da análise da rotina de uma classe de 1a. série do 1º grau, identificar relações funcionais entre o desempenho da professora e dos seus alunos, em duas atividades iniciais de ensino-aprendizagem de leitura e escrita. Participaram deste estudo uma professora e 32 alunos de uma escola pública da cidade de São Paulo. O procedimento de coleta de dados consistiu de videogravações de atividades da classe. Para análise foram selecionadas duas, nomeadas "chamada alfabética" e "ensino das vogais", por serem as primeiras tarefas do semestre onde solicitava-se dos alunos desempenhos relacionados às letras do alfabeto. Estas atividades foram analisadas buscando-se identificar no desempenho da professora classes de estímulos antecedentes e subseqüentes ao desempenho dos alunos. Para tanto, consideraram-se, ao mesmo tempo, as respostas dadas por eles, a natureza e a complexidade de estimulação apresentada pela professora.

Os resultados indicam que na "chamada alfabética" a funcionalidade da IPA está em transferir o controle de estímulos do desempenho dos alunos, de unidades maiores(nome dos alunos) para unidades menores (letra inicial do nome). No "ensino das vogais", o desempenho da professora provê condições para simultaneo e gradualmente: instalar habilidades de desenhar as vogais em papel pautado; substituir os gestos da professora pelo modelo gráfico (lousa) no controle do escrever dos alunos; colocar o escrever cada vogal sob o controle de estimulação oral da professora, tanto na emissão vocal das vogais quanto no monitoramento contínuo do fazer dos alunos. Verifica-se que o desempenho dos alunos e da professora são interdependentes a que com base no avanço daqueles o ensino torna-se mais rápido e menos detalhado. Em função da quantidade e da natureza da estimulação fornecida aos alunos: os estímulos sonoros (monitoramento, nome da vogal) e os visuais (gesto, letra na lousa) passariam a comportarem-se como classes funcionais ou cada um deles guardaria uma função particular; caso se tornassem classes funcionais haveria uma hierarquia dos membros da classe de modo a predominar um deles em situações específicas? Estas questões são discutidas a partir da análise dos resultados.

14 PROBLEMAS EMOCIONAIS/COMPORTAMENTAIS E NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA CRIANÇA.

GRAMINHA, S.S.V. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, S.P.

Apesar da maioria das crianças de uma dada série escolar terem idades semelhantes, existe uma minoria cuja idade é superior ou inferior a da maioria da classe, devido principalmente a problema de repetência ou de época de início da vida escolar. A possibilidade de uma associação entre a presença de determinados problemas de ordem emocional/comportamental e o nível de escolaridade da criança, especialmente quando está atrasado ou adiantado em relação a sua idade cronológica, suscitou o presente trabalho cujo objetivo é estabelecer comparações, em termos de incidência de problemas dessa ordem, entre três grupos: um constituído por crianças cujo nível de escolaridade corresponde a sua idade cronológica(C); outro por crianças com nível de escolaridade adiantado(AD); um terceiro por crianças com nível atrasado(AT). Foram coletados dados acêrca de uma amostra representativa da população de escolares de Ribeirão Preto, composta por 1614 crianças de 6 a 13 anos de idade, frequentando da pré-escola à 6ª série do 1º grau das escolas das redes de ensino estadual, municipal, particular e SESI. Os dados foram obtidos através do preenchimento pelos pais da Escala Comportamental Infantil de Rutter A2, adaptada por Graminha (1990) que contém 36 ítens investigando a presença ou não de diversos problemas. Os resultados mostram que crianças do grupo AT apresentam em maior proporção um número mais elevado de problemas do que as do grupo AD ou C. Os três grupos diferem significativamente em relação a 14 ítens, na maioria dos quais as porcentagens relativas de crianças de cada grupo que apresentam o problema são sempre maiores para o grupo AT. Em síntese, os dados indicam que a presença de problemas emocionais/comportamentais é mais marcante para as crianças com nível de escolaridade atrasado. Supondo que o nível de escolaridade atrasado reflita principalmente problemas de reprovação e fracasso escolar, pode-se aventar a possibilidade de uma relação entre a presença de determinados problemas emocionais e a experiência de fracasso escolar. É possível que certos problemas prejudiquem o desempenho acadêmico da criança e que outros, ao contrário, sejam decorrentes do próprio fracasso escolar.

(CNPq)

15 "A UTILIZAÇÃO DO TESTE GUESTALTICO VISO-MOTOR DE BENDER NA AVALIAÇÃO DO AJUSTAMENTO ESCOLAR DE CRIANÇAS DE PRIMEIRA SÉRIE"

Barbieri, V.; Campos, A.R.; Campos; M.C.R.M.; Custódio, E.M.; Felício, J.L.; Navarro, Z.M.; Vidal, L.J.M.T. - IPUSP.

A verificação da evasão e repetência escolar como se constituindo nas principais dificuldades do Sistema Educacional Brasileiro leva-nos a questionar acerca do que deve ser considerado um bom nível de ajustamento escolar de crianças. Atualmente a apreciação da adaptação dos alunos ao contexto escolar é realizada essencialmente através da impressão subjetiva que o professor tem das crianças, o que traz consigo o risco de ser influenciada por valores e idéias pré-concebidas que ele possa apresentar. A partir dessa observação o presente trabalho visa apreciar a validade desse critério, comparando-o com dados procedentes de um instrumento objetivo de exame psicológico, no caso o Teste de Bender. Para tanto foram selecionadas 15 crianças componentes de uma classe de 36 alunos frequentando a 1ª série do 1º grau em uma escola municipal da cidade de São Paulo. Dentre os 15 sujeitos, 5 foram considerados como bem adaptados ao contexto escolar, 5 como medianamente adaptados e 5 como mal-ajustados, segundo avaliação da professora através da "Escala de Caracterização do Comportamento de Alunos em Sala de Aula" de Machado e Figueiredo. Os sujeitos foram então submetidos ao exame de suas funções percepto-motoras mediante o Teste de Bender, o qual foi avaliado através dos critérios propostos por Santucci-Granjon, Santucci-Pêcheux, Koppitz e Clawson. A partir dessa avaliação constatou-se a não equiparação entre a idade cronológica e a percepto-motora em 5 crianças. Solicitou-se então informação adicional a respeito delas à professora através de entrevistas semi-dirigidas. Os resultados obtidos permitiram chegar a duas constatações: 1) Na grande maioria dos casos houve correspondência entre a avaliação da professora e a obtida através do Teste de Bender, conferindo certo crédito e objetividade à primeira; 2) Houve alto grau de coincidência entre os resultados fornecidos pelas diferentes avaliações realizadas nos protocolos Bender, mostrando que as sofisticadas discussões atuais em termos do modo mais adequado de se avaliar o B-G são de discutível importância prática.

16

RELATO VERBAL E JULGAMENTO DA PROFESSORA SOBRE O RENDIMENTO DO ALUNO : RELAÇÃO COM OS COMPORTAMENTOS OBSERVADOS EM SALA DE AULA.

MOTA, Christina T.(*) e MAIMONI, Eulália H. Universidade Federal de Uberlândia.

O relato verbal da professora tem se mostrado uma forma de estudo válida, ao se enfocar a situação escolar (Marturano , 1986; Del Prette, 1990). Os dados de entrevista e sua análise qualitativa têm ocupado cada vez mais espaço nas publicações científicas (Biasoli Alves, 1992).

O objetivo deste trabalho foi o de tentar verificar, através de entrevistas semi-estruturadas, como a professora percebe seus alunos e a relação entre seu julgamento e o que se observa em sala de aula. Foram observadas quatro salas de aulas de escola pública (duas de ensino especial e duas de ensino regular), compostas por alunos polirrepetentes de 1a. série. As professoras foram solicitadas a classificar seus alunos: metade dos sujeitos foi retirado entre os classificados como os mais adiantados e metade entre os mais atrasados (N = 29). A professora (P) e os alunos (A) foram observados em uma média de dez sessões, através do registro cursivo, em intervalos de 1 min. P foi entrevistada sobre cada um dos sujeitos, sendo gravadas as entrevistas, bem como as sessões em sala de aula. Os dados foram organizados em classes de comportamento de P e A em classes de relato verbal de P. Foram comparados esses dados e pôde-se concluir que: (a) P relata com mais freqüência na entrevista, comportamentos de realização da tarefa em relação aos alunos percebidos por ela como os mais adiantados, o que se confirma pelos dados de observação. (b) A classificados por P como os mais atrasados são referidos na entrevista como apresentando mais características negativas , do que o outro grupo de sujeitos. (c) Apenas uma professora (P3) mostra pela entrevista perceber a freqüência das interações sociais que ocorrem em sala de aula.

(*) Bolsista de Iniciação Científica - CNPq

17 DESEMPENHO ACADÊMICO DE ALUNOS DO PRÉ-PRIMÁRIO SUBMETIDOS A DIFERENTES PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.

Quinha Luiza de Oliveira - Dep. de Psicologia e Educação da Fac. de Filosofia, Ciencias e Letras de Rib. Preto-USP.

Diante de três práticas pedagógicas diferentes, uma considerada mais livre, onde a professora segue os princípcios de Emília Ferreiro (1), outra tradicional e mais rígida (2) e outra intermediária (2), tem-se por objetivo verificar, em função destas práticas, o progresso no desempenho cognitivo, nas habilidades específicas e na escrita de alunos de três classes estaduais de pré-primario. As seguintes provas foram aplicadas no início e no final do ano: 6 provas piagetianas, Teste Metropolitano de Prontidão e provas de leitura e escrita de Emília Ferreiro. Como resultado, verificou-se, com relação ao desempenho cognitivo que, embora em todas as classes predominaram as respostas não conservativas, com uma porcentagem maior (64,10%) na classe 2, o aumento maior de respostas conservativas (33,93%) se deu na classe 1, seguido da classe 3 (22,73%). Os alunos que mais progrediram em todas as habilidades avaliadas pelo TMP foram os da classe 3, destacando-se o progresso na PN (32,87%) dos alunos do NSE alto. Ainda quanto a PN, os alunos da classe 3 obtiveram um progresso maior (24,30%) do que os da classe 2 (13,91%) e 1 (13,08%). Com relação a PT, os alunos da classe 3 apresentaram um progresso de 19,35%, os da classe 2, de 8,98% e os da 1, de 8,49%. Quanto à PL os alunos da classe 3 tiveram um progresso de 16,29%, da classe 1, de 7,02% e da 2, 6,40%. Quanto ao desempenho na escrita, verificou-se que no início do ano, a maioria se concentrava no nível PS da escrita. No final, a maioria dos alunos das classes 2 (88,46%) e 3 (77,28%) continuou no nível PS, enquanto que na classe 1, a porcentagem maior (42,85%) se concentrou no nível S, com 14,28% no nível A. Daí, conclui-se que os alunos submetidos a uma pratica mais livre (1) apresentam um progresso maior no desenvolvimento cognitivo e na escrita, enquanto os alunos da pratica intermediária (3) apresentam um progresso bem grande nas habilidades básicas referentes à alfabetização e matemática e um progresso razoável no desenvolvimento cognitivo e na escrita. Os alunos da pratica tradicional (3) são os que menos apresentam progresso no desempenho acadêmico geral.

10 CARACTERIZAÇÃO DA PERCEPÇÃO DO REAL, DE PACIENTES ESQUIZOFRÊNICOS, AVALIADOS ATRAVÉS DA TÉCNICA DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER.

CARNIO, E.C.; LOUREIRO, S.R.
Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto

A percepção e adaptação frente à realidade externa constitui-se em um aspecto central na caracterização dos quadros psicóticos, em especial na Esquizofrenia.

Objetivou-se neste estudo, levantar os índices característicos da percepção e adaptação ao real de um grupo de pacientes esquizofrênicos através da técnica das Pirâmides Coloridas de Pfister, visando destacar os recursos adaptativos, relacionando-os aos dados normativos apresentados por Amaral em 1966.

Analisou-se os protocolos de Pfister de 20 pacientes adultos (10 masculinos e 10 femininos), que se encontravam internados na Enfermaria de Psiquiatria do HC-FMRP-USP, diagnosticados como esquizofrênicos a nível clínico e da psicodiagnóstico.

Procedeu-se a avaliação dos protocolos, agrupando-se, segundo seus significados, as cores representativas da Síndrome de Adaptação ao Ambiente (S.A.A) proposta por Marques em 1988 (Vd+Az+Am) e os índices relativos a organização lógica (Forma de Execução, Tempo, Fórmula Cromática e % Br).

Os dados apontaram para um acentuado prejuízo na adaptação à realidade, em 95% do grupo, com predomínio de um contato com o real marcado pelo estreitamento e afastamento (45%), seguido de superficialidade (35%), e de tendência à restrição (15%). Concluindo, observou-se que as dificuldades de percepção do real assumiram nesse grupo de pacientes esquizofrênicos diferentes manifestações; conhecê-las pode favorecer a orientação terapêutica.

19 REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA FAMÍLIA EM UM GRUPO DE PACIENTES ESQUIZOFRÊNICOS. Karla Afonso Alves e Sonia Regina Loureiro. Deptº. de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica da FMRP-USP.

A representação gráfica da família como uma técnica projetiva de avaliação da personalidade, pode fornecer dados de como o sujeito vivencia suas relações familiares e como se percebe dentro dessas relações, expressando assim áreas de conflito.

Objetivamos caracterizar as representações gráficas da família realizadas por um grupo de pacientes diagnosticados, tanto clinicamente quanto a nível de psicodiagnóstico, como esquizofrênicos (adultos, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino), que tinham constituido família, correlacionando as representações gráficas da família com a situação real de vivência familiar, destacando-se a família de origem e a família constituída e os possíveis fatores influenciadores de tais representações.

Procedeu-se à cotação dos índices das representações gráficas realizadas com base nos indicadores emocionais sugeridos por Porot, in Corman (1967), avaliando-se ainda a interação e o destaque dado aos papéis sociais e às figuras de maior valência.

Os dados foram quantificados segundo o seu significado, destacando-se os sub-grupos de sexo. Observou-se no grupo como um todo que 85% dos sujeitos representaram família semelhante à sua família constituída e que 65% não representaram interação entre os membros. No sub-grupo masculino, a figura de maior valência, em 89% dos casos foi relacionada ao seu papel social, o que ocorreu em apenas 11% do sub-grupo feminino. A análise destes dados apontou para a presença de conflitos e dificuldades em assumir papéis familiares, com características diferentes nos sub-grupos de sexo, embora a representação da família constituída pareça sugerir um elemento positivo de ajuste à realidade.

20

ADAPTAÇÃO BRASILEIRA DO EDWARDS PERSONAL PREFERENCE SCHEDULES - EPPS

Luiz Pasquali, Wagner B. Andriola, Maria Mazzarello, Déa MacDowell - UnB

O teste Edwards Personal Preference Schedules (EPPS), foi construído por Allen Edwards (1956) para avaliar 15 fatores ou necessidades básicas da teoria da personalidade de Henry Murray. O teste teria sido muito utilizado na sua versão original, havendo mais de 1.640 referências até 1.978, embora apresente algumas dificuldades no que concerne à sua validade e precisão. Estas dificuldades têm sido contantemente ressaltadas, referentes à falta de análise dos itens e da invariância dos fatores. O teste tem sido, contudo, considerado como apresentando grande potencial para uso e pesquisa. estas qualidades foram decisivas para a equipe do PAM da UnB efetuar uma adaptação do teste para o Brasil, inclusive com o objetivo de testar a viabilidade de entrosar uma equipe de pesquisa em Psicometria a nível nacional. A amostra para esta adaptação foi de 3.662 sujeitos, sendo 68% do sexo feminino com escolaridade desde o 1 grau incompleto a superior completo, e idade média de 24,16 anos.

Uma análise fatorial inicial dos componentes principais revelou a presença de 15 fatores com eigenvalues iguais ou superiores a 1,00 explicando 42,1% da variância total. Desta variância, 32% é explicada por apenas 5 fatores. Estudos dos parâmetros psicométricos, bem como a interpretação destes fatores estão sendo realizados.

21

MATRIZES PROGRESSIVAS DO RAVEN. AVALIAÇÃO DOS PARÂMETROS PSICOMÉTRICOS

Luiz Pasquali, Wagner B. Andriola, Maria Mazzarello, Cláudia Leite Falcão - UnB

Baseadas na teoria fatorial de Spearman (1904) as Matrizes Progressivas foram criadas por Raven (1938) para avaliar a inteligência geral (fator "g"). Este teste vem fazendo sucesso até o presente no mundo inteiro; contudo, ele não tem sido adequadamente adaptado ao país. O presente trabalho visou esta adequação, com uma amostra de 2.848 adolescentes e adultos com idade média de 23,06 anos, sendo 71% do sexo masculino e de escolaridade de 1 grau incompleto a superior completo.

A análise dos ítens mostrou a presença de um número exagerado (65%) de itens fáceis demais. Uma análise fatorial dos componentes principais revelou a presença de quatro fatores: percepção da "gestalt", raciocínio analógico concreto, raciocínio analógico abstrato e dedução, sendo que somente este último apresenta itens de dificuldades variadas, cobrindo ítens fáceis até difíceis.

Uma análise confirmatória de um fator revelou que 40 ítens eram mais que suficientes para avaliar o que os 60 ítens do teste faziam, inclusive apresentando melhor consistência interna (alfa = 0,91).

22

A CONTRIBUIÇÃO DOS TESTES DFH, BENDER E RAVEN NA PREDIÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR NA PRIMEIRA SÉRIE

BANDEIRA, D.R. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

O propósito deste estudo foi investigar o grau de predição do rendimento escolar na primeira série de três testes psicológicos: Desenho da Figura Humana (itens evolutivos e indicadores emocionais - Koppitz, 1968), o Teste de Bender (Koppitz, 1976) e o Teste de Raven, tanto analisados individualmente como numa bateria. Foram investigados 74 meninos e 78 meninas de escolas estaduais com idade média de 6 anos e 11 meses. Os testes apresentaram correlações significativas com o rendimento escolar variando de -.43 a .29. Análises de variância dos desempenhos nos testes psicológicos mostraram que estes discriminam o rendimento escolar, porém apenas os itens evolutivos do Desenho da Figura Humana e o Teste de Bender contribuem significativamente para a predição deste rendimento.

Entidades Financiadoras: CAPES e CNPQ

23

O TESTE R-1: PRECISÃO E ESTUDO DOS ÍTENS

ALVES, IRAT C.B.*; RUIVO, REINALDO J.* e COLOSIO, ROBSON**
(*) Instituto de Psicologia da USP, (**) Reitoria da USP.

O Teste R-1 é um teste de inteligência não verbal, que pode ser usado por sujeitos de baixo nível de escolaridade. Entretanto, seu Manual oferece poucas informações sobre como foram obtidas as normas e sobre a precisão e a validade. O presente estudo se originou da necessidade de obter mais dados sobre o teste. O objetivo deste trabalho é obter a precisão pelo método das metades e verificar se a ordem de dificuldade dos ítens é crescente, ou em caso contrário, como é a distribuição dessa dificuldade.

A amostra foi constituída por 1.404 sujeitos, que realizaram o teste como parte do processo seletivo para vários cargos no Setor de Seleção de Pessoal da Reitoria da USP nos Municípios de São Paulo, Cubatão e Pirassununga, entre 1989 e 1991. As idades variaram de 18 a 57 anos, a escolaridade de 1ª série do 1º grau à 3ª série do 2º grau, sendo 1.049 do sexo masculino e 355 do feminino. Os testes foram aplicados coletivamente com um limite de 30 minutos.

A precisão obtida pela correlação entre os ítens pares e ímpares foi 0,83, que corrigida pela fórmula de Spearman-Brown corresponde a 0,91. Esse resultado indica um alto grau de precisão.

Em relação aos ítens, observa-se que eles não estão em ordem de dificuldade crescente, mas estão agrupados em função do tipo de raciocínio envolvido, com um aumento progressivo da dificuldade de um grupo para o outro, havendo ítens mais fáceis toda vez que se inicia um novo raciocínio. Entretanto observa-se que a dificuldade não é bem gradual, havendo ítens difíceis logo no início do teste. Talvez fosse necessário alterar a ordem de alguns ítens para que o aumento da dificuldade seja mais gradual. O item mais difícil é o 36, que deveria ser o último item do teste.

Também foi feita uma comparação entre as porcentagens de acerto um função da escolaridade verificando-se que os ítens têm comportamentos semelhantes nos três níveis de escolaridade, com porcentagens maiores à medida que aumenta a escolaridade.

24

SELEÇÃO DE PARCEIROS AMOROSOS E SEXUAIS: OPINIÃO DO HOMEM E PERCEPÇÃO DA MULHER SOBRE ESCOLHAS MASCULINAS.

VIEIRA, M.L., PINSKY, I., SILVA, A.A. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Será que as qualidades que um homem procura em uma mulher são diferentes nos casos onde ele busca uma relação afetiva duradoura ou apenas sexo? Esta pergunta é respondida da mesma forma por homens e mulheres? Estas questões interessam a todos e é o objeto desta pesquisa.

Quarenta homens e 40 mulheres participaram como sujeitos (Ss) desta pesquisa. Todos estavam, no mínimo, cursando a faculdade. As suas idades variavam entre 24 e 42 anos (idade média de 29 anos) e estudavam na cidade de São Paulo.

Quarenta destes Ss (20 homens e 20 mulheres) ordenaram dez características, segundo suas importâncias, as quais uma parceira, para fins de um relacionamento amoroso duradouro, deveria ter para ser escolhida por um homem. Os outros 40 Ss (20 homes e 20 mulheres) ordenaram estas mesmas características para o caso da escolha da parceira visar apenas uma relação sexual. Estas dez características foram extraídas de outras pesquisas sobre escolha de parceiros amorosos ou sexuais e são as seguintes: 1- Compreensiva, 2- Social, 3- Inteligente, 4- Gentil, 5- Linda, 6- Corpo Escultural, 7- Dezenove anos, 8- Sexy, 9- Sexualmente completa e 10- Sexualmente liberada.

Os resultados indicam que: (1) Os homens afirmam desejar de uma forma semelhante nove destas dez características em um parceiro amoroso e em um parceiro sexual. A décima característica, Corpo Escultural, é mais valorizado em uma parceira sexual (Teste de Mann Witney, $p < 0,05$). Na percepção das mulheres os homens valorizam mais as quatro primeiras características, citadas acima, em uma parceira afetiva e as cinco características seguintes em uma parceira sexual. A décima característica foi igualmente valorizada nos dois casos (Teste de Mann Witney, $p < 0,05$).

Estes resultados indicam, portanto, uma discrepância entre os homens e mulheres, desta amostra, nos critérios adotados na escolha de uma parceira afetiva ou sexual. A literatura desta área indica que a percepção destas mulheres representa melhor o que é mais frequente na vida real.

25

ATRIBUTOS FÍSICOS VALORIZADOS E DESVALORIZADOS NO SEXO OPOSTO POR JOVENS.

FRÍOLI, P.M.A., CASTANHO, A.R.S.P., COSTA, A.C.S., PASSERINO, A.A., CUNHA, T.C.G., SILVA, A.A. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Quais são os atributos físicos mais valorizados e desvalorizados no sexo oposto por parte dos jovens? Esta questão é o centro das preocupações de muitos jovens e é o objeto desta pesquisa.

Esta pesquisa foi dividida em duas etapas: (1) Levantamento empírico dos atributos e (2) Levantamento da ordem de importância dos atributos obtidos na primeira etapa. Na primeira etapa participaram como sujeitos (Ss) 10 homens e 23 mulheres, com a idade média de 20,0 anos (variando entre 16 e 33 anos). Na segunda etapa participaram como Ss 17 homens e 24 mulheres, com a idade média de 17,9 anos, variando entre 13 e 30 anos. Todos estes Ss eram estudantes do segundo grau, de classe média-baixa. Na primeira etapa solicitou-se ao primeiro grupo de Ss que escrevessem em um papel: (a) quais as características físicas que mais os atraiam em uma pessoa desconhecida, do sexo oposto para iniciar uma paquera e (b) quais seriam as características físicas que, se estando presentes nesta pessoa provocariam um desagrado ao ponto de não iniciar a paquera. As características mais citadas nesta primeira etapa foram utilizadas para a construção de duas listas de características, uma lista formulada por homens e outra formulada pelas mulheres. Cada lista foi subdividida em duas sub-listas; uma contendo as características atraentes e a outra as características não atraentes. Na segunda etapa solicitou-se ao segundo grupo de Ss que ordenassem as características do sexo oposto, contidas nas listas obtidas na primeira etapa, segundo as suas importâncias. As seguintes características foram mais valorizadas, fidedignamente, tanto por homens como por mulheres: olhos claros ou castanhos; dentes tratados; cor de pele morena ou bronzeada. Além disso os homens valorizaram mulheres com: nádegas grandes; seios firmes ou médios; cor de pele morena ou bronzeada; nariz pequeno, estatura medianas; cabelos longos, etc. As mulheres valorizaram homens com: estatura alta; nádegas redondas, grandes ou arrebitadas; pernas grossas e/ou peludas, cabelos longos, etc. A maioria das características desvalorizadas, tanto pelos homens como pelas mulheres, eram aquelas opostas às características desejadas.

Estes resultados indicam que os jovens compartilham os critérios a respeito do físico ideal do parceiro do sexo oposto. Vários aspectos deste físico ideal também foram observados em outras pesquisas.

26

QUALIDADES DE UM PARCEIRO AMOROSO: IMPORTÂNCIA NA ESCOLHA PARA O CASAMENTO E MOTIVOS DE SEPARAÇÃO.

OLIVA, M.F., STILCK, S., SILVA, A.A. Instituto de Psicologia, Universidade de Sao Paulo.

Quais são as qualidades que pesam mais na escolha do cônjuge? Após a constituição do casal estas qualidades, estando ausentes, podem levar a sua separação? Estas são perguntas importantes que há muito tempo vem preocupando os psicólogos e foram objetos desta pesquisa.

Quarenta e quatro mulheres, com idade média de 25 anos, e 35 homens, com idade média de 24 anos, participaram como sujeitos (Ss) desta pesquisa. Estes Ss moravam na cidade de Florianópolis, sendo a maioria estudantes universitários oriundos da classe média. Estes Ss ordenaram e deram nota para 12 qualidades, segundo as suas importâncias, para a escolha de um cônjuge. Em seguida avaliaram, através de notas, a importância destas mesmas qualidades como motivo para a separacao, de um casal já constituido, caso estivessem ausentes. Estas doze qualidades foram extraídas de outras pesquisas, realizadas em outros países, e/ou levantadas através de uma pesquisa preliminar. Estas qualidades são as seguintes: 1- Amável-Compreensivo, 2- Inteligente, 3- Afetivo, 4- Compatibilidade de Ideais, 5- Capacidade Erótica, 6- Sistema de Valores Semelhantes, 7- Calmo-Adaptável, 8- Sadio, 9- Competência Profissional, 10- Sociável, 11- Capacidade Econômica e
12- Fisicamente Atraente.

Os resultados indicam que; (1) Os homens e as mulheres valorizam de uma forma semelhante estas doze qualidades para a escolha do cônjuge ($r=0,66$, $p < 0,05$). A ordem de preferência das mulheres é a mesma das doze características descritas acima (em ordem decrescente). (2) Aquelas qualidades que são importantes na escolha do cônjuge também podem ocasionar a separação, caso estejam ausentes, tanto no caso dos homens como no caso das mulheres ($r=0,90$ entre as notas atribuidas as qualidades para a escolha do cônjuge e as notas, destas mesmas qualidades, como motivo de separação, caso estejam ausentes para as mulheres e $r=0,80$, nesta mesma comparação, para os homens: $p < 0,05$).

Estes resultados indicam, portanto, que as qualidades que levam a escolha de um cônjuge podem também levar a separação do casal caso desapareçam posteriormente. Estes resultados são coerentes com o que é relatado na literatura desta área.

27 CAUSAS DE SUCESSO E DE FRACASSO NO RELACIONAMENTO SEXUAL:ANÁLISE TEMÁTICA

DELA COLETA,M. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia.

Prosseguindo em uma linha de investigação sobre causas percebidas para o sucesso e o fracasso no relacionamento conjugal, onde se evidenciaram diferenças entre os sexos, bem como semelhanças trans culturais, este estudo pretendeu abordar a dimensão sexual do casamento. Através de questões abertas foi solicitado a cerca de 300 sujeitos, todos casados ou vivendo maritalmente, que indicassem as principais causas de sucesso e de fracasso no relacionamento sexual de duas pessoas. As respostas geraram 850 unidades de análise, sendo identificados alguns temas que geraram as seguintes categorias: amor, prazer sexual, integração do casal, atitudes com relação ao outro, libordade sexual, fuga da rotina, comunicação, comportamentos específicos, condições internas individuais e condições externas. Comparativamente as mulheres da amostra indicaram, mais do que os homens, o amor e atitudes como respeito e sinceridade como causas de sucesso e outras atitudes como egoísmo e também problemas na esfera do prazer sexual como causas de fracsso. De modo geral as respostas sugerem que o relacionamento sexual é percebido como uma dimensão integrada do relacionamento do casal.

28 EFEITOS DA ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL SOBRE A PERCEPÇÃO DE DEFICIÊNCIAS. OMOTE, S. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP.

As pesquisas têm mostrado que a atratividade física facial (AFF) influencia os julgamentos e percepções das pessoas. O objetivo deste estudo foi o de investigar a relação entre a AFF de crianças e a percepção de deficiências nelas. 92 estudantes de Pedagogia, do sexo feminino, escolheram, dentre fotografias de crianças com AFF alta, AFF moderada e AFF baixa, aquela que correspondia à criança descrita em um parágrafo como deficiente mental (DM), deficiente auditivo (DA), deficiente físico (DF) ou normal (NM). Os resultados mostraram que, quando a criança era descrita como DM, DA ou DF, as fotografias de crianças com AFF baixa foram escolhidas mais freqüentemente ($p < 0,02$). Os indicadores em que os Ss se basearam para fazer essas escolhas foram, na grande maioria, traços físicos ou estados subjetivos percebidos na face das crianças das fotografias. Na identificação da criança descrita como DM, os Ss basearam-se significativamente menos nos estados subjetivos que nos traços físicos, comparativamente à identificação da criança descrita como DA, DF ou NM ($p < 0,01$). Do total de 296 indicadores apontados pelos Ss, 153 referiam-se a alguma parte do corpo da criança. A análise desses dados mostrou que, quando a criança era descrita como NM, os Ss referiram-se aos olhos das crianças das fotografias mais freqüentemente que outras partes do corpo, comparativamente à escolha nas condições de descrição da criança como DM, DA ou DF ($p < 0,01$). Pode-se concluir que, no julgamento desses Ss, à baixa AFF estão associadas deficiências.

CNPq.

29 ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL E PREVISÃO DE RESULTADOS DE UM ATENDIMENTO ESPECIALIZADO. OMOTE, S., Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP.

As pessoas tendem a associar as deficiências à baixa atratividade física facial (AFF) em crianças. Entretanto, uma vez reconhecida alguma deficiência em crianças com AFF alta, parecem esperar delas um melhor aproveitamento de atendimentos especializados que crianças com AFF baixa percebidas como deficientes e encaminhadas a esses mesmos serviços. O presente estudo teve o objetivo de verificar a relação entre AFF de crianças percebidas como deficientes e a previsão de resultados de um atendimento especializado. 50 Ss, estudantes de Educação Especial e de Fonoaudiologia, do sexo feminino, identificaram, dentre 3 crianças apresentadas como sendo portadoras de deficiência na fala em decorrência de perda auditiva moderada, aquela que obteria o melhor resultado no tratamento fonoaudiológico. As 3 crianças, cujas fotografias eram apresentadas, eram de AFF alta, AFF moderada e AFF baixa. Do total de 50 Ss, 26 apontaram as fotografias de meninos com AFF alta, 19 apontaram as de AFF moderada e 5 as de AFF baixa. Para as fotografias de meninas, 28 Ss apontaram as de AFF alta, 17 as de AFF moderada e 5 as de AFF baixa. A análise mostrou que a escolha não recaiu igualmente para as fotografias de 3 níveis de AFF, tanto para meninos ($p < 0,01$) quanto para meninas ($p < 0,001$). Pode-se concluir que a AFF influencia a previsão de resultados de atendimento especializado, no sentido de se prever melhor prognóstico para crianças de atratividade alta. Em vista disso, as crianças com AFF alta podem obter, de fato, um melhor progresso em serviços especializados.

CNPq.

30	INFLUÊNCIA DO SORRISO NA PERCEPÇÃO DE PESSOAS EM FUNÇÃO DE CARACTERÍSTICAS DO SUJEITO E DO MODELO.

DELEVATI, N.M.*, LIRA, B.B.P.*, CESAR, O.P., PIRES, S.G., C* e OTTA, E. (Instituto de Psicologia da USP).

O objetivo da presente pesquisa foi comparar a avaliação da face sorridente de uma pessoa com a de sua face neutra, em função de características dos sujeitos e do modelo. Os Ss (N = 80) foram divididos em duas classes de idade (20 e 40 anos) e sexo. Avaliaram a foto de um homem (30 anos) ou de uma mulher (28 anos), exibindo uma face neutra ou sorridente, utilizando escalas de 7 pontos. Os resultados foram analisados através de um teste de Análise de Variância Fatorial, fazendo-se comparações dois-a-dois através do teste de Newman-Keuls. No texto são indicadas diferenças significativas ao nível $p < 0,05$. Sorrindo os modelos foram considerados mais otimistas, simpáticos e conciliadores do que com a face neutra. Para os atributos confiabilidade e calma encontrou-se interação significativa entre as variáveis Expressão Facial e Sexo do Modelo. Sorrindo o modelo masculino foi considerado mais confiável e mais calmo do que com a face neutra. A expressão facial não alterou as avaliações do modelo feminino nestes dois atributos. Encontrou-se interação entre as variáveis Expressão Facial e Idade dos sujeitos para dois atributos. Sorrindo os modelos foram avaliados como mais sinceros e bonitos do que com a face neutra pelos sujeitos mais velhos. Encontrou-se, ainda, interação tripla significativa entre Expressão Facial x Idade dos Sujeitos X sexo dos Sujeitos. Entre os sujeitos mais velhos, as mulheres atribuiram aos modelos sorridentes escores mais altos de inteligência que os homens. Nossos resultados nos levam a qualificar a conclusão de Reis et al. (1990: European Journal of Social Psychology, 20, 259-267) e que serve de título ao seu artigo "What is smiling is beautiful and good". A influência positiva representada pela adição de um sorriso depende de características de quem vê e de quem é visto.

* Bolsistas do CNPq

31	ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE OPINIÕES E MOTIVAÇÕES ACERCA DA ADOÇÃO

CAMPOS,D.C., GATTI,A.L.*, VARGAS,M.H. Mestrandos em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

Frente ao grande contingente de crianças abandonadas e a discussão suscitada pela adoção de crianças brasileiras por estrangeiros, a relevância do assunto torna-se patente. Poucos trabalhos tratam do tema. Realizou-se um estudo exploratório sobre as opiniões e motivações explicitadas por 24 sujeitos, de ambos os sexos, com idades variando entre 24 e 58 anos. Tais sujeitos foram divididos segundo o nível de escolaridade: um grupo (G1) ficou composto por 14 pessoas com nível superior completo e o outro (G2) por 10 pessoas com outros níveis. Os sujeitos foram interrogados utilizando-se como instrumento de um questionário simples. As respostas coletadas foram tabuladas. Quanto às opiniões, emergiram oito itens, sendo o mais frequentemente citado a "relevância social", seguido de "juízos valorativos positivos" e de"relevância pessoal"; a prova de correlação (r=0,92) entre os dois grupos, revela alta relação positiva entre as opiniões dos mesmos. Quanto às motivações, quatro itens de "Motivação Favorável" e quatro de "Motivação Contrária" foram arrolados. Para os dois grupos pesquisados, as motivações favoráveis revelam correlação inversa (r=-0,50) entre os itens citados. Nas motivações contrárias, a correlação (r=0,40) apresentou-se baixa e não significante. Conclui-se que a despeito de haver grande concordância de opiniões quanto à relevância social e uma valorização positiva da adoção, independentemente do nível de escolaridade dos sujeitos, as motivações para oporem-se ou aceitarem a prática da adoção são divergentes. Destaca-se que na amostra pesquisada há pouca disponibilidade para a adoção, sendo que é fator preponderante a preocupação dos sujeitos quanto a problemas que as crianças possam apresentar. Confirma-se a falta de uma cultura da adoção no país referida na literatura. Novas pesquisas são sugeridas para que de seus resultados possam ser elaboradas propostas de desenvolvimento de uma cultura de adoção no país.

* Bolsista CNPq.

32 *O PAPEL MEDIADOR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO TRABALHO DO EDUCADOR DE CRECHE.* Pauli,S.C.; Vitória,T.; Pantoni,R.V.; Rossetti-Ferreira,M.C. (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo).

Representações sociais podem ser definidas como uma forma de conhecimento de senso comum que é construída através das múltiplas interações que os indivíduos estabelecem e mantêm em um determinado contexto sócio-histórico. Elas organizam as interpretações e comunicações dos sujeitos,possibilitando-lhes a compreensão do mundo social a que pertencem e os orientando em suas ações cotidianas.

São, portanto, uma forma de conhecimento que emerge frente à necessidade humana de dar sentido e compreender o estranho, transformando-o em algo familiar e conhecido.

Considerando o contexto da creche,pressupomos que o trabalho do educador e, particularmente, suas ações e interações com as crianças e suas famílias, têm como importante mediador um conjunto de representações construídas em suas experiências de vida pessoal e profissional, permeadas pelo imaginário simbólico e ideológico dominante nessa cultura.

A formação de educadores não se dá, portanto, em um terreno vazio, mas envolve um embate dinâmico entre as múltiplas representações trazidas pelos vários participantes.

A investigação das representações sociais que prevalecem entre educadores de creche sobre criança, família, creche e seu próprio papel profissional poderá contribuir para o enriquecimento de propostas de formação. Uma das formas possíveis de apreender as representações sociais consiste na análise do discurso dos educadores dado que este revela o conjunto complexo de valores, normas, símbolos que norteiam suas ações e as próprias condições de produção dessas representações.

Com esse objetivo foram entrevistados 16 educadores de crianças de 3 meses a 6 anos em 2 creches: uma filantrópica, atendendo à uma população de baixa renda, e outra atendendo a funcionários, docentes e alunos de um Campus Universitário.

A presença de concepções assistencialistas no discurso das educadoras será exemplificada através da análise de 2 entrevistas. *(FAPESP, CNPq, CAPES)*

33

CONCEPÇÃO E EXPECTATIVAS DE EDUCADORES DE CRECHE SOBRE FORMAÇÃO EM SERVIÇO: UM ESTUDO DE CASO. Gomide, E. F.S.; Oliveira, Z.M.R. (Universidade Federal de Uberlândia e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Ribeirão Preto)

O presente trabalho faz parte de um projeto de investigação das concepções de educadoras de creche sobre a função da creche, a relação creche/família, o programa de atividade e a formação do educador em serviço.

O objetivo desta comunicação é discutir as concepções e expectativas daquelas educadoras sobre um curso de formação em serviço do qual participaram.

Nossos sujeitos foram seis educadoras sem formação específica para a função e uma pedagoga. Elas trabalhavam em uma creche municipal indireta, localizada no Triângulo Mineiro, em funcionamento desde 1987. Em 1990, esta atendia, em horário integral e parcial, 74 crianças de 10 meses a 6 anos e 4 meses de idade, filhas de famílias de baixa renda. A investigação foi feita através de entrevistas individuais, confrontadas com dados construídos a partir de observação da rotina e das atividades realizadas com as crianças.

A análise do conteúdo das entrevistas apontou que: todas as seis educadoras sentiam necessidade de um curso preparatório para exercer tal função, enquanto a pedagoga pode através dele confirmar sua proposta de trabalho; duas delas, que haviam realizado o curso de "Educação Artística" para educadores de creche, puderam avaliar sua prática e reestruturar o trabalho que vinham desenvolvendo com maior segurança; todas as seis educadoras demonstraram a necessidade de obter conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil para melhor entender as crianças, principalmente as menores.

A análise dos dados observacionais confirmou os dados de entrevista, apontando a necessidade de qualificação desses educadores para uma ação mais individualizada. (FAPESP, CNPq, CAPES).

34

ANÁLISE DE ATIVIDADES DIRIGIDAS REALIZADAS COM CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS EM CRECHE: PAPEL MEDIADOR DAS REPRESENTAÇÕES DA FORMAÇÃO DAS EDUCADORAS, E DAS CONDIÇÕES INSTITUCIONAIS. *Marlene F.Gonçalves; Nina R.A.Costa; Cristina N.Alves; Ivone G.Barbosa e Zilma M.R.Oliveira. (FFCLRP-USP).*

A necessidade de investigar a creche como contexto de desenvolvimento para crianças pequenas filhas de família de baixa renda, segundo um referencial elaborado a partir dos trabalhos de Wallon (1966) e Vygotski (1979) levou-nos a pesquisar os elementos mediadores das decisões da educadora em situação de atividade por ela dirigida com turmas de crianças de 4 a 6 anos em creche. Discutimos a influência de suas representações sobre creche, criança e atividade pedagógica, de sua formação profissional e das condições institucionais existentes, na estruturação pela educadora daquela atividade. Nossos sujeitos foram 3 educadoras e 3 turmas de crianças (média de 31,6 crianças /turma) de 4 a 6 anos de 2 creches públicas de um município de 400.000 habitantes no Estado de São Paulo. Analisamos gravações em vídeo de sessões de atividade dirigida (atividade "pedagógica" stricto sensu) de cada uma das turmas (média de 50 min./sessão) e entrevistamos as 3 educadoras. Dados construídos por estagiários de Psicologia por 8 meses nas creches complementaram nossas análises. A análise dos vídeos, incluiu registro de eventos (todas as sessões) e análise microgenética de interações (25% das sessões). Ela apontou o excessivo número de pessoas e o inadequado arranjo espacial das salas dos grupos, prejudicando a movimentação. Nas atividades propostas; desenho ou colagens (65,6%), aprendizagem de conceitos (18,7%) e relacionadas com histórias (9,3%) foram observadas. Nelas há uma interação centrada na educadora, muito disciplinadora, pouco aproveitamento das participações e escasso atendimento individual. As crianças são postas para executar a tarefa estruturada pelo material apresentado, mais do que pela compreensão das poucas instruções. A ausência de formação pedagógica e a visão assistencialista que têm as educadoras são importantes fatores mediadores de suas ações. (CNPq, FAPESP).

35 | DESAFIO DA AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO COLETIVO. Mello, A.M. e Vitória,T. (Universidade de São Paulo)

A Creche Carochinha/COSEAS-USP, Campus de Ribeirão Preto funciona desde Fevereiro/1985, atendendo aos filhos de funcionários, alunos e docentes desta comunidade. Desde o início de seu funcionamento, procura desenvolver e aperfeiçoar a qualidade do atendimento, sendo que o investimento na formação de seus educadores revela-se como uma das práticas principais para atingir aquela finalidade.

A começar pelo processo seletivo, sempre apoiado em técnicas desenvolvidas na área de recursos humanos, como a entrevista e a dinâmica de grupo, além da avaliação de conhecimentos e concepções sobre creche e práticas educativas dos candidatos. A partir da seleção inicia-se o processo de formação em serviço necessário para o educador atuar em grupos de crianças de faixas etárias que varia de 3 meses a 7 anos. Esta formação subentende uma preparação prévia a nível de segundo grau.

A formação em serviço prima por uma sistemática de treinamentos gerais, reuniões por funções e supervisões do trabalho dos recreacionistas (são os educadores que trabalham diretamente com as crianças).

Procuraremos focalizar, na apresentação, a sistemática dos treinamentos já realizados junto à equipe como um todo. Para tornar mais claro seus objetivos, podemos dividir estes treinamentos em função das áreas a que se aplicam. Sendo assim, temos os treinamentos teóricos, cuja finalidade é possibilitar a apropriação de informações e conhecimentos em especial sobre desenvolvimento infantil. Os treinamentos vivenciais têm a finalidade de promover reflexões acerca da postura do educador, assim como os metodológicos visam oferecer práticas alternativas, didáticas e estratégias de atividades junto às crianças. Finalmente, os treinamentos funcionais abordam questões administrativas como: definição de funções, organização, carreira profissional e outros. Na prática pode não existir esta distinção, mas ela é importante no planejamento e avaliação dos treinamentos.

Como os conhecimentos a serem apresentados foram construídos não só por estudos, mas principalmente pela experiência, será possível visualizar os conteúdos e estratégias já trabalhados que se revelam como bem sucedidos ou assimilados e aqueles que não atingiram esse objetivo. Em relação aos últimos, poderemos levantar hipóteses explicativas de suas falhas ou inadequações. (FAPESP, ASHOKA)

36 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO REAL NO CONTEXTO DA HORA-LÚDICA. AFFONSO, R.M.L. - Pesquisadora do laboratório de Epistemologia Genética, do Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo, SP

Objetivo: Verificar como a hora-lúdica aplica-se a uma consideração de aspectos cognitivos correspondentes à construção do real pela criança, segundo a teoria de Piaget.

METODOLOGIA: Foram observadas duas crianças, com 9 e 11 anos respectivamente, com queixa de bronquite e dificuldade de aprendizagem escolar. a hora-lúdica realizou como sugerida pela técnica psicanalítica, com supervisão. Transcreveu-se as observações, analisando-as segundo as categorias de objetivo, espaço, tempo e causalidade.

RESULTADOS: 1. A identificação destas categorias, na hora-lúdica, dispensa o uso de testes para elas.
2. A técnica lúdica limita os aspectos relativos à tomada de consciência dos elementos analisados.
3. Apesar disso, pode-se sem sair dela analisar os elementos cognitivos mencionados bem como a partir deles legitimar ou não prescrições terapêuticas, como por exemplo a ludoterapia.

CONCLUSÃO: A hora-lúdica oferece ao terapeuta condições de observar aspectos correspondentes ao desenvolvimento cognitivo da criança, por oposição ao afetivo.

FAPESP

37

PSICOTERAPIA GRUPAL BREVE NA REDE PÚBLICA DE SAÚDE

MENARDI, M.A., SIMAS, M.L.C., D'ELIA, V.F., psicólogos, Centro de Referência Em Saúde Mental, São José do Rio Pardo, S.P.

O objetivo deste trabalho é o atendimento psicológico a pessoas que apresentam sintomatologias diagnosticadas como neurose. Problemas psicossomáticos, depressão, síndrome do pânico, neuroses não específicas ligadas a problemas existenciais. A população atendida refere-se a clientes de ambos os sexos, na faixa etária de 18 a 55 anos, pertencentes à rede pública de saúde. O procedimento utilizado inclui anamnese social, anamnese psicológica, grupos psicoterapêuticos de aproximadamente 12 pessoas. Destacamos na proposta terapêutica a requalificação do impulso agressivo, a conscientização e a reavaliação das normas, a flexibilização dos papéis, a satisfação psíquica e física e o desaparecimento da sintomatologia. Os resultados apontaram diminuição significativa da medicação como recurso terapêutico, bom nível de compreensão dos conceitos relacionados à esfera emocional, modificações relevantes na qualidade de vida. Concluimos que o trabalho de psicoterapia breve torna-se viável nas condições estruturais oferecidas pela Saúde Pública, considerando, principalmente, seu efeito terapêutico.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO, S.P.

38 PERCEPÇÃO E COMPORTAMENTO - UM ENFOQUE TRIGERACIONAL

BENINCÁ, Ciomara Ribeiro S. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, RS .

A família é um grupo de intensa convivência que serve como modelo natural de ação recíproca, na medida que seleciona e qualifica as experiências do sujeito. A qualidade do relacionamento intergeracional familiar depende de fatores situacionais, pressões ambientais, condições emocionais, sociais e cognitivas das diferentes idades. A perspectiva que cada sujeito tem do outro e da relação modula a força da coesão familiar que neutraliza as divergências sociais e psicológicas inerentes às relações lineares. A ação tem base perceptual e depende dos processos de pensamento, modificando-se conforme os estágios maturacionais cognitivos, experiência e história pessoal. A expectativa de qualidade da relação difere entre gerações: os pais transmitem conhecimentos, valores e modelos de comportamento de acordo com possibilidades psicológicas, determinantes culturais e ideológicos; os filhos percebem e assimilam mensagens conforme condições cognitivas, experiências pessoais e variantes de personalidade. O trabalho investiga a qualidade da relação intergeracional privilegiando a percepção como determinante da ação. Foram entrevistadas individualmente 12 mães de classe média de 4 famílias de P.F., sob o enfoque trigeracional (avó, filha, neta), com roteiro flexível sobre experiências pessoais e familiares. A análise qualitativa segue a sequência das 3 reflexões fenomenológicas: descrição qualitativa, análise indutiva e interpretação estrutural. Os dados mostram peculiaridades das relações intergeracionais: 1) a informação é distorcida pelas condições cognitivas e emocionais do sujeito; 2) o desenvolvimento cognitivo aumenta a capacidade reflexiva que filtra e modifica a informação, integrando o herdado e o aprendido; 3) a identificação intergeracional se evidencia quando o nível cultural é baixo; 4) a reprodução aparece ao nível de comportamentos, personalidade, vínculos ou situações específicas de geração para geração; 5) comportamentos são reeditados na prática a despeito da divergência nas opiniões; 6) os velhos cultuam laços familiares formais, enquanto a geração média preocupa-se com a mutualidade da relação de ajuda, e os mais novos com a troca afetiva. As conclusões acrescentam subsídios ao entendimento das relações intergeracionais através de investigação empírica, evitando a fraqueza metodológica das especulações teóricas.

39 ANÁLISE FUNCIONAL DE CASO ÚNICO: POSSÍVEIS EFEITOS DA VARIÁVEL TERAPEUTA AO LONGO DO TRATAMENTO CLÍNICO

AZEVEDO*, M.R.Z.S. e ZAMBERLAN, M.A.T. Depto. de Ps. Geral e Análise do Comportamento, Universidade Est. de Londrina, PR.

O objetivo do presente relato foi o de avaliar a afetividade de dois componentes de delineamento metodológico (A, B, A', B') sobre um estudo clínico de caso único, do comportamento de uma criança, do sexo masculino, com doze anos de idade, cuja família (mãe e principalmente a tia) foi solicitada a participar do processo de terapia, fornecendo dados e sendo orientada com relação à mudanças no comportamento inapropriado da criança. A tia do cliente participou do programa de tratamento como agente e mediadora da liberação de contingências no sistema social. Para atender aos objetivos da pesquisa, três fases de terapia foram descritas: a primeira delas consistiu de 47 sessões (incluindo, Avaliação e Intervenção); a segunda, consistiu de 35 sessões (Avaliação e Intervenção) e a terceira fase consistiu de 4 sessões de Avaliação (Seguimento) até o presente momento. Cada fase de atendimento foi desenvolvida por uma terapeuta, sendo que todo o processo foi conduzido por três terapeutas. Os procedimentos de avaliação consistiram de uma variedade de técnicas de coleta de dados e os procedimentos de intervenção utilizaram princípios e técnicas derivados, principalmente do Behaviorismo Radical, com aplicações clínicas (Hayes, et al, 1987; Kohlemberg, 1987). Os resultados demonstraram que houve uma mudança gradual ao longo das fases (A para B e de A' para B'). A tendência e nível das frequências foram medidos por incremento e desaceleração de comportamentos específicos, que classificamos como: adaptativos (apropriados) e inadaptativos (inapropriados), de acordo com o seu uso funcional em determinadas circunstâncias ambientais. Comportamentos clinicamente relevantes (CRBs) que ocorreram em sessões também foram descritos, demonstrando, assim, sua aplicabilidade na pesquisa em clínica.

40

ANÁLISE QUALITATIVA DOS MOTIVOS DE CONSULTA - A FUNÇÃO PATERNA NA SUBJETIVIDADE DA CRIANÇA E A SUA RELAÇÃO COM O SINTOMA.

BRIZIO,M; FERRARI,A.; MOSCHEN,S.; APARICIO,S.(Departamento de Psicologia - UFRGS).

O presente estudo teve como objetivo explicitar se há relação entre a função paterna e o aparecimento dos sintomas psíquicos na criança.

O interesse em abordar esta questão decorreu da releitura da pesquisa "Motivos de Consulta nas Diferentes Faixas Etárias" que foi apresentada neste encontro no ano de 1989, onde verificou-se que a maior incidência da procura de atendimento ocorre na faixa etária dos 6 aos 11 anos. Esta constatação nos pareceu requerer uma análise mais apurada dos dados que não levem em conta somente o aspecto quantitativo.

Assim desenvolveu-se uma pesquisa exploratória utilizando como metodologia o estudo de caso, com o objetivo de proceder a uma análise qualitativa dos dados. Foi examinado o material obtido a partir do relato das consultas realizadas durante o período de atendimento de dois anos, na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, de duas crianças do sexo masculino com idades de 7 e 10 anos, tendo como motivo de consulta problemas de conduta e dificuldades escolares, respectivamente.

A análise demonstrou haver, nestes dois casos, uma relação entre a formação de sintomas e a função paterna quando esta é exercida de forma tênue.

O estudo demonstrou sua importância no atendimento de novos casos e na formação de novos profissionais, na medida em que o conhecimento produzido é discutido no curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FAPERGS

41 PSICOTERAPIAS BREVES: CRITÉRIOS DE INDICAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS.

YOSHIDA,Elisa M.P.*;ENÉAS,Mª L.E.*;MITO,Tereza I.H.** e YUKIMITSU,Mª T.C.P.***.(*)PUCCAMP e Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve (NEPPB) ; (**)PUC/SP,NEPPB;(***)USP,NEPPB.

Este trabalho objetivou sistematizar procedimentos psicoterápicos breves,com base nas estratégias de apoio(A),esclarecimento(E) e interpretativa (I),a partir da hipótese psicodinâmica e da configuração adaptativa dos sujeitos,através da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada(EDAO). Partiu-se de três questões:a)o critério adaptativo foi relevante na indicação das estratégias?;b)a diferença dos casos concluídos(C),quando comparados aos interrompidos(I),foi significante?;c)houve diferença significativa entre as três estratégias em relação a conclusão e interrupção dos casos?A amostra dos casos(C)e(I)atendidos no NEPPB,de 1988 a 1991 foi: N=82:N=89 e N=91 para as hipóteses um,dois e três,respectivamente. Utilizou-se a prova de X^2 onde n.sig.= 0,05.Resultados:a)nítida associação entre o critério adaptativo e as indicações das estratégias(X^2o= 13,82)n.g.l.=2 bil.,onde (A)foi significantemente indicada para os(grs.V,VI)e(E)e(I)para os(grs.III , IV);b)os(grs.III,IV)tendem a concluir mais significativamente(X^2o=8,27)n.g.l.=1 bil.,que dos(grs.V,VI); c)não há diferença significante quanto aos casos(C) e (I)nas estratégias de (A)e(E).Na (I)a probabilidade de conclusão é significativa(X^2o=7,52)n.g.l.=1unilat..Pode-se concluir uma tendência a se adotar (A) para os casos com menores recursos adaptativos(grs. (V,VI),enquanto(E)e(I) o são para com maiores recursos(grs.III,IV).Os casos dos (grs.III,IV) tendem a ser(C)quando a estratégia indicada e (I) e não (E).

42

PSICOTERAPIA BREVE: O CONCEITO ATRAVÉS DA TÉCNICA DELPHI*

YUKIMITSU, Mª Terezinha C.P., Doutoranda(USP), membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicoterapia Breve(NEPPB), São Paulo.

A Técnica Delphi é um instrumento de pesquisa que viabiliza a obtenção de consenso de opiniões de especialistas sobre um assunto. Objetivos: a)pesquisar o conceito de Psicoterapia Breve; b)analisar o conceito obtido. O estudo foi realizado através de questionário semi-estruturado, em três fases. A primeira fase consistiu na busca do conceito dePB entre psicoterapeutas(4M e 9F). Obteve-se 61 enunciados distintos, distribuídos em 35 dimensões as quais foram aglutinadas em 26 dimensões. Na segunda fase os sujeitos foram 18 psicoterapeutas psicodinâmicos (4M e 14F)e, 10 de enfoque diversificado(5M e 5F), que opinaram sobre: concordância; concordância porém, com modificações na redação e; discordância(das 26 dimensões da fase anterior) as quais resultaram em 13 dimensões conceituais. Na terceira fase, os cinco psicoterapeutas mais indicados na primeira(2F e 3M) da área psicodinâmica, foram os juízes. Suas opiniões à respeito das 13 dimensões do conceito padrão, obedeceram uma ordem de(1 a 13). Os resultados indicaram poucas correlações significantes. De acordo com a ordem de importância foram: Objetivos pré-determinados; Resolução parcial ou total de conflitos e sintomas; Experiência emocional corretiva e; Curta duração. Conclui-se que a Técnica Delphi mostrou-se viável e adequada para o estudo do conceito de Psicoterapia Breve e permite detectar os membros de maior expressão na área.

(*)Parte da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica da PUCCAMP, Campinas, novembro de 1991.

43 RELAÇÕES ENTRE HIERARQUIA DE NECESSIDADES, DESEMPENHO PROFISSIONAL E PROPENSÕES FRENTE AO TRABALHO EM GRUPO. UM ESTUDO COM TRABALHADORES METALÚRGICOS.

COELHO,W.F.; FIGUEIREDO,M.A.C.; BOTELHO,D.A. e MOTTA,R.
Departamento de Psicologia e Educação da F.F.C.L.R.P. - USP

O objetivo deste estudo foi verificar a interação de fatores psicossociais do trabalho, envolvendo o grau de insatisfação, a produtividade e o espírito de equipe, dentro dos grupos profissionais, no sentido de delinear Programas de Desenvolvimento de Pessoal em indústrias metalúrgicas de médio porte. Para este estudo, 50 operários dos setores de injeção e estamparia da MAR-GIRUS CONTINENTAL-Porto Ferreira- foram avaliados em três níveis: a) hierarquia de necessidades através do questionário elaborado por CUNHA e RAMOS(1987), com base na teoria de Maslow; b) propensões frente ao trabalho em grupo através do questionário desenvolvido por FIGUEIREDO e GALERA(1982) e c) desempenho no trabalho através da Composição de Padrões Analíticos, proposto por JACKSON(1977). Inicialmente, com o objetivo de comparar os dados de necessidades com os de propensão ao trabalho em grupo, foi realizada uma Análise Fatorial do questionário de CUNHA e RAMOS através do Sistema Varimax de Rotação , com 50 observações e critérios acima de .60 para saturações e E.V. acima de 1.00 para determinação dos Fatores. Foram isolados 3 subgrupos de necessidades: I Egocífugas (socializadas) ; II Fisiológicas e III Egocípetas (individualizadas). Estudos de correlação entre esses fatores e os encontrados no questionário de atitudes por FIGUEIREDO et al. em 1991 (Fluidez/Rigidez e Introversão/Extroversão) indicaram a ausência de relações estáveis entre os dois instrumentos , com correlações entre -.18 (p= .17) e +.11 (p= .49). Considerando as relações entre avaliação de desempenho e as propensões frente ao trabalho em grupo, correlações entre Disciplina, Ligação ao Grupo, Disposição Favorável e Iniciativa e os fatores Fluidez/Rigidez e Introversão/Extroversão apresentaram alguns resultados significativos a .05: entre Disciplina e o conteúdo Democracia/Autocracia do fator Fluidez/Rigidez foram encontradas relações diretas (r=+.49, p=.02) assim como para Disposição Favorável e os fatores Introversão/Extroversão (r=+.66, p $\leq$ .001) e Fluidez/Rigidez (r= +.54, p=.01). Ainda, para a Iniciativa foram obtidas relações diretas com o conteúdo Contestador/Conformista (r=+.57; p= .01) e o fator Fluidez/Rigidez (r= +.64;p= .002) estes resultados indicam que as propensões frente ao trabalho em grupo estão diretamente relacionadas com o desempenho profissional e independem das necessidades individuais dos trabalhadores.

44 PADRÕES DE COMPROMETIMENTO NO TRABALHO: um estudo de caso em uma organização de informática.

BASTOS, A. V. B. Dep. de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, BA.

A análise de como o trabalhador estrutura as suas atitudes na situação de trabalho tem sido a alternativa para reduzir a fragmentação que caracteriza esta área de estudos. Nesta perspectiva, buscou-se identificar alguns padrões de comprometimento do trabalhador com quatro aspectos do seu mundo de trabalho: a organização (CO), o sindicato (CS), a profissão (CP) e as tarefas que executa (CT). Foram aplicados questionários contendo as escalas validadas previamente em outra amostra, a todos os funcionários de uma empresa de capital misto que presta serviços de informática, num total de 61 sujeitos. Os escores de comprometimento (variando de 1 - baixo - a 7 - alto) foram submetidos à análise de cluster, tendo-se decidido interpretar cinco clusters, a seguir descritos quanto aos escores médios das quatro medidas de comprometimento que os definem. O padrão dominante encontra-se no cluster 1, que agrega 76,9% dos casos (CS=4,16; CT=4,17; CP=4,25; CO=4,57). Os demais clusters apresentam número mais reduzido de casos e os seguintes escores: cluster 2 (CT=1,93; CP=2,90; CO=3,47; CS=4,60); cluster 3 (CS=2,38; CT=3,08; CP=3,14; CO=3,40); cluster 4 (CO=1,50; CT=3,45; CS=3,45; CP=4,14) e o cluster 5 (CS=4,83, CP=5,67; CO=6,0; CT=6,37). Cada subgrupo de sujeitos integrante dos cluters é descrito quanto a outras variáveis que integram a pesquisa, tais como valores, natureza do trabalho, trajetória profissional, variáveis demográficas e organizacionais.

45 MEDIDAS DE COMPROMETIMENTO NO TRABALHO: um estudo preliminar de validade discriminante.

BASTOS, A. V. B. Dep. de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, BA.

A multiplicidade de construtos e de instrumentos marca o estudo sobre comprometimento no trabalho. Tal problema tem sido enfrentado buscando-se evidências de que as escalas medem distintos construtos. Apoiado em dados de uma amostra de 428 trabalhadores de organizações públicas e privadas, analisa-se a validade discriminante de instrumentos, todos escalas formato Likert, que mensuravam o vínculo do trabalhador com quatro aspectos do seu contexto de trabalho: a organização, o sindicato, a profissão e o trabalho/tarefas que executa. Análises fatoriais de cada escala indicaram sua natureza unifatorial. Na análise fatorial do conjunto de itens das quatro escalas, utilizando o método dos componentes principais para extração dos fatores e rotação varimax, a solução de quatro fatores mostrou-se a mais adequada. O fator 1 (eigenlaue=9.383) inclui 9 dos 10 itens de comprometimento com o sindicato; o fator 2 (eigenvalue=4.736 inclui 9 dos 10 itens de envolvimento com o trabalho; o fator 3 (eigenvalue = 2.904) inclui 9 dos 10 itens de comprometimento organizacional; e: o fator 4 (eigenvalue=2.008) agrupou todos os 7 itens de comprometimento com a profissão. Apesar da correlação entre os construtos, os dados obtidos revelam que os instrumentos medem distintas atitudes e, com a eliminação de poucos itens, se constuem em instrumentos confiáveis (alpha de Cronbach sempre superiores a ,80).

46 **A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO ORGANIZACIONAL EM REVISÃO: UM ESTUDO SOBRE ESSA REALIDADE NO ESTADO DE SÃO PAULO**

CANÇO, Luiz Carlos. (Professor da disciplina Psicologia Organizacional da UNESP-Bauru).

A partir da prática profissional, hoje existente, do Psicólogo Organizacional, e da necessidade de se construir uma nova identidade de atuação, é que nos propusemos a caracterizar o processo de formação desse profissional, tomando como base o modelo que as Instituições propõem e imaginam realizar.
Essa pesquisa foi realizada junto a 19 Instituições de Ensino no Estado de São Paulo, que desenvolvem o Curso de Psicologia, sendo 11 localizadas no Interior e 08 na Capital e/ou Grande São Paulo. Diferentes grupos de informantes foram pesquisados: 15 Coordenadores de Cursos de Psicologia, 19 Professores que ministram a disciplina Psicologia Organizacional e/ou supervisionam os respectivos estágios, 171 estagiários dessa área e 95 supervisores de Empresas onde os alunos realizam os Estágios.
Utilizamos o questionário como instrumento para a coleta de dados. Agrupamos as diferentes questões, conforme os diversos grupos de informantes, em 04 eixos de investigação, denominados: 1-Informações sobre os Cursos, Sujeitos e Organizações ; 2-Atuação desse profissional nos dias atuais, bem como a atuação considerada ideal; 3-Avaliação da formação e 4- Sugestões para a melhoria desse processo.
Os resultados revelaram que a formação do Psicólogo Organizacional, na expressiva maioria das Instituições, tem recebido pouca atenção de seus dirigentes,e demais responsáveis. Realiza-se de maneira inadequada e insuficiente, tanto em seus aspectos teóricos quanto práticos. A inexistência de uma estrutura curricular, proporcionalmente equilibrada, assim como a forma de propor e operacionalizar a disciplina Psicologia Organizacional e o respectivo Estágio, tem contribuído, decididamente, para legitimar a atual prática verificada

47 **A RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA NA DISCIPLINA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

CANÇO, Luiz Carlos e LUNARDELLI, Maria Cristina F. (Professores de Psicologia Organizacional) da UNESP-Bauru).

A partir do modelo dissociativo entre teoria-prática, geralmente proposto pelo Ensino de 3º Grau, é que nos propusemos a realizar uma experiência com a disciplina Psicologia Organizacional no Curso de Formação de Psicólogos da UNESP-Bauru.
O nosso objetivo foi proporcionar condições para que, os alunos durante o desenvolvimento da disciplina, pudessem minimizar a dicotomia entre o "teórico" e "prático".
A experiência foi coordenada por dois professores, cada qual sendo responsável por 30 alunos, sendo realizado no período de agosto à novembro de 1991. Foram contatados 15 psicólogos, com experiência mínima de dois anos na área de Recursos Humanos, para receberem esses alunos em suas respectivas Empresas. A intenção era que, a partir do desenvolvimento de cada unidade teórica, do conteúdo previsto, os alunos fossem conhecê-los na prática, através da atuação do psicólogo. Ao todo foram organizados 15 grupos, com 4 alunos cada um, distribuídos nas Empresas que se dispuseram a participar. Foram orientados para caracterizarem: estrutura organizacional, área de Recursos Humanos, prática do Psicólogo Organizacional e Limitações na atuação.
Os dados foram coletados por meio de Entrevistas, Observação e análise de documentos.
As análises foram apresentadas e discutidas, através de painéis, durante o desenvolvimento da disciplina.
Ao término do período, os alunos foram solicitados a responderem um questionário que pretendia avaliar o significado dessa experiência para eles. Os resultados demonstraram que para 88% dos alunos a experiência oportunizou articulação entre teoria e prática, levando-os a uma maior compreensão do que se estava propondo enquanto atuação do Psicólogo. Proporcionou, ainda, condições para realizarem uma análise da atual prática encontrada, bem como das limitações existentes.

48 A ENTREVISTA DE SELEÇÃO ESTRUTURADA COM BASE EM REALIZAÇÃO ESPERADA.

TORRES, Cláudio Vaz
Universidade de Brasília

Esta pesquisa buscou verificar a existência de variação na confiabilidade da entrevista quando se investiga o produto final do trabalho, ao invés do comportamento do futuro executante do cargo.

Para tal, dois instrumentos foram elaborados, sendo que em cada um deles se apresentava um relato de entrevista estruturada investigando uma das variáveis (instrumento 1: comportamento; instrumento 2: produto).

Foram utilizados como sujeitos 101 profissionais (psicólogos e administradores) que trabalham com seleção de pessoal em empresas privadas e públicas. Os sujeitos foram divididos em três grupos, sendo que no Grupo A aplicou-se primeiramente o instrumento 1 e depois o instrumento 2; no Grupo B inverteu-se a sequência de apresentação e no Grupo C apenas um dos instrumentos foi aplicado.

Não se encontrou diferença significativa entre a confiabilidade das entrevistas, com exceção para os psicólogos que trabalham no serviço público. Notou-se ainda que os sujeitos se consideram mais seguros ao responder o instrumento 2.

Discutiu-se que a diferença encontrada para os psicólogos públicos talvez se deva à cultura organizacional dos sujeitos.

Concluiu-se que ambas entrevistas parecem ter o mesmo grau de confiabilidade, embora os sujeitos sintam-se mais seguros com relação aos dados do instrumento 2.

49

"O QUE É PSICOLOGIA?": REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PROFISSÃO ENTRE ALUNOS DO CURSO DE FORMAÇÃO.

(SANTOS, M.A., Departamento de Psicologia e Educação-FFCLRP-USP)

Os escassos estudos disponíveis na área das representações sociais da Psicologia centram-se na aferição da imagem que o aluno veícula ao ingressar no curso. Não se preocupam, portanto, em avaliar o efeito do curso sobre esta representação, e muito menos se propõem a acompanhar estes efeitos sucessivamente, ao longo da formação do aluno, nos diversos estágios marcados por intensas transformações (introdução de novas disciplinas, inserção das disciplinas com conteúdo prático e dos estágios profissionalizantes, etc.). O presente trabalho se propõe a avaliar estes efeitos, com base em investigação das propriedades intrínsecas à representação social de Psicologia encontrada entre 146 alunos do curso de graduação da FFCLRP-USP. As informações foram coletadas através de relato livre em um ítem de um questionário. Seguiu-se então um trabalho de codificação e tabulação das respostas, de acordo com categorias extraídas diretamente do material coletado, procurando-se esgotar as unidades de informação expressas em cada resposta. Os resultados evidenciam que desde o 1º semestre do curso há dificuldade em se definir o **objeto de estudo** da Psicologia: "comportamento humano", "a mente" e "o homem" predominam, seguidos de inúmeros outros: "pensamento", "personalidade", "atitudes", "emoções", "impulsos", "reações", "problemas", "experiências", "alma", "relações humanas", "integração mente-corpo". O **objetivo** atribuído à Psicologia consiste basicamente em "auxiliar o indivíduo a se conhecer melhor e solucionar seus problemas". A partir do 3º semestre surgem considerações críticas a respeito do estatuto científico da Psicologia (por exemplo, se é ou não ciência, a dicotomia objetivo-subjetivo), levando a questionamentos sobre as dificuldades epistemológicas do seu projeto científico. O **objeto** e **finalidades** principais, contudo, mantêm-se inalterados. O aluno ainda procura "entender o homem" em seus "aspectos subjetivos da personalidade", "processos psíquicos conscientes e inconscientes", "psique", "funções mentais", "reações", "emoções", "atitudes", "motivações", "percepção", "desenvolvimento", "intelecto", "aprendizagem", "crises", "relações", "interações", "interação mente-corpo",. **Elegem** a busca do significado das ações humanas como o traço identificador desta ciência, situando-a claramente ao lado das humanidades. Mas é principalmente ao nível do 5º semestre que começa a se intensificar a ênfase na "relação de ajuda" na resolução de situações humanas problemáticas. Esta "função social" referida ao psicólogo vai se cristalizar por volta do 7º semestre. O aluno chega ao 9º semestre com sérias dúvidas acerca de natureza científica da Psicologia e caminha para a conclusão do curso ainda interessado em "desvendar os mistérios da mente humana" e esperando estudar o "ser humano" sob diversos prismas e concepções teóricas. A "complexidade" do **objeto de estudo** e a impossibilidade de circunscrevê-lo satisfatoriamente, que nos primeiros estágios do curso são vistas como obstáculos para a formalização científica da Psicologia, passam a ser reconhecidas nos últimos anos não mais como responsáveis pelas fissuras do conhecimento psicológico, mas como estruturantes do mesmo, já que seriam inevitáveis dadas as características inerentes ao ser humano estudado. Concluindo, podem ser destacados os seguintes "refrões" constitutivos das representações, que atestam a estabilidade de uma representação idêntica que persiste do 1º ao 9º semestre: 1) A amplitude da área de conhecimento e do campo de atuação obrigariam diferentes abordagens e teorias conflitantes, o que acaba gerando imprecisão conceitual, a dispersão dos seus objetos e a pulverização dos seus objetivos; 2) O "fervor" assistencialista aparece como meio para se avançar no conhecimento sobre o ser humano; 3) Predomina uma noção abstrata de "homem", destacado de seu contexto sócio-histórico e presumivelmente portador de uma "problemática" cujas causas devem ser rastreadas unicamente na sua subjetividade.

50	ÁREAS DE ATUAÇÃO EM PSICOLOGIA: A (DE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM SOCIAL DA PROFISSÃO E DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO.

(SANTOS, M.A., Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP)

Com o intuito de averiguar o campo de representação em que se inscrevem as atividades profissionais do psicólogo, investigaram-se as opiniões de uma amostra de alunos dos diversos períodos de um curso de graduação em Psicologia. O procedimento para coleta de dados compreendeu um roteiro contendo questões abertas abordando as áreas de atuação profissional que o aluno conhece. A análise de conteúdo categorial e de freqüências relativas a 146 questionários respondidos pelos alunos que estavam freqüentando o curso no início de 1992 permitiu caracterizar as dimensões em jogo que sustentam estas representações. Os dados revelam não haver, a nível quantitativo, uma evolução do tipo de representação dominante das áreas de atuação ao longo do curso, conforme se poderia esperar, dado que o curso poderia favorecer um contato com um leque maior de modalidades de trabalho. À exceção da área escolar (1º semestre: 66,7%, 9º semestre: 83,3%), não se nota ao longo do curso nenhum aumento significativo no percentual de alunos que reconhecem as três áreas mais tradicionais de atuação (clínica, escolar e industrial). Assim, durante os últimos anos de graduação, estas áreas são identificadas pela quase totalidade de alunos. A análise do **tipo de atividade** associada a cada área indica o poder de atração e o fascínio exercidos por uma certa visão restrita da área clínica, comumente difundida, calcada em uma ênfase acentuada no modelo médico (relação de ajuda, notadamente psicoterápica, profissional liberal e autônomo, contato direto e individualizado com o outro), mas também com uma hipertrofia do assistencialismo, que parece ser o aspecto com o qual o aluno mais se identifica. A representação da área institucional aumenta relativamente no decorrer do curso, a partir do 7º semestre (61,5% contra 17,1% no 3º semestre), coincidindo com uma maior dedicação aos estágios profissionalizantes e, por conseguinte, com o contato com instituições de saúde, creches, etc. O trabalho na área escolar ou educacional aparece sobretudo ligado à orientação do aluno e professor no processo de ensino-aprendizagem nas escolas e atendimento a crianças com problemas de aprendizagem. A área industrial é associada com o trabalho em seleção e treinamento de pessoal e orientação de funcionários de indústrias. O trabalho de pesquisa é mais reconhecido pelos alunos do 3º semestre (71,4%) e associado a locais como universidades e laboratórios. O ensino é comparativamente menos percebido como área de atuação em todos os semestres, prevalecendo no 9º (45,8% dos alunos), sendo situado nas universidades e escolas de 2º grau (Magistério). Com relação ao **tipo de clientela** típica atendida pelo psicólogo, prevalecem os "pacientes com problemas emocionais, de nível sócio-econômico mais elevado" (área clínica) ou "de baixa renda" (área institucional). Este tipo de análise permite desvendar algumas condições de produção da representação do saber psicológico em um universo de opinião específico e a forma como ela começa a se cristalizar seguindo determinados vetores, moldando a identidade profissional. Os conceitos-chaves presentes nas representações apresentadas se articulam ao redor dos seguintes pontos de ancoragem (entendida aqui como o processo de domesticação da novidade sob a pressão dos valores do grupo): 1) Dificuldades de definição precisa de áreas de atuação, principalmente quando se trata de áreas tradicionais; 2) Dificuldade de delimitação nítida do campo de trabalho e do papel do profissional nas diferentes áreas de atuação, impedindo que se identifique sua especificidade; 3) Tendência de definir a área de atuação tomando-se como critério o local de trabalho e não o tipo de atividades desenvolvidas; 4) Ênfase marcante no trabalho de cunho remediativo-curativo (desconhecimento do nível de atuação preventivo), mais voltado para os interesses e necessidades de uma elite dominante. Concluindo, de um modo geral os dados permitem aferir que o impacto do curso sobre as representações é limitado, e que as vicissitudes por que passa a formação parecem não contribuir para que o aluno retifique algumas concepções originadas do senso comum acerca do exercício profissional do psicólogo. Isto sugere a necessidade de uma reflexão urgente em torno do ensino de Psicologia em nosso meio, caso se almejem perspectivas de mudança na atuação e no papel social desempenhado pelo psicólogo.

51

OS MOTIVOS SUBJACENTES À BUSCA DA PROFISSÃO DE PSICÓLOGO E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLHA DA ÁREA DE FUTURA ATUAÇÃO PROFISSIONAL.

(SANTOS,M.A., Departamento de Psicologia e Educação,FFCLRP-USP)

Este estudo propõe-se a avaliar a relação entre os valores implícitos às razões oferecidas pelos alunos para justificar a escolha da profissão e a definição da futura área de atuação em Psicologia, no desenrolar do curso de formação. Realizou-se uma análise temática e freqüencial de 292 relatos livres em respostas dadas por 146 alunos de um curso de Psicologia, categorizadas e quantificadas em termos dos fatores básicos que contribuíram para a escolha e a definição de uma,duas ou três áreas de atuação.Os motivos apontados pelos alunos para a escolha do curso podem ser divididos em:**motivos ligados ao conhecimento do outro**, sendo: 1)estudar/entender o ser humano(sua mente,seu comportamento,seus conflitos, o porque das pessoas serem como são); e 2) trabalhar diretamente com o ser humano (a intenção de ajudar as pessoas problemáticas e de promover seu bem-estar psicológico, o desejo de se realizar como pessoa e de se sentir útil), e **motivos ligados ao auto-conhecimento** (poder se conhecer e se relacionar melhor com os outros). Secundariamente aparecem: o fato de se dispor de características pessoais que "combinam" com a profissão,o interesse pela área de conhecimento em si ou pelas ciências humanas em geral, a influência de leituras prévias, e ainda outros fatores, extrínsecos à profissão (conveniência, escolha por exclusão, falta de opção,etc.). Assim, uma parcela significativa de alunos procura o curso com a expectativa de conhecer melhor aos outros e, em menor grau, a si mesmos. As aspirações profissionais que são vinculadas às práticas representadas são associadas ao desejo de ajudar o próximo, aliviar seus sofrimentos psíquicos através de promoção do auto-conhecimento, e à busca do seu bem-estar, mudança e crescimento psíquico. Há uma diminuição consistente do número de indecisos quanto ao futuro profissional (de 30%, no 1º semestre, para nenhum, no 9º), acompanhando a introdução dos estágios profissionalizantes. Dentre os que já definiram uma área de preferência, a escolha recai predominantemente sobre a clínica em todos os semestres, com um aumento desse percentual no último (41,7%,em contraposição aos 3,7% no 5º semestre). Entre os que desejam trabalhar em duas áreas simultaneamente, a clínica sempre predomina em uma delas, acompanhada da área de pesquisa (1º semestre), instituição (3º e 5º semestres), organizacional(7º semestre) e áreas variadas(9º semestre). A clínica também é invariavelmente citada quando o aluno refere três possíveis áreas de atuação. Através das respostas é possível notar algumas crenças associadas à Psicologia e à prática profissional em nosso meio: a) A descoberto do interesse vocacional se faz concomitantemente com o fascínio pelo ser humano e a atração pelo universo psicológico, o "mundo psi", com a busca de uma atividade que possa oferecer um "meio" ou "caminho" que propicie dar vazão, desenvolver ou lapidar características pessoais, como sensibilidade, empatia, altruísmo e equilíbrio pessoal; b) O campo psicológico se restringe à esfera humana e a aplicação dos conhecimentos caracteriza uma profissão eminentemente de ajuda. Devido ao viés da representação, contudo, coexiste paradoxalmente com este forte anseio de ser socialmente útil no desempenho da profissão uma concepção elitizante do trabalho. Assim, as representações subjacentes às aspirações profissionais dos estudantes se vinculam ao universo culturalmente instituído da profissão,com a prevalência da concepção clínica, em que o conhecer e o ajudar se entrelaçam.

52

"O QUE HABILITA E CONFERE COMPETÊNCIA AO PSICÓLOGO?": AS HABILIDADES QUE O ALUNO ESPERA APRENDER PARA SE TORNAR UM PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA.

(SANTOS, M.A., Departamento de Psicologia e Educação, FFCLRP-USP)

Definidas como um conjunto de conceitos e explicações originadas do cotidiano e que são transmitidas nas comunicações entre indivíduos (Moscovici, 1981), as **representações sociais** constituem uma atividade de construção e expressão, de interpretação e simbolização em torno de um determinado objeto. O objetivo do presente estudo é analisar os valores implícitos às habilidades apontadas pelo estudante de Psicologia como essenciais para se tornar um profissional competente, considerando-os uma dimensão importante do campo de representação social da profissão. Participaram da pesquisa 146 alunos de 1º ao 5º anos de um curso de graduação de uma universidade pública. Elaborou-se um questionário, contendo questões abertas, que foi aplicado coletivamente. A análise de conteúdo permitiu que as respostas fossem categorizadas em três grandes blocos: 1º) **aquisição de capacitação técnica**, 2º) **embasamento teórico**, e 3º) **aprimoramento de habilidades pessoais**. No 1º bloco foram agrupadas as seguintes habilidades: "capacidade de observação e discernimento", "interpretação", "análise sistemática e crítica", "postura ética", bem como habilidades técnicas que permitem "avaliar os problemas das pessoas" e "métodos de tratamento e orientação psicológica". No 2º bloco, destaca-se a intenção do aluno de entrar em contato com várias "áreas do conhecimento" e ter uma "visão global do trabalho do psicólogo". Transparece aí o anseio por um conhecimento genérico, abrangente, muitas vezes como uma forma de encobrir os sentimentos de insegurança gerados pela pouca disponibilidade de informações sobre a Psicologia. O aluno pretende ainda aperfeiçoar habilidades pessoais (3º bloco), tais como: "auto-confiança", "auto-controle", "segurança", "sensibilidade", "intuição", "paciência", "flexibilidade" e "habilidades de leitura e escrita", de "expressão verbal", de "ouvir", de "raciocinar com agilidade", de "compreender o outro sem viés". A expectativa de aprimoramento destas habilidades traduz uma preocupação com o auto-conhecimento, sendo o desenvolvimento a nível pessoal considerado importante para se colocar em contato com o outro e ser bem sucedido em qualquer área de atuação profissional. Este desejo de adquirir habilidades que propiciem **refinar o contato com o outro**, numa intervenção baseada em uma relação de **orientação e ajuda**, predomina em todos os semestres. Isto permite que se evidencie o descompasso entre as expectativas em torno de habilidades que esperam desenvolver e os objetivos gerais de uma formação acadêmica em Psicologia. A partir do 5º semestre predomina uma necessidade de conciliar o conhecimento teórico com as habilidades técnicas, e se constata que o curso favorece uma cisão entre teoria e prática. No 7º semestre as respostas apontam uma certa desconfiança com relação à possibilidade de instrumentalização na prática dos conhecimentos aprendidos. Isto resulta do fato de as expectativas profissionais dos alunos se centralizarem em **um modelo médico e elitista de atuação**. Neste sentido, quando se analisam comparativamente os dados referentes ao último ano da formação, notam-se aspirações semelhantes às observadas nos alunos ingressantes (com exceção da busca de auto-conhecimento, que quase já não é mais referida). Ao sobrepujarem o aspecto das características pessoais, no 8º semestre, os modelos teóricos e a busca de uma orientação tecnicista despontam, finalmente, como os requisitos básicos que orientam o exercício da profissão. Excetuando-se esta mudança significativa, todavia, notam-se poucas diferenças qualitativas entre as representações dos alunos ingressantes e em fase de conclusão. O curso, portanto, parece exercer pouca influência sobre as representações dos requisitos necessários à atuação do psicólogo que o aluno traz espontaneamente no início da graduação, deixando inalteradas as concepções e atitudes básicas relacionadas à profissão. Não propicia que o aluno diferencie claramente sua representação do senso comum, nem que a adeque à realidade social, de modo a acompanhar por exemplo a evolução do enfoque de assistência psicológica do individual-autônomo para o comunitário-interdisciplinar. Por outro lado este tipo de representação exerce uma influência marcante sobre os objetivos que o aluno espera atingir em sua formação, que por sua vez vão condicionar a representação das habilidades consideradas essenciais para tanto.

53

PERCEPÇÃO SOCIAL DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO.

SOUSA, F.A.E.F.*, BARBONI, F.D.**, DA SILVA, J.A.**
(*) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, (**) Laboratório de Psicofísica e Percepção-Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Este experimento teve como objetivo verificar quais traços pessoais e profissionais são atribuidos em nosso meio ao profissional Enfermeiro. Foi elaborado um instrumento contendo 396 adjetivos, baseados no estudo de ANDERSON (1968), cujas definições foram colocadas imediatamente abaixo destes. Os sujeitos tiveram a tarefa de julgar numa escala de categorias de 0 a 6 pontos, a intensidade percebida em relação a quanto o adjetivo definia mais ou menos o profissional, sendo zero (0) o menor grau de atribuição e seis (6) o maior grau. A amostra constou de 120 estudantes universitários do Campus da USP de Ribeirão Preto, divididos em: 30 estudantes de Enfermagem, 30 de Medicina, 30 de Odontologia e 30 de Psicologia. Os dados mostraram que os traços profissionais e pessoais com maior atribuição ao profissional, com suas respectivas médias (M) em ordem decrescente e desvios padrões (DP) foram: Asseado (M = 4.98, DP = 1.43), Responsável (M = 4.97, DP = 1.22), Limpo (M = 4.69, DP = 1.28), Cuidadoso (M = 4.68, DP = 1.23) e Eficaz (M = 4.64, DP = 1.21). Os de menor atribuição foram: Odioso (M = 0.73, DP = 1.22), Irresponsável (M = 0.73, DP = 1.29), Desonesto (M = 0.68, DP = 1.14), Desonroso (M = 0.53, DP = 0.94) e Inútil (M = 0.48, DP = 0.86). Os de grau neutro (mediano) de atribuição foram: Insatisfeito (M = 2.54, DP = 1.82), Letrado (M = 2.53, DP = 1.50), Melindroso (M = 2.50, DP = 1.53), Pensativo (M = 2.48, DP = 1.35), Temperamental (M = 2.48, DP = 1.66). As correlações entre os subgrupos variaram de 0.92 a 0.98. Destes dados podemos concluir que (1) em nosso meio o adjetivo Asseado exerce um papel de centralidade, o qual juntamente com o adjetivo Responsável servem como estereótipo do Enfermeiro e 2) as altas correlações entre os subgrupos refletem uma grande concordância nos graus de atribuições dadas pelos diferentes amostras de estudantes universitários ao profissional Enfermeiro.

(Pesquisa subvencionada pelo CNPq - Processo nº 80.0134-87-7).

54

EVOLUÇÃO DA ENFERMAGEM NA VISÃO DO ENFERMEIRO EM EXERCÍCIO NA DÉCADA DE 50: TÉCNICA DO DEPOIMENTO PESSOAL. VIEIRA, E.P.; MAGALHÃES, M.F. da; HECK, A.R.; BUENO, L.V. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

A década de 50 foi marcada por transformações importantes em todos os setores da sociedade com repercussões no sistema de saúde. Com a institucionalização dos hospitais, houve um predomínio da prática de enfermagem fundamentada no TAYLORISMO. A divisão de trabalho parecia, lógica, dentro dos princípios clássicos de Administração. Contratam-se serventes, para manutenção do serviço, serretárias para manuseio burocrático das enfermarias e o atendente para rotinas. A enfermeira assumia a posição de supervisora dos elementos do serviço. Com o tempo questionou-se o método funcional pela fragmentação do cuidado. A enfermeira tornou-se mais distante do paciente, encarregando-se dos tratamentos específicos ou dos mais graves. A identidade do paciente se perdeu na lista de obrigações. Surge a modalidade de grupo sob a influência do modelo funcional. A assistência orientada para tarefas foi gradativamente desestimulada. A enfermeira passa responsabilizar-se pelos registros e relatórios e a comunicar-se diretamente com os médicos. Inicia-se a assistência individualizada. Com a Teoria das Relações Humanas implementa-se a assistência em Equipe. 1951 representou o marco referencial da equipe de enfermagem onde o paciente é o centro das atividades. A enfermeira assume a liderança da equipe e a responsabilidade na administração da assistência, delega atribuições, incumbindo-se do planejamento, coordenação e supervisão da assistência. Em meados de 50 intensificaram as pesquisas sobre comportamento individual e em grupo. A assistência antes centrada na tarefa centra-se agora nas necessidades humanas básicas da teoria de MASLOW. Surge como marco mundial na enfermagem o cuidado compreensivo, com enfoque biopsicossocio-espiritual. A enfermeira passa a prestar cuidado individualizado e nas mesmas proporções o planejamento, a coordenação e o ensino. Observa-se ainda um rápido desenvolvimento tecnológico com o aumento na demanda de equipamentos modernos tornando os cuidados mais complexos. A enfermeira busca adaptar-se às inovações. Esta década culmina com demanda de pessoal qualificado e sobrecarga de trabalho. Ao intuito de resgatar os aspectos importantes da evolução, buscamos obtê-la da memória viva dos poucos enfermeiros existentes desta década,[1] ainda em exercício, seus depoimentos pessoais norteados pelas questões: Como era a enfermagem quando você iniciou o exercício profissional? E como é ou está a enfermagem hoje? A partir de registros escritos procedeu-se a análise dos discursos utilizando-se para tal o Modelo de GIORGI, 1985 adaptado para o presente estudo. Os resultados comprovaram os dados da literatura complementando-os e reforçando-os. Embora sem preparo adequado as enfermeiras do hospital escola estudado assumiram na década de 50 as atividades administrativasdesempenhando o papel de líder da equipe de enfermagem e membro da equipe de saúde, além das funções de assistência e supervisão: os depoimentos revelaram uma certa queixa o despreparo administrativo, dificuldade de conciliar as várias funções, problemas de interação com a equipe médica, esforço na adaptação às inovações tecnológicas. Quanto à enfermagem de hoje os sujeitos fazem questionamentos profundos sobre a transformação da prática, oriundas desta evolução.

Órgão Financiador: CNPq

55

A UTILIZAÇÃO DA TÉCNICA DE DEPOIMENTO PESSOAL NO RESGATE DA EVOLUÇÃO DA ASSISTÊNCIA HOSPITALAR. VIETTA,E.P.; QUEIRO, L.V.; MAGALHÃES, M.P. da; BECK, A.R. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

No intuito de resgatar aspectos determinantes da evolução da assistência de enfermagem hospitalar, utilizamo-nos da técnica de depoimento pessoal, buscando obter, através da memória viva de enfermeiros, suas vivências no exercício profissional, na década de 60. Tendo enfoque na utilização deste recurso na obtenção de relatos de fatos não registrados é que nos propusemos realizar este estudo. A técnica se faz de forma específica de agir do pesquisador que ao colher o depoimento, dirige seu colóquio, tendo em suas mãos o fio condutor da entrevista. O pesquisador intervém direcionando o depoimento para aspectos relevantes e significativos, da vivência profissional. SIMSON (1984) refere que, ainda que o pesquisador registre somente um depoimento, o objetivo é captar a idéia do grupo, buscando, captar a coletividade à partir do individuo. Para tanto, levantou-se depoimentos de 2 enfermeiros que iniciaram suas atividades na década de 60. Aos sujeitos foram apresentadas 2 questões norteadoras: Como era a enfermagem na década de 60 e como é ou está a enfermagem hoje? O depoimento foi feito de acordo com a preferência dos sujeitos por escrito. Para a análise do conteúdo, utilizou-se o modelo de GIORGI, 1985 adaptado por VIETTA. Os depoimentos revelaram que o profissional enfermeiro daquela época era valorizado pela competência na administração da assistência e na coordenadas atividades de enfermagem, sendo respeitado pela equipe médica, contudo, havia distanciamento hierárquico (barreira) entre o médico e o enfermeiro "...apesar da postura médica de todo poderoso o enfermeiro sempre gozara de respeito por parte dele, porém cumpria ordens e raramente discutia". Há um reforço com relação a maior observância das atitudes morais, éticas e ao cumprimento de rotinas, nesta década. "A moral e a ética eram cumpridas rigorosamente". A enfermagem dos anos 60, era mais submissa às normas, rotinas e à ética. "Sobre a enfermagem atual, referem às mudanças de valores com a exacerbação da competição". Hoje, com o aparecimento dos cargos hierárquicos, "a luta para galgar os degraus da escalada tornou-se selvagem". Há, ainda, críticas quanto à formação e o preparo do profissional, falta de idealismo e de vocação". "O profissional era um idealista..." "...percebemos hoje, com raras exeções, o enfermeiro chega mais inseguro, não demonstrando ideal - falta da vocação. Fazem crítica ao currículo atual, sugerindo maior carga horária de estágio e maior articulação da teoria, falta de compromisso com o serviço. "...a maioria, trabalha objetivando o salário. A única referência feitas a pacientes expressa nos dois depoimentos é um alerta no sentido de que ...nada justifica a imensa burocracia dentro da profissão, nem o distanciamento em relação ao doente - seu objeto de trabalho. Conclui-se pois, que os sujeitos pesquisados percebem com certa apreensão as transformação ocorridas na profissão em relação aos referências vivenciados na década de 60.

Órgão Financiador: CNPq

56	FEEDBACK PARA ERROS E ACERTOS NA AQUISIÇÃO E MANUTENÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DE RESPOSTAS

SOUZA BRITO, R.C. AMORIM, A.C.F,[1] FONTES, J.C.S., GOMES, M.B.[2], - Departamento de Psicologia Experimental, UFPA, Belém, Pará.

Há divergências na literatura sobre o controle de respostas corretas e incorretas quando a ocorrência de feedback diferencial. Objetivando investigar este problema, 40 estudantes universitários foram submetidos a uma tarefa de solução de problema (Torre de Hanoi) em aquisição e desempenho. Quatro condições foram testadas: Feedback para erros com reinício da sequência, feedback para erros com reinício da sequência e para acertos, feedback para erros sem reinício da sequência e nenhum feedback diferencial. O equipamento constou de uma plataforma de madeira com 3 pinos e 5 quadrados de tamanhos diferentes, que podiam ser empilhados em um pino. Os sujeitos tinham que transferir todos os quadrados do primeiro para o terceiro pino até atingir acuracidade máxima (sequência de 31 respostas) na fase de aquisição e, em seguida, repetí-la por duas tentativas consecutivas sem erro na fase de desempenho, segundo instruções apresentadas no início da sessão. Não houve diferenças significativas (Mann-Whitney e Kruskal-Wallis) em aquisição e desempenho para as condições 1 e 2. Em aquisição a condição 3 apresentou diferenças significativas em comparação com as condições 1 e 2, mas não em desempenho. A ausência de feedback gerou desempenho tipo ensaio-e-erro, com diferenças significativas em relação às demais condições. Os sujeitos com feedback apenas para erros (grupo 1 e 3) apresentaram acuracidade máxima em desempenho, sugerindo que, quando apenas uma classe de respostas é seguida de feedback, sua ausência para a outra classe funciona como feedback para estas respostas.

---

(1) Bolsista de Mestrado - CNPq
(2) Bolsista de Iniciação Científica - PIPES -UFPA

57 | RELAÇÕES DE EQUIVALÊNCIA ENTRE ESTÍMULOS TÁTEIS

SOUZA, D.G., SOUZA, J.A.N., BERNARDES, A., BALDUINO, L., GAMA, A.L.G. Universidade de Brasília, DF.

A formação de classes de estímulos equivalentes com estímulos táteis não tem sido demonstrada com a mesma clareza e alto grau de replicabilidade encontrados com estímulos visuais. O presente trabalho pretendeu replicar estudo anterior (Prieto, Souza e De Rose), com aperfeiçoamentos no procedimento. Participaram do estudo duas meninas com oito anos. Nove estímulos (formas em relevo sobre placas de madeira) foram divididos em três grupos: A1, A2, A3; B1, B2, B3; C1, C2, C3. Foi utilizado o procedimento de modelagem de estímulos para ensinar os sujeitos a trabalhar no procedimento de escolha de acordo com o modelo com três comparações. Inicialmente foram treinadas as relações A1B1, A2B2 e A3B3 separadamente, com um e depois com 2 estímulos de comparação. Na etapa seguinte, os sujeitos passaram a escolher entre três comparações. Estabelecida a relação AB, procedeu-se da mesma forma para estabelecer a relação AC. Os treinos AB e AC constituíram a linha de base para os teste das relações de equivalência (BC e CB), simetria (BA e CA) e reflexibilidade (AA, BB e CC). O Sujeito 1 completou o treino de linha de base em 404 tentativas e o Sujeito 2 em 435 tentativas. O Sujeito 1 atingiu 100% de acertos no segundo bloco dos testes de equivalência BC e CB e 100% já no primeiro bloco dos testes de simetria e reflexividade. O Sujeito 2 apresentou 100% de acertos nos dois testes de equivalência e de simetria BA, mas não nos de simetria CA e de reflexividade. Contudo, os percentuais de acerto foram superiores a 75%. Nos retestes de equivalências e simetrias, ambos obtiveram 100% de acertos. Estes resultados indicam a emergência de relações de equivalência na modalidade tátil, ampliando assim a generalidade dos dados sobre a formação de relações de equivalência. Com objetivo de confirmar e estender os resultados que apontam para essa generalidade, a coleta de dados deverá ter continuidade com novos sujeitos e com o acréscimo de testes com os mesmos estímulos na modalidade visual.

CNPq (Bolsistas de Pesquisa e de Iniciação Científica).

58 ESCOLHA E DECISÃO: A TEORIA DA MAXIMIZAÇÃO MOMENTÂNEA.

TODOROV, J. C., SOUZA, D. G. e BORI, C. M. Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, DF.

O presente trabalho reanalisa dados anteriormente publicados à luz das teorias que presentemente competem pela explicação do desempenho em esquemas concorrentes: maximização molar, maximização momentânea, e igualação de taxas locais de reforço (*melioration*). Os dados são de oito pombos treinados em esquemas concorrentes de intervalo variável com um tempo mínimo requerido entre duas respostas de mudança. No Experimento 1 um mesmo par de esquemas de intervalo variável permaneceu constante enquanto o intervalo mínimo variou de 0 a 200 s. No Experimento 2 para cada valor do intervalo mínimo requerido (0, 2, 10 e 120 s) variou-se o par concorrente de esquemas de intervalo variável em cinco condições experimentais. No Experimento 1 o aumento no intervalo entre mudanças resultou em: 1) decréscimo sistemático na taxa total de reforços (ref/hora) embora a razão de reforços obtidos tenha se mantido invariável de 0 a 50 s e diminuído em 100 e 200 s; 2) decréscimo sistemático nas razões de respostas a tempo, mesmo nas faixas em que a razão de reforços não estava variando; 3)efeitos diferenciais sobre as taxas locais de reforços, que diminuiram sistematicamente no esquema com menor densidade de reforços e ficaram aproximadamente constantes no outro esquema até 50 s, diminuindo em 100 e 200 s. No Experimento 2 o indicador de sensibilidade do desempenho à distribuição de reforços diminuiu sistematicamente para respostas e tempo como função da duração do intervalo entre mudanças. Os dados claramente refutam as previsões das teorias da maximização molar e da igualação de taxas locais de reforço: respostas de mudença continuaram a ocorrer mesmo quando mudar de um esquema para o outro resultava em perda no número total de reforços obtidos e em desigualdade crescente em taxas locais de reforço. Esses resultados apoiam a teoria da maximização momentânea como o princípio básico na explicação do comportamento de escolha.

59

ESQUEMAS CONCORRENTES DEPENDENTES (ESCOLHA FORÇADA): EFEITO DA FREQUÊNCIA ABSOLUTA DE REFORÇOS.

TODOROV, J. C. Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.

Cinco pombos machos, com experiência anterior em esquemas concorrentes independentes, foram submetidos a sete condições experimentais nas quais esquemas concorrentes dependentes de intervalo randômico programavam quatro vezes mais reforços para uma das alternativas em relação à outra, variando em cada condição a frequência absoluta de reforços (de 0.5 a 24 por minuto). Um COD (atraso de reforço para respostas de mudança) de 3 s estava em vigor. A distribuição de reforços obtidos entre as alternativas não variou sistematicamente, por força do procedimento de escolha forçada. As distribuições de tempo e respostas entre os esquemas não foram sistematicamente afetadas por mudanças na frequência absoluta de reforços, exceto para a condição experimental que programava reforços a cada 2.5 s em média. Enquanto nas outras seis condições as distribuições de tempo e respostas tenderam a se aproximar da distribuição de reforços, na condição de 24 reforços por minuto houve forte subigualação para os cinco sujeitos. Esse resultado foi interpretado como subproduto do procedimento utilizado, um efeito conjunto da duração do COD maior do que o intervalo médio entre reforços e da escolha forçada. No conjunto das sete condições experimentais os resultados não questionam o pressuposto da relatividade da equação generalizada de igualação.

60

ESQUEMAS CONCORRENTES INDEPENDENTES E CUMULATIVOS: EFEITO DA FREQUÊNCIA ABSOLUTA DE REFORÇOS

TOMANARI, João Claudio. Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.

Quatro pombos machos, experimentalmente ingênuos, foram submetidos a cinco condições experimentais nas quais vigoravam esquemas concorrentes independentes e cumulativos de intervalo variável que programavam quatro vezes mais reforços para uma das alternativas em relação à outra. A frequência absoluta de reforços programados variou com mudanças nos esquemas de intervalo variável, de 2.5 e 10s a 40 e 160s. Não houve qualquer consequência extra programada para respostas de mudança. A distribuição de reforços obtidos entre as alternativas variou com mudanças na frequência absoluta de reforços programados, tendendo a concentrar-se no esquema de maior densidade quando o par concorrente era de 2.5 e 10s, e tendendo a aproximar-se da distribuição programada quando os intervalos médios eram de 40 e 160s. Nas cinco condições experimentais as distribuições de respostas entre os esquemas tenderam a aproximar-se da distribuição de reforços obtidos. A variação sistemática na frequência relativa de reforços obtidos possibilitou o cálculo, para cada sujeito, dos parâmetros da equação generalizada de igualação. O expoente da equação (medida da sensibilidade do comportamento a variações na distribuição de reforços) para o conjunto de dados dos quatro sujeitos foi de 1.04. Os dados não questionam o pressuposto da relatividade da equação generalizada de igualação para frequência de reforços.

61

OCCASION-SETTING:RELACAO ENTRE PROPRIEDADES DISCRIMINATIVAS CONDICIONAIS INSTRUMENTAIS E PAVLOVIANAS.

CASSEB18, Márcia C.S. e BUENO, José Lino O. Departamento de Psicologia e Educação, FFCLRP - USP

Pesquisas têm sido realizadas, evidenciando que "Occasion-Setting" e funcões discriminativas instrumentais são independentes do processo de associação simples. Este trabalho tem por objetivo estudar os procedimentos de Discriminação Condicional Instrumental e Pavloviana, buscando melhor entendimento entre suas propriedades e mecanismos de aprendizagem. Para este propósito 6 ratos Wistar foram submetidos a 35 sessões de treino em Discriminação Condicional Positiva (H->T+;T-) com resposta de rotação à direita e 35 sessões de treino em Discriminação Condicional Negativa (P->N-;N+) com respostas de rotação à esquerda. Após treino foram realizados 3 tipos de Teste de Transferência para avaliar se as propriedades excitatórias e inibitórias dos estímulos-característica poderiam ser transferidas a estímulos discriminativos treinados e não treinados. Os resultados mostram que os animais não transferem as propriedades excitatórias e inibitórias para o estímulo novo, nem propriedades inibitórias para o estímulo conhecido, porém transferem as propriedades excitatórias para o estímulo treinado. Estes resultados indicam que o processo de Discriminação Condicional envolve mais que a simples associação entre estímulo-característica e o US existindo uma relação hierárquica entre os estímulos envolvidos.

Apoio: CNPq, FAPESP

62

O PAPEL DAS PRÁTICAS DE CS-SOZINHO NA AQUISIÇÃO DE PROPRIEDADES INIBITÓRIAS E DESINIBITÓRIAS EM DISCRIMINAÇÃO CONDICIONAL. MOREIRA, Rita.C.M. e BUENO, José Lino C. Departamento de Psicologia e Educação, FFCL-RP/USP.

Segundo Rescorla (1988), para que o estímulo-característica X desempenhe sua função de desinibidor e inibidor condicionado em discriminações condicionais seriadas de estímulo-característica positivo e negativo, a apresentação de práticas de CS-sozinho é condição essencial. Para testar esta hipótese 4 grupos de ratos *Wistar* foram treinados em discriminação de estímulo-característica positivo, com a prática composta "luz da gaiola->tom:água" (H->T+); e em discriminação de estímulo-característica negativo, com a prática composta "luz do painel->tom:não água" (P->T-). Além destas práticas, ocorreram ou não práticas do CS-sozinho: grupo T+ recebeu também práticas do tom-sozinho reforçado (T+); grupo T- recebeu também práticas do tom-sozinho não reforçado (T-); grupo T+T- recebeu também práticas de tom-sozinho reforçado e não reforçado, e o grupo TO nunca recebeu práticas do tom-sozinho. A aquisição das discriminações envolveu um grande número de sessões, possivelmente em função da ambigüidade do estímulo tom. Na Fase II em que o estímulo tom foi substituído pelo estímulo ruído em uma das práticas, obteve-se melhor discriminação de estímulo-característica negativo. A Fase III que envolveu a manipulação do número de práticas do tom-sozinho nos grupos T+ e T-, não indicou efeito sobre as discriminações estudadas. Os dados dos Testes de Transferência sugerem que tais aquisições ocorreram basicamente segundo a estratégia de "occasion-setting". Ainda, os resultados deste trabalho permitem verificar que as práticas de tom-sozinho afetam a densidade de reforços, fortalecendo as associações tom:US (grupo T+) e tom:não US (grupo T-) determinando melhor discriminação de característica positiva para o grupo T+ e de característica negativa para o grupo T-.

*Apoio CNPq e Fapesp.

63

SUPRESSÃO CONDICIONADA COMO LINHA DE BASE PARA ANALISE DOS EFEITOS DA DESNUTRIÇÃO NO COMPORTAMENTO DE RATOS.

Escolano, A.C.M.; Silva, A.P.S.; De Oliveira, L.M. Lab. de Nutrição e Comportamento, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP - Ribeirão Preto-SP.

Como forma de testar a hiper-reatividade de animais desnutridos a estimulos de natureza aversiva, o presente trabalho teve por objetivo estudar o efeitos de três condições de dieta utilizando o procedimento de supressão condicionada. Ratos Wistar, machos, foram amamentados por mães expostas a dietas de 18 (controle) e 6% (desnutrida) de proteina durante a lactação. Ao desmame (21 dias) metade dos animais desnutridos continuaram a receber a mesma dieta da mãe até aos 42 dias de idade. O restante dos animais receberam ração normal de biotério. Aos 80 dias de idade os animais foram privados de água até atingirem 85% do peso inicial. A seguir foram submetidos ao seguinte procedimento: treino em VI 60s por 10 sessões ou até estabilidade, seguido de uma sessão de adaptação ao CS (luz) sem presença do US (choque). Supressão I constituida de 10 sessões com 6 CSs seguida de US inevitável (1,0 ou 0,6 mA). Linha de base II que difere da Linha de base I apenas ao número de sessões (6). Adaptação II identica à I. Supressão II idêntica à I, exceto pela inversão da ordem de intensidades de choque. Os dados mostraram que a ordem de apresentação das intensidades é importante, indicando que 0,6 precedido de 1.0 mA leva a um alto indice de supressão e 1,0 precedido de 0,6 mA suprime menos o responder. Nenhuma diferença devido à dieta foi encontrada. Os dados mostram o periodo de desnutrição utilizada não foi eficiente para demonstrar a hiper-reatividade ao choque e/ou 1,0 mA foi muito intenso não permitindo diferenciação entre os grupos.

Apoio: CNPq.

64 DESEMPENHO DISCRIMINATIVO EM RATOS EM FUNÇÃO DE CAPACIDADE INFORMATIVA DE ESTÍMULO EM TREINO PRÉVIO

BAIER,C.A.; ROCHA,R.C.F.*; MARTINELLI,J.C.M. (Departamento de Psicologia/Universidade Federal do Espírito Santo)

Arranjos experimentais que alterem o poder de um estímulo de informar estímulos ou reforçadores incondicionados parecem alterar também sua eficácia como reforçador secundário, supressor condicionado etc. Este princípio sugere que uma discriminação entre presença e ausência de um estímulo poderia ser afetada se, na manutenção de um operante, o mesmo estímulo estivesse (1)continuamente presente ou (2) presente apenas por ocasião das operações de reforço. Modelada a resposta de pressão à barra, ratos (n=12) receberam 2 sessões de CRF e 5 de VI. Num grupo (Luz Contínua ou LC) uma luz permaneceu continuamente acesa no curso das 7 sessões. Noutro (grupo "Flash" ou F), a luz era acesa, por 3 segundos, por respostas seguidas de reforço durante as mesmas 7 sessões. LC e F foram, no treino discriminativo (sucessivo) a seguir, subdivididos, cada um, em 2 grupos: 2 deles (LCC e FC: grupos consistentes) recebiam reforços apenas na presença de luz e 2 outros (LCR e FR: grupos reversos) os recebiam apenas na ausência de luz. Os desempenhos discriminativos foram: (a) equivalentes em LCC e FC, (b) melhor em LCC do que em LCR nas 2 sessões iniciais de treino e (c) melhor em FC do que em FR durante 6 sessões. Estes resultados confirmam apenas parcialmente a hipótese proposta. A noção de "concorrência" por informação talvez dê conta de descrever a equivalência entre LCC e FC. A luz não teria se tornado, em F, um preditor eficaz de reforços porque (a) um outro estímulo exteroceptivo, não programado, qual seja, o ruído da operação do bebedouro, também o era e (b) a luz só foi introduzida após aquele estímulo já contar com uma história de emparelhamentos.

Pesquisa com financiamento parcial da FCAA/UFES
*Bolsista de Iniciação Científica CNPq

65

INVESTIGAÇÕES ADICIONAIS SOBRE EFEITOS DA DISTÂNCIA NODAL SOBRE A FORMAÇÃO DE CLASSES DE ESTÍMULOS

DE ROSE, J. C., KLEDARAS, J.B.*, REIS, M.J., RIBEIRO, I. G. - Universidade Federal de São Carlos, (*) The Learning Center, Waltham, EUA.

Este estudo consistiu numa tentativa de replicar resultados anteriores mostrando que a estrutura de relações de pareamento com o modelo afeta a formação de classes de estímulos e a transferência de funções. De acordo com estes dados, uma estrutura de relações em cadeia (A-B, B-C, C-D, D-E, E-F, etc.) dificulta a formação de classes, quando comparada a uma estrutura envolvendo um nódulo comum (A-B, A-C, A-D, A-E, A-F, etc). Dez adultos americanos foram sujeitos deste estudo. O equipamento foi um microcomputador Apple-Macintosh, que apresentava estímulos visuais, que os sujeitos selecionavam através do "mouse" conectado ao computador. Todos os sujeitos aprenderam uma discriminação simples entre os estímulos A1 e A2 (respectivamente S+ e S-). Eles aprenderam também uma série de relações condicionais entre pares de estímulos. Para o Grupo 1, as relações condicionais tinha, estrutura em cadeia (A-B, B-C, C-D, D-E, E-F). Para o Grupo 2 as relações envolviam um nódulo comum (A-B, A-C, A-D, A-E, A-F). Foi utilizado um prompt verbal para acelerar este treino. Em seguida, foram conduzidos testes de transferência de funções discriminativas e equivalência. Todos os sujeitos de ambos os grupos exibiram imediatamente transferência de funções e equivalência. A discrepância destes dados em relação ao estudo anterior foi atribuído ao prompt. Este teria o efeito de alterar a natureza das relações condicionais aprendidas. Resultados posteriores parecem confirmar esta hipótese.

Esta pesquisa foi financiada pela FAPESP.

66

EFEITOS DA DISTÂNCIA NODAL SOBRE A FORMAÇÃO DE CLASSES DE ESTÍMULOS E TRANSFERÊNCIA DE FUNÇÕES DISCRIMINATIVAS

RIBEIRO,I.G., de Rose,J.C. e Reis,M.J.D. - Universidade Federal de São Carlos.

O objetivo do presente experimento foi o de verificar os efeitos da distância nodal e da direcionalidade do treino sobre a formação de classes de estímulos equivalentes e transferência de funções discriminativas. Os sujeitos foram dezessete estudantes universitários. O equipamento foi um microcomputador IBM-PC que apresentava figuras abstratas em um monitor monocromático e registrava respostas através de teclado. Todos os sujeitos aprenderam uma discriminação simultânea simples entre os estímulos A1(S+) e A2(S-). Eles aprenderam também uma série de relações de pareamento, cada uma envolvendo dois modelos e dois estímulos de comparação. Para dois grupos, as relações de pareamento envolveram uma série de nódulos:A-B, B-C, C-D, D-E e E-F (Grupo1) ou B-A, C-B, D-C, E-D, e F-E (Grupo 2). Para dois outros grupos um mesmo par de estímulos foi apresentado como modelo (Grupo 3) ou comparações (Grupo 4) em todas as relações, de modo que não houve variação na distância nodal. Os resultados mostraram que para os grupos com aumento progressivo na distância nodal não houve transferência de funções discriminativas ou equivalência. Para os grupos em que não houve variação na distância nodal, todos os sujeitos apresentaram transferência de funções e equivalência de estímulos. Não houve qualquer indício do efeito da direcionalidade de treino sobre a transferência de funções discriminativas de equivalência de estímulos.

Projeto financiado pela FAPESP através de bolsa para a primeira autora.

67 CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES - UM ESTUDO SOBRE HIERARQUIA DE ESCOLHAS ENTRE MEMBROS DE UMA MESMA CLASSE, EM FUNÇÃO DA DISTÂNCIA NODAL.

JULIANI*, J., DE ROSE, J. C. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos.

Já foi demonstrado que a distância nodal afeta a formação de classes de estímulos equivalentes. O objetivo deste estudo foi verificar a existência de efeitos da distância nodal depois que as classes já tenham sido formadas. O sujeito foi uma criança com 11 anos de idade. O procedimento de pareamento arbitrário com o modelo foi utilizado para formar três classes com cinco estímulos gráficos em cada uma. O treino foi realizado de tal maneira que os estímulos de comparação de uma discriminação condicional serviram como estímulos modelos para a discriminação condicional seguinte, isto é, foram formadas as classes A1 → B1 → C1 → D1 → E1, A2 → B2 → C2 → D2 → E2 e A3 → B3 → C3 → D3 → E3, onde a seta parte do estímulo modelo e aponta para o estímulo de comparação. Depois que se observou a formação das classes de estímulos através de testes de equivalência, foram conduzidos testes de pareamento arbitrário com o modelo onde todos os estímulos de comparação integravam a mesma classe treinada. Por exemplo, em presença do modelo E1 foram apresentados os estímulos de comparação C1, B1 e A1. O efeito da distância nodal seria observado caso o sujeito escolhesse consistentemente o estímulo com menor distância nodal do modelo, no caso C1. Os resultados das sondas foram, inicialmente, consistentes com esta previsão. O sujeito escolheu consistentemente os estímulos de comparação separados por menor número de nódulos do modelo, indicando, desta forma, que mesmo quando uma classe já foi formada, as relações entre os estímulos são inversamente proporcionais à distância nodal.

*Bolsista do CNPq

60

VERSÃO COMPUTADORIZADA DO TESTE DO MODELO DA BALANÇA.

CÉSAR, O.P., CAPOVILLA, F.C. (*), WOLF, R.L., (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo)

Problema: De acordo com Skemp (1971) o uso de modelos matemáticos inadequados ao introduzir noções aritméticas básicas pode dificultar a aprendizagem de processos e conceitos mais complexos ulteriormente. Como um de tais modelos cita o de equilibrar os dois lados de uma balança cuja aplicabilidade restrita impediria seu uso na resolução de equações do tipo X + 2 = 0. **Hipótese:** O presente estudo testa a hipótese de que tal limitação poderia ser resolvida com a introdução intuitiva das noções de número positivo e negativo por meio da metáfora de bombas (negativo) que ao explodir eliminam bolas (positivo). **Método: Sujeitos:** Quatro meninos de 7 anos cursando a primeira série do primeiro grau participaram do estudo. **Aparato: Hardware:** Microcomputador AT 286, câmera VHS. **Software:** O programa de computador EQU-ARITMÉTICA foi desenvolvido especialmente para este fim. **Procedimento:** O programa dividia-se em seis etapas. Nas fases 1 e 2 a criança aprendia (i.e., respondia apropriadamente quando chamada a repetir, parafrasear, e responder questões simples sobre as noções intuitivamente introduzidas) os conceitos de adição, subtração, e equilíbrio obtido a partir da adição ou subtração de elementos nos dois lados da balança. Na fase 1 ela o fazia passivamente enquanto observava o efeito da adição ou subtração de bolas nos dois lados da balança sobre o equilíbrio desta; na fase 2 ativamente enquanto adicionava ou subtraía bolas via teclado produzindo equilíbrio e desequilíbrio. Na fase 3 aprendia os conceitos de incógnita e número negativo. De uma a três bolas caíam do topo da tela e em seguida uma persiana subia deixando cair de uma a três bombas que, assim que a criança previa quantas bolas restariam, explodiam deixando a diferença. As tentativas envolviam as seguintes contas: 1-1=0, 2-2=0, 3-3=0, 1-0=1, 2-1=1, 3-2=1, 2-0=2, 3-1=2, 3-0=3. Nas fases 4 a 6 do ponto de vista da criança a tarefa consistia num videogame cujo objetivo era descobrir o número de bolas ou bombas necessário para equilibrar a balança a cada tentativa. Na fase 4 ela pressionava o dígito correspondente ao número de bolas que deveriam ser adicionadas para equilibrar balanças em desequilíbrio. Na 5 o mesmo para bombas. Na 6 para bolas e bombas. **Resultados:** As crianças mostraram-se capazes de resolver as equações x+1=0, x+2=0, x+3=0, x+1=1, x+2=1, x+3=1, x+1=2, x+2=2, x+3=2, x+1=3, x+2=3, e x+3=3 portanto com incógnitas assumindo valores 0, 1, 2, 3, -1, -2, -3. Elas mostraram maior dificuldade na resolução de equações envolvendo incógnitas negativas que positivas ($p < .05$). Assim, as crianças foram capazes de resolver equações do tipo x + b = c, com incógnitas assumindo valores entre 0 e 3. **Conclusão:** O modelo de equilibrar balança pode ser empregado para resolver equações do tipo X + 2 = 0 desde que suplementado pela introdução conjunta do modelo de bolas e bombas enquanto elementos nos lados da balança.

(*) Pesquisador CNPq e FAPESP

69

EFEITO DA POSIÇÃO DA INCÓGNITA EM EQUAÇÕES INTRODUZIDAS VIA IMPLEMENTAÇÃO COMPUTADORIZADA DO MODELO DA BALANÇA EM ARITMÉTICA.

CAPOVILLA, F.C.(*), CÉSAR, O.P., WOLF, R.L. (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo)

Problema: As "estratégias informais" (Resnick, 1990) de counting on, counting all, separate, separate to, add on, e count down que permitem a crianças da primeira série do primeiro grau resolver problemas aritméticos antes de terem tido qualquer contacto com instrução formal têm aplicabilidade limitada quando empregadas em problemas em que a posição da incógnita varia. Empregando sentenças verbais abertas de três termos Hiebert (1982) analisou o desempenho daquelas crianças na resolução de problemas envolvendo adição e subtração com numerais menores que 18. Problemas com incógnita nas posições 1 (x+b=c; ex: João tinha algumas bolinhas, Maria lhe deu mais três, ele ficou com cinco. Quantas ele tinha no início?) e 2 (a+x=c; ex: João tinha duas bolinhas, Maria lhe deu mais algumas, ele ficou com cinco. Quantas Maria lhe deu?) produziram desempenho pior que aqueles com incógnita na posição 3 (a+b=x, ex: João tinha duas bolinhas, Maria lhe deu mais três. Com quantas ele ficou?). É possível no entanto que tal achado tenha sido artefato da complexidade gramatical das sentenças necessárias à introdução dos problemas mais do que da natureza mesma do problema. Seriam os mesmos resultados obtidos se o problema fosse apresentado graficamente ao vez de verbalmente? Ou seja se o problema fosse apresentado via modelo de equilibrar os lados da balança ao vez de via sentenças abertas de três termos? Método: Sujeitos: Participaram dois meninos, um com 6a e outro com 8a portador de distúrbio de aprendizagem cursando respectivamente a pré-escola e a primeira série do primeiro grau pela segunda vez. Aparato: Hardware: Microcomputador AT 286, câmera VHS. Software: EQU-ARITMÉTICA, por nós desenvolvido. Procedimento: O programa dividia-se em três etapas. Nas duas primeiras a criança aprendia intuitivamente os conceitos de adição, subtração, e equilíbrio obtido a partir da adição ou subtração de elementos nos dois lados da balança; na primeira passivamente enquanto observava o efeito da adição ou subtração de bolas nos dois lados da balança sobre o equilíbrio desta; na segunda ativamente enquanto adicionava ou subtraía bolas via teclado produzindo equilíbrio e desequilíbrio. Na terceira aprendia os conceitos de incógnita e número negativo. De uma a três bolas caíam do topo da tela e em seguida uma persiana subia deixando cair de uma a três bonecas que, assim que a criança previa quantas bolas restariam, explodiam deixando a diferença. Nesta fase a posição da incógnita variava nas três posições (na primeira: x+1=1, x+2=2, x+3=3, x+0=1, x+1=2, x+2=3, x+0=2, x+1=3, x+0=3; na segunda: 1+x=1, 2+x=2, 3+x=3, 0+x=1, 1+x=2, 2+x=3, 0+x=2, 1+x=3, 0+x=3; na terceira: 0+1=x, 1+0=x, 0+2=x, 2+0=x, 0+3=x, 3+0=x, 1+1=x, 1+2=x, 2+1=x) Resultados: Em oposição aos dados de Hiebert (1982) o melhor desempenho foi obtido com a incógnita na posição 1 e o pior na posição 3. Conclusão: Os resultados sugerem que os dados de Hiebert (1982) podem estar a refletir mais a complexidade gramatical (ou número de itens de informação auditiva) das sentenças necessárias à introdução do problema do que a natureza mesma desses problemas. (*) Pesquisador CNPq e FAPESP

70 ANÁLISE DE DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS COM E SEM HISTÓRIA DE DESNUTRIÇÃO.

COSTA JR., A.L. & ZANNON, C.M.L.C. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

Contextos ambientais caracterizados por privação são apontados como condições de risco que se impõem a uma parcela da população infantil, podendo restringir seu desenvolvimento comportamental. A desnutrição, se considerados seus efeitos metabólicos e comportamentais, é uma destas condições de risco. A desnutrição nos primeiros anos de vida tem sido associada ao menor repertório sensorial da criança em anos escolares - menor atenção, maior distrabilidade em tarefas acadêmicas. Estudos sugerem que o que se exige da criança em idade pré-escolar são habilidades e desempenhos que poderiam estar afetados pela história de desnutrição. Estudou-se a aquisição e a manutenção de relações comportamentais através de procedimentos de controle discriminativo complexo, objetivando identificar diferenças comportamentais entre crianças sem história de desnutrição (N) e crianças com história de desnutrição severa (DS) e moderada (DM). Os sujeitos foram 14 crianças de pré-escola, procedentes de contexto ambiental caracterizado como de baixo nível sócio-econômico. Foram realizados dois estudos: no primeiro utilizou-se um procedimento de escolha de acordo com o modelo, com duas classes de estímulos; no segundo, foram utilizadas três classes de estímulos com objetivo de estudar a aquisição de repertório comportamental sob contingências mais complexas, bem como possíveis efeitos de experiência anterior sobre o desempenho. Todos os sujeitos atingiram os critérios exigidos, fazendo equivalência de estímulos. No Estudo 1, os Sujeitos DS necessitaram do mesmo número ou de mais sessões que os Sujeitos DM para completar o Estudo. O mesmo ocorreu para os Sujeitos DM em relação aos Sujeitos N. Medidas de proporção de ocorrência de respostas indicaram diferenças individuais de desempenho em treino e em teste de discriminação, independentemente de história de desnutrição. Medidas absolutas de desempenho, em condições de treino e de teste, indicaram desempenho inferior dos Sujeitos DS, seguidos pelos Sujeitos DM e N. Medidas de frequência absoluta não permitiram análise do processo de aquisição de repertório de comportamento, mas apenas do produto comportamental obtido. Sujeitos que participaram dos dois estudos apresentaram desempenho semelhante em ambos, não se observando efeito da experiência no Estudo 1 sobre o desempenho no Estudo 2. O estudo de relações de equivalência obtidas através de procedimentos de controle discriminativo complexo parece promissor para obtenção de medidas comportamentais de desenvolvimento.

71 HISTÓRIA DE DESNUTRIÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL: ANÁLISE METODOLÓGICA DE PROCEDIMENTOS DE CONTROLE DISCRIMINATIVO COMPLEXO.

COSTA JR., A.L. & ZANNON, C.M.L.C. Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília.

Na maioria dos estudos que tratam da relação entre desnutrição e desenvolvimento, são utilizados instrumentos psicométricos. Independente da validade, tais instrumentos enfatizam o produto do desenvolvimento, não considerando, suficientemente, o processo de desenvolvimento da criança. Estudando-se a formação de relações de equivalência por crianças de pré-escola, com e sem história de desnutrição, foi possível analisar o procedimento de discriminação condicional enquanto alternativa metodológica. Utilizou-se um procedimento de escolha de acordo com o modelo, com duas e três classes de estímulos. Na situação mais complexa de treino, conforme o desempenho das crianças, foram alterados os critérios de exigência de desempenho, as informações contidas nas instruções e a consequenciação de respostas; observada a ocorrência de erros sucessivos e sistemáticos, introduziram-se: instruções especiais para controle da resposta de atenção; novos conjuntos de estímulos; e oportunidades de correção da resposta de escolha, com reapresentação da tentativa. Foram comparadas medidas comportamentais de aprendizagem e uma medida psicométrica, obtida com o teste de Matrizes Progressivas de Raven. Medidas relativas de rapidez de aprendizagem e medidas de repertório de entrada dos sujeitos mostraram diferenças individuais de desempenho em treino de discriminação e em teste, independentemente de história de desnutrição. Medidas absolutas de desempenho apontaram resultados inferiores dos sujeitos com desnutrição severa. Conforme esperado, os resultados obtidos no teste psicométrico coincidem com as medidas comportamentais absolutas. A classificação dos sujeitos com base em diferentes medidas de desempenho mostra resultados não coincidentes. Os estudos de equivalência são delineados de modo a evitar erros nas respostas dos sujeitos; neste estudo, a ocorrência de erros permitiu a observação de diferenças e semelhanças de desempenho entre os sujeitos e a proposição de procedimentos especiais para modificação de desempenho. Sugere-se que medidas de mudança na interação experimentador-sujeito, nas respostas de atenção à tarefa e nos esquemas positivo e aversivo de controle comportamental, embora não considerados nos relatos de estudos de equivalência, podem ser úteis à análise de outras diferenças de desempenho, contribuindo para o aprimoramento dos procedimentos de análise de desenvolvimento comportamental.

72 **DISCRIMINAÇÃO DE ESTIMULOS OLFATIVOS POR BEBES DE 1 A 6 MESES DE IDADE**

Bergamasco, N.H.P.; Delevati, N.M.; Freire, I.M. e Moro, C.S.(*) Instituto de Psicologia, USP, SP.

As reações hedônicas a odores constituem uma área de estudos onde existe muita controvérsia. Alguns experimentos sugerem que crianças de todas as idades são sensiveis a diferentes odores (Engen et al, 1963; Self et al, 1972; Cernoch e Porter, 1985), apesar de estudos anteriores (Stein et al, 1958; Engen, 1974) concluirem que crianças pequenas não demonstram aversão a odores. A presente pesquisa teve por objetivo: estudar a reação de bebês de 1 a 6 meses de idade, frente a estimulação olfativa, através de expressões faciais e movimentos corporais; avaliar a variação na tipologia e/ou intensidade das respostas, em função da idade e verificar a possibilidade de classificação das respostas em categorias de valor hedônico. Foram estudados 18 bebês entre 1 e 6 meses. Apresentou-se 5 aromas de alimentos, nesta sequência - alho, morango, mel, cebola e baunilha. Os bebês foram filmados 20 segundos antes, 15 minutos durante a exposição do estimulo e 30 após. Foi realizado levantamento das reações e não-reações de cada bebê, agrupando-as em frequência por idade e por aroma, apresentando a variação da taxa de respostas mais frequentes em função da idade. No total foram 206 respostas para 46 reações diferentes e 8 exposições de estimulos sem reação dos bebês. Os resultados corroboram alguns dados da literatura a respeito das diferenças individuais serem um aspecto importante na percepção olfativa, além de mostrar que bebês entre 1 e 6 meses de idade respondem ao valor hedônico de odores, excetuando as respostas de sucção e de abrir e fechar a boca e, que há diferença na tipologia das respostas em função da idade, havendo um aumento na sua diversidade a partir dos 4 meses de idade.

(*) Programa de Pós-Graduação, bolsistas do CNPq

73

EFEITOS DA SIMILARIDADE E DA QUALIDADE VISUAL DOS ESTIMULOS SOBRE TEMPO DE COMPARAÇAO.

Galera, C.; Colata, I.D. e Facioli, A.M.
Departamento de Psicologia e Educação, FFCLRP-USP.

De acordo com o MFA (Método dos Fatores Aditivos; Sternberg, 1969) a natureza dos estágios de processamento de informação pode ser conhecida através da influência que fatores experimentais exercem sobre o TR (tempo de reação). Se dois ou mais fatores têm efeitos significativos e independentes sobre o TR pode-se supor que cada um deles influencia seletivamente um estágio de processamento. Se o efeito é interativo pode-se supor que afetam o mesmo estágio.
O objetivo deste trabalho foi investigar a natureza das comparações realizadas numa tarefa de classificação dependente da memória. Para isso manipulamos o Número de estímulos associados a uma categoria de resposta (N1 e N3), a Diferença física entre estímulos associados a categorias diferentes (D1 e D3) e a Qualidade visual do estímulo (Intacto ou Degradado pela superposição de um padrão reticulado). Os estímulos eram dígitos segmentados apresentados num display FND-506. Este era acoplado a um microprocessador Z-80 e a um cronômetro. Doze sujeitos passaram por todas as condições experimentais de um delineamento fatorial 2x2x2.
A análise de variância, realizada sobre as médias dos 12 sujeitos nas 8 condições experimentais, indica que todos os efeitos principais e a interação entre o Número de estímulos e a Similaridade tem efeitos significativos sobre o TR (todos com $p < 0,01$). De acordo com o MFA o fator Qualidade afeta o tempo necessário para se formar uma representação mental do estímulo teste. Esta representação será comparada, no segundo estágio de processamento, com as representações já memorizadas. Estas comparações devem ser realizadas com base nas características físicas do estímulo, pois a taxa de aumento do TR em função N é proporcional à Similaridade entre os estímulos comparados.

74

SENSIBILIDADE AO CONTRASTE DE GRADES SENOIDAIS E DE FREQUENCIAS RADIAIS (Jo)

Willyana Garcia Coelho
Benedito Medrado Dantas
Maria Lúcia de Bustamante Simas

LABTIS - Laboratório de Percepçao Visual
Departamento de Psicologia
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. CEP 50739

Nos estudos sobre os mecanismos de processamento visual, Kelly e Magnuski (Vis.Res., 15, 911-915, 1975) foram os pioneiros na utilizaçao de estímulos circulares modulados por funçoes de Bessel, freqüência radial (Jo), comparados a estímulos de freqüência espacial, isto é, grades senoidais. Prosseguindo estas investigaçoes, Simas e Vieira (Resumo SBPC, no 94, p.190, 1990), encontraram resultados análogos aos de Kelly e Magnuski (1975), que demonstraram haver uma maior sensibilidade ao contraste de grades senoidais quando comparados a estímulos de freqüências radiais, Jo. Novas medidas estao sendo realizadas no Laboratório de Percepçao Visual, sendo que, ao contrário de Simas e Vieira (1990) que utilizaram como monitor de vídeo uma TV com baixa resoluçao no contraste; as medidas continuam sendo feitas em cinza, porém com um monitor SONY, BVM-1910, com alta resoluçao de contraste interfaciado a um IBM-AT através de um "frame-grabber" DT-2853. Cada curva está sendo estimada em 12 pontos de resposta ao contraste, sendo que cada um deles constitui uma sessao experimental, rodada com intervalo de 20 minutos, no mínimo, entre uma sessao. Através do método da escolha forçada foram rodadas, no máximo, 4 sessoes diárias. Os resultados, obtidos com um total de quatro sujeitos, demonstraram que a sensibilidade ao contraste de freqüências radiais (Jo) é menor do que a sensibilidade a freqüências espaciais puras. Contudo, a faixa de maior sensibilidade ao contraste de grades senoidais se situou em torno de 0.8 a 4.0 ciclos por grau de ângulo visual (cpg), diferindo dos estudos de Kelly e Magnuski (1975), cujos resultados apontaram a máxima sensibilidade em torno de 05 a 10 cpg.

FINEP - CNPq - FACEPE

75

SENSIBILIDADE AO CONTRASTE DE GRADES SENOIDAIS VERTICAIS & HORIZONTAIS

Benedito Medrado Dantas
Willyane Garcia Coelho
Maria Lúcia de Bustamante Simas

LABVIS - Laboratório de Percepção Visual
Departamento de Psicologia
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. CEP 50739

Com base na Análise de Fourier, a qual afirma que qualquer estímulo pode ser decomposto em uma série infinita de senos ou cossenos, Campbel e Robson (1968) realizaram inúmeros estudos com o objetivo de investigar como o Sistema Visual Humano processa uma dada imagem. Para tanto, foram utilizados estímulos de Freqüência Espacial pura, isto é, Grades Senoidais, orientadas verticalmente. O presente trabalho visa dar continuidade aos estudos supracitados, conduzindo uma série de pesquisas sobre a Sensibilidade a Freqüências Espacias puras, desta vez com orientaçao horizontal. Além disso, paralelamente, estao sendo conduzidos experimentos no LABVIS acerca da interaçao entre Grades Senoidais com orientaçao Vertical e Horizontal, simultaneamente. Quatro sujeitos participaram dos experimentos. As mediçoes foram realizadas em cinza com monitor de vídeo SONY de 30 hz, BVM-1910, interfaciado a um IBM-AT através de um "frame-grabber" DT-2853. O método experimental utilizado compreende um paradigma de detecçao aliado ao método da escolha forçada, sendo calculada a probabilidade de acertos consecutivos com base no modelo proposto por Wertherill & Levitt (1965). Cada Curva de Sensibilidade foi composta por 12 pontos, equivalentes a 12 sessoes experimentais rodadas em ordem aleatória, com intervalo mínimo de 20 minutos entre uma medida e outra. Para uma mesma curva, foram medidas no máximo quatro sessoes por dia. Os resultados obtidos demonstraram que, numa escala que variou de 0.2 a 12 ciclos por grau de ângulo visual (cpg), a Sensibilidade para Grades Senoidais, tanto Horizontais quanto Verticais, foi maior para as freqüências da faixa intermediária (0.8 a 4.0 cpg) do que para as da extremidade (0.2 e 12 cpg), de forma semelhante aos resultados obtidos por Campbell e Robson (1968) para Grades Senoidais Verticais. (FINEP - CNPq - FACEPE).

76

EFEITO DA REPETIÇÃO E DA NOVIDADE NA ESTIMATIVA DA DURAÇÃO

CANIZARES, M., FERNANDES, S., SOUZA, S. de, CASTANHO*, A.R.S.P. & ADES*, C. Instituto de Psicologia, USP.

Um dos aspectos intrigantes da percepção de tempo é a influência nela exercida por fatores de natureza afetiva (Ades, 1991). O interesse e o tédio estão entre estes fatores. Períodos vazios de eventos, por exemplo, parecem mais longos do que períodos preenchidos, talvez por gerarem tédio e desinteresse. O presente trabalho visou por à prova a hipótese do interesse, manipulando a novidade dos estímulos cuja duração deveria ser estimada. Sabe-se que a repetição de estímulos leva ao decréscimo do comportamento exploratório e que estímulos novos fazem recrudescer ativação e interesse. Através de um primeiro estudo preparatório com estudantes universitários, escolheu-se duas reproduções em diapositivo, igualmente complexas, de obras do artista M.C. Escher representando arquiteturas impossíveis ou distorcidas. A duração média (25 seg) de exploração visual espontânea destes estímulos foi avaliada num segundo estudo preparatório, com a finalidade de escolher tempos de exposição suficientemente longos para gerar saciação estimulatória. Na fase experimental, um dos dois diapositivos era apresentado 5 vezes sucessivas (com durações que variavam de 20 a 30 seg) antes da apresentação do outro (25 seg), que servia de estímulo novo. As estimativas (pelo método da reprodução) da duração do estímulo repetido aumentaram ao longo das repetições; havendo decréscimo significativo quando era apresentado o estímulo novo. Não houve mudança significativa nas avaliações do estímulo repetido, feitas pelo método da estimativa verbal, mas um decréscimo com o surgimento do estímulo novo. Os resultados trazem uma forte indicação de que o julgamento da duração de eventos tem a ver com sua novidade e, possivelmente, com o interesse e tédio que despertam. As discrepâncias entre as estimativas verbais e por reprodução, já notadas por outros autores, merecem uma análise à parte.

* Bolsistas CNPq.

77

EXPERIENCIA TEMPORAL E YOGA: UMA PRIMEIRA EXPLORAÇÃO

FERNANDES, S., SOUZA, S. DE, CANIZARES, M.*, CASTANHO*, A.R.S.P. E ADES*, C.. Instituto de Psicologia, Universidade de Sao Paulo

A yoga é procurada pelos seus efeitos de relaxamento e de mudança positiva do estado de ânimo. Estes efeitos poderiam trazer, como consequência, modificações na experiência temporal (processos afetivos influenciariam a percepção do tempo, Fraisse, 1984). Procurou-se, no presente estudo, verificar esta possibilidade, através da aplicação de duas tarefas temporais, uma de estimação de duração, outra de desempenho rítmico. 20 estudantes universitárias, entre 18 e 30 anos, foram testadas duas vezes, uma antes, outra depois de uma prática de uma hora de yoga. Em cada teste tinham de (1) produzir, através de um cronometro com o visor tampado, um período de 30 segundos; (2) contar mentalmente de 0 a 10, em seu próprio ritmo (a duração da contagem era cronometrada); (3) indicar seu estado subjetivo numa lista com escalas analógicas unipolares. Comparando-se as auto-avaliações de estados subjetivos anteriores e posteriores à prática, verificou-se que a yoga contribuiu para o aumento da satisfação, da calma, do entusiasmo e, em especial, do alívio e do relaxamento e que gerou diminuição de tensão. Houve, também, maior sonolência e menor sensação de calor e cansaço. Contrariamente à expectativa, a avaliação da duração não foi afetada pela prática da yoga (Wilcoxon, $p > 0,05$). O ritmo de contagem tornou-se significativamente mais lento depois da yoga (Wilcoxon, $p < 0,01$). Os dados, como outros obtidos em nosso laboratório, indicam ser a estimativa da duração resistente (muito mais do que se costuma pensar) a efeitos afetivos, em determinados contextos . A tarefa de contagem rítmica, que se deixou influenciar pela repercussão da yoga sobre o estado de ânimo ou sobre outro tipo de processo orgânico, provavelmente dependa de outra faceta do senso do tempo. Permanece, portanto, em aberto a questão importante de que aspectos da experiência temporal são passíveis de serem modulados pelas emoções e afetos do indivíduo.

* bolsistas CNPq.

78

ATIVIDADES INFANTIS: UM PERCURSO DE IDÉIAS DE 1935 A 1988. CALDANA, R. H. L.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, SP.

No conjunto de concepções e valores que norteiam a educação da criança na família, destacam-se aquelas relacionadas às atividades a que ela deve dedicar-se como expressivas dos conceitos que se tem sobre a infância. Este trabalho procura descrever algumas destas idéias que estiveram presentes em três momentos no Brasil (1935, 1959 e 1988), utilizando como material básico a Revista Família Cristã editada ao longo de todo este períodos: foi realizada uma análise qualitativa que procurou explicitar as idéias veiculadas dentro de seu próprio contexto.

No ano de 1935 a criança, a ser educada para a total submissão ao adulto, era vista como devendo dedicar-se a pequenos trabalhos, à oração ou às atividades ligadas à difusão de religião; valorizava-se para ela um comportamento sério e grave. Em 1959 considera-se que o adulto deve cuidar para que a criança se desenvolva bem, estimulando-a desde bebê e acompanhando suas atividades escolares cuidadosamente; ela é retratada via de regra em situações de diversão, onde o brinquedo ocupa papel de destaque. Em 1988 a preocupação principal volta-se para os problemas psicológicos da criança, e suas atividades são enfocadas apenas quando dizem respeito ao desenvolvimento intelectual, ou quando alertam para cuidados a serem tomados, como no caso da TV.

A análise desses momentos mostra que de 1935 para 1959, a preocupação moral cede lugar a de cunho médico-higienista, que por sua vez vai desembocar acentuadamente na de ordem psicológica em 1988.

79

IMAGENS DA INFÂNCIA NO BRASIL: CRIANÇAS E INFANTES NO RIO DE JANEIRO IMPERIAL. OSTETTO L. E. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, S.P.

Partindo do pressuposto de que a infância, enquanto condição específica de criança, é uma construção histórica, e de que ela nem sempre foi cultuada ou cuidada com práticas específicas como vemos nos dias de hoje, o presente trabalho tem o objetivo precípuo de revelar parte da história que envolve a existência das crianças no Brasil.

Privilegiou-se como espaço o Rio de Janeiro e como tempo o século XIX (no período de 1808 a 1889). Como fontes foram utilizados os relatos de autores e viajantes estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro no período delimitado; foi feita uma análise qualitativa do material procurando-se responder à questão: a sociedade do Brasil Império já havia elaborado uma imagem infantil que reservava às crianças um viver específico, diverso do adulto?

Observou-se que a criança passava imediatamente do peito do escravo ao mundo adulto, sendo caracterizada como "adulto em miniatura". Seus trajes imitavam a vestimenta dos adultos, e a brincadeira ficava diluida no cotidiano da vida familiar, no qual a criança misturava-se aos adultos, principalmente com os escravos; seu espaço por excelência era o doméstico. A obediência cega e a submissão ressaltam-se como os valores operantes.

Esses dados não permitem vislumbrar práticas sociais que dessem contornos específicos à vida da criança, que assim só tinha valor enquanto futuro adulto.

80 | INFANCIA E LEITURA: PADROES DE COMPORTAMENTO EM GERAÇOES DIFERENTES. SANTOS, P. L. dos[1]; VIEIRA, T. e BIASOLI-ALVES, Z. M. M.[2*] CECH, Univereidade Federal de São Carlos, (*) FFCLRP, Univereidade de São Paulo.

A leitura é algo intrinseco às sociedades modernas, que investem cada vez mais na produção de materiais e que, consequentemente, fazem altas exigências de competência quanto ao comportamento de ler das pessoas.

As alterações decorrentes do aumento da variedade de material disponivel e da crescente importância legada à atividade de leitura, tem tornado tal comportamento alvo de muitos e diferentes estudos. O interesse dos pesquisadores em torno desta questão estende-se desde a procura de novas técnicas e estratégias para o ensino da leitura até a preocupação com o que leva o jovem a gostar de ler, numa busca incessante de conhecimento sobre o tema.

Dentro deste contexto, o presente trabalho tem por objetivo conhecer o comportamento de leitura de 2 gerações (mães e filhos), analisando as alterações ocorridas e as diferenças entre o passado e o presente deste comportamento. Para isto, foram entrevistadas mães com idades variando entre 28 e 50 anos, cujos filhos freqüentam da pré-escola à 8a. série de escolas particulares de Ribeirão Preto (São Paulo) e têm idades entre 6 e 15 anos.

Foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado abordando o comportamento da mãe, da criança e a influência do ambiente externo sobre a atividade. As entrevistas foram gravadas e transcritas de forma integral e os dados analisados qualitativamente, segundo a proposta de Biasoli-Alves e Dias da Silva (1992).

Os resultados indicam que: 1) o material de leitura na geração das mães é constituido por livros, e na dos filhos aparecem também revistas, gibis, e jornais; 2) as mães, na infância, quando liam o faziam de acordo com o seu gosto e disponibilidade, e as familias forneciam ou não material segundo o seu padrão; para as crianças de hoje sobressai a leitura em função da solicitação e/ou incentivo da escola (portanto, direcionada por ela), cabendo à familia, muitas vezes, a obrigação de prover o material e lê-lo de forma a que o filho cumpra tarefas acadêmicas; 3) na comparação das épocas o presente traz muita variedade de material, maior facilidade de acesso (biblioteca, compra), maior incentivo, contrapostos à espontaneidade e ao prazer do passado.

Discute-se frente a esses dados se os caminhos que a evolução do comportamento de leitura traça vão no sentido que se espera. (1- CAPES; 2- CNPq)

B1 TRANSMISSÃO DE VALORES – UM ENFOQUE TRIGERACIONAL

MENINCÁ, Ciomara Ribeiro S. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, RS .

A transmissão de valores se dá pela socialização, processo de influências recíprocas mantido por negociações mutáveis no tempo. Os valores fundamentam as concepções de mundo e de vida como um conjunto estrutural lógico que se expressa no comportamento, originando normas institucionalizadas num modelo cultural específico. As transformações sociais questionam os valores e formas convencionais de organização, elaborando modelos alternativos de conduta. A substituição acontece pela influência recíproca das diversidades de comportamentos no ambiente social, principalmente entre gerações. O trabalho descreve semelhanças e diferenças nos valores, idéias e comportamentos de três gerações dentro da família, a fim de aprimorar critérios empíricos e analíticos que fundamentem descrições e interpretações do relacionamento familiar. Consideram-se 2 perspectivas: 1) da mudança, pela sensibilidade em apreender novas informações; e 2) da continuidade, pelo processo de transmissão de valores familiares. Foram entrevistadas individualmente, com roteiro flexível que explora experiências pessoais e familiares, doze mães de classe média de quatro famílias residentes em P.F., respeitando a linearidade trigeracional (avó, filha, neta). Os dados foram analisados qualitativamente na sequência das 3 reflexões fenomenológicas (descrição qualitativa, análise indutiva e interpretação estrutural). Os resultados mostram o sentido das transformações: 1) nas estratégias de socialização (obrigar, orientar, liberar); 2) nas prioridades familiares (trabalho, laços afetivos, felicidade individual); 3) nos referenciais de ação dos pais (experiência pessoal, experiência refletida e selecionada, intuição e sensibilidade); 4) na imagem de família (grupo onde se aprende regras de sobrevivência; grupo onde se experiencia a formação de laços sociais; ambiente social de epxressão idiossincrática e experimentação); e 5) nos valores transmitidos (trabalho, honestidade e responsabilidade; trabalho, capacidade e sucesso profissional, independência; e estabilidade emocional, sensibilidade afetiva, sociabilidade e felicidade). Os resultados corroboram os estudos na área, ilustrando a evolução das concepções e subjetividades através dos tempos, flagrada no quadro de transformações de valores e comportamentos.

82 A CRIANÇA E SUAS ATIVIDADES - ALTERAÇÕES NOS ÚLTIMOS 50 ANOS. SIMIONATO-TOZO, S.M.P., BIASOLI-ALVES, Z.M.M.*, DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. ** ,Centro Educ. Ciên. Hum. , UFSCar,(*) Fac. Fil. Ciên. Let. Rib. Preto , USP, (**) Fac. Ciên. Letras , UNESP, Araraquara.

Os jogos e brincadeiras infantis podem ser considerados fatos universais e um dos aspectos importantes do processo de socialização da criança. Este estudo foi proposto com o objetivo de caracterizar e descrever como vem se mantendo e alterando as brincadeiras e as atividades que fazem parte da rotina diária da criança, bem como a prática de educação ligada a elas. Foram analisados os relatos de 30 mães divididas em 3 grupos: dez que criaram o filho primogênito nas décadas de 30-40, dez nas de 50-60 e dez nas de 70-80, entrevistadas segundo o Roteiro Definitivo de Dias-da-Silva(1986).

A análise das respostas mostrou que: a) o espaço muda de amplo e aberto (déc 30-40) para ambientes circunscritos (déc 70-80); b) os brinquedos sofrem um aumento na variedade e quantidade oferecida, trazendo vinculação com o ensino de habilidades; surge a preocupação (déc 70-80) com brinquedos violentos ao mesmo tempo em que diminui a prática (déc 70-80) de oferecer somente brinquedos adequados ao sexo da criança; c) apesar de críticas à televisão, as mães jovens convivem com este aparelho, algumas restringindo e outras deixando livre o seu uso; d) as atividades se caracterizam como conjuntas para adultos e crianças em todas as épocas; e) a prática de "vigiar" as brincadeiras aparecem para as mães idosas e de meia idade(déc 30-40 e 50-60), já as mais jovens (déc 70-80) enfatizam a idéia de liberdade; f) existem exigências com relação a horários na rotina e com o cuidado dos brinquedos para a maioria das mães, independente da década focalizada; g) no ensino de brincadeiras as mães idosas (déc 30-40) transmitem o que viviam, as de meia idade (déc 50-60) se preocupam com o treino de habilidades e as jovens (déc 70-80) tanto retomam sua infância como oferecem "jogos pedagógicos"; h) a participação do pai no processo de educação dos filhos torna-se efetiva nas últimas décadas.

Este estudo mostra os brinquedos, brincadeiras e atividades das crianças, viabilizados por uma prática de educação que reflete os valores e contingências do contexto em que se insere.

(FAPESP)

83

AVALIAÇÃO DA FUNÇÃO DE ESTÍMULOS SINALIZADORES DE REFORÇAMENTO E EXTINÇÃO

Tomanari, Gerson Ao.Y. (1) e Machado, Ligia Maria de C. Marcondes (2)
Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo

Basicamente há três hipóteses sobre a função dos estímulos produzidos por respostas de observação: do pareamento; da redução do atraso e da redução da incerteza. Trabalhos anteriores em nosso laboratório concluíram que a função da redução da incerteza é importante na determinação da frequência com a qual o estímulo é produzido. O presente trabalho visava explorar a função destes estímulos, manipulando a quantidade de trabalho sinalizado. Os sujeitos foram 6 pombos privados de comida. O equipamento usado foi uma caixa de condicionamento operante equipada com 2 discos de resposta e equipamento eletromecânico para controle e registro. Após procedimento de auto-modelagem para bicar ambos os discos, os sujeitos foram expostos a fases sucessivas de esquemas múltiplo e misto. No esquema múltiplo a luz vermelha dos discos sinalizava o componente 1 e a luz verde o componente 2. A chave da esquerda estava em extinção e a da direita era a chave principal. Após um número de sessões que garantisse o controle pelos estímulos, passava-se à fase de misto. No esquema misto a chave da esquerda, iluminada por amarelo, era a chave de resposta de observação (EME) e a da direita, branca, a principal. Resposta na chave EME iluminavam ambos os discos por 13 segundos, apresentando o estímulo correspondente ao esquema em vigor. Cada sessão compunha-se de 50 componentes de 45 segundos cada, apresentados em seqüência aleatória. Os 8 sujeitos foram divididos em 3 grupos: G1: VI30 VI90; G2: VI30 VI90; G3: VI30 VI90. Num primeiro momento passaram por fases sucessivas de múltiplo e misto. Num segundo momento um dos esquemas foi substituído por extinção. Num terceiro momento foi exigido um FR na chave EME para a apresentação do estímulo. E por fim houve uma inversão dos estímulos discriminativos. Nossos resultados, surpreendentemente, foram a ausência de respostas de observação para 7 sujeitos. Alguns sujeitos chegaram a emiti-las, porém elas não se mantiveram. Através dos dados obtidos com o único sujeito que as emitiu, observamos que a maioria delas ocorreu na ausência dos estímulos, e o comportamento deste sujeito na chave principal era consistente com os estímulos produzidos, mostrando-nos a função informativa destes estímulos. A inversão da função dos estímulos foi acompanhada pela inversão na frequência de emissão de respostas de observação. Ao ser aumentado o valor do FR 1 para FR 3 para resposta de observação, observou-se que o número de respostas na chave EME triplicou, mantendo-se constante o número de apresentações dos estímulos. Com FR 5 diminuiu-se o no. de respostas de observação. Com os sujeitos que não emitiram RO, foram realizados alguns testes que garantiram a discriminação dos esquemas aos quais estavam sendo submetidos, assim como o controle por estes estímulos. Não sabemos precisar em função do que encontrava-se o comportamento desses sujeitos. Há hipóteses sobre a especificidade dos sujeitos enquanto espécie, mas variações de procedimento não podem ser descartadas.

(1) - Bolsista Iniciação Científica - CNPq
(2) - Pesquisadora - CNPq

84

CUSTO DA RESPOSTA E DESEMPENHO EM ESQUIVA SINALIZADA

TODOROV, J. C., CAMESCHI, C. E., LEMES W. R. e ROCHA, S. R. A. Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.

A fim de investigar os efeitos do custo da resposta durante estímulos sinalizadores de choques, ratos foram expostos a um procedimento de esquiva sinalizada. Na fase de aquisição da resposta de pressão à barra os sujeitos foram modelados e, depois, expostos a seguinte contingência: durante 20s vigorava o período seguro (PS), onde a câmara experimental permanecia escura, ao qual seguia-se o período de aviso (PA), onde durante 10s uma combinação de luz e som anunciava a ocorrência de um choque de 0,5s e 1mA. Nesta fase, uma resposta durante o PS reiniciava este período, bem como uma resposta durante o PA eliminava o sinal e evitava o choque, restabelecendo as condições do PS. Nas fases subsequentes, o responder durante o PA foi reforçado de acordo com o esquema de Razão Fixa crescente, na seguinte ordem: FR2, FR3, FR5, FR7 e FR10. Cada fase vigorou durante 15 sessões de 60min de duração. Os resultados mostram que as taxas de respostas tendem a ser maiores durante o PA quando o valor da razão é pequeno (1, 2 e 3), mas com o aumento da razão o desempenho se torna mais frequente durante o PS. Estes resultados ilustram os efeitos de relações custo-benefício modulando as funções de estímulos-sinais em contingências aversivas.

85

EFEITOS DE DURAÇÃO DO ATRASO DE REFORÇO PARA RESPOSTAS DE MUDANÇA EM ESQUEMAS CONCORRENTES DEPENDENTES

TODOROV, J. C., COELHO, C. e BECKERT, M. E. Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.

Cinco pombos foram usados como sujeitos em um procedimento com esquemas concorrentes dependentes (escolha forçada) de intervalo randômico. Em quatro condições experimentais um dos esquemas forneceu quatro vezes mais esforços do que o outro, e a frequência total de reforços permaneceu alta e relativamente constante (entre 10.0 e 11.9 reforços por minuto). A duração do atraso de reforço para respostas de mudança (COD) variou nas quatro condições experimentais de 0,15 a 3,00 segundos. Tanto a razão entre respostas quanto a razão entre tempo gasto em cada esquema foram mais próximos da razão entre reforços obtidos com valores mais baixos de COD. Tal resultado é o oposto do que se relata na literatura sobre o efeito de duração do COD em esquemas concorrentes independentes de intervalo variável. Essa diferença pode ser atribuída à diferença na distribuição de reforços obtidos entre os esquemas do par concorrente. Em esquemas independentes a distribuição de reforços obtidos pode variar conforme o comportamento dos sujeitos. No procedimento de escolha forçada a distribuição de reforços é invariável. CODs longos obrigam os sujeitos a permanecerem mais tempo no esquema menos favorecido, emitindo mais respostas. A subigualação decorrente é, pois, um artefato de procedimento. Os presentes resultados confirmam sugestões anteriores sobre os cuidados a serem tomados quando se comparam dados obtidos com os dois procedimentos experimentais.

86

DESAMPARO APRENDIDO OBSERVADO 1 E 7 DIAS APÓS OS CHOQUES INCONTROLÁVEIS Damiani, K.(*), Costa, C.L., Machado, L.R., Hunziker M.H.L.(**)

O desamparo aprendido tem sido descrito como um deficit de aprendizagem de uma resposta de fuga decorrente da exposição a choques incontroláveis. Tem sido demonstrado que muitas variáveis estão envolvidas na intensidade com que esse fenômeno ocorre, sendo a mais crítica a incontrolabilidade dos eventos aversivos. No entanto, a literatura tem demonstrado que pequenas variações de procedimento são capazes de impedir o aparecimento do desamparo aprendido, como intervalos maiores que 48 horas entre a exposição a choques incontroláveis e a sessão de fuga. O objetivo deste experimento foi comparar os efeitos da passagem de 1 e 7 dias sobre o desamparo aprendido utilizando o procedimento padrão desenvolvido em nosso laboratório. Foram utilizados 32 ratos Wistar, fêmeas, divididos em quatro grupos: dois grupos foram submetidos a 60 choques incontroláveis de 1mA, ministrados por 10s através do piso da caixa, a intervalos médios de 60s, com amplitude de variação de 10-110s (grupos: CHI-1 e CHI-7). Os dois grupos restantes foram submetidos a tratamento semelhante, sem choques (grupos: NCH-1 e NCH-7). Vinte quatro horas após essa sessões, os grupos: NCH-1 e CHI-1 foram submetidos a uma sessão de fuga na "shuttle-box" onde foram apresentados 30 choques elétricos com iguais parâmetros dos anteriores, com a única diferença que poderiam ser interrompidos imediatamente após a emissão da resposta de saltar para o compartimento oposto da caixa. Na ausência dessa resposta o choque desligava automaticamente após 10s. Os grupos CHI-7 e NCH-7 foram submetidos a uma sessão de fuga semelhante a descrita anteriormente, porém, 7 dias após as sessões de choques incontroláveis. Os resultados revelaram que todos os grupos submetidos a choques incontroláveis apresentaram falências de fuga maiores que seus grupos controle, indicando que o desamparo aprendido ocorre tanto 1 dia como 7 dias após a sessão de choques incontroláveis e que a intensidade do fenômeno não diferiu entre ambas as situações. Os resultados foram discutidos em comparação com outros procedimentos da literatura sendo as diferenças de resultados atribuídas ao procedimento de teste empregado em nosso laboratório, o qual é sensível ao processo de aprendizagem operante em contraposição aos demais que são prioritariamente sensíveis à atividade motora.

(*) Fapesp
(**) CNPq

87

EFEITO PARAMÉTRICO DA ESTIMULAÇÃO PÓS-CHOQUES SOBRE O DESAMPARO APRENDIDO EM RATOS Damiani, K.(*),Hunziker,M.H.L. (**) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP

O estudo do desamparo aprendido tem destacado a incontrolabilidade dos eventos aversivos como a variável independente crítica para esse fenômeno. Recentemente, foi relatado que a apresentação de estímulos exteroceptivos contingente ao término dos choques incontroláveis impedem o aparecimento do desamparo aprendido em ratos, apesar da incontrolabilidade dos choques. Este experimento teve como objetivo verificar o efeito da sinalização pós-choques utilizando o procedimento padrão desenvolvido em nosso laboratório. Foram utilizados 96 ratos Wistar, fêmeas, divididas em 16 grupos. Oito desses grupos foram submetidos a 60 choques incontroláveis de 1,0 mA, ministrados por 10s através do piso da caixa, a intervalos médios de 60s (amplitude de variação 10-110s) e receberam diferentes estimulações pós-choques dependendo do grupo. Os grupos CHI/FB+3, CHI/FB+5, CHI/FB+7 e CHI/FB+9 receberam apresentação de luz de 12 W ao final de cada choque por: 3, 5, 7 e 9s, respectivamente, com exceção destes períodos a caixa era mantida no escuro. Os grupos: CHI/FB-3, CHI/FB-5, CHI/FB-7 e CHI/FB-9 tiveram a caixa iluminada por uma luz de 12 W por toda a sessão, com exceção dos períodos imediatamente após cada choque quando essa luz se apagava por 3, 5, 7 e 9s, respectivamente. Outros oito grupos passaram por tratamento semelhante sem choques, grupos: NCH/FB+3, NCH/FB+5, NCH/FB+7, NCH/FB+9, NCH/FB-3, NCH/FB-5, NCH/FB-7 e NCH/FB-9. Vinte quatro horas após essa sessão os animais foram submetidos a uma sessão de fuga na "shuttle-box" onde foram apresentados 30 choques elétricos com iguais parâmetros dos anteriores, com a única diferença que poderiam ser interrompidos imediatamente após a emissão da resposta de saltar para o compartimento oposto da "shuttle-box". Na ausência dessa resposta de fuga, o choque desligava automaticamente após 10s. Os resultados revelaram que, com exceção dos animais dos grupos CHI/FB-7 e NCH/FB-7, todos os grupos submetidos a choques incontroláveis tiveram latências maiores que seus grupos controle, ou seja, apresentaram o desamparo aprendido. Os resultados replicaram assistematicamente os dados da literatura e sugerem um efeito paramétrico da estimulação pós-choques. Esse efeito foi discutido considerando a interação entre o intervalo intertentativas e as diferentes durações da estimulação pós-choques com suas possíveis funções sinalizadoras de períodos de segurança.

* FAPESP
** CNPq

88

ANÁLISE DE RECOMBINAÇÃO SILÁBICA EM AQUISIÇÃO DE LEITURA POR DISLÉXICO E NÃO-DISLÉXICO VIA SOFTWARE TOMOS.

CAPOVILLA, F.C.(*), GALEÃO-SILVA, L.G., THIERS, V.O.(*), JARDIM, A.B., SATO, A., SEABRA, A.G. Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo

Num procedimento de discriminação condicional implementado via cartões impressos, Capovilla e Pestun (1992) demonstraram recombinação silábica em afasia de Broca. Foram estabelecidas 6 classes de equivalência, cada uma composta de um vocábulo (A), uma figura (B), e uma palavra escrita (C), sendo que durante o procedimento de discriminação condicional o paciente era chamado a emitir uma resposta ecóica ao vocábulo (AR), de nomeação oral à figura (BR), e textual à palavra escrita (CR). A partir de três sílabas GO, MA, LA eram treinadas 3 pals e testadas outras 3 enquanto o desempenho na leitura das 6 pals era avaliado em linha-de-base (LB). Naquele estudo o treino das pals GOMA, MALA e GOLA resultou em ganhos isométricos na leitura de MAGO, LAMA e LAGO, bem como na leitura das sílabas isoladas. No presente estudo o procedimento foi implementado via software TOMOS, desenvolvido especialmente para este fim, em microcomputador AT 286 equipado com tela sensível ao toque. Todas as sessões de 50 min eram gravadas em VHS. Participaram uma menina não disléxica de 6 anos cursando o pré-escola, e um menino disléxico de 8a5m de idade cursando a primeira série pela segunda vez. A partir de 2 conjuntos de 3 sílabas cada um cuja repetição ou combinação 2 a 2 resultava em 12 pals com sentido foram estabelecidas 22 classes. O conjunto 1 era constituído das sílabas CA, MA, PA cuja repetição resultava nas pals CACÁ, MAMA, PAPA (treinadas na fase 1a), e cuja combinação 2 a 2 resultava nas pals CAMA, PACA, MAPA (treinadas na fase 1b), e CAPA, MACA (testadas na fase 1c). O conjunto 2 era constituído das sílabas BA, TA, LA cuja repetição resultava nas pals BABÁ, TATA, LALÁ (treinadas na fase 2a) e cuja combinação 2 a 2 resultava nas pals LATA, BALA, TABA (treinadas na fase 2b), e BATA, TALA (testadas na fase 2c). A interseção ou combinação das sílabas entre os dois conjuntos resultava nas pals MALA, PATA, LAMA, TAPA, MATA, PALA (testadas na fase 3). A LB consistia no teste (AC e CR) de todas as 22 pals e ocorria intercaladamente com cada tipo de treino ou teste. Resultados: Tanto o disléxico quanto o não-disléxico demonstraram leitura recombinativa, lendo as 10 pals novas resultantes da recombinação das 6 sílabas aprendidas nas 12 pals estudadas e com o mesmo grau de facilidade (para as duas a proporção de acertos (pa) nas fases de teste 1c, 2c e 3 foi equivalente àquela das fases de treino, em torno de .95), embora seja ela 2a5m mais jovem que ele. Ambas mostraram pa crescente de LB1 a LB7 (parâmetros de regressão incl(a) e inters(b) para ela .14 e .031, e para ele .62 e .031), sendo a pa relacionada às pals aprendidas (durante LB, a pa foi de 0.63 nas pals treinadas, de 0.45 nas pals com sílaba(s) em comum com as pals treinadas, e de 0.38 nas pals sem sílabas em comum com elas). Isto sugere generalização do ganho derivado das propriedades recombinativas das sílabas empregadas. (*) Pesquisador CNPq e FAPESP; (**) Bolsista CNPq

89

EMERGIR DE REPERTÓRIO DE LEITURA BASEADO EM DISCRIMINAÇÃO CONDICIONAL EM AFASIAS DE BROCA E DE WERNICKE

CAPOVILLA, F.C.(*), Depto Psicologia Experimental, IPUSP; PESTUN, M.S.V. (**). IPUSP e Depto. Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

O estudo 1 avaliou o efeito da remoção de relações de treino sobre o emergir do responder textual em afasia de Wernicke. Sujeito: afásico de Wernicke de 63a, AVC isquêmico 9m atrás com lesão parietal esquerda. Teste Boston revelava frases de 6 palavras com linha melódica plena e agilidade articulatória semi-normal mas apenas com frases familiares; uma parafasia literal por minuto; e compreensão auditiva bastante comprometida com escore zero em compreensão de soletrar oral, baixo em reconhecimento de palavras, e médio em leitura de orações e parágrafos; e incapacidade de repetir frases de menor probabilidade. Aparato: cartões contendo figuras e/ou palavras representando 15 classes apresentadas em blocos de 3 sendo sempre uma de 5 guloseimas, uma de 5 frutas, e uma de 5 bebidas. Cada classe era composta de vocábulo (A), figura (B), e palavra escrita (C), sendo que o afásico era solicitado a escolher um desses itens condicionalmente ao outro (AB, AC, BC, CB) bem como a emitir respostas oral (AR), textual (CR), e de nomeação (BR). Em cada grupo de 3 classes relações eram treinadas e outras testadas. As 10 relações eram: 1)BA, 2)AR, 3)BR, 4)AB, 5)ACB, 6)CB, 7)ABC, 8)BC, 9)AC, 10)CR. A crítica era CR (textual). Dos grupos 2 a 5 de 3 classes, cada vez menos relações eram treinadas antes que CR fosse testada. Nos grupos 1 e 2 todas as relações 1 a 9 eram treinadas; no 3 as relações 5 e 7 eram omitidas; no 4 as relações 5,7,9; e no 5 as relações 2,3,5,7,9. Resultados indicaram que a omissão do treino AC (comparação grupos 3 e 4) levou à necessidade de dobrar o tempo de exposição ao treino para o emergir de CR; e que a omissão dos treinos AR e BR (comparação grupos 4 e 5) levou à necessidade de dobrar o número de etapas de treino para o emergir de CR. Assim, para o emergir da resposta textual neste afásico de Wernicke, as relações mais importantes foram a resposta oral, a de nomeação de figura, e o treino vocábulo-palavra. O estudo 2 avaliou o emergir de reconhecimento silábico em afasia de Broca. Sujeito: afásico de Broca de 44a, AVC 8a atrás, com hemiplegia e hemiparesia. Teste Boston revelava frases de apenas 2 palavras compostas só de palavras com significado praticamente sem forma gramatical ou linha melódica; agilidade articulatória defeituosa; parafasias a cada emissão; escore zero em: leitura oral de palavras (CR), repetição de palavras de menor probabilidade (AR), compreensão de leitura de orações e parágrafos, e compreensão de soletrar oral; ao entanto sua compreensão auditiva era apenas levemente abaixo do normal. Aparato: cartões contendo palavras e/ou figuras ilustrando 4 classes GOMA, MALA, GOLA, MAGO, LAMA, LAGO. Num procedimento padrão de LB era avaliado o efeito do treino sucessivo em cada uma das 3 primeiras classes sobre o desempenho nas 3 últimas. As 9 relações eram: BA, AR, AB, ACB, ABC, CB, BC, AC, CR. Resultados: após treinar GOMA, a proporção de acerto quadruplicou tanto em GOMA quanto em MAGO deixando as restantes inalteradas; após treino em MALA a proporção dobrou tanto em MALA quanto em LAMA; após treino em GOLA a proporção subiu 40% em LAGO. A proporção de erros durante LB também explica as inversões. Pode haver relação entre tais dados e a dificuldade com ordenação sequencial de informação típica do agramatismo de Broca relatado por Schwartz, Saffran, & Marin (1980). (*) Pesquisador CNPq e FAPESP; (**) Bolsista CAPES-PICD

90 LEMBRANÇAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA

WITTER, C. Doutoranda do IPUSP e Docente da Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo.

O processo de alfabetização, leitura e escrita é fundamental para o desenvolvimento pessoal, social e político do ser humano. Este estudo teve por objetivos: levantar o processo de alfabetização, de aquisição da leitura e da escrita conforme a lembrança de sujeitos de idades diferentes e verificar se houve mudanças nestes processos através das respostas de quatro gerações. Sujeitos: 78 estudantes de graduação e pós-graduação cuja idade variou dos 18 aos 50 anos. Material: foi utilizado um questionário com seis perguntas abertas sobre o aprendizado da leitura e da escrita e sobre a alfabetização. Procedimento: o questionário foi aplicado coletivamente em duas classes de pós-graduação e uma de graduação, levando 20 minutos para ser respondido. Os resultados evidenciaram a importância da professora e dos pais no processo de aquisição da leitura e da escrita, bem como a escola e a casa como locais estimuladores do aprendizado; há um predomínio da cartilha e meios impressos para ensinar; os sujeitos apresentaram respostas mais positivas do que negativas nos aspectos afetivos e cognitivos do processo. Comparando-se as diversas gerações, não houve mudanças significativas nos processos de alfabetização, leitura e escrita, no entanto, nota-se a necessidade de pesquisas com delineamentos mais refinados para permitir conclusões mais precisas à respeito deste assunto.

91	EDUCAÇÃO COM ADULTOS: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM SEGUNDO A REALIDADE DO ALFABETIZANDO.

SAVIOS,R.A.C, MEZZAROBA, S.M.B.Universidade Estadual de Londrina.Pr. Tomando a linha de raciocínio e ação propostas por Paulo Freire acreditamos que a educação deve propiciar uma aproximação crítica da realidade, efetivando-se assim uma práxis:ou seja, uma unidade indissolúvel entre ação e reflexão sobre o mundo.Esta pesquisa teve por objetivos caracterizar a população que participa dos grupos vinculados ao projeto "Educação com Adultos", e subsidiar as práticas pedagógicas desenvolvidas por alunos junto à analfabetos. As informações obtidas permitiram que a intervenção fosse baseada em dados da realidade e do cotidiano dos alfabetizandos. Para a coletação dos dados utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas identificando aspectos pessoais, sócio-econômicos, escolaridade, avaliação e expectativas em relação a alfabetização. De um total de 50 pessoas entrevistadas mais de 80% exercem atividades que não exigem habilitação formal. O passeio preferido se restringe a visitas à parentes, igrejas e parques municipais. Quando se referem ao "maior sonho" as maiores incidências são "possuir bens", e "aprender a ler/escrever". As aspirações de ordem "filosófico-existencial" apontam para o "bem estar dos filhos", "viver em paz com Deus" e a "salvação eterna". As suas frustações se associam à ausência da Educação Formal. Os principais motivos de saída da escola são: "problemas familiares", e a "distância casa/escola". A leitura e escrita são, para eles, essenciais para a mudança de vida e melhoria de emprego. Não se consideram responsáveis por sua "ignorância" acadêmica, esperam aprender a ler e escrever para ler e emitir correspondência e textos bíblicos. Constatou-se que trabalhar com os dados da realidade dos alfabetizandos é condição básica para um aprendizado efetivo e rápido, além de no processo de ensino-aprendizagem estar se atendendo os interesses específicos de cada grupo de trabalho.

Financiamento: Coordenadoria de Extensão à Comunidade da UEL e MEC/FNDE

92 *EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS EM UMA CADEIA PÚBLICA.* *Tfouni,L.V.; Machado,V.L.S.; Da Silva,A.P.S.; Pantoni,R.V. (Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP)*

Este trabalho é o relato de uma experiência de alfabetização de detentos realizada em caráter de estágio supervisionado para a formação de psicólogo junto ao Centro de Psicologia Aplicada do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP. Partindo de uma fundamentação teórica sócio-interacionista-construtivista (com base nos trabalhos de Vygotski e Emília Ferreiro) e uma postura pedagógica freireana, o estágio foi desenvolvido durante 4 meses (6 horas semanais). O objetivo geral era auxiliar os detentos no domínio do código escrito no sentido de satisfazer suas necessidades imediatas: aprender a ler e escrever seus nomes (o que facilita a obtenção de documentos), ler suas correspondências pessoais e processos penais etc; bem como ajudá-los na apropriação dos saberes socialmente acumulados. A seleção dos alunos foi realizada com auxílio dos carcereiros e obedeceu os seguintes critérios: ser analfabeto, estar com situação processual definida e, término do cumprimento de pena próximo ao final do estágio, apresentar bom comportamento. A classe ficou restrita a 4 alunos (de 21 a 32 anos) por problemas de espaço físico e escolta policial. Quanto à metodologia: inicialmente realizou-se uma avaliação quanto aos níveis de concepção da língua escrita de cada aluno. Durante o processo valorizou-se a produção coletiva e individual de textos através de um rol de atividades realizadas com diferentes portadores de textos: bilhetes, cartas, jornal, textos poéticos, textos religiosos, crônicos etc. A produção coletiva de textos passava primeiramente por uma fase oral (reflexão/discussão do tema escolhido) e em seguida para a forma escrita (quando cada alfabetizando trazia suas contribuições). Durante o processo valorizou-se a troca intensa de informações, procurando respeitar o ritmo de cada aluno. O tema predominante foi a própria condição de estar preso e suas implicações sociais. Além dessa reflexão, a proposta possibilitou a percepção, por parte dos alfabetizandos, do valor social da escrita e de suas capacidades de criação (autores da escrita). Isso favoreceu uma melhora na auto-imagem e na construção de projetos futuros. Parece que diante da realidade da população carcerária, um trabalho sistemático desse tipo poderia instrumentalizá-los para a realização de projetos futuros e auxiliá-los no processo de reabilitação.

93

A ALFABETIZAÇÃO MONTESSORIANA FACE A TEORIA CONSTRUTIVISTA-INTERACIONISTA DE ALFABETIZAÇÃO.

LAMY, Cersolina A.Avelar. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

O presente trabalho objetiva estudar a contribuição de Maria Montessori, na área de alfabetização escolar. Toma como fundamento modernas pesquisas na área, desenvolvidas no contexto da descoberta da Psicogênese da escrita, na década de 70.

Aproximações têm sido feitas por diversos autores, entre os pressupostos teóricos de Montessori e do Construtivismo piagetiano, que por sua vez, faz parte dos fundamentos da Teoria Construtivista-Interacionista de Alfabetização.

Esta pesquisa verifica os pontos de convergência e de divergência, a nível teórico, entre as duas abordagens da alfabetização.

Apesar do paralelismo que tem sido apontado, entre Montessori e o Construtivismo, na área da alfabetização escolar, são maiores os pontos de distinção do que de aproximação, entre as duas teorias.

Os pressupostos montessorianos, quanto à alfabetização escolar, diferem do Construtivismo-Interacionismo por conceber a leitura-escrita, a partir da Teoria Associacionista de Aprendizagem e, por conceber a alfabetização como um "saber escolar" não se dando conta do "saber social" no processo. Muitos pontos, porém, aproximam os dois enfoques, especialmente, pelo fato de buscarem, em comum, compreender a criança como sujeito do processo; o contato com o objeto "leitura-escrita", como pré-requisito da aprendizagem e uma avaliação formativa, onde o controle do erro é feito pela própria criança, ajudada pelo professor.

94 "INTERVENÇÃO JUNTO A UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA INFANTIL: PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE PAIS"

LOGATTI, A.M., VIEIRA, M.C.S., PSICÓLOGA e ASSISTENTE SOCIAL do Centro de Estudos, Assessoria e Orientação Educativa "Dante Moreira Leite"(CEAO), Unidade Auxiliar da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Campus de Araraquara.

Esse trabalho é conseqüência da 1ª fase "Criação de Condições", realizado junto a Diretoria do Centro de Convivência Infantil "Casinha de Abelha" - (CCI), UNESP - Araraquara no ano de 1990. O objetivo dessa 2ª fase foi elaborar/testar e implantar um Programa de Educação de Pais de crianças de zero à seis anos de idade que possibilite informar a respeito de desenvolvimento infantil e promover a relação criança-família-escola. Este programa foi realizado através de reuniões quinzenais na instituição. Os recursos utilizados para o desenvolvimento das reuniões foram: filmes em video-cassete e discussão com conteúdos previamente preparados. Os resultados principais desta intervenção foram: a elaboração de um Programa de Educação de Pais composto pelos temas Desenvolvimento Afetivo, Agressividade, Disciplina, Brincadeiras, Curiosidade, Comunicação entre Pais e Filhos, A Criança e a Escola e A Criança/Escola e a Família; este Programa mostrou-se adequado a realidade do Centro de Convivência e a continuidade desta intervenção com a participação direta da coordenadora de Creche nas reuniões com os pais no ano de 1992.

95

VOLTAR A BRINCAR - UM ESTUDO SOBRE CURSO DE ATUALIZAÇÃO PARA EDUCADORES DE CRIANÇAS.

Azevedo Marques, Maria Fernanda Lopes de; Vieira, Theresinha.
Programa de Pós Graduação em Educação Especial da UFSCAR.

O trabalho pretende explorar os alcances e limites de um curso de atualização elaborado e oferecido para professoras da pré-escola municipal de São Carlos.

A principal proposta do curso foi promover uma reflexão por parte das professoras sobre seu papel profissional, através de jogos de criatividade. Os temas trabalhados foram levantados anteriormente com grupo de professoras interessadas em participar do curso. Procurou-se então articular informações básicas sobre alguns assuntos de interesse ao papel desempenhado pela educadora no desenvolvimento de seus alunos.

Para elaboração e execução do referido curso foram utilizados: alguns princípios e propostas da Pedagogia Freinet, exercícios facilitadores extraídos do Método Laban de Análise do Movimento Corporal e técnicas psicodramáticas.

O curso foi composto por oito aulas divididas em dois módulos complementares.

A análise do processo de desenvolvimento do curso foi feita a partir das sequências dos principais acontecimentos das aulas e dos registros das produções das participantes, tendo como referencial o modelo da técnica operativa da Psicologia Social elaborada por Pichon-Rivière e seus colaboradores.

O primeiro módulo do curso funcionou como um momento de abertura e de preparação; dele participaram vinte e sete professoras. Deste grupo inicial, onze pessoas concluíram o segundo módulo, utilizando-o como um grupo operativo cuja tarefa foi buscar soluções para problemas de relacionamento com alunos.

Esse estudo mostra que essa proposta de trabalho pode trazer contribuições importantes para a assessoria de educadores em serviço.

Bolsa de Mestrado - CAPES.

96

PREVENINDO DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM : A AÇÃO COM PROFESSORES E FAMÍLIAS.

Santos, S.A.L.,Marchtein, M.E.A.L , Contreras, M.L.S , Gentile, T.F.C , Moraes, M.J , Clínica de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Preocupadas com a grande quantidade de alunos enviados pelas escolas públicas à Clínica-Escola da Universidade de Taubaté para avaliação psicológica, este trabalho foi realizado com objetivo preventivo, visando possibilitar a articulação entre a escola e familiares dos alunos da rede pública estadual em Taubaté, para favorecer a atuação adequada como facilitadores do desenvolvimento infantil. Às escolas que apresentaram maior demanda para psicodiagnóstico foi proposto um serviço que, ao lado do atendimento clínico , realizado nas dependências da Clínica, envolvesse reuniões semanais entre professores, funcionários e administração e com as famílias, realizadas na escola. A partir de estratégias de dinâmica de grupo e palestras, conduzidas pelas Psicólogas e Assistente Social que visavam criar e orientar discussões das dificuldades vivenciadas pelo pessoal da escola em sua atuação e proporcionar às famílias dos alunos melhoria do nível de vida social e cultural, verificou-se a sensibilização dos temas propostos, possibilitando mudanças de crenças e consequentemente de atitudes. Percebeu-se que o escasso envolvimento entre direção-professores-famílias-aluno prejudica o rendimento escolar, gerando os encaminhamentos à avaliação psicológica. Além dos efeitos positivos relatados pelos participantes durante o trabalho, e da solicitação de outras escolas para serem incluídas no projeto, uma conseqüência importante foi a significativa diminuição de encaminhamentos à Clínica para Psicodiagnóstico

97

ANALISE DA EFICACIA DO USO DE TÉCNICAS COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS NO TRATAMENTO DA HIPERTENSÃO ARTERIAL

R. Goraveb, e F. M. Gomes – Fac. de Medicina da USPRP

Hipertensão arterial consiste na elevação da pressão sanguinea de forma continua Esta se refere à medida da força que o sangue exerce contra as paredes dos vasos sanguineos do corpo durante o ciclo cardiaco. Segundo a Organização Mundial de Saúda o individuo é considerado hipertenso quando apresentar vários registros de pressão arterial com valor acima de 140/90 mm/Hg. Por ser a hipertensão arterial uma doença prevalente e as doenças do aparelho circulatório a principal causa de morte na população brasileira, salienta-se a importância da intervenção junto à população para reduzir os elevados indices de morbidade e mortalidade, promovendo também a qualidade de vida. Para tanto, 20 (vinte) pacientes hipertensos foram atendidos em grupo, semanalmente, durante um minimo de 15 semanas, por psicólogos, com o objetivo de orientação, conscientização e auto-controle dos comportamentos relacionados à hipertensão, incluindo adesão ao tratamento médico. Foram utilizados, dentro de uma abordagem teórica cognitivo-comportamental, os procedimentos de orientação para mudança de dieta alimentar, realização de atividades físicas, ingestão adequada de medicamentos, medida periódica da pressão arterial, com reforço diferencial para reduções progressivas da pressão, feedback gráfico, treino de relaxamento muscular e cognitivo, manejo de técnicas anti-depressivas, de controle de stress e de aumento da assertividade. Os resultados obtidos indicam que houve um decréscimo médio de 15 mm/Hg na pressão arterial sistólica e 10 mm/Hg na pressão diastólica. Além disto observa-se uma relação direta entre a mudança de hábitos e o controle dos fatores emocionais com as alterações da pressão arterial. Estes dados argumentam a favor do uso de técnicas cognitivo comportamentais como tratamento coadjuvante da hipertensão arterial. Este procedimento demonstra ser um método de intervenção eficiente na prevenção de doenças e promoção de saúde na comunidade. Levando em conta os resultados desta pesquisa pretende-se discutir a relevância do papel do psicólogo no tratamento de doenças físicas.

Apoio Financeiro: FUNDAP

98 **ANÁLISE DAS INTERCONSULTAS MÉDICO-PSICOLÓGICAS: O ESPAÇO DO PSICOLÓGICO NUM HOSPITAL - ESCOLA.**

Ana Teresa de Abreu Ramos-Cerqueira, Sebastião Ambrosio, Neuza Maria Vilela Fonseca, Maura Magna Cardoso - Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP.

Entendendo-se a interconsulta médico-psicológica (IC) como a atuação do psicólogo no contexto clínico, onde a clínica e a patologia da relação médico paciente operam e podem ser detectadas, o presente trabalho analisou,com este enfoque,as IC realizadas em 1991, no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu.

Foram solicitadas 54 IC e destas estudou-se dados do paciente (idade, sexo e diagnóstico), o motivo do pedido, o responsável e a clínica solicitantes e a avaliação do interconsultor sobre motivos latentes da solicitação. Verificou-se que na maioria dos pedidos havia descrição de aspectos psicológicos do paciente, sendo estes em torno de 40% manifestações depressivas, predominaram dificuldades relacionadas à aceitação do diagnóstico e tratamento (45%) e quadros clínicos com mau prognóstico, perda de função ou partes do corpo e doenças crônicas. Encontrou-se ainda que havia aproximadamente 40% de coincidência entre a avaliação do médico e a do psicólogo quanto à descrição do áspecto psicológico dos pacientes, porém, apenas o psicólogo identificou problemas no relacionamento com o médico e/ou equipe, sendo mais frequente a dificuldade de abordar aspectos psicológicos do paciente. Estes resultados serão discutidos como indicativos da visão da dissociação mente-corpo característica da formação médica, e consequentemente do papel real e idealizado do psicólogo na estrutura hospitalar.

99 **ANÁLISE COMPARATIVA DAS INTERCONSULTAS PSICOLÓGICAS E PSIQUIÁTRICAS NUM HOSPITAL-ESCOLA: REFLEXOS DA FORMAÇÃO MÉDICA.**

Ana Teresa de A. Ramos Cerqueira; Sumaia Inaty Smaira; Fábio José Vaz; Antonio Tornick Junior; José A. Viana Garcia da Silveira- Departamento de Neurologia e Psiquiatria-Faculdade de Medicina de Botucatu-UNESP.

O objetivo deste trabalho foi analisar comparativamente as Interconsultas (IC) solicitadas à Psicologia e à Psiquiatria e a partir dessa comparação estudar características da formação médica relativas à visão dos aspectos psicológicos e psiquiátricos do paciente internado num hospital universitário.

Foram analisadas todas as 54 IC realizadas pela Disciplina de Psicologia, e 54 escolhidas aleatoriamente entre as 120 realizadas pela Psiquiatria. Estudaram-se dados dos pacientes (idade, sexo, diagnóstico), clínicas solicitantes e características dos pedidos da IC como: descrição psicológica e/ou psiquiátrica do paciente, referência à problemas de relacionamento com o médico e/ou equipe, diagnóstico da IC e conduta.

Verificaram-se diferenças nos tipos de diagnóstico e solicitações feitas, predominando nos pedidos à Psiquiatria os quadros com alterações mais graves, solicitação de avaliação ou prescrição de psicofármacos, havendo também uma atuação mais pontual da Psiquiatria que da Psicologia, cuja atuação marcava-se mais pela atuação a nível de acompanhamento psicoterápico e esclarecimento psicodinâmico do caso.

Estes resultados serão discutidos como indicações de uma visão dissociada de aspectos psicológicos e orgânicos por parte do corpo médico e de uma visão organicista da própria psiquiatria.

100 AVALIAÇÃO DA ANESTESIA BUCAL EM CRIANÇAS: UMA ANÁLISE OBSERVACIONAL. Monica I.M.Brandi*; Denise A. Martinelli*; Antonio B.A.de Moraes (Faculdade de Odontologia de Piracicaba - FOP-UNICAMP).

A aplicação da anestesia bucal constitui uma etapa de grande importância no tratamento odontológico, visto que o seu sucesso permite reduzir a dor e a ansiedade do paciente. O objetivo deste trabalho foi descrever o desempenho clínico do aluno de Odontologia durante a aplicação de anestesia.

Para tanto, utilizou-se como sujeitos 44 alunos do 4º ano de graduação da FOP-UNICAMP (1991), os quais foram observados em dois episódios de aplicação de anestesia, atendendo pacientes diferentes. Foi elaborado um Instrumento de Observação contendo 20 passos comportamentais do aluno, sendo 8 passos técnicos (representam a aplicação da anestesia propriamente dita) e 12 passos não-técnicos (designam comportamentos verbais) e uma escala de avaliação do comportamento da criança. Os resultados indicam que a porcentagem de ocorrência dos passos técnicos foi 61,9% na primeira observação e 56,0% na segunda e a de passos não técnicos foi 21,7% e 16,86% em média, respectivamente. Os passos técnicos que mais ocorreram foram aqueles que representam a aplicação da anestesia propriamente dita, isto é, "Penetrar a agulha na mucosa" e "Injetar o anestésico".

Os passos não-técnicos que mais ocorreram foram "Comandar verbalmente" e "Explicar o procedimento". Relacionando o comportamento da criança com sua faixa de idade, os resultados indicam que quanto maior a faixa de idade, os comportamentos avaliados como negativo, tendem a diminuir. Verificou-se ainda que na primeira observação 29,5% das crianças foram avaliadas como "negativas" durante a aplicação da anestesia e na segunda observação 19,5% foram assim avaliadas. Esse dado sugere uma melhora no desempenho do aluno da primeira para a segunda observação embora a porcentagem média de passos realizados tenha diminuido.

*(Bolsa de Iniciação Científica - FAPESP).

101

PREVALÊNCIA DO "MEDO ODONTOLÓGICO" EM ADULTOS JOVENS

Sandra Maria Costa(*) - FOP - UNICAMP
Antonio Bento A. Moraes - FOP - UNICAMP

Os estudos clínicos e de pesquisa têm visto com crescente interesse o problema do medo no tratamento odontológico. O medo tem sido reconhecido como uma fonte de problemas na conduta de pacientes, constituindo uma barreira que diminui a probabilidade de sucesso no tratamento. Este estudo examina a prevalência do "medo odontológico" em adultos jovens, na faixa etária de 15 a 20 anos, através da aplicação de um questionário de avaliação denominado "Dental Fear Survey", o qual avalia a extensão e severidade desse medo. Participaram do estudo, respondendo individualmente o questionário, 480 alunos do sexo masculino de uma escola militar de 2o. grau (Exército); 302 alunos de 2o. grau de uma escola pública e 263 alunos de 2o. grau de uma escola particular. Os dados foram analisados para cada grupo em separado, considerando-se a porcentagem de ocorrência das respostas dos participantes para cada item do questionário. Depois foi feita uma análise comparativa entre os grupos, procurando avaliar a prevalência do "medo odontológico", relacionar objetos específicos causadores de medo e encontrar possidiferenças por idade e sexo. Os resultados mostraram a seguinte porcentagem de indivíduos de alto "medo odontológico": 1.87% dos sujeitos da escola militar, 7.6% dos sujeitos da escola particular e 13.58% dos sujeitos da escola pública. Os estímulos mais fortemente produtores de medo foram a agulha e nestésica e o motor odontológico. Houve diferenças quanto à prevalência do medo por sexo, onde as mulheres reportaram maior medo, mas não houve diferenças por idade, pois os sujeitos avaliados pertencem à mesma faixa etária. Diante de uma prevalência de medo considerável, esforços são necessários para ensinar os dentistas a prevenir e intervir sobre o desenvolvimento do "medo odontológico" nos pacientes.

(*) Bolsista FAPESP

102

"CRENÇAS" E "EXPECTATIVAS" DE PACIENTES: SUAS RELAÇÕES COM A ADESÃO OU NÃO A PSICOTERAPIAS EM SERVIÇOS PÚBLICOS DE SAÚDE MENTAL.

NEME, Carmen M. B.; Depto de Psicologia - F. C. UNESP, BAURU.

Como parte de pesquisa sobre o Abandono Prematuro de Psicoterapias em serviços públicos de Saúde Mental, este trabalho visa comparar variáveis de caracterização de Terapeutas, e outras, de pacientes "abandonadores prematuros" e "continuadores" de psicoterapias, enfocando os itens: expectativas prévias dos pacientes e motivos alegados para continuar ou não em tratamento. Os pacientes, adultos, de ambos os sexos, considerados "abandonadores" ou "continuadores" do tratamento, não apresentaram diferenças significativas nos dados de caracterização pessoal, exceto quanto ao nível sócio-econômico: "carente" e "baixo" para "abandonadores" e "médio/médio-alto" para "continuadores". Os Terapeutas não apresentaram diferenças significativas em quaisquer dos itens pesquisados: sexo, idade, tempo de experiência profissional, estado civil, orientação teórica utilizada. Os dados dos pacientes, coletados dos prontuários e via entrevistas diretas e pessoais revelaram: o mesmo tipo de expectativas prévias quanto ao tratamento e diferenças significativas entre os dois grupos estudados quanto aos motivos alegados como decisivos para a adesão ou não à psicoterapia e avaliações quanto à correspondência entre expectativas e tratamento. Os resultados permitem sugerir a relevância do aspecto "crença"/"confiança" no tratamento e/ou terapeuta e a aparente ocorrência de diferenças de referencial semântico-cultural entre pacientes de níveis sócio-econômicos diferentes com relação ao problema pesquisado.

103	COMPORTAMENTOS MOTORES E VERBAIS DA MÃE E DO BEBÊ DURANTE A PRÉ-CONSULTA NUM CENTRO DE SAÚDE

GIMENIZ, S.R.* e SILVARES, E.F.M.- Universidade de São Paulo, São Paulo.(*) Universidade Estadual Paulista, Marília.

A despeito das tentativas crescentes de atuação do psicólogo em Centros de Saúde, são poucos os trabalhos que procuram conhecer os comportamentos da população usuária a fim de obter subsídios para atuar de forma preventiva. Foi neste sentido que se realizou este trabalho descritivo e exploratório, com o objetivo de caracterizar os comportamentos motores e verbais emitidos pela díade mãe-criança durante a pré-consulta. O ambiente utilizado foi o Setor de Pediatria de um Centro de Saúde Escola Público da cidade de São Paulo. Os sujeitos foram 39 díades mãe-criança, sendo 23 bebês do sexo masculino e 16 bebês do sexo feminino, com até 4 meses de vida. Utilizou-se 1 temporizador eletrônico e 1 gravador de fita k7. Foi feita 1 observação de cada díade, com registro cursivo codificado, com duração média de 8 min. e em intervalos de 10 seg., sendo concomitantemente gravados os sons. A pré-consulta foi dividida em 4 momentos:1º despir, 2º pesar, 3º medir e 4º vestir. A porcentagem de tempo gasto para cada momento, respectivamente, foi de 20, 10, 10 e 60%. Quanto ao comportamento motor, o de maior frequência, em relação à mãe, no 1º momento, foi o "tirar a roupa do bebê", no 2º e 3º "olhar para o bebê" e no 4º "vestir a roupa do bebê"; em relação ao bebê, no 1º momento foi o "dorme" , no 2º e 3º "olha para o teto" e no 4º "olha para a mãe". Quanto ao comportamento verbal, o mais frequente da mãe, no 1º e 2º momentos, foi o "falar com o funcionário" e no 3º e 4º "falar com o bebê"; em relação ao bebê, durante todos os momentos, o de maior frequência foi o "resmunga". Análises das díades com frequências extremas parecem revelar uma tendência de relacionamento direto entre as frequências de comportamento motor e verbal da mãe e seu filho, principalmente o do sexo masculino. Assim, a mãe apresentou comportamentos em sua maioria coerentes com a tarefa que deveria desempenhar, podendo ser este um repertório a ser mantido; porém, outros pareceram menos adequados e poderiam ser modificados (como o "afastar-se do bebê deixando-o em perigo para cair") O controle que comportamentos da mãe exerce sobre o bebê e vice versa, indicam a importância de orientar as mães acerca de suas interações com o filho. Este apresentou comportamentos de exploração visual e outros cuja estimulação poderia ser incrementada. Outras propostas de atuação indicaram a importância deste estudo

Auxílio financeiro: CNPQ

104 **Motivação para Estudar Psicologia: Um Estudo entre Calouros no Brasil.**
Silva, A. V., Günther, H., Borges, M. M. Universidade de Brasília

Por que é que nossos alunos estudam psicologia? Surpreendentemente, quase não existem estudos sistemáticos sobre o tema. Numa revisão das publicações constantes no *Psychological Abstract* entre 1978 e 1991, foram encontradas referências a três estudos: na Espanha, França e Alemanha.

Objetivo. No presente trabalho apresenta-se uma caracterização geral dos participantes brasileiros em um estudo transcultural sobre a motivação para estudar psicologia. Além do mais, compara-se a motivação de alunos em universidades públicas e particulares; de quem leu algum livro de psicologia antes de ingressar no curso; de alunos para os quais estudar psicologia foi a primeira opção, ou não.

Método. Todos os departamentos de psicologia do país foram contactados, solicitando-se a distribuição do questionário entre os calouros do curso de psicologia. Vinte e sete departamentos colaboraram, sendo 14 destes de instituições particulares e 13 de instituições públicas. Um total de 1146 alunos responderam, sendo 57,7% de IES particulares. O questionário de nove páginas, contendo predominantemente perguntas fechadas, foi aplicado em sessões coletivas.

Resultados. A idade dos respondentes variou entre 16 e 52 anos, sendo a média de 22½; 82,8% dos respondentes são do sexo feminino. Um pouco mais do que ¼ dos respondentes indicou que fez o vestibular apenas uma vez; ¾ tentou o vestibular para apenas uma instituição; dos demais, ¾ disseram que estão na instituição desejada.

Quanto a alternativas ao curso de psicologia, 104 (9,1%) terminaram um outro curso antes de estudar psicologia, 169 (14,7%) começaram a estudar uma outra área sem, entretanto concluí-la, 489 (42,7%) consideraram uma outra área, principalmente medicina (173), direito (83) e odontologia (43) sem ingressar nela, enquanto que 384 (33,5%) nem consideraram uma outra opção. Perguntados se tinham lido algum livro de psicologia antes do curso, quase a metade respondeu que não. Entre as leituras mencionadas, destacam-se Freud (66) Jung (52) Piaget (16), Reich (13), Rogers (12) e Skinner (2).

Uma análise fatorial dos 31 itens sobre motivação para estudar psicologia resultou em 6 fatores: FALTA de alternativas (4,91), vantagens esperadas do EMPREGO (3,57), compromisso SOCIAL (2,18), obter uma boa EDUCAÇÃO (3,32), AUTO CONHECIMENTO (2,64), e preocupação com psicologia como CIÊNCIA (3,25). A média, na escala de 1 (aplica-se) à 6 (não se aplica) é dada nos parênteses.

Uma ANOVA com medidas repetidas indica uma diferença significativa entre as importâncias dos seis fatores motivacionais. Quando acrescentada universidade (pública vs particular) como variável antecedente, verifica-se tanto uma diferença no sentido de que todos os motivos são mais pronunciados entre os alunos das faculdades particulares, quanto um efeito de interação: a diferença é mais forte para os motivos FALTA, EMPREGO e EDUCAÇÃO. Quando acrescentada leitura de livros de psicologia antes de ingressar no curso, não foi detectada diferença global entre quem tinha e quem não tinha lido algum livro. Entretanto, verificou-se uma interação, no sentido de que para os leitores, os motivos SOCIAL e EDUCAÇÃO eram mais fortes, e o motivo FALTA de alternativas menos forte. Comparando os que consideraram ou até estudaram outra área antes de psicologia, não foi encontrada diferença global entre os 4 grupos, mas novamente um efeito de interação no sentido de que FALTA era menos importante para quem tinha estudado em outra área; EMPREGO, AUTO CONHECIMENTO e CIÊNCIA mais importantes para quem nem pensou em estudar outra área, e os fatores SOCIAL e EDUCAÇÃO mais importantes para quem tinha terminado outro curso.

Discussão / Conclusão. De maneira geral, compromisso social e auto conhecimento são os dois fatores mais importantes como motivação para estudar psicologia. Nota-se, ainda, que a leitura de livros de psicologia reforçam o compromisso social como motivação para estudar psicologia. Entre os calouros das instituições particulares, os fatores motivacionais emprego e educação têm importância mais alta. Estes achados sugerem um preocupação maior, neste grupo, com o retorno financeiro.

Apoio. Este projeto sobre a motivação para estudar psicologia está sendo desenvolvido em colaboração com Prof. Rudolf Fisch, da Universidade de Konstanz, Alemanha; instituição que ofereceu apoio financeiro parcial.

105 A REPRESENTAÇÃO DO PSICOLOGO ENTRE ALUNOS DE PSICOLOGIA E PUBLICO LEIGO: VERDADES E FANTASIAS. Lidia Natalia Dobrianskyj Weber, Adriane Rickli * e José Daniel Liviski *. Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

Este trabalho teve o objetivo de verificar a representação social do psicólogo e da psicologia oriunda de alunos recém admitidos no curso de Psicologia da UFPR e sua opinião sobre a imagem do psicólogo junto à população leiga. Foram sujeitos 112 alunos de Psicologia da UFPR, os quais responderam por escrito duas questões sobre o tema em seu primeiro dia de aula, e 300 habitantes de Curitiba, ambos os sexos e maiores de 13 anos. Os resultados mostraram que os alunos supõem que praticamente toda a população já ouviu falar do psicólogo, mas que esta população possui uma imagem negativa e errada, achando o psicólogo "dispensável" e conceituando-o como "médico de loucos". Os próprios alunos pesquisados têm uma atitude positiva frente ao psicólogo e à psicologia e apontam este profissional, em primeiro lugar, como um "solucionador de problemas"; em seguida, percebem-o como um "profissional que ajuda as pessoas" e que "promove autoconhecimento". As entrevistas mostraram que 77% da amostra da população de Curitiba já ouviu falar do psicólogo. Daqueles que tinham informação sobre este profissional, a maioria absoluta indicou uma valoração positiva ou neutra, percebendo-o como uma pessoa calma, que sabe ouvir, que ajuda, orienta e aconselha as pessoas e também soluciona problemas. Conclui-se que alunos recém admitidos no cursos de Psicologia da UFPR têm uma opinião radicalmente equivocada em relação à representação social que o público leigo tem do psicólogo.

* Bolsista de Iniciação Científica do CNPq/UFPR sob orientação da primeira autora.

106

QUALIDADE DE VIDA/BEM-ESTAR SUBJETIVO ENTRE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

PEREIRA,C.A.A., NEVES,E.L.M.,DUARTE,J.G.M. , FACCHINETTI,C., VIEIRA,A.B.P., CRUZ,A.G. E FREITAS,E.C. Instituto de Psicologia, NERA, UFRJ.

Este estudo de campo teve por objetivo verificar de que forma a Qualidade de Vida (QdV)/Bem-Estar Subjetivo (BES) (Diener,1984) é percebida por um grupo de 50 estudantes do Curso de Psicologia da UFRJ, durante o 1º semestre de 1991. Em sua maioria solteiros e do sexo feminino (80% e 76% respectivamente), de idades entre 19 e 53 anos (Md=22 anos ; 76% entre 19 e 25 anos), residindo com a família (76% e distribuídos entre o 6º e 10º períodos. 24 elementos integrantes da vida em geral e da vida no ambiente universitário foram avaliados subjetivamente por escalas do Diferencial Semântico (osgood,1957), além do formulário conter quatro questões abertas sobre o "acompanhamento pedagógico" , "o que é melhor na sua vida acadêmica", "o que é pior" e "sugestões de melhoria da QdV no Curso de Psicologia. VIDA EM GERAL, ESTADO FÍSICO, MORADIA E ATIVIDADES DE LAZER foram aspectos avaliados como ligeiramente positivos (satisfatórios, felizes e bons). A visão de vida para "daqui a 5 anos" foi melhor ($\bar{X}$ = 5,76) do que a visão de "5 anos atrás" ($\bar{X}$ = 4,84), revelando otimismo. Frente aos aspectos da VIDA ACADÊMICA houve tendência da amostra a avalia-los de forma relativamente não-satisfatória, entre neutros e muito insatisfatórios (médias entre 4.0 e 2.0). Os resultados levaram à conclusão de que o julgamento de aspectos da vida em geral são mais positivos do que as avaliações sobre elementos particulares da vida acadêmica.Adicionalmente, 24% da amostra sugeriu uma revisão curricular do Curso de Psicologia, além de 18% apontarem para melhoria das condições de infra-estrutura em geral.

107

A CONCEPÇÃO DE PESQUISA E O ALUNO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SEIDL DE MOURA, M.L.* ; SANTOS, T.G.* ; BOSCO, E.* ; DINIZ, L.F.* & CORREA, J.**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho visa fornecer subsídios para a discussão da formação de pesquisadores através do aprimoramento de ensino de metodologia de pesquisa e integração do aluno em linhas de pesquisa desde seu ingresso na Universidade. Documentos e estudos na área têm revelado a situação da graduação, em que L. Marcelino (1992) considera ser praticamente inexistente a preocupação com formação em pesquisa.

Foram estudadas as concepções de pesquisa em psicologia de 95 alunos de graduação de duas universidade públicas do Rio de Janeiro. A análise das respostas ao questionário permitiu a identificação de temas comuns: O Conhecimento; Ciencia e evolução cientifica; Teorias; Conhecimento sobre pesquisa; mudanças em Psicologia; Técnicas de pesquisa; qualidades da pesquisa e do pesquisador; dificuldades; pesquisa, mudança social e questoes ideológicas; o ensino da pesquisa. Ficam evidentes uma insatisfação com o ensino de metodologia de pesquisa e a admissão de pouco conhecimento na área. Delineia-se uma concepção idealizada da atividade de pesquisa e do papel do pesquisador, vistos como significativamente importantes, mas distantes das possibilidades de atuação na área, dependentes de forte motivação pessoal que permita ultrapassar as dificuldades que constituem obstáculos por vezes intransponíveis, que desencorajam os poucos interessados. Salienta-se a quase total ausência de respostas que apontam pesquisa como área de interesse em psicologia, e de leitura de periodicos na area. Predomina a indicação como mais apropriados, de "métodos qualitativos" e técnicas de questionários e entrevistas.

Pode-se concluir que a formação em pesquisa necessita ser discutida. O ensino parece desarticulado da convivência com professores pesquisadores produtivos. Acredita-se que a analise desses resultados e sua discussão possa contribuir para a tentativa de reverter a situação preocupante de que nos falam, entre outros, L. Marcelino e M.A. Matos.

108

CATEGORIAS PROFISSIONAIS DE INCLUSÃO E CONTRASTE : UMA APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO AO ESTUDO DO PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO SOCIAL.

SIQUEIRA, M.M.M.; GONIDE Jr, S.; MARQUES, T.M. Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia.

Neste estudo os autores examinaram, de forma integrada, diversos postulados concernentes ao processo de categorização social. Trinta estudantes universitários (15 de Psicologia e 15 de Economia), distribuídos ao acaso para três condições de estudo foram instados, através de instruções contidas nos instrumentos, a criar categorias profissionais de inclusão e contraste, a apontar as suas características, os motivos de suas criações, as suas diferenças, os seus protótipos e o grau de tipicidade de cada profissional categorizado. As respostas livres, submetidas à análise de conteúdo morfo-sintática, não apresentaram diferenças significativas entre psicólogos e economistas. A categorização temática revelou a utilização de temas divergentes entre os dois grupos de estudantes. Estes resultados, bem como aqueles referentes à indicação de protótipos e à atribuição do grau de tipicidade do profissional, foram analisados e discutidos de forma integrada à luz dos postulados teóricos referentes aos fenômenos de categorização, identificação e representação social.

109

CARACTERIZAÇÃO DAS ATITUDES DE PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NA FORMAÇÃO DE ALUNOS DE UM CURSO DE PSICOLOGIA, FRENTE À DOENÇA MENTAL.

CABRAL, E. e JAPUR, M - Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP - Universidade de São Paulo.

A literatura tem mostrado a predominância de atitudes preconceituosas e estereotipadas frente ao doente mental, tanto por parte da população em geral, quanto dos profissionais da área de saúde e o quanto estas atitudes influenciam negativamente na reabilitação do paciente psiquiátrico. Além disso, os estudos sobre esse tema, apontam alguns fatores relacionados às mudanças atitudinais, como as atitudes do professor ou o sistema de valores atuais e habilidades pessoais do estudante. Frente a esse problema, a presente investigação teve por objetivo caracterizar as atitudes frente à Doença Mental dos profissonais envolvidos na formação dos alunos de um Curso de Psicologia. A amostra foi constituída por 35 professores e psicólogos do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP, sendo que 16 deles declararam não possuir a intenção de desenvolver junto aos alunos, atitudes frente ao doente mental (sub-grupo A), enquanto que 19 deles declararam possuir tal intenção (sub-grupo B). Utilizou-se a Escala de Opiniões Frente à Doença Mental(Rodrigues, 1983), auto-aplicada. A análise dos dados foi realizada através de testes estatísticos não-paramétricos (Friedman e Mann Whitney). Os resultados indicaram que o grupo total mostrou forte adesão às atitudes Benevolentes e de Ideologia de Higiene Mental enquanto o Autoritarismo mostrou-se a atitude de menor intensidade. Os elementos diferenciadores entre os sub-grupos foram: a atitude Autoritária mais intensa no sub-grupo A, em relação ao B; e a atitude de Etiologia Interpessoal mais intensa no sub-grupo B, em relação ao A. A análise comparativa desses resultados com o perfil atitudinal dos alunos desse mesmo curso (Cardoso e Japur, 1990) apontaram alguns elementos importantes para a questão da formação profissional dos psicólogos.

Bolsa de Iniciação Científica - FAPESP

120 **Motivação para Estudar Psicologia: Um Estudo Comparativo de Calouros no Brasil e nos Estados Unidos.** Pfeiffer, E. F., Günther, H. Universidade de Brasília.

Embora psicologia seja uma das áreas de estudo mais procuradas, é notável que existam poucos estudos sistemáticos sobre a razão desta procura. Numa revisão das publicações constantes no *Psychological Abstracts* entre 1978 e 1991, foram encontradas referências à três estudos na Espanha, França e Alemanha.

Objetivo. No presente trabalho apresenta-se uma comparação da motivação para ingressar no curso de psicologia entre alunos iniciantes de universidades brasileiras e norte-americanas.

Método. Respondentes de 27 universidades brasileiras (RB) num total de 1146 responderam, em sessões coletivas, a um questionário de oito páginas. Na sua grande maioria, os RB freqüentavam o primeiro ou segundo semestre do curso de psicologia. Respondentes de três universidade nos EUA (RU) num total de 255 responderam ao mesmo questionário (na versão inglesa) em sessões coletivas. Uma vez que só é preciso declarar qual a área de estudo no decorrer do segundo ano universitário, a maioria dos RU era do segundo ou terceiro ano do curso de graduação.

Resultados. A idade dos RU variou entre 18 e 44 anos (RB: 16 e 52), sendo a média em ambos os grupos 22½. 74,5% dos RU (82,8% dos RB) é do sexo feminino (χ^2=9.73, p<.01).

Quanto a alternativas ao curso de psicologia, 26,7% dos RU (23,8% dos RB) estudou uma outra área (concluindo ou não) antes de estudar psicologia; 52,5% (42,7%) considerou um outro curso, destacando-se entre os RU biologia/pré-medicina (7,8%) e administração/economia (9,8%), e medicina (15,1%), direito (7,2%) e odontologia (3,8%). 20,8% do RU e 33,5% do RB não considerou outra opção (χ^2=16,03 p<.001). Perguntados se leram algum livro de psicologia antes do curso, 61,9% dos RU (45% dos RB) indicou que não (χ^2=29,56, p<.001). Entre as leituras mencionadas pelos RU, destacam-se livro texto de curso na escola secundária (13,7%), Freud (3,9%), Jung (2,7%) e Skinner (1,6%), entre os mencionados pelos RB foram Freud (5,8%) Jung (4,5%) e Piaget (1,4%).

Uma análise fatorial dos 31 itens sobre motivação para estudar psicologia resultou em 6 fatores: FALTA de alternativas (4,91/4,92), vantagens esperadas do EMPREGO (3,57/2,97), compromisso SOCIAL (2,18/2,11), obter uma boa EDUCAÇÃO (3,32/3,70), AUTO CONHECIMENTO (2,64/2,92), e preocupação com psicologia como CIÊNCIA (3,25/4,05). A média, na escala de 1 (aplica-se) à 6 (não se aplica) é dado nos parênteses, sendo o primeiro número para os RB, o segundo para os RU. As diferenças são estatisticamente significativas para os fatores emprego, educação, auto conhecimento e ciência. Uma ANOVA com medidas repetidas não somente indica uma diferença significativa entre os seis fatores motivacionais, mas ainda um efeito de interação entre os motivos e o país, conforme indicado acima. Acrescentando leitura de livros de psicologia antes de ingressar no curso, não foi encontrada diferença entre Rs leitores e não-leitores, Rs dos dois países, ou interação entre país e leitura. Entretanto, foram encontrados, além de diferença entre os motivos, efeitos de interação entre motivos e país, motivos e leitura, mas não entre motivos e leitura e país. Comparando os que não consideram, consideraram e estudaram outra área antes de psicologia, encontrou-se apenas um efeito de interação significativo, entre país e motivos, não havendo relação entre grau de interesse para uma outra área e os fatores motivacionais.

Discussão/Conclusão. Enquanto que os resultados sugerem diferenças entre RBs e RUs na proporção de estudantes do sexo feminino, na proporção dos que fizeram alguma leitura antes de estudar psicologia, ou na proporção dos que consideraram ou não outra área antes de estudar psicologia, as diferenças nos fatores motivacionais se estendem principalmente ao país, menos à interações entre país e leitura ou país e interesse por outra área. As diferenças motivacionais apontam mais importância para o fator emprego entre os RUs, enquanto que mais peso para os fatores ciência, educação, e auto conhecimento entre os RBs.

Apoio. O projeto sobre a motivação para estudar psicologia está sendo desenvolvido em colaboração com Prof. Rudolf Fisch da Universidade de Konstanz, Alemanha; instituição que ofereceu apoio financeiro parcial.

111

ANÁLISE INSTITUCIONAL NA EDUCAÇÃO: INTERVENÇÃO NUMA ESCOLA DE 1º GRAU

ARAGÃO, ELIZABETH M.A., Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, ES.

Este estudo relata uma intervenção numa escola pública de 1º Grau, a partir dos pressupostos teóricos da Análise Institucional.

Objetivou-se investigar-analisar as diversas instituições que se fazem presentes na prática pedagógica cotidiana, junto aos atores institucionais de um estabelecimento de ensino, com perspectiva de se analisar a própria Instituição Educação.

Através da metodologia da pesquisa-ação institucional, de caráter eminentemente qualitativo, utilizou-se como dispositivo de intervenção o trabalho grupal. Oportunizou-se a cada agente e ao coletivo, seja como profissionais ou mesmo como cidadãos, a possibilidade de questionar e revisar aspectos já naturalizados e fixados de suas práxis.

Após um ano de estudo-intervenção, os efeitos foram múltiplos. Estes, apontaram para a contribuição que todo o processo oferecera aos agentes institucionais em termos de crescimento pessoal e profissional, para a análise de suas implicações afetivo-políticas e ideológicas para com a Educação e para o vislumbrar de perspectivas na construção de uma prática diferenciada, ou seja, mais comprometida com a realidade e interesses da clientela com a qual trabalham, a classe popular.

Acreditamos que trabalhos dessa natureza contribuam para que nosso Sistema Educacional seja repensado, em função dos interesses daqueles que implementam cotidianamente a prática pedagógica na base do sistema, nas escolas que se espalham pelas periferias e bairros de nossas cidades.

112 RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ASSESSORIA PSICOPEDAGÓGICA INSTITUCIONAL A UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

ESPINOZA, M.E.S., GOLDBACH, A., GONÇALVES, R.P., Programa de Psicologia Escolar, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

Pretende-se aqui abordar a experiência de assessoria psicopedagógica institucional a uma das escolas da rede do município do Rio de Janeiro atendidas pelo Programa de Psicologia Escolar da UFRJ no ano de 1991 - Escola Municipal Júlia Kubitschek. Esta caracteriza-se por ser uma escola que trabalha somente com classes de pré-escolar, atendendo crianças de 3 a 6 anos, vindas de camadas sociais de baixa renda.

A proposta deste projeto de assessoria consiste em, a partir da solicitação da escola, colocar em transformação junto com a equipe da mesma prática pedagógica vigente, pressupondo criança, professor e instituição-escola como produtores de conhecimento. Para isso, propõe-se uma metodologia a ser implementada em sala de aula, que consiste em objetivos pedagógicos voltados para a pré-escola.

Participaram do trabalho três professoras; a direção como responsável pela multiplicação da metodologia na escola; e dois assessores acompanhados por supervisão.

A assessoria consistiu em focalizar como se delineavam as relações professores-conhecimento-crianças, principalmente aquelas que denotavam uma prática reprodutora; aspecto que, por sua vez, era analisado junto com a equipe. Esta análise desencadeava reflexões acerca do processo de apropriação da metodologia, o qual não se limitava ao espaço sala de aula, mas também abarcava o âmbito das relações institucionais.

A multiplicação da metodologia na escola foi uma importante questão trabalhada junto à mesma, pois estarrava com uma forma mecânica e reprodutora de pô-la em prática. Este trabalho mobilizou diversas reflexões acerca do exercício da autonomia por parte da escola, principal aspecto trabalhado no âmbito das relações institucionais.

Em suma, a assessoria nesta escola deve ser entendida como um processo permanete de busca por um olhar crítico.

113 "PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA INFANTIL"

BARBOSA, M.R., ORTEGA, M.M., Centro de Estudos, Assessoria e Orientação Educativa "Dante Moreira Leite" - (CEAO), Unidade Auxiliar da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, de Araraquara.

Este trabalho é consequência de uma primeira fase - "Criação de Condições", realizado no ano de 1990 junto ao Centro de Convivência Infantil "Casinha de Abelha" (CCI), UNESP de Araraquara.

Iniciado em 1991, teve como objetivo elaborar, testar e implantar um Programa de Educação para Funcionários. Os recursos utilizados para o desenvolvimento do trabalho foram: um aparelho de televisão, um aparelho de video-cassete, filmes de curta duração relacionados a práticas educativas, ficha de registro, textos simples referentes aos temas desenvolvidos e questionário de avaliação.

Fizeram parte deste trabalho dezesseis(16) funcionários da instituição, divididos em três grupos fixos. O programa contou de reuniões quinzenais na instituição, sendo que o referencial usado consistiu basicamente sobre Educação e Desenvolvimento Infantil, Papel de Creche/Educador, Relação criança/creche/Família e sobre Organização e Funcionamento de Creches.

De acordo com os resultados, constatou-se que diversas mudanças favoráveis ocorreram a nível de funcionários, crianças, materiais, espaço e rotina da instituição. Porém, ainda existe a necessidade de ocorrerem mais mudanças.

Concluiu-se portanto, a importância de um projeto para 1992, assim definido:
1) Implantação do "Programa de Educação de Funcionários" para os funcionários novos contratados; 2) Continuidade de Programas de Intervenção na instituição. Acredita-se que essas medidas possam favorecer ainda mais a promoção do desenvolvimento global das crianças atendidas na instituição.

114	PROGRAMA DE ATIVIDADES EXTRA-CLASSE E A PROMOÇÃO DE COMPORTAMENTOS ADEQUADOS NA ESCOLA

ARNOLDI, M.A.G.C. e GONÇALVES, C.M.C.*Supervisora da Unidade Auxiliar da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP,SP, *Orientadora Educacional da EMA de 1º Grau "Engenheiro Rubens Foot Guimarães,Rio Claro-SP.

Considerando-se que a educação de hábitos culturais pode ser realizado na escola através de uma forma organizada e, que pode ser desenvolvida por intermédio de atividades de leitura, de jornais, cinema, artes etc, foi realizado o estudo ora apresentado. O objetivo do presente trabalho foi verificar a influência de um Programa de Atividades Extra-classe, oferecido à alunos de uma escola de tempo integral, sobre comportamento inadequados em sala de aula (comportamentos de disciplina e de desempenho escolar).

Os sujeitos foram 98 alunos, de 5ª à 8ª série do 1º grau de uma escola municipal de Rio Claro, cuja permanência na escola era das 8:00 às 16:40 horas.

O material utilizado foi televisão, video- cassete, fitas para video, jogos de mesa, material de papel e lápis. Os alunos foram submetidos a um Programa de Atividades Extra-classe que incluiu, principalmente, Cinema, Artes gráficas e plásticas, e atividades de jogos corporais, esportivos e de mesa. O Programa foi realizado durante um semestre letivo, durante uma tarde por semana, com duração de 2,5 horas por tarde.

Registrou-se as ocorrências de comportamentos indesejáveis em sala de aula e de notas escolares abaixo da média. Foram realizadas comparações entre os dados colhidos antes, durante e depois da realização do Programa de Atividades.

Os resultados mostraram uma diminuição no número de ocorrência de comportamentos indesejáveis em sala de aula bem como um aumento no número de notas escolares acima da média. Resultados complementares porém ilustrativos das mudanças de comportamentos serão também apresentados e discutidos.

115

AVALIAÇÃO DE ATIVIDADE OCUPACIONAL: APARTIR DO COMPORTAMENTO VERBAL EMITIDO POR SUJEITOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA

Garbin,T.R.; Aleoni,J.; Brandolisi,V.N., Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

Após a implatação da atividade de confecção de Bonecos de Ráfia, na oficina pedagógica da ENAE (Escola Municipal de Assistência ao Excepcional), no município de Cerquilho - SP, identificamos a necessidade de obter informações sobre a opinião dos sujeitos envolvidos, os alunos de idade cronológica entre 14 e 25 anos, portadores de deficência mental e sensorial, objetivando avaliação da eficácia ou não da própria atividade (confecção de bonecos).

O procedimento utilizado foi um questionário com perguntas fechadas, onde os sujeitos deveriam responder sobre sua preferência em relação as atividades realizadas na escola, fazendo a opção entre atividades acadêmicas e ocupacionais. Após aplicação do questionário com alguns sujeitos, identificamos que apesar das questões serem simples, os sujeitos não demonstravam compreensão. Com isto, os pesquisadores modificaram o procedimento de coleta de dados e optaram por fotografar os sujeitos realizando as atividades (academicas e ocupacionais), mostrar aos sujeitos afim de que visualizassem e apontassem a atividade de sua preferência e emitisse comportamentos verbais a respeito da atividade ocupacional.

Os resultados mostram que em relação a atividade de confecção de bonecos, 4 sujeitos gostam de realizar a atividade, 2 sujeitos não gostam, 1 sujeito gostaria de realizar outra tarefa, como a montagem e acabamento, e com 2 sujeitos não foi possivel identificar. Verificamos que todos os sujeitos gostam dos bonecos, "acham bonito". Outro aspecto bastante relévante é que todos gostam de ganhar o dinheiro, "salário", mas 7 sujeitos não sabem porque recebem, não identificam de onde vem o dinheiro.

Concluimos que com o procedimento utilizado foi possivel alcançar o objetivo, ou seja os sujeitos relataram, e com isso identificamos que tal atividade é importante para os sujeitos, mas parece ser necessário que deve ser planejado um procedimento de ensino que desenvolva a habilidade de compra, venda, finalidade e valorização do serviço realizado.

116 IMPLANTAÇÃO DA UNIVERSIDADE PARA A TERCEIRA IDADE (UNITI)

CASTRO,O.P.,FOLBERG,M.N.,TERRA,A.P.,FAIT,C.S.,ALESHINSKY,I.,
SILVA,J.C.,MATIAS,M.C.S.,COGO,P.S.F.PABRA,S.A.,FRANCISCO,A.C.
Departamento de Psicologia,IFCH,UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL. RS

A UNITI pretende repensar a idéia tradicional de educação permanente com pessoas idosas. Visa oportunizar a participação e valorizar a contribuição efetiva do idoso junto à comunidade e ainda fomentar a discussão das diretrizes de política social para a terceira idade. Escolheu-se o método de pesquisa-ação, privilegiando a abordagem da autogestão, a qual tem como característica a investigação e ação contínua.São os sujeitos deste projeto adultos com 50 anos ou mais. O trabalho é realizado através de encontros semanais com todas as pessoas que compõem um grande grupo e através da atuação em subgrupos. O encontro do grande grupo subdivide-se em dois momentos:o primeiro no qual são realizadas palestras, seguidas de debate; e o segundo com discussões pertinentes à autogestão e/ou avaliação do trabalho dos subgrupos, bem como o que é realizado junto ao grande grupo. Um estudo preliminar e a análise, ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa, da produção dos sujeitos, evidenciou resultados que permitem inferir que há um apelo de mudança e um desejo de modificar estereotipias relativas ao idoso, reconhecendo as próprias potencialidades, usando-as, também, na prestação de serviços á comunidade. Temos considerado alguns depoimentos dos participantes como ,também, resultado deste trabalho. Eles têm referido que agora possuem uma maior disponibilidade de tempo para eles;mesmos, antes quase que inteiramente dedicados aos familiares . Falam,também numa volta ao prazer de realizar atividades já abandonadas ou mesmo nunca experimentadas.

(PROREXT,FAPERGS,PROPESP)

117

SALA DE AULA: A INTERDIÇÃO DO MOVIMENTO?

PEREIRA, M. Izabel Galvão G., pós graduanda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

O interesse por essa pesquisa originou-se de reflexões sobre a prática pedagógica como professora da 1ª série do 1º Grau. Nesta condição, pude entrar em contato com alguns conflitos presentes na relação dos alunos com as propostas escolares. Os que mais se destacaram foram as dificuldades de ajustamento psicomotor das crianças às propostas de sala de aula. Essas reflexões encontravam respaldo na psicogenética de Henri Wallon, que discute as relações entre o aspecto motor e o mental no desenvolvimento infantil.

Inspirada na psicogenética walloniana, realizei uma pesquisa de cotidiano escolar com o objetivo de investigar a adaptação da criança à rotina escolar proposta pela 1ª série do 1º Grau, considerando a transição da pré-escola para o 1º Grau e a relação entre as solicitações escolares e as possibilidades psicomotoras da criança.

Para conhecer a rotina escolar e as reações das crianças às situações propostas na série terminal da pré-escola e na 1ª série do 1º Grau, foram feitas observações num mesmo grupo de classes durante o segundo semestre de 1989 e o primeiro de 1990, numa escola da rede estadual de São Paulo. Para avaliar a adequação da realidade escolar às possibilidades infantis, foi feita uma pesquisa teórica na obra de Henri Wallon.

Como resultados, apresenta-se o perfil teórico da criança na faixa dos cinco aos nove anos, a descrição do cotidiano escolar observado e uma análise desta realidade à luz dos conceitos teóricos. Esta análise, que ainda está em fase de elaboração, define-se como processual, pois avalia os processos empregados no ensino e não o seu produto (resultados mensuráveis).

Os resultados parecem mostrar que a adequação das propostas escolares às possibilidades infantis tem maior influência sobre a adaptação da criança à 1ª série do que a maneira como é feita a transição da pré-escola para o 1º Grau. Foram identificadas várias inadequações, sobretudo no que concerne à forma de se lidar com as manifestações motoras das crianças.

Utilizando a psicogenética walloniana como referencial teórico, pretende-se contribuir para a ampliação da discussão a respeito desta teoria e de sua pertinência para a educação. Abordando uma situação escolar situada no momento de passagem da pré-escola para o 1º Grau, espera-se contribuir para a discussão sobre a função da pré-escola, bem como para a análise da questão do fracasso escolar nas séries iniciais do 1º Grau.

Pesquisa realizada com financiamento da FAPESP

118

A IMAGEM DA FIGURA PATERNA EM MENINOS INSTITUCIONALIZADOS NA ALDEIA SOS DE PORTO ALEGRE

BANDEIRA, D.R. Instituto de Filofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,RS.

O objetivo deste estudo foi conhecer a imagem paterna internalizada de meninos institucionalizados. Para isso, foram utilizadas as lâminas 3, 5 e 7 do Teste CAT-H, estimuladoras de estórias de conteúdo edípico, de relacionamento com a figura paterna e de autoridade. Foram investigados 8 meninos, de idade entre 8 e 10 anos, residentes na Aldeia SOS de Porto Alegre, que tem como princípio formar famílias de crianças abandonadas e uma mãe substituta.

As estórias contadas pelos meninos das lâminas do CAT foram analisadas conforme o método proposto por Freitas (apud Cunha et alli, 1986) e entendidas com base nas suas histórias de vida. Como resultados encontrou-se que a maior parte dos meninos sente a figura paterna como rival, para a qual são deslocados impulsos agressivos, o que gera sentimentos de culpa. Além disso, essa figura é idealizada e aparece a necessidade de sua presença como também de uma união familiar.

Pôde-se perceber que, mesmo na ausência de uma figura paterna, os meninos vivenciam o processo edípico, o que confirma dados da teoria. Porém, aparecem dificuldades na sua resolução, na formação de um superego adequado e na identificação sexual.

119 "STRESS EM PRÉ-VESTIBULANDOS COMO FATOR DECISIVO NO DESEMPENHO INTELECTUAL:UM ESTUDO SOBRE O GRAU DE COMPROMETIMENTO"

CAMPOS,L.F.L.; MORONI, S.; DURANTE, A.S.; ALMEIDA,S.R.P.; OLIVEIRA,L.S.; MOREIRA, A.C. e METNICOFF, E.
Universidade São Judas Tadeu

O stress vem sendo estudado e pesquisado nos últimos anos, demonstrando, assim,sua importância para a Psicologia.Entretanto,o stress e sua relação com o desempenho acadêmico nem sempre é avaliada.Desta forma,o objetivo desta investigação foi avaliar o grau de stress em pré-vestibulandos.Utilizou-se como instrumentos o Teste de Stress (Parte I a V) ,o inventário de sintomas de Stress, vulnerabilidade ,escala de reajustamento social de Holmes e Rahe , e questionário de personalidade tipo A,além de um questionário de identificação.Os sujeitos(N=90)foram entrevistados a três semanas do exame da 1ª fase da FUVEST. A amostra foi composta por 45 sujeitos do sexo feminino e 35 do sexo masculino.Os resultados demonstraram que a maioria dos sujeitos encontravam-se na fase de resistência ou exaustão de stress,apresentando uma baixa possibilidade de controle.A maioria dos sujeitos referiu enfrentar com passividade as crises no trabalho e as mudanças na vida,determinando que a maioria dos sujeitos sejam de personalidade tipo AB. Na comparação dos dados em razão do sexo dos sujeitos,verificou-se um desempenho nem sempre correlacional dos sujeitos, embora os desempenhos tendam a ser os mesmos.Desta forma, pode-se perceber a influência possível do stress no desempenho intelectual dos sujeitos, sugerindo que o mesmo deveria ser previsto e controlado pelos cursos preparatórios ,com o intuito de aproveitá-lo a favor do candidato.

120

DISCURSO DE MULHERES NA FAIXA ETÁRIA DOS 50 AOS 60 ANOS SOBRE OS HOMENS DE SEU COTIDIANO.

BRIZIO,M.; APARICIO,S.; FERRARI,A.; MOSCHEN,S.(Departamento de Psicologia - UFRGS)

Frente à constatação, obtida através da pesquisa "Motivos de Consulta nas Diferentes Faixas Etárias" (pesquisa apresentada nesse encontro no ano de 1989) de que somente mulheres dos 50 aos 60 anos procuraram à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS no período de 1983 a 1990, procedeu-se uma investigação com o objetivo de analisar, qualitativamente o discurso de ditas pacientes sobre os homens de seu cotidiano. O estudo considerou os prontuários de 18 pacientes do sexo feminino, na faixa etária dos 50 aos 60 anos, provenientes de Porto Alegre e da grande Porto Alegre. Para uniformização dos dados foi elaborado uma ficha. Neste instrumento constaram:idade, estado civil, nº de filhos, profissão, motivos de consulta, observações. Além do preenchimento desta ficha, foram realizadas entrevistas com os terapeutas que atenderam os sujeitos da pesquisa. Constatou-se uma referência comum à uma figura masculina (pai, marido, filho, irmão, patrão,...)associada ao motivo de consulta, seja como desencadeador da procura de atendimento ou estreitamente ligado à queixa principal - "Não sou mais saco de pancadas do meu marido...". Os dados foram discutidos em termos de suas relações com o referencial teórico psicanalítico utilizado e com as implicações práticas para o atendimento de pessoas nesta faixa etária. Os resultados obtidos mostraram sua relevância, tanto na orientação dos atendimentos realizados posteriormente, quanto na sua utilização na formação de novos profissionais (a pesquisa tem sido apresentada em disciplina do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

PAPERGS

121

RELAÇÕES ENTRE REPRESENTAÇÕES AFETIVAS, COGNITIVAS E DESEMPENHO ESCOLAR EM CRIANÇAS DE 4 a 5 ANOS.

PAIVA, M. LUCIMAR F. - Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP.

Com base em pressupostos psicodinâmicos, este estudo procurou analisar as Representações Afetivas e Cognitivas de crianças de 4 a 5 anos, a partir de suas respostas ao CAT - A e ao Desenho-Estória (aspectos afetivos) e à Prova Gráfica de Organização Perceptivo-Motora - "Pré-Bender" - para crianças de 4 a 6 anos (aspectos cognitivos). O Desempenho Escolar das crianças foi avaliado pela professora a partir de um roteiro previamente elaborado. A amostra constituí-se de 10 crianças de ambos os sexos, com idade variando entre 4 e 5 anos, alunos de uma Escola de Artes da cidade de Ribeirão Preto. Os resultados indicam que, nesta faixa etária, o Desempenho Escolar encontra-se positivamente relacionado com as Representações Cognitivas e com as Representações das Relações de Objeto, orientando-se no mesmo sentido.

Os resultados são discutidos com base nas formulações de Schmid - Kitsikis (1979) sobre os modos de funcionamento mental, e de M. Klein (1923) com relação à Teoria da inibição intelectual. São discutidas ainda as implicações destes resultados sobre o planejamento educacional na Pré-Escola e o nível de exigências neste período de formação da criança.

122

GRUPO OPERATIVO COM SURDOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Paschoali, M.C. ; Souza, R.M. – Centro de Reabilitação "Prof.Dr.Gabriel Porto" Faculdade de Ciências Medicas, Universidade Estadual de Campinas-S.P.

O presente trabalho tem como objetivo relatar e discutir uma experiência com adolescentes surdos em contexto de grupo operativo.

Eram 11 surdos, de ambos os sexos, entre 20 e 25 anos, pertencentes à classe econômica média baixa, portadores de surdez congênita bilateral e profunda.

Inicialmente optou-se por uma não diretividade na condução do trabalho, o que gerou perplexidade e forte ansiedade em todo o grupo. A fim de minimizar esse fato, partiu-se para encontros semi-estruturados nos quais a terapeuta sugeria assuntos e/ou incentivava o uso de objetos intermediários.

No final das 12 sessões constatou-se que os surdos não conseguiram se constituir num grupo, mostraram desinteresse mútuo, pouca iniciativa e dependência do incentivo da terapeuta. Em alguns momentos, a excluiam, comunicando-se apenas através de gestos e provocando, nela, o aparecimento de fenômenos contratransferenciais.

Os resultados foram similares ao daqueles poucos trabalhados existentes na literatura especializada. Foram explicados com base na importância da linguagem como elemento constitutivo da personalidade, enfatizando-se os bloqueios no desenvolvimento, conseqüentes da inexistência de um sistema simbólico/representacional eficiente.

A contratransferência foi analisada em termos dos prováveis motivos que a suscitou (o silêncio como tela de projeções) e, também, sobre seu aspecto positivo. Permitiu, por exemplo, que a terapeuta melhor compreendesse como é "ser surdo" uma vez que ela própria, em vários momentos, era "ensurdecida" por eles.

Esse trabalho oferece importantes elementos para programas de formação de recursos humanos em Saúde Mental na área da surdez e subsídios para orientação de pais e de surdos.

123

ESTADOS DE ÂNIMO E BEM-ESTAR SUBJETIVO: UM ESTUDO COM A LEP, PANAS-S E BES.

PEREIRA,C.A.A., CALVANO,R. & CUNHA,V.C. - Instituto de Psicologia, NERA, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Yardley e Rice (1990) demonstraram haver relação entre estado de ânimo e bem-estar subjetivo (BES). O presente estudo objetivou relacionar estas duas dimensões dos estados subjetivos, utilizando para tal finalidade a Lista de Estados de Ânimo Presentes (LEP) de Engelmann (1986) Forma Abreviada (40 itens), a Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (PANAS-S) de Watson, Clark e Tellegen (1988) e as escalas de BES de Lawrence e Liang (1988). Um total de 145 pessoas, entre estudantes, secretárias e donas de casa, sendo 66% femininos e idade média de 30 anos foram os sujeitos da pesquisa. Análise fatorial pelo método dos principais componentes, com rotação Varimax, separadamente para LEP, PANAS-S e BES, revelou que os 20 itens do PANAS-S estão mais intercorrelacionados entre si, como também os 15 itens do BES, do que os 40 itens da LEP. A Análise Fatorial para os itens LEP e BES, conjuntamente, e LEP e PANAS-S, resulta em intercorrelações menos significativas do que as intercorrelações entre PANAS-S e BES. Conclui-se que a LEP, como medida de estados de ânimo, é mais abrangente, a PANAS-S e a BES mais específicas para avaliação dos estados subjetivos. Conclui-se, todavia, que há relação entre estados de ânimo e bem-estar subjetivo, embora não intensa.

I24

FÁBULAS, LENDAS, MITOS E CONTOS NA EDUCAÇÃO E NA SAÚDE DA CRIANÇA

RIBEIRO, R., SCHEROKI, F., FRIAS, E.R. (*) Docente e Pesquisadora do IPUSP, e doutoranda de Antropologia Social da FFLCHUSP, SP (*) Psicólogo, (*) Atividades musicais e teatrais.

Justificativa

Considerando o reconhecimento crescente, por parte de educadores, psicólogos e psicoterapeutas, da importância das imagens veiculadas através dos contos de fadas e outras formas literárias nascidas da rica tradição oral dos povos, parece-nos oportuno criar um espaço para a reflexão sobre esse tema. Refletir sobre isso é tanto mais possível e enriquecedor quanto mais oportunidades concedemos à participação de outros canais de comunicação além do verbal, uma vez que o trabalho com imagens pode envolver todos os sentidos, mobilizar emoções, promover regressões, estimular a fantasia e a criatividade... Daí, a proposta de abordar este tema num *workshop*, onde às discussões teóricas e às trocas de opiniões associam-se exercícios de sensibilização.

Composição do grupo

A fim de possibilitar a interação face-a-face e o melhor desenvolvimento pessoal/profissional possível aos integrantes do grupo, convém que o número de seus integrantes oscile entre 15 e 30 pessoas que, de preferência, estarão usando roupa confortável, adequada à realização de exercícios corporais.

Proposta de Estrutura do *Workshop*

Duração: três tardes, das 14 às 17,30 hs.

A programação inclui narração de fábulas, lendas, mitos, contos de fadas e contos maravilhosos; atividades corporais - relaxamento e exercícios dramáticos acompanhados de música; aulas; discussão e reflexão sobre o tema.

125

MENSURAÇÃO DO PRESTÍGIO SOCIAL: COMPARAÇÃO ENTRE MÉTODOS PSICOFÍSICOS.

SOUSA, F.A.E.F.*, BARBONI, F.D.**, DA SILVA, J.A.**, (*) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, (**) Laboratório de Psicofísica e Percepção - Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

O prestígio social das seguintes profissões de nível superior: Assistente Social, Biólogo, Dentista, Enfermeiro, Engenheiro, Farmacêutico, Físico, Fisioterapêuta, Fonoaudiólogo, Médico, Psicólogo, Químico e Sociólogo foi escalonado pelos métodos psicofísicos indiretos de ordenação e de estimação em categorias, e pelo método psicofísico direto de estimação de magnitude.

Todos os 32 sujeitos julgaram o prestígio social através dos três métodos, os quais, juntamente com as profissões, foram apresentados em diferentes ordens para cada sujeito. No método de ordenação em postos, a tarefa do sujeito consistiu em colocar as diferentes profissões em postos de primeiro ao décimo terceiro, assinalando em primeiro lugar a profissão considerada de maior prestígio e em décimo terceiro a profissão de menor prestígio em nossa sociedade. No método de estimação em categorias a tarefa do sujeito consistiu em assinalar um ponto entre 1 e 7 a cada uma das profissões, sendo 1 para aquela considerada de menor prestígio e 7 para a de maior prestígio social. No método de estimação de magnitude a tarefa do sujeito consistiu em assinalar um número a cada profissão que fosse proporcional a quantidade de prestígio social atribuída às mesmas. Módulo ou estímulo padrão não foram previamente designados.

Os resultados mostraram: (1) uma alta correlação (rho = 0.97) entre os graus de prestígio atribuídos às profissões obtidos pelos métodos de ordenação em postos e estimação em categorias; (2) uma alta correlação (rho = 0.96) entre os graus de prestígio atribuídos às profissões obtidos pelos métodos de ordenação em postos e estimação de magnitude; (3) a relação entre escalas de categorias e escalas de magnitude foi semi-logarítimica e (4) a relação entre o erro padrão da média e a média geométrica das estimativas de magnitude foi linear. Em função desses dados podemos concluir que o contínuo de prestígio social é quantitativo ou protético, e não qualitativo ou metatético.

Subvencionado ao CNPq (Processo Nº 30.0567-85)

126

ESTIMATIVAS DE MAGNITUDE DE REAJUSTAMENTOS SOCIAIS: UM ENFOQUE DA PSICOFÍSICA SOCIAL

SOUSA, F.Á.E.F.*, KAMIZAKI, R.**, DA SILVA, J. A. **, (*) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, (**) Laboratório de Psicofísica e Percepção-Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Holmes e Rahe (1967) desenvolveram um método para a quantificação da quantidade de reajustamento social resultante de diferentes eventos que ocorrem em nossa vida, independente da desejabilidade deste evento. Posteriormente, Holmes e colaboradores (Masuda e Holmes, 1967; Rach e Holmes, 1971) compararam os escalonamentos desses eventos da vida derivados de métodos psicofísicos diretos e indiretos. Todavia, a partir de seus resultados não é possível concluir com fidedignidade se o contínuo dos eventos da vida é quantitativo (protético) ou qualitativo (metatético). Para isso torna-se necessário um enfoque mais sistemático baseado na metodologia psicofísica. Neste estudo apresentamos dados de um dos experimentos que visam atingir este objetivo. Para isso, 42 sujeitos fizeram estimativas de magnitude do grau e da dúrsção dos reajustamentos sociais resultantes de 43 eventos que ocorrem em nossa vida. Por exemplo, casamento, divórcio, dificuldades financeiras, dificuldades sexuais, desemprego, doença, etc. Os sujeitos foram instruídos a estimarem cada evento de vida dando números que fossem proporcionais ao reajustamento necessário para cada um. Casamento, cuja estimativa numérica foi 500, serviu como padrão, estímulo de referência, a partir do qual os outros 42 eventos eram comparados. As médias geométricas das estimativas de magnitude dos 42 sujeitos para cada um dos 43 eventos de vida foram computadas e posteriormente comparadas com aquelas obtidas por Holmes e Rahe (1967). Os dados mostraram: (1) uma alta correlação ($r = 0.90$ e $rho = 0.90$) entre as estimativas dos sujeitos brasileiros com aquelas estimativas obtidas dos sujeitos americanos; (2) a relação entre os logaritmos das estimativas de magnitude dos sujeitos brasileiros com os logaritmos das estimativas de magnitude dos sujeitos americanos foi uma função de potência com um expoente igual a 1.16. Este expoente não foi significativamente diferente da unidade ($p = 0.083$); (3) os eventos cujas estimativas de magnitude dos sujeitos brasileiros foram bastante diferentes daquelas dos sujeitos americanos foram: detenção na cadeia ou outra instituição penal (63/94), morte de um membro íntimo da família (63/112), morte de um amigo íntimo (37/86), grande mudança no número de membros da família que vivem juntos (15/28). Tomado juntos, esses dados sugerem que: (1) o contínuo de eventos de vida parece ser quantitativo ou protético, (2) os escalonamentos desses eventos parecem ser praticamente independentes de cultura, pois apenas um pequeno número deles sofre este efeito, e tais diferenças podem ser atribuídas provavelmente ao caráter mais pragmático ou egocêntrico da cultura americana.

Pesquisa subvencionada pelo CNPq (Processo nº 30.0567-85).

127

MENSURAÇÃO DO PRESTÍGIO SOCIAL: CONTÍNUO INVERTIDO E CATEGORIA EXPANDIDA

SOUSA,F.A.S.P.*; BARBONI,F.B.**; DA SILVA,J.A.**; (*). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (**). Laboratório de Psicofísica e Percepção-Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

O prestígio social das seguintes profissões de nível superior: Assistente Social, Biólogo, Dentista, Enfermeiro, Engenheiro, Farmacêutico, Físico, Fisioterapeuta, Fonoaudiólogo, Médico, Psicólogo, Químico e Sociólogo foi escalonado pelos métodos psicofísicos de estimação de magnitude (amplitude de estimativas livres e contínuo invertido) e estimação em categorias (amplitude limitada e amplitude ampliada). Com o método de estimação de magnitude 22 sujeitos estimaram o prestígio social com amplitude livre e 22 sujeitos estimaram-no com o contínuo invertido. Com o método de estimação em categorias 32 sujeitos julgaram o prestígio social com categorias limitadas e 22 sujeitos julgaram-no com categorias expandidas. Em adição, outros 23 sujeitos julgaram o prestígio social através do método de estimação de magnitude. No método de estimação de magnitude (amplitude livre) a tarefa do sujeito consistiu em assinalar um número a cada profissão que fosse proporcional a quantidade de prestígio social atribuída a mesma. Módulo ou estímulo padrão não foram previamente designados. No método de estimação de magnitude com o contínuo invertido a tarefa do sujeito consistiu em assinalar um número que fosse inversamente proporcional a quantidade de prestígio social atribuída a cada profissão; de modo que quanto maior o prestígio menor o número assinalado. No método de estimação em categorias com categorias limitadas, a tarefa do sujeito consistiu em assinalar um ponto entre 1 e 7 a cada uma das profissões, sendo 1 para aquela considerada de menor prestígio e 7 para aquela de maior prestígio. Com categorias ampliadas, o sujeito assinalava 1 à profissão de menor prestígio e 10 a de maior prestígio. Os resultados mostraram que: (1) a relação entre as estimativas de magnitude com amplitude livre foram inversamente relacionadas as estimativas de magnitude com o contínuo invertido; (2) a inclinação da reta foi igual a -1.04 e não foi significativamente diferente da unidade; (3). O coeficiente de correlação de Pearson entre essas duas estimativas foi -0.96; (4) a relação entre as estimativas em categorias com amplitude limitada e as estimativas em categorias com amplitude ampliada foi semi-logarítmica; (5) a relação entre os logarítmicos das estimativas de magnitude e os logarítmicos das estimativas em categorias com aplitude ampliada foi uma função de potência com um expoente igual a 1.02, não significativamente diferente da unidade; (5). O coeficiente de correlação de Pearson entre essas duas estimativas foi de 0.98. Em função desses dados podemos concluir que: (1) escalas de magnitudes e escalas de categorias produzem escalonamentos diferentes; (2) esta diferença parece ser mais um produto da amplitude de categorias empregadas do que da natureza do contínuo (protético ou metatético) empregado e (3) o contínuo de prestígio social é um contínuo quantitativo ou protético, e não qualitativo ou metatético.

Pesquisa subvencionada pelo CNPq (Processo nº 30.0567-85).

128

PRESTIGIO SOCIAL DE PROFISSÕES DE NIVEL SUPERIOR: UM ENFOQUE DA PSICOFÍSICA EXPERIMENTAL

SOUSA,F.A.E.F.*, BARBONI,F.D.** e DA SILVA,J.A.** (*)Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. (**) Laboratório de Psicofísica e Percepção - Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

O prestigio social das seguintes profissões de nível superior: Assistente Social, Biólogo, Dentista, Enfermeiro, Engenheiro, Farmacêutico, Físico, Fisioterapeuta, Fonoaudiólogo, Médico, Psicólogo, Químico e Sociólogo foi escalonado pelos métodos psicofísicos de estimação de magnitude, emparelhamento intermodal com comprimentos de linhas e emparelhamento intermodal com forças dinamométricas. Todos os 22 sujeitos julgaram o prestigio social através dos 3 métodos, os quais foram apresentados, juntamente com as profissões, em diferentes ordens para cada sujeito. No método de estimação de magnitude a tarefa do sujeito consistiu em assimilar um número a cada profissão que fosse proporcional a quantidade de prestigio social atribuida a mesma. Módulo ou estimulo padrão não foram previamente designados. No método de emparelhamento intermodal a tarefa do sujeito consistiu em emparelhar um comprimento de linha (ou uma força dinamométrica) que fosse proporcional a quantidade de prestigio social atribuida a cada profissão em nossa sociedade. As medidas para comprimentos de linhas foram feitas em cm e aquelas para forças dinamométricas, em Kgf. Os resultados mostraram: (1) uma alta correlação (w=0,94) entre os graus de prestigio social atribuidos às profissões obtidos independentemente pelos 3 métodos. (2) os expoentes da função de potência obtidos pelos emparelhamentos intermodais de comprimentos de linhas ou forças dinamométricas aos prestigios sociais atribuídos às diferentes profissões foram de valores próximos aqueles preditos pelos emparelhamentos intermodais dos contínuos sensoriais de comprimentos de linha e forças dinamométricas e (3) os expoentes também foram de valores próximos aqueles obtidos nos experimentos de calibração envolvendo estes dois contínuos sensoriais. Em função desses dados podemos concluir que: (1) o contínuo de prestigio social é quantitativo ou protético. (2) o contínuo de prestigio social produz uma escala de razão e (3) pode ser mensurado por métodos psicofísicos diretos.

* Pesquisa subvencionada pelo CNPq (Processo nº 30.0567-85).

129 RELAÇÃO ENTRE AS ESCALAS DE PRESTÍGIO SOCIAL DE PROFISSÕES DE NÍVEL SUPERIOR DERIVADAS DOS JULGAMENTOS OBTIDOS PELOS MÉTODOS DE COMPARAÇÃO AOS PARES E ESTIMAÇÃO DE MAGNITUDE.

SOUSA,F.A.E.F.*, BARBONI,F.D.**, DA SILVA,J.A.**, (*) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, (**) Laboratório de Psicofísica e Percepção - Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

O presente estudo foi planejado para determinar se a relação curvilínea usualmente encontrada entre as escalas sensoriais baseadas sob julgamentos de diferenças e as escalas sensoriais baseadas sob julgamentos de razão também poderia ser obtida com escalas derivadas dos julgamentos de estímulos sociais (não métricos). O prestígio social das seguintes profissões de nível superior: Assistente Social, Engenheiro, Biólogo, Dentista, Enfermeiro, Farmacêutico, Físico, Fisioterapêuta, Fonoaudiólogo, Médico, Psicólogo, Químico e Sociólogo foi escalonado pelos métodos psicofísicos de comparação aos pares e estimação de magnitude. No método de comparaçãoaos pares 32 sujeitos julgaram o prestígio social assinalando qual profissão, apresentada sempre aos pares (2 a 2), tinha um maior prestígio social em nossa sociedade. No método de estimação de magnitude outros 32 sujeitos assinalaram um número a cada profissão que fosse proporcional à quantidade de prestígio social atribuída à mesma. Módulo ou estímulo padrão não foram previamente designados. Os resultados mostraram: (1) os dois métodos produzem escalonamentos substancialmente diferentes, (2) a escala de comparação aos pares (proporção ou z) é uma função logarítmica da escala de estimação de magnitude, (3) a escala de comparação aos pares (proporção ou z) é uma função linear dos logarítmicos das estimativas de magnitude e (4) uma alta correlação (rho = 0.95) entre os graus de prestígio atribuídos às profissões obtidas pelos dois métodos. Em função desses dados podemos concluir: (1) que o contínuo de prestígio social (não métrico) escalonado por estes dois métodos produz uma relação semelhante àquela obtida com contínuo sensoriais (métricos) e (2) o contínuo de prestígio social é quantitativo ou protético, e não qualitativo ou metatético.

Pesquisa subvencionada ao CNPq (Processo Nº 30-0567-85)

130 PERCEPÇÃO DE CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS EM GRANDE CAMPO ABERTO I: TAMANHO E DISTÂNCIA EGOCÊNTRICA.

Ribeiro-Filho, N.P.* e . Da Silva, J.A. ** (*) Universidade Federal do Rio de Janeiro (**) Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Os objetivos da presente pesquisa foram investigar a constância e a estabilidade espacial dos julgamentos verbais de tamanho e distância em ambiente natural de múltiplos indícios, e verificar uma sistemática dos julgamentos sobre um modelo 3D da representação espacial. Foi construído sobre a superfície plana de um terreno (324 m^2) uma configuração física de estímulos com 14 estacas de diferentes tamanhos (40-160 cm) fixadas na perpendicular em relação a superfície do terreno, e distribuídas de maneira aleatória. Formaram-se 3 grupos discriminados pela modalidade visual (mono-binocular), posição de observação em relação a margem da configuração (5 e 16 m) e de treino (sem e com treino). Nestes grupos foram distribuídos 80 sujeitos que receberam instruções objetivas e julgaram de maneira verbal as dimensões espaciais: tamanho e distância egocêntrica, sob completa condição de indícios visuais. Os resultados obtidos foram submetidos a uma estatística F para planos fatoriais 2x2 e 2x2x2. Para a dimensão espacial tamanho não foram observadas diferenças significativas entre os fatores e as possíveis interações. Nos julgamentos de tamanho foi identificado uma característica em todos os grupos, no qual tamanhos percebidos foram maiores do que o tamanho objetivo, sendo mais evidente no grupo monocular com treino prévio. Os julgamentos referentes a distância egocêntrica indicam uma forte diminuição na distância egocêntrica percebida.. Diferenças significantes foram encontradas para o fator visão ($F=26,71$, $p=0,00$), posição ($F=442,42$, $p=0,00$), nas interações visão x posição ($F=173,62$, $p=0,00$), visão x treino ($F=9,61$, $p=0,01$), e visão x posição x treino ($F=8,45$, $p=0,01$). Os resultados mostram uma superestimação no tamanho percebido e uma forte subestimação na distância egocêntrica, suportando o fenômeno da superconstância de tamanho e o fenômeno da tendência de distância específica, sendo esta última mais evidente com o aumento da distância de visualização. Pode-se concluir que os julgamentos das dimensões espaciais são mediados por processos heurísticos, provenientes de conflitos visuais, e de combinação entre os indícios visuais ou pictóricos, tais como gradiente de textura, familiaridade, entre outros. O ambiente perceptual produzido por uma configuração física de estímulos mostrou-se estável em todo o arranjo e manteve-se a mesma constância espacial entre os seus estímulos.

*PICD/CAPES/UFRJ

131

PERCEPÇÃO DE CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS EM GRANDE CAMPO ABERTO II:DISTÂNCIA EXOCÊNTRICA.

Ribeiro-Filho, N. P.* e Da Silva , J.. A. ** .(*)Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, (**) Laboratório de Psicofísica e Percepção, Universidade de São Paulo.

Nas mesmas condições descritas no experimento "Percepção de configurações espaciais em grande campo aberto I: Tamanho e distância egocêntrica", os sujeitos julgaram 81 distâncias exocêntricas. Para efeito de análise essas distâncias foram discriminadas em três grupos: distância exocêntrica radial, distância exocêntrica horizontal e outras distâncias exocêntricas. O critério estabelecido para diferenciação das distâncias foi estabelecido a partir do ângulo formado no pé da mediana entre os pares da estaca e a estaca mais próxima ao observador. Assim, distância radial apresentou um ângulo no intervalo (0, 45] graus e distancia horizontal entre [70, 90) graus. Outras distâncias relativas foram consideradas como aquelas cujos ângulos não integram aqueles referentes a radial e horizontal. A estatística F, para medidas repetidas, indica que os fatores visão (F=7,3, p=0,01) e treino (F=12,69, p=0,00), a interação visão x treino (F=16,04, p= 0,00), visão x posição (F=6,85, p =0,01) e a interação entre os tipos de distância exocêntrica (radial x horizontal x outras, F=29,68, p=0,00) foram altamente significativas. O fator posição em relação a margem não se revelou significativo. Os resultados descritivos indicam que o espaço visual percebido na dimensão radial é comprimido e uma constância é encontrada para a dimensão horizontal e outras. O grupo monocular combinado com treino de reconhecimento mostrou uma menor tendência de redução da compressão da distância radial em relação aos demais grupos fatoriais, apontando uma evidência de possíveis efeitos associados aos processos heurísticos. Também, a compressão encontrada está associada com o aumento da distância de visualização e que pode ser justificado pela redução das fontes de informações espaciais. Esses resultados são favoráveis para uma evidência do fenômeno da distância eqüidistante, o fato que também valida a presença de fatores heurísticos no julgamento do espaço visual. Pode-se concluir que o modelo 3D gerado por uma configuração de estímulos é altamente estável, por ter sido observado a estabilidade de uma mesma tendência nos julgamentos para as dimensões espaciais em toda configuração. No entanto, a constância espacial parece estar associada ao tipo de dimensão e com as condições de modalidade visual, principalmente, a distância de visualização do objeto em uma configuração de estímulo.

* PICD/CAPES/UFRJ

132

DESENVOLVIMENTO DE UM INSTRUMENTO PARA O ESTUDO DO AUTORITARISMO.

LAULLIER, L. A.*, JAHN, I.**, MARTINS, I. M.**, VOIGT, C.**
Deptº de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

A partir de uma ampla revisão da literatura foram identificados três vertentes principais de investigação sobre o tema, de uma perspectiva psicológica: freudo-marxista (Adorno et al, 1950); cognitivista / (Rokeach, 1960) e funcionalista (Ray, 1980).

O objetivo do nosso trabalho de pesquisa consiste no desenvolvimento de um instrumento de medidas de atitudes/opiniões autoritárias, como parte de um projeto mais abrangente de estudo do autoritarismo.

Tendo em vista que tanto a escala "D" (Rokeach, 1960) quanto a "F" / (Adorno et al , 1950)mostraram-se insatisfatórias para o nosso estudo, por problemas conceituais e técnicos, partimos para o desenvolvimento de um estudo original.

Para tanto, retomamos o conceito de autoritarismo que fundamentava / os instrumentos anteriores, e procedemos à uma redefinição, embasada em elementos teóricos e empíricos. A partir daí submetemos à revisão crítica as questões que compunham a escala "D" e "F" anteriormente mencionadas, optando pela eliminação daquelas que se referiam à primeira e pela adaptação de alguns itens da segunda. A maioria / das questões que visaram a compor o novo instrumento foi formulada a partir de uma definição que privilegia a dimensão participação/ não participação . O instrumento resultante foi submetido aos testes / de fidedignidade (duas metades) e validade (aparente, simultânea e de constructo).

Chegou-se à uma escala ordinal composta por vinte itens, complementada por um questionário de levantamento de dados sociográficos. A partir de agosto/92 o instrumento será aplicado à uma amostra de estudantes da UFSC. Em etapas subsequentes, pretende-se aplicá-lo em outros extratos populacionais.

Entendemos que o desenvolvimento dessa (escala"A") amplia significativamente as perspectivas de investigação do fenômeno do ponto de vista psicológico. No entanto, o projeto de pesquisa está ainda em seu início , e há um longo caminho a percorrer até a formulação de dados / mais conclusivos.

* Coordenadora do projeto, *** bolsistas do CNPq.

133

INVENTARIO MULTITRAÇO DE INTERAÇAO SOCIAL: DESENVOLVIMENTO DE UMA ESCALA DE MASCULINIDADE-FEMINILIDADE. CARELLI, ANTONIO, FACULDADE DE EDUCACAO UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

O Inventário Multitraço de Interação Social - IMS foi desenvolvido especialmente para ser utilizado com vestibulandos e estudantes universitários. Para chegar-se ao elenco de escalas que deveria compô-lo foi realizada uma pesquisa com professores universitários concluindo-se pelas seguintes: Auto-aceitação, Persistência, Realização, Responsabilidade, Socialização, complementada por uma escala de Verificação. Esta última introduzida a fim de se controlarem as possíveis distorções das respostas pelos testandos.

É fato notório a inclusão de escalas de masculinidade-feminilidade nos inventários psicológicos. O Inventário Psicológico da California - CPI inclui uma escala desse tipo que se provou eficaz em diferentes países, incluindo, Itália, Turquia, Japão, Coréia, Venezuela e Brasil, para citar alguns.

Este tipo de escala, segundo Gough, autor do CPI, avalia interesses e comportamentos ligados ao sexo. Pessoas com altos escores em feminilidade são descritas como apreciativas, pacientes, gentis, moderadas, perseverantes, enquanto as com altos escores em masculinidade como ambiciosas, manipuladoras e oportunistas ao tratarem com os outros e impacientes com atraso, indecisão e reflexão, para citar algumas características.

Tipicamente, este tipo de escala é construido através de análise empírica de itens. Da amostra inicial de cerca de 5000 sujeitos, foram utilizadas duas sub-amostras de aproximadamente 500 sujeitos cada, desenvolvendo-se a Escala M-F através de um esquema de validação cruzada dupla, a fim de se evitarem itens que tenham discriminado os grupos contrastados por mero acaso. O nível de separação entre os dois grupos, conseguido pela chave empírica, permite considerar a Escala de Masculinidade-Feminilidade, desenvolvida, útil para suas finalidades.

VALORES SEXUAIS DA MULHER : UM ESTUDO PILOTO.

Tamayo A., Borcilia, D. do N., Carvalho, K.G., Oliveira, A.D.R., Pires, A.S.da S., Manhiça, C.A..

As pesquisas transculturais sobre os valores (Schwartz, no prelo), bem como sobre a sua estrutura motivacional têm provocado uma renovação metodológica e uma proliferação de estudos nesta área. Os valores são considerados como princípios transsituacionais que orientam a escolha ou avaliação de comportamentos e eventos e expressam interesses individuais, coletivos ou mistos. Os valores sexuais do homem e da mulher ainda não têm sido objeto de estudo. Esta pesquisa faz parte de um projeto mais abrangente cuja primeira etapa consiste na construção de um instrumento de avaliação dos valores sexuais. Foi objetivo do presente estudo recolher uma amostra de valores sexuais de mulher, que constituirão a materia prima (junto com a amostra de valores sexuais do homem) para a construção do instrumento. A amostra de sujeitos foi constituída por 100 comerciários , sendo 59 do sexo feminino e 42 do masculino. A idade média foi de 24.6 anos (D.P. = 6.02) com nivel de escolaridade entre segundo incompleto e segundo completo. O levantamento foi realizado através de um questionário no qual se definiam os valores sexuais como "princípios que guiam a sua vida sexual" e se solicitava aos sujeitos de escrever, no lugar apropriado, os cinco valores sexuais mais importantes da mulher brasileira e de dar uma curta descrição deles. Os dados foram submetidos a análise de conteúdo. Desta forma foram identificados numerosos valores sexuais, sendo os mais importantes a valorização da mulher e a ligação afetiva, enfatizados tanto pelos homens como pelas mulheres. Outros valores sexuais identificados foram a aparência física, a estética, o respeito, o prazer, a elegância, o charme e a igualdade sexual. Os resultados são interpretados no contexto da teoria motivacional dos valores.

135 AVALIAÇÃO DE PAIS E PROFESSORES SOBRE AJUSTAMENTO SOCIAL E COMPORTAMENTAL: COMPARAÇÃO ENTRE ALUNOS COM DIFICULDADES ESCOLARES E EM ATENDIMENTO PSICOLÓGICO, COM DIFICULDADES ESCOLARES E SEM ENCAMINHAMENTO E ALUNOS SEM DIFICULDADES ESCOLARES.

MACHADO,V.L.S.; MARTURANO,E.M.*; LINHARES,M.B.M.*; LOUREIRO,S.M; MARTINS,S.H.S. e GERALDO,S.A. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP,*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP.

O presente trabalho faz parte de um projeto mais amplo que tem por objetivo detectar indicadores específicos de problemas associados ao atraso escolar através de técnicas de avaliação psicológica, usualmente empregadas no diagnóstico das dificuldades de aprendizagem.

Aqui estão relatados dados preliminares obtidos em uma parte mais específica do projeto que visa desenvolver a coleta e avaliação de dados relativos a característica comportamentais apresentadas pelas crianças conforme percepção e relato de mães e professoras. Como sujeitos deste trabalho participaram 36 crianças da rede pública de ensino, 17 do sexo masculino e 19 do sexo feminino, com idades variando entre 9 e 11 anos sendo: a) 15 crianças do Grupo 1-alunos do ciclo básico, com história de atraso escolar, que procuraram atendimento psicológico junto ao Serviço de Psicopedagogia do Hospital das Clínicas da Fac. Med. de Rib. Preto; b)11 crianças do Grupo 2-alunos do ciclo básico com história de atraso escolar mas que não procuraram atendimento psicológico; e c)10 crianças do Grupo 3-alunos sem atraso escolar frequentando série compatível à idade (3ª ou 4ª série).

Os dados foram coletados através do preenchimento, pelas mães, da Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter(adaptada por Graminha, 1990) e do preenchimento, pelas professoras, de um questionário para avaliação do comportamento em sala de aula (Machado e Figueiredo,1989). Os resultados obtidos permitiram evidenciar que, pela percepção das mães, há crianças nos três grupos que obtêm índices indicativos de problemas comportamento, no entanto, o número de crianças que obtêm estes índices é maior nos grupos 1 e 2 indicando que realmente estas crianças com dificuldades escolares, apresentam mais áreas problemáticas. Os índices comportamentais obtidos pelas crianças conforme percepção das professoras vai no mesmo sentido.

CNPq

136 ADAPTAÇÃO À PRÉ-ESCOLA: ANÁLISE DAS NEGOCIAÇÕES ADULTO-CRIANÇA.

MELO, C.S.* & BRANCO, A.U. Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia.

A adaptação de crianças à pré-escola resulta da soma dos esforços da criança, dos pais e dos professores. Entendemos por adaptação o processo de integração da criança ao novo contexto eco-comportamental: no âmbito físico, social e normativo. O projeto incluiu gravações em vídeo (5:10'), observação direta (19:15') e entrevistas (pais e professores), sendo coletados dados de oito crianças (idade média 2a8m). O presente estudo abordou o fenômeno sob a perspectiva co-construtivista, investigando os momentos de resistência à integração que se evidenciaram através das negociações entre crianças e adultos - pais e/ou professores. Analisamos também as tendências para convergência ou divergência de objetivos entre os participantes, bem como as estratégias utilizadas por estes que facilitaram ou não o processo de adaptação. A análise microgenética dos episódios revelou o papel significativo das estratégias adotadas pelos adultos: redirecionamento da atenção da criança para eventos do ambiente (brinquedos, crianças); contato físico; cuidado e proteção (maternagem); nivelamento e interação face a face; empatia com "stress" da criança; negociação verbal para justificar a ausência da mãe, entre outros. A interpretação deste processo através da análise das interações e da abordagem co-construtivista possibilita compreensão do fenômeno de adaptação e produção de elementos para orientação da escola e das famílias. O estudo também representou uma contribuição teórico-metodológica para investigação das negociações relacionadas a questões relevantes da Psicologia do Desenvolvimento, tais como o "attachment" e a separação.

* Bolsista do programa especial de treinamento - CAPES.

137 AVALIAÇÃO DO REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL E PROGRAMAÇÃO DE INTERVENÇÃO DE CRIANÇAS DEFICIENTES AUDITIVAS

MITSUMAGA, Gina Y.; PICOLO, Leslie A.; RODRIGUES, Olga M.P.R.
Departamento de Psicologia - UNESP/BAURU

O objetivo principal foi a AVALIAÇÃO DE REPERTÓRIO das crianças pertencentes ao CEDAU-USP. A AVALIAÇÃO pretendeu abarcar as seguintes áreas: perceptiva, motora, verbal, cognitiva e afetivo-social; localizando pontos de conflito que possam estar direta ou indiretamente interferindo de forma negativa no seu desenvolvimento, tendo em vista uma análise globalizada e contextualizada do problema em questão, programando possíveis intervenções nos mais diferentes níveis (grupos de apoio, terapias individuais, orientação à família ou de - mais recursos envolvidos). Com base no Roteiro de Avaliação de Repertório, foram avaliadas 9 (nove) crianças em idade pré-escolar. Vencida a AVALIAÇÃO de cada área específica com todas as crianças (após no máximo 5 sessões), foram divulgados os resultados para um estudo de caso e planejamento de intervenções com todá a equipe (psicóloga, pedagoga, fonoaudióloga e professora) e a família das crianças. Os resultados obtidos indicam a necessidade de se considerar cada uma das crianças, elaborando planejamentos individuais que venham a colaborar, efetivamente, com o desenvolvimento do repertório comportamental de cada uma delas. Uma das áreas que merece atenção especial no grupo de apoio é a social. A socialização da criança, quando interagindo no grupo, deve ser melhor planejada para garantir tal objetivo.

138 A FUNCIONALIDADE DA LÍNGUA ESCRITA NA ESCOLA PÚBLICA E PARTICULAR.

SPINILLO, A., ALBUQUERQUE, E., LINS E SILVA, M.E. Mestrado em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, PE.

Estudos analisando os usos e funções da língua escrita em determinadas sociedades salientaram a importância de considerar a leitura e escrita como objetos culturais que precisam ser usados funcionalmente e com objetivos sociais mais amplos.

O presente estudo pretende fazer uma análise comparativa dos usos e funções da língua escrita na escola pública e particular, enfocando dois aspectos: os usos da língua escrita em sala de aula e a importância da leitura e escrita para alunos e professores. Nesse sentido, foram realizadas observações em duas turmas de alfabetização e entrevistas com professores e alunos, de ambas as redes.

Os resultados indicam que as atividades de leitura e escrita desenvolvidas em sala de aula pelas duas escolas restringem-se quase que exclusivamente a tarefas de classe e de casa, cópia, ditado e leitura individual dos textos de cartilha.

Em relação aos depoimentos dos alunos e professores, as respostas foram classificadas em 5 categorias: funcional, acadêmica, finalidade prática, circulares e mista. Observou-se que as respostas dos professores assemelhavam-se às dos seus alunos, variando quanto ao grau de funcionalidade da leitura e escrita no contexto escolar.

Pode-se concluir que nas duas escolas a língua escrita é trabalhada de maneira artificial, possuindo um caráter puramente acadêmico. O contexto escolar não desenvolve na criança o prazer de ler e escrever, sendo a língua escrita apresentada como um fim em si mesma, e não como um instrumento de comunicação.

As implicações educacionais são discutidas.

139

EDUCAÇÃO MORAL: O QUE E COMO OS PROFESSORES PENSAM A RESPEITO

ROSA, F.H., STRZYKALEKI, M.S., KOLLER, S.H.
Departamento de Psicologia, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

O questionamento sobre o que é moralidade e como ela deve ser remetida aos primórdios das civilizações. No entanto, continua sendo um assunto muito freqüente, atualmente, em nossa realidade. Deste questionamento, interessa-nos saber que contribuição os professores fornecem às crianças em sua prática disciplinária, no sentido de transmitir e divulgar valores morais. Para tal, buscamos entre nossos sujeitos, 30 professores das primeiras séries do 1o. grau, de escolas públicas e privadas, o conteúdo sobre moral nos seus discursos educativos. Observamos, após entrevistas semi-estruturadas e individuais, analisadas em seus conteúdos, que: (a) o conceito sobre o que é moralidade é amplo, referindo-se ao bem e ao mal, à valores individuais e/ou sociais-culturais; (b) a educação moral deve ser uma transmissão destes valores e a facilitação para a construção destes mesmos valores; (c) não há uma educação moral organizada e curricular, mas surge espontaneamente do dia-a-dia da escola; (d) pensam os professores ser necessário um programa, tendo que para tal ser elaborado e desenvolvido o uso de habilidades críticas, tanto de professores e outros quanto de alunos; (e) os professores não têm informações sobre a situação do desenvolvimento moral de seus alunos; (f) os professores da escola privada orientam seus alunos mais freqüentemente por valores dicotômicos (certo ou errado) que os professores de escola pública. Os resultados são discutidos à luz das teorias do desenvolvimento sócio-moral humano e apontam para uma intervenção, psicológica e educacional, necessária e urgente, junto professores e alunos, no sentido de desenvolver maior conhecimento sobre a moralidade e habilidades críticas no entendimento dos valores morais.

140 VIVENCIAS EM CRIATIVIDADE

ANARUMA, SILVIA MARINA
Inst. Biociências - Unesp - Câmpus de Rio Claro

Este trabalho pretende apresentar o resultado de um curso sobre criatividade para alunos de licenciatura, que nasceu da necessidade de contribuir com a melhoria das atividades escolares. Acreditávamos que à partir disso, o futuro professor teria mais possibilidade de elaborar uma prática educativa que promovesse a criatividade. O nosso objetivo foi o de despertar a criatividade, através de vivências facilitadoras, onde os participantes pudessem experienciar formas de trabalho que a preserve e a estimule. Foi realizado com alunos da Licenciatura em Geografia da Unesp - Campus de Rio Claro, e teve a duração de 12 horas. A metodologia empregada, partiu do princípio que, só experienciando a criação, é que alguém poderia auxiliar à criar. Portanto, além de explicações teóricas, os alunos vivenciaram situações elaboradas à partir de alguns traços da pessoa criativa: originalidade, inventividade, curiosidade e pesquisa. Foram baseadas em técnicas de Dinâmica de Grupo, Gestalt, Psicodrama e Relaxamento.

Os resultados demonstraram que as vivências não só serviram para o auto-conhecimento das potencialidades de cada um, como para mostrar que a criatividade vem de encontro à aprendizagem que possibilite o desafio. Os alunos perceberam a importância das experiências vivenciadas, para uma situação de sala de aula, tanto é que, os que já lecionavam, espontaneamente aplicaram alguma das técnicas aprendidas, concomitantes ao curso e verificaram na prática as respostas positivas dos alunos. Também desmistificou-se a idéia de que criatividade é privilégio de poucos, o que pode ser desenvolvida conforme a situação facilitadora, em qualquer disciplina.

141

IDENTIFICANDO CONCEPÇÕES RELACIONADAS À PRÁTICA COM O DEFICIENTE MENTAL

TUNES,E.; SOUZA,J.A. e RANGEL, R.B.
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Este trabalho pretendeu analisar algumas concepções que se relacionavam à prática de profissionais do ensino especial, na cidade de Brasília. Seis profissionais participaram de quatro reuniões em que se oportunizaram discussões nas quais eles puderam repensar o seu discurso sobre a prática, modificando-o ou tornando-o mais preciso. As questões propostas para a discussão incluíram a conceituação, o tratamento, a evolução, características e causas da deficiência mental ou da excepcionalidade. Os dados foram agrupados em duas categorias gerais (sobre a prática com o deficiente mental e sobre o conceito de excepcionalidade) e, a seguir, em sub-categorias (sobre as ações realizadas e resultados obtidos, sobre a evolução do fenômeno, características e possíveis causas). Posteriormente, o discurso dos profissionais foi analisado, novamente, buscando-se verificar a concepção a ele subjacente: se a visão teológica, metafísica ou científica, conforme apresenta a literatura. Os resultados indicam que há uma distribuição razoavelmente homogênea de falas que revelam tanto uma concepção científica quanto uma metafísica, indicando a existência de uma sobreposição de estágios evolutivos do conceito de deficiência mental. Na fala dos profissionais não se evidenciaram versões denotando a visão teológica.

142

CRITÉRIOS UTILIZADOS PELOS ALUNOS NA AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

CHIPPARI, M.; REGNATO, S.M., Departamento de Psicologia, Faculdades de Santo Amaro, SP.

Segundo Moreira (1988), tem-se tornado cada vez mais comum a prática de avaliar professores, notadamente no ensino universitário, através de tomada de opiniões dos alunos. O objetivo do presente trabalho foi o de se obter os aspectos determinantes na avaliarão que o aluno faz de um professor como " bom " ou "péssimo". Participaram desta pesquisa 260 alunos universitários de ambos os sexos dos anos intermediários dos cursos de Física, Odontologia e Psicologia de duas Instituições, uma pública e outra particular, dos períodos diurno e noturno. Para a realização desta pesquisa foram utilizados quatro formulários que continham uma única questão, aberta, a saber; a) descreva um bom professor; b) idealize um bom professor ; c) descreva um péssimo professor; d) idealize um péssimo professor. Cada aluno respondeu a uma única questão. Do total de 260 formulários obtidos foram selecionados aleatoriamente 128 divididos em quatro grupos, em função da questão específica que continham. Para cada grupo procedeu-se à análise do conteúdo verbal das respostas obtidas. Após repetidas leituras dos formulários, as respostas foram todas listadas e posteriormente agrupadas em função da semelhança da natureza de cada uma delas. Cada agrupamento então encontrado foi reavaliado com o objetivo de se agrupar as respostas que, apesar da formulação diferente, possuiam o mesmo significado. Nos quatro grupos de formulários as respostas encontradas foram divididas em três classes: a) características pessoais; b) relação professor X aluno e c) didática. Segundo os resultados obtidos,constatou-se que o número de respostas para o bom professor é maior que para o péssimo (499 e 423 respectivamente); nas duas categorias, aproximadamente 48% das respostas se concentraram na classe Didática, 25% na qualidade da relação professor X aluno e 27% nas características pessoais. Além disso, aproximadamente 67% das respostas dadas foram comuns às duas instruções para o bom professor e 65% para o péssimo. Estes resultados demonstram que os critérios da avaliação do aluno concentram-se mais na qualidade do método de ensino, na forma de apresentação do conteúdo e no domínio do conhecimento do que nas características pessoais ou no tipo de relação que se estabelece entre professor e aluno.

143

PARTICIPAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA ELABORAÇÃO DAS REGRAS DE UM PROGRAMA EDUCATIVO. Batista, C.G., PRODECAD, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, Universidade Estadual de Campinas.

O objetivo do presente estudo é relatar a experiência da autora como psicóloga escolar do Programa de Apoio à Escolaridade Prodecad, Unicamp, no primeiro semestre de 1992.

A proposta de atuação para o semestre centrou-se na elaboração conjunta das Regras do Programa pela equipe (coordenadora pedagógica, psicóloga, professores), a partir de levantamento realizado com os alunos ao final do ano anterior. As atividades foram registradas em um diário, contendo o relato suscinto de eventos envolvendo alunos, professores e demais pessoas do Programa.

O exame dos registros do diário levou à identificação das seguintes categorias de atuação: "orientação de rotinas", "discussão com professores e monitores", "atendimento direto a alunos", "observação das turmas" e "contato com pais". Verificou-se que, no início do ano, muitas das atividades realizadas foram classificadas como "orientação de rotinas". Em conjunto com a coordenadora pedagógica, investiu-se um grande esforço na implantação de rotinas, notadamente as refeições (uso adequado de utensílios, adoção do "ajudante de classe", etc.) Gradualmente, os alunos foram se adaptando às novas práticas e os professores e/ou monitores passaram a orientá-las sem supervisão direta. A análise dos registros indicou, também, a ocorrência muito freqüente de atividades categorizadas como "atendimento direto a alunos". A psicóloga foi bastante solicitada a atuar na solução de casos emergenciais (recusa de alunos quanto às propostas do professor, desrespeito ao professor, conflitos entre crianças). Nesses casos, além do atendimento feito no momento, buscou-se trabalhar a questão em outros níveis, incluindo: discussão individual com o professor, discussão teórica e de casos com a equipe, discussão sobre formas de aprimoramento da proposta educacional do Programa. As solicitações para "atendimento direto a alunos" foram se reduzindo em várias turmas ao longo do semestre. Por outro lado, houve aumento de "discussões com professores e monitores" referentes à orientação para atuação com determinados alunos e ao relato de problemas resolvidos pelo próprio professor e/ou monitor.

Os resultados apontam para uma gradual instrumentação do professor e do monitor na solução de problemas com alunos e no planejamento das condições de trabalho com o grupo.

144 O EMPREGO DA PSICOMETRIA NOS ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO: UMA AVALIAÇÃO DOS ÚLTIMOS 5 ANOS. CARNEIRO, E.P.C.; DA SILVA, F.B.; DA SILVA PEREIRA, T; CAMPOS, L.A.M. - Instituto de Psicologia, UFRJ

Este trabalho inaugura um programa de pesquisas que pretende conciliar duas correntes tradicionalmente opostas na área dos processos cognitivos: as abordagens psicométricas e as cognitivo-desenvolvimentalistas. O estudo do desenvolvimento cognitivo típico e das diferenças individuais dentro de um mesmo modelo teórico tem sido difícil porque as duas orientações derivam de tradições filosóficas diferentes. A psicometria tem procurado fornecer recursos técnicos para que as diferenças individuais sejam melhor analisadas. Os objetivos do presente trabalho foram: 1º) levantar o emprego de técnicas de medida e avaliação do desenvolvimento cognitivo nas pesquisas brasileiras dos últimos 5 anos; 2º) analisar as tendências e as principais contribuições da Psicometria ao estudo do desenvolvimento cognitivo no Brasil. Foram consultados 7 periódicos nacionais e resumos de reuniões anuais de 2 sociedades científicas no período de 1987 à 1991. Entre os trabalhos analisados, uma baixa porcentagem situa-se na área da Psicologia do Desenvolvimento, onde predominam estudos de desenvolvimento cognitivo. A abordagem teórica mais focalizada continua sendo a Epistemologia Genética e o método clínico apresenta-se como a técnica de coleta de dados mais utilizada. Observou-se que as técnicas psicométricas podem ser muito mais utilizadas do que vem sendo nas pesquisas brasileiras recentes. Há baixa percentagem de estudos utilizando técnicas de análise multivariada, validade de constructo, referências à avaliação da fidedignidade, validade e padronização dos instrumentos empregados. Concluiu-se que os aspectos psicométricos dos instrumentos utilizados nos estudos de desenvolvimento cognitivo precisam de mais atenção e que a carência desta preocupação pode explicar muitos dos resultados contraditórios que tem sido relatados entre os pesquisadores brasileiros.

145

A ANÁLISE DA INTERAÇÃO SOCIAL EM PESQUISAS SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL: CONVERGÊNCIAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

SEIDL DE MOURA, M.L.* & CIVILETTI, M.V.P. - Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal Fluminense/Universidade Gama Filho

A investigação da interação social entre crianças de diferentes idades ainda enfrenta o desafio de impasses teóricos e metodológicos específicos. Embora interação refira-se a uma ação que se exerce reciprocamente entre dois sujeitos, seu uso mais frequente em pesquisas psicológicas focaliza comportamentos individuais de sujeitos numa situação social. Num segundo nível, categorias ainda estáticas e pontuais são empregadas, como a de SDB (comportamento socialmente dirigido). Estudos recentes, inclusive de grupos de pesquisadores brasileiros, têm tentado superar essas limitações usando como unidade de análise o episódio de interação. M.I. Pedrosa em 1992 traz uma contribuição relevante com a noção de "arranjo" que engloba diversas modalidades de interação, resultado de um conjunto de propriedades de uma situação que faz com que ela se destaque perceptual ou contextualmente como "figura".

Este trabalho visou sistematizar uma metodologia de análise e sua base teórica. A fundamentação teórica encontrada na concepção de D. Newman, P.Griffin e M.Cole, de 1989, de "Zona de Construção", tem origem na noção de Z.D.P. de L.S.Vygotsky. Esta é concebida como um sistema funcional em que a mudança cognitiva é possível por um processo de negociação de significações e apropriação e onde a dialética entre os planos inter e intrapsicológicos é considerada. As unidades de análise não são atividades individuais, mas, sim, estas são consideradas como partes de sistemas funcionais interpessoais socialmente constituídos. Do ponto de vista metodológico é incorporada a categoria de arranjo, proposta por M.I. Pedrosa e é estudada a organização de padrões de interação. É proposto um modelo do tipo de atividade interpessoal (brincadeira complementar, imitação, tentativa e observação participante) e do discurso (referido a aspectos não ligados à atividade; comentários sobre a atividade e conservação focalizada na tarefa ou atividade).

A integração fundamentação teórica - metodologia de análise permite uma superação de alguns impasses da pesquisa sobre interação, especialmente de visões lineares e limitadas desta última.

146

RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS PEQUENAS DE MESMA IDADE: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA DINÂMICA DAS DÍADES.

Gimol Benzaquen Perosa - Departamento de Neurologia e Psiquiatria - Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP.

Após uma fase em que a maioria dos estudos das relações entre crianças pequenas tinham como foco prioritário a frequência de trocas entre elas (contrapostas aos comportamentos egocêntricos) e que as discussões versaram sôbre o caráter social destas respostas, surgiram estudos que se interessavam também pelo desenvolvimento de grupos mais estáveis e das qualidades dinâmicas das relações.

Dentro desta linha de pesquisa, este estudo pretende investigar se o tipo de relações que as crianças mantém entre elas resultam dos estilos individuais que cada criança traz para uma relação particular ou se o comportamento da criança face aos diferentes parceiros depende de um processo mais dinâmico.

Três crianças de sete meses e meio foram observadas em um berçário durante seis meses quando se relacionavam em díades. Cada criança relacionava-se com as duas outras formando três díades ao todo. Em um total de 16 sessões de 45 minutos registrou-se a frequência e a natureza dos conflitos e das imitações observadas entre os pares.

Os resultados parecem mostrar que apesar de certas crianças, em algumas situações, imporem suas características pessoais a uma nova relação, dificilmente uma mesma criança impôs seu estilo à maioria das relações em que se envolveu. As díades, entretanto parecem ter características próprias. Discute-se ainda as características dinâmicas das díades, o jôgo de papeis e o desenvolvimento da maturidade social dos elementos envolvidos.

Bolsista do CNPq.

147

O ESTADO 4 - UMA DISPONIBILIDADE PARA PROCESSOS PERCEPTIVOS E PARA INTERAÇÃO

CSILLAG, S., GASPARETTO, S. e BERGAMASCO, N.H.P. Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, S.P.

Os seis estados comportamentais manifestados pelos recém-nascidos são variáveis importantes nas pesquisas neonatais. Apresentam-se como Estado 1 de sono profundo, Estado 2 de sono ativo, Estado 3 de sonolência, Estado 4 de alerta, Estado 5 de despertar ativo, Estado 6 de choro intenso. A observação das modificações destes estados fornece informações significativas para a compreensão do desenvolvimento do bebê.

Este estudo foi realizado observando-se quatro recém-nascidos com idade entre 30 minutos e cinco horas de vida em situação natural de maternidade durante seu primeiro banho após o nascimento. O objetivo foi analizar a frequência de ocorrência dos estados relacionando as mudanças dos estados comportamentais nas primeiras horas de vida com os eventos circunstanciais. A idade gestacional dos bebês variou de 37 1/7 a 39 4/7 semanas todos com Apgar entre 9 e 10. Os bebês foram filmados em vídeo e através deste foram anotadas as modificações dos estados comportamentais dos bebês com intervalos de 10 segundos. Os dados obtidos foram interpretados para cada bebê salientando-se suas habilidades para responder às manipulações e a frequência de ocorrência dos estados. Foi observada a qualidade da interação oferecida no Estado 4.

Verificamos que as modificações dos estados comportamentais foram causadas por fatores endógenos como acomodação respiratória e circulatória, tremor, soluço, e fatores exógenos como manipulações para medicação e higienização. Desde o momento do nascimento o bebê pode manifestar o Estado 4, ficando neste estado disponível para processos perceptivos e para interação com seu meio social.

CNPq

148 PAPEL DO ADULTO NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS EM CRECHE. Rubiano,M.R.B.; Costa,D.C.; Luque, S.A. & Rossetti-Ferreira,M.C. (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo)

Focalizamos a creche como um contexto educacional, onde a criança ao interagir com outras pessoas, brincar ou explorar o ambiente constroi seu próprio desenvolvimento. Em situações de educação coletiva, os parceiros mais disponíveis são as outras crianças, cabendo ao adulto organizar o ambiente de modo a fornecer o relacionamento entre as crianças e seu envolvimento em brincadeiras. Assim, o adulto pode ficar mais disponível para observar o grupo e auxiliar crianças específicas, através do diálogo ou da própria reorganização da situação.

Em estudos anteriores evidenciamos que, dentro de um mesmo ambiente, crianças entre 2-3 anos associam-se com outras e envolvem-se em atividades lúdicas (especialmente com faz-de-conta) mais frequentemente em zonas circunscritas (Z.C) do que na zona em torno do estudo (Z.A.).

Durante observação em creche, foi registrado fortuitamente o comportamento de crianças em situações onde a pajem ausentou-se, de forma não planejada. O objetivo deste estudo foi comparar a organização social do grupo na presença e ausência da pajem.

A turma era composta por 3 meninos e 15 meninas, entre 26 a 36 meses. A coleta foi feita durante atividade livre, em salas estruturadas com zonas circunscritas, através de videoteipe.

Foram analisadas 5 sessões, 20 minutos cada, estando a pajem presente em 2, ausente em 2 e presente durante parte do tempo de uma sessão. A organização social foi registrada a cada minuto, considerando localização, estado social e atividade das crianças.

Os resultados foram na mesma duração dos observados em outras creches com crianças de mesma idade e com crianças menores, da mesma creche. As crianças ocuparam preferencialmente as Z.Cs; as associações criança-criança e as atividades lúdicas foram mais frequentes nestas zonas. Nas sessões em que a pajem esteve ausente, as crianças estiveram mais associadas entre si e envolveram-se mais em atividades lúdicas.

Os dados mostram que a organização social de crianças pequenas em grupo pode ser mantida em ambientes devidamente organizados, mesmo na ausência do adulto. Realçam o papel da pajem na organização de ambientes favoráveis ao desenvolvimento. (FAPESP, CNPq, CAPES)

149 DIFERENÇAS ENTRE DUAS INSTITUIÇÕES DE MENORES ENQUANTO CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. Antoneli,R.M.; Volpato,C.F.; Rossetti-Ferreira,M.C. (FFCLRP-USP)

As representações sociais sobre o "Menor" determinam a forma como surgem as instituições de atendimento a crianças e adolescentes de famílias pobres, seus objetivos, modo de funcionar e serviços oferecidos. No interior das instituições, a criança e o jovem constroem suas ações e representações sobre o mundo, sobre si mesmos e os outros. Assim é fundamental analisar a forma como se estruturam essas instituições enquanto contextos de desenvolvimento. Em uma análise comparativa de 2 instituições I1 e I2, foram entrevistados 74 e 21 ex-alunos que mantiveram contato com as instituições I1 e I2, 12 e 3 funcionários, consultadas 509 e 106 pastas de arquivos e investigada história das instituições I1 e I2 respectivamente. A I1, com 54 anos, é administrada por pessoas da sociedade. A I2, fundada há 17 anos, é gerenciada por religiosos. Os dados de arquivo e entrevistas com ex-alunos e funcionários, sugerem que a I1 apresenta uma relação mais impessoal com o aluno e valoriza sua formação escolar e profissional. Seus ex-alunos têm um nível de escolaridade superior a 4ª série e renda familiar de 5 a 8 S.Ms., demonstrando clara ascensão em relação à família de origem. Nota-se, pois, um movimento de rompimento com as expectativas de um futuro de pobreza e delinqüência nesta amostra de ex-aluno da I1. A I2 atua dentro de um padrão mais familiar e efetivo em suas relações com os alunos. Seu trabalho volta-se para a formação moral do aluno, onde a religião é presença marcante. Não se nota uma preocupação com a formação profissional e escolar, além da 4ª série. Os ex-alunos de I2 atuam em atividades profissionais não qualificadas e com baixos slários (de 0 a 2 S.Ms.). Observa-se entre eles uma atitude de aceitação e reprodução das condições de vida das famílias de origem. A discussão destes resultados confirma que as representações de menor e do futuro a ele destinado, leva à organização de diferentes contextos de desenvolvimento. (CNPq, FAPESP, CAPES)

150

MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: RUPTURA OU INTEGRAÇÃO?

PEREIRA NOBREGA, N. - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ao estudar a maternidade na adolescência, merece atenção especial a potencialidade da adolescente para elaborar esta crise, representada pela maternidade. Tanto a adolescência como a "maternalidade", vista como constituida pelos processos psico-afetivos que se desenvolvem e se integram na mulher no momento da maternidade, podem ser consideradas crises. Crise de identidade, por que há transformação ampla, cujo desfecho é aleatório, mas potencialmente maturativa.

Como em todos as situações vitais de envergadura, a "maternalidade" obedece a leis fundamentais, sendo que o inconsciente, o passado e o imaginário estão presentes na relação mãe-filho, para enriquecê-la ou comprometê-la.

Este estudo levanta a hipótese de que os problemas psicológicos que podem se apresentar numa maternidade na adolescência estão prioritariamente na dependência de fatores estruturais do que conjunturais.

A partir de entrevistas com adolescentes grávidas, realizadas em um hospital-maternidade da cidade do Rio de Janeiro, várias questões são investigadas, dentre as quais podemos citar: as percepções da jovem frente à sua situação atual (gravidez); suas expectativas quanto à futura maternidade; seus projetos para o futuro.

A partir da análise de casos podemos constatar que a maternidade tanto pode representar um passo em termos da construção do sujeito, quando este tem condições estruturais de integrar este fato como fazendo parte de sua existência; como poderá ser vivenciada como uma ruptura, no caso em que a adolescente estiver impossibilitada de se representar como alguém que tem existência própria. Nestas circunstâncias, a própria gravidez passará "desapercebida", os movimentos fetais serão interpretados como "dores de barriga", e a própria criança será vivenciada como "algo" estranho, como "coisa" corporal.

Quando este tipo de estruturação está presente podemos temer pela própria existência da criança que vai nascer, pois sua jovem mãe, por sua impossibilidade de dar significação à gravidez e ao bebê, também não poderá fornecer as condições necessárias para que a criança possa vir a se constituir como sujeito.

Assim podemos dizer que o valor da gravidez, sua significação, seus possíveis efeitos, estruturantes ou desestruturantes, estão na dependência da estrutura psicológica da adolescente; e que não é o período da adolescência que tornará problemática uma maternidade.

151

ESTUDOS DA FARMACOCINÉTICA DO ALCOOL ETILICO EM SITUAÇÕES DE PRIVAÇÃO PROTÉICA E PROTÉICO-CALÓRICA: INTERFERÊNCIA DA IDADE, SEXO E ESTADO REPRODUTIVO.

SILVA, V.A. Laboratório de Teratologia Experimental, Departamento de Fisiologia, Instituto Biomédico, UFF, Niterói, RJ.

O etanol é uma droga frequentemente associada à desnutrição, tanto pelas alterações que causa quanto pelo fato de ser consumido por populações de baixo poder aquisitivo. Temos investigado em ratos a farmacocinética do álcool etílico em situações de desnutrição protéica e protéico-calórica, por tempo longo e por curtos períodos de tempo. Os resultados indicam que variáveis biológicas e o modelo de desnutrição empregados são fatores determinantes na farmacocinética do etanol, podendo ser sintetizados nos seguintes pontos: 1. A desnutrição protéica reduz dramaticamente a eliminação do etanol. 2. Este fenômeno não é observado na desnutrição protéico calórica de intensidade igual à desnutrição protéica em termos de redução do peso corporal. 3. Ratos jovens sofrem redução da eliminação do etanol, com apenas 48 horas de privação protéica, o que não ocorre com ratos adultos. 4. Durante a lactação, ratas são mais sensíveis aos efeitos da restrição protéica, comportando-se como os machos jovens. 5. Durante a lactação, a eliminação do etanol é muito acelerada. Este último aspecto está sendo atualmente investigado em seres humanos buscando-se subsídios para a extrapolação entre espécies.

Apoio Financeiro: CNPq, PROPP, UFF, British Council

152

ESTUDO DOS EFEITOS DO ETANOL EM INTERAÇÃO COM A DESNUTRIÇÃO MATERNA SOBRE O DESENVOLVIMENTO MORFOLÓGICO E NEUROCOMPORTAMENTAL DE RATOS.

SILVA, Y.A. Laboratório de Teratologia Experimental, Departamento de Fisiologia, Instituto Biomédico, UFF, Niterói, RJ.

Observações clínicas em puerperas de baixa renda indicam alto consumo de bebidas alcoolicas durante a gestação em associação à desnutrição. A partir deste dado buscamos, através de modelos experimentais, compreender melhor a complexa interação desnutrição-etanol, quanto aos seus efeitos sobre o desenvolvimento fetal. O modelo experimental de desnutrição utilizado foi a restrição a 50% do consumo alimentar. Em síntese os resultados sugerem que: 1. A exposição ao etanol na segunda semana de gestação (6g/kg) retardou o desenvolvimento esquelético apenas de ratos desnutridos. 2. A exposição restrita aos dias 18, 19 e 20 de gestação (6g/kg) retardou o desenvolvimento somático e reflexo. 3. A exposição ao etanol in utero (20% na água de beber) prejudicou o desempenho no labirinto Hebb-Willians na vida adulta. 4. Alcool e desnutrição interagiram prejudicando o desempenho em testes de coordenação motora. 5. Apenas a desnutrição retardou o aparecimento do padrão adulto de natação. 6. O etanol pode ser fonte significativa de calorias para o desnutrido, aumentando o número de filhotes em relação ao grupo apenas desnutrido.

Apoio financeiro: FAIPES, FAPESP, CNPq.

153

DESAMPARO E MÁ-NUTRIÇÃO: EFEITOS DA GEPIRONA.

NASCIMENTO, A.B.; CAMARGO, L.M.M.; REZENDE, D. Depto de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, CCB-UEL.

Os objetivos deste experimento foram os de verificar se a má-nutrição (MN) do tipo calórico-protéica potencializa os efeitos de procedimentos de inescapabilidade (PI) de 60 choques de 0,7 mA, apresentados na Sessão Treino (ST), num esquema de VI 60 s, com duração de 8 s cada e se benzodiazepínicos (clordiazepóxido - CDP - 5 mg/kg) e não-benzo- diazepínicos (gepirona- GEP - 5 mg/kg) seriam eficazes na reversão de déficits motivacionais e cognitivos induzidos pelo PI. 96 ratos machos Wistar, com 60 dias foram divididos em dois grupos: 48 bem-nutridos (BN) e 48 mal-nutridos (MN). 24 ratos BN e 24 MN foram expostos ao procedimento de choques inescápaveis e a outra metade foi colocada nas mesmas condições ambientais, porém sem choques. 72 h. após o PI, cada subgrupo de 24 ratos foi aleatóriamente dividido em 3 grupos de 8 ratos cada, sendo que estes receberam um dos tratamentos: CDP, GEP, ou veículo, 30 min antes do Teste, que consistiu em 30 exposições do rato a uma caixa de duas vias, onde o comportamento deste em saltar um obstáculo de 5 cm de altura permitia-lhe fugir do choque. Os resultados mostraram que: a) a MN potencializa os efeitos da inescapabilidade; b) o PI foi eficaz em produzir déficits motivacionais, pois todos os grupos expostos ao PI apresentaram latência de fuga (LF) maior que aqueles não expostos; c) nos grupos que receberam CDP, a LF reduziu significativamente com a repetição do desempenho $F(3,4)=2,95$, $p<0,007$; d) o CDP foi eficaz em reduzir a LF dos grupos não submetidos ao PI $F(3,4)=21,07$, $p<0,001$, e e) em relação a GEP, o CDP reduziu a LF dos grupos MN submetidos ao PI $F(2,4)=399,55$, $p<0,0001$, bem como dos BN $F(2,4)=75,08$, $p<0,0001$. Os resultados sugerem que a MN não leva ao desamparo, mas potencializa déficits motivacionais subjacentes a este estado. A eficácia do CDP sobre o fenômeno do desamparo parece devida a retirada de componentes ansiogênicos, mas os resultados da GEP sobre a LF sugerem que o substrato neuroquímico onde atua esse composto deve ser diferente entre BN e MN, pois a LF dos MN foi significativamente menor que a dos BN.

Apoio financeiro CNPq.

154

LIMIAR DE ESTREMECIMENTO E PULO EM RATOS DESNUTRIDOS E CONTROLES EXPOSTOS A ESTIMULAÇÃO AMBIENTAL: DADOS PRELIMINARES***.

ROCINHOLI, L.F.*; DAUD, M.M.**; SANTUCCI, L.B.**; ALMEIDA, S.S.; DE OLIVEIRA, L.M. - Laboratório de Nutrição e Comportamento, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, Ribeirão Preto - SP.

Tem sido relatado uma hiper-reatividade nos animais desnutridos aos estímulos aversivos . Uma das situações em que este fenômeno está claramente demonstrado é o teste do limiar de respostas ao choque. O objetivo do trabalho foi investigar se a estimulação ambiental pode corrigir as alterações comportamentais no teste do limiar. Foram utilizados ratos wistar, machos, amamentados durante a lactação (0 a 21 dias) por mães que recebiam dietas balanceadas de 6% (D) ou 16% (C) de proteína. Após o desmame, todos os animais recebiam dieta comercial. A metade dos animais de cada condição de dieta foram estimulados diariamente por 3 minutos e, após a lactação, viviam em gaiolas com diversos objetos. A outra metade foi mantida sem estimulação. Para o teste de limiar de resposta realizado aos 70 dias de idade os choques eram apresentados em 10 séries (5 ascendentes e 5 descendentes) com intervalo de 30 s entre os choques e 2 min entre as séries. Em cada apresentação de choques foram registrados o estremecimento, pulo e vocalização. Nos intervalos entre os choques eram registrados: Locomover, levantar-se, micção, morder. Embora a análise de variância dos dados preliminares não mostre diferenças entre os diversos grupos, os animais desnutridos não estimulados mostram uma tendência a limiares mais baixos. A estimulação ambiental tende a aumentar o limiar de pulo nas duas condições de dieta e não interfere no limiar de estremecimento. A vocalização não é grandemente afetada nem pelas condições de dieta e nem pela estimulação ambiental.

* Bolsista CNPq ** Bolsista FAPESP
*** Projeto Temático da FAPESP

155

EFEITOS DA DESNUTRIÇÃO PROTÉICA SOBRE A RESPOSTA EXPLORATÓRIA DE RATOS A NOVOS ESTÍMULOS E CONTEXTOS.

KASHIWAGI, A.C.*; BARNABÉ, J.C.***; ADES, C.**; ALMEIDA, S.S. ***; OLIVEIRA, L.M.*** & XAVIER, G.F.* Departamentos de (*) Fisiologia Geral IB-USP São Paulo, (**) Psicologia Experimental IP-USP, São Paulo e (***) Psicologia e Educação FFCL-USP Ribeirão Preto.

O objetivo deste trabalho foi avaliar os efeitos da desnutrição sobre a exploração de novos estímulos e contextos. Ratos Wistar foram alimentados com dietas contendo 16% (controle-C) ou 6% (recuperado-R) de proteína na lactação (0 a 21 dias de idade) e dieta comercial até o final do experimento. Outro grupo recebeu dieta deficiente em proteínas (6%) durante toda a vida (desnutrido-D). Aos 70 dias de idade os animais foram submetidos a um regime de privação alimentar de 21 horas diárias e treinados, em sessões de 8 tentativas, a correr em dois sentidos em uma pista (100x14x7 cm) que interligava duas caixas (30x30x7cm) onde recebiam pelotas de alimento. Após os animais apresentarem um tempo de corrida (TC) constante foi colocado na pista, por várias sessões, um estímulo visual que podia ser disposto em diferentes locais dependendo do número de apresentações e do sentido da corrida (mudança de contexto). Os aumentos nos valores de TC indicaram a reação ao estímulo ou à mudança no contexto, enquanto que a sua diminuição ao nível anterior à apresentação destes indicou a habituação. Não houve diferenças significantes entre os grupos (teste de Friedman) na sua reação inicial à apresentação do estímulo novo, mas o número de apresentações do estímulo necessárias para ocorrer habituação é significantemente menor ($p<0.05$) para o grupo D em relação ao C, sendo intermediário no R. A apresentação desse mesmo estímulo num novo local do corredor (mudança do contexto espacial) elicia atividade exploratória em todos os animais, mas esta reação é atrasada para os animais D, i.e., ocorre apenas na segunda sessão em que o estímulo é apresentado. Resultados similares foram obtidos em relação ao contexto de sentido de apresentação do estímulo. Esses resultados sugerem que a desnutrição provoca uma competição exacerbada entre comer e explorar o ambiente, mas não deprime o comportamento exploratório e este fenômeno é proporcional ao tempo de exposição ao insulto nutricional.

Apoio: FAPESP e CNPq.

156

EFEITOS DA DESNUTRIÇÃO PROTÉICA SOBRE O DESAMPARO APRENDIDO EM RATOS.

*HUNZIKER, M.H.L.; *VILLELA, V.L.E.; *FERREIRA, M.G.; **DE OLIVEIRA, L.M.; ***LEVITSKY, D.A. *Departamento de Psicologia Experimental Instituto de Psicologia-USP São Paulo, **Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras-USP Ribeirão Preto, ***Cornell University, Ithaca, New York USA.

O desamparo aprendido é caracterizado pela redução da sensibilidade a contingências operantes em função de experiências anteriores com eventos incontroláveis. Foi realizado o presente estudo com o objetivo de verificar se ratos desnutridos no início da vida seriam suceptíveis ao desenvolvimento do desamparo aprendido. Quarenta e dois ratos Wistar, machos, foram alimentados com dietas contendo 16% (controle-C) ou 6% (recuperado-R) de proteína na lactação (0 a 21 dias de idade) e dieta com 16% de proteína até o final do experimento. Outro grupo recebeu dieta deficiente em proteínas (6%) durante durante toda a vida (desnutrido-D). Ao completarem 90 dias de idade, metade dos animais de cada grupo foi submetida a uma sessão de 60 choques elétricos incontroláveis de 1,0 mA e 10,0s de duração, ministrados através do piso a intervalos médios de 60s (amplitude de variação de 20-100s). Os demais sujeitos foram apenas colocados nas caixas experimentais por períodos equivalentes, porém sem choques. Vinte e quatro horas após, todos os sujeitos foram colocados numa shuttlebox e testados numa contingência de fuga. Nessa sessão, foram apresentados 30 choques elétricos nos mesmos parâmetros que os anteriores, com a diferença que cada choque era interrompido imediatamente após o animal pular de um compartimento ao outro da caixa. Na ausência dessa resposta, o choque era desligado após 10,0s. O tempo decorrido entre o início e término do choque foi considerado como a latência de fuga na tentativa. Os resultados revelaram que tanto nos grupos C como R, os animais não expostos aos choques incontroláveis aprenderam a resposta de fuga, ou seja, apresentaram redução gradual das latências ao longo das tentativas; já os animais destas condições previamente submetidos a esses choques apresentaram, em média, altas latências ao longo de toda a sessão (desamparo aprendido). Os animais do grupo D diferiam dos anteriores apresentando altas latências de fuga durante toda sessão independentemente do tratamento prévio com os choques. A observação direta do comportamento desses animais revelou ainda que os sujeitos do grupo D apresentaram maior atividade motora e exacerbação de outras reações ao choque durante a sessão de choque em comparação aos demais sujeitos. Esses resultados mostram que a desnutrição causa alterações na sensibilidade aos estímulos aversivos acarretando prejuízos na aquisição da resposta de fuga.

157 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA NOVA NA FORMAÇÃO DE LICENCIADOS EM PSICOLOGIA

TUNES,E.; ALMEIDA,S.F.C.; CANDUA,D.P.; GAMA,P.C.S.; NEIVA,E.R. PAES,A.H.N.; SANTOS,Y.R. e ZUIM,C.B.B.
Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília

Visando a dar uma formação mais sólida e realista ao futuro professor de Psicologia do ensino médio, surgiu a idéia de que estagiários de licenciatura viessem a planejar e executar atividades de ensino focalizadas sobre problemas reais e concretos de ensino com os quais se defronta o professor na sua prática cotidiana. Assim, os estagiários participaram de um projeto de estágio que incluía o preparar e desenvolver um curso de extensão para professores de Química, Física, Biologia e Geografia do ensino médio, em efetivo exercício. Dados obtidos através de assessoria prestada a professores do ensino médio pelo Departamento de Química da Universidade de Brasília serviram aos estagiários como ponto de partida para identificarem problemas de ensino e, em função destes, proporem objetivos de ensino para o curso de extensão. Na condução deste, o conteúdo próprio da Psicologia foi difundido, pelos estagiários, não com o caráter de aplicação à realidade de ensino, mas como um instrumento para pensar e refletir sobre a mesma. Desse modo, o praticar o ensino da psicologia e o avaliar a aprendizagem dos professores que eram alunos dos estagiários envolveram a atuação, ainda que não imediata, sobre uma realidade de ensino. Ao mesmo tempo, foi possível aos estagiários conhecerem o lugar da psicologia junto a outras áreas de conhecimento, bem como a importância desta para se repensar o conteúdo, as estratégias e concepções próprias do ensino médio.

158

PESQUISA ANTES E DEPOIS DA TITULAÇÃO - UMA RELAÇÃO PRELIMINAR

AZZI, R.G., LUNA, S.V.* , Doutoranda UNICAMP e Assistente Técnica de Planejamento - PUC-SP, * Prof. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Educacional - PUC-SP.

Na literatura sobre o ensino superior é frequente encontrarmos colocações de que a formação de um pesquisador se dá, principalmente, através de um engajamento efetivo em pesquisas sob a supervisão de um pesquisador experiente. Embora a legislação vigente sobre o ensino superior recomende que a formação do pesquisador tenha início nos cursos de graduação a realidade é que, de fato, essa é uma tarefa que cabe à pós-graduação.

Em pesquisa por nós realizada junto a 257 egressos da pós-graduação que obtiveram seus títulos de mestre (159) ou doutor (98) em Psicologia ou Educação nas universidades do Estado de São Paulo entre os anos de 1976 e 1983 constatamos que a maior parte dos titulados havia tido experiência prévia em pesquisa antes da elaboração da dissertação de mestrado, seja em atividade curricular, extra-curricular ou de ambas as formas. A forma de inserção nas pesquisas variou entre as de aluno-colaborador, pesquisador principal e integrante de um grupo. A análise destas condições parece fundamental para se repensar a iniciação do pesquisador.

Dentre os doutores pouco mais de 50% atingiu, além da experiência em pesquisa antes da dissertação, ter desenvolvido outras pesquisas entre e após a dissertação/tese além de estarem realizando pesquisa na época que responderam ao questionário utilizado em nossa pesquisa. Entre os mestres verificou-se índices bem menores para a condição de ter pesquisado antes da dissertação, após a dissertação e no momento em que foi solicitado a responder ao questionário.

Estes resultados parecem ser mais alentadores do que os obtidos por Luna em 1983 quando indicou que a formação do pesquisador vinha se caracterizando pela realização de uma única pesquisa (Mestrado) ou no máximo duas (Doutorado).

Bolsas: CNPq, CAPES e CEPE/PUC-SP

159

A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO: UM ESTUDO SOBRE AS INTERAÇÕES ENTRE O ORIENTADOR E ORIENTANDO COM BASE EM INCIDENTE CRÍTICOS

RODRIGUES JR, J.F., FLEITH, D.S., ALVES, K.M.B., Universidade de Brasília, DF.

A importância atribuída à dissertação de mestrado dentro do panorama da pós-graduação no Brasil, bem como a escassez de pesquisas sobre o tema, nos levou a desenvolver o presente estudo que teve como objetivo, examinar as interações que ocorrem entre orientador e orientando durante o transcurso do projeto de dissertação e seus efeitos sobre o mesmo. Foram entrevistados 40 sujeitos, sendo 20 mestres e 20 orientadores das áreas de Exatas e Humanas da Universidade de Brasília. Solicitou-se a cada entrevistado que relatasse um incidente efetivamente ocorrido na sua interação com o orientador (ou orientando), em referência ao projeto de dissertação que tivesse sido gratificante e um incidente frustante. Quanto aos inicidentes positivos, os orientadores os relacionaram, equitativamente, ao desempenho de orientadores e alunos ou seja, o sucesso no processo de orientação coube aos dois elementos. Os orientandos, por sua vez, privilegiaram o desempenho do orientador. Os professores ressaltaram o papel do orientador enquanto gerente do processo, salientando o compromisso do aluno com a condução do mestrado. Com relação aos incidentes negativos, os orientadores associaram o insucesso aos alunos. Para estes, o insucesso originou-se da incapacidade de gerência do professor, do domínio superficial do conteúdo por parte do orientador e da não disponibilidade do mesmo. Observou-se que o sucesso ou frustação no processo de orientação é atribuído ao membro oposto da relação, o que parece confirmar a hipótese de que há uma tendência em se autopreservar, tanto a nível pessoal como profissional. A análise dos resultados nos levou à elaboração de um modelo integrado das interações entre orientador/orientando, constituído de categorias e subcategorias mediadoras de tais interações.

160

A PESQUISA PSICOLOGICA NO BRASIL - UM ESTUDO A PARTIR DAS REUNIÕES ANUAIS DA SBPC

Agatti, A.P.R. (Instituto de Psicologia da USP) e Biaila M.M.A (Pós- graduação do IPUSP)

O objetivo do presente trabalho foi proporcionar uma visão geral da pesquisa psicológica no Brasil. Foram analisados 1077 resumos de pesquisas apresentadas nas reuniões anuais da SBPC (1985-1991). As pesquisas foram categorizadas segundo as variáveis: ano, área, região, dependência administrativa, natureza dos sujeitos, modelo teórico, área da Psicologia e tipo de pesquisa. Utilizou-se o Statistical Package for the Social Sciences. Os resultados mais importantes são os seguintes: 37% das pesquisas originam-se da USP e 60%, do Estado de São Paulo. As universidades federais e estaduais são responsáveis por 90% das atividades de pesquisa. 95% das instituições privadas não se engajam em atividades de pesquisa. 50% das pesquisas são financiadas, sobretudo Psicobiologia e Análise do Comportamento. 70% das pesquisas feitas com animais são financiadas enquanto apenas 30% das pesquisas com sujeitos humanos o são. 93,5% dos financiamentos são destinados a instituições públicas. As pesquisas de laboratório são, na sua maioria, conduzidas em instituições públicas. As pesquisas de campo, bibliográficas e teóricas predominam nas instituições particulares. Considerando-se os modelos teóricos, o financiamento é distribuído desigualmente (6% para a Psicanálise e 61% para pesquisas na área Comportamental). 71% das pesquisas de laboratório recebem financiamento e apenas 5% das pesquisas teóricas o são. Os autores sugerem, entre outras medidas, estudos e providências relativos à quase total ausência de atividades de pesquisa nas instituições particulares.

161

INTERAÇÃO VERBAL E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO: ALGUNS RESULTADOS DO ESTUDO DE DÍADES PROFESSOR-ALUNO

SIMÃO, L.M. e LAPA, L.Z., Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP

No estudo de situações de ensino-aprendizagem envolvendo relações professor-aluno, é de fundamental importância compreendermos o papel que as interações verbais ocupam no processo de construção de conhecimento (cf. por exemplo, Coll Salvador, 1985; Orsolini, 1988), considerando-se inclusive interdependências comportamentais que afetam e são afetadas por grande número de variáveis privadas de cada um dos interatores, bem como por variáveis contextuais diversas (Duran 1987). É nesta perspectiva que se insere o presente estudo, parte de uma pesquisa mais ampla*, com o objetivo de "examinar interações sociais que ocorrem em situações de ensino-aprendizagem, de modo a identificarmos como as interdependências comportamentais dos atores operam na construção de conhecimento sobre os temas de seus diálogos". Para tanto foram coletados dados através de gravação de diálogos entre díades professor-aluno duante aulas de acompanhamento escolar, no período de um semstre letivo. Foi possível identificar aspectos das ações verbais do rpofessor e do aluno quanto a objeto, caráter prescritivo, objetivo e operação que circunstancia a ação. Tais resultados serão discutidos em termos da ocorrência de padrões de ações interativas, sua possível relação com correção ou incorreção de desempenho do aluno enquanto produto visado pelo professor e, finalmente, sua relação com aspectos do processo de construção de conhecimento apontados por Orsolini (1988) e por Brossard (1989

*CNPq

162 A CRIANÇA DA ESCOLA PÚBLICA: MITOS E PRECONCEITOS

SOUZA,M; SOUZA,D; MACHADO,A; FRELLER,C; SOUZA,B ; SAYÃO, Y.
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP

RESUMO

Nossa prática como psicóloga atuante junto a escolas públicas tem-nos levado a questionar afirmações que comumente nelas circulam sobre as causas das dificuldades de aprendizagem das crianças das camadas populares. Nos muitos encontros com educadores constatamos que grande parte de tais dificuldades é atribuída a características e deficiências das crianças-apatia, indisciplina, desnutrição, déficit cognitivo - ou ao desinteresse de seus pais.

Propusemo-nos a ouvir as versões ausentes das crianças e seus pais sobre tais dificuldades, através da criação de espaços diferenciados de expressão. Realizamos pequenos grupos de trabalho com "crianças-problema", grupos de discussão com pais, visitas domiciliares, etc.

Com relação às crianças, vimos, no geral, vivacidade e inteligência. Num ambiente facilitador, as crianças exploram ativamente objetos novos, constroem relatos articulado e mostram-se criativas. Aprendem com facilidade jogos de regras envolvendo complexos raciocínios lógico-matemáticos. Em relação à escrita, notamos que as resistências à utilização dessa forma de expressão são maiores que as relativas ao desenho, pintura e mesmo a fala. Mas, à medida que encontram no grupo um espaço de experimentação, modificam a quantidade e a qualidade de sua produção.

De posse dessas informações, passamos a realizar grupos de discussão com os educadores. Verificamos que ao aprofundarem suas reflexões sobre seus alunos a partir das vivências do dia a dia e das informações que trazíamos - seu discurso estereotipado tende a romper-se. Surgem fraturas e contradições que, em alguns casos, caminham na direção da superação de preconceitos.

163

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM EM ESCOLARES DA REDE PUBLICA

MARASCHIN, C., MOSCHEN, S., AZEVEDO, C., TEIXEIRA, C., SORDI,R., NAGEL, D., Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

Indagar sobre as relações do aprender e do não aprender dentro da escola é um dos desafios teóricos que nos propomos na realização deste estudo. Repensar as possíveis intervenções do psicólogo escolar nesta problemática, é um dos nossos desafios práticos. Nosso trabalho inicia por delimitar um campo: o das dificuldades de aprendizagem, atribuídas pelos professores, às crianças em processo de alfabetização. Estamos perseguindo o processo de uma gênese: a da não aprendizagem. Com estes objetivos, analisamos, em um primeiro momento, as relações cotidianas dentro de três salas de aula de primeira série do primeiro grau. Definindo estas, como o "espaço institucional de aprendizagem". O delineamento metodológico é o de uma pesquisa participante. Utilizamos como instrumentos a observação, a filmagem, a fotografia, entrevistas com professores, seminários de estudo dos professores e supervisores, entrevistas individuais com os alunos.

A análise dos dados indica que a dramaticidade que ocorre dentro do espaço institucional de aprendizagem pode estar relacionada com o aparecimento das chamadas dificuldades de aprendizagem. A concepção de alfabetização dos professores, seus prognósticos sobre o desempenho dos alunos, a ênfase em um ritual metodológico, a distância entre os processos lógicos do pensamento dos alunos e os conteúdos trabalhados são interiorizadas pelos alunos. Assim, para eles, ler é lembrar; escrever, copiar, etc. São os indicadores/identificadores trocados neste espaço de aprendizagem que contribuem na construção de um "sujeito pedagógico com de dificuldades".

164

REPERCUSSÕES DA AIDS NO INDIVÍDUO E NA FAMÍLIA. BUCHER,J.S.N.F.;MENDES,A.F.;CARVALHO,J.N.;FERNANDES,K.S.,SOARES,A.M.;PONCHIO,M.F.M.;GONÇALVES,K.C.;BACCARA,S.M.;ROQUE,A.C. (Universidade de Brasília)

O presente trabalho faz parte de um amplo projeto de pesquisa sobre as repercussões da AIDS no / indivíduo e na família. Foram entrevistados 25 pacientes portadores do vírus da AIDS, sendo 23 homens e 2 mulheres. A metodologia utilizada consistiu na realização de uma entrevista semi-estruturada, objetivando-se buscar informações pessoais acerca do indivíduo, da doença (origem e processo), e da família; Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) de SPIELBERGER; Escala avaliativa da coesão e adaptabilidade familiar (FACES II) de David Olson adaptada à população brasileira; escala de diferencial semântico elaborada pela equipe com o objetivo de avaliar a carga emocional percebida às palavras DROGAS, HOMOSSEXUALISMO e TRANSFUSÃO DE SANGUE.

Através da análise dos dados de todos os instrumentos os resultados obtidos, entre outros, confirmam a importância da forma de contágio do HIV como fator determinante dos comportamentos e aspectos emocionais vividos pelos soropositivos; mostram a relevância do apoio familiar na diminuição do nível de ansiedade; identificam a utilização, por parte do soropositivo, de um membro da família como apoio e ponte de revelação da doença para os demais; e indicam uma tendência geral de percepções negativas às palavras HOMOSSEXUALISMO E DROGAS, inclusive dos pacientes identificados como homossexual.

*** Financiamento do CNPq

165 UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO SOBRE CRENÇAS DE PAIS DE PESSOAS COM AIDS, A RESPEITO DA DOENÇA, DO PACIENTE E DO TRATAMENTO QUE LHE É DISPENSADO.

FIGUEIREDO,M.A.C. E PALMA,C.S. Departamento de Psicologia e Educação da F.F.C.L.R.P. USP.

Dentre aqueles que podem oferecer uma ajuda substancial no atendimento à pessoa com AIDS estão os pais destes pacientes. Entretanto, crenças e valores associados à doença e as circunstâncias em que esta incide sobre a família podem vir a ser fatores de obstrução ao tratamento, principalmente quando este está sendo realizado à domicílio. O presente estudo se refere à pesquisa piloto realizada no sentido de construir um questionário de atitudes para a identificação de bloqueios afetivos e cognitivos dos pais dos pacientes, viabilizando o levantamento de informações relevantes para criar condições psicologicamente mais favoráveis para a cooperação destes no processo de acompanhamento domiciliar do paciente. Tomando como base o referencial teórico de FISHBEIN-AJZEN (1975) foi realizado um estudo para o levantamento de crenças salientes modais a respeito dos 3 aspectos tratados: 1 - a Doença em si, 2 - o Paciente, 3 - o Tratamento. Esses dados foram levantados através de entrevistas semi-estruturadas com 10 sujeitos de ambos os sexos, pais de pacientes com AIDS. Os conteúdos obtidos foram analisados com o auxílio de 2 juízes universitários, calculando-se o índice K de COHEN (1960) para verificar a fidedignidade das avaliações. Posteriormente estes conteúdos foram transformados em locuções e agrupados em Categorias segundo a similaridade, por 10 sujeitos universitários calculando-se a proporção de inclusão de cada ítem nas Categorias. As crenças prevalentes modais foram então selecionadas calculando-se a Entropia relativa dos Ítens, em função do número de Categorias considerados. Tomou-se como critério de aceitação valores iguais ou inferiores ao percentil 20 das distribuições das entropias dos ítens estudados. Os resultados obtidos comprovaram a fidedignidade das observações para as 3 categorias (K= +.62;P= .003; K= +.54;P= .02; K= +.79; P= 0.02, para respectivamente Doença, Paciente e Tratamento). Com relação aos conteúdos modais, os pais de pacientes com AIDS demonstraram uma maior preocupação com o efeito psicológico da doença sobre si mesmos e uma maior crença em conteúdos teleológicos e de caráter místico, diferente dos resultados obtidos em outros estudos e com outras populações. (Pesquisa Financiada pela FAPESP)

166

AIDS, TRATAMENTO DE SUPORTE E PROFISSIONAIS DE SAÚDE: UM ESTUDO DE ATITUDES EM FUNÇÃO DO SEXO, ESCOLARIDADE E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL. FIGUEIREDO, M.A.G. ; SOUZA, L.B.* e MORAIS, K.C. Departamento de Psicologia e Educação da F.F.C.L.R.P.; (*) Prefeitura do Campus Administrativo da USP de Ribeirão Preto.

Tomando como base o referencial teórico de FISHBEIN-AJZEN (1975) sobre atitudes sociais, trabalhos anteriores aperfeiçoaram e validaram escalas para avaliar componentes afetivos e cognitivos associados à AIDS, com profissionais de saúde. Estudos fatoriais isolaram seis Dimensões de avaliação no Questionário construído: a Doença em si, Tratamento de suporte, a Impotência do profissional, o Rapport com o paciente, o Estigma que acompanha a AIDS e o Embaraço frente ao doente. O presente trabalho procurou verificar o efeito de algumas variáveis sobre os resultados nas diversas escalas de atitude, no sentido de isolar subgrupos diferenciados para direcionar programas de acompanhamento psicológico ao profissional que trabalha com pacientes com AIDS. Um total de 240 sujeitos foram estudados entre médicos, pessoal do serviço de enfermagem, laboratório e serviços gerais. Estudos de correlação confirmaram a interação da idade com a Dimensão Doença ($r = +.44$; $p = .008$) e da escolaridade com a Dimensão Suporte ($r = -.64$; $p = .001$). Com relação à variável sexo, o teste T apontou diferenças para a Dimensão Suporte ($T = -2.07$; $p = .04$), com propensões mais positivas das mulheres (+.22) que dos homens (+.06). Ainda para essa Dimensão, os resultados conjugados por sexo e escolaridade indicaram diferenças significantes entre sexos somente para os sujeitos não universitários ($T = -2.25$; $p = .02$), sugerindo um efeito de nivelamento da Universidade quanto às atitudes frente ao Suporte dado ao paciente. Para os demais fatores do Questionário, os resultados não apresentaram dados significativos. Considerando os conteúdos dos Fatores, observou-se que os efeitos das variáveis estudadas foram verificados somente para aqueles que se referem ao caráter técnico do fenômeno estudado (Informações sobre a Doença e Tratamento de Suporte), o que não ocorre para aqueles cujos conteúdos se referem ao caráter psicossocial do atendimento.

167

CONHECIMENTOS E ATITUDES DA EQUIPE DE SAÚDE FRENTE À AIDS E AO PACIENTE COM AIDS.

Coêlho, A.E.L. & Trâccoli, B.T. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - UnB.

Um questionário sobre conhecimento e atitudes frente à AIDS e ao paciente com AIDS foi respondido por cinqüenta e nove profissionais da clínica médica de um hospital universitário. Cento e dois itens foram usados para investigar oito tópicos: (1) participação em treinamentos; (2) conhecimento sobre os meios de transmissão do HIV; (3) conhecimento sobre as formas de prevenção sexual; (4) conhecimento sobre a identidade do HIV; (5) freqüência da assistência a indivíduos portadores do HIV; (6) atitudes frente à AIDS e ao paciente com AIDS; (7) atitudes frente à homossexualidade; e (8) as características demográficas dos participantes. Embora os resultados indiquem poucos treinamentos direcionados para AIDS, os participantes possuem um bom nível de conhecimento sobre os meios de transmissão do HIV, a prevenção sexual e a identidade do HIV. Foram reveladas igualmente, concepções errôneas quanto à probabilidade da infecção pelo HIV através do contato casual, medo quanto ao risco da transmissão do HIV em instituições de saúde, e atitudes ambivalentes frente aos homossexuais. Enquanto dezenove sujeitos (32,2%) preferiam não trabalhar com pacientes com AIDS, quarenta (67,8%) não se sentiriam inconfortáveis atendendo um paciente homossexual e trinta e três (55,9%) não consideram a homossexualidade uma doença mental. Por outro lado, vinte e quatro participantes (40,7%) não vêm o movimento gay como algo positivo e quatorze (23,7%) julgam a homossexualidade um pecado. Estes achados e a literatura atual indicam a necessidade de se desenvolver programas educacionais nos serviços de saúde a fim de minimizar a falta de conhecimento, concepções errôneas sobre a transmissão casual e atitudes negativas frente à AIDS e ao paciente com AIDS.

168 HANSENÍASE: ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE DE ATORES E SENTIMENTO DE ESTIGMATIZAÇÃO.

Anna Edith Bellico da Costa, Egínia Lúcia A. Teixeira* e Silvana Silva Gonçalves* (UFMG)

Em estudo anterior (Costa e Gonçalves, 1991) abordou-se a problemática da estigmatização vivenciada por adolescentes sadios em comunidade de hansenianos. Daquele estudo, derivou-se o presente, que teve como objetivos: a)Descrever o tipo de atribuição (de causalidade), da hanseníase apresentada por esses sujeitos; b)Descrever os graus de estigmatização vivenciados pelos sujeitos; c)Verificar se há interação entre o grau de estigmatização vivenciado pelo sujeito e a atribuição de causalidade explicativa da doença.

Metodologia: Amostra de 40 sujeitos da população de adolescentes que convivem com hansenianos, matriculados em escola pública de 1º grau, faixa etária: 12 a 18 anos, obtida por técnica mista de sorteio e sociométrio.

Instrumento: Entrevista semi-estruturada, com recorte nos itens descritivos do sentimento de estigmatização e de "explicação causal" da doença. Os trechos recortados forma submetidos a 05 (cinco) juízes independentes, cujos julgamentos foram considerados válidos e fidedignos a partir da análise de concordância através do teste W de Kendall.

Principais resultados: a)O sentimento de estigmatização dos sujeitos não é uniforme, varia de intensidade conforme a experiência pessoal ou vicária; b)A explicação da doença pode ser descrita em termos atribuicionais de causalidade interna ou externa, com prevalência de externalidade; c)Há uma relação significativa, a nível $p > 0,05$ entre o grau de estigmatização vivenciado e o tipo de atribuição. Maior o sentimento de estigmatização, mais externa a atribuição.

Conclusões: - Articulando-se estes resultados e aqueles do estudo anterior, pode-se entender a passividade face à doença, visto que a maioria dos sujeitos não se sente "responsável" em alguma medida pelo próprio adoecer. As causas da doença escapam ao seu controle, são atribuídas ao azar, a Deus, ao destino, etc. A fatalidade da doença interage com o sentimento de estigmatização, confirmando o caráter de "maldição" associado à doença, conforme estudo de Gandra Jr. (1970). As implicações de tal interação (atribuição X estigmatização) são discutidas como fatores de insucesso das campanhas de prevenção da hanseníase.

169

SEXUALIDADE, NORMAS DE GÊNERO E CRENÇAS SOBRE AIDS ENTRE ADOLESCENTES. M C Antunes, V Stempliuk, G.Brajão, F Silveira USP

A AIDS recoloca a necessidade de lidarmos com a diversidade e de discutir a questão de gênero Como parte do projeto de prevenção no centro da cidade realizamos entrevistas com 30 adolescentes e oficinas de Sexo Seguro, Sexualidade e AIDS

Verificamos que as meninas, educadas dentro de valores patriarcais, devem ser recatadas, fiéis, donas-de-casa e virgens até o casamento, o que expressa uma noção da feminilidade associada à fragilidade, ingenuidade e contenção de impulsos Elas tem um desconhecimento generalizado do próprio corpo e não se sentem sujeitas de seu próprio prazer Para os meninos, o masculino é sentido como algo essencialmente biológico, uma clara referência a possuir um pênis Nos parece paradigmática a dicotomia trabalho\ responsabilidade x não trabalho\ marginalidade, pois estas mesmas categorias morais são expandidas para outros campos de suas experiências, como relações de gênero, sexualidade e AIDS

AIDS é associada a morte. Existe um conhecimento básico mas superficial sobre as formas de transmissão No trato cotidiano da doença predominam as fantasias: a diminuição de parceiros sexuais é suficiente para se evitar pegar o virus; pela aparência da pessoa é que se percebe se ela tem o virus; AIDS é relegada aos grupos de risco A forma de prevenção recai sobre a confiança no parceiro A camisinha apesar de ser muito citada, não é na maioria das vezes utilizada. Dentro do atual contexto da AIDS é fundamental romper com o pacto patriarcal As pessoas devem se conscientizar do risco, ter capacidade de negociar práticas sexuais mais seguras e o próprio prazer Para isso ses faz necessaria uma desconstrução dessas normas de gênero e rigidez de papéis

Financiamentos: CECAE - USP
MacArthur Foundation

170

A FALA ESPONTÂNEA DE ADOLESCENTES DO CENTRO DE SÃO PAULO, SOBRE SUAS VIDAS. G. Bedoian, F. Cipriano, O Serrano. Inst.Psicologia - USP

Chamamos aqui de fala espontânea o discurso livre de 30 adolescentes entrevistados individualmente em função da pesquisa sobre crenças, atitudes e comportamentos de risco no contexto da AIDS. Na primeira parte da entrevista, os adolescentes eram convidados a falar livremente sobre o que consideram importante sobre a própria vida. A segunda parte da entrevista continha perguntas sobre relações de gênero, namoro, sexo, drogas e AIDS.

Os adolescentes surpreendem-se com a proposta. Trazem a idéia de que não tem nada de importante na vida para contar e o que é importante são as coisas ruins. Há diferenças de gênero em relação aos temas e formas de estruturar o discurso. Falam da juventude associada ao prazer e não se identificam mais como jovens. A maioria deles fala algo sobre drogas e trazem nos relatos experiências de violência sob quatro discursos : o da vítima, o do cúmplice, o do expectador, ou o discurso do saber, do compartilhar as histórias sem participar delas.

Selecionamos o discurso de 2 adolescentes crentes com o objetivo de tentar compreender como o discurso religioso estrutura e define seus comportamentos, idéias , sentimentos, sexualidade e inserção social no contexto da AIDS.

Financiamentos : CECAE - USP
Mac Arthur Foundation

171 **DIMENSÕES E HIERARQUIA DOS EVENTOS VITIMADORES**

SIQUEIRA, Mirlene M.M. Departamento de Psicologia Universidade Federal de Uberlândia.

O objetivo deste trabalho foi identificar as dimensões e a hierarquia de um conjunto de eventos vitimadores.

Tomaram parte no estudo 153 estudantes universitários de ambos os sexos aos quais foram apresentados 36 eventos desagradáveis e solicitado que indicassem o grau de indesejabilidade de cada um numa escada de 100 pontos. As avaliações, submetidas à análise fatorial , permitiram a identificação de oito dimensões cujo conteúdo semântico representa três núcleos de conseqüências dos infortúnios: danos físicos, econômicos e psicossociais. Escores mais elevados de indesejabilidade foram atribuídos aos eventos capazes de abalar a integridade física. Os resultados são discutidos como uma forma de categorizar o infortúnio e suas implicações para futuras pesquisas na área de vitimação.

172

ANÁLISE DAS OPINIÕES SOBRE LINCHAMENTOS (DE REPRESENTANTES DE VÁRIOS SEGMENTOS SOCIAIS) PUBLICADAS NA IMPRENSA

MENANDRO,P.R.M. & SOUZA,L. – Departamento de Psicologia - Universidade Federal do Espírito Santo

Notícias de linchamentos frequentemente incluem opiniões e explicações sobre tais episódios, contribuindo para a manutenção ou alteração das concepções dos leitores sobre o justiçamento pelas próprias mãos. Analisamos estas opiniões e explicações utilizando 170 notícias e artigos opinativos de 10 órgãos de imprensa, publicadas de 1978 a 1991. Consideramos 3 grupos de opinadores: A) linchadores e populares em geral; B) policiais, religiosos, políticos; C) jornalistas, juristas, cientistas sociais. Consideramos a orientação da opinião - contrária, favorável ou dúbia - e 8 categorias de explicações: econômica, cultural, política, descrédito na justiça, impunidade, solução para a comunidade, revolta contra a polícia e a justiça, de senso comum. Quanto à orientação das opiniões, o Gr. A ficou num extremo (favorável, 75%) e o Gr. C no outro (contrária, 93%). O Gr. B sempre ocupou posição intermediária e revelou a maior dubiedade (40%). Quando comparadas as opiniões publicadas no período 78/84 com aquelas de 85/91, a orientação, para cada grupo, permaneceu idêntica. As 5 primeiras categorias de explicação citadas acima foram as mais mencionadas pelo Gr. C e as menos citadas pelo Gr. A, com grande variação percentual. Para as outras 3 categorias a situação inverteu-se. O Gr. B ocupou posição intermediária em todos os casos. A comparação cronológica das categorias de explicação revelou como única variação notável o aumento das menções à impunidade nos Grupos B e C. A evidente divergência de opiniões entre grupos concomitante a uma acentuada coerência intra-grupos, mesmo que o tema seja o valor da vida humana, parece corresponder a condições objetivas distintas – em termos de distanciamento social, econômico, cultural e profissional - que vigoram para diferentes segmentos da população brasileira.

CNPq/IC - CAPES

173

PADRÕES ATITUDINAIS DE PRESOS SOBRE O PAPEL DA REABILITAÇÃO EM INSTITUIÇÕES PENITENCIARIAS.

MACEDO,J.W.P., Prof.Dep.Psic.Univ.Federal Esp.Santo

A discussão sobre se as prisões cumprem o papel institucional de reabilitação tem se concentrado no fato que as mesmas não cumprem este objetivo, principalmente porque os papéis de controle e segurança tornam-se preponderantes.Esta inversão de objetivos seria ocasionada pelo fato que os presos não estariam voluntariamente nas prisões,e sim cumprindo obrigatoriamente uma pena,o que determinaria a priorização do controle.Como conseqüência desta contradição diversos estudos tem sido orientados para a pesquisa do conceito de prisonização(obediência à um código de leis dos próprios presos,negação das leis formais da prisão e descrédito na prisão como instituição de reabilitação).A presente pesquisa,também pretendeu pesquisar de forma geral o conceito de prisonização, sendo que um dos objetivos foi verificar a confiança na instituição como processo de reabilitação.Um questionário foi aplicado em uma amostra aleatória de 70 detentos em duas instituições na Grande Vitória-ES.Os resultados principais usando o teste estatistico do chi-quadrado indicaram: Prisão pode ou não reabilitar x Primários/Reincidentes: Chi-quad=11,55;G.L.=1;significância ao nível de 0,0007; Phi= 0,41. Prisão pode ou não reabilitar x Concordância ou não com as leis prisionais: Chi-quad.= 6,78; G.L.=1; significância ao nível de 0,009; Phi= 0,32. Prisão pode ou não reabilitar x Tempo de pena já cumprido: Chi-quad.= 25,28; G.L.=13; significância ao nível de 0,02; V.Cramer= 0,56. Resumo das conclusões:(1) Presos primários em contraposição aos reincidentes manifestam confiança em reabilitar-se na prisão;(2) Presos que manifestam confiança em reabilitar-se na prisão também aceitam como legítimas as leis prisionais em contraposição aos que não acreditam mais na instituição como processo reabilitativo ;(3)Presos com menor tempo de permanência em contraposição aos de maior tempo manifestam confiança em reabilitar-se na prisão.

174

DA DESCONSTRUÇÃO DO MUNDO NOMEADO PELO BRANCO À IDENTIDADE NEGRA.

SOUZA, Irene Sales, Departamento de Educação da UNESP, Franca.

Realizamos o estudo de dois grupos do Movimento Negro com o objetivo de verificar o funcionamento, a organização e as atividades de grupos específicos (Franca e Ribeirão Preto) atuantes no interior do Estado de São Paulo. Aprofundamos o estudo sobre o efeito dos grupos em seus componentes e as mudanças que ocorreram com suas participações através da análise da história de vida de cada um.

Os resultados evidenciaram que a participação no grupo leva o militante a recuperar os valores da cultura e da história do negro e ao mesmo tempo a resgatar sua identidade, através de um processo de reconstrução interior que o leva a revisar os padrões introjetados, os estereótipos negativos que se auto-atribui, reformulando-os e inserindo-os na totalidade social que os determinaram.

A contradição entre o querer ser negro e o negar-se é uma ambivalência da identidade do negro que é manifestada e resolvida de diferentes formas pelos negros militantes.

O grupo, através de trocas afetivas e elaboração cognitiva, propicia segurança para o enfrentamento da discriminação dos militantes.

175

AUTO-IMAGEM E IDEAL DE EGO DA CRIANÇA NEGRA BRASILEIRA

RIBEIRO, R., NOGUEIRA, I.B., (*) Docente e Pesquisadora do IPUSP, e doutoranda de Antropologia Social da FFLCHUSP, SP (*) Psicanalista e Mestre em Psicologia Social (PUCSP) SP.

A sociedade brasileira, constituida por uma parcela de 44% de negros e mesticos, enfrenta múltiplos problemas, entre os quais ocupa lugar relevante o referente à construção da auto-imagem da criança negra.

Iniciamos a abordagem desta questão discutindo os pontos de vista biológico e ideológico, uma vez que tais pontos de vista definem de modo distinto o lugar dos mestiços. Estes, nascidos da parceria entre brancos e negros, constituídos assim, por 50% de componentes genéticos de cada uma das duas raças, são ideologicamente definidos como negros e, enquanto tal, expostos a tratamento discriminatório. Discutimos, em seguida, a identidade negra: o que é ser negro nesta sociedade e como se configuram os esforços para estabelecer movimentos individuais de resistência e/ou revide à discriminação. Segue-se a discussão do papel dos pais e professores, dos meios de comunicação de massa e dos recursos pedagógicos na construção da auto-imagem de crianças negras e mestiças.

Como as metamorfoses ocorridas durante o desenvolvimento da auto-imagem são determinadas, em parte, pelas relações entre auto-imagem e ideal-de-ego, nos servimos destes conceitos, adequado instrumental para a compreensão do processo de rebaixamento de auto-estima dessas crianças e procuramos articulá-los com outros, oriundos do campo das Ciências Sociais, tais como os relativos à ideologia do branqueamento, uma vez que, como sabemos, é contínua a relação - dialética ou dilemática - entre o indivíduo e seu grupo sócio-econômico-político-cultural.

176

A FEIRA POPULAR : UMA EXPERIENCIA DE PARTICIPAÇAO

Lessa, E.M.C.Mestranda do Pós-graduação em Psicologia Social - Area de concentraçãot Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Analisaremos a feira popular como parte do processo de desenvolvimento sócio-cultural de uma "cidade mineradora", localizada na Amazônia. METODOLOGIA: O trabalho de mobilização comunitária foi realizado no periodo de 1985 a 1989.Utilizamos os principios da pesquisa participante e desenvolvimento endógeno. Realizamos reuniões com os moradores para discutir a situação social do lugar, os problemas e as soluções. Participaram mulheres vindas de várias regiões do pais.RESULTADO: A primeira ação do grupo foi criar uma " Feirinha"(1985), com o objetivo de venda de artesanato e comidas tipicas. Foi coordenada pelas mulheres. No inicio tinha 8 expositores e em 1989, mais de 50. Posteriormente,- foi criada a "Feira Livre"(1987) para a venda de artigos em geral.DISCUSSAO:A feira alterou o padrão ecológico da comunidade.(Park, Mackensie, 1924).Atuou na comunidade no campo economico, social e cultural.(Dumazedier, 1968). Melhorou a renda familiar, foi espaço para as diversas manifestações culturais, artisticas e populares; contribuiu para a integração e adaptação dos moradores e na melhoria da qualidade de vida da comunidade.

177 A CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA E A ESCOLA. UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS E INTERAÇÕES VERBAIS NO 2º GRAU. HENIN, N.S.S., Professora Assistente Doutora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - Campus de Presidente Prudente - SP.

O tema desta pesquisa versou sobre Democracia conceituada em seus aspectos formais, os procedimentos e regras para sua prática, e substanciais, os valores e fins que a embasam. Dentro deste tema foram estudadas representações sobre Política e Economia de alunos do 1º colegial de uma escola pública, classes diurna e noturna, e interações destes alunos com seus professores. Para a investigação das representações inspiramo-nos, principalmente, na obra "A Personalidade Autoritária" de Adorno et all, donde extraímos categorias de análise como: o etnocentrismo, o preconceito, o conservadorismo e a anti-utopia. Tal investigação propiciou uma análise das tendências ideológicas mais aparentes nas representações onde aflorou como tendência mais geral de respostas, não a anti-democracia, mas uma concepção de Democracia que classificamos como "liberal": as regras do jogo democrático são afirmadas embora seus fins não incluam a igualdade econômica como um valor. Para a investigação das interações professor-aluno inspiramo-nos em diferentes autores e instrumentos de pesquisa. Com Piaget e Habermas descrevemos algumas das competências necessárias aos sujeitos para que executem as práticas da Democracia, as comunicativas. Discutimos o papel da Escola na construção de tais competências e passamos a relatar as observações das interações verbais entre professores e alunos. Tais observações nos levaram a concluir pela predominância de uma "pobreza de comunicações" naquelas interações, principalmente no que diz respeito aos aspectos normativos da vida social. As características mais básicas destas interações parecem ser a cronificação e estereotipia de suas formas e a reprodução de conteúdos afirmados pelo professor.

178 "VÍDEOGAME:UM ESTUDO SOBRE AS PREFERÊNCIAS DE UM GRUPO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS"

CAMPOS,L.F.L.;YUKUMITSU,M.T.C.;FONTEALBA,L.H.;BONTEMPO,E.(*)-(*)Instituto de Psicologia-USP

O vídeogame é o primeiro tipo de jogo que combina o dinamismo visual da TV com a participação ativa da criança.Este jogo pode ser classificado como um jogo de regras implícitas,onde o sujeito recebe pontuação por tarefa executada.Com o intuito de se verificar quais jogos de vídeogame são mais e menos preferidos bem como sua caracterização e conteúdo,foram entrevistados 36 sujeitos do sexo masculino,divididos em razão de sua faixa etária:Grupo 1(N=22) de 12 a 17 anos e Grupo 2(N=14) de 6 a 11 anos.O instrumento utilizado foi um questionário com 10 perguntas abertas e fechadas, versando sobre a caracterização do sujeito,jogos preferidos e não preferidos,tempo de uso diário e a avaliação do conteúdo dos mesmos.Os resultados indicaram um resultado similar em ambos osgrupos,sendo o jogo PIT FIGHTER o mais preferido e JOGOS DE VERÃO o menos preferido.O tempo de jogo foi de 1:30 hs no G1 e de 3:00hs no G2,sendo que o numero de jogos utilizados variando de 2 ou 3 por dia.O fator motivacional mais apontado foram as dificuldade apresentadas (G1) e as dificuldades ou facilidades (G2).A violência atribuída aos jogos sugere que o G1 não classifica como violentos seus jogos,enquanto o G2 faz o inverso.Quanto aos menos preferidos,ambos os grupos os referiram em grau de violência menor que os preferidos.As brincadeiras tendem a acontecer de forma variada (sózinho,em conjunto, cooperativamente ou competitivamente.A comparação do resultado entre os dois grupos,demonstrou que o desempenho de ambos os grupos foi correlacional em quase todas as categorias.Os resultados estão de acordo com a literatura.

O JOGO DE TRUCO: UM ESTUDO SOBRE SEUS ASPECTOS LÚDICOS E SOCIALIZADORES

CHAMAT BORGES, L. S. J.* & BONTEMPO, E. INSTITUTO DE PSICOLOGIA - USP

Erikson (1976) assinala que o jogo propicia o desempenho de vários papéis que satisfazem a criança, através da identificação e que a identidade do ego na adolescência é a somatória das identificações, na infância. Buscando verificar as possíveis razões do jogo de cartas praticado por crianças e adolescentes, realizou-se este trabalho que teve como objetivo levantar os aspectos lúdicos e socializadores do jogo de truco, dando ênfase à forma pela qual a criança lida com as regras explícitas e implícitas do jogo.

A amostra constituiu-se de oito pré-adolescentes, quatro de cada sexo, entre nove e treze anos de idade, de um grupo de brinquedo de rua, da cidade de São Paulo.

O jogo foi gravado em VT, avaliando-se o comportamento grupal e a inter-relação entre os componentes do grupo. Os dados foram complementados, através de entrevistas individuais, objetivando levantar aspectos sobre a percepção dos sujeitos quanto à atividade lúdica, assim como, das regras e da trapaça.

O aspecto lúdico ficou evidenciado, principalmente, na liberação de emoções, das "gozações" e chacotas permitidas pelo jogo e, também, no prazer durante a codificação e decodificação de sinais percebidos entre os parceiros. Seu aspecto socializante transparece através de papéis contraditórios, assumidos pelos participantes, ora seguindo as regras, ora transgredindo-as. A importância em se assumir papéis contraditórios para o desenvolvimento da identidade, através da identificação, corrobora os dados encontrados na literatura. A pesquisa parece indicar que essa necessidade está presente, neste grupo de pré-adolescentes, na busca da auto-afirmação e da identidade.

* Doutoranda IPUSP - Bolsista CNPQ.

ATIVIDADES DE LAZER ENTRE ADOLESCENTES
MATTOS, M.I.L. , MAC DOWELL, A.E., MALKI,I., NOREIRA, A. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

O presente estudo foi realizado com o objetivo de investigar as atividades de lazer de adolescentes de 12 a 15 anos de idade, procurando situar a importância relativa do videogame. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário, aplicado em cinco escolas particulares de São Paulo, cujas questões abordavam desde as atividades de lazer preferidas até atividades extra-curriculares desenvolvidas normalmente.Os resultados mostraram que, diferentemente do que vem sendo veiculado pelos meios de comunicação, o videogame é bem pouco apreciado entre os jovens (na maioria dos casos foi citado entre as atividades de menor preferência). As atividades de lazer preferidas são sair com amigos para a grande maioria das adolescentes, seguida por praticar esportes, muito citada entre jovens do sexo masculino.Vale ainda mencionar que a preferencia por algumas atividades parece estar relacionada ao tipo de escola frequentada. Nas escolas de ensino renovado a leitura foi uma atividade bem melhor citada do que em colégios tradicionais, onde ficou em último lugar entre adolescentes do sexo masculino. As atividades extra-curriculares mais desenvolvidas são aprendizado de línguas (maioria do sexo feminino) e esportes (maioria do sexo masculino). Atividades ligadas à artes são de modo geral mais comumente praticados pelos alunos das escolas renovadas, principalmente teatro.

181 **Preocupação de Adolescentes: Relato dos Jovens e Atribuição dos Adultos.**
Günther, I. A., Vilela, A., Barbosa, C., Carmo, C. P. Universidade de Brasília

A literatura sobre adolescência tende a indicar que as maiores preocupações dos jovens estão relacionadas às transformações biológicas, à aparência (corpo e roupa) e às dificuldades no relacionamento com os pais.

Objetivo. O presente trabalho envolve dois estudos: Estudo A, cujo objetivo foi o de verificar quais os fatores biológicos e sociais presentes nas preocupações dos adolescentes e em seus sentimentos sobre si mesmo. O Estudo B objetivou investigar quais as preocupações dos adolescentes segundo atribuição dos adultos.

Método.

Estudo A Foram sujeitos deste estudo, 812 adolescentes com idade entre 11 e 16 anos, sendo 436 do sexo feminino e 376 do sexo masculino. Os dados foram obtidos em duas escolas particulares e duas públicas de Brasília. Utilizou-se um questionário auto-aplicável, ficando o pesquisador nas salas de aula para tirar eventuais dúvidas. Foi utilizado um questionário intitulado "Coisas que me Preocupam", adaptação da Worry Scale (Brown & Henderson, 1987). Este questionário foi desdobrado em duas versões, uma feminina e outra masculina. Cada versão contém um conjunto de 100 questões, das quais o respondente poderia selecionar o que mais o preocupava. As questões foram retiradas de experiências de adolescentes com a família, escola, amigos, sexualidade, saúde física e doença, uso/abuso de substâncias químicas, violência, perdas e morte. No final da escala havia possibilidade do adolescente acrescentar itens e a solicitação de priorizar as coisas que mais o preocupavam.

Estudo B Foram respondentes deste estudo, 883 adultos com idade acima de 20 anos, sendo 523 do sexo feminino e 360 do sexo masculino. Os dados desta pesquisa foram coletados em superquadras e shopping centers. Os sujeitos foram contactados individualmente. Os pesquisadores informavam sobre o objetivo do estudo, solicitando a participação dos mesmos para responder a um questionário. Caso aceitassem responder, o questionário lhes era entregue e o pesquisador ficava nas imediações para tirar eventuais dúvidas. Foram mantidos os mesmos conteúdos do Estudo A, adaptados no que se refere às instruções e à formulação das perguntas. Este estudo envolveu, apenas, uma versão do instrumento.

Resultados. Os resultados do Estudo A indicam que as seis maiores preocupações dos adolescentes são: (1) notas baixas na escola (mencionado por 70% dos respondentes), (2) perda de um amigo próximo (69%), (3) morte na família e provas na escola (ambos com 68%), (4) problema da fome no mundo (65%), (5) possibilidade de guerra nuclear (58%) e (6) terrorismo e sequestro (54%).

Os resultados do Estudo B indicam que os adultos atribuem aos jovens as seguintes preocupações: (1) separação dos pais (65%), (2) briga entre os pais (63%), (3) AIDS (60%), (4) não ter dinheiro suficiente (58%), (5) ficar grávida/engravidar alguém (54%), (6) uso de drogas (50%).

Discussão. Os resultados obtidos indicam que não existe concordância entre as preocupações referidas pelos adolescentes e as atribuídas a estes pelos adultos. Enfatiza-se, adicionais, que contrariamente ao estabelecido na literatura, os adolescentes deste estudo demonstram que suas maiores preocupações estão ligadas a aspectos educacionais e sócio-ambientais.

Apoio. Os autores são bolsistas do CNPq, sendo a primeira pesquisadora, e os demais alunos de iniciação científica.

182	**Senso de Comunidade entre Moradores das Superquadras do Plano Piloto de Brasília.** Günther, H., Pfeiffer, E. F., Silva, A. V. Universidade de Brasília

Desde sua concepção, a cidade de Brasília tem provocado as mais extremas avaliações, desde 'magnífica e única no mundo moderno' (LeCorbusier) até 'símbolo de opressão pelo poder' (Berman). Mais notável, nestas avaliações tão contraditórias, é o fato de que nem os planejadores e arquitetos, nem os críticos tenham perguntado o que aqueles que eventualmente iriam viver nesta cidade teriam a dizer sobre a qualidade de vida em Brasília.

Objetivo. Algumas das críticas a Brasília dizem respeito à sua setorização (setor de habitação, setor de lazer, setor de comércio, etc.), sua falta de ruas e esquinas, sua frieza e distância entre as pessoas. Através de uma série de estudos sobre a qualidade de vida em Brasília objetiva-se coletar dados para determinar até que ponto estas críticas são respaldadas na própria experiência dos moradores da cidade. O presente estudo apresenta dados a respeito do senso de comunidade entre os moradores das superquadras do plano piloto.

Método. Uma amostra aleatória de 600 endereços foi tirada dentre os mais de 50.000 do plano piloto. Um questionário, junto a um envelope resposta pré-franqueado foi enviado via correio; 178 (29,7%) questionários foram devolvidos.

Resultados. A idade média dos respondentes foi de 41 anos, 45,5% dos respondentes são do sexo feminino. O tempo médio de residência em Brasília foi de 18 anos, e no endereço atual 9 anos. Perguntados se estão satisfeitos em viver na superquadra, 11 responderam 'jamais queria morar fora da superquadra', 120 'estão satisfeitos aqui', para 10 'tanto faz', 31 'preferiria morar em outra quadra', e 3 disserem 'quanto antes mudar daqui, melhor'. Quanto à satisfação de morar em Brasília, as respectivas freqüências são 36, 108, 3, 29 e 1. Dos respondentes, 43% indicaram que possivelmente vão se mudar do atual endereço dentro dos próximos dois anos.

O senso de comunidade foi determinado através de uma escala de 9 itens, que se referia inicialmente à [illegible] como comunidade e, num segundo momento, à quadra como tal. Análises fatoriais independentes da escala para bloco e quadra resultaram nos mesmos dois fatores: AJUDA e BEM ESTAR. Numa escala de 1 (pouca disposição para ajudar, pouco interesse no bem estar) à 4 (alto), a média da disposição para ajudar os demais moradores do bloco foi 2,489, ajudar os demais moradores da quadra foi 2,456; já o interesse no bem estar dos demais moradores do bloco foi 2,571, e nos da quadra 2,656.

Uma ANOVA com duas medidas repetidas (nível: bloco vs. quadra, e dimensão: ajuda vs. bem estar) não mostrou diferença entre bloco e quadra ($F<1$), uma tendência para uma diferença entre ajuda e bem estar ($F=3,01$, $p=.081$), e uma interação entre morada e dimensão ($F=4,87$, $p=.029$). Quando entra a satisfação com a quadra como variável antecedente, verifica-se um único efeito de interação significativa ($F=5,40$, $p=.021$) no sentido de que os respondentes satisfeitos com a quadra mostram menos disposição em ajudar, mas mais interesse no bem estar (tanto bloco quanto quadra) do que os menos satisfeitos. O mesmo fenômeno se repete quando entra previsão de mudança como variável antecedente: Os moradores que estão prevendo uma mudança estão menos dispostos a ajudar, e mais interessados no bem estar (seja do bloco, seja da quadra) do que os que não estão antecipando uma mudança ($F=5,57$, $p=.019$).

Discussão. Enquanto globalmente existe senso de comunidade, conforme indicado tanto na disposição em ajudar, quanto no interesse pelo bem estar, nota-se que a dimensão menos comprometedora, i.e., interesse no bem estar, é a mais forte. Este distanciamento é reforçado ainda mais no achado de que os satisfeitos com a quadra mostram relativamente menos disposição para ajudar e mais interesse no bem estar, da mesma maneira que os que prevêem uma mudança mostram relativamente menos disposição para ajudar e mais interesse no bem estar.

Conclusão. Os dados sugerem um ambiente onde as pessoas estão mais voltadas para manter o bem estar, do que dispostas a ajudar, reforçando um estereótipo negativo sobre Brasília.

Apoio. Os autores são bolsistas do CNPq, sendo o primeiro pesquisador, e os demais alunos de iniciação científica.

183

A CONQUISTA DE UM OUTRO RETRATO

GRANT, W.H.–Instituto de Psicologia da Universidade-SP

Este trabalho busca pensar a questão da importância do desligamento da criança de seus pais, ou seja, focalizar o indispensável dever educativo da família no percurso que a criança deverá trilhar desde sua eleição primária dos pais como objetos de amor, até que estes restem apenas como modelo para uma eleição fora do círculo familiar. Muitas pessoas vivem suas vidas no trilho traçado pelo desejo dos pais... elas se identificam com aquele personagem imaginário criado por eles. O surgimento de uma "doença" se coloca como um momento profícuo uma vez que rompe a harmonia de uma história de vida e estabelece um mal-estar. Digo profícuo pois pode ser uma 2ª chance que o sujeito venha a ter para questionar o lugar que ocupa na família. A 1ª chance está vinculada à especificidade da relação triangular estabelecida na história do sujeito. Num recorte específico do caso do pequeno Hans relatado por Freud, pretendemos discutir características de identidade das figuras parentais, o lugar que Hans ocupa neste triângulo e a importância do surgimento do sintoma fóbico na conquista de um outro retrato do sujeito Hans. A discussão do caso põe em relevância a dificuldade de Hans conquistar sua evolução viril num quadro onde o desejo da figura materna é o de não desejar um homem e onde a figura paterna não se apresenta com vigor viril para interditar a relação dual estabelecida entre mãe e filho. Foi na escuta do sentido do sintoma que um percurso de desligamento dos pais pode ser conquistado por Hans.

184 A CRIANÇA AUTISTA:INTERAÇÃO COM O AMIGO QUALIFICADO-UM PLANO PILOTO.

GOLFETO,J.H.*COSTA,D.C.*VENDRUSCULO,J.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO,Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto;*Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

O maior problema em treinar crianças autistas é sua dificuldade em generalizar adequações.Este trabalho objetiva socializar crianças autistas através da interação com as Amigas Qualificadas,visando a adequação do comportamento de uma criança durante a refeição e de outra em crises de auto/hetero-agressão.Tratou-se duas crianças do sexo masculino,respectivamente com 9 e 10 anos de idade.Foram utilizados registros de observações em quatro situações: /Oservação/Rapport;Visitas;Programação de Férias;Passeio Pedagógico.Nas primeiras situações,notou-se respectivamente,comportamentos inadequados durante a refeição e ausência de uma forma estruturada e sistemática em lidar com a agressividade.Nas últimas,as crianças apresentaram melhoras gradativas.Atuou-se de forma terapêutica possibilitando à primeira adequar-se nas refeições e à segunda perceber sua agressividade.Esta modalidade terapêutica diverge das psicoterapias tradicionais.Concluimos que essas crianças espelharam-se nas Amigas Qualificadas,possibilitando à primeira estar em situações sociais de forma mais adequada e a segunda perceber seu comportamento agressivo.-

185 CAPACIDADE DE DESCENTRAÇÃO E JUSTIFICATIVAS PARA RACIOCÍNIOS LÓGICO-VERBAIS EM ADULTOS ESQUIZOFRÊNICOS.

IFFONI,L.V.; SANTOS,M.A.; RIBEIRO,P.L.L. e FONSECA,P.P. (Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP).

A justificativa é uma modalidade do discurso dissertativo que exige ordenação e coerência argumentativa e, portanto, um controle do processo de raciocínio, além da capacidade de escolha dos argumentos mais relevantes à situação. Quando se trata de justificar um raciocínio lógico-verbal (silogismo), o grau de exigência quanto à capacidade de descentração aumenta, visto que no silogismo existe uma relação de necessidade lógica entre a premissa maior e a menor, que leva necessariamente a uma única conclusão. Nesse sentido, a justificativa para um silogismo não pode ser buscada em nada que seja externo a ele mesmo, o que exige que o pensamento estabeleça somente conexões lógicas. O objetivo específico deste trabalho é investigar um grupo de pacientes adultos esquizofrênicos colocado diante de uma tarefa de justificativa de silogismo, a fim de verificar se aparecem aí sinais das dificuldades para estabelecer conexões lógicas do pensamento, que habitualmente são relacionadas pela literatura à psicose esquizofrênica. Participaram do estudo dez adultos, diagnosticados como esquizofrênicos pela equipe clínica do Ambulatório de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP, todos eles alfabetizados e desprivilegiados do ponto de vista sócio-econômico. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: entrevistas estruturadas, Teste de Inteligência Não-Verbal (INV - Forma C) e dez silogismos (sendo cinco com as premissas maiores normativas e cinco com as premissas maiores descritivas). Cada silogismo era apresentado com a conclusão na forma interrogativa. Os pacientes deveriam responder à pergunta e em seguida justificar sua resposta. O procedimento foi gravado em áudio e posteriormente transcrito. A análise dessas justificativas seguiu o seguinte critério: justificativas lógicas, não-lógicas e sincréticas (neste último caso, quando a justificativa dada mesclava evidências contidas nos silogismos com evidências externas: do conhecimento factual, por exemplo). A análise dos dados mostrou que nas premissas maiores normativas o percentual de justificativas lógicas (42%) é muito próximo do obtido nas justificativas não-lógicas (44%). Nas premissas maiores descritivas, no entanto, o percentual de justificativas lógicas (50%) distancia-se visivelmente do obtido nas justificativas não-lógicas (34%). Estes resultados indicam que o conteúdo das premissas maiores descritivas é mais facilmente compreendido, o que pode ser devido ao fato de tais silogismos expressarem leis físicas e biológicas, admitindo menor questionamento e interferência de valores pessoais. Em relação à produção de sincretismos, observa-se certa equivalência entre os percentuais nas premissas maiores normativas (14%) e nas descritivas (16%). A discussão destes dados será feita dentro dos seguintes parametros: 1º) Os percentuais de justificativas lógicas nunca é superior a 50%, o que indica dificuldade de descentração; 2º) Existe uma descentração maior com conteúdos descritivos do que com conteúdos normativos, o que mostra que a natureza das premissas é levada em consideração durante o processo de justificar; 3º) Os percentuais quase iguais de sincretismos e sua baixa freqüência de ocorrência mostram que o conhecimento factual e do mundo apresentado pelos pacientes esquizofrênicos não interfere negativa ou positivamente nesse processo. (CNPq)

186 ANÁLISE DA REPETIÇÃO DE SILOGISMOS: COMPARAÇÃO ENTRE ADULTOS ESQUIZOFRÊNICOS E "NORMAIS".

IPOLINI,L.V.; SANTOS,M.A.; FONSECA,F.P. e RIBEIRO,P.L.L. (Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP).

O estudo das manifestações patológicas na área da linguagem interessa à psicolingüística porque auxilia a entender melhor os estados "normais". A literatura sobre a esquizofrenia assinala com freqüência que uma de suas características seria a dificuldade para estabelecer conexões lógicas de pensamento. Diante disto, foi levada a efeito esta pesquisa, cujos objetivos são: investigar as transformações discursivas que são introduzidas por um grupo de pacientes esquizofrênicos durante uma tarefa de repetição de silogismos, e efetuar uma comparação entre o desempenho desses adultos e aquele encontrado em uma população "normal". Foram pesquisados dez adultos, diagnosticados como esquizofrênicos pela equipe clínica do Ambulatório de Psiquiatria do H.C. da FMRP-USP, todos eles alfabetizados e de classe baixa. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: entrevista estruturada, Teste de Inteligência Não-verbal (INV-Forma C), e dez silogismos (sendo cinco com as premissas maiores normativas, e cinco com as premissas maiores descritivas). Neste último caso, os silogismos eram apresentados oralmente, contendo a conclusão na forma interrogativa, e se solicitava que o paciente os repetisse. O procedimento foi todo gravado em áudio e posteriormente transcrito. As repetições produzidas foram classificadas em: 1) literais (repetição "verbatim"); 2) modificadas (quando eram introduzidas transformações discursivas que não chegavam a alterar a relação lógica de inclusão entre as premissas), e 3) não-literais (quando a repetição "dissolvia" a relação lógica entre as premissas). A análise desses dados mostra uma preponderância de repetições literais nos silogismos com premissas maiores descritivas (56%), acompanhada de um percentual maior para as repetições não-literais nos silogismos com premissas maiores normativas (44%). A distribuição percentual de repetições modificadas foi praticamente homogênea (18% para as normativas; 20% para as descritivas). Parece, portanto, que os silogismos com premissas maiores descritivas são mais facilmente compreendidos por estes pacientes do que aqueles com premissas maiores normativas. Num segundo momento da análise, estes dados foram comparados com outros dados, relativos à mesma tarefa, obtidos com um grupo de quatorze adultos "normais", alfabetizados, residentes na zona rural. Através do tratamento estatístico x^2, ao nível de significância de 0,05 ($=$), verificou-se que não há diferença entre os dois grupos. Estes resultados são discutidos em duas etapas: 1º) - A predominância de repetições literais (quando as premissas maiores são descritivas) e de repetições não-literais (quando as premissas maiores são normativas) parece indicar que: a) o conteúdo "científico" (descritivo) garante maior grau de descentração dos esquizofrênicos estudados, e b) o conteúdo normativo, pelo fato de exprimir normas de conduta, valores, etc., estaria mais sujeito a ser mal interpretado, gerando, neste caso, uma alteração maior na relação pensamento lógico/linguagem. 2º) - A inexistência de diferenças estatisticamente significantes entre o grupo dos esquizofrênicos e o dos "normais" pode levar à conclusão de que talvez não seja a patologia em si a responsável principal pela desagregação do pensamento lógico neste caso, mas talvez outros fatores, tais como: marginalização cultural e/ou social, ausência de participação em atividades produtivas, etc. (CNPq)

OS ATRIBUTOS DA EMOÇÃO AMOROSA ENTRE HOMENS E MULHERES

CALVANO,M.; PEREIRA,C.A.A.; FERRARO,C.G. e SILVA,A.L.S.
Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

O estudo da emoção amorosa entre homens e mulheres tem sido objeto de investigação entre outras ocasiões (Calvano, 1989; Calvano & Pereira, 1990). Baseado em estudo anterior (Calvano & Pereira, 1990), objetivou esta pesquisa comparar as avaliações entre homens (n=23) e mulheres (n=24), a maioria (87,2%) universitários, não casados (63,8%), mediana etária de 24 anos, frente à importância de atributos/qualificativos sobre "o que é o amor(ar)", o que é "predominante para o despertar do amor" e para a "manutenção do amor", perguntas do questionário. De um total de 149 atributos/qualificativos, somente 24 (16,10%) revelaram resultados "U" de Mann Whitney significativos em valores menores que .05. Mulheres e homens não se diferenciam em 51 atributos, dentre 54, para a primeira pergunta, havendo uma ponderação maior para PAIXÃO, AFETO e SER ARTE entre mulheres. Também não se diferenciam em 34 atributos, dentre 46, para a segunda questão. Os poucos atributos mais valorizados pelas mulheres foram: SINCERIDADE, HONESTIDADE, RESPEITO, HIGIENE, SENSIBILIDADE, SIMPLICIDADE, MADURO, DECIDIDO, OLHAR, CHARME, ESTATURA e MÃOS. Na terceira questão também não houveram diferenças significativas entre sexos em 39 atributos, dentre 48; SINCERIDADE, COMPANHEIRISMO, COMPREENSÃO, RESPEITO, CUMPLICIDADE, MADURO, CRIATIVIDADE, SENSIBILIDADE e DESEJO foram os mais diferenciados. Entre os homens não houve de maneira explicitada atributos predominantes em relação às mulheres. Os resultados nos levam a admitir que as mulheres em relação aos homens, se mostram mais convergentes quanto aos atributos em relação à emoção e na formação da díade amorosa.

188

DETERMINANTES DA TIMIDEZ: UM ESTUDO PRELIMINAR

CALVANO,N.; PEREIRA,C.A.A.; SOUZA,A.; MACHADO,A.; FERNANDES,N. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

O objetivo deste estudo foi o de investigar que situações constrangem o tímido, quais as reações físicas, pensamentos, sentimentos, comportamentos, causas e conseqüências, buscando operacionalizar de forma mais adequada o conceito de timidez. Aplicou-se em 100 sujeitos a Escala de Timidez de Stanford (Zimbardo, Pilkonis e Norwood, 1978), estudantes da 3a. série do 2o. grau, de ambos os sexos, compreendidos entre os 16 e 21 anos, coletivamente em suas próprias salas de aula. Os resultados encontrados foram condizentes com o esperado. Estes demonstraram que a maioria dos sujeitos que foi ou ainda é tímido desejam superar a sua timidez. Dentre as causas apontadas para a timidez, as mais evidenciadas foram: preocupação com avaliação negativa (54,2%), medo de rejeição (50%) e falta de confiança (50%). Os resultados obtidos confirmam o que postula Zimbardo (1979), que o tímido é um indivíduo que tende a se isolar, procura se manter neutro nas situações não se pronunciando. Este experimenta, com relação aos não tímidos, menos afeto positivo, possui dificuldades nas suas interações sociais, principalmente com pessoas do sexo oposto e com estranhos e ao defender seus direitos e expressar suas opiniões. Embora a maioria dos tímidos deseje superar a sua timidez, os resultados demonstraram que (6,3%) vêem conseqüências positivas tais como oportunidade de observar os outros e de selecionar as pessoas com as quais se relacionam.

I89

DIFERENÇAS NA EXPRESSÃO DO AMOR

CALVANO,N.; IWASAKI,J.K.; FERREIRA, M.F.; ALVES,P.; EPELDOIN,S. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

O estudo referiu-se à expressão do amor, visando verificar se homens e mulheres em díade amorosa, expressam seu amor de forma diferente. Participaram do pré-teste 300 sujeitos, objetivando-se obter dados acerca da expressão do amor para a construção de um questionário com perguntas fechadas. Foi aplicado em 200 sujeitos, sendo 100 do sexo feminino e 100 do sexo masculino. O material consistiu em uma folha de instruções e duas perguntas no pré-teste, e no teste o questionário contendo 30 perguntas. A análise dos dados foi feita a partir do teste-hipótese Qui-quadrado para cada pergunta do questionário, onde foi aceita a hipótese nula ao nível de significância de 5% para todas as questões. A partir de uma análise qualitativa, verificaram-se aspectos relevantes a serem levantados: a expressão do amor pôde ser definida pelos atributos carinho, amizade, beijos e abraços, fidelidade, apoio e respeito. Foram encontradas também diferenças entre as respostas dos sujeitos no pré-teste e no teste relativas a expressão de amor almejada, onde no pré-teste destacou-se que a maioria dos sujeitos esperavam uma expressão de amor igual a própria forma de expressá-lo, o que não foi corroborado no teste onde a maioria dos sujeitos não consideraram o atributo "expressão de amor igual" como forma de expressão de amor. Dessa forma, a noção de que homens e mulheres expressam seu amor de forma diferente, não passa de um mito, na medida em que as relações diádicas que estabelecem modernamente, refletem uma mudança e por conseguinte pôde-se inferir que a equivalência de expressão se constitui como uma característica importante nas relações amorosas que se estruturam em nossa sociedade atualmente.

190

Memory Scanning: estabilidade e generalidade sob diferentes formas de estímulos. Stephaneck, P.; Lopes, E.J.[1] e Galera, C. Departamento de Psicologia e Educação, FFCLRP, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Desde que Sternberg (1966) propôs o paradigma *memory scanning*, vários trabalhos mostraram sua estabilidade e generalidade em diversas situações, com diversos tipos de estímulos, desde dígitos, letras até formas aleatórias. O objetivo deste trabalho foi verificar essa estabilidade e generalidade numa outra condição. Para isso, 6 sujeitos passaram por duas condições experimentais em que o paradigma foi empregado: numa condição, os sujeitos passaram por provas em que os estímulos eram os dígitos de 1 a 6 (condição NN) e numa outra em que os estímulos eram pontos luminosos em forma de dominó (condição DD). A tarefa do sujeito era memorizar um conjunto de estímulos e depois pressionar uma tecla caso um estímulo teste pertencesse ou não ao conjunto. Os tempos de reação (TR) eram medidos. Os resultados obtidos a partir de uma análise de regressão linear envolvendo TR x número de elementos memorizados (N), em cada condição, mostraram um aumento proporcional de TR com o aumento de N, bem como uma razão entre repostas negativas/positivas próxima a 1 nas duas condições, e a taxa de erros foi 3%. Os resultados corroboram o modelo proposto por Sternberg, mostrando que o processamento da informação ocorre de forma serial e exaustiva, independente do tipo de estímulo utilizado na realização desse tipo de tarefa.

[1] CNPq

191

Processos de codificação e comparação de sinais em tarefas de *memory scanning*. Stephanack, P.; Lopes, E.I.i e Galera, C. Departamento de Psicologia e Educação, FFCLRP, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.

No paradigma de Sternberg (1966), o processamento da informação, quando estímulos de mesma forma física são comparados, é serial e exaustivo sob diversas circunstâncias. O que acontece quando estímulos de forma física diferente são comparados na memória? Na literatura, encontramos dados mostrando que, quando o sujeito compara estímulos de forma física diferente, a tendência é haver um aumento no coeficiente angular da função que relaciona tempo de reação médio (TR) ao número de elementos memorizados (N). Para testar essa hipótese, 6 sujeitos realizaram um experimento composto de duas condições experimentais: na condição ND, o sujeito memorizava dígitos e os estímulos a serem comparados eram ou dígitos ou pontos luminosos dispostos em forma de dominó. Na condição DN, dominós eram memorizados e comparados com dominós ou dígitos. Os resultados obtidos se ajustam bem ao modelo serial-exaustivo proposto por Sternberg (1966). Todavia, não há indícios de um processo de tradução entre os estímulos de forma física diferente quando são comparados, já que não há diferença significativa entre as provas que exigiriam tradução e as que não exigiriam, tanto em ND quanto em DN. Os dados sugerem que tanto dígitos quanto dominós possam ser traduzidos numa outra *linguagem* e só depois comparados, ou que a comparação se dê em termos dos dos nomes dos dígitos e dominós e não de suas formas físicas.

i CNPq

192 PSICOFÍSICA DA MEMÓRIA: RELAÇÕES PSICOFÍSICAS ENTRE ESTIMATIVAS PERCEPTIVAS E MNEMÔNICAS.

OLIVEIRA, S.L.M. e DA SILVA, J.A., Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, F.F.C.L. de Ribeirão Preto.

O objetivo deste trabalho foi investigar experimentalmente dois modelos teóricos para explicar as diferenças entre as funções psicofísicas perceptivas e de memória: Modelo Reperceptual e Modelo de Tendência central dos Julgamentos.

Na investigação foi utilizado o mapa geográfico do Brasil e empregado os métodos de Estimação de Magnitude e Emparelhamento Intramodal. Todos os experimentos foram constituídos por condições perceptivas, memória e memória com implantação de "pistas".

Os resultados mostraram que a lei de potência psicofísica descreve muito bem as estimativas relembradas e percebidas. Nas situações experimentais de memória onde foram implantadas pistas os expoentes encontrados, na maioria das vezes, não diferem significativamente dos expoentes de memória onde não foram fornecidas pistas. Este fato parece indicar que talvez esse rebaixamento do expoente de memória seja oriundo de mudanças dinâmicas nos traços de memória. No entanto, não pode ser descartado o fato de que as pistas parecem diminuir a incerteza do observador nas condições em que são requeridas estimativas de memória.

Tomando em conjunto os dados dos diferentes experimentos parecem dar um maior suporte para o Modelo de Tendência Central dos Julgamentos.

CNPq

193

PROPOSTA DE TRIAGEM PARA DETECÇÃO DE DEFICIT AUDITIVO EM CRIANÇAS COM MENINGITE BACTERIANA.

Ida Lichtig, Maria I.V. Couto, Sílvia R.G. Monteiro, Erasmo B. Casella, André A. Osmo, Jessie M. Navarro, Yassihiko Okay.

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. BRASIL.

A deficiência auditiva em crianças acarreta graves consequências em relação a aquisição e ao desenvolvimento da fala e da linguagem. É de considerável importância a influência da fala e da linguagem no desenvolvimento nos processos: cognitivo, escolar e nas relações sociais. A detecção precoce da perda auditiva é um pré-requisito fundamental para a reabilitação do indivíduo. A deficiência auditiva é uma das sequelas que podem ocorrer em pacientes com meningite bacteriana. A perda da audição pós meningite pode ser devida à própria patologia ou decorrente de medicações ototóxicas utilizadas. O objetivo deste estudo é o de detectar deficiências auditivas neuro-sensoriais moderadas, severas e profundas uni e bilaterais, em crianças com meningite bacteriana tratadas na enfermaria e acompanhadas no ambulatório do Hospital Universitário da USP. As avaliações auditivas constam de procedimentos objetivos e subjetivos utilizando os seguintes instrumentos, o Bear Kit (Downs), Audiômetro Pediátrico (PA2 Interacoustics) e Audiômetro e Impedanciômetro (Madsen Z-576). Foram testadas 47 crianças com idade variando de 30 dias a 12 anos. Destas, 7 crianças (14,8%) apresentavam suspeita diagnóstica de deficiência auditiva, sendo 6 do tipo neurosensorial severa ou profunda uni e bilateral e uma do tipo misto. Estas crianças foram encaminhadas para avaliação audiológica completa (audiometria, impedanciometria e audiometria de tronco cerebral).

Através dos dados obtidos fica evidenciada a validade da implantação de um programa de triagem auditiva junto aos pacientes que apresentaram meningite bacteriana, visando deste modo encaminhá-los para reabilitação, minimizando assim os efeitos devastadores da perda da audição.

Projeto financiado pelo CNPq

194

CONSTRUÇÃO DE PERCEPÇÕES DO PRÓPRIO CORPO A PARTIR DE UM TRABALHO DE FISIOTERAPIA: UMA ANÁLISE DE RELATOS VERBAIS.

MARQUES, A.P.*, SIMÃO, L.M.** (*) Faculdade de Medicina-USP e (**) Instituto de Psicologia-USP.

Este trabalho se coloca na perspectiva de descrever como pessoas que se submetem a atividades de Fisioterapia, constroem percepções de reconhecimento do próprio corpo. Dentro dessa perspectiva, no presente trabalho, buscou-se uma identificação preliminar de aspectos desse processo em um grupo de 20 religiosas, com idades entre 35 e 64 anos, que participaram de sessões de Fisioterapia tomando-se para exame seus relatos verbais. Inicialmente, foi realizada individualmente avaliação postural e registro das queixas das participantes. Foram feitas então quatro sessões de Fisioterapia com duração média de três horas cada uma. Ao final de cada sessão as participantes eram solicitadas a relatar "o que estavam achando do trabalho" e "como estavam se sentindo", sendo estes relatos gravados.

Procedeu-se em seguida à transcrição e análise dos mesmos, identificando-se classes tais como: a) Relatos que informam sobre razões para se engajar na Fisioterapia; b) Relatos que informam sobre sensações e percepções; c) Relatos que informam sobre dores localizadas em regiões do corpo; d) Relatos que informam sobre concepções a respeito da relação corpo-mente.

. Os resultados indicam que as classes mais frequentes se alternam ao longo das sessões evidenciando mudanças na auto-percepção corporal e na percepção do próprio processo de Fisioterapia. Com base nesses resultados, serão discutidos aspectos relacionados a: como o processo da Fisioterapia pode alterar percepções corporais; como relatos verbais podem evidenciar tais percepções e que peculiaridades do grupo (religiosas) se evidenciam através desses relatos verbais.

195 A FORMAÇÃO DE RELAÇÕES DE EQUIVALÊNCIA COM DIFERENTES MODALIDADES DE INSTRUÇÕES VERBAIS.

ASSIS,G.*;BATISTA,M.Q.G.; BARROS,C.W.**;NETO,M.B.C.
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL - UFPA.

Estudos recentes (Sigurdardottir, Green e Saunders, 1990 e Green, Sigurdardottir e Saunders, 1991) mostraram resultados opostos quanto ao efeito de instruções sobre a formação de classes de estímulos equivalentes. Assis, Baptista, Alvares e Fontella (1992) apresentaram resultados evidenciando que, independentemente de instruções verbais, todos os sujeitos formaram relações de simetria e transitividade. O objetivo do presente estudo foi verificar o efeito de diferentes modalidades de instruções verbais (Máximas, Mínimas e Neutras) sobre a emergência de novas relações nos testes de equivalência, quando estímulos estranhos ao cotidiano dos sujeitos estivessem presentes. Seis estudantes universitários de diferentes cursos de graduação, de ambos os sexos, foram divididos em dois Grupos Experimentais e expostos a quatro treinos condicionais: AB/BC e DE/EF. Nove nomes de pessoas (Grupo Experimental I) e nove Nomes de cidades (Grupo Experimental II) foram usados como estímulos. Todos os sujeitos trabalharam sentados, tendo à sua frente um microcomputador (IBM PC-XT) e um monitor acoplado com uma tela sensivel ao toque. Um procedimento de pareamento com o modelo foi utilizado e a tarefa do sujeito era responder primeiramente ao modelo e em seguida, na presença de três estímulos de escolha, àquele que foi definido pelo experimentador como correto. Todos os sujeitos foram expostos a cinco fases: Pré-Treino; Treino AB/BC; Testes AC/CA; Treino DE/EF e Testes DF/FD, em várias sessões experimentais. Os resultados dos testes de equivalência mostraram que, independentemente das instruções usadas, todos os sujeitos responderam consistentemente, porém, isso só ocorreu após repetidas exposições aos testes. Os dados parecem indicar que essas repetidas exposições foram as responsáveis pelo desempenho dos sujeitos.

---

* CAPES-PICD
** Bolsista do PIPES - UFPA

196

ESTUDOS EM DISCRIMINAÇÃO CONDICIONAL
I - INSTRUÇÕES E CONSEQUÊNCIAS

MATOS, Maria Amelia e LERNER, Rogério (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo) (*)

Este trabalho descreve como propriedades relacionais são afetadas por aspectos do treino discriminativo que não são propriedades dos estímulos discriminativos, em si mesmos. Em outras palavras, como a aquisição de uma discriminação condicional, por seres humanos, pode ser afetada por variáveis como o tipo de instrução que o sujeito recebe e o tipo de consequência utilizada como reforçador.

Os sujeitos foram 24 estudantes universitários sem informação sobre o tipo de tarefa envolvido no estudo. Todos foram submetidos a um treino de matching envolvendo quatro configurações de estímulos do tipo AB/AC. Os estímulos usados foram duas cores, linhas paralelas oblíquas ou horizontais, e duas formas geométricas. Todos os sujeitos receberam a mesma quantidade de treino em cada configuração de estímulo. Respostas incorretas não tinham consequências programadas. Os sujeitos foram divididos em quatro grupos e cada grupo foi exposto a diferentes tipos de instruções (antes de começar o estudo) e a diferentes tipos de consequências para respostas corretas. O **Grupo I** recebia instruções gerais sobre a tarefa motora envolvida e um tipo de consequênciação social genérica. O **Grupo IIa** recebia as mesmas instruções do Grupo I bem como um aviso de que havia uma regra envolvida na tarefa, e recebia as mesmas consequências do Grupo I. O **Grupo IIb** recebia instruções e consequências como IIa, mais um feedback social específico relativo a seu desempenho. O **Grupo III** recebia instruções e consequências como o Grupo IIb, mais fichas trocáveis por dinheiro (note-se que não há como atribuir fichas a este grupo sem mudanças concomitantes nas instruções, que descrevam a possibilidade desta atribuição). Os sujeitos que apresentassem 100% de respostas corretas no último bloco de tentativas eram submetidos a testes de equivalência.

Os dados dos Grupos I, IIa e III mostram que quanto mais detalhada a descrição de contingências nas instruções, melhor o desempenho durante a aquisição do matching. Os dados dos Grupos IIa, IIb e III mostram que quanto mais específica a consequênciação, melhor o desempenho durante o treino. Os dados de equivalência não mostram grande diferença entre os grupos. Estes resultados são consistentes com extrapolações da literatura existente sobre comportamento controlado por regras e controle motivacional.

(*)- Financiamento do CNPq e CAPES.

197

ESTUDOS EM DISCRIMINAÇÃO CONDICIONAL-II FORMA DE APRESENTAÇÃO DAS TENTATIVAS

MATOS, Maria Amelia e LERNER, Rogério (Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo) (*)

Este trabalho continua a investigação do Estudo I sobre o efeito de variaveis situacionais (em oposição a variaveis dimensionais) na aquisição de uma discriminação condicional, e, possivelmente, sobre a emergência de relações de equivalência (transitividade e simetria). Neste estudo descrevem-se os efeitos da apresentação separada ou conjunta de diferentes tipos de tentativas de relações discriminativas condicionais. Em outras palavras, descreve-se como a aquisição de uma discriminação condicional dupla, do tipo AB e AC, pode ser afetada pelo modo pelo qual as configurações de estímulo são apresentadas ao sujeito.

Os sujeitos foram 12 estudantes universitários, sem informação sobre o tipo de tarefa envolvida no estudo. Todos foram submetidos a um treino de matching envolvendo quatro configurações de estímulos do tipo: A1B1B2, A2B1B2, A1C1C2, A2B1B2 (o estímulo modêlo é indicado em negrito). Os estímulos usados foram os mesmos do Estudo I. Todos os sujeitos receberam a mesma quantidade de treino (distribuido em blocos de 16 tentativas), em cada configuração de estímulo. Os sujeitos recebiam as mesmas instruções quanto à tarefa, bem como o mesmo tipo de consequências para respostas corretas (para maiores detalhes, ver Grupo III do Estudo I). Os sujeitos foram divididos em dois grupos. O Grupo SEP recebia inicialmente dois blocos de tentativas do tipo AB e, então, recebia dois blocos de tentativas AC, antes de ser exposto a dois blocos de tentativas AB e AC, apresentadas conjunta e randomicamente (o contrôle de ordem era feito em subgrupos). O Grupo MIX era exposto a seis blocos de tentativas semelhantes aos dois últimos do Grupo SEP, i.e., compostos de tentativas AB e AC randômica e conjuntamente apresentadas. Sujeitos que atingissem o critério de 100% de respostas corretas no último bloco de tentativas eram submetidos a testes de equivalência.

Os dados do Grupo MIX mostram um menor número de respostas corretas e de sujeitos a atingirem o critério que os do Grupo SEP. Os dados de equivalência contudo, não mostram diferenças entre os grupos. Estes resultados indicam que o treino de diferentes, porém relacionadas, relações condicionais é mais eficiente se feito separada e sucessivamente para cada relação a ser treinada. Estes resultados são consistentes com aqueles encontrados com o uso de técnicas de discriminação sem êrro e de mudança gradual.

(*)- Financiamento do CNPq e CAPES.

198

HIERARQUIAS COMPORTAMENTAIS E DIMENSÕES CONTROLADORAS

MATOS, Maria Amelia, TRAVAGLINI, D. e ESTEVES, E.N. (Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo) (*)

Este trabalho investiga que controles afetam a hierarquia de repertórios comportamentais tais como tatos e textuais. Diante de diferentes cores geralmente somos reforçados por nomear "cores"; diante de palavras escritas, por "ler" tais palavras. O que acontece se o sujeito é instruído a dizer o nome da cor com que uma palavra é escrita, se a palavra é o nome de uma outra cor? Em 1935 R.Stroop mostrou que nesta situação de "conflito" ocorrem muitos erros. No presente estudo mudamos o enfoque da análise e acrescentamos dois controles: palavras coloridas relativas a objetos neutros quanto a sua cor, e desenhos coloridos "abstratos". Na situação Stroop as dimensões relevantes (nome de cor ou cor do nome) não são independentes, já que ambas referem-se à mesma classe "verbalização de cores". Assim, as respostas controladas deveriam interagir. Essa interação resultaria em competição na medida em que a resposta menos provavel diante do estímulo "palavras", dizer-lhes a cor, fosse fortalecida pelas instruções experimentais. Por outro lado, nas situações de linha de base as dimensões controladoras são ortogonais e não equivalentes em termos comportamentais. Tatar a palavra escrita é nomear objetos, tatar a cor da palavra escrita é nomear cores, e esses repertórios não interagem. Portanto as instruções, ao invés de conflito, deveriam introduzir prioridades. Os sujeitos foram 30 estudantes universitários de ambos os sexos. Todos recebiam quatro listas de nomes coloridos de cores (NCC), duas listas de nomes coloridos de objetos neutros (NON), e duas outras de desenhos coloridos (AST, já que os desenhos eram asteriscos). A ordem de apresentação das oito listas foi balanceada cada sujeito. Cada lista continha 176 estímulos (palavras ou desenhos, de acordo com a lista) dispostos em ordem randômica. A tarefa dos sujeitos era sempre a mesma, nomear as cores dos estímulos constantes das listas. Os dados mostram que tanto o número de êrros quanto o tempo de execução em cada lista são significativamente maiores com as listas NCC do que com as demais, indicando repertórios equiprováveis e interagentes. O desempenho em NCC parece ser afetado pela lista controle: quando esta é AST o número de êrros em NCC é maior do que quando esta é NON. Este efeito contudo parece ser modulado pela dimensão da resposta sob análise, já que não há diferença no desempenho em NCC, qualquer que seja a linha de base, quando a medida é do tempo de execução da tarefa. Conclue-se que a probabilidade de tatar a cor de um estímulo é afetada pela natureza do estímulo a ser tatado, isto é, depende de um controle dimensional que é produto tanto da história passada do sujeito quanto das instruções atuais. Estas conclusões são coerentes com resultados da literatura de controle atencional e comportamento controlado por regras.

(*)- Financiamento do CNPq e CAPES.

199 AQUISIÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA: UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL

Teixeira, A.M.S., Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, MG.

A aquisição da escrita e da leitura tem provocado polêmica acerca da natureza dos componentes comportamentais envolvidos nela. Este trabalho analisa a aquisição da escrita e da leitura, com o objetivo de responder à questão: Que acontece quando a criança está adquirindo os repertórios comportamentais de escrever e de ler? O objeto de estudo foi um programa de contingências para o ensino da escrita e leitura, construído de acordo com os princípios de ensino programado e previsto para ser aplicado em crianças a partir de quatro anos de idade.

Utilizando-se um procedimento de leituras sucessivas do documento constitutivo do programa, produziu-se uma descrição comportamental completa de seu conteúdo, organizada em quatro categorias: comportamentos de interesse, condições de ensino, descrição do material e princípios do comportamento envolvidos. Uma análise comportamental do conteúdo do programa foi feita através de um procedimento de identificação das relações previstas para serem estabelecidas entre as condições de ensino, os comportamentos de interessse e os reforçamentos disponíveis para garanti-las.

Os resultados obtidos, com trinta crianças que tinham quatro, cinco ou seis anos ao iniciarem o programa, mostram que a aquisição da escrita e da leitura decorreu, pelo menos no caso estudado, de uma rede complexa de emparelhamentos de estímulos de diferentes modalidades, envolvendo respostas de natureza perceptomotora.

Esses dados são relevantes porque descrevem uma situação real de aquisição da escrita e da leitura, dispensam referências a variáveis não-observáveis e sugerem procedimentos eficientes para sua produção.

Parte dessa pesquisa foi subvencionada pelo CNPq (1984-1986).

200

INTERDEPENDÊNCIA ENTRE REPERTÓRIOS DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DE REDES DE RELAÇÕES DE EQUIVALÊNCIA.

J. C. de Rose, D. G. de Souza*, A. L. Rossito, A. B. Pereira*, L. S. Gomes*, M. L. Fonseca*, G. M. Duarte*, N. Fontes, R. E. Cesaretti e M. A. C. Zanotto. Universidade Federal de São Carlos e (*) Universidade de Brasília.

Avanços recentes da análise comportamental mostram que repertórios distintos podem ser interligados através de uma rede de relações de equivalência. Este estudo investigou a possibilidade de que tais redes interliguem os repertórios de leitura e escrita, de modo que o ensino de desempenhos em um repertório resulte em progressos também no outro. Os sujeitos foram 12 crianças que exibiam padrão de escrita semelhante ao assim chamado "pré-silábico". Sete sujeitos do grupo experimental foram submetidos a um programa de ensino de habilidades de leitura, baseado na aquisição de relações de pareamento com modelo, entre palavras ditadas (modelos) e palavras escritas (estímulos de comparação). Durante a aplicação do programa, avaliava-se a leitura de palavras nele envolvidas e a generalização para palavras novas. Habilidades de escrita, não diretamente ensinadas, eram avaliadas periodicamente. Os sujeitos do grupo experimental aprenderam a leitura das palavras do programa e, em graus variáveis, generalizaram esta leitura para novas palavras. Seis sujeitos apresentaram progressos acentuados na escrita. Cinco sujeitos do grupo de controle, não submetidos ao programa, receberam avaliações periódicas de escrita. Só um deles apresentou progressos em leitura e escrita. Estes resultados levam a questionar a fundamentação dos métodos de alfabetização atualmente em voga, demonstrando que a evolução na "compreensão sobre a língua escrita" pode ser produzida, a partir da análise comportamental das redes de relações envolvidas na alfabetização e da identificação dos desempenhos que podem vir a estabelecê-las.

**Pesquisa apoiada por FAPESP, CNPq e MEC.

201 RELAÇÕES ENTRE CONTROLE DE ESTÍMULOS NA LEITURA E NA ESCRITA

SOUZA, D.G., DE ROSE, J.C.*, HANNA, E.S., BORGES, M.M., GOMES, L.S., GUIMARAES, L.B. BALDUINO, L., GAMA, A.L.G., PEREIRA, P.A. Universidade de Brasília, DF. (*) Universidade Federal de São Carlos, SP.

Os padrões de escrita de crianças em fase inicial de aprendizagem podem se desenvolver sob controle de diferentes dimensões do estímulo (relevantes ou irrelevantes). Este estudo pretendeu verificar se a aquisição de leitura com compreensão afeta o desempenho em situação de ditado, com duas modalidades de resposta. Os sujeitos foram oito crianças que haviam participado de um projeto para instalação de leitura, quatro como sujeitos experimentais e quatro como controles. O programa estabelecia discriminações condicionais a partir das quais emergiram relações de equivalência entre palavras ditadas e impressas e as figuras correspondentes. A leitura não foi diretamente ensinada, mas os sujeitos experimentais passaram a apresentar 100% de acertos na leitura de palavras do programa e graus variados (inter-sujeitos) de leitura generalizada. Foram conduzidas 10 sessões de teste; em cada sessão eram ditadas cinco palavras de treino e cinco de generalização em três sequências diferentes. Na primeira e na terceira sequências o sujeito deveria escrever a palavra; na segunda ele era solicitado a compor a palavra selecionando as letras impressas entre o conjunto de letras do alfabeto. A realização da tarefa era consequenciada, mas o sujeito não era informado sobre acerto ou erro. O desempenho dos sujeitos controle não evidenciou controle de estímulos pelo ditado. Todos os sujeitos experimentais apresentaram desempenho sob controle de estímulos, mas o grau de controle variou entre os sujeitos; a variação está relacionada ao grau de controle observado na leitura generalizada. Para os sujeitos com menor grau de controle pela topografia da palavra (letras e sequência) observou-se também menor controle pela extensão da palavra, com uma tendência ao uso de um número menor de letras. Dois sujeitos mostraram desempenho ligeiramente superior na escrita, enquanto os outros dois se desempenharam melhor na composição. Para entender a ocorrência de escrita/composição sob controle do ditado pode ser necessário considerar (a) a formação de equivalência entre palavras ditadas e palavras impressas, de extensão variada, e (b) o desenvolvimento de controle de estímulos por unidades mínimas (sílabas ou letras). (CNPq)

202 TREINO DE CÓPIA COM RESPOSTA CONSTRUÍDA E O DESEMPENHO EM DITADO

SOUZA, D.G., HANNA, E.S., BORGES, M.N., DE ROSE, J.C.*, FONSECA, M.L., SILVA, A.V., MANHIÇA, C., LACERDA, A.P. Universidade de Brasília, DF, (*) Universidade Federal de São Carlos, SP.

Com o objetivo de analisar as relações verbais envolvidas em leitura e escrita, o presente estudo examinou o desempenho em ditado após treino na tarefa de copiar modelos impressos. Foram analisadas duas modalidades da resposta de copiar: a escrita e a resposta construída. A resposta construída consistia em selecionar e dispor sobre a mesa as letras que correspondessem ao modelo. A seleção era feita entre todas as letras do alfabeto apresentadas simultaneamente. No treino em cópia foi empregado o procedimento de atraso: mostrava-se uma ficha contendo a palavra a ser composta, que era retirada depois da resposta de observação. Quando o sujeito completava a resposta a ficha era novamente apresentada e ele podia comparar o produto de sua resposta com o modelo. Respostas corretas eram conseqüenciadas; composições incorretas eram refeitas. O procedimento foi aplicado a três sujeitos, utilizando-se 10 conjuntos de 10 palavras. Em cada conjunto, cinco das palavras haviam sido empregadas previamente em um programa que ensinou leitura; estas foram objeto do treino de cópia. As outras cinco eram palavras de generalização e só foram empregadas nos testes. Para cada bloco de 10 palavras era realizado um pré-teste de leitura; se ocorresse leitura correta de todas as palavras de treino, iniciava-se o treino de cópia, até atingir 100% de acertos. Seguiam-se dois testes de ditado. No primeiro o sujeito "construía" a palavra ditada; no segundo ele deveria escrevê-la. O procedimento era repetido para cada um dos demais blocos. Em geral os sujeitos tiveram 100% de acerto no ditado de palavras de treino com a resposta construída; o segundo melhor desempenho foi a escrita de palavras de treino. O percentual de acertos com palavras de generalização foi maior que o da leitura das mesmas no pré-teste; um sujeito teve mais acertos na modalidade escrita, enquanto os outros dois se desempenharam melhor construindo as palavras ditadas. O treino em copiar produziu melhora imediata e de magnitude significativa no desempenho em ditado, o que favorece a interpretação dos desempenhos de leitura e escrita como uma rede interligada de relações verbais, cujos estímulos formam uma classe de estímulos equivalentes.

CNPq (Bolsistas de Pesquisa e de Iniciação Científica).

203

MEMORIZAÇÃO DE NÚMEROS: EFEITOS DE "COMPLEXIDADE" SOBRE O DESAPARECIMENTO DA RESPOSTA INTERMEDIÁRIA

Oliveira-Castro, J.M.*, Coelho, D.S.**, Abbad, G.S.,
Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília

A análise do uso do conceito "fazer na cabeça" na linguagem cotidiana indica que seu uso é metafórico e negativo. De acordo com essa análise, "memorizar" indica, entre outras coisas, que certas respostas intermediárias, que ocorriam, não mais ocorrem. Experimentos anteriores, utilizando uma tarefa de memorização de números, demonstraram que a frequência e duração da resposta intermediária (consultar uma tela de auxílio) diminuiram como uma função semilogaritmica do número de tentativas. Na tentativa de identificar as variáveis que influenciam a diminuição dessa resposta intermediária, três experimentos foram conduzidos, nos quais manipulou-se a "complexidade" dos números a serem memorizados. Utilizando um microcomputador, elaborou-se uma tarefa na qual os sujeitos deveriam memorizar números de cinco dígitos, cada qual associado a um símbolo. Nos três experimentos, foram utilizados oito pares de símbolo-números, sendo que quatro dos números eram formados de cinco dígitos variando de "1" a "9". Os outros quatro números iniciavam com três "0" (000__, Experimento 1, 4 sujeitos), com os outros dois dígitos variando de "1" a "9", ou iniciavam com três "3" (333__, Experimento 2, 5 sujeitos), ou tinham três "3" intercalados (_3_3_, Experimento 3, 4 sujeitos). O número de tentativas necessárias para o desaparecimento da resposta intermediária foi maior para os números cujos cinco dígitos variavam de "1" a "9" do que para aqueles que continham três dígitos iguais, nos três experimentos. Estes resultados foram tentativamente explicados com o conceito de "complexidade discriminativa", a qual seria diretamente proporcional ao número de respostas possíveis na situação.

(*) Pesquisador do CNPq; (**) Bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

204 FACILITANDO AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM FUNCIONAL EM CRIANÇA DE CRECHE COM ATRASO DE DESENVOLVIMENTO.

NUNES,L.R.P., NOGUEIRA,D.; CUNHA,A.C.B. Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A aquisição da linguagem oral é uma importante tarefa evolutiva da primeira infância. Crianças que sofrem de desnutrição severa neste período e que vivem em ambientes de extrema pobreza têm grandes chances de apresentar atraso de desenvolvimento, notadamente na área da linguagem. O objetivo do trabalho foi verificar os efeitos de estratégias naturalísticas de intervenção em linguagem sobre a freqüência, variação e funções comunicativas das verbalizações de um menino de 3 anos com atraso generalizado em seu desenvolvimento. No início do estudo o sujeito emitia apenas poucos sons vocais. Um delineamento quase-experimental (A-B-C) foi implementado em três fases: Linha de Base, Treinamento I e Treinamento II. O estudo foi conduzido em uma creche para crianças de baixo nível sócio-econômico, durante 5 meses em um total de 28 sessões de 15 minutos em média de duração. Na fase de Linha de Base, o experimentador interagiu livremente com a criança em situação de jogo não estruturado. Na fase de Treinamento I e II o experimentador, respectivamente, desenvolveu exercícios para o fortalecimento da musculatura da região bucal do sujeito;e utilizou dois procedimentos de ensino naturalístico: arranjo ambiental e modelo dirigido à criança. O arranjo ambiental consistia em colocar alimentos ou briquedos à vista mas fora do alcance do sujeito, de forma que ele solicitasse verbalmente o objeto desejado. No procedimento de modelo dirigido à criança, o experimentador nomeava o objeto pelo qual o sujeito tinha interesse no momento, assim como o objeto que ele, experimentador, escolhia, pedindo que o sujeito imitasse a verbalização. A resposta verbal do sujeito, mesmo que parcialmente correta era consequenciada com acesso ao brinquedo e elogio verbal. Os dados coletados mostraram que embora a freqüência absoluta de sons tenha diminuido da fase de Linha de Base, para a fase de Treinamento II, houve um aumento consistente no número de sons diferentes produzidos pelo sujeito após a intervenção. Este aumento ocorreu na freqüência de sons produzidos espontaneamente, ou seja, sem ajuda de modelos, enquanto que os sons produzidos com ajuda verbal (modelo) diminuiram ao longo da fase de treinamento II. As funções comunicativas mais freqüentes foram solicitação de objeto e comentário. (Pesquisa financiada pelo CNPq)

205 A PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: IMPLANTAÇÃO E AVALIAÇÃO DE UM CURSO PROGRAMADO INDIVIDUALIZADO DE PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM

Marcelo C. da Silva, Tânia de Rose, Cristiana Ferrari, Ana Lúcia Rossito, Maria de Jesus D. Reis e Júlio C. de Rose. Universidade Federal de São Carlos.

Este trabalho trata da implantação e avaliação de um curso programado e individualizado de Psicologia da Aprendizagem, com o objetivo de tornar o conhecimento de psicologia instrumental para a ação docente. As sucessivas unidades apresentavam os princípios de Psicologia da Aprendizagem, sob o ponto de vista comportamental, procurando levar os alunos a reconhecer que situações de aprendizagem envolvem novos comportamentos dos alunos, que podem ser analisados de modo a identificar procedimentos de ensino mais efetivos. A efetividade do curso foi analisada através de trabalhos dos alunos requerendo a formulação e análise de exemplos de ensino envolvendo os princípios estudados, e de questionários e entrevistas em que os alunos faziam uma apreciação do curso e apresentavam sugestões e críticas. A análise do desempenho dos alunos revelou que estes conseguiam, de modo geral, traduzir situações de ensino em termos de comportamentos a serem adquiridos. Eles apresentavam, no entanto, dificuldades específicas, que podem ser relacionadas a inadequações no material instrucional. Por exemplo, e, algumas unidades, ostermos técnicos introduzidos pareciam mais confundir do que auxiliar os alunos nas tarefas de análise. A apreciação dos alunos indicou os pontos que segundo eles, geraram dificuldades. Foram também observados comentários sobre os seguintes pontos do sistema individualizado: forma de avaliação, efeitos do curso, preferência pelo sistema, e disposição de vir a utilizar sistema semelhante caso venha a ser professor.

206 COMPORTAMENTOS INDUZIDOS POR ESQUEMAS: O ESTADO DA ARTE. Haydu, V.B.[1]; Andrade, M.P.; Bueno, A.M.[2]; Cervejeira, S.R.; Costa, C.E.[3]; Ferreira, E.F.[4]; Luzia, J.C[3]; Maichaki, S.G.[4]; Martinez, J.M.[2]; Martins, P.D. Departº de Psicologia Geral e Análise do Comportº da UEL. Silva, M.T.A.[5] Departº de Psicologia Experimental - IPUSP.

O fenômeno da indução de comportamentos por esquemas passou a receber grande atenção dos pesquisadores a partir dos estudos de Falk (1961, 1966a e b) o qual demonstrou a indução da polidipsia (beber em excesso) em ratos mantidos sob esquemas de reforçamento intermitente com alimento. Falk verificou que os ratos apresentavam o comportamento de beber pequena quantidade de água logo após o consumo de cada pelota de alimento e que o volume de água consumido, em tais circunstâncias, era consideravelmente superior ao consumido sob condições normais de alimentação. Devido aos resultados obtidos nos estudos que Falk desenvolveu na década de 60 e de resultados semelhantes obtidos por outros pesquisadores, ele propos que a indução de comportamentos por esquemas é um fenômeno geral. A partir dessa proposta de Falk foram publicados muitos artigos, uma média de 17 por ano nas décadas de 70 e 80, a maioria com o objetivo de testar a hipótese da generalidade do fenômeno e de avaliar as variáveis relevantes na indução de comportamentos. Um dado experimental importante nessa área foi a indução do comportamento de beber soluções em que álcool ou outras soluções foram adicionadas à água, em ratos que normalmente rejeitam soluções dessa natureza. Esse fato fez com que o procedimento de indução por esquemas passasse a ser usado como preparo em pesquisas sobre o efeito de drogas, e que fosse proposto como modelo experimental para estudos do uso e dependência de drogas. Apesar das questões sobre as variáveis relevantes na indução de comportamentos por esquemas e da generalidade do fenômeno não terem sido resolvidas de forma satisfatória, até a presente data, verificou-se que o número de publicações diminuiu consideravelmente a partir do final da década de 80. A revista que continua publicando artigos dessa área com alguma frequência é Physiology & Behavior, principalmente de estudos sobre o efeito de drogas e dos processos fisiológicos envolvidos na indução de comportamentos por esquemas.

1-Coordenadora e supervisora da pesquisa; 2-Bolsistas I.C. CPG/UEL; 3-Bolsistas I.C.CNPq/UEL/UEM; 4-Bolsistas I.C.CNPq; 5-Orientadora da pesquisa.
FINANCIAMENTO: CNPq e Coordenadoria de Pesquisa e Pós Graduação da UEL.

207

INDUÇÃO DE COMPORTAMENTOS POR ESQUEMAS EM HUMANOS: I.ESQUEMAS NÃO CONTINGENTES DE LIBERAÇÃO DE ESTÍMULOS ALIMENTARES. Baydu, V.B.[1]; Andrade, M.P.; Bueno, A. M.[2]; Cervejeira, S.R.; Costa, C.E.[3]; Ferreira, E.F[4]; Luzia, J.C.[3]; Maichaki, S.C.[4]; Martinez, J.M.[2]; Martins, P.D. Departº de Psicologia Geral e Análise do Comportº da UEL. Silva, M.T.A.[5] Departº de Psicologia Experimental - IPUSP.

O objetivo do presente estudo consistiu em induzir a polidipsia (beber água em excesso) em 20 alunos do curso de psicologia. O experimento foi realizado em um laboratório, com uma sala de espelhos de visão unilateral, onde foi instalado um aparelho que permitia liberar petiscos (salgadinhos e doces) semelhante às máquinas dispensadoras de chicletes. Os sujeitos foram divididos em 5 grupos de 4 sujeitos e cada grupo foi submetido a um valor dos esquemas de tempo fixo 0, 30, 60, 90 e 120 segundos. O grupo submetido ao esquema FT 0 consistiu do grupo referência, cujo procedimento é equivalente ao de reforço maciço usado como controle em procedimentos de indução de comportamentos por esquemas. Registrou-se o número de intervalos de 1 seg contendo cada uma das seguintes categorias comportamentais: atividades gerais, comportamentos dirigidos para o próprio corpo, comer, beber, vocalizações, permanecer imóvel e o comportamento de manipular estímulos ambientais específicos. Verificou-se que sob os esquemas de FT 30, 60, 90 e 120 os sujeitos apresentaram uma organização temporal dos comportamentos nos intervalos entre estímulos a qual não foi observada sob o esquema de FT 0. A única categoria comportamental que ocorreu com força maior em comparação com o grupo referência foi "atividade geral", não tendo sido induzido o comportamento de beber. Concluiu-se que humanos submetidos a esquemas de FT com alimento não apresentam polidipsia induzida, mas apresentam uma distribuição temporal dos comportamentos nos intervalos entre estímulos. Esses resultados são relevantes para a análise da generalidade dos efeitos de indução dos esquemas intermitentes de liberação de estímulos.

1-Coord. e superv. do projeto; 2-Bolsistas I.C. CPC/UEL; 3-Bolsistas I.C. CNPq/UEL/UEM; 4-Bolsistas I.C. CNPq; 5-Orient.do projeto.
FINANCIAMENTO: CNPq e Coordenadoria de Pesquisa e Pós Graduação da UEL.

208 INDUÇÃO DE COMPORTAMENTOS POR ESQUEMAS EM HUMANOS: II.ESQUEMAS DE REFORÇAMENTO EM INTERVALO FIXO COM ALIMENTO: Haydu, V.B.[1]; Andrade, M.P.; Bueno A.M.[2]; Carvejeira, S.R.; Costa, C.E.[3]; Ferreira, E.F.[4]; Luzia, J.C.[3]; Maichaki, S.G.[4]; Martinez, J.M.[2]; Martins, P.D. Departº de Psicologia Geral e Análise do Comportº da UEL. Silva, M.T.A[5] Departº de Psicologia Experimental - IPUSP.

O presente experimento teve por objetivo avaliar o efeito da manutenção do esquema de intervalo fixo (FI) na indução de comportamentos, principalmente na indução da polidipsia, em 16 alunos do curso de psicologia e comparar os resultados deste experimento com os que foram obtidos no Exp.1, em que foi utilizado o esquema de tempo fixo (FT). O experimento foi realizado no mesmo laboratório em que foi realizado o experimento anterior (com uma sala de espelhos de visão unilateral). Foram liberados salgadinhos e doces através da máquina dispensadora de petiscos, sob esquema de FI 90 segundos. Além das categorias registradas no Exp. 1 foi registrada a "pressão à barra". Os sujeitos foram divididos em dois grupos de oito sujeitos cada. O Grupo 1 foi submetido ao esquema de FI 90 e o Grupo 2 ao procedimento de reforço maciço (grupo controle). Verificou-ses que foi estabelecido o mesmo padrão temporal de comportamentos, nos intervalos entre estímulos, observado no Exp. 1. A categoria "comer" predominando no 1º terço do intervalo e a categoria "atividade geral" no 2º e 3º terços do intervalo. A polidipsia não foi induzida pelo esquema, mas verificou-se que houve intensificação da "atividade geral". Concluiu-se que o esquema de FI 90 com alimento não induziu a polidipsia em humanos, mas produziu intensificação da "atividade geral" e os sujeitos apresentaram uma distribuição temporal dos comportamentos nos intervalos entre estímulos. Esses resultados, assim como os do Exp. 1, são relevantes para a análise da validade do uso dos procedimentos de indução de comportamentos por esquemas como modelo experimental animal para o estudo do alcoolismo em seres humanos.

1-Coordenadora e supervisora da pesquisa; 2-Bolsistas I.C. CPG/UEL; 3-Bolsistas I.C.CNPq/UEL/UEM; 4-Bolsistas I.C. CNPq; 5-Orientadora da pesquisa.
FINANCIAMENTO: CNPq e Coordenadoria de Pesquisa e Pós Graduação da UEL.

TOLERÂNCIA A DROGAS COMO UM MECANISMO APRENDIDO

RAMOS,B.M.C.[1] e BUENO,J.L.O.[2] - Laboratório de Processos Associativos, Controle Temporal e Memória. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

S.Siegel (1989) vem desenvolvendo uma análise da tolerância à drogas como resultado de um mecanismo aprendido, por condicionamento pavloviano. Desta forma, os efeitos de uma droga seriam atenuados toda vez que for administrada junto a estímulos que acompanharam suas primeiras aplicações. Para verificar esta hipótese realizou-se um experimento em que ratos Wistar receberam injeções intraperitoniais de etanol (10%) durante a apresentação de um estímulo (flashes, CS1), e, em outro contexto (colônia, CS2)receberam injeções de placebo ou salina. Após 4 aplicações de cada substância em doses crescentes para garantir a tolerância, foram realizados dois testes em que ora os animais recebiam etanol num contexto diferente (CS2) ora recebiam salina no contexto associado com etanol. Outro grupo de animais foi submetido a práticas reversas para contrabalanceamento dos estímulos. Os resultados mostram que os animais são capazes de aprender esses mecanismos, perdendo a tolerância previamente adquirida aos efeitos hipotérmicos do etanol quando colocados em contextos não associados à droga ou ao placebo. Através destes, o organismo é capaz de se preparar para o efeito da droga eliciando respostas condicionadas que têm um caráter compensatório aos seus primeiros efeitos fisiológicos. Isto indica a possibilidade da tolerância a drogas ser mediada por processos associativos (de condicionamento clássico), bem como mostra a necessidade de se reformular práticas psicoterapêuticas para os casos de drogadicção.

1 CAPES 2 CNPQ, FAPESP

210 FLUXOGRAMA DAS INTERAÇÕES CRIANÇA-CRIANÇA EM SITUAÇÃO ESTRUTURADA.

JUNQUEIRA, L.B.*, BRANCO, A.U., Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.

A importância de se estudar as interações criança-criança revela-se no grande número de pesquisas e publicações sobre o assunto. O objetivo do estudo foi desenvolver um sistema de análise que permitisse verificar as transformações da dinâmica interacional apresentada por tríades de crianças de 03 anos, supervisionadas por um adulto em contextos diferentemente estruturados ao longo de uma dimensão temporal. Uma das 18 sessões gravadas em vídeo foi selecionada: dela participaram dois meninos, uma menina e uma estudante de Psicologia. A sessão foi estruturada de forma cooperativa, com base nas instruções do adulto e na organização do próprio ambiente e atividade. A leitura contínua do videotape da sessão possibilitou desenvolver categorias descritivas das interações entre as crianças e das ações apresentadas pelo adulto, base para a elaboração de um fluxograma. Os comportamentos do adulto foram categorizados e registrados no fluxograma de forma paralela aos registros das interações entre as crianças, o que permitiu verificar a relação entre tais comportamentos e a estrutura das interações criança-criança, categorizados em convergente, divergente, negociação e configuração social. Os resultados indicam que as crianças passaram 36,9% do tempo total da sessão em interação e 63,1% em configuração social. Análises qualitativas permitiram estabelecer relações entre as ações do adulto e as interações criança-criança. O sistema de análise desenvolvido demonstrou ser útil para investigação da dinâmica das interações.

* Bolsista de Iniciação Científica - CNPq.

211 Identidade social de paulistas e nordestinos. Eulina da Rocha Lordelo (*) e Mari Nilza Ferrari de Barros (**)

Com o objetivo de investigar as representações sociais de paulistas e nordestinos sobre seu próprio grupo e sobre o outro, comparando-as entre si, 190 estudantes universitários, de ambos os sexos, de duas universidades públicas (S.Paulo e Bahia) foram solicitados a preencher um questionário contendo ítens avaliativos positivos e negativos sobre paulistas ou nordestinos, numa escala de 1 a 7; além disso, os sujeitos forneceram informações gerais e sócio-econômicas, bem como, nos grupos de avaliação intergrupal, sobre o tipo de contato com o grupo avaliado. Os ítens de avaliação foram retirados de uma pesquisa piloto anterior que solicitou a juízes paulistas e nordestinos que fornecessem uma lista de atributos positivos e negativos aplicáveis a paulistas ou a nordestinos. Os resultados, expressos em médias para cada ítem e num índice geral de positividade da imagem, mostraram que baianos e paulistas diferem essencialmente nas suas auto-avaliações, bem como nas avaliações do outro (intergrupais). Foi encontrado um conjunto diferente de ítens, tanto positivos como negativos, na composição da representação de cada grupo. A positividade da imagem geral, entretanto, difere pouco entre os grupos, variando significativamente entre os paulistas avaliando nordestinos, conforme a renda e a escolaridade dos pais.e, entre os baianos avaliando nordestinos, conforme a renda dos pais. Também a imagem dos paulistas pelos nordestinos mostrou variação significativa conforme o tipo de contato com o outro grupo. Os resultados são discutidos nos termos da teoria da identidade social, focalizando as relações de grupos diferencialmente valorizados, seus estereótipos e preconceitos.

(*) Universidade Federal da Bahia
(**) Universidade Estadual de Londrina

212 DIFERENÇAS SEXUAIS NA FORMA DE COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS EM PRÉ-ESCOLARES. MAGALHÃES, C.M. C.*; OTTA, E.* (Departamento de Psicologia Experimental IPUSP).

Em um estudo sobre agressão em pré-escolares Magalhães e Otta (1991: XXI Reunião Anual de Psicologia, SPRP pp. 82), verificaram que meninos iniciaram 69% dos incidentes agrssivos em situação de recreação livre. A presente pesquisa é um prossegui mento deste estudo, tendo por objetivo descrever os tipos de comportamentos agressaivos emitidos por meninos e meninas e verificar se são qualitativamente distintos. Os sujeitos forma vinte crianças (10 meninos e 10 meninas) com idades entre 5 e 7 anos que frequentavam uma creche pública, situada na zona Oeste de São Paulo. Cada criança foi observada individualmente durante 60 minutos (4sessões de 15' minutos), em pátio. Registraram-se 147 incidentes (101 emitidos por meninos e 46 por meninas) distribuidos em três categorias : Agressão Física (meninos 65,3% e meninas 69,6%); Agressão Verbal (meninos 0% e meninas 8,7%); e Agressao Gestual (meninos 34,6 % e meninas 21,7%). Na categoria Agressão Gestual,predominaram "Fazer Gesto de Luta" entre os meninos e "Perseguir" entre as meninas. Na categoria Agressão Verbal somente meninas emitiram a categoria "Discutir ", As meninas, apresentaram na categoria Agressão Física os comportamentos "Disputa de Objetos", "Empurrar" e "Bater com a Mão" com escores superiores ao acaso. Os meninos apresentaram predominantemente: "Bater com Objeto", "Empurrar" e "Chutar".Esses dados corroboram os de Strayer (1986) com relação ao "Empurrar" ser frequentemente utilizado por crianças, mas divergem no tocante ao "Chutar", que foram relatados como raros.

* Bolsistas do CNPq.

213

RELAÇÃO ENTRE ESTILOS DE LIGAÇÃO AFETIVA, TIPO DE EMPRESA E LOCUS DE CONTROLE.

Tamayo, A., Balduino, L., Pacheco, A.L., de Souza, F., Medeiros, M., Mosimann, A.

Rotter afirma que a percepção de controle está baseada na contingência perfeita entre comportamento e resultado. Pesquisas ulteriores sugerem que a percepção de controle pessoal não depende exclusivamente da contingência entre comportamento e resultado, mas que ela pode implicar também um conjunto de outros fatores de tipo cognitivo e motivacional. Cabe, portanto, a pergunta sobre a relação entre o estilo de ligação afetiva e o locus de controle. Feeney e Noller (1990) descrevem o estilo de relação afetivo em termos de modelos ou esquemas mentais baseados na interação social primitiva. Com base nos estudos de Bowlby e de Ainsworth distinguem-se três estilos de ligação afetiva: seguro, esquivo e ansioso-ambivalente. O estilo de ligação afetiva desenvolve-se a partir das expectativas da criança em relação à acessibilidade e receptividade da sua mãe. Numerosas pesquisas recentes (Mikulincer & Nachson, 1991; Kobak & Hazan, 1991; Bartholomew & Horowitz, 1991) têm mostrado que o esquema mental formado a partir dessas primeiras interações persiste através da idade e influencia diversos comportamentos do adulto. Foi objetivo desta pesquisa estudar a influência das variáveis: estilo de ligação afetiva, sexo e tipo de empresa (pública vs privada) sobre o locus de controle. A amostra foi composta por 104 sujeitos, sendo 56 do sexo masculino e 58 do feminino, recrutados em empresas públicas (N = 54) e privadas (N = 50). Foram utilizados dois instrumentos de medida: a Escala de ligação afetiva de Simpson (1990) e a Escala de locus de controle de Levenson. Além dos escores nos três fatores da escala (Internalidade, outros poderosos e azar), foi considerado o escore total de internalidade de acordo com a fórmula sugerida por Romero-García. A Anova 3X2X2, calculada para cada um destes quatro escores, revelou um efeito principal do estilo de ligação afetiva sobre os fatores Azar $p < 0.04$, Outros poderosos ($p < 0.007$) e Internalidade total ($p < 0.01$). Os sujeitos do estilo ansioso/ambivalente apresentaram, no fator Azar, escores mais elevados do que os seguros e, no fator Outros poderosos, escores mais elevados do que os seguros e os esquivos. O escore de Internalidade total foi superior para os seguros do que para os sujeitos dos outros dois grupos. O resultado relativo aos ansiosos pode ser explicado a partir do seu esquema mental que é caracterizado pela dependência e desconfiança em relação aos outros, bem como pela crença na imprevisibilidade do seu relacionamento com eles. A abordagem confiante do mundo, característica dos seguros, pode explicar a maior internalidade neles observada.

214

TEMPO DE SERVIÇO E COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL

Tamayo, A., Porto, J.B., Sousa, C.M., Meirelles, J.B., Almeida, M.T.F., Rezende, L.N.J.

O conhecimento sobre os processos relacionados com o comprometimento com o trabalho tem implicações para empregados, organizações e a sociedade como um todo. Diversos fatores parecem afetar o desenvolvimento do comprometimento organizacional, podendo ser classificados nas seguintes categorias: indivíduo, tarefa, situação do indivíduo e situação da organização. Foi objetivo desta pesquisa estudar a influência do sexo, tempo de serviço e tipo de organização sobre o comprometimento organizacional. A amostra foi constituída por 125 funcionários, dos dois sexos, sendo 60 de uma universidade federal e 65 da Câmara de Deputados. A metade dos sujeitos tinha menos de 10 de serviço e a outra metade mais de 10. O instrumento utilizado para a avaliação do comprometimento organizacional foi a versão brasileira da Escala de Mowday. A Anova 2X2X2 revelou um efeito principal da variável tempo de serviço $F(121;1) = 6.55$; $p < 0.01$, sendo o escore no comprometimento organizacional mais elevado para os sujeitos com mais de 10 anos de serviço. Este resultado pode ser explicado pelo fato de que o tempo de serviço constitui uma medida substituta do investimento da pessoa na organização. Parece lógico concluir que a maior investimento, maior maior comprometimento organizacional. As variáveis sexo e tipo de empresa não tiveram nenhum impacto sobre o C.O. Com relação ao sexo, os resultados concordam com a conclusão da meta-análise realizada por Mathieu e Zajac (1990), de que a relação entre sexo e comprometimento organizacional não é consistente.

215

INFLUÊNCIA DO SEXO, RELIGIÃO E NIVEL DE ESCOLARIDADE SOBRE A ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE À RIQUEZA.

Tamayo, A., Carvalho, G.P. de, Coelho, C., Oliveira, P.C. de, Albuquerque, R. de C. da S. P., Méndes, S.C. (Universidade de Brasília).

Segundo Kelley e Michela (1980), "as atribuições afetam nossos sentimentos sobre eventos passados e nossas expectativas sobre eventos futuros, nossas atividades em relação a outras pessoas e nossas reações ao comportamento delas, nossa concepção sobre nós mesmos e nosso esforço para melhorar nosso destino" (p.487). Foi objetivo desta pesquisa identificar as causas percebidas da riqueza, tendo como variáveis independentes o sexo, a afiliação religiosa e o nivel de escolaridade. A amostra foi composta por 180 sujeitos, sendo 87 do sexo masculino e 93 do feminino, com idade média de 34.72 anos (D.P. = 8.32). Foram incluidas três religiões diferentes: catolicismo, kardecismo e candomblé, cada uma com 60 sujeitos, e três níveis de escolaridade : primário (N = 56), secundário (N = 49) e superior (N = 75). A causa da riqueza mais invocada foi o indivíduo (M = 3.74), seguida de perto da sorte (M = 3.60). A sociedade (M = 3.26) ocupou o terceiro lugar e o destino (M = 2.79) o quarto. A Anova 2X3X3 revelou um efeito principal do sexo ao nivel dos fatores Sorte $F(150;1) = 4.02$; $p < 0.04$ e Sociedade $F(142;1) = 3.90$; $p < 0.05$, sendo o escore, no primeiro, mais elevado para as mulheres do que para os homens e, no segundo, o inverso. A variável religião teve efeito significativo sobre os fatores Sorte $F(150;2) = 7.10$; $p < 0.001$ e Indivíduo $F(143,2) = 8.17$; $p < 0.0009$. Os kardecistas ênfatizam menos a sorte como explicação da riqueza do que os católicos $t(110) = 3.17$; $p < 0.002$ e os candomblé $t(1) = 2.07$; $p < 0.04$. A responsabilidade do indivíduo é mais salientada pelos católicos do que pelos kardecistas $t(108) = 3.78$; $p < 0.001$ e os candomblé $t(103) = 3.48$; $p < 0.001$. Finalmente, foi observado um efeito principal da escolaridade sobre os fatores Sorte $F(150;2) = 31.25$; $p < 0.0009$, Sociedade $F(142;2) = 9.96$; $p < 0.001$, Indivíduo $F(143;2) = 9.49$; $p < 0.001$ e Destino $(128;2) = 1793$; $p < 0.001$. Para os sujeitos com nivel primário, o escore no fator Sorte é maior do que nos outros dois grupos ($p < 0.0009$) e no secundário maior do que no superior ($t(112) = 2.83$; $p < 0.006$. A importância dos fatores Sociedade ($p < 0.001$), Indivíduo ($p < 0.007$) e Destino ($p < 0.001$) é mais ênfatizada pelos sujeitos com nivel primário do que pelos outros dois grupos. As causas percebidas da riqueza se estruturam em torno a um núcleo constituido pelo indivíduo e a sorte, com influência secundária da sociedade e do destino. Neste ponto difere da explicação da pobreza, onde as causas percebidas mais frequentes são a sociedade e o indivíduo. As diferenças observadas entre os grupos religiosos podem ser explicadas pelos ensinamentos teológicos peculiares a cada religião.

216 VARIAÇAO NA HIERARQUIA INDIVIDUAL DE VALORES EM SITUAÇOES CONTEXTUALIZADAS E NAO CONTEXTUALIZADAS. Lopes, D., Jacques, T., Gomes, W. e Sobreira Lopes, R. Departamento de Psicologia, UFRGS.

Uma questão controversa relacionada à noção de hierarquia de valores é em que medida esta é estável ou varia de acordo com a situação. Este estudo investigou a variação na hierarquia individual de valores em uma situação em que os valores foram contextualizados e em outra em que não foram. Em um estudo piloto, 50 estudantes de Psicologia foram solicitados a listar o que consideravam importante em suas vidas. A partir de suas respostas, foi construída uma escala de sete pontos que avaliava a importância de cada um dos 20 valores mais citados pelos estudantes. A escala foi aplicada a 21 sujeitos que participaram do estudo piloto com vistas a selecionar os valores considerados como os mais importantes. Para as duas etapas seguintes do estudo, foram selecionados 10 valores, colocados em 5 pares. Os pares de valores utilizados foram: trabalho x estudo, lazer x crescimento pessoal, sexo x amizade, coerência x relacionamento afetivo, família x estabilidade econômica. A diferença entre as duas situações que se seguiram foi que na primeira os valores foram contextualizados em 5 histórias hipotéticas de conflito, enquanto que na segunda foram simplesmente listados para os sujeitos, isto é, não foram contextualizados. Os mesmos 21 sujeitos da fase anterior participaram das duas condições que foram apresentadas alternadamente, respeitando um intervalo de 15 dias entre cada apresentação. Analisou-se a coerência na hierarquização entre as duas condições. Verificou-se coerência entre as duas em 27% das respostas. O baixo nível de coerência observado indica que a hierarquia de valores foi influenciada pelo contexto em que são apresentados os valores.

217 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO NO UNIVERSO DO TRABALHO. (*)

LIMA CASTILHO, R. V., Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Com o objetivo principal de identificar, analisar e comparar os conteúdos, as dimensões nucleares e a configuração global de representações associadas ao universo do trabalho em grupos diferenciados em termos de gênero, nível funcional e área de atuação, foi realizado um estudo de caso em uma Siderúrgica estatal da região sudeste do país.

Os dados foram obtidos através de entrevistas semi-dirigidas, seguidas de aplicação de instrumento construído a partir da análise dessas entrevistas. Participaram da pesquisa 94 funcionários, sendo 47 homens e 47 mulheres, que representaram, de maneira equilibrada, a área operacional, a área administrativa, o nível funcional médio e o nível funcional superior.

Como procedimento básico para o tratamento dos dados elegeu se a Análise de Similitude, que se constitui num conjunto de técnicas derivadas da Teoria dos Grafos. Foi também realizado um levantamento da frequência percentual dos ítens que compunham cada tópico pesquisado, para os diferentes subgrupos. A análise quantitativa e da representação gráfica dos dados foi complementada pela análise qualitativa dos conteúdos das entrevistas.

Os resultados apontaram a existência tanto de representações discrepantes quanto de representações compartilhadas pelos grupos masculino e feminino, tomados como um todo. Foi possível, também, identificar representações específicas dos subgrupos que puderam ser relacionadas a aspectos da micro-cultura das diferentes áreas.

(*) Pesquisa financiada pelo CNPq

218

POBREZA: ATRIBUIÇÕES CAUSAIS DOS ADOLESCENTES.

Tamayo, A., Tamayo, N. Sallorenzo, L.H., Biancamano, L., Fonseca, A.V., Horowitz, D.B. (Universidade de Brasilia).

A descoberta da estrutura subjacente das atribuições apresentadas pelas pessoas, tem sido uma das preocupações prioritárias dos pesquisadores. A pessoa faz as atribuições com base em crenças relativas às causas do fenômeno a ser explicado. Obviamente, as causas percebidas geram expectativas em relação aos efeitos ou possíveis soluções para o evento explicado. Weiner oferece um modelo com três dimensões: locus de causalidade (interno-externo), estabilidade (estável-instável) e controlabilidade (controlável-incontrolável). O objetivo desta pesquisa foi estudar as causas percebidas da pobreza com uma amostra de adolescentes. Foram variáveis independentes o sexo, a série (1a.,2a e 3a) e a estrutura organizacional e disciplinar da escola. Para esta última variável foram considerados três níveis: (A) organização de tipo autoritário, (B) organização de tipo democrático e (C) organização de tipo "laisser faire". Os quatro fatores (sorte, sociedade, indivíduo e destino) da Escala Fatorial de Atribuição de Causalidade foram administrados a 300 adolescentes de 13 a 19 anos (média = 15.91, D.P. = 1.28), sendo 180 do sexo masculino e 200 do feminino. Os sujeitos foram recrutados em três escolas privadas (A = 129, B = 133, C= 118), 128 estavam cursando a primeira série, 117 a segunda e 135 a terceira. O fator Sociedade (Média = 3.76) foi o mais utilizado para explicar a pobreza, seguido dos fatores Indivíduo (M = 2.53), Sorte (M = 2.36) e Destino (1.62). A Anova 3x2x3 revelou um efeito significativo da variável escola ao nível dos fatores Sorte $F(324;2) = 2.84$; $p < 0.05$, Indivíduo $(321;2) = 9.53$; $p < 0.001$ e Destino $F(306;2) = 19.45$; $p < 0.0009$. O escore para o fator Sorte foi mais elevado para os adolescentes da escola C do para os da escola A $t(218) = 2.26$; $p < 0.02$. Os adolescentes da escola C enfatizaram mais o Destino do que os da escola A $t(215) = 5.22$; $p < 0.001$ e B $t(212) = 4.61$; $p < 0.001$. Os adolescentes da escola A enfatizaram menos o fator Indivíduo do que os da escola B $t(227) = 1.79$; $p < 0.07$ e C $t(227) = 4.27$; $p < 0.001$, e os de B menos do que os da C $t(212) = 4.61$; $p < 0.001$. Foi observada também uma interação série X sexo no fator Sorte $F(324,2) = 3.51$; $p < 0.03$. Para os sujeitos do sexo masculino aumentos na variável série têm um efeito decrescente até a segunda série e crescente até a terceira; para o sexo feminino o efeito é crescente até a segunda série e decrescente até a terceira. Os resultados sugerem que as explicações da pobreza são influenciadas pela atmosfera organizacional da escola e pela cultura organizacional dela resultante.

219

DIFERENÇAS SEXUAIS E RELIGIOSAS NA ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE À POBREZA.

Tamayo, A., Machado, A.L. de O., Barros, C.P. de, Ferreira, M.C., Sarria, C.E.F. (Universidade de Brasília).

Segundo Kelley (1983) a compreensão de um fenômeno particular esta baseado na localização percebida desse fenômeno numa rede, organizada temporalmente, de causas e efeitos interligados. O sistema de crenças do indivíduo e a ideologia dos seus grupos de referência influenciam de forma significativa as atribuições causais. O objetivo da presente pesquisa foi estudar o impacto da afiliação religiosa e do sexo sobre a atribuição de causalidade à probreza. A amostra foi composta por 180 sujeitos, sendo 90 do sexo masculino e 90 do feminino, com idade média de 32,23 anos (D.P. = 13,49), divididos em três grupos em função da sua afiliação religiosa: católicos (N=60), protestantes (N=60) e espiritas (N=60). A Escala Fatorial de Atribuição de causalidade (EFAC) foi utilizada como instrumento de medida. Ela é composta por quatro fatores; cada um deles avalia uma causa percebida da pobreza: a sociedade, o indivíduo, a sorte e o destino). A EFAC foi administrada em pequenos grupos. A Anova 3X2 revelou um efeito principal da religião ao nível dos fatores Sorte $F(166;2) = 6,40$; $p < 0,002$, Sociedade, $F(162;2) = 25,11$; $p < 0,001$, Indivíduo, $F(160;2) = 3,42$; $p < 0,005$ e Destino, $F(154;2) = 30,06$; $p < 0,001$. Os católicos ênfatizaram mais a sorte do que os protestantes $t(106) = 3,41$; $p < 0,001$ e os espíritas $t(116) = 2,91$; $p < 0,004$. O escore no fator sociedade foi superior para os católicos do que para os protestantes $t(106) = 3,16$; $p < 0,002$ e os espíritas $t(112) = 7,23$; $p < 0,001$. Os católicos $t(114) = 2,89$; $p < 0,005$ e os protestantes $t(100) = 2,83$; $p < 0,006$ escoraram mais alto do que os espíritas no fator indivíduo. Finalmente, os espíritas enfatizaram o destino mais do que os católicos $t(106) = 5,33$; $p < 0,001$ e os protestantes $t(94) = 8,22$; $p < 0,001$. A variável sexo teve um efeito principal ao nível do fator indivíduo $F(160;1) = 2,90$; $p < 0,03$, sendo o escore maior para os homens do que para as mulheres. Os resultados observados ao nível dos fatores sociedade e destino concordam com os de líderes das três religiões aqui consideradas e sugerem que as atribuições de causalidade à probreza baseiam-se em representações transmitidas pela ideologia característica à cada religião.

220

ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE À POBREZA: IMPACTO DO SEXO, IDADE E NIVEL SOCIO-ECONOMICO.

Tamayo, A., Barbosa, V. da M., Alves, D.M., Bastos, L.B., Santos, K.A. dos, Cardoso, M.B.P. Magalhães, M. (Universidade de Brasilia).

A explicação da pobreza não é simples. Podem existir muitas causas intermediarias, diretas ou indiretas. As pessoas interpretam o comportamento e os fenômenos sociais à partir das causas percebidas. As explicações causais desempenham um papel importante na determinação do comportamento e das reações aos fenômenos sociais. Foi objetivo desta pesquisa estudar o impacto do nível socio-econômico, sexo e idade sobre a explicação da pobreza. Os quatro fatores (sorte, sociedade, individuo e Deus-destino) da Escala Fatorial de atribuição de causalidade (EFAC) foram administrados a uma amostra aleatória de 232 sujeitos, dos dois sexos, de três niveis socio-econômicos: inferior (N= 80), médio (N = 81) e médio superior (N =71), com idade média de 31.87 anos (D.P. = 11.32). Quatro grupos etários foram considerados: 18 a 21 (N = 48), 22 a 29 (N = 72), 30 a 39 (N = 65) e 40 a 74 (N = 47). A Anova 3X2X4 revelou um efeito principal do NSE nos quatro fatores da EFAC: sorte $F(196;2) = 7.11$; $p < 0.001$, sociedade $F(197;2) = 3.27$; $p < 0.04$, individuo $F(200;2) = 7.12$; $p < 0.001$ e destino $F(191;2) = 41.22$; $p < 0.0001$. O escore no fator sorte foi mais elevado para o NSE inferior do que para o médio $t(155) = 2.08$; $p < 0.03$ e o superior $t(141) = 4.11$; $p < 0.0009$ e para o nivel médio do que para o superior $t(138) = 2.48$; $p < 0.01$. O escore no fator sorte foi, portanto, decrescente a medida que se aumenta de NSE. O fator sociedade foi mais enfatizado pelo nível inferior do que pelo superior $t(144) = 3.08$, $p < 0.002$. O escore dos sujeitos de NSE superior no fator individuo foi menos elevado do que o dos de NSE inferior $t(146) = 3.50$; $p < 0.001$ e médio $t(142) = 3.62$, $p < 0.0009$. A importância dada ao fator destino foi decrescente do nivel inferior ao superior $t(153) = 7.17$; $p < 0.0009$ e do nível médio ao superior $t(139) = 7.95$; $p < 0.0009$. Foi observado também um efeito principal da variável idade ao nivel dos fatores sociedade $F(197;3) = 2.61$; $p < 0.05$ e individuo $F(200;3) = 3.85$; $p < 0.01$; os dois grupos mais jóvens atribuem mais responsabilidade pela pobreza à sociedade do que os dois grupos etários; o grupo de 30 a 39 anos atribue menos ao individuo do que os outros três grupos. As crenças comuns aos membros de cada um dos três niveis socio-econômicos e dos grupos de idade parecem determinar o tipo de explicação dada à pobreza. Menor o NSE do individuo maior a sua dependência da visão estática da sociedade, manifestada através da explicação da pobreza por fatores incontroláveis como a sorte e o destino.

221

POBREZA: ATRIBUIÇÕES CAUSAIS DOS UNIVERSITARIOS.

Tamayo, A., Mafra, A.A., Lôpes, L. C., Güércio, A.L., Durval, S. de S.F., Farreh, R.L. (Universidade de Brasilia).

Segundo Heider, o homem deseja conhecer as fontes das suas experiências e dar explicações causais para os mais variados fenômenos. O homem faz isto para tornar o seu mundo inteligível e poder predizer e controlar eventos referentes ao universo, aos outros e a si mesmo. A ideologia do grupo de referência tem grande importância nestas atribuições causais. Foi objetivo desta pesquisa estudar o impacto do tipo de universidade (pública vs privada), área de estudos (ciências humanas vs exatas) e sexo sobre a explicação causal da probreza. A amostra foi composta por 200 estudantes universitários, sendo 100 de sexo masculino e 100 do feminino, a metade inscritos numa universidade pública e a outra metade numa universidade privada, com idade média de 22.93 anos (D.P. = 3.87). O instrumento de medida utilizado foi a Escala Fatorial de Atribuição de Causalidade (EFAC), elaborada por Siqueira composta de quatro fatores, cada um deles representando uma causa explicativa da pobreza: a sorte, a sociedade, o individuo e o destino. A Anova 2X2X2 revelou um efeito principal da variável universidade ao nível dos fatores Sorte $F(175;1) = 13.89$; $p < 0.001$, e Destino $F(171;1) = 13.06$; $p < 0.001$, sendo, nos dois casos, o escore mais elevado para os estudantes da universidade pública. Foi observado também um efeito principal da variável sexo no fator Sociedade $F(178;1) = 4.20$; $p < 0.04$, as mulheres atribuindo mais importância a este fator do que os homens. Embora as hipóteses relativas à area de estudos não tinham sido confirmadas, foram observadas duas tendências, na direção postulada, ao nível dos fatores Sorte $F(175;1) = 3.14$; $p < 0.07$ e Destino $F(171;1) = 2.81$; $p < 0.09$. Em ambos casos, o escore foi superior para os estudantes da área de ciências exatas do para os da área de humanas. Os resultados sugerem que os estudantes universitários explicam causalmente a pobreza a partir das suas vivências pessoais da realidade social.

222

POBREZA: ATRIBUIÇOES CAUSAIS DE LIDERES RELIGIOSOS.

Tamayo,A., Prudêncio, M.R.A., Rezende, F.L., Arruda, S.S.S., Rocha, F.C.A., Morencia, C.P.C. (Universidade de Brasília).

Numerosos autores têm estudado as habilidades das pessoas para dar explicações causais para os mais variados fenômenos. Kelley e Michela (1980) colocam como antecedentes da atribuição as informações, as crenças e a motivação. Desta forma, a atribuição de explicações causais pode ser considerada como um processo complexo intimamente vinculado com as ideologias e as motivações. Foi objetivo desta pesquisa estudar as atribuições causais de líderes religiosos (sacerdotes, freiras, ministros) em função do sexo e da afiliação religiosa. A amostra foi composta por 180 sujeitos, 90 homens e 90 mulheres, com idade média de 38,13 anos (D.P. = 11.74). Três religiões foram representadas: católica, protestante e espírita, cada uma delas com 60 sujeitos. O instrumento utilizado foi a Escala Fatorial de Atribuição de Causalidade (EFAC), composta por 48 itens distribuídos em quatro fatores: sorte, Deus-destino, sociedade e indivíduo. A Anova 2X3 revelou um efeito principal da variável religião ao nível dos fatores Sorte, $F(166;2) = 7,38$; $p < 0,001$, Sociedade, $F(169,2) = 7,84$; $p < 0,001$, Individuo, $F(166;2) = 12,23$; $< 0,001$ e Destino, $F(161;2) = 65,16$; $p < 0,0001$. O escore no fator Sorte foi mais elevado para os protestantes do que para os católicos, $t(115) = 2.99$; $p < 0,003$ e os espiritas, $t(110) = 3.10$; $p < 0,002$. Os católicos, $t(110) = 3,59$; $p < 0,001$ e os protestantes $t(114) = 3,19$; $p < 0,002$, deram mais importância à sociedade como causa da probreza do que os espíritas. O escore dos protestantes $t(108) = 4,37$; $p < 0,001$ e dos espiritas $t(110) = 4,06$; $p < 0,001$, no fator Individuo foi mais elevado do que o dos católicos. Finalmente, os espíritas enfatizaram mais o destino como causa da probreza do que os católicos $t(111) = 11,43$; $p < 0,001$ e os protestantes $t(109) = 6,46$; $p < 0,001$ e estes últimos mais do que os católicos, $t(104) = 4,00$; $p < 0,001$. A variável sexo teve impacto somente ao nível do fator Sorte, $F(166;1) = 13,23$; $p < 0,001$, sendo o escore mais elevado para as mulheres do que para os homens. Os resultados sugerem que as atribuições de causalidade à pobreza são determinadas pela visão teológica característica de cada uma das religiões consideradas.

223 PAPÉIS PARENTAIS: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E COTIDIANO.

TRINDADE,Z.A., ANDRADE,C.A.* e SOUZA,J.O.* - Universidade Federal do Espírito Santo.

Diversos autores têm enfatizado a relação entre as representações sociais e as práticas cotidianas, argumentando sobre sua interdependência. Investigou-se as representações sociais masculinas dos papéis parentais e as práticas a elas relacionadas, tomando como referência as décadas de 60 e 80. Foram entrevistados 20 sujeitos (Ss) que se tornaram pais na década de 60 e 20 na década de 80. A entrevista englobou questões sobre história de vida, concepções e atividades relativas aos papéis parentais. Após análise de conteúdo das verbalizações dos Ss, observou-se algumas tendências que apontam transformações nas representações sociais. Quanto à paternidade notou-se que: Os Ss de 80 enfatizaram mais a categoria Relacionamento Positivo com os filhos (75%) do que os de 60 (55%) e que a categoria Provedor apareceu com maior frequência entre os Ss de 60 (30%) do que entre os de 80 (10%). Quanto à maternidade verificou-se diferença significativa entre os dois grupos, com maior frequência no grupo de 60 ($X^2=4,28$, $p=0,05$) para a categoria Doméstica. Na divisão de papéis em seu cotidiano não foram observadas diferenças. Verificou-se que tanto os Ss de 60 como os de 80 se referiram às obrigações econômicas como encargo exclusivamente masculino. Nos dois grupos poucos Ss estão envolvidos nos cuidados com os filhos (60=15%; 80=25%) ou com a casa (60=10%; 80=5%). Os dados mostraram que apesar das transformações nas representações dos papéis parentais, as mudanças na divisão de papéis no cotidiano ainda são incipientes estando mais localizadas no tipo de relacionamento estabelecido entre o pai e os filhos.

* Bolsistas do CNPq.

"DROGAS VERSUS MARGINALIZAÇÃO INSTITUIDA": UM ESTUDO SOBRE O NIVEL SOCIO-ECONOMICO-CULTURAL DOS SUJEITOS CONSUMIDORES E TRAFICANTES DE DROGAS, AUTUADOS ENTRE 1988 A 1991, NA CIDADE DE ASSIS.

GIANNASI, Eva Sirlene Arantes & BROCANELLI, Abnéia Bufullin. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis.

Essa pesquisa teve como objetivo realizar um estudo sobre o nível sócio-econômico-cultural dos sujeitos consumidores e traficantes de drogas autuados entre 1988 a 1991 na cidade de Assis. Esse estudo partiu do nosso interesse em saber de qual classe social provinha esta população. Suspeitávamos que a mesma provinha de todas as classes sociais (baixa, média e alta) tendo em vista que, segundo estudos realizados por Carlini et alii (1989), os consumidores de drogas eram provenientes de todas elas. No início de 1992 foi realizado um levantamento estatístico nos arquivos dos quatro cartórios da Comarca de Assis, referente ao número de autuações realizadas nesse período (1988 a 1991). Foram constatados 178 processos envolvendo 221 indivíduos por porte e tráfico de entorpecentes (artigo 16 e 12 da Lei 6368/76). Posteriormente foram levantados dados referentes ao nível sócio econômico e cultural dos sujeitos indiciados, conforme informações contidas nos processos: grau de escolaridade, situação de moradia e de ocupação. Em relação à análise dos dados os resultados obtidos demonstraram que a maioria desses sujeitos, segundo classificação do nível sócio-econômico e cultural realizada por nós, são provenientes da classe social baixa (85,0%). Esses dados nos levam a concluir que nem sempre a população consumidora de drogas é a mesma que a população autuada. Embora não tenhamos dados que demonstrem uma relação direta entre o nível sócio-econômico-cultural dos sujeitos e a autuação por uso e tráfico de drogas temos fortes indícios, corroborados por profissionais que estão envolvidos nessa problemática, que só são autuados nestes crimes os sujeitos pertencentes à classe social considerada baixa.

225

PROGRAMA DE TREINAMENTO PARA PORTEIROS DE PREDIO RESIDENCIAL: DESTAQUE PARA A AREA DE SEGURANÇA

NUNES, F.P., NUNES, L.P.* e NUNES, A.R.** Instituto de Psicologia e COPPE da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RJ, Instituto de Psicologia da UFRJ (*) Escola de Engenharia-Engenharia de Producão da UFRJ (**)

O posto de trabalho de porteiro de prédio residencial tem sido alvo de críticas por parte dos condôminos. Na tentativa de solução desse problema, os autores montaram e desenvolveram um programa de treinamento na estação de trabalho. Quatro sujeitos do sexo masculino, com idades compreendidas entre 20 e 27 anos, com escolaridade primária incompleta e originários da mesma cidade nordestina foram escolhidos para participarem como sujeitos. O conteúdo do programa de treinamento foi elaborado em função dos comportamentos "desejáveis" e "indesejáveis" exibidos pelos sujeitos e relatados pelos condôminos. A análise desses relatos escritos indicou quatro áreas para o treinamento: Segurança; Higiene e Cuidados Pessoais; Comunicação e Relações Interpessoais e Convivência. A escolha dessas áreas foi sustentada pela literatura. O programa foi desenvolvido individualmente, durante dez sessões consecutivas, sob a forma de conversas informais, preleções e simulações de situações típicas do posto de trabalho. A avaliação dos sujeitos constituiu-se em respostas orais a pré-testes que reproduziam essas situações típicas e pós-testes ao término das sessões. Os dados indicaram mudanças significativas nas respostas exibidas pelos sujeitos. Embora os resultados da intervenção tenham sido positivos, os autores sugeriram que as habilidades desenvolvidas nos sujeitos fossem verificadas através de procedimentos de *follow-up* e reciclagem nas quatro áreas. Advertiram os autores da necessidade de treinamento simultâneo dos condôminos, principalmente na área de Segurança.

226 "TRABALHO: REPRESENTAÇÕES E EXPECTATIVAS"

BORTOLOZZI, A.C.; MADEIRA, C.N.; MENDES, C.L.; BORGES, C.P.; SANCHES, V.V. Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP.

A presente pesquisa foi realizada como pré-requisito para a disciplina Psicologia das Relações Humanas, no curso de Psicologia da Unesp - Bauru, no primeiro semestre de 1992. Buscou identificar a percepção que um grupo de funcionários do Campus de Bauru tem a respeito da vida laboral, a partir de alguns eixos de investigação previamente definidos, como o significado, crescimento e expectativas sobre o trabalho, considerando também o relacionamento, a motivação e realização pessoal. A população em questão foi de trinta e um funcionários de nível básico, distribuídos em auxiliares de serviço, oficiais de serviços e manutenção, motoristas e vigias. A maioria dos sujeitos é do sexo masculino, predominando a faixa etária de 30 a 50 anos de idade, trabalhando em média há 10 anos na Unesp. Muitos já trabalharam em outras atribuições sendo, lavradores, operários, domésticos, etc. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista estruturada, no próprio local de trabalho, mantendo um nível de conversa informal. Os resultados indicam que salário, realização pessoal e relacionamento interpessoal são os maiores motivadores do trabalho em si e que, apesar da questão financeira ser relevante, o relacionamento interpessoal aparece como requisito necessário à convivência com o trabalho.

Luiz Carlos Canêo (orientador)

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E SEUS EFEITOS PSÍQUICOS.

FERNANDES, Sônia Regina - Profa. Depto. Psicologia da Universidade Federal da Bahia.

Adota-se o trabalho informatizado como objeto de análise. Sua organização caracterizada pela fragmentação, repetição e padronização, aliada à falta de conhecimento pelo trabalhador, das etapas do processo produtivo e a falta de participação no planejamento e processo decisório contribuem para a ocorrência de distúrbios psico-emocionais. Investigou-se a ocorrência de D.P.E.(*) entre os trabalhadores de três empresas de processamento de dados em Salvador-BA, obtendo-se na Empresa A a prevalência global de 41,1% (47,2% entre os trabalhadores de processamento de dados) e na Empresa B 33,9% (31,1% entre os trabalhadores de processamento de dados) e na Empresa C de 37,7%(40,0% entre os trabalhadores de processamento de dados). Os dados empíricos tendem a confirmar a associação entre a organização do trabalho informatizado e o adoecimento psíquico.

(*) D.P.E. - Distúrbios Psico-Emocionais.

228

ANALISE EXPERIMENTAL DOS EFEITOS DO *DESIGN* DO MOBILIARIO CADEIRA-MESA NO COMPORTAMENTO DO INDIVIDUO NA POSIÇÃO SENTADA

NUNES F.P., MORO A.R.* , AVILA, A.V.* e da HORA, L.H.** Instituto de Psicologia e COPPE da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RJ (*) Escola de Educação Física e Desportos-Laboratório de Biomecânica da Universidade Federal de Santa Maria, RS (**) Instituto de Psicologia da UFRJ.

Um número considerável de pesquisadores tem se ocupado em examinar os efeitos do *design* do mobiliário cadeira-mesa nos mais variados postos de trabalho. Os dados indicaram que a mobilia induz e reforça comportamentos além de exibir componentes aversivos para o usuário. Os dados apontaram que os males da coluna vertebral são os principais responsáveis pela segunda causa de afastamento do trabalho e aposentadoria por invalidez. Suspeita-se que o *design* da mobília contribua para essas doenças profissionais. Na tentativa de melhoria das condições de conforto do usuário, na posição sentada, os autores determinaram o Centro de Gravidade assim como a distribuição da força peso do corpo de três sujeitos sentados sucessivamente em dois conjuntos cadeira-mesa, de *designs* diferentes, enquanto executavam o Teste de Brosson. Esses indivíduos, com características antropométricas semelhantes, foram videografados nos seus eixos articulares com o auxílio de marcas anatômicas previamente aplicadas ao corpo. Os pontos de contato nos diversos segmentos corporais foram sensorizados pelo sistema FScan para fins de avaliação de pontos de pressão - determinantes de dor e desconforto. Um delineamento experimental do tipo alternado foi empregado durante as oito sessões consecutivas. As respostas dos sujeitos indicaram diferenças significativas em nível de conforto, em função da mobília utilizada.

229

O EMPREGO DE MASTER DISLEXIA NA CARACTERIZAÇÃO DE DISLEXIA VISUAL E AUDITIVA E NO MAPEAMENTO DE TROCAS SURDO-SONORO, E SUA RELAÇÃO COM TFI-C

CAPOVILLA, F.C.(*), THIERS, V.O. (**), SEABRA, A.G., JARDIM, A.B.
Deptartamento de Psicologia Experimental, IP, Universidade de São Paulo

A informatização de testagem em psicopedagogia e neuropsicologia é uma área em franca expansão. O teor lúdico de programas de computador bem elaborados pode assegurar a manutenção do comportamento da criança que fornece ao profissional exatamente a amostra de repertório necessário à determinação do grau de instalação do repertório necessário à escolarização bem sucedida. O presente estudo buscou contribuir para a avaliação do potencial dos programas TFI-C e MASTER DISLEXIA, por nós elaborados, para auxiliar o profissional da área a obter uma amostra controlada do tipo de trocas cometidas por crianças em atendimento psicopedagógico, bem como dos tipos específicos de relações entre vocábulos, figuras, e palavras em que essas trocas ocorrem. Sujeitos: Dois meninos disléxicos, S1 com 8a1m e S2 com 8a4m, ambos cursando a primeira série pela segunda vez. Aparato: Microcomputador AT 286 equipado com tela sensível ao toque e software MASTER DISLEXIA (Capovilla, 1991) e TFI-C (Capovilla et alli, 1992). Procedimento: Os meninos eram expostos ao TFI-C, e em seguida ao MASTER DISLEXIA. Neste eram testadas relações entre vocábulos (A), figuras (B), e palavras escritas (C), num procedimento de discriminação condicional em que a criança era chamada a escolher uma figura dado um vocábulo (escolha AB), uma palavra escrita dado um vocábulo (AC), uma palavra escrita dada uma figura (BC), ou vice-versa (CB), bem como a emitir uma resposta ecóica a um vocábulo (AR), de nomeação oral a uma figura (BR), e textual a uma palavra escrita (CR). Dislexia do tipo visual seria sugerida por uma proporção média de erros nas relações BC e CB muito superior àquela observada na relação AB, enquanto que o inverso sugeriria dislexia do tipo auditivo. De modo a reduzir a polissemia e a garantir o repertório de nomeação oral de figura (BR), um pré-treino era conduzido em que eram treinadas as relações AR e BR. Resultados: No TFI-C a porcentagem de erros de S1 foi de 10,7 e a de S2 foi de 26,2. No MASTER DISLEXIA a porcentagem média de erro nas provas visuais (BC e CB) foi de 19,2; na auditiva (AB) foi de 1,6; e na mista (AC) foi de 18,7 para S1; e de 35,0; 5,0; e 28,8, respectivamente para S2. Ambos caracterizaram-se assim como disléxicos do tipo visual. A porcentagem média de troca entre fonemas do tipo surdo-sonoro foi de 10,8 para S1 e de 27,0 para S2; enquanto que a do tipo sonoro-surdo foi de 19,5 para S1 e de 28 para S2. As letras mais trocadas por S1 foram G->C (29%), Z->S (22%), P->B (20%); as mais trocadas por S2 foram F->V (32%), D->T (31%), G->C (29%). Houve assim consistência entre as medidas de desempenho das duas crianças no TFI-C e no MASTER DISLEXIA, sendo que psicopedagogos passam a dispor de mais dois instrumentos para auxiliar em seu trabalho de mapeamento e reabilitação de distúrbios de leitura. (*) Pesquisador CNPq e FAPESP; (**) Bolsista do CNPq

230

SISTEMA DE INFORMAÇÃO COMPUTADORIZADO PARA PESQUISA EM EQUIVALENCIA E CONTROLE POR UNIDADES MINIMAS

ZAPAROLI, W.*, HUBNER-D'OLIVEIRA, M. M.**, MATOS, M. A.*, Universidade de São Paulo, São Paulo, (*) Centro de Pesquisas em Informatica Mackenzie, São Paulo. (**) Pesquisadora CNPq, USP.

Foi criado um sistema de informação de apoio à análise da aquisição de leitura com pré-escolares através do paradigma de equivalência, visando a identificar variáveis críticas no controle por unidades mínimas. Foi desenvolvido em Turbo Pascal para microcomputadores PC-XT/AT com monitor VGA e que sejam gerenciados pelo sistema operacional MS-DOS, executado em disquete ou em disco rígido. É composto de 4 módulos básicos: atualização dos dados do sujeito, realização da sessão experimental, análise dos resultados e configuração do sistema. A interface com o experimentador é baseada na abertura de janelas sequenciais, cada uma contendo opções numeradas para escolha. A qualquer omissão ou erro do experimentador, surgem orientações no rodapé da tela. Informa também a última resposta do sujeito, para um dado estímulo. Há um controle rígido das informações que entram e saem do sistema, produzindo consistência e precisão na base de dados que o compõem. O sistema conduz o experimento, constituído de Fases de Testes (Nomeação Oral e Relações de Equivalência) e Treinos (Identidade de Cores e Leitura). Há independência entre as fases, propiciando flexibilidade na decisão sobre a sua ordem de realização. Os estímulos são apresentados em uma tela sensível ao toque e a cada resposta do sujeito é apresentada a consequência prevista pelo procedimento e é feito o registro, disponível para consulta em tela ou em tabelas e gráficos impressos. O experimentador tem a opção de deixar o sistema em estado de espera por tempo indeterminado, voltando a executá-lo no ponto onde parou, sem perdas dos dados. Pode ainda encerrar a sessão em qualquer momento, ficando, porém, registrados os dados.

231

EXPERIMENTAÇÃO EM EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS TÁCTEIS: APRESENTAÇÃO SIMULTÂNEA DA AMOSTRA E COMPARAÇÕES – NOTA TÉCNICA.

RIBEIRO, A. de FREITAS. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

O objetivo deste painel é mostrar os materiais e procedimentos em desenvolvimento no Laboratório de Aprendizagem do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília para a realização de experimentos em equivalência de estímulos táctеis com apresentação simultânea da amostra e comparações.

A maioria das tentativas de estudar a formação de equivalência entre estímulos táctеis tem sido feita com a apresentação sucessiva dos estímulos, enquanto na modalidade sensorial mais estudada, a visual, os estímulos são apresentados simultaneamente, tornando mais difícil comparações entre as duas modalidades em função das diferenças de procedimentos.

Com a utilização de tiras de materiais com tactilidades distintas, separadas por guias, torna-se possível tatear simultaneamente os estímulos com os dedos. Em um dos modos testados o sujeito tateia a amostra com o dedo médio e as comparações com os dedos indicador e anular. Um anteparo colocado sobre o aparato limita o campo visual do sujeito, restringindo sua interação com os estímulos à modalidade sensorial tátil.

Embora ainda em fase de calibração de instrumentos, testagem de discriminabilidade entre os estímulos e desenvolvimento geral dos procedimentos, dados preliminares de um estudo piloto demonstraram a emergencia de relações de equivalência entre estímulos táctеis em sujeitos universitários.

232

COMUNICAÇÃO VIA IMAGOVOX EM SUJEITO COM AFASIA DE BROCA SEVERA

CAPOVILLA,F.C.(*), MACEDO,E.C.(**), SANTOS,R.M.R. (Depto de Psicologia Experimental IPUSP), FEITOSA, M.D. (Quasar Consultoria e Informática).

O emprego de sistemas de comunicação iconográficos para auxiliar afásicos remonta a Luria (1947). Segundo Hatta (1977) em sujeitos japoneses o hemisfério direito reconhece os caracteres Kanji, baseados nos ideogramas chineses mais facilmente que os dos silabários do Katakana ou Hiragana, com base fonética. Tal descoberta fornece a lógica para a construção de sistemas de comunicação alternativos para pacientes com comprometimento fonológico baseados em símbolos ideográficos ou figuras, tais como VIC (Gardner, Zurif, Berry & Baker, 1976) que emprega cartões desenhados, e C-VIC (Steele, Weinrich, Wertz, Kleczewska, & Carlson, 1989) que emprega microcomputador. Tais sistemas (tem sido empregados no tratamento de afasias global, de Wernicke e de Broca no nível severo, e produzem desempenho superior ao da linguagem fonética, sendo que o receptivo é melhor que o expressivo, e que a categoria de mais difícil aprendizagem é a dos verbos. O sistema de comunicação icônico-vocálica IMAGOVOX (Capovilla, Macedo e Feitosa,1992) é desenhado como instrumento de diagnóstico, reabilitação, reinserção social de pacientes neurológicos portadores de afasias e paralisia cerebral, e difere de C-VIC em uma série de aspectos fundamentais de software, hardware, layout de tela, e organização geral. É executável em microcomputadores AT modelo 286 em diante equipados com monitor SVGA colorido, placa de vídeo REALTEK, e mouse ou tela sensível ao toque, placa digitalizadora de som, e uma caixa acústica, empregando fotos escanerizadas com 256 cores em 800 dpi e agudeza extra-fina no modo SuperVGA. Há 3 telas de abertura contendo cada uma 10 a 11 fotos representando categorias tais como pessoas, verbos, objetos, alimentos, bebidas, vestuário, lugares, atividades, etc. Cada categoria desdobra-se em 3 telas de opções, cada uma com 10 a 11 fotos representando desdobramentos da categoria escolhida. Cada tela tem 4 linhas de 6 células cada uma. Linhas 1 e 2 contêm o menu principal desdobrável no de opções; a 3 indica o modo de comunicação e respostas do tipo sim-não; a 4 reduz as fotos na ordem em que são escolhidas na composição de sentenças. As fotos são acompanhadas de seu nome. As de verbos são animadas ilustrando o movimento envolvido. A seleção faz soar o vocábulo digitalizado correspondente à foto. O sistema encontra-se disponível em português, francês, inglês, alemão e espanhol. Pacientes afásicos previamente bilíngues beneficiam-se, já que a lesão pode afetar seletivamente um dos idiomas em áreas diferentes. Em versão adaptada para a tela sensível ao toque CTI, é operável por tetraplégicos por meio do sopro via canudo. Participou do presente estudo um paciente de 78a de idade, portador de afasia de Broca no nível severo resultante de AVC ocorrido havia 2a. Apresentava hemiplegia, hemiparesia, hemianopsia e catarata. Um monitor de TV colorido de 27" foi adaptado via conversor TV-VGA PCVision para aumentar a área de projeção das imagens de 3.0 x 3.5 cm para 9.0 x 10.5 cm. O paciente foi exposto ao sistema durante 3 sessões semanais de 45 min. Seu desempenho era avaliado em 3 tipos de tarefa: 1) acessar e manipular elementos de vocabulário individuais; 2) montar sentenças de complexidade gramatical crescente acordo com regras de sintaxe definidas; 3) empregar o sistema efetivamente como meio de comunicação receptiva (seguir comandos envolvendo sentenças de complexidade gramatical e conceitual crescente) e expressiva (descrever objetos e relações em graus crescentes de abstração). Após 10 sessões o paciente passou a emitir tutos (ex: EU SEDE, LOME, DOR DE CABEÇA, CONTENTE) e mandos (ex: VOCÊ VÁ BUSCAR REMÉDIO, ABRACE-ME, VÁ EMBORA, ABRIR JANELA) com extensão e complexidade crescentes. A validação ecológica do sistema foi oferecida pelo relato de familiares acerca das transformações comportamentais sistêmicas observadas no paciente desde então (ex: retorno de interesse e envolvimento nas atividades profissionais e de lazer anteriores ao AVC). O paciente usa 4 cópias do sistema: no escritório, em casa, na fonoaudióloga e na psicóloga. Os ganhos em cada um deles generalizam-se nos demais. (*)Pesquisador CNPq/FAPESP; (**)Bolsista CAPES.

233

"OBS": UMA FERRAMENTA PARA ANÁLISE SEQÜENCIAL E DE FREQÜÊNCIA E DURAÇÃO DE VÁRIAS CATEGORIAS COMPORTAMENTAIS.

LOPES, M.E.; BUENO, J.L.O.; BARNABÉ, J.C. Laboratório de Psicobiologia, Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, USP Ribeirão Preto.

A finalidade deste trabalho é divulgar e demonstrar um "shareware" que pode ser utilizado em diversas áreas da Psicologia como um mecanismo útil para a quantificação de categorias comportamentais em termos de freqüência e duração ao longo do tempo e também a seqüência de ocorrência destas categorias. O OBS foi escrito nas linguagens Turbo Basic e Assembly, ocupa aproximadamente 120 KBytes de espaço em disco, e pode ser executado em microcomputadores compatíveis com o sistema IBM (PC, PC XT, PC AT e PS/2) que possuam pelo menos 256 bytes de memória RAM, usando DOS 2.00 ou acima.
Os principais parâmetros de análise que o programa oferece e que podem ser definidos e alterados a qualquer momento de acordo com as necessidades do experimentador são: *1) número de blocos*: a sessão de análise pode ser dividida em intervalos de acordo com cada situação de modo a permitir a visualização das variações de determinados comportamentos ao longo do tempo; *2) duração de cada bloco*; *3) intervalo*: o experimentador pode definir qual será o intervalo de duração adotado; *4) número de categorias*: até 62 categorias de comportamento podem ser registradas ao mesmo tempo, definidas por caracteres do teclado do computador de maneira que a pressão à determinada tecla registra a freqüência e automaticamente inicia a contagem da duração do evento que é interrompida até que outra tecla seja pressionada; *5) cruzamento de categorias*: o programa permite o registro simultâneo de duas ou mais categorias comportamentais. Os dados podem ser gravados tanto na forma de freqüência e duração, seqüência de ocorrência ou das duas maneiras, sempre em arquivos com formato ASCII que podem ser lidos por qualquer editor de texto ou pacote estatístico para posteriores análises. Outras informações detalhadas sobre o funcionamento do OBS serão expostas durante a apresentação do trabalho.

234 CATÁLOGO DE COMPORTAMENTOS DA MÃE E DO BEBÊ NUMA SITUAÇÃO DE ATENDIMENTO EM CENTRO DE SAÚDE ESCOLA

GIMENIZ, S.R.* e SILVARES, E.F.M.- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. (*)Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP.

Embora existam catálogos comportamentais da mãe e do bebê na literatura, não foi encontrado nenhum que pesquisasse tal díade num momento de atendimento em Centro de Saúde. Organizar o repertório comportamental dos usuários facilitaria a realização de observações mais sistemáticas, permitindo melhor conhecimento da população usuaria e posteriores propostas de atuação a ela relacionadas. Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi elaborar um catálogo de comportamentos da mãe e do bebê emitidos durante a pré-consulta. Este momento foi escolhido por representar entre as díades uma menor variabilidade dos comportamentos emitidos, do tempo gasto, do ambiente físico e social e por apresentar uma situação que se repete comumente no ambiente natural(o despir e vestir a criança), o que facilita posteriores análises. O ambiente utilizado foi a Sala de Pre-consulta do Setor de Pediatria de um Centro de Saúde Escola Público da cidade de São Paulo. Foram sujeitos 12 díades mae-criança, sendo 6 bebês do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com até 4 meses de vida. Utilizou-se cronômetro, lapis e papel. As díades foram observadas em dias diferentes, fazendo-se o registro cursivo. Os comportamentos foram listados, definidos e codificados. Cada código recebeu no máximo duas letras. Obteve-se uma lista de 60 comportamentos, os quais foram organizados em dois grupos: 36 comportamentos da mae e 24 do bebe, criando -se tambem um sistema de anotação dos mesmos. O catálogo pareceu ser amplo e representativo do que ocorre na situação da pré-consulta, pois observações posteriores em que ele foi empregado, todos os comportamentos observados puderam ser classificados. Além disso, ele facilitou sobremaneira o trabalho observacional, propiciando o surgimento de propostas de atuação do psicólogo durante a pré-consulta.

Auxílio financeiro: CNPQ

235

APRENDIZAGEM ESCOLAR DE NÚMEROS INTEIROS: ANÁLISE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA PIAGETIANA.

TEIXEIRA, Leny R. M., Professora Assistente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP Campus de Presidente Prudente - SP.

O presente trabalho teve por objetivo realizar um estudo exploratório sobre o processo de compreensão subjacente à aprendizagem escolar do conceito de números inteiros tal como ele se dá em alunos de 5ª série de escolas públicas, tendo como referencial de análise os mecanismos funcionais de construção do conhecimento propostos por Piaget. 90 sujeitos de cinco escolas (período diurno e noturno) foram entrevistados na execução de uma prova envolvendo noções básicas, problemas com modelo contábil e expressões numéricas. Paralelamente realizaram-se observações em sala de aula, a fim de contextualizar os procedimentos usados pelos alunos e o método de ensino empregado. Os resultados obtidos na prova e registros nas salas de aula revelaram erros sistemáticos devido ao domínio incipiente das propriedades do conjunto Z, com base na ordenação de opostos. Os procedimentos empregados revelaram duas naturezas de problema: 1) construção de invariantes não operatórios ou centrações que mantêm indiferenciados zero absoluto e zero origem, conjunto N e Z, número como estado e operação adição e subtração em Z, emprego de regras; 2) defasagem nos aspectos sintáticos e semânticos da linguagem matemática manifestados na memorização de regras, polissemia dos sinais e na representação gráfica das expressões. Procurou-se identificar se tais dificuldades ilustram os obstáculos (epistemológicos, ontogenéticos e didáticos) na aprendizagem dos inteiros, conforme propõem Glaeser e Brousseau. Questões relativas ao método (sintético-dedutivo) e procedimentos de ensino (texto didático, questionamento, uso de modelos e regras) foram levantadas.

236

DO CARACTERÍSTICO AO DEFINIDOR: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE CONCEITOS.

HEURI, A.L.P.V.*, CAON, C.N.*, SANTOS, O.N.M., FRANCO, G.I.**, LONÔMACO, J.F.B.**, (*)Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, (**)Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

O desenvolvimento de conceitos tem sido considerado por diferentes autores (por exemplo, Piaget, Vygotsky, Bruner) como ocorrendo em estagios ou fases bem delimitados. Acredita-se que cada estagio implica numa reestruturação e/ou reorganização do estagio anterior, conduzindo finalmente aos conceitos mais abstratos e gerais dos adultos. Está implícito nesses modelos a crença de que, uma vez alcançado determinado estagio, todos os conceitos do indivíduo são reestruturados de uma mesma maneira e a um só tempo. Atualmente, todavia, algumas questões tem sido levantadas com relação a esse modelo de desenvolvimento, mormente pelo trabalho de Keil(1989), que concebe as mudanças no desenvolvimento de conceitos como uma mudança de ênfase por parte do sujeito das propriedades características para propriedades definidoras. Entende-se por propriedades definidoras aquelas necessárias e suficientes para definir um conceito e por propriedades características as não-necessárias, mas que estão costumeiramente associadas a maioria dos exemplos de um conceito.

OBJETIVOS. Replicar uma pequena parte dos estudos de Keil(1989) a fim de investigar algumas questões referentes ao modelo dos estagios de desenvolvimento. Mais especificamente: 1)Ocorrem realmente mudanças de propriedades características para definidoras com o decorrer do tempo?, e, 2)Tal mudança é monolítica e global ou há heterogeneidade na estrutura conceitual, ocorrendo mudanças em momentos diferentes para diferentes domínios conceituais?

MÉTODO. Sujeitos - 48 crianças, alunas de escolas particulares, divididas em 3 grupos de 16 sujeitos: Grupo 1 - 5a e 7m; Grupo 2 - 7a. e 11m. e Grupo 3 - 9a. e 9m. Material - Dois tipos de pequenas histórias foram narradas aos sujeitos. O primeiro tipo incluía atributos não-definidores comumente associados aos conceitos (propriedades características), mas nenhum atributo definidor. O segundo tipo continha varios atributos não característicos, associados a um conjunto de atributos definidores. Procedimento - A cada criança foram narradas 6 histórias e, ao final de cada uma delas, perguntava-se ao sujeito: "... poderia ser x?", onde x referia-se ao conceito investigado. Após a resposta da criança, seguia-se uma pequena entrevista destinada a esclarecer a resposta da criança. Foram investigados 5 conceitos, agrupados em três domínios conceituais: moral (mentira e roubo), parentesco (tio e avô) e refeições (café da manhã e almoço).

RESULTADOS. Verificou-se que: 1)com o aumento da idade, os sujeitos tenderam a considerar mais os atributos definidores do que os característicos; 2) esta mudança não ocorreu ao mesmo tempo para todos os conceitos; 3)as mudanças referentes aos domínios conceituais ocorreram numa ordem claramente definida, qual seja moral, refeições e parentesco; e 4)ocorreu um período de transição, no qual tanto os atributos característicos quanto os definidores foram considerados necessários para definição do conceito.

DISCUSSÃO. Os resultados do presente estudo apoiam a ocorrência de uma mudança de ênfase dos atributos característicos para os definidores. Tal mudança parece estar relacionada ao avanço da idade e não ocorre ao mesmo tempo para os diferentes conceitos estudados.

237

O DESENVOLVIMENTO DA COMPREENSÃO DA COMUTATIVIDADE DA MULTIPLICAÇÃO.

Analúcia Schliemann, Maria Angela Cassundé, Lenice Nicéas e Vera Ramalho - Universidade Federal de Pernambuco.

Este estudo analisou: (a) o desenvolvimento da compreensão da propriedade comutativa da multiplicação em crianças escolarizadas (1a. a 3a. série) que aprendem a multiplicar na escola e em crianças vendedoras com pouca ou nenhuma experiência escolar e (b) a possível associação entre o uso de adições sucessivas em problemas de multiplicação e a não aceitação da propriedade comutativa. Foram apresentados problemas de multiplicação, utilizando-se o método clínico piagetiano.

As crianças escolarizadas de 1a. série preferem as adições sucessivas, cujo uso diminui a partir da 2a série, sendo que na 3a. série passam a preferir a multiplicação. Diferentemente, as vendedoras preferem as adições sucessivas ao invés da multiplicação. Quanto à comutatividade, as crianças escolarizadas usam na adição sucessiva o número indicativo do preço, recusando-se a utilizar a propriedade comutativa. Em contraste, ao adotarem a multiplicação, qualquer dos dois números mencionados no problema era utilizado quer como multiplicando, quer como multiplicador. Para as vendedoras a mesma tendência geral foi encontrada, embora em um dos problemas os vendedores mais experientes usassem a adição sucessiva do número de itens durante a resolução, revelando assim sua compreensão da comutatividade. Embora a aprendizagem da multiplicação seja importante para a compreensão da comutatividade, esta compreensão pode também se desenvolver entre crianças vendedoras que só utilizam adições sucessivas durante a resolução.

Estudo realizado com apoio de CNPq através de Bolsas de Pesquisa, Aperfeiçoamento e Iniciação Científica.

238

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E ÁREAS ESPECÍFICAS DE CONHECIMENTO: As explicações segundo as concepções de professores do primeiro grau e alunos do Curso Normal.

FÁVERO, M. H.; SILVA, P. M. H.; Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília; Brasília, D.F., Brasil

É senso comum que a especificidade de conhecimento induz a dificuldades também específicas na aprendizagem. No entanto, a especificidade de cada área de conhecimento parece não se relacionar apenas com o conteúdo específico da mesma, mas também com as concepções que são sócio-culturalmente mediadas, tanto a respeito delas, quanto a respeito de outros fatores como, por exemplo, a relação entre aprendizagem/idade cronológica. O estudo destas concepções foi o objetivo deste trabalho. Participaram deste, 34 professores do primeiro grau e 76 estudantes do curso normal, que responderam a questões relacionadas às referidas concepções. Da análise de conteúdo das respostas obteve-se, português e matemática como sendo as áreas de maior dificuldade, seguido de estudos sociais. Para cada uma destas áreas foram obtidas também categorias específicas de explicação para a dificuldade na aprendizagem. além disso foram obtidas quatro diferentes categorias de concepção sobre a relação aprendizagem/idade cronológica: a idade não tem relação com o desempenho escolar, mas a maturidade sim; a idade tem relação com o desempenho escolar porque esta determina a prontidão; a idade tem relação com o desempenho escolar; e a idade não tem relação com o desempenho escolar. Para cada uma destas categorias foram obtidos os conceitos relativos à aprendizagem e desenvolvimento para cada grupo de sujeitos, demonstrando assim a presença de uma articulação entre as concepções sobre a relação área específica/dificuldade de aprendizagem e a relação dificuldade de aprendizagem/idade cronológica

Projeto Integrado de Pesquisa CNPq

239

ANÁLISE DE UMA NARRATIVA DE FICÇÃO ORAL PRODUZIDA POR UMA MULHER ANALFABETA.

TFOUNI,L.V.; ABRAHÃO,M.L. Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP).

Este trabalho pretende relatar dados relacionados a um estudo de caso realizado com uma mulher analfabeta, negra, de terceira idade, que tem como característica especial o fato de ser uma contadora de estórias ou narrativas de ficção. Um levantamento realizado enumerou 54 narrativas que ela conhece de memória, das quais 12 já foram gravadas, e 9 transcritas. Os dados que serão apresentados aqui são relativos a uma dessas estórias, intitulada: "A mulher que tinha vontade de ter uma filha e ganhou uma porquinha", sobre a qual foram realizadas dois tipos de análises: 1º)uma análise temática, que procurou rastrear a origem desta narrativa em suas tradições históricas escritas. Neste caso, fazemos uma comparação com o conto de fada de Perrault, intitulado "Pele de burro"; 2º)uma análise da narrativa enquanto discurso. Neste caso, procurou-se encontrar o seu modo de funcionamento quanto à representação das vozes do autor, do narrador e das personagens, além das tentativas de inclusão do narratário. Os resultados dessa análise encaminham para uma discussão acerca da interpenetração entre práticas "letradas" (baseadas em documentos escritos) e "iletradas" (baseadas na comunicação oral) em nossa sociedade. Mostram ainda que esta mulher, apesar de analfabeta, possui um conhecimento e um domínio da arte de contar estórias, e de criá-las, que, num certo sentido, chega a compensar a ausência de habilidades para a leitura e escrita. (FAPESP)

240 RACIOCÍNIO LÓGICO - VERBAL EM ADULTOS ALFABETIZADOS E ANALFABETOS.

TFOUNI, L.V.; CAVALCANTI, E.C.A.; PAIVA, K.R. Departamento de Psicologia e Educação, FFCL de Ribeirão Preto, USP

Tem sido afirmado na literatura que um dos resultados da alfabetização seria a capacidade de descentração do raciocínio, o que permitiria, por exemplo, que pessoas alfabetizadas conseguissem compreender raciocínios lógicos-verbais (silogismos), um tipo de discurso formalizado e "fechado" em si mesmo, cuja verdade independe do conhecimento factual e do mundo. Neste trabalho, procuramos comparar o desempenho de dois grupos de adultos em uma tarefa de repetição de silogismo: um grupo, composto de 50 adultos alfabetizados; o outro composto de 49 adultos analfabetos, todos eles residindo e trabalhando na zona urbana (Ribeirão Preto-S.P.). Cada adulto foi testado com relação à compreensão de dez silogismos, e para cada grupo foram controladas as seguintes variáveis: trabalho, idade e alfabetização. As repetições produzidas, gravadas e transcritas, foram submetidas a 4 juízes separadamente, e analisadas de acordo com a seguinte "chave": 1º repetições literais ("OK"): idênticas ao silogismo apresentado; 2º repetições modificadas ("X"): quando ocorriam modificações discursivas que não alteravam a relação de inclusão lógica entre as premissas; 3º repetições não-literais ("?"): quando ocorriam modificações que destruíam essa relação de inclusão. A quantificação dos dados foi feita com base em três, ou quatro, acordos entre os julgamentos. A análise estatística desses dados (χ^2) mostrou diferença significativa ($p < 0,005$) no desempenho "OK" do grupo alfabetizado, que foi superior ao analfabeto; ao mesmo tempo, houve uma diferença estatisticamente significativa com relação às repetições do tipo "?", inversamente proporcional às repetições "OK". As repetições modificadas ("X"), por sua vez, apresentaram uma distribuição homogênea nos dois grupos. Esses resultados serão discutidos procurando-se estabelecer uma relação entre os mesmos e os processos de escolarização e do ensino formal, os quais, além de privilegiar esse tipo de raciocínio, também "ensinam" a repetição como estratégia de estudo. (FAPESP, CNPq, Fundo de Pesquisa-USP, CAPES).

241

MODELOS INTERPRETATIVOS DA INCIDÊNCIA DO OPERACIONISMO DA PSICOLOGIA (1930-1945): ELEMENTOS PARA UMA CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E EPISTEMOLÓGICA DO BEHAVIORISMO RADICAL.

LOPES JR., J.; FIGUEIREDO, L.C.M. Deptº Psic. Experimental / USP-SP, (*) Depto. de Psicologia - UNESP/Bauru.*

A caracterização do Behaviorismo Radical dentro da tradição behaviorista ocupou, ao longo dos últimos anos, considerável espaço em publicações comprometidas com a divulgação do avanço empírico e conceitual da psicologia e da análise experimental do comportamento. Significativo consenso se verifica em reconhecer nos princípios operacionais propostos por P.W. Bridgman (1927;1936;1938) elementos importantes para esta caracterização. O objetivo do presente trabalho consistiu em descrever, estabelecer relações e implicações de dois modelos que procuraram interpretar a incorporação, por parte da psicologia, dos preceitos operacionais, no período de 1930 a 1945: os modelos propostos por Israel e Goldstein (1944) e por J. Moore (1975; 1985). Procedeu-se à análise teórica do material bibliográfico concernente à identificação das incidências do operacionismo na psicologia no período supracitado, sendo a leitura deste material seguida pela seleção e agrupamento em tópicos de passagens textuais que fundamentam esta identificação. As análises sugeriram duas características básicas em cada um dos modelos considerados. Israel e Goldstein (1944) sustentam: a) uma uniformidade na interpretação fornecida pelos psicólogos sobre o operacionismo; e b) que esta uniformidade revela algumas imprecisões interpretativas como a superestimação da técnica operacional e a utilização de outra acepção do termo definição operacional. J. Moore (1975; 1985) propõe: a) a existência de duas tradições interpretativas do operacionismo na psicologia: a convencionalista e a behaviorista; b) sendo que esta última emergiu a partir de 1945. Ambos os modelos sugerem que, precedendo ao Simpósio de 1945 sobre o Operacionismo, diferentes tradições de pesquisa experimental em psicologia compartilharem de uma mesma acepção do operacionismo. Estes dados contrariam a hipótese segundo a qual a interpretação behaviorista radical do operacionismo especificaria esta abordagem no âmbito da psicologia, inclusive no período que antecedeu ao Simpósio.

242 A ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO E O POSITIVISMO

PORTUGAL, F.P. Instituto de psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

Este trabalho deseja mostrar a importância da escolha metodológica de cunho positivista no desenvolvimento da teoria elaborada por Skinner. Este autor produziu uma extensa e relevante obra psicológica fiel às normas positivistas, diremos mais: produziu-a como decorrência das exigências positivistas.

Trata-se de uma pesquisa de cunho teórico-conceitual e a metodologia utilizada foi a leitura, seleção e análise de textos.

Sob o nome de positivismo existem diversas correntes, interessa-nos mostrar a dívida de Skinner principalmente ao positivismo de Ernst Mach. Apontamos alguns pontos retores do pensamento skinneriano após ter encontrado sua inspiração na formulação de Mach. O naturalismo com que Skinner insere a AEC na biologia apresentando o acordo entre seus critérios de adaptação e os da biologia moderna; o conceito de função importantíssimo no behaviorismo skinneriano; o método a ser utilizado pela ciência, a crítica à introspecção e o descritivismo decorrente desta; as relações da ciência com a filosofia, todas estes pontos básicos do pensamento skinneriano encontram-se na formulação de Mach.

A relevância desta pesquisa está em ressaltar a importância da escolha da metologia de base na formulação e execução de uma teoria. A escolha do positivismo de Mach conforme apontado por Skinner em 1991 teve papel prevalente em seu trabalho experimental.

PESQUISA REALISADA COM BOLSA CONCEDIDA PELA UFRJ

243

O EFEITO DE DIFERENTES TIPOS DE INSTRUÇÃO SOBRE O COMPORTAMENTO DE SUJEITOS HUMANOS EM ESQUEMA DE TEMPO FIXO

SIMONASSI, L. E.; MALINI, L. E. G. & BARRETO, M. Q.
Universidade Católica de Goiás

Analistas do comportamento têm definido o conceito de regra como "um estímulo especificador de contingências" (Skinner, 1969). É possível que as instruções dadas nos experimentos com sujeitos humanos sejam conjuntos de especificações de como se comportar. Desta forma, é possível categorizar instruções com base nos termos descritivos especificadores de contingências. É ainda possível que tais termos estejam em acordo ou desacordo com as contingências que foram programadas. Uma instrução pode ser ainda inespecífica com relação às contingências programadas. Os objetivos do presente experimento foram: 1) verificar se instruções com termos descritivos em desacordo com as contingências programadas diferiam quanto ao controle exercido por instruções inespecíficas em relação às contingências programadas, e 2) verificar se o controle exercido pelos dois tipos de instrução diferia ao longo da manipulação paramétrica dos valores de um esquema de tempo fixo (TF). Dois grupos de adultos universitários foram expostos aos mesmos cinco valores de TF. Os valores, em ordem de programação, foram 15, 30, 0, 60 e 5 s. Um dos grupos recebeu instruções em desacordo com as contingências programadas. O outro grupo recebeu instruções inespecíficas, que apenas descreviam parte do equipamento, e não faziam referências à programação. A programação do TF incluiu uma contingência de posposição do tempo. Qualquer resposta dada durante o transcorrer do período de tempo programado, reiniciava o intervalo. Tal contingência foi programada para os dois grupos. Os resultados evidenciam que, para o grupo com a instrução discordante, o número de sessões para mudar de condição, de acordo com os critérios adotados, foi sempre superior ao do grupo com a instrução inespecífica. Tal resultado foi observado em todos os valores de TF. Os números médios de sessões foram 7.6, 5.6, 2.2, 4.2, e 5.2 para o grupo com a instrução discordante, e 2.4, 2.2, 2.0, 2.4, e 2.6 para o grupo com a instrução inespecífica, respectivamente. A análise da frequência absoluta de respostas indica que esta também foi superior para o grupo que recebeu a instrução discordante, exceto para a primeira sessão da primeira condição experimental. Tais dados parecem sugerir que a instrução em desacordo com as contingências programadas dificultou o contato do comportamento dos sujeitos com tais contingências, impedindo que o responder ficasse sob controle das mesmas. Adicionalmente, tal dificuldade parece não ter ocorrido aos sujeitos que receberam instruções inespecíficas. Os dados sugerem que o comportamento de tais sujeitos entrou mais prontamente em contato e ficou sob controle das contingências. Assim sendo, parece plausível admitir que, no caso de experimentos que contenham instruções, o controle do comportamento pelas contingências programadas parece depender do grau de controle discriminativo engendrado pelos termos descritivos das contingências contidos nas instruções.

CNPq 301.981/80/01 Fundo de Fomento à Pesquisa PUC/UFG/UCG.

244

COMPARAÇÃO DE DESEMPENHO NO TESTE DE FIGURAS INVERTIDAS DE EDFELDT (1955) EM FORMA COMPUTADORIZADA E PAPEL E LÁPIS

CAPOVILLA, F.C.(*), THIERS, V.O.(**), JARDIM, A.B., SEABRA, A.G. Departamento de Psicologia Experimental, IPUSP

Capovilla et alli (1992) computadorizaram o Teste de Figuras Invertidas de Edfeldt (1955) e demonstraram sua validade por meio de correlação com o teste em sua forma papel e lápis original. O presente estudo visou examinar mais detalhadamente a validade do TFI-C ao comparar o desempenho nele com o no TFI por parte de crianças disléxicas e não-disléxicas. Sujeitos: participaram 4 meninos e 1 menina, com idades de 7a a 8a4m e cursando todos a primeira série, sendo os dois meninos de 8 anos diagnosticados por fonoaudiólogo como disléxicos e as outras crianças normais. Aparato: microcomputador AT 286 equipado com tela sensível ao toque CTI e software TFI-C. O teste consistia de 90 telas (tentativas) compostas cada uma de três janelas de 6x7 cm dispostas num triângulo, com a janela-modelo no centro superior da tela e as janelas-escolha à sua esquerda e direita, abaixo. A janela-modelo continha um par de figuras a serem comparadas pela criança, enquanto a janela-escolha esquerda continha um espaço vazio, e a janela-escolha direita continha um "X". A tarefa da criança era comparar as figuras de cada par e tocar a janela em branco caso fossem idênticas, ou a janela com o "X" caso fossem diferentes. Havia 6 pares de figuras de treino e 84 pares de figuras de teste, conforme a forma original de papel e lápis. Caso a criança cometesse um erro durante o treino o programa automaticamente a remeteria ao início do treino novamente. Procedimento: as crianças eram submetidas a TFI e TFI-C em forma contrabalanceada. Resultados: A proporção média de erros do grupo disléxico foi 4 vezes superior ao do não-disléxico no TFI, e 3 vezes no TFI-C. Dada a magnitude dessas diferenças e a partir dos dados de Capovilla, Thiers, Seabra e Jardim (1992) que correlacionaram o desempenho disléxico no TFI-C e no MASTER DISLEXIA, pode-se empregar os resultados no TFI-C como critério de dislexia. A correlação geral entre as respostas ao teste foi significante ($p < .01$). A correlação entre a proporção de erros dos cinco crianças nos dois testes foi superior a 80%. A razão de tempo dispendido tanto no TFI quanto no TFI-C foi equivalente para disléxicos e não-disléxicos. No entanto, de modo geral para um tempo médio de 5 min dispendido para responder ao teste, o tempo dispendido pelas crianças em responder ao TFI-C foi em média 2 min inferior ao tempo dispendido em completar o TFI. Tal economia de tempo provavelmente deriva da relação de contingência imediata entre o responder da criança e a apresentação de novas tentativas. Tal contingência, semelhante à que se observa nos populares video-games, mantém um desempenho constante com grande envolvimento na tarefa por parte das crianças, sendo que a economia de tempo é um subproduto do aumento da taxa de resposta fruto desta contingência. Em conclusão, pode-se afirmar que a versão computadorizada representa um substancial avanço em relação à versão original em papel e lápis já que, mantendo os mesmos padrões de validade (por correlação a critérios externos e principalmente os mesmos de fidedignidade (por correlação entre ambos), economiza tempo de aplicação e libera o profissional para tarefas mais nobres do que aplicar o teste e avaliá-lo manualmente, ou seja para tarefas tais como interpretar os resultados, escolher material de tratamento, e avaliar os efeitos de sua aplicação. (*) Pesquisador CNPq e FAPESP; (**) Bolsista do CNPq

245

ANALISE DE OPORTUNIDADES DE COMUNICAÇÃO NA ROTINA DIÁRIA DE CRIANÇAS CARACTERIZADAS AUTISTAS

Presotto,E.A.*; Rose De,J.C., Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Inserido em um projeto mais amplo que visa desenvolver, aplicar e avaliar um programa de treinamento de pais com vistas a promover e ou facilitar a ocorrência da comunicação verbal de comunicação verbal de crianças caracterizadas autistas em situação natural, o presente trabalho teve como objetivo: a) uma caracterização da rotina diária de crianças caracterizadas autistas; b) um levantamento das condições que podem estar promovendo ou deixando de promover (consequencias) a comunicação dessas crianças.

Forão sujeitos deste estudo, duas familias (mães) de crianças caracterizadas autistas.

O procedimento de coleta de dados constituiu-se basicamente da realização de sessões de entrevista e observações de vida diária com as mães participantes do trabalho.

Através das sessões de entrevista, foi possivel identificar e selecionar situações para a realização das sessões de observação. Duas situações foram selecionadas (banho e refeição), por serem os "momentos" ou "periodos" e, que as mães relatam passar o tempo todo com a criança.

As entrevistas e observações revelaram a axistência, na situação mãe e criança, de situações em que existem oportunidades para ocorrência da comunicação verbal e que não estão sendo aproveitadas. Estas oportunidades não são aproveitadas porque as mães fazem inferências sobre as manifestações das crianças e assim deixam de exigir que esta criança verbalize suas necessidades e curiosidades.

* Bolsista da Capes.

246 UMA DESCRIÇÃO DA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA NO COMPORTAMENTO DE ESCOLHA: AUTOCONTROLE.

SALES, C.A.C.C., KERBAUY, R.R. *Faculdade de Psicologia, Universidade de Uberaba, MG, (*)Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP.

As pesquisas sobre autocontrole sugerem que este é incrementado com a participação de um agente externo. O objetivo deste trabalho foi verificar a ocorrência de autocontrole em 10 crianças hospitalizadas com a participação de um agente externo (Mãe). Uma situação de escolha entre a recompensa maior e atrasada e a menor e imediata foi proposta pelo experimentador para avaliar o autocontrole da criança. Oito de dez crianças esperaram, proporção semelhante a outros estudos sem a participação da Mãe. A análise e categorização das interações Mãe-Criança gravadas durante o período de escolha e espera indicou que as falas das Mães parecem tentar ocupar a criança e levá-la a esperar pela recompensa maior - autocontrole. As crianças pedem indicações de comportamentos a serem emitidos e falam sobre as possibilidades de se autocontrolarem. Os dados indicam que a não espera pode estar relacionada ao fato de apenas um da díade ter a iniciativa nas interações, assim como um menor número de interações da díade.

CAPES-PICD

247

OPORTUNIDADE DE RESPOSTA SEGUIDA POR MODELO: UM PROCEDIMENTO PARA DESENVOLVIMENTO DE LEITURA EM ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM. MIURA,R.K.K., De ROSE,J.C.C.*, Faculdade de filosofia e ciências, UNESP, Marília, SP, (*) Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos,SP.

Estudos com deficientes mentais tem mostrado que um"período de atraso"(intervalos de segundos) no decorrer de uma rotina oferece oportunidades de aprendizagem de resposta de comunicação.

No presente estudo, o procedimento de oportunidade de resposta seguido por modelo foi adaptado para utilização em crianças com história de fracasso escolar, visando a superação de dificuldade na aprendizagem de leitura. Os sujeitos foram 9 alunos (Quatro no Experimento I e Cinco no Experimento II), repetentes no mínimo duas vezes, que tinham dificuldades na leitura de sílabas complexas (por exemplo: digrafos, encontros consonantais, etc). Foram utilizados livros infantis graduados em termos de dificuldade. O experimentador sentava-se ao lado do sujeito enquanto este lia a estória; se o tempo que o aluno levava para ler ultrapassasse cinco segundos (ou se o aluno lesse incorretamente uma palavra), o experimentador falava a palavra, pedindo para o aluno repetir. Todos os sujeitos mostraram um aumento acentuado na leitura correta e uma diminuição progressiva do número de intervenções por parte do experimentador. Além disso, o tempo de leitura registrado entre uma leitura e sua repetição diminuiu e parece que houve uma maior compreensão da estória lida. A eficácia do procedimento pode ser devida à oportunidade para o sujeito apresentar o desempenho de leitura num contexto não punitivo, com disponibilidade de modelos e correções apenas quando se faziam necessárias.

Apoio: CNPq e CAPES.

248 | O PSICÓLOGO ESCOLAR E O ENSINO ESPECIAL: PROBLEMAS E SOLUÇÕES.

GUZZO, R.S.L. Depto de Pós-Graduação IP/PUCCAMP
GONÇALVES, C.L.C. Depto de Psicologia Escolar IP/PUCCAMP

O objetivo deste trabalho foi avaliar a situação das crianças em classe especial da rede estadual de Campinas, através da análise das condições de avaliação psicoeducacional, segundo opinião de seus professores. A pesquisa foi inserida em um programa de extensão da Universidade com a rede estadual de Campinas, especificamente com docentes da rede especial de uma Delegacia de ensino. Foram feitos contatos quinzenais com 24 professores de 24 escolas envolvendo 217 alunos matriculados em classes especiais, com idade média de 11,5 anos, sendo 65% do sexo masculino e 35% do sexo feminino. As reuniões quinzenais serviram como estratégia para a orientação e discussão de tópicos relacionados ao exercício da docência junto às crianças com necessidades especiais. A duração deste programa foi de um semestre. Na segunda reunião com os professores foi solicitado que cada um deles preenchesse uma ficha referente a seus alunos, individualmente, contendo dados sobre a identificação da criança, sua situação diagnóstica e as características de seu desempenho. A análise desses dados aponta para os problemas do exercício da Psicologia Escolar junto ao Ensino Especial e subsidia um programa de ação para esta área. Os resultados indicam que 41,9% das crianças não apresentavam nenhum diagnóstico psicológico e que 59,1% apresentavam a 1ª avaliação psicológica. De acordo com a legislação específica para o ensino especial além da avaliação inicial, a criança deve ser submetida a reavaliações periódicas, no mínimo a cada seis meses, para o acompanhamento de seu desempenho. Das 126 crianças que possuem diagnóstico psicológico, apenas 11,11% foram submetidas à 1ª reavaliação e 49% foram submetidas à 2ª reavaliação, apesar das datas de matrícula no sistema educacional terem variado de 1983 a 1991. Esta realidade sugere uma avaliação crítica do papel do Psicólogo Escolar nesta área, sobretudo seu compromisso em subsidiar o professor na identificação e encaminhamento de crianças para o sistema de educação especial. O presente projeto indica sugestões para a prática deste profissional, atendendo às necessidades da comunidade educacional brasileira.

249 DEFICIÊNCIA AUDITIVA:CAUSAS,DIAGNÓSTICOS,ENCAMINHAMENTOS E DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS.

BORTOLOZZI,A.C.;LEITE,L.P.;MENDES,C.L.;PICOLO,L.A.;RODRIGUES,O.M.P.R.,Departamento de Psicologia-UNESP/BAURU.

Através de entrevistas estruturadas aplicadas em vinte mães de crianças deficientes auditivas do CEDAU-USP(Bauru),buscou-se identificar causas da deficiência auditiva, época da descoberta, orientação e encaminhamentos recebidos e o desenvolvimento das crianças de acordo com a ótica familiar. Os resultados mostraram que a maior parte dos casos se deve a rubéola contraída pelas mães na gravidez. Em geral a mãe percebeu a deficiência na criança por volta de oito meses de idade e procurou o pediatra cuja orientação mais frequente foi esperar até por volta de dois anos de idade para procurar um especialista. A maioria das crianças chegou a um serviço especializado por volta de quatro anos de idade. Em geral são filhos únicos ou caçulas, têm desenvolvimento normal, são sociáveis e estão na escolaridade esperada para sua faixa etária. A literatura mostra que deficientes auditivos tendem a apresentar atrasos no desenvolvimento. O presente estudo mostra que apesar das orientações falhas e o início tardio do trabalho especializado até os seis anos de idade, as mães das crianças estudadas não têm notado diferenças no desenvolvimento de seus filhos quando comparados com os irmãos.

250 DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ESCOLAR:O CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE 1ª e 2ª SÉRIES DO 1º GRAU. Luciana Tavares Sebastião(UNESP-Marília);Iêda Chaves Pacheco Russo (PUC-SP).

O conhecimento pelo professor de classes regulares sobre a Deficiência Auditiva e suas implicações na comunicação e na aprendizagem de seu portador é importante uma vez que possibilita ao professor atuar como agente facilitador da detecção de tal deficiência. Esse conhecimento viabiliza, ainda, um processo de ensino e aprendizagem adequado ao deficiente auditivo que frequenta as classes regulares.

O presente trabalho analisou o conhecimento de 22 professores de classes regulares pertencentes à DRE de Marília sobre a Deficiência Auditiva e suas implicações na comunicação e no desempenho acadêmico do educando com tal problema. Para isso foi utilizado um questionário como instrumento de coleta de dados.

A análise das respostas mostrou que os professores conhecem muito pouco sobre o assunto. Do total de entrevistados, 95% afirmaram desconhecer a classificação da Deficiência Auditiva quanto ao grau da perda, e apenas 23% haviam recebido informações sobre essa deficiência em seus cursos de formação profissional.

O estudo evidenciou que as informações sobre a Deficiência Auditiva recebidas pelo professor em seu curso de formação profissional são insuficientes, ficando clara a necessidade de modificar tal situação.

251

TREINO DE LEITURA LABIAL REALIZADO COM SUJEITOS DEFICIENTES AUDITIVOS UTILIZANDO FIGURAS E BRINQUEDOS

Garbin,T.R.; Silva,A.A.; Souza,L.M.F.I.,
Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

Neste estudo, estamos interessados em verificar a eficácia do treino de leitura labial em cinco crianças portadoras de deficiência auditiva, utilizando figuras e brinquedos.

O treino foi desenvolvido na ENAE (Escola Municipal de Assistência ao Excepcional), do município de Corquilho - SP, onde os sujeitos recebem atendimento educacional diáriamente. São crianças de idade cronológica entre 4 e 6 anos.

O procedimento utilizado, constitui em anotar em folha de registro o desempenho de cada sujeito após experimentador apresentar estímulos visuais.

Os resultados apresentados referem-se a 47 sessões, realizadas no primeiro semestre de 1992.

Apenas o sujeito S4 concluiu as 6 atividades propostas no treino. S2 realizou 3 atividades e S3 e S5 realizaram apenas 2 atividades. O sujeito S1 não realizou nenhuma atividade.

Como as atividades são subdivididas em etapas, através dos dados verificamos que a maior dificuldade apresenta-se na segunda etapa, ou seja, os sujeitos não olham para o experimentador e consequentemente não identificam o movimento dos lábios.

Observamos que para os sujeitos mais novos é é mais adequado o uso de brinquedos, mas não deve ser utilizado somente brinquedo na sessão, é è necessário a utilização das figuras.

Concluimos que este treino individual na primeira etapa do processo é fundamental, principalmente por serem crianças consideradas novas (em idade cronológica), e que ainda não possuem alguns comportamentos fundamentais para o aprendizado acadêmico.

252

CONCEPÇÃO SOBRE A CRIANÇA DEFICIENTE FÍSICA: MUDANÇAS EM ALUNOS EM FORMAÇÃO PROFISSIONAL

MANZINI, E. J.*; SIMÃO, L. M** (*) Depto de Educação Especial, UNESP, Marília; (**) Depto de Psicologia Experimental, USP, SP.

Em 1989 foi criado junto ao curso de pedagogia da UNESP, campus Marília, a habilitação em Educação Especial na área de deficiência física. Dentro desse contexto de implementação da referida habilitação surgiu o interesse em saber que concepção de deficiência física tinham os alunos que optaram por esta área, se ocorreriam mudanças nessa concepção após iniciado o curso e quais seriam. Objetivando estudar essa questão delineamos um procedimento de coleta de informações a ser utilizado com as duas alunas do referido curso. Tal procedimento foi constituido de três etapas: 1) realizado antes do início do curso e consistiu em pedir para as participantes descreverem (por escrito) quem seriam para elas a criança deficiente física; 2) após seis meses, as informações coletadas na primeira fase foram devolvidas para complementação e as novas informações (verbalizadas) foram gravadas; 3) na terceira etapa (final do estágio), as informações escritas e transcritas, coletadas anteriormente, foram novamente reapresentadas. Na análise, pudemos identificar nos relatos que as participantes informaram sobre: 1) definição sobre deficiência física; 2) relações entre o aluno deficiente físico, o ensino especial, e a função da classe especial; 3) critérios de encaminhamento para a classe comum ou especial; 4) concepções sobre a integração do aluno deficiente físico. Os resultados indicaram que as concepções se pautam, primeiramente, numa definição imediata e topográfica da criança deficiente. Posteriormente as concepções apoiam-se em aspectos teóricos, e depois assumem um caráter funcional, originado a partir do contato direto com a criança deficiente física. Podemos concluir que o procedimento proposto pode identificar, em cada fase da coleta, a mudança das concepções.

253

OBSERVÂNCIA DE PRECEITOS ÉTICOS DOS PROFISSIONAIS NO ATENDIMENTO À SAÚDE. VIETTA, E.P.; BUENO, S.M.V.; CORRÊIA, F.A.; BRIMO, J.V. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

Vivemos num mundo empresarial que vê a tecnologia como valor máximo, num mundo acadêmico, que fala do ser humano como vítima passiva de forças - impulsos inconscientes, pressões sociais e determinismo (Nogare, 1985). A dimensão sócio-econômica, a dominação tecnológica, a irrelevância da própria vida humana e da participação pessoal nos acontecimentos, são as marcas registradas da nossa época. Nesse contexto, não há como negarmos os reflexos na atuação profissional em qualquer área de atendimento à saúde. Com base nesta reflexão, desenvolvemos um projeto: Investigando a opinião das diversas áreas de ensino através de suas coordenações, sobre a observância de preceitos éticos dos enfermeiros de campo. Entrevistou-se coordenadores de 8 áreas de uma Escola de Enfermagem. Utilizou-se de um questionário elaborado a partir de uma listagem de valores éticos, fundamentado no Código de Ética de Enfermagem da ABEn e Código de Deontologia de Enfermagem, previamente testado em um plano piloto. Obtivemos o seguinte: 1) O presente estudo revelou certa fragilidade nas atitudes éticas do enfermeiro; 2) Permitiu a apreensão das atitudes do enfermeiro de forma subjetiva, sob várias categorias de valores; 3) a estratégia de formulação de questões direcionadas à sondagem de opiniões dos sujeitos em relação às condutas éticas de enfermeiros e não às suas próprias, facilitou a obtenção de dados objetivos. Os sujeitos indicaram ter havido mudanças de atitudes éticas, durante os últimos anos, classificando-as em positivas e negativas. Entre as positivas, destaca-se o fato de o enfermeiro estar refletindo mais sobre o que faz; ter uma maior participação política e envolvimento com entidades de classe; ter maior preocupação com a Humanização da assistência em algumas áreas, além de uma tendência de assunção de compromisso com a profissão. Quanto às negativas destaca-se: a existência de grupos fechados com participação restrita; a crença de que procedimentos éticos significam cumprimento de normas; o não acompanhamento da evolução nas últimas décadas, tendência ao legalismo; persistência de uma postura de submissão e falta de autonomia e de luta por espaço; descomprometimento e descumprimento de preceitos éticos fundamentais; interesses políticos e econômicos acima da ética, falta de solidariedade e lealdade da classe, desprestígio do profissional e desorganização dos órgãos de classe. Com base nesses resultados sugerimos que: - as escolas estejam atentas para a necessidade de integração da Ética em seus conteúdos específicos, em todas as áreas de ensino; - sejam frequentes os enfoques éticos ao longo do curso e não somente durante a ministração da disciplina; - haja, com maior frequência, o manejo com o Código de Ética e Deontologia durante curso e a conscientização da observância de atitudes éticas; - se elaborem projetos de reciclagem de ética para os enfermeiros em exercício; - haja maior atuação dos órgãos de classe, neste sentido. Concluí-se, portanto, que as áreas consultadas sobre as questões trabalhadas referiram haver mudanças significativas dos valores éticos da profissão.

Órgão Financiador: CNPq

254

EDUCAÇÃO EM AÇÕES BÁSICAS DE SAÚDE: UM ENFOQUE MULTIPROFISSIONAL

SOLYMOS,G.M.B., SOUZA,M.H.N.- Projeto Favela, Escola Paulista de Medicina

O trabalho que ora apresentamos refere-se à intervenção de uma equipe multiprofissional -composta por médicos, nutricionistas, bióloga, enfermeira e psicóloga- junto à população favelada da região de Vila Mariana, em São Paulo. Esta intervenção tem como objetivo principal o acompanhamento de crianças desnutridas menores de 5 anos, identificadas através de levantamentos de campo realizados pela própria equipe. Concretamente, uma das formas em que se traduz é em propostas educativas a nível de ações básicas de saúde -incentivo ao aleitamento materno, orientação para o desmame, utilização da terapia de reidratação oral, acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, imunização. Para desenvolvê-las, partimos de um "olhar para" a criança, que busque considerar a globalidade dos fatores envolvidos na condição em que se encontra. Fatores estes que vão desde a não aceitação de que ela necessita de cuidados especiais até o fato de que a mãe não tenha ou não saiba como fornecê-los. Isso implica em lidar com realidades diversas, multifacetadas, multideterminadas e que contam com os mais variados recursos, exigindo uma atuação que, dando-se a partir de diferentes especialidades (médica, nutricional, psicológica), desenvolva-se de maneira orgânica e coesa. Nossa experiência revela que uma intervenção segundo essa postura resulta num trabalho mais exigente, porém mais enriquecedor, seja para os profissionais nele envolvidos, seja para a população.

255

CONCEITO DE SAÚDE E SAÚDE PSICOLÓGICA NA PERSPECTIVA DE PSICÓLOGOS, MÉDICOS E LEIGOS.

JONAS, A.L., MARQUEZ, A.M. (1), TORREZAN, E.A. (2)

Pós-graduandos do Mestrado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - S.P.

O conceito de saúde mantido por profissionais da saúde e leigos pode influir nas relações interpessoais e no próprio comportamento em relação à saúde. Portanto, se fez necessário conhecer os discursos dos profissionais e da comunidade sócio-cultural na qual se inserem, possibilitando um canal de comunicação, bem como é relevante conhecer o discurso de áreas conexas quanto ao objeto de interesse em comum. Foi analisado o conteúdo semântico das respostas de psicólogos(n=9), médicos(n=8) e leigos(n=11) às seguintes questões: "O que é saúde?" e "O que entende por saúde psicológica?". Os dados coletados mostraram que, para o conceito de saúde foram significantes as dimensões: Equilíbrio e Harmonia (X^2_o=29.3;X^2_c=19,7) e Bem-Estar (X^2_o=22; X^2_c=19,7); e para o conceito de saúde psicológica as dimensões: Equilíbrio e Harmonia (X^2_o=34.4; X^2_c=16,9) e Psicológica (X^2_o=21.5;X^2_c=16,9). Os resultados indicaram correlações significantes entre as opiniões dos sujeitos quanto à saúde (n.sig.= 0.05, N=12,r_c =0.51) r_o= 0.95 (Psicólogos x Médicos),0.91 (Psicólogos x Leigos) e 0.92 (Médicos x Leigos); e quanto à saúde psicológica (n.sig.= 0.05, N = 10, r_c=0.56) r_o= 0.93 (Psicólogos x Médicos), 0.91(Psicólogos x Leigos) e 0.91(Médicos x Leigos). Conclui-se que há diferenças significantes quanto à valorização de dimensões dos conceitos, mas concordância quanto à hierarquia das mesmas.

(1) Bolsista CNPq

(2) Bolsista CAPES

256

MÉDICOS E PSICÓLOGOS: SUAS REPRESENTAÇÕES E SUAS PRÁTICAS EM SAÚDE

Fonseca, Felipe Lessa , Dpto. Psicologia Social da PUC-SP. *

O fato de um mesmo objeto, que neste caso é a Saúde, poder ser representado de diferentes formas por diversos profissionais, levou-nos a perguntar sobre as relações entre as representações e suas implicações práticas. Este estudo, pretende, portanto, compreender um pouco melhor as diferenças e semelhanças entre as Representações e Práticas de médicos e psicólogos, tendo em vista a Saúde.

Utilizando a referência teórica de Serge Moscovici, procuramos reconstituir as Representações Sociais de seis sujeitos: 3 médicos e 3 psicólogos. As representações, entendidas aqui como "conhecimento prático pessoal e socialmente construído", nos permitem apreender as dimensões simbólica e prática experimentadas por cada profissional. Contudo, para que pudéssemos entender a especificidade de cada categoria profissional, lançamos mão dos conceitos de Pierre Bourdieu. O estudo da estrutura dos Campos Médico e Psi, assim como o conhecimento das Estratégias de cada Campo, subsidiaram a análise dos dados, além de possibilitarem a confecção do instrumento. (roteiro de entrevista)

A Saúde, sendo representada como relativa ou instável, assume características particulares para cada um, conforme sua inserção social e formação pessoal. Assim, para os médicos a promoção de Saúde está fundamentalmente baseada na possibilidade de cura orgânica, ao passo que, para os psicólogos a promoção de Saúde coloca-se basicamente em relação às possíveis variações qualitativas do normal e do patológico. Para os médicos, de uma maneira geral, os aspectos Psico-Sociais são considerados como fatores perturbadores do trabalho diagnóstico. Por sua vez, os psicólogos buscam eliminar hipóteses orgânicas para então desenvolverem suas atividades clínicas.

Assim, embora encontremos alguns pontos comuns entre as representações de médicos e psicólogos, estas configuram-se antes de tudo como elementos distintivos de cada categoria profissional e de cada sujeito. Poderíamos dizer que as difetenças entre as representações derivem da especificidade de seus campos, levando os profissionais a se colocarem frente à Saúde de modo a tentar fazer valer suas práticas e seus saberes.

* Bolsa de Iniciação Científica da FAPESP.

257 ATITUDES SOBRE A MULHER: INFLUÊNCIAS DO SEXO E DA IDADE

FERREIRA, M.C. - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

O advento do processo de industrialização provocou profundas alterações no papel da mulher, que passou a conciliar os seus papéis tradicionais de mãe e dona-de-casa com uma participação ativa no mercado de trabalho. Tais mudanças se refletiram nas atitudes sobre a mulher, que passaram a ser mais liberais, no sentido da aceitação de uma igualdade de papéis entre o homem e a mulher, apesar de serem observadas diferenças nestas atitudes, em função de determinadas variáveis bio-psico-sociais. O objetivo do presente trabalho foi, portanto, investigar as influências das variáveis sexo e idade nas atitudes sobre o papel da mulher na atual sociedade brasileira.

Uma escala tipo Likert, com 25 itens, foi aplicada a 688 sujeitos, adolescentes e adultos, de ambos os sexos. Os resultados indicaram que as mulheres apresentaram atitudes significativamente mais liberais em relação ao papel da mulher que os homens, e que os adolescentes se mostraram significativamente mais liberais que os adultos, em suas atitudes sobre o papel da mulher.

Concluiu-se que as modificações ocorridas no papel da mulher, em nossa sociedade, ainda não foram capazes de modificar profundamente as atitudes dos homens, que continuam a adotar posições mais conservadoras a respeito da divisão de papéis entre os sexos. Os jovens, por outro lado, por serem mais propensos às mudanças sociais, são capazes de adotar mais facilmente atitudes mais liberais sobre esta divisão de papéis, mesmo que isto contrarie os padrões vigentes em seu grupo sócio-cultural. Evidenciou-se, portanto, que as resistências quanto à eliminação das distinções entre os papéis masculino e feminino continuam presentes em nossa sociedade sendo interessante a realização de estudos futuros que analisem as influências de outras variáveis psicossociais neste fenômeno.

258 **ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO: NATUREZA E CONTEÚDO**

FERREIRA, M.C. - Universidade Gama Filho - RJ

Na perspectiva da Cognição Social, o estereótipo de gênero é conceituado como uma estrutura interna que contém as crenças do percebedor a respeito dos atributos pessoais que definem o homem e a mulher. Os estudos conduzidos com a finalidade de investigar o conteúdo destas crenças têm se detido na descrição das características que diferenciam os dois sexos. A abordagem cognitiva, entretanto, considera que os estereótipos do homem e da mulher se constituem em duas categorias distintas, que possuem uma organização interna própria, e assim, torna-se fundamental a identificação das características típicas que definem cada sexo, ao invés daquelas que os diferenciam. O objetivo do presente trabalho foi, portanto, descrever as características típicas que definem o conteúdo dos estereótipos de gênero.

Um questionário de 44 itens foi aplicado a 100 universitários de ambos os sexos. Os resultados indicaram que o estereótipo da mulher se compôs de 32 características típicas, enquanto o estereótipo do homem se compôs de 25 características típicas. Foram observadas, também, diversas semelhanças no conteúdo destes estereótipos, apesar de ocorrerem diferenças no grau de tipicidade assinalado aos atributos, em função de sua associação às categorias homem ou mulher. As cinco características apontadas como mais típicas da mulher foram: amiga, sensível, carinhosa, vaidosa e responsável, enquanto que as características apontadas como mais típicas do homem foram: trabalhador, independente, responsável, corajoso e protetor.

Concluiu-se que os estereótipos do homem e da mulher se estruturam internamente a partir de atributos típicos a cada categoria, e que um mesmo atributo pode ser típico de ambos os sexos e, ainda assim, estar mais fortemente associado a apenas um dos sexos, o que fornece subsídios para a realização de estudos futuros sobre a representação cognitiva e o processamento de informações ligadas ao gênero.

259 | A ESTRUTURA DO PODER NA FAMÍLIA:QUESTÕES METODOLÓGICAS-DANIELLE CORGA,BERNARDO JABLONSKI e ARCLDO RODRIGUES, UNIVERSIDADE GAMA FILHO- MESTRADO EM PSICOLOGIA / RJ.

Vários trabalhos nos últimos anos vêm questionando a metodologia comumente utilizada na determinação da estrutura do poder na família.O presente artigo aborda este tema.Uma das críticas apresentadas é a de que as pesquisas não utilizam pessoas que não os cônjuges na caracterização do tipo de poder dominante. O estudo I utilizou um questionário semelhante ao empregado por Blood e Wolf,Raven et al e Jabonski, para determinar a estrutura do poder na família que foi respondido pelos cônjuges e uma filha do casal(que sempre morou com eles).Os resultados indicaram que os cônjuges e filhas percebem de maneira igual a estrutura do poder familiar.O estudo II introduziu outra novidade metodológica:os entrevistados(20 casais maiores de 60 anos e 20 casais menores de 30)responderam ao questionário sobre a estrutura de poder na famíliade duas maneiras: numa forma foram apresentados eventos de fatos ocorridos e perguntado a quem coube a decisão final; na outra apenas foram feitas as perguntas genéricas de quem tem a decisão final nas situações apresentadas . Também aqui não foram encontrados diferenças significativas embora se verificasse uma tendência no sentido de menos poder por parte da mulher na condição de eventos específicos. A conclusão dos dois estudos é que as duas críticas metodológicas consideradas parecem não invalidar o procedimento comumente utilizado, o que não significa dizer que outras críticas não possam vir a questionar sua validade.

260 A PATERNIDADE E A MATERNIDADE NA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO DA DÉCADA DE 60.

TRINDADE,Z.A. e RODRIGUES,M.M.P. - Universidade Federal do Espírito Santo.

A influência atribuída à mãe no desenvolvimento de criança, especialmente nos primeiros anos de vida, é matéria exaustivamente discutida e de presença obrigatória nos compêndios de Psicologia do Desenvolvimento. O papel atribuído ao pai aparece, na maioria das vezes, como secundário; de coadjuvante nas cenas das relações mãe-criança. O objetivo desta pesquisa foi verificar os elementos das representações sociais da maternidade e da paternidade presentes em manuais de Psicologia do Desenvolvimento da década de 60. De obra "CARMICHAEL-Psicologia da Criança" escolhemos para análise os volumes que abordam o desenvolvimento cognitivo e a socialização. As categorias de análise foram elaboradas a partir do material compilado, seguindo as orientações propostas por Bardin (1979). Foram analisados todos os recortes que continham pelo menos uma das seguintes palavras-critério: PAI, MÃE, PAIS (AMBOS), ou palavras derivadas destas. Foram encontradas 1684 palavras-critério, assim distribuídas: PAI=336 (20,0%); MÃE=778 (46,2%); AMBOS=570 (33,8%). Analisando o tipo de qualificação atribuída - categorias como qualificações vinculadas a aspectos: etnográficos (QC), do relacionamento social e afetivo (QR) e cognitivos (QC) - constatou-se que o PAI está mais presente em QR (45,3%), a MÃE em QR (42,0%) e AMBOS em QC (50,8%). Os dados apontam a subvalorização do papel paterno no desenvolvimento infantil. Concluiu-se que os pesquisadores e teóricos da Psicologia como membros da sociedade incorporaram a representação dos papéis paternos e maternos tradicionais e produziram pesquisas e textos que tendiam a reafirmá-los.

261 O CONCEITO DE MULHER NAS PROPAGANDAS DA REVISTA VEJA DE 1971 E 1991

WITTER, C. e ROSSETO, S.S.(*) Doutoranda do IPUSP e Docente da Univ. São Judas Tadeu (USJT), São Paulo, (*) fonoaudióloga.

As propagandas atuam na veiculação de inúmeras informações que auxiliam na formação dos mais diversos conceitos. O objetivo geral foi analisar as propagandas da revista VEJA, dos anos de 1971 e 1991;os objetivos específicos foram: levantar e comparar a quantidade de propagandas com modelos femininos; levantar e comparar o tipo de imagem de mulher propagandeada, levantar as pessoas presentes nas propagandas com as mulheres, levantar e comparar os elementos presentes nas propagandas. Participaram como juízes das categorias de análise, duas alunas do curso de pós-graduação em Psicologia Escolar. O material analisado foram 28 exemplares da VEJA de 1971 e 1991, correspondente a 25% do total de publicação anual. Procedimento: foi realizado sorteio sem reposição do total das revistas publicadas anualmente, foram analisadas as propagandas que apresentavam mulheres fotografadas como modelo; foram elaboradas categorias de analise para a propaganda e o conceito de mulher (sexy, executiva, maternal etc); foram observadas as companhias das mulheres. Os resultados obtidos foram submetidos a análise de correlação, sendo esta significativa entre as categorias. Das 330 e 355 propagandas analisadas em 1971 e 1991, foram destacados os Objetos, Escritos, Homem, Mulher e Paisagem. A categoria de conceito de mulher com maior registro foi a de Companheira ou Esposa, seguida por Sexy ou Sensual; e as categorias de menores registros foram Profissional e Maternal.Conclui-se que o conceito de mulher está associado a feminilidade,passividade etc.

262

UNIDADE FAMILIAR E TRABALHO INFANTIL NO CAMPO *

ZAGO, Nadir. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

É especialmente a partir dos anos 70 que começam a surgir estudos sistematizados sobre os problemas com a infância pobre no Brasil. Resta, no entanto, bastante à margem da literatura sobre esta questão, pesquisas relacionadas a certas parcelas da população, como aquelas que vivem nas áreas rurais. É sobre esta população que apresentarei, neste encontro, parte dos resultados de uma pesquisa que consistiu em uma tese de Doutorado, sobre trabalho e escolarização de filhos de pequenos produtores agrícolas.

Os dados sobre os quais me apoio foram obtidos diretamente no campo a partir de entrevistas semi-diretivas junto à 72 famílias camponesas ca região Meio Oeste do Estado de Santa Catarina.

A análise refere-se ao modo e grau de participação de crianças e jovens no trabalho e das representações desta participação no contexto de uma produção agrícola de tipo familiar, em pleno processo de transformação imposto pela modernização capitalista da agricultura. A análise detalhada do funcionamento das unidades de produção familiar permitiu conhecer as diversas fases do trabalho infantil. A inserção das crianças no trabalho doméstico e agrícola se dá a partir de critérios de idade e sexo, mas também da importância económica da unidade produtiva, meios de produção, estrutura familiar e ideologia da família camponesa sobre o trabalho e futuro dos filhos.

---

* Pesquisa realizada com o apoio do CNPq.
ZAGO, Nadir.."Travail des enfants et scolarisation dans le milieu paysan". Tese de Doutorado em Ciências da Educação, Université René Descartes, Paris, 1989.

263 REPRESENTAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO TRABALHO EM ADULTOS ALFABETIZADOS E NÃO-ALFABETIZADOS. Tfouni,L.V.; Romanelli,G.; Alvares,A.M.; Garcia,A.M.S. (Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP - USP)

Nas sociedades industrializadas, as práticas sociais, inclusive o trabalho, estão permeadas por atividades de leitura/escrita. O analfabetismo, nessa perspectiva, torna-se fator de marginalização do mercado de trabalho. Além disso, há uma depreciação social com relação às atividades de trabalho "não-qualificadas", que são exatamente aquelas exercidas pelos analfabetos, assim como por analfabetizados com baixa escolaridade. O objetivo deste trabalho é investigar até que ponto essa representação negativa do próprio trabalho está introjetada por esses indivíduos. A amostra foi composta por 229 adultos residentes na região de Ribeirão Preto (SP). As seguintes variáveis foram controladas na composição da amostra: trabalho, alfabetização, idade e escolaridade. Foram analisadas as respostas dadas por eles às seguintes perguntas: 1º) "Seu trabalho é importante? e 2º) "Por quê?. As respostas foram categorizadas inicialmente como exprimindo uma posição com relação ao trabalho de "Opção-Escolha" ou "Fatalismo". Estas duas categorias, numa segunda fase, foram subdivididas em outras indicativas da natureza do valor atribuído ao trabalho: "Sobrevivência"; "Valor Social"; "Gosto"; "Costume"; "Qualificação". Os resultados mostram que existem diferenças nas representações acerca do trabalho feitas pelos adultos estudados conforme as características dos grupos, ou seja, o tipo de trabalho, a alfabetização e o local onde moram interferem na percepção que esses indivíduos têm de sua própria realidade. Indicam, também, que nos grupos estudados, a natureza do valor atribuído ao trabalho parece manter relação com a representação, para o sujeito, das categorias "Opção/Escolha" e "Fatalismo". A discussão dos resultados foi feita levando-se em consideração a importância do trabalho no plano individual e social, bem como a questão da qualificação e seus efeitos em uma sociedade com alta taxa de analfabetismo. CNPq, FAPESP, Fundo de Pesquisa-USP, CAPES.

264 COMPARAÇÃO ENTRE DOIS CRITÉRIOS DE MEDIDA DE ORIGINALIDADE NOS TESTES TORRANCE DE PENSAMENTO CRIATIVO

ALENCAR, E.M.L.S., COLLARES, K. S., DIAS, L.D., JULIÃN,S. O. Instituto de Psicologia, Univ.de Brasília.

Os Testes Torrance de Pensamento Criativo,publicados originalmente nos Estados Unidos, têm sido utilizados em pesquisas nos mais diversos países.Uma análise desta literatura indica que os pesquisadores, ao usarem estes instrumentos, avaliam a originalidade das respostas utilizando o Manual dos referidos testes, mesmo sabendo que os dados apresentados foram levantados em uma amostra norte-americana de tamanho limitado. No entender das autoras do presente estudo, para uso do instrumento, seria necessário inicialmente levantar a frequência das respostas com base em uma aplicação prévia do mesmo em uma amostra similar à estudada. No sentido de verificar e justificar a necessidade de tal procedimento, desenvolveu-se o presente estudo que teve como objetivo comparar dois critérios de medida de originalidade: uma, com base no Manual dos Testes Torrance e outra com base em dados levantados pelas autoras em uma amostra de 100 sujeitos do ensino do 2º grau, quando se realizou um levantamento da frequência de todas as respostas dadas, atribuindo, de forma similar ao proposto pelo autor dos testes, escores "0" àquelas respostas dadas por 5% ou mais dos sujeitos; escores "1" àquelas apresentadas por 2 a 4% dos sujeitos, e escores "2" às demais respostas. Tal levantamento foi feito para três testes de natureza verbal. Estes foram, então, aplicados em uma amostra de 87 estudantes do 2º grau. Teste "t" de Student foi utilizado para comparação entre as médias obtidas em originalidade nos três testes segundo os dois critérios usados na computação do índice de originalidade. Os resultados obtidos indicaram escores significativamente superiores em todos os testes quando a avaliação da originalidade teve como base o Manual dos Testes Torrance, apontando assim para a necessidade de se utilizar dados levantados em uma amostra similar à estudada no caso de pesquisas em outros contextos, que não o norte-americano

265 EFEITOS DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO DE CRIATIVIDADE NAS HABILIDADES DE PENSAMENTO CRIATIVO DE ESTUDANTES DO ENSINO DO 2º GRAU. ALENCAR, E.M.L.S. Dep. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. Universidade de Brasília.

Foi o objetivo do estudo investigar os efeitos de um Programa de Treinamento de Criatividade nas habilidades de pensamento criativo de natureza verbal de 87 alunos do ensino de 2º grau de uma escola pública e de outra particular de Brasília, DF. Deste total, 36 participaram do programa e os demais constituíram o grupo de controle. Cinco testes de natureza verbal da Bateria Torrance de Pensamento Criativo foram aplicados tanto antes como após o treinamento. Este foi desenvolvido ao longo de 14 semanas com um encontro semanal de duas horas cada. Diferentes exercícios para estimular a produção de idéias e reduzir barreiras ao pensamento criativo, a par de técnicas de resolução criativa de problemas foram aplicados ao longo do treinamento, que incluiu ainda uma discussão das diferentes barreiras culturais, emocionais, perceptuais e expressivas à criatividade. Diferenças significativas a favor dos sujeitos do grupo experimental e da escola particular foram observadas na maior parte das medidas de criatividade utilizadas (fluência, flexibilidade e originalidade nos cinco testes de pensamento criativo). Observou-se ainda que os sujeitos que participaram do treinamento passaram a se perceber como mais criativos após o término do programa, tanto comparativamente ao grupo de controle como comparativamente à sua própria percepção no período anterior ao programa. Tais resultados são discutidos, comparando-os com outros obtidos com diferentes tipos de amostras, como estudantes universitários e professores.

Projeto de pesquisa desenvolvido com apoio do CNPq (Processo nº 300683/89).

266

"HABILIDADES DE PENSAMENTO CRIATIVO ENTRE ALUNOS DE ESCOLAS ABERTAS, INTERMEDIÁRIAS E TRADICIONAIS"

VIRGOLIM, A.M.R. & ALENCAR, E.M.L.S.,
Universidade de Brasília, DF, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento.

Observa-se hoje uma crescente consciência da necessidade de se criar condições mais favoráveis ao desenvolvimento e expressão do potencial criador de cada indivíduo. As "Escolas Abertas", que objetivam proporcionar oportunidades ao aluno de explorar ativamente o ambiente, fazer escolhas significativas sobre sua própria aprendizagem e interagir com o meio de maneira mais informal, parecem ser, ao contrário das "Escolas Tradicionais", locais propícios ao desenvolvimento da criatividade dos alunos. Foi objetivo deste estudo investigar as habilidades de pensamento criativo entre 438 alunos de três tipos de escola: Abertas, Intermediárias e Tradicionais, diferenciados por critérios como: metodologia utilizada na escola; organização do ambiente físico; desenvolvimento do conteúdo com relação aos materiais envolvidos no ensino/aprendizagem. Testes de natureza verbal e figurativa da Bateria Torrance de Pensamento Criativo foram utilizados, e as respostas avaliadas quanto à Fluência, Flexibilidade e Originalidade. ANOVA com dois fatores ("tipo de escola" X "sexo") e Análise dos Contrastes foram utilizados para tratamento dos dados. Os resultados obtidos evidenciaram diferenças a favor do sexo feminino e superioridade de desempenho dos alunos das Escolas Intermediárias e Abertas, quando comparados aos alunos da Escola Tradicional.

267 | ESCOLA DE MARCENARIA: PROPOSTA EM EDUCAÇÃO PELO TRABALHO DE UMA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA.

GOUÇADINS, L.G.; TRINDADE, E.; PINTO, J.M.R. - Departamento de Psicologia e Educação - Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP

OBJETIVO: Estudar a estrutura e o funcionamento da Escola de Marcenaria, situada em Vila Recreio, periferia de Ribeirão Preto, gerida por uma Organização Comunitária e fundamentada na concepção de Educação pelo Trabalho.

METODOLOGIA: Foram questionados 35 alunos, 4 funcionários e 8 professores e o diretor da escola.

Utilizou-se questionários específicos para professores, alunos e funcionarios. A diretora foi entrevistada.

Os questionarios foram distribuídos aos sujeitos, respondidos por escrito e devolvidos ao pesquisador em prazo variado; a diretora foi entrevistada sempre que necessário. Foi feito um levantamento bibliográfico das concepções de Educação pelo Trabalho, basicamente Pistrak.

RESULTADOS: Todos os entrevistados atribuíram grande importância ao trabalho desempenhado pela escola, sendo que os alunos enfatizaram a profissionalização enquanto que os professores deram maior destaque à formação global dos alunos.

DISCUSSÃO: Apesar da proposta da escola ser de formação e conscientização e não apenas de profissionalização, as expecatativas dos alunos centram-se nesta.

CONCLUSÃO: Verificou-se que além da importância real dos trabalhos da escola junto aos alunos, deve-se considerar também a importância desta enquanto uma proposta educacional surgida de uma necessidade da própria comunidade.

268

TREINO DE INDEPENDÊNCIA SOCIAL: A QUESTÃO DO QUANDO

MEYER, S.B., PSICOBAR, V.F., SILVARES, E.F. Pitanga Pará, Ensino e Pesquisa, São Paulo.

O projeto partiu da necessidade de uma pré-escola em desenvolver objetivos de ensino mais sistemáticos na área de atividades de vida diária já que a literatura e a prática referente ao ensino destas habilidades na pré-escola não tem sido frequente nem suficientemente precisa. Este ensino aparece de forma mais detalhada em programas para indivíduos excepcionais. Foi feita então uma adaptação do Guia Curricular para o Ensino de Habilidades Básicas (Windholz,1984) e o produto foi validado com as professoras e todos os diretores da pré-escola: eles indicaram quando o ensino de cada comportamento deveria ser iniciado e quando deveria estar superado. Houve um treino no uso do instrumento, foi feita uma avaliação inicial de duas classes do Maternal I, duas classes do Maternal II e duas classes do Jardim I. A partir da análise dos dados desta avaliação objetivos de ensino para um bimestre foram estabelecidos para cada classe, e uma nova avaliação foi conduzida ao final do bimestre. Houve uma melhora no desempenho dos alunos das seis classes, no entanto a característica destas mudanças foi diferente para as três faixas etárias e similar nos dois grupos de cada faixa etária. Os principais resultados foram que no Maternal I as aquisições não foram sistemáticas, isto é, as crianças às vezes apresentavam os comportamentos relativos às rotinas de higiene e auto-cuidados, mas não sempre. Já no Maternal II a proporção de respostas corretas aumentou bastante, e a de respostas incorretas diminuiu. Esta mesma tendência foi verificada com os alunos do Jardim I, mas a quantidade de mudança foi menor. Estes resultados parecem indicar a presença de períodos em que a aprendizagem das atividades de vida diária ocorrem mais acentuadamente. Dados continuam sendo coletados para validação das conclusões.

269

ANÁLISE DA DEMANDA ADOLESCENTE E ADULTA EM UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA.

SANTOS,M.A.; MOURA,L.; PASIAN,S.R. e RIBEIRO,P.L.L.(*) (Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP)

Os escassos dados que se encontram sistematizados acerca do atendimento oferecido pelo psicólogo na clínica-escola evidenciam que o desconhecimento das características da clientela que busca o atendimento clínico-institucional é um fator comprometedor da eficácia dos serviços prestados. Este conhecimento, aliado à questão da relativa indefinição da identidade profissional do psicólogo e à má delimitação do campo e dos objetivos do trabalho, dificulta sobremaneira sua atuação no espaço institucional. Daí a necessidade de se investigarem objetivamente as condições sócio-demográficas que estruturam esta demanda, visando a atuação profissional dentro de parâmetros mais realistas, que propiciem o desenvolvimento de novas técnicas de trabalho, mais adequadas às necessidades da população atendida. Neste sentido, este estudo objetiva a caracterização da clientela adolescente e adulta atendida no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da FFCLRP-USP, dando continuidade a um projeto que vem sendo desenvolvido com dados relativos ao período de 1987 a 1991. Neste trabalho serão apresentados os resultados referentes aos anos de 1990 a 1991. Recorreu-se à consulta de 123 prontuários,contendo os registros dos atendimentos oferecidos, bem como os dados de identificação das variáveis sócio-demográficas da clientela. Estes dados foram armazenados em um programa D Base III-Plus para microcomputador, permitindo sistematizar as variáveis em termos de: idade, sexo, escolaridade, ocupação atual, religião, estado civil, constituição familiar, procedência,tipo de procura (espontânea ou por encaminhamento), tipo de queixas, conduta após triagem, tipo de atendimento e condições de alta. Os resultados da análise dos 123 prontuários indicam a predominância de clientes do sexo feminino e solteiros, na faixa etária de 13 a 17 anos, seguidos por aqueles de 18 a 27, procedentes de Ribeirão Preto e de famílias estruturadas. A escolaridade dos clientes concentra-se ao nível do 2º grau, mas há ainda acentuada presença de universitários e do nível "ginasial". A procura pelo serviço é, em sua maioria, espontânea, sendo que praticamente todos os clientes triados receberam atendimento no próprio CPA, embora tenha ocorrido um número significativo de desistência ou abandono do seguimento psicológico. Estes resultados serão comparados aos dados preliminares referentes aos anos de 1987 a 1989, destacando-se as alterações observadas nestes últimos cinco anos. Tais dados vem contribuindo para uma reflexão crítica sobre os serviços de atendimento oferecido.

(*) Programa Bolsa-Trabalho, Projeto 0660/91, COSEAS-USP.

270

CARACTERIZAÇÃO DOS MOTIVOS DA PROCURA DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA.

SANTOS,N.A.; TASTAN,S.R.; MOURA,L. e RIBEIRO,P.L.L.(*) (Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP)

Os estudos que sistematizam informações acerca da prevalência de distúrbios mentais em nossa realidade local são relevantes à medida que permitem o melhor organização dos serviços de atendimento à população. Para tanto, é necessário que todo o sistema de atenção à saúde mental adote como rotina procedimentos de coleta de dados a respeito de sua clientela. Neste sentido, a presente investigação se propõe a caracterizar os motivos da procura de atendimento psicológico na clínica-escola do Centro de Psicologia Aplicada da FFCLRP-USP, através de: 1) uma avaliação sistemática das "queixas" apresentadas pelos clientes,e 2) uma análise comparativa dos motivos referidos ao longo de cinco anos (de 1987 a 1991). Mediante o exame dos prontuários da instituição, foram levantados 331 casos referentes aos clientes adolescentes e adultos atendidos no período de 1987 a 1991. O levantamento das queixas apresentadas baseou-se em uma análise da transcrição da primeira entrevista com o cliente, mediante uma categorização extraída de uma versão ampliada dos critérios apresentados por Anthony (1975), em sua taxonomia dos distúrbios de comportamento.Os resultados obtidos com a análise global das queixas nos últimos cinco anos mostram a prevalência de problemas de "comportamento afetivo"(40%), seguidos de distúrbios no "comportamento social"(21,8%) e no "comportamento cognitivo"(12,7%).Observam-se ainda queixas relativas ao "comportamento integrativo"(11,1%), "comportamento funcional"(6,1%), distúrbios psicossomáticos(4,2%) e problemas específicos(1,8%). Na categoria específica de "comportamento afetivo", 25,0% das queixas referem-se a "depressão-elação", 19,2% à "ansiedade", 11,9% a problemas relativos ao "sentimento em relação a si" e 10,1% a "vergonha-culpa". Considerando a segunda categoria de distúrbios mais freqüentes ("comportamento social"), destacam-se as categorias de "conflitos de relacionamento"(42,0%), "esquiva"(17,1%), "ataque"(15,8%) e "sexual anormal"(10,7%). Na área do "comportamento cognitivo" há prevalência de problemas na "área vocacional"(42,0%), seguidos por distúrbios no "pensamento" (25,9%) e na "aprendizagem"(19,0%). Por outro lado, uma análise longitudinal através dos anos avaliados indica que os distúrbios apresentados mantem a mesma ordem de ocorrência, ou seja, há prevalência das queixas de "comportamento afetivo", seguidas pelas áreas de "comportamento social" e "comportamento cognitivo". Nos cinco anos estudados, a incidência de problemas "afetivos" mantem-se na faixa de 30 a 40% de ocorrência, assumindo-se de forma estável entre os motivos que levam à procura de atendimento psicológico.Na área do "comportamento social" detecta-se uma freqüência de 20 a 26% nos quatro primeiros anos estudados, decaindo parcialmente em 1991 (17,5%). Já os distúrbios associados ao "comportamento cognitivo" mostram-se com um índice próximo a 10% em 1987, 1988 e 1989, com tendência a um aumento nos dois últimos anos avaliados, alcançando uma ocorrência média de 18%. Estes resultados, associados às formas de atendimento psicológico desenvolvidas na clínica-escola, têm proporcionado reflexão acerca da eficiência do trabalho desenvolvido junto à comunidade, bem como na formação profissionalizante dos novos psicólogos. Conclui-se, portanto, a relevância deste tipo de pesquisa para o questionamento em torno da necessidade de redefinição das estratégias de atendimento clínico adotadas na instituição,com vistas a uma posterior redefinição de seus objetivos e propostas de intervenção.

(*) Programa Bolsa-Trabalho, Projeto 0660/91, COSEAS-USP.

271

DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO ATENDIDA E DAS TÉCNICAS PSICOTERAPICAS UTILIZADAS NUM SERVIÇO PUBLICO DE PSICOLOGIA

R. Gorayeb, M. F. A. Cotares e L. C. de L. Bessa - USP Rib. Preto

Grande parte do atendimento psicológico institucionalizado é efetuado por indivíduos em treinamento. É necessário que se descreva a população assistida e o tipo e eficácia do atendimento efetuado, para que se avalie se estes serviços atingem seus objetivos assistenciais e de formação de mão de obra qualificada. O objetivo deste trabalho foi o de descrever o atendimento psicológico realizado num período de 10 anos, no Serviço de Psicologia do H.C.F.M.R.P.U.S.P.. Foram analisados 125 prontuários de pacientes menores de 18 anos, atendidos individualmente em ambulatório. Dados demográficos, diagnósticos, de técnicas de tratamento, sistema educacional, tipo de alta e indicativos de sucesso do tratamento foram categorizados e registrados, após leitura extensiva do prontuário. Os resultados indicam que 79,2% da população atendida é de classe média baixa , os pacientes foram encaminhados principalmente pelas Clínicas de Neurologia (22,4%) e Pediatria (20,0%), e o número médio de sessões terapêuticas foi entre 19 e 29 sessões, para 59,2% dos atendimentos. Dentre os diagnósticos de alterações comportamentais e emocionais predominam : Nervosismo, com 17,2% do total de problemas apresentados, Baixo Nível de Resistência à Frustração, com 11,93%, e Desobediência com 10,38%. Dentre as queixas dos sistemas orgânicos afetados, destacam-se, : Enurese (40,0% do total de prontuários) e Cefaléias (24,8%). Dentre os procedimentos destacam-se, : Atendimento individual de criança (10,22% do total de itens) ; Apoio (10,22%); Ventilação (10,22%) ; Pais como agentes de mudança (9,89%); Interação lúdica (9,81%) ; Reforçamento positivo (8,42%) e Extinção (6,62%). A análise dos sistemas educacionais indica pais : Afetuosos (22,92%) ; Superenvolvidos (14,08%) ; Punitivos (13,53%) ; Superprotetores (12,15%) ; Tolerantes (8,83%). Como resultado terapêutico evidencia-se que 65,6% da população atendida teve melhora Parcial ou Total das queixas. Baseado nestes resultados evidencia-se que, com o uso de uma abordagem comportamental, o atendimento psicológico realizado por psicólogos em treinamento nesta instituição é eficiente, aparentando atender às necessidades da população descrita.

Apoio Financeiro : FAPESP

272 ASPECTOS DA SITUAÇÃO FAMILIAR DA CLIENTELA INFANTIL DE UM CENTRO DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO.

GRANINHA,S.S.V., MARTINS,M.A.O. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, S.P.

A relação entre saúde mental da criança e seu contexto familiar tem sido objeto de estudo e diferentes aspectos desse contexto têm sido apontados como podendo estar associados à problemática da criança. O presente trabalho se propõe a investigar a situação familiar das crianças encaminhadas para atendimento psicológico junto ao Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da FFCLRP-USP, caracterizando-a com relação aos seguintes aspectos: tamanho da prole e posição ocupada pela criança, número de pessoas da casa e grau de parentesco com a criança, presença ou não dos pais e motivo da ausência. Os dados foram extraídos das entrevistas de inscrição no CPA, realizadas no período de outubro de 1987 à outubro de 1991, num total de 200 casos. As entrevistas foram conduzidas por estagiários devidamente treinados e supervisionados ou pelos psicólogos responsáveis pelo serviço de inscrição e triagem infantil utilizando-se dos seguintes materiais: gravadores, fitas cassete, roteiros de entrevista e material de secretaria. As sessões foram gravadas, as fitas integralmente transcritas e as informações coletadas, sintetizadas no roteiro de entrevista. Para este trabalho, os dados que atendiam ao objetivo proposto foram tabulados e calculadas as respectivas porcentagens. Os resultados mostram que a maioria das famílias têm de 2 a 3 filhos (63%) e que 52% das crianças inscritas é o primogênito sendo que, dentre estes, 32% é filho único. A grande maioria das crianças inscritas mora com ambos os pais (63%) e as restantes contam ou com a presença de apenas um dos pais (15%) ou com a ausência de ambos, residindo com outros parentes (2%). O principal motivo da ausência do(s) pai(s) é a separação do casal. Os dados indicam portanto que a presença de ambos os pais é uma característica mais marcante nas famílias aqui estudadas do que a ausência e que, embora a maioria dessas famílias tenha mais de um filho, o primogênito é a criança mais frequentemente encaminhada para atendimento psicológico, o que pode estar associado às próprias dificuldades e ansiedades dos pais para lidar com seu primeiro filho e para aprender seu novo papel, ou seja, o de ser pai.

273 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ADULTA, ATENDIDA NO NUCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOTERAPIA BREVE, (NEPPB).

YUKIMITSU, Mª T.C.P.*; MITO, Tereza I.H.**; ENÉAS, Mª L.E.***; YOSHIDA, Elisa M.P.***; (*)USP e NEPPB; (**)PUC/SP e NEPPB; (***)PUCCAMP e NEPPB.

O presente trabalho, teve por objetivos: a)-caracterizar a população adulta, atendida no(NEPPB); b)-constatar as fontes de encaminhamentos; c)-analizar a frequência do tempo de espera para atendimento e; d)-levantar a frequência do número de sessões realizadas. Foram consultados os prontuários dos pacientes triados no período de 1988 a 1991 (N=230). Os resultados obtidos, indicaram maior frequência para as seguintes variáveis: sexo feminino (73,9%); faixa etária entre 24 e 29 anos(25,6%); estado civil solteiro(50,4%); escolaridade superior completa(15,8%) e; profissão: outros e administrativos (21,7%) e (21,3%) respectivamente. Para as variáveis seguintes a maior frequência foi: fonte de encaminhamento: clínica escola(17,8%); tempo de espera para atendimento: até 15 dias(20,4%) e sessões realizadas entre 11 e 15 dias(14,3%). Concluiu-se que: este estudo , foi importante para se compreender as necessidades da demanda e, buscar uma maior adequação teórico-técnica para o procedimento psicoterapêutico desenvolvido na referida instituição.

274

PLANTÃO PSICOLÓGICO: POR UMA CONTRIBUIÇÃO PROPRIAMENTE PSICOLÓGICA À EDUCAÇÃO

Mahfoud, M., Instituto de Psicologia da USP

Partindo da afirmação de que a finalidade da educação é a formação da pessoa, propõe-se que a explicitação desta finalidade ilumine objetivos, métodos e técnicas. Relata-se a experiência de Plantão Psicológico (utilizando métodos e técnicas da Abordagem Centrada na Pessoa) em um colégio tradicional de S. Paulo como contribuição da Psicologia à Educação ao constituir um espaço para a formação do aluno como pessoa no contexto educacional. Com essa finalidade, a técnica de atendimento em Plantão Psicológico serve como método de presença dos psicólogos entre alunos e professores. Apresentam-se folhetos ilustrados utilizados para a divulgação da proposta entre os alunos, discute-se a necessidade de refazer continuamente a proposta também a nível de professores e instituição.
Como resultado instala-se um espaço para as pessoas, mais do que para os problemas, constituindo uma referência que ajuda o aluno a enfrentar também os problemas; a consciência de si e da realidade leva a discriminar os diferentes recursos disponíveis na rede de relacionamentos na escola, e isso é significativo tanto para os alunos quanto para os psicólogos na sua inserção na instituição. Também como resultado, apresenta-se um novo instrumento de trabalho criado a partir da atenção à centralidade da pessoa naquele âmbito escolar: material gráfico de prevenção ao uso de drogas segundo o método "Educação Afetiva", que procura lidar com fatores disponentes ao uso de drogas, mais do que enfocar o tema droga (aborda os temas: identidade, ser-no-mundo, conjugação entre desejo e limite, entre outros).

275 SAIR DAS RUAS: A PERSPECTIVA DE MENINOS QUE SAÍRAM DELAS.

MELO:SILVA, L.L. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos

Considerando o quadro social em que as crianças e adolecentes estão se desenvolvendo em nosso país; e, que os programas educacionais que atendem as 'crianças de rua', em geral, objetivando a reintegração social, buscou-se ouvir o relato de meninos que viveram nas ruas e optaram por participar de um programa alternativo de atendimento. Os cinco meninos tinham entre 12 e 14 anos de idade, e frequentavam a Entidade Casa das Mangueiras mantida pela Organização Vida Nova. Neste estudo, utilizou-se entrevista não estruturada. Os resultados foram obtidos a partir da análise de 40 sessões de entevista, cuja síntese do conteúdo foi agrupada em quatro temas:

-FAMILIA/MORADIA: Observou-se que as condições de vida na família apresentam um elevado grau de miséria, violência e predominância de alcoolismo. Os meninos percebem a mãe como boa e vítima; ao contrário do pai, que é visto como ruim e responsável pela situação da família. Nos casos entevistados, alguns foram levados para as ruas pelos irmãos.

- VIDA NAS RUAS: A situação família tem impulsionado os meninos a buscarem respostas às suas necessidades nas ruas. No início apenas pedem esmolas mas, com o tempo passam a participar de furtos ou roubos. Começam a apanhar de seus pares e dos órgãos repressores nessa fase decidem sair das ruas.

-ENTIDADE: Frequentar a entidade torna-se a oportunidade de romper com a marginalidade e participar de um programa onde possa ser protegido, obter dinheiro através das atividades profissionalizantes e usufruir do lazer.

- SAIR DAS RUAS: Para eles significa trabalhar, ganhar dinheiro e conseguir ter uma casa para sua família. Assumem o discurso da ideologia dominante.

-ENTIDADE FINANCIADORA: CAPES

276 LEVANTAMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS MENINOS E MENINAS DE RUA, EM ENTIDADES NÃO GOVERNAMENTAIS

MANABE, R.T., GIL, M.S.C.A., PEREIRA, M.F. Departamento de Psicologia/SEAMPO, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa PB

Essa pesquisa teve como objetivo principal levantar algumas das atividades desenvolvidas com meninos e meninas de rua, em entidades não governamentais, na cidade de João Pessoa(PB). O levantamento dos dados foi realizado em 15 entidades através de duas formas: 1- entrevista com o responsável pela entidade, através de um roteiro previamente elaborado, com 14 questões fechadas e 35 abertas. Esse roteiro visava levantar dados sobre os objetivos, as condições físicas, os recursos humanos e financeiros e os relatos das atividades desenvolvidas com a clientela; 2- observação da relação instrutor/instruído, focalizando as atividades propostas pelo primeiro e as atividades desenvolvidas pelo segundo.

Na entrevista, analisaram-se quantitativamente as questões fechadas e abertas, procedendo-se à categorização das últimas. Os dados das observações foram categorizados e analisados descritivamente. Em seguida, foram comparados aqueles dos relatos das entrevistas sobre as atividades desenvolvidas com as crianças e os adolescentes.

Há carência geral de material, número insuficiente de educadores e estes nem sempre estão formalmente capacitados para suas tarefas. Os resultados mostraram ainda, que o desenvolvimento de atividades não é orientado, contrastando com os relatos obtidos nas entrevistas, principalmente em relação aos objetivos da entidade. Ressalta-se o fato dos "educandos" permanecerem ociosos em grande parte do tempo.

Conclui-se pela necessidade de produzir conhecimento sistematizado sobre a situação concreta e real das ações propostas e principalmente daquelas efetivamente realizadas pelas crianças e adolescentes. Discute-se a possível intervenção da psicologia nesse tipo de problema.

277 | EDUCADOR DE RUA: UM DESAFIO À ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.

MORATO, H.T.P; ROCHA, M.C. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, S.P.

A existência de crianças e adolescentes em situação de rua é realidade irrefutável no Brasil. Instituições governamentais e civis tem trabalhado com essa população, mas ainda são desconhecidas iniciativas que proponham pensar essa prática com referencial teorico, essencial a formação e reflexão de educadores de rua. Pode a Abordagem Centrada na Pessoa oferecer suporte?

Buscou-se conhecer e compreender a pratica do educador de rua e encontrar na Abordagem Centrada na Pessoa contribuições para a atuação desses profissionais. Para isso, realizaram-se trabalhos de grupo por 10 semanas com 5 educadores de rua, com 2 horas cada, para discutir e refletir sobre sua prática, segundo experiências de comunidade de aprendizagem de Carl Rogers. O significado da atuação de educador de rua foi buscado através da elaboração da experiência encontrada nos depoimentos, segundo metodologia do trato do depoimento como registro de experiência.

Encontraram-se dificuldades do educador de rua para perceber sua identidade profissional e queixas foram relatadas quanto a falta de referencial técnico-teorico para análise de sua realidade de trabalho. Com base nesse levantamento foi realizada uma reflexão sobre a experiência vivida pelo educador e sobre o suporte técnico-conceitual da Abordagem Centrada na Pessoa e Psicoterapia Experiencial. Foram reconhecidos elementos necessários e suficientes colocados por Rogers, para o psicoterapeuta presente também na postura do educador de rua para atender as demandas de sua atuação.

Na busca de referencial teorico conceitual revelou-se a possibilidade de vir a ser a Pre-Terapia, enquanto intervenção baseada na Abordagem Centrada na Pessoa, um instrumental importante para esses profissionais. Assim encaminha-se outra pesquisa para verificar a eficácia dessa técnica com crianças em situação de rua, cujo contato constitui um obstáculo ao desenvolvimento do trabalho do educador de rua.

278 | MENOR DE RUA: UM RESGATE DE CONTATO ATRAVÉS DA PRÉ-TERAPIA.

COSTA, E; GONÇALVES, L; MORATO, H; PIRES, L; ROCHA, M; SILVA, J; ZAIA, M;
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, S.P.

Os adolescentes e crianças de rua tem atraído a atenção de segmentos da sociedade e de órgãos governamentais. Programas surgiram com finalidade de integrá-los à sociedade, desenvolvendo sua percepção enquanto pessoas e cidadãos. Trabalhos vem refletindo que, apesar do grande número de crianças envolvidas nessas iniciativas, é questão sua real adequação e integração frente às propostas. Há indicação de diferença entre crianças pedintes e trabalhadoras por dificuldades de contato consigo mesmas e com a realidade externa, possivelmente levando a entraves na eficácia dos programas. Como facilitar esse contato das crianças consigo mesmas e com seu mundo para usufruirem mais plenamente das propostas?

O presente estudo visa conhecer, distinguir e compreender a população de menores de rua, em seu contexto específico, e buscar desenvolver o re-estabelecimento de seu contato com a realidade interna e externa, através da proposta da Pré-Terapia. Esta consiste em método e técnica formulada por Garry Prouty baseada na teoria de Carl Rogers para as condições de contato terapêutico e interpessoal.

Para isso, fomos conhecer o ambiente, a organização e convívio social desses menores, por períodos de observações e registros no CEASA, semáforos e feiras-livres. A etapa seguinte consiste em contatos diretos para obter depoimentos de suas experiências em seu mundo social. Com crianças com dificuldades de contato são empregadas técnicas da Pré-Terapia, adaptadas ao contexto social, para verificar sua eficácia de facilitação no estabelecimento de contato consigo e com o mundo.

Verificaram-se diferenças entre trabalhadores e pedintes, quanto às suas relações nas atividades de rua que transcedem para outras relações. Os primeiros tendem a impressionar positivamente e se afirmam. Os segundos marcam-se negativamente tanto na aparência como na forma de comunicação. Em situação de reconhecimento e atenção pelo outro, o pedinte revela uma transfiguração, assumindo postura mais ativa, revelando a importância do contato.

A possibilidade de eficácia dessa técnica como forma de facilitação de contato consigo e com a realidade dessas crianças pode oferecer subsídios a profissionais atuantes nos programas existentes com menores de rua.

279

PERFIL DA CRIANÇA INSTITUCIONALIZADA NO PARANA. Weber, L.N.D.; Kossobudzki, L.H.M.; Chagas, L.A.W.M.* e Welzel,B.M*. Universidade Federal do Paraná.

O objetivo desta pesquisa foi identificar as características pessoais e as condições de institucionalização de crianças em abrigos oficiais e particulares do Paraná. Os dados foram coletados através dos prontuários da população de internos das instituições e de entrevistas com o corpo técnico das mesmas. A compilação dos dados foi realizada através do programa de computação Quest 20 (UFPR) e a análise revelou que dos 1367 internos, 65% são do sexo masculino e 35% do sexo feminino; a maioria dessas crianças são brancas e com idade de 13 a 17 anos; 34% delas foram internadas pela primeira vez entre 8 e 12 anos; 26% estão na instituição há menos de um ano e 42% está internada entre 1 e 5 anos; 12% foram institucionalizadas por terem cometido algum tipo de infração e 25% são portadores de alguma deficiência - 28% apresentam atraso no desenvolvimento intelectual e 21% atraso no desenvolvimento psicomotor; 53% das crianças apresentam algum problema neurológico, ou psiquiátrico ou de comportamento. Os internamentos foram realizados, na maioria das vezes, por algum familiar, sendo que o maior número destes foi concretizado pela própria mãe, e em 8% dos internamentos a criança chegou à instituição com lesões corporais. As observações indicaram que apesar das instituições oficiais manterem maior rigor na atualização dos prontuários dos internos, os dirigentes das entidades particulares conhecem melhor as histórias de vida de cada criança.

* Bolsista de Iniciação Científica do CNPq na época da realização do trabalho (Processos No. 800376-87-0 e No.800787-90-0) sob orientação das duas primeiras autoras.

280

SITUAÇÃO FAMILIAR DA CRIANÇA INSTITUCIONALIZADA NO PARANÁ. Weber, L.N.D.; Kossobudzki, L.H.M.; Chagas, L.A.W.M.* e Serathiuk,C.G.**. Universidade Federal do Paraná.

Este trabalho teve por objetivo identificar as características da vida familiar dos menores internos em instituições oficiais e particulares do Paraná. Os dados foram coletados através dos prontuários da população de internos das instituições e de entrevistas com o corpo técnico das mesmas. A compilação dos dados foi realizada através do programa de computação Quest 20 (UFPR) e a análise revelou que 12% dos internos são órfãos de pai, 11% são órfãos de mãe e 7% órfãos de ambos os progenitores. Verificou-se que, por ocasião do internamento, os pais de 34% das crianças estavam separados, 12% das mães eram solteiras e em apenas 14% dos casos os pais estavam morando juntos. Em 27% dos casos, os pais tinham paradeiro desconhecido, em 9% dos casos as mães não foram encontradas e em 20% ambos os progenitores estavam desaparecidos; Como motivo para o internamento , 62% dos pais declararam impossibilidade financeira para criar a criança. O histórico familiar mostrou que 17% dos pais e 7% das mães eram alcoólatras; dos casos; 6% das mães eram declaradamente prostitutas e uma pequena porcentagem de pais e/ou mães (7%) eram presidiários ou internos em hospitais psiquiátricos. A desagregação familiar, além da impossibilidade financeira parece ser fator de extrema importância para a institucionalização da criança e, possivelmente do seu abandono, pois 41% dos internos não recebem visitas na instituição.

* Bolsista de Iniciação Científica do CNPq na época da realização do trabalho (Processos No. 800376-87-0 e No.800787-90-0) sob orientação das duas primeiras autoras.

281 CARACTERÍSTICAS DAS INSTITUIÇÕES QUE ABRIGAM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PARANÁ. Weber, L.N.D; Kossobudzki, L.H.M.; Welzel,B.M.*; Serathiuk,C.G.* e Chagas, L.A.W.M.*. Universidade Federal do Paraná.

A presente pesquisa teve como objetivo traçar o perfil dos internatos de crianças e adolescentes do Paraná. Todas as instituições oficiais e a maioria absoluta das particulares foram visitadas, tanto na capital como no interior, e os dados coletados através de entrevistas com o corpo técnico e/ou estatutos internos das mesmas. A compilação dos dados foi realizada através do programa de computação Quest 20 (UFPR) e a análise revelou que existem 13 instituições mantidas pelo governo estadual e das 26 instituições particulares pesquisadas, 6 são mantidas por entidades católicas, 8 evangélicas, 3 espíritas e 8 por empresas privadas ou iniciativas pessoais. De uma maneira geral, as instituições oficiais são mais antigas, têm maior capacidade de atendimento e abrigam 60% da população de internos que possuem algum tipo de deficiência e 95% daqueles que cometeram algum tipo de infração legal. Verificou-se que nas instituições particulares existe maior número de crianças para cada funcionário, porém o custo mês de cada interno é significativamente menor. A maioria das crianças adotadas procede das instituições não oficiais, e de acordo com informações, na maior parte das instituições oficiais, existe acompanhamento sistemático do interno desligado tanto por adoção como por idade. Nos diferentes tipos de internatos existe preocupação com a iniciação religiosa e obrigatoriedade escolar.

* Bolsista de Iniciação Científica do CNPq na época da realização do trabalho (Processos e No.800376-87-0 e No. 800787-90-0) sob orientação das duas primeiras autoras.

282 **A PESQUISA EM PSICOLOGIA INFANTIL NO BRASIL: ALGUNS ASPECTOS CRÍTICOS.** Piccinini, C. A. e Sobreira Lopes, R. (Departamento de Psicologia-UFRGS)

O objetivo deste trabalho foi o de examinar estudos empíricos e/ou teóricos apresentados em congressos ou publicados entre 1986 a 1990, relacionados à psicologia infantil. Foram examinados os resumos das comunicações apresentadas na Reunião Anual de Psicologia de Ribeirão Preto e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e artigos publicados nos Arquivos Brasileiros de Psicologia, Psicologia: Teoria e Pesquisa e Estudos de Psicologia. Neste período, foram apresentadas 1615 comunicações nos encontros de psicologia, das quais 551 (34%) estão relacionadas à psicologia infantil. Em relação aos artigos publicados, dos 386 artigos, 95 (25%) estão relacionados a esta área. Os dados indicam um número muito variado de problemas sendo investigados por um número ainda muito reduzido de pesquisadores. Disto decorrem poucas investigações sobre um mesmo problema, o qual acaba sendo, muitas vezes, examinado superficialmente. Os problemas investigados nem sempre têm um sólido referencial teórico, o que deixa a impressão de uma mera coleta de dados, que ao ser analisada e discutida nem sempre é relacionada adequadamente com a teoria. Falta, na verdade, uma maior elaboração teórica tanto na formulação do problema como na análise dos dados obtidos. Chama a atenção a simplicidade da maioria dos delineamentos e dos instrumentos utilizados nas investigações revisadas, quando comparados com a complexidade do que tem sido utilizado internacionalmente. É importante salientar a ausência de estudos longitudinais entre os trabalhos revisados, procedimento que tem sido cada vez mais utilizado em outros países. Quanto à análise dos dados, um número significativo de estudos envolveu basicamente descrição de freqüências. Poucos estudos utilizaram estatísticas inferenciais, sendo que procedimentos estatísticos sofisticados têm sido raramente usados. A revisão aponta para a necessidade de maior sofisticação nos estudos, tanto a nível teórico como metodológico, para que possa haver contribuições significativas ao conhecimento.

283 AMBIENTES DE DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES COM ALTOS NÍVEIS DE RISCO PSICOSSOCIAL

ZAMBERLAN, M.A.T., GROSSI, R., MOURA, C.B., MECHAN, A.C. e ANDRADE, G.A.

O problema de riscos ambientais à criança em processo de desenvolvimento tem recebido grande atenção nas últimas décadas. A presente pesquisa avalia dimensões gerais de ambientes familiares em 75 famílias de baixa renda, habitantes de periferia, em 03 bairros da cidade de Londrina e 75 crianças nas faixas de 2 e meio à 5 anos e meio de idade sendo o foco de análise colocado em várias dimensões do ambiente físico e social: a) condições de moradia: espaços disponíveis, objetos físicos e estimulação social presentes; b) cuidados iniciais à criança em desenvolvimento e mudanças de estimulação ; c) agentes de cuidados: interações com adultos e coetâneos e d) dados demográficos familiares: nível educacional e profissional dos pais, renda familiar, utilidades, bens e gastos familiares; hábitos e organização de práticas de cuidados à criança. Foram utilizados 03 instrumentos de coleta: inventário home (HOME OBSERVATION FOR MEASUREMENT OF THE ENVIRONMENT - Caldwell & Bradley, 1978); entrevista e levantamento sócio-econômico. Os dados obtidos apontam que: 66,67% de casos estão situados em faixas de médio, alto e altíssimo risco ambiental (25,24 e 1 caso, respectivamente) e 33,33% de casos de baixo risco ambiental. As pontuações médias e desvios - padrão no total de itens do home, considerando o sexo, a idade e o nível sócio-econômico, foram: - feminino - 26,57 e 6,57 (N=38); - masculino - 25,62 e 7,51 (N=37); 2 à 3 anos - 26,5 e 5,68; 3 à 4 anos 27,13 e 7,43; 4 à 5 anos 24,92 e 6,97; 5 à 6 anos 25,43 e 7,02; mais de 5 salários - 33,4 e 4,16 e menos de 5 salários 24,2 e 6,6. Tais dados permitem situar níveis de risco psicossocial, bem como promover estratégias de intervenção para crianças cujos ambientes sejam críticos em dimensões de risco.

* Financiamento CPG - UEL

284 LEVANTAMENTO DE ATIVIDADES LÚDICAS REALIZADAS POR CRIANÇAS EM CRECHE. CASTRO, J.E.S; SOUZA, R.M. (Faculdade Paulistana de Ciências e Letras); MAGALHÃES, C.M.C. (Departamento de Psicologia Experimental - IPUSP).

Pesquisadores de diversas áreas tem chamado atenção para a relação do brincar com o desenvolvimento da criança a nível cognitivo, social e emocional pois, conhecendo as brincadeiras estaremos conhecendo melhor as crianças. A presente pesquisa teve por objetivo fazer um levantamento das atividades desenvolvidas por crianças no período de recreação livre no páteo de uma creche. As observações foram feitas em uma creche pública que atendia a uma população de classe média, situada no centro de São Paulo. Os sujeitos foram 22 crianças na faixa etária de 04 a 06 anos . Cada seção de observação durava em média 60 minutos, onde foram registradas as brincadeiras realizadas pelas crianças, que eram completadas posteriormente por meiode entrevistas. Foram registradas um total de 32 brincadeiras. Os dados indicam : 1- as brincadeiras de "trepa-trepa", "pega-pega", e "amarrar sapatos" foram as que envolveram maior número de participantes (20,10 e 7) respectivamente; 2- as brincadeiras "patrulha salvadora", "empurrar pneu" e"brincar no pneu" foram as mais frequentes sendo registradas (6,6 e 5 vezes) respectivamente; 3- as categorias brincadeira motora ampla e brincadeira de faz-de-conta envolveram 53% do total das brincadeiras registradas.

285 | O QUE FAZEM RECREADORAS DE CRECHE DURANTE O SEU DIA DE TRABALHO: UM ESTUDO DESCRITIVO.

NUNES,L.R.P., ARAÚJO,I; PEREIRA,K.; NOGUEIRA,D.; FERNANDES,H. MARTINEZ,G. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estudo sobre creches, especialmente aquelas que atendem população carente, têm mostrado que pouca atenção é dada ao desenvolvimento psicológico e às necessidades educacionais dos usuários. Esta constatação tem profundas implicações, principalmente se considerarmos que uma percentagem grande de crianças pequenas criadas em severas condições de pobreza apresentam alto risco de atraso de desenvolvimento. Os objetivos deste estudo foram registrados e categorizou-se o repertório comportamental das recreadoras de uma creche que atende população de baixa renda. Dez recreadoras, que trabalhavam em 4 salas, participaram como sujeitos. As idades das crianças variavam entre 3 meses e 3 anos. Trezentos e trinta e nove sessões de observação de 15 minutos de duração foram conduzidas por um período de 4 meses e meio. Um sistema de registro contínuo foi utilizado para coletar dados sobre as respostas das recreadoras em diferentes períodos do dia e em diferentes locais. O total de 17.556 respostas foi classificado em 11 categorias. A percentagem média de acordo nas categorizações foi de 86% (62% - 100%). Os dados mostraram que as respostas das recreadoras foram distribuídas da seguinte forma: 29% na preparação das crianças e de materiais para futuras atividades; 24% na provisão de cuidados físicos às crianças (alimentação, treinamento de toilete, banho, troca, remédio e sono); 12% na interação com adultos; 11% no controle do comportamento das crianças; 6% na interação com uma só criança por vez; 4% em jogos livres com as crianças; 3% no desempenho de tarefas administrativas, 2% na supervisão das crianças, 2% no desempenho de atividades pessoais; 1% no ensino de tarefas acadêmicas às crianças e 6% em outras atividadeas não específicas. Os dados coletados serviram para promover um treinamento em serviço para as recreadoras da creche.

(Pesquisa financiada pelo CNPq, SESP e UFRJ)

286

ASPECTOS DA PRÁTICA PROFISSIONAL DE RECREADORAS DE CRECHE: UMA ANÁLISE DO RELATO VERBAL

NUNES,L.R., MARTINS,L.,GUIMARÃES,D. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Um estudo completo sobre as condições em que são educadas crianças carentes em creche deve incluir a percepção que os recreadores têm de sua prática profissional e das funções da creche.Este foi o objetivo deste trabalho conduzido através da análise do relato verbal de 5 recreadores de creche acerca destas questões.Onze entrevistas semi-planificadas foram conduzidas individualmente com os sujeitos.As entrevistas eram gravadas em audio-tape,transcritas verbatim e o texto era posteriormente submetido ao entrevistador que poderia complementar informações ou clarificar pontos que o entrevistador julgasse obscuros.As sessões tinham duração média de 1 hora. A análise dos relatos foi feita da seguinte forma: após a leitura cuidadosa do texto de cada uma,o mesmo era dividido em trechos.Cada trecho versava sobre um mesmo tema.Identificavam-se,então,os conteúdos de cada um destes trechos, e comparavam-se os conteúdos obtidos dos diversos sujeitos. Os dados mostram que: a) a entrada na instituição mantenedora da creche ocorria principalmente por indicação de parentes ou amigos;b) o tempo de treinamento variou entre 1 mês e 1 ano;c) a função principal da creche é a de prover alimentação, cuidado físico, formação de hábito e recreação às crianças;d) a função propriamente educativa da creche é atribuída somente para as crianças mais velhas(5-6 anos);e) ainda que os sujeitos identificassem tais atribuições da creche eles concordaram em que as tarefas propriamente educativas não são efetivamente implementadas;f) os pontos negativos da creche identificados foram: treinamento desvinculado das reais condições de trabalho;jornada longa de trabalho, carência de espaço físico e material, falta de apoio pedagógico;g)o atendimento de crianças especiais deve ser realizado exclusivamente por profissionais habilitados.

287 | CARACTERÍSTICAS DAS INTERAÇÕES RECREADORA-CRIANÇA EM UMA CRECHE PARA POPULAÇÃO CARENTE: UM ESTUDO DESCRITIVO.

NUNES,L.R.P.; ARAÚJO,I, PEREIRA,K.; NOGUEIRA,D.; FERNANDES,H. MARTINEZ,G. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estudo sobre creches que atendem população carente têm mostrado que os episódios de interação da recreadora com a criança são, em geral, pouco freqüentes, rápidos e exigindo apenas resposta não verbal da criança. Esta situação é particularmente séria se considerarmos que neste período evolutivo o intercâmbio verbal da criança com o adulto é fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral. O objetivo deste estudo foi o de analisar as interações de dez recreadoras de creche com crianças carentes de 0 a 3 anos sob sua guarda. Cento e setenta e oito sessões de observação de 15 minutos de duração foram conduzidas um período de 4 meses e meio. Um sistema de registro contínuo foi utilizado para coletar dados sobre as respostas das recreadoras e das crianças em diferentes períodos do dia e em diferentes locais da creche. A percentagem média de acordo nas categorizações das interações foi de 91 % (25 - 100%). Os dados mostraram que 98% dos episódios interativos foram efetivados, ou seja, houve resposta do interlocutor, 88% das iniciativas de interação foram feitas pelas recreadoras; 54% das interações eram iniciadas através de um comportamento verbal; 36% de comportamento não-verbal e 10% de comportamento misto (verbal e não verbal). As respostas às iniciativas de interação foram assim classificadas. 12% verbais, 05% não-verbais e 3% mistas. Quanto à extensão dos elos prevaleceram os episódios interativos de um só elo (iniciativa de resposta) com 74% do total; 17% dos episódios tiveram dois elos e 9% tiveram três ou mais elos. Os temas a que se referiam tais episódios interativos foram assim distribuídos: 29% de Hábito Social; 26% de Hábito Pessoal de Higiene; 19% de Hábito Pessoal de Alimentação; 11% de Interação Social; 10% de Atividades lúdicas; 1,3% de Atividades Pedagógicas; 1,3% de Hábitos Pessoais de Saúde; e 2% de atividades não específicas.

(Pesquisa financiada pelo CNPq, SESPE e UFRJ)

288

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS INTERAÇÕES "FACE A FACE" E "MÃE-OBJETO-BEBÊ". Souza, M. de; Cabral, E. A.; Pantoja, A. P. F.; Moutinho, A K.; Vieira, A. E. C.; Martins, R. I.; Lyra, M. C. D. P de. - Laboratório de Comunicação e Linguagem na Primeira Infância, Departamento de Psicologia da UFPE

As interações mãe-bebê, no início da vida, podem ser caracterizadas como aquelas que se realizam "face a face" e aquelas nas quais o objeto medeia as trocas diádicas (Schaffer,1984, Lyra & Rossetti-Ferreira, no prelo). A passagem destas interações "face a face" àquelas dirigidas ao ambiente que circunda o bebê, onde está incluído o objeto, foi explorado por Fogel (no prelo). Todavia, este autor não aborda a atividade partilhada construída na sua interdependência entre produto e processo. No presente estudo, investiga-se longitudinalmente duas díades mãe-bebê registradas semanalmente em vídeo cassete, em situação natural, durante 30/40 min., nos primeiros meses de vida do bebê. Os resultados sugerem um padrão comum de desenvolvimento, à medida em que as interações "face a face" emergem em uma fase ligeiramente anterior àquelas "mãe-objeto-bebê", em ambas as díades. Por outro lado, destacam-se características diversas, entre as díades, acerca do investimento temporal nas interações "face a face" e "mãe-objeto-bebê". Observa-se, também, diferenças diádicas relativas à forma dialógica aplicada à produção vocal nesses dois tipos de interação. Sugere-se que a diferenciação das interações "face a face" e "mãe-objeto-bebê" apresenta aspectos comuns e específicos a cada díade.

Trabalho financiado pelo CNPq/FACEPE

289

AS FORMAS DIALÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DA PRODUÇÃO VOCAL NAS INTERAÇÕES "FACE A FACE".

Cabral, E. A.; Pantoja, A. P. F.; Souza, M. de; Moutinho, A. K., Vieira, A. E. C., Martins, R. L., Lyra, M. C. D. P. de. - Laboratório de Comunicação e Linguagem na Primeira Infância. Departamento de Psicologia da UFPE.

Nas interações "face a face" são construídos e transformados padrões de comunicação significativos, destacando-se a produção vocal como elemento constitutivo das trocas entre os parceiros no início da vida do bebê (Schaffer,1984). Estudos sugerem que é possível detectar modificações na qualidade desta produção nos primeiros meses de vida do bebê, em função do ambiente linguístico em que são criados e das características da interação com o parceiro adulto (Boysson-Bardies e outros 1984; Thevelin e outros,1985; Bates e outros,1987; Bloom,1987; e Bloom e outros,1986). No entanto, nestes estudos, estas modificações não são concebidas como aspectos de uma mediação construída que emerge na e através da interação social ao longo do tempo (Lyra,1990). O presente trabalho explora as características diversas das formas dialógicas aplicadas à produção vocal do bebê nas interações "face a face". Três díades mãe-bebê foram registradas semanalmente em vídeo cassete durante os primeiros meses de vida do bebê. Cada registro foi efetuado durante 30/40 min., em situação natural na casa da díade. Observa-se uma preferência comum às três díades em utilizar os "sons semelhantes a vogais" nas interações "face a face", quando comparadas às "não face a face". Esta atividade partilhada parece ser construída através de formas dialógicas diferentes. Discute-se esta característica idiossincrática como sugerindo a plasticidade constitutiva do processo de interação social.

Trabalho financiado pelo CNPq/FACEPE

290

AS FORMAS DIALÓGICAS NAS INTERAÇÕES "MÃE-OBJETO-BEBÊ". Pantoja, A. P. F.; Cabral, E. A.; Souza, M. do; Vieira, A. E. C.; Moutinho, A. K.; Martins, R. L.; Lyra, M. C. D. P. de - Laboratório de Comunicação e Linguagem na Primeira Infância, Departamento de Psicologia da UFPE.

É reconhecido na literatura que as interações mãe bebê mediadas pelo objeto caracterizam-se como formas de interação diversas daquelas "face a face" (Brazelton et al., 1974; Trevarthen, 1979; Schaffer, 1984). Entretanto, em geral, estes estudos não exploram a característica interdependente e mutuamente construída dessas interações e dos parceiros. Explorando a produção vocal do bebê nas interações mediadas pelo objeto, estudos realizados pelo Laboratório de Comunicação e Linguagem na Primeira Infância (Lyra, Pantoja & Cabral, 1991; Lyra, Cabral & Pantoja, 1991) encontraram nessas interações um uso equivalente dos "sons semelhantes a vogais" e "outros sons", diferentemente das interações "face a face" (Lyra, 1989, 1990; Lyra, Galindo & Cipriano, 1990). As interações "mãe-objeto-bebê" caracterizam-se, ainda, por um tipo de recorte complementar às atividades relacionadas ao objeto. O presente estudo explora as interações "mãe-objeto-bebê" em duas díades mãe-bebê registradas semanalmente em vídeo cassete, durante os primeiros meses da vida do bebê. Cada registro foi efetuado durante 30/40 min., em situação natural na casa da díade. Os resultados sugerem que a forma dialógica complementar que predomina nessas interações parece aplicar-se a diferentes recortes. À medida em que estrutura e constrói a atividade motora relacionada ao objeto como elemento partilhado.

Trabalho financiado pelo CNPq/FACEPE

IDENTIFICAÇÃO DE PARCEIROS PREFERENCIAIS EM CONTEXTOS DE RECREAÇÃO LIVRE

FALCÃO, M. T.; PEDROSA, M. I. – Universidade Federal de Pernambuco.

Alguns estudos têm usado entrevistas ou testes sociométricos com crianças para identificação de parceiros preferenciais ou neutros. Estes procedimentos são criticados porque parecem exprimir sobretudo as expectativas das crianças com relação a seus parceiros ou parecem indicar aquelas que se sobressaem no grupo (Hinde et alii, 1985; Carvalho et alii, 1994; Werebe & Baudonnière, 1988).

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir um procedimento para identificação de parcerias preferenciais e neutras a partir da observação direta do comportamento, elaborando-se um índice de oportunidade e um índice de aproveitamento.

O primeiro corresponde ao tempo disponível de cada criança do grupo para interagir com a outra que está sendo focalizada. Estes registros são tomados a partir de diversos arranjos interativos.

O índice de aproveitamento corresponde à duração das atividades realizadas explicitamente com a criança focal relativizada ao índice de oportunidade.

Este procedimento foi testado a partir de um conjunto de três sessões de observação vídeo-registradas, com duração média de 36 minutos, realizadas em crianças de 2-3 anos, em situação de recreação livre, numa creche da cidade de São Paulo. O grupo observado era composto de 14 crianças, de ambos os sexos, provenientes de famílias de baixa-renda.

Os resultados obtidos permitem: 1) discutir a relevância do conceito de "arranjo interativo" para identificação dessas parcerias, em registros de situação natural; 2) ressaltar a adequação deste procedimento que difere de outros que também se apóiam na observação direta do comportamento mas utilizam critérios descritivos da própria relação preferencial ou neutra.

FACEPE/CNPq

A BRINCADEIRA DE "FAZ DE CONTA" ENTRE PARCEIROS PREFERENCIAIS E ENTRE PARCEIROS NEUTROS

FALCÃO, M. T., PEDROSA, M. I. - Universidade Federal de Pernambuco.

O estudo das interações que ocorrem entre parceiros preferenciais, privilegiados e/ou amigos tem demonstrado a existência de características específicas dessas interações comparadas às que ocorrem entre parceiros familiares, desconhecidos e não preferenciais (Werebe e Baudonnière, 1988; Howes, 1983; Carvalho, 1991).

O objetivo deste trabalho é analisar a brincadeira de "faz de conta" que ocorre entre parceiros preferenciais e neutros, em crianças de 2-3 anos. A brincadeira de "faz de conta", além de ser freqüente entre crianças nesta faixa etária, é um tipo de atividade que requer uma construção compartilhada de significados podendo propiciar diferenciações nas relações de parceiros.

A identificação de parceiros preferenciais e neutros seguiu o procedimento já descrito em trabalho anterior (Falcão e Pedrosa, 1992).

A partir do acervo do Laboratório de Interação Social Humana (LABINT), constituído de vídeo-gravações semanais de um grupo de crianças em situação de recreação livre, foram selecionadas doze sessões para a realização deste trabalho. Estas são as últimas sessões dos registros de 01(um) ano de coleta. O grupo era composto por quinze crianças, de ambos os sexos, provenientes de famílias de baixa renda.

Os resultados demonstram maior ocorrência de brincadeira de "faz de conta" entre parceiros preferenciais. São discutidos aspectos qualitativos que diferenciam o "faz de conta" de um e outro tipo de parceria.

FACEPE/CNPq

293 RELAÇÃO ATENDENTE-MÃE NO DECORRER DO PRIMEIRO CONTATO COMO O BEBÊ: CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE UM TIPO DE INTERAÇÃO. GASPARETTO, S.; VIEIRA, M.L.; MORO, C. e CARVALHO, A.M.A. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (SP).

Um dos primeiros contatos que a mãe tem logo após o parto é com a atendente, que lhe entrega o bebê para a primeira mamada. O objetivo do presente estudo foi o de investigar, através de entrevistas semi-abertas e observações, como ocorre a interação mãe-atendente em duas instituições: uma maternidade pública (MPub) e uma maternidade particular (MPart). Participaram do estudo cinco mães com seus respectivos bebês e cinco atendentes, em cada instituição. Através da análise dos resultados constatá-se que: a) para o grupo MPart, os contatos da atendente eram raros; além disso, a diferença sócio-econômica entre elas parece inibir a iniciativa da atendente para ajudar a mãe; b) no grupo MPub poderíamos dizer que a atendente desconsidera a mãe como um todo, não havendo uma compreensão do estado psicológico e fisiológico da mãe; c) verificou-se ainda, que não existe treinamento formal das atendentes para trabalhar com as mães, nas duas instituições. Portanto, pelos resultados do presente estudo, constata-se que a interação mãe-atendente mostrou-se inadequada em termos qualitativos. A fim de favorecer e promover uma relação adequada entre as pessoas que interagem com a mãe e o seu bebê, deve-se desenvolver programas de educação eficientes com essas pessoas, que são os seus familiares e os profissionais de saúde.

Apoio financeiro: CAPES E CNPq

294

AS CONCEPÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE O BRINCAR. DAUDT, P., SPERB, T.M., GOMES, W. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

O brincar é reconhecido amplamente como uma atividade importante para o desenvolvimento infantil. É conceituado como intrinsicamente motivado, não-literal, livre de regras públicas, envolvendo atenção aos meios ao invés dos fins e supondo um engajamento ativo. O objetivo do estudo é rever a conceituação de brinquedo desde a perspectiva da criança, para compreender, principalmente, a distinção que ela faz entre meios e fins. Entrevistou-se 18 crianças, entre 5-6 anos, de ambos os sexos, provenientes de duas escolas particulares de Porto Alegre. As crianças foram entrevistadas na escola, logo após uma atividade de brincadeira. A entrevista incluia os seguintes itens: o que fazia, como fazia, porque, o que a professora queria quando pediu para brincar e o que é brincar. As respostas gravadas e transcritas na íntegra, foram categorizadas e interpretadas através de três passos sistêmicos e sistemáticos: definição da unidade temática, agrupamento dos temas em categorias e o entendimento da questão na perspectiva da criança. As crianças descreveram o brincar como uma atividade que pode estar associada 1) a presença de outras pessoas, 2) a um fim e 3) que pode ser definida por um termo geral. Os descritores apresentaram-se de forma não excludente, ora enfatizando uma forma ora outra, ou mesmo incluindo em uma única resposta todas as formas de definição . As respostas, no entanto, associaram consistentemente o brinquedo à satisfação e à diversão. Por fim, o estudo concluiu que as crianças, em suas descrições sobre o brinquedo, privilegiaram os meios, confirmando a noção de que no brincar o processo é mais importante que o produto. (CNPq)

295 O POSSÍVEL E O NECESSÁRIO NO JOGO DA SENHA DE CRIANÇAS

ORTEGA, A. C., ALVES, R. M., ROSSETTI, C. B. Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.

O presente trabalho tem por objetivo investigar, num contexto evolutivo, a construção do possível e do necessário em crianças, através da análise de aspectos quantitativos e qualitativos do jogo da senha. Foram utilizados como sujeitos 50 crianças que cursavam da pré-escola à 4ª série do 1º grau (com idade média variando entre 6 e 10 anos, aproximadamente), em uma escola particular na cidade de Vitória-ES. Foi utilizada uma adaptação do Jogo da Senha (Grow), proposta por Macedo (1991), com base em Piaget e colaboradores (1983), contendo duas situações experimentais: uma com três e outra com quatro sinais. Em relação à cada situação experimental (caracterizadas por cinco partidas) foram analisados : (a) o número médio de jogadas necessárias para cada sujeito descobrir o arranjo efetuado pelo experimentador, (b) o número médio de erros cometidos nestas jogadas. Inicialmente, formulou-se a seguinte hipótese: à medida que a idade média dos sujeitos de cada série aumenta, o número médio de jogadas tende a diminuir e o número médio de erros cometidos tende a desaparecer. Os resultados permitiram verificar a validade da referida hipótese em relação às duas situações experimentais. Este fato pode ser explicado com base na proposição de Piaget, pela construção gradativa do possível e do necessário (através de três níveis evolutivos: indiferenciação, diferenciação e integração), que possibilita a construção das estruturas operatórias e do real, fundamentais no estudo do desenvolvimento cognitivo da criança.

296

A OPINIÃO DE CRIANÇAS QUANTO À INFLUÊNCIA DA ESTEREOTIPIA SEXUAL NOS BRINQUEDOS

BONAMIGO, L. R., LHULLIER, C., THUM, R., KOLLER, S.
Departamento de Psicologia, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Considerando que diversas pesquisas têm mostrado que meninos e meninas brincam com brinquedos estereotipados sexualmente para o seu sexo e acreditando que muitos dos aspectos tradicionais destes estereótipos sexuais podem ser prejudiciais para o desenvolvimento dessas crianças, o objetivo deste estudo foi verificar a influência dos estereótipos sexuais nos brinquedos, com relação à preferência das crianças por determinados brinquedos e à permissão que elas concediam ou não para uma outra criança brincar com um brinquedo estereotipado sexualmente para o sexo oposto ao dela. Para tanto, foram entrevistadas 14 meninas e 14 meninos, de nível sócio-econômico alto, com idade variando entre 9 e 10 anos. Utilizou-se uma entrevista semi-estruturada, oral e individual. Os dados obtidos foram analisados através do método de análise de conteúdo e demonstraram diferenças sexuais entre as crianças na preferência de brinquedos, seguindo os padrões tradicionais. Em geral, as crianças brincavam com brinquedos estereotipados sexualmente para o seu sexo ou com brinquedos neutros. Algumas meninas brincavam com brinquedos tipificados masculinos, mas nenhum menino brincava com brinquedos tipificados femininos. Com relação à permissão para uma criança brincar com um brinquedo estereotipado sexualmente para o sexo oposto ao dela, não obteve-se diferenças importantes, nem com relação ao sexo do sujeito, nem com relação ao sexo da criança para a qual se concedeu ou não a permissão. Os resultados são discutidos com base na necessidade de se distanciar dos estereótipos sexuais para que a criança tenha mais liberdade na escolha dos seus brinquedos e possa, assim, aproveitar melhor o que a brincadeira pode lhe oferecer.

297

A INFLUÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS SEXUAIS NO PROJETO DE VIDA DE PRÉ-ADOLESCENTES DE NÍVEIS SÓCIO-ECONÔMICOS ALTO E BAIXO

BONAMIGO, L.R., ROSA, F.H., SZYNWELSKI, C., PROSDOCIMI, R., LHULLIER, C., KOLLER, S.H. Departamento de Psicologia, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Vários fatores influenciam a elaboração de um projeto de vida de pré-adolescentes; entre eles, os papéis sexuais que estes pré-adolescentes irão assumir em sua vida adulta. Sabendo que a nossa cultura está impregnada de estereótipos sexuais, buscamos investigar a influência desta estereotipia no projeto de vida de 62 estudantes, entre 10 e 11 anos de idade, de níveis sócio-econômicos alto e baixo. Para tanto, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, oral e individual. Os dados obtidos foram submetidos a uma análise de conteúdo, que nos permite dizer que os sujeitos do nível sócio-econômico alto apresentaram mais freqüentemente um projeto de vida estereotipado do que os sujeitos de nível sócio-econômico baixo. Podemos afirmar também que, independente do nível sócio-econômico, os meninos foram mais estereotipados do que as meninas e que os sujeitos do nível sócio-econômico alto, em comparação com os sujeitos de nível sócio-econômico baixo, foram mais contraditórios nas suas respostas, ora apresentando respostas estereotipadas, ora não. Os resultados são discutidos à luz da necessidade de um distanciamento da estereotipia sexual, em busca de uma sociedade construída por indivíduos andróginos, preocupados com o seu próprio desenvolvimento psicológico, e não com a manutenção de padrões estereotipados que tolhem sua criatividade e evolução.

298 | O PAPEL DO PSICÓLOGO NA EQUIPE INTERDISCIPLINAR DE DE UM SERVIÇO DE ACONSELHAMENTO GENÉTICO (SAG) : CONCEPÇÕES E EXPECTATIVAS DOS USUÁRIOS

TRINDADE,Z.A. & MENANDRO,M.C.S. - Departamento de Psicologia Universidade Federal do Espírito Santo

As concepções e expectativas de usuários sobre a atuação do psicólogo em SAGs podem revelar indicações importantes para o aprimoramento de propostas de intervenção neste setor onde ainda estão em estudo modelos eficientes de atuação. Cem usuários do SAG-UFES, durante entrevista, responderam questões sobre o conhecimento da profissão de psicólogo e sobre quais deveriam ser suas atividades no SAG. As respostas foram analisadas considerando: a)o tipo de ação que o psicólogo realiza; b)quem seria o alvo de sua ação; c)quais as finalidades da sua atuação no SAG. Quase todos os Ss (91%) disseram saber o que é um psicólogo e,desses, 91% entendem que sua presença é necessária no SAG. Dos 85 Ss que mencionaram a finalidade da ação do psicólogo: 35% falaram de fins relacionados ao problema genético e contexto familiar em que ele ocorre (preparar para a informação, contribuir para aceitação do problema, auxiliar na tomada de decisão reprodutiva, evitar problemas conjugais/familiares, ensinar a lidar com o problema); 31% falaram de objetivos pouco específicos (conversar, esclarecer, orientar); 21% falaram de apoio ou alívio pessoal na forma clínica tradicional. As respostas sobre o tipo de ação do psicólogo foram distribuídas em 4 categorias: apoiar, aliviar - 47%; orientar, solucionar - 38%; conversar, acompanhar - 25%; esclarecer, explicar - 21%. Dos 15 Ss que explicitaram o alvo da ação (isto não foi perguntado diretamente) 73% apontaram o casal ou a família. Os dados revelaram que a expectativa de 35% dos Ss quanto à atuação do psicólogo no SAG, apesar da difusão estereotipada deste profissional como clínico que lida com problemas emocionais pessoais, é de uma atuação direcionada ao problema genético diagnosticado e seus reflexos familiares e conjugais. Isto sugere a importância de uma abordagem psicossocial na atuação em SAGs.

299 TERAPIA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: A AVALIAÇÃO DOS SUJEITOS E DOS PAIS.

BRANDÃO,R.P.*, CELANTE,F.V.*, CUNHA,E.S.*, FIGUEIREDO,V.E.G.*, JESUS,S.F.*, ROSA,E.M.*, SANTOS,E.K.P.* e TRINDADE,Z.A. - Un.Federal do Espírito Santo.

A multiplicidade de abordagens teóricas da Psicologia implica em diferentes concepções do que pode ser considerado como uma terapia bem sucedida. Independente da abordagem porém, os autores se referem sempre a alguma transformação visível quando avaliam a eficácia de um processo terapêutico. Considerando-se que crianças e adolescentes (sujeitos) normalmente são levados à terapia pelos pais, nosso objetivo foi verificar que motivos indicam para pais e sujeitos a necessidade de terapia e que transformações são apontadas em sua avaliação da terapia. Foram entrevistados 16 sujeitos que fizeram pelo menos 6 meses de terapia, com idade entre 9 e 17 anos, 16 mães e 9 pais. Os dados mostraram a existência de discordâncias: enquanto com relação aos motivos e às mudanças pais e sujeitos indicaram mais as categorias Problemas de Relacionamento (55,6% e 31,2%) e Mudanças no Relacionamento (66,7% e 37,5%), as mães se referiram mais a Problemas Psicológicos (43,8%) e Mudanças Psicológicas (62,5%). Apenas 37,5% das mães acreditam que o problema que motivou o encaminhamento à terapia foi resolvido, contra 44,4% dos pais e 68,8% dos sujeitos. Isto indica que parte dos sujeitos não sabe ou tem uma idéia errônea dos motivos do encaminhamento, o que pode dificultar o processo de auto-avaliação bem como a avaliação do processo terapêutico. As discordâncias entre pais e mães podem apontar ainda para a existência de dificuldades dos casais para lidar com este tipo de questão.

* Estudantes de graduação em Psicologia.

300

NÚMERO DE IRMÃOS E PERCEPÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES. BIANCHI, A.; ARAÚJO, L.; GOMES, W. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

Este estudo investiga o impacto do número de filhos de uma família na percepção do todo familiar, para 4 dimensões da comunicação interpessoal: expressão afetiva, compreensão empática, incondicionalidade da relação e autenticidade comunicativa. Foram sujeitos, 201 estudantes de 2º grau, de escolas particulares e ambos os sexos com idades entre 14 e 18 anos. Os sujeitos eram oriundos de famílias de um, dois ou três filhos, que moravam com ambos os pais. O instrumento utilizado foi o Inventário de Relacionamento de Barrett-Lennard, Forma MF-42, subdividido em 4 escalas, uma para cada dimensão relacional investigada. Uma análise de variância seguida do teste de segmento de Tukey indicou que há diferença entre os sujeitos oriundos de famílias de um e três filhos a um nível de significância de 0,05 nas escalas de consideração positiva e congruência, e entre os sujeitos oriundos de famílias de um e dois filhos nas escalas de empatia e congruência. Podemos concluir que adolescentes oriundos de famílias com diferentes números de filhos percebem a expressão afetiva, a compreensão empática e a autenticidade das suas relações interpessoais dentro de sua família de forma diversa. (CNPq/FAPERGS)

301 INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

COUTINHO, S.M.G., ZANNON, C.M.L.C., ESCARLATE, L.B., LIMA, D.M. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Tem sido apontada a relevância da interação criança-criança como oportunidade privilegiada para o desenvolvimento de papéis durante o processo de socialização. Os estudos mais recentes salientam o controle comportamental exercido pelas próprias crianças e o papel mediador de adultos nesse processo. No caso da criança hospitalizada, o processo de socialização inclui um contexto sócio-institucional, no qual a criança deve aprender a lidar com restrições comportamentais e sociais impostas pela doença e pelo ambiente hospitalar. Nesse contexto, ao conjunto de papéis sociais da criança, somam-se os de criança doente e hospitalizada. O presente trabalho consiste na apresentação de técnicas comportamentais desenvolvidas em atividades lúdicas com crianças hospitalizadas em situação de grupo (Grupo de Crianças). O objetivo do Grupo é oferecer às crianças um ambiente de oportunidades ao enfrentamento da doença e da hospitalização, ao desenvolvimento do comportamento pró-social, e ao exercício de papéis sociais próprios da vida na infância. As técnicas incluem arranjos de ambiente físico, material lúdico, composição social do grupo e participação de um agente social adulto. Pretende-se que a escolha de atividades e de material e que as intervenções do adulto sejam voltadas ao favorecimento das interações criança- criança; e controladas pelos comportamentos e pelos contextos individuais da experiência de hospitalização das crianças. A análise de 36 sessões realizadas permite a descrição de tipos de atividades realizadas (simulação e combinação de atividades de vida diária e de atividades hospitalares) composição dos agrupamentos sociais formados (co-etâneos, entre pares e adulto-crianças); estrutura flexível das sessões (escolha de atividades, engajamento das crianças, desenvolvimento de atividades; encerramento); técnicas utilizadas (consequenciação de comportamentos; introdução de brinquedos; oportunidades à escolha das crianças); padrões de interação entre as crianças (brincar juntos na mesma ou em atividades diferentes; comportamento pró-social; competição, liderança e resolução de conflitos). São analisados episódios ilustrativos para demonstrar as técnicas utilizadas e as interações observadas.

302 ESTRATÉGIAS DE ELABORAÇÃO DE MANUAIS EDUCATIVOS EM UNIDADE PEDIÁTRICA

ZANNON, C.M.L.C., COUTINHO, S.M.G., DIAS, D. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.

O objetivo deste trabalho é apresentar o processo de elaboração de uma série de manuais educativos na unidade de pediatria clínica do Hospital Universitário de Brasília (HUB). Este trabalho apresenta os procedimentos utilizados na preparação do primeiro volume dos manuais, relativo à hospitalização de crianças com febre reumática, que consta de uma história contada em texto e em quadrinhos. O manual é organizado em módulos, a serem introduzidos para a criança e seu acompanhante, de acordo com características individuais comportamentais de cada caso, no contexto dos períodos e episódios específicos da hospitalização. Tal estrutura de organização permite a modulação constante de sua utilização, tanto com as crianças e seus acompanhantes quanto com os profissionais. Na elaboração do manual foi estimulado o interesse e a participação de crianças, acompanhantes e profissionais. Era explicado o projeto de elaboração dos manuais e solicitada sua colaboração. Os familiares eram solicitados a sugerir temas e situações relevantes ao processo educativo no atendimento, tanto no que se refere à aprendizagem de outros familiares e das crianças, quanto à aprendizagem dos profissionais. As crianças eram informadas sobre o conteúdo geral dos manuais e sobre os objetivos de sua utilização; eram instigadas ao relato verbal acerca de temas sobre os quais gostariam de conversar com seus familiares, com outras crianças e com os profissionais. Eram utilizados desenhos que poderiam compor história em quadrinhos e trechos inventados da experiência de uma criança doente que chega ao hospital. Os profissionais forneceram informações sobre seus procedimentos e reações frente à hospitalização de crianças, ao diagnóstico e tratamento de doenças; comentaram e colaboraram na revisão da história e dos desenhos. O procedimento utilizado na coleta de informações para compor o manual favoreceu uma intervenção contingencial sobre a elaboração do material educativo e sobre o próprio atendimento, além de permitir participação interdisciplinar no processo. Os intercâmbios verbais forneceram subsídios à elaboração do manual a partir de experiências individuais e de realidades subjetivas. Ressalta-se que a inserção da criança e de seus familiares no desenvolvimento dos manuais, traz uma perspectiva de mudança no processo de socialização na instituição de saúde, centrada no comportamento dos usuários do serviço, dentro de uma visão interacionista.

303

COMPARAÇÃO DE DOIS INSTRUMENTOS REDUZIDOS COM AS ESCALAS BAYLEY NA AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR INFANTIL EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE.

ROSALINA C. SILVA; EDNA A. CURSINO*; LUCIANA BUENO DA SELVA DIAS*, GERSON MUCCILLO.

Este trabalho foi desenvolvido junto ao Centro de Saúde Escola da F.M. R.P. USP, com 68 crianças de 0 - 30 meses. O objetivo principal foi o de verificar a viabilidade da implantação de um sistema de acompanhamento do desenvolvimento psicomotor infantil, em Unidades Básicas de Saúde (UBS), que incorpore um instrumento reduzido e eficaz , para este fim. Para elegermos este instrumento comparamos os resultados obtidos em dois instrumentos reduzidos : Escala de Desenvolvimento Heloisa Marinho (HM) e Escala de Avaliação do Desenvolvimento Psicomotor - 24 meses (EEDP) com um instrumento reconhecido internacionalmente: as Escalas Bayley do Desenvolvimento Infantil (Bayley). Os resultados obtidos com os 3 instrumentos foram comparados: 1) Através do Teste de Friedman e Comparações Múltiplas. Esta análise mostrou que HM é diferente das Escalas Mental e Motora da Bayley, enquanto a EEDP é semelhante à Motora. 2)* Em termos de média (X) e desvio-padrão (d.p.), a EEDP apresentou a maior frequência de resultados concordantes em relação à Bayley, seja pelo critério de rigor total, 44% em relação a Escala Mental e 51% em relação à Motora,quanto pelo critério de amplitude $\pm$ 1, com 78% e 94%, respectivamente, em relação às Escalas Mental e Motora. Enquanto a maior frequência de resultados na EEDP (69%), Mental (46%) e Motora (47%) da Bayley está localizada na média, na HM 23,6% dos resultados localizam-se em termos de + 3 d.p. 3) A análise qualitativa dos dados, mostra uma superioridade da EEDP em relação à HM, seja . pela sua semelhanciaridade com as Escalas Bayley, como pela facilidade de aplicação e menor tempo para execução da mesma. A adoção de um instrumento como a EEDP, pelos serviços de saúde, pode tornar possível o acompanhamento global do desenvolvimento em crianças atendidas nas UBS. Ou seja, mostra-se um instrumento, que pode ser incorporado à rotina das instituições de saúde, facilitando o trabalho interdisciplinar.

*Bolsista de Aperfeiçoamento do CNPq.

304 EFEITO ANSIOLÍTICO E AMNÉSICO DA IPSAPIRONA EM RATOS SUBMETIDOS AO LABIRINTO EM T ELEVADO - UM NOVO MODELO DE ANSIEDADE E MEMÓRIA.

Mora, P.O.; Graeff, F.G. e Viana, M.B. Laboratório de Psicobiologia, FFCLRP-USP, Ribeirao Preto, SP.

O estudo de modelos animais na pesquisa da ansiedade tem contribuído para o conhecimento das estruturas neurais envolvidas na ansiedade, tornando-se importante a validação de novos modelos animais, que possam representar os diferentes tipos de ansiedades encontrados na clínica.

Neste trabalho, quatro grupos de ratos foram colocados num labirinto em T, constituído de um braço fechado em ângulo reto com dois braços abertos, elevados 50 cm sobre o solo. Os animais foram aleatoriamente, submetidos aos testes da esquiva inibitória e da fuga do braço aberto, trinta minutos após a administração i.p. de salina (1ml/kg) ou ipsapirona nas doses de 0.5 mg/kg, 1.0 mg/kg e 2.0 mg/kg. Quarenta e oito horas depois, os animais foram novamente testados para avaliação do efeito da droga sobre a memória.

Os resultados mostraram que para as doses de 1.0 mg/kg e 2.0 mg/kg, a ipsapirona causou efeito ansiolítico na esquiva inibitória, mas nao causou efeito no comportamento de fuga do braço aberto. Nos resultados do teste feito quarenta e oito depois, somente a dose de 2.0 mg/kg causou efeito amnésico.

Estes resultados sugerem que este modelo detecta efeitos ansiolíticos e amnésicos da administração aguda de um ansiolítico não benzodiazepínico.

Apoio Financeiro: FAPESP e CNPq
P.O.M. e G.F.G.: Bolsistas CNPq
M.B.V.: Bolsista CAPES

305 EFEITOS DE BENZODIAZEPÍNICO MIDAZOLAM NO DESEMPENHO DE RATOS EM ESQUIVA SINALIZADA

DA SILVA, S. L., TODOROV, J. C. e CAMESCHI, C. E. Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF.

O presente trabalho procurou determinar os efeitos da administração do midazolam (MDZ) (1.0, 2.0 e 3.0 mg/Kg), por via intraperitonal, no desempenho em esquiva sinalizada. Após modelagem da resposta de pressão à barra, os sujeitos foram expostos a uma contingência de esquiva sinalizada: durante 20 s vigorava o período seguro (PS), onde a câmara permanecia escura, ao qual seguia-se o período de aviso (PA), onde durante 10 s uma combinação de luz e som anunciava a ocorrência de um choque de 1mA por 0,5s. Uma resposta durante o PS reiniciava este período, enquanto no PA vigorava uma contingência de Razão Fixa 3, que tinha como consequência a eliminação dos sinais (luz/som) e evitavação do choque, retornando as condições do PS. Foram realizadas 15 sessões de treino de 60 minutos cada, que se seguiram em sessões diárias até o fim do experimento. A fim de controlar efeitos de tolerância à droga, a injeção da mesma foi intercalada por um período de uma semana para cada dose. As sessões-controle foram a média das duas últimas anteriores à sessão teste, que ocorria 20 minutos após a injeção da droga. Os dados demonstram um efeito significativo de diminuição das taxas de respostas na dose elevada de 3mg/Kg, enquanto que as doses 1 e 2 mg/Kg não mostraram efeitos significativamebte diferente ao controle.

306

EFEITOS AVERSIVOS DO LITIO EM RATOS E DESMOTIVAÇÃO: INVERSÃO DAS PREFERENCIAS NATURAIS DE LUGAR E DE GOSTO E ANEDONIA. STILCK, S.R.d.N. Pós-Graduanda a nível de Mestrado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO: O objetivo desse experimento é demonstrar que o Litio, através de seus efeitos colaterais, pode alterar as preferências naturais de lugar e de gosto, e induzir um posterior estado de apatia, onde respostas de locomoção, beber e até mesmo a busca de reforçadores (por ex. a sacarose) apresentam-se muito prejudicadas. Nessas condições o animal mimetiza um estado depressivo caracterizado por esta anedonia gradualmente desenvolvida. SUJEITOS E METODOS: 30 Rattus norvegicus machos, com idade aproximada de 2 meses no início do experimento: Fase 1: levantamento da preferência natural de líquidos (água x sacarose), realizado nas gaiolas durante 5 dias; Fase 2: levantamento da preferência natural de lados-Shuttle box, durante 3 dias; Fase 3: a) Pareamentos do lado preferido (CS1) + solução açucarada (CS2) e água + lado não preferido. b) pareamentos de LiCl mais preferências x água + não preferências-aversão condicionada; Fase 4: Testes - a) de preferência de lugar e b) consumo de sacarose. RESULTADOS: 2 gráficos demonstram a alteração sofrida nas preferências de lugar após o pareamento com lítio: inversão de preferências. Um gráfico e uma tabela demonstram o que ocorreu com o consumo de líquidos antes e depois do pareamento com lítio em duas doses diferentes. Queda no consumo de água e sacarose para o grupo que recebeu a dose maior e queda no consumo de sacarose mas aumento no consumo de água para a dose menor. DISCUSSÃO: Os resultados obtidos demonstram que o Lítio não somente alterou as preferências naturais, como tornou os animais apáticos com uma drástica redução na locomoção e na busca de reforçadores. A hipótese é de que talvez o LiCl esteja interferindo com a transmissão dopaminérgica reduzindo de alguma forma nas vias mesolímbica e estriatal, de modo a provocar alterações não somente nos aspectos motores do comportamento, como também nos motivacionais.
Agência Financiadora: CNPq

307

POSSÍVEL ENVOLVIMENTO DOS RECEPTORES BENZODIAZEPINÍCOS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À NOVIDADE.

GAZZOTTI, A. A; CAMPOS, C.; ALMEIDA, S.S.; DE OLIVEIRA, L.M.; BARNABÉ, J.C. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras-USP, Ribeirão Preto.

Este experimento foi objetivado a avaliar os efeitos da adaptação ao ambiente novo sobre as atividades locomotora e exploratória, bem como o possível envolvimento dos receptores benzodiazepínicos neste processo. Ratos machos Wistar com 70 dias de idade foram divididos em grupos de 6, para comporem os grupos SAS (sem adaptação salina), SAD (sem adaptação diazepam- 2.5 mg/kg), CAS (com adaptação salina), CAD (com adaptação diazepam-2.5 mg/kg) e CAR (com adaptação RO15-1788-20 mg/kg). A adaptação se caracterizou pela exposição a 4 sessões de 20 minutos em uma gaiola de acrílico transparente (42x32x20 cm). Na primeira sessão para os animais sem adaptação ou na quinta para os animais adaptados foram fixados nas paredes laterais da gaiola dois túneis (4,5 X 6,5cm). Esta sessão durou 20 minutos sendo que nos dez minutos iniciais apenas os túneis estiveram presentes e nos dez minutos finais foram fixados dentro destes duas esferas de aço polido. As drogas foram injetadas i.p. 15 minutos antes do início desta sessão. Cinco células fotoelétricas localizadas nas paredes da gaiola forneceram o registro locomoção ao passo que outras localizadas dentro dos túneis forneceram a frequência e duração da exploração. Foram também registradas as latências para a primeira investigação dos túneis somente (L1) ou associados às esferas (L2). O diazepam ou a adaptação causaram um aumento na locomoção e exploração dirigida aos túneis associados às esferas e redução em L2 (SAD x SAS e CAS x SAS). Por outro lado o diazepam associado à adaptação provocou redução de L2 mas não alterou a exploração (CAD x CAS). O antagonista de receptores benzodiazepínicos, RO15-1788, bloqueou os efeitos da adaptação e os animais do grupo CAR mostraram comportamento semelhante aos do grupo SAS. Estes dados sugerem que algum composto ansiolítico endogenamente liberado pode estar ligando-se a sítios receptores benzodiadiazepínicos durante o processo de adaptação à novidade.

Apoio Financeiro: CNPq e FAPESP.

308 **ESTUDO NEUROFARMACOLOGICO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA SUBSTANCIA P NO COMPORTAMENTO DEFENSIVO.** AGUIAR, M. S. e BRANDÃO, M. L. Laboratório de Psicobiologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Acredita-se que a matéria cinzenta periaquedutal dorsal (MCPD), o hipotálamo medial e a amígdala compõem um sistema neural que integra reações aversivas no cérebro (SCA). A compreensão sobre os mecanismos modulatórios da reação de defesa mediados por neurotransmissores clássicos como o GABA e a serotonina, bem como pelo sistema de aminoácidos excitatórios, tem avançado significativamente nos últimos anos. No entanto, existe a necessidade de verificar a provável participação dos neuropeptídeos nesses processos de defesa e elaboração de estados aversivos. Assim, o objetivo deste trabalho foi verificar a participação da Substância P (SP) na reação de defesa, através da avaliação dos efeitos de sua microinjeção na MCPD, sobre o comportamento exploratório e respostas autonômicas observados em uma arena. Foram utilizados ratos Wistar, que receberam 0.07, 0.035 e 0.018 nmol de SP. Os resultados sugerem que esse peptídeo causa uma ativação comportamental, verificada pelo aumento da atividade locomotora e comportamento exploratório bem como pelo aumento de respostas autonômicas, com relação aos animais do grupo controle.

Apoio: FAPESP e CNPq

309

PAPEL DA SEROTONINA NA REAÇÃO DE DEFESA INDUZIDA POR ESTIMULAÇÃO ELETRICA DO COLICULO INFERIOR DE RATOS. Melo, L.L.; Brandão, L.M. Laboratório de Psicobiologia. FFCLRP-USP, Ribeirão Preto-SP.

Em trabalho recente de nosso laboratório sugerimos a participação do colículo inferior (CI) no sistema cerebral aversivo (SCA). A serotonina (5-HT) exerce uma modulação fásica sobre as estruturas deste sistema. Entretanto, ainda não conhecemos seu papel sobre o substrato neural da aversão no CI. Visando elucidar este aspecto, quimitrodos foram implantados no CI de ratos através de cirurgia estereotáxia. Uma semana após, os animais foram submetidos ao teste do "switch-off" onde foram estimulados na intensidade limiar de fuga nesta estrutura. Neste teste a administraçao de zimelidina (100 nmol/0.2 µl), um bloqueador de recaptação de 5-HT, diretamente no CI causou aumentos na latência ($p<0.05$) e redução na frequência de fuga ($p<0.05$ teste t de Student) em animais submetidos ao teste de "switch-off". Entretanto, a gepirona (100 nmol/0,2µl), um agonista de receptores do tipo 5-HT$_{1A}$ na mesma estrutura não causou alterações significativa nestes parâmetros ($p<0.05$).

Estes resultados sugerem que a serotonina reduz as consequências aversivas da estimulaçao elétrica no CI de forma similar ao que acontece com outras estruturas no SCA.

Apoio financeiro: CNPq. L.L.M. Bolsista da CAPES

MECANISMOS OPIOIDES NO COMPORTAMENTO DEFENSIVO NO COLICULO INFERIOR DE RATOS.
Cardoso, S.H.; Melo, L.L.; Brandão, M.L.
Laboratório de Psicobiologia, Faculdade de filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP - Ribeirão Preto, SP.

O colículo inferior (CI), a estrutura mesencefálica ocupando uma importante função no sistema auditivo, está também envolvido com a reação de defesa. Microinjeções de baixas doses de morfina (10, 20 e 40 nmol)nesta estrutura promove de maneira dose dependente um aumento nos limiares aversivos pelo uso de estimulação elétrica do CI e o antagonista opióide naloxone, bloqueou este efeito. Por outro lado, altas doses de morfina causam efeitos aversivos e este efeito não é bloqueado por injeção periférica de naloxone. Neste aspecto, é sugerido que mecanismos opioides apresentam um controle inibitório sobre os cirgüitos neurais da aversão no CI e altas doses de morfina induz respostas pró-aversivas provavelmente através de mecanismos não-opioides.

311

ESTUDO DA INTERAÇÃO ENTRE OS EFEITOS INDUZIDOS PELA SEPARAÇÃO E AVERSÃO AOS BRAÇOS ABERTOS NO LABIRINTO EM CRUZ ELEVADO. Maisonnette, S., Morato, S. E Brandão, M.L. Laboratório de Psicobiologia, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto - SP.

Em recente trabalho em nosso laboratório foi observado que ratos submetidos ao isolamento, durante 15 dias, quando foram testados no labirinto em cruz elevado (L.C.E.) apresentaram um índice exploratório nos braços abertos significativamente menor que animais agrupados. A partir disto e com a intenção de investigar o envolvimento do sistema serotonérgico nos mecanismos de ansiedade e depressão, associamos o isolamento, um modelo animal de depressão, com o L.C.E., um modelo animal de ansiedade. Ratos Wistar foram separados por diferentes períodos de tempo e reagrupados por 1, 2, 6 e 24h. Assim, numa primeira fase estudamos o tempo necessário para que se instalasse a síndrome da separação e se este efeito era revertido pelo reagrupamento. Em uma segunda fase, estudamos os efeitos da GEPIRONA, um agonista de receptor $5HT_{1A}$, sobre os estados aversivos gerados pelo presente modelo experimental.

Os resultados obtidos indicam que uma separação de ratos por apenas 2h já é suficiente para que se instale a síndrome da separação. E o tempo necessário de reagrupamento para o início da reversão deste quadro é de 24h. Ao lado disto, observamos também que a reversão da aversividade pode ser obtida pela ativação crônica da neurotransmissão mediada por receptores $5HT_{1A}$.

Apoio: Fapesp e CNPq

312 SACIAÇÃO E EFEITO DE NOVIDADE SOBRE O COMPORTAMENTO DE BRINCAR EM HAMSTERS DOURADOS (Mesocricetus auratus). VIEIRA, M.L. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (SP).

O comportamento de brincar tem algumas características em comum com outros comportamentos essenciais para a sobrevivência do indivíduo, tais como comer e beber. O brincar pode aumentar consideravelmente após um período de privação de contatos sociais e também pode funcionar como reforço. O objetivo desse estudo foi o de investigar como se dá a ocorrência da saciação do brincar após um período de privação de interação social. Os sujeitos foram filhotes de fêmeas hamsters dourados com 25 dias de idade. No grupo experimental (N=5) os sujeitos foram isolados dos demais companheiros por 48 horas e os do grupo controle (N=5) não (permaneciam com outro parceiro). Na primeira fase do estudo, cada um dos sujeitos era testado com outro que também permanecia nas mesmas condições. Os sujeitos eram observados durante 50 minutos. Na segunda fase um dos sujeitos era substituído por outro, que havia sido privado de contatos físicos por 48 horas. As observações nessa fase duravam 25 minutos. A técnica de observação utilizada foi a do sujeito-focal. Através dos resultados observou-se que: a) no grupo experimental, durante a primeira fase, o tempo em brincadeira foi significativamente maior do que no grupo controle, sendo que nos primeiros minutos os sujeitos do grupo experimental chegaram a brincar cerca de 85% do tempo, decaindo progressivamente; no final da primeira fase a porcentagem do brincar caiu para 9%; b) no início da segunda fase, nos dois grupos, o tempo de brincadeira aumentou consideravelmente, comparando-se com os minutos finais da segunda fase, decaindo progressivamente logo em seguida. Concluindo, os resultados obtidos no presente estudo e com base em outros dados da literatura, podemos sugerir que o brincar é um processo regulador e que pode constituir-se em um sistema motivacional específico.

Apoio financeiro: CAPES

313

RECONSTRUÇÃO DE TUBOS EM ISOPTERA

KORRES, A.M.N. Mestrado em Fundamentos Evolutivos e Sociais do Comportamento, Universidade Federal do Espírito Santo, ES.

A ordem Isoptera é representada pelos cupins, conhecidos pelos ninhos de terra e tubos em árvores que constroem e ainda pelos sérios danos que causam à Agricultura e à vida doméstica, fatos que tornam seu estudo importante. Este trabalho teve como objetivos conhecer alguns aspectos comportamentais de representantes da família Termitidae quando da ruptura e posterior reconstrução de partes do tubo. Para tanto, foram retiradas lascas de 3,0 cm do tubo e registrado o tempo gasto para ocorrer aglomeração dos animais e para a reconstrução da lacuna. Com uma régua, mediu-se os aumentos ocorridos nas laterais e nas extremidades do tubo em intervalos de uma hora. Este procedimento foi repetido 10 vezes. Verificou-se que os operários foram os responsáveis diretos pela reconstrução do tubo. Um operário iniciador lança, com a porção final do abdome, uma substância marrom onde um outro deposita pequenos pedaços de madeira, lançando também uma gota da substância onde um outro colocará um pedaço de madeira e assim sucessivamente. Observou-se que os animais levam cerca de 4 horas para a reconstrução de uma lacuna de 3,0 cm. Os soldados têm participação indireta, atuando na proteção da colônia, que foi feita com o lançamento de uma substância viscosa destinada a repelir inimigos. Os resultados obtidos neste trabalho foram compatíveis com os trabalhos existentes na literatura de térmitas, tanto no que concerne à organização e sequenciação da atividade construtora, quanto à divisão de trabalho entre as castas.

314 ANÁLISE ETOLÓGICA QUALITATIVA DO COMPORTAMENTO SOCIAL DE DOMINANTES MATADORES EM COLÔNIAS SEMI-NATURAIS DE RATOS ALBINOS, COM O USO DO PARADIGMA INTRUSO-RESIDENTE.

PERON, J.E.
Departamento de Ciências Fisiológicas, CFS-CCB-UFSC, 88040-900 - Florianópolis, SC, Brasil.

Após observação sistemática do comportamento social do rato albino, em colônias experimentais com um dominante (D); uma fêmea (F), um subordinado (S) e ciclicamente um intruso (I), com o modelo intruso-residente, foi demonstrada a existência de 03 tipos de D's com a seguinte distribuição populacional: matadores-M (15,7%), complacentes (10,7%) e moderados (73,6%). Os DM's exibiam alta frequência de luta aberta, dirigida tanto ao S quanto ao I, levando-os a morte(5-15 dias de latência (L) média. O DM apresentava L mínima e máxima para atague, de 45s e 4min e 23s; perdia peso (3% em 48h). Após colocação de um rato infantil-RI (22 dias de idade), o DM exibiu ítens de exploração social (ES) do RI: cheirar corpo, genitais e focinho. O RI ao ser investigado, permanecia submisso deitado (SD), com o ventre direcionado ao DM e congelava. O DM após episódios seguidos de ES, retornava ao cheirar exploratório do ambiente. Ao ser abandonado, o RI corria para a F, colocando-se embaixo dela. A F fazia ES no RI e o aceitava prontamente. O DM ao encontrar ambos, farejava o ambiente, perseguia e lutava com a F, mordendo-a. A F e o RI dormiram juntos no lado oposto ao escolhido pelo DM. No 5º dia, o RI não exibia mais o ítem SD, mas sim o ítem ir embaixo do DM, que complacentemente o aceitava. Esse fenômeno foi denominado de "adoção do RI pelo DM" e seu valor adaptativo foi discutido.

CONFERÊNCIAS

316

A CRIANÇA ABANDONADA NA HISTÓRIA DO BRASIL.

MARCÍLIO, ML. Diretora do Cedhal.

Desde 1987, o CEDHAL (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina) promove um vasto projeto de pesquisa sobre a Criança na História do Brasil. Fontes seriais e momentâneas, quantitativas e qualitativas foram levantadas em Arquivos nacionais, regionais, públicos e eclesiásticos do país e de Portugal. Aliadas à metodologias rigorosas da Demografia Histórica e da História Social essas fontes estão sendo trabalhadas em vários temas especiais. Um deles é o da História das crianças abandonadas em nosso país, do século 16 aos nossos dias.

Na verdade, a exposição de bebês ao nascer e o abandono de crianças é uma realidade que começa com a história de nosso povoamento pelos brancos colonizadores. Prática herdada da Europa, recebeu o apoio da caridade privada através de vários mecanismos, desde a criação de bebês encontrados em portas de casas de famílias, até a instituição da Roda dos Expostos, em algumas Santas Casas de Misericórdias do Brasil Colonial.

No Império, com a criação de novas cidades e densidade maior destas, o abandono de crianças aumenta. Ao lado das Rodas, outras novas instituições surgem, partindo sempre da iniciativa privada.

Com as Faculdades de Medicina e o avanço do saber médico, higienistas debatem a questão e propõe não mais o assistencialismo caritativo, mas o filantrópico.

Na República, aliam-se aos higienistas os juristas, e o Estado gradualmente vai assumindo a responsabilidade sobre as crianças abandonadas e carentes, criando estatutos legais para sua proteção, experimentando soluções de assistência pró-infância.

317

ESTUDO LONGITUDINAL DE UM AUTISTA: DEPOIMENTOS DE PESSOAS QUE ACOMPANHARAM SEU CAMINHO

Margarida H. Windholz (IPUSP)*

O objetivo da presente apresentação é relatar o estudo de caso longitudinal de um autista, visto o grande interesse atual de atendimento de autistas, por tratar se, conforme nosso conhecimento, do primeiro caso tratado, no Brasil, dentro de uma abordagem comportamental, por um periodo de 22 anos e pelo fato de ter sido possivel, quando nenhuma estrutura para tanto existia, com criatividade e contando com a colaboração de muitos profissionais, criar condições para promover seu desenvolvimento. Por ocasião da primeira avaliação, com cinco anos, usava ainda fraldas, alimentava-se com mamadeira, repetia propaganda e "jingles" de TV, não tinha fala funcional, mas sabia ler. Tratava-se, sem dúvida, de uma criança com possibilidades favoráveis de desenvolvimento, conforme estudos exisitentes. O seu percurso é relatado por depoimentos do proprio sujeito, de seus pais, de psicólogos, terapeutas e pedagogos que trabalharam com ele. Objetivos, com base nas análises feitas nas diferentes fases do seu atendimento, revistos constantemente, procedimentos adotados, resultados obtidos, serão discutidos. O atendimento foi abrangente, ou seja em sua casa, com seus familiares, nas diversas escolas que frequentou e em sessões de terapia. O momento atual do jovem, hoje com 27 anos, cursando Faculdade e trabalhando, é discutido, assim como comportamentos residuais ainda presentes.

*CNPq

318

IMAGENS SOBRE A INFÂNCIA

Maria Malta Campos

A conferência versará sobre o tema de um encontro realizado recentemente na Suécia, durante o qual a autora apresentou o trabalho "Crianças brasileiras: imagens, concepções e projetos", escrito em colaboração com a Profª Jerusa Vieira Gomes, da FEUSP.

Durante a conferência será apresentado um resumo deste trabalho e também discutidos alguns dos tópicos que foram objeto de debate no referido encontro, quando foram analisados, além deste, mais cinco textos: sobre a infância nos Estados Unidos, na Zâmbia, entre os índios Navajo, no Japão e entre os palestinos que vivem em Israel.

Estes tópicos dizem respeito às diversas concepções de infância e às práticas adotadas pelas famílias na educação dos filhos, considerando também o impacto das políticas públicas voltadas para a infância sobre esses diferentes contextos culturais e sociais.

319

MECCANISMI E CORRELATI DEI RITMI BIOLOGICI.

Renzi, P. e Conte, S. Dipartimento di Psicologia - Università di Roma "La Sapienza"

Vengono presentati differenti aspetti della problematica connessa con lo studio dei ritmi biologici. Partendo da un rapido excursus storico dalle prime osservazioni sistematiche di De Marian (1759) si giunge alle ricerche attuali. In una prima parte sono presentate le differenti area di ricerca in cui sono state dimostrate fluttuazioni ritmiche di attività biologiche. Sono successivamente discussi i modelli di oscillatore ipotizzati in letteratura per spiegare le variazioni ritmiche riscontrate e viene esaminata la letteratura circa il sito anatomico degli eventuali orologi biologici, in differenti specie. In una seconda parte sono presentati i diversi tipi di ritmi classificati in base alladurata del periodo in circadini infradiani e ultradiani ed é posto l'accento sulle ricerche in ambito psicologico riguardanti i ritmi ultradiani. In una terza parte sono esaminate sia le ricerche sul BRAC (Basic Rest Activity Cycle) sia quelle su ritmi a periodo ancora più breve (dell'ordine di minuti primi). In questo ultimo ambito vengono presentate e discusse unaserie di ricerche condotte dagli autori sulle fluttuazioni nella vigilanza, esamine sia attraverso l'analisi di serie storiche di tempi di reazione semplici a stimoli acustici, sia attraverso l'analisi di serie storiche di potenziali correlati ad eventi indotti sia da stimolazioni acustiche che da stimolazioni visive. Sono inoltre presentate ricerche che mettono in relazione serie storiche di tempi reazione semplici e serie storiche di potenziali correlati ad eventi contemporaneamente prodotte da una stesso soggetto. Nell'ultima parte viene posto l'accento sui problemi metodologici e statistici che la ricerca in questo campo pone. Si può concludere che dall'analisi delle ricerche presentate é dimostrata la presenza di ritmi brevi in diverse attività psichiche in campo umano.

321 AS VÁRIAS DOUTRINAS FILOSÓFICAS, CIENTÍFICAS E, EM PARTICULAR, PSICOLÓGICAS TENDO COMO BASE A CONSCIÊNCIA.

ENGELMANN, A. Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, SP

Com o nome único de consciência duas concepções diferentes tem sido utilizadas: de um lado, a captação direta ou imediata do mundo; de outro, os indicadores de outras pessoas, principalmente verbais, que vem a traduzir mediatamente as captações de suas partes do mundo. O mundo vem a ser compreendido como algo do qual fazemos parte.

Quais os princípios que norteiam essa diferença? São princípios de doutrinas, alguns filosóficos, outros científicos e, dentro deles, alguns caracteristicamente psicológicos. Ainda que, falar em filosofia afasta muitos cientistas, todo cientista, consciente ou inconscientemente, apresenta uma posição filosófica. Há a doutrina que o mundo consta de duas realidades ou três ou apenas uma. Há os que acreditam que os indivíduos apresentam conhecimento real de um mundo real, há os que acreditam que o mundo é real porém o conhecimento dele pode falhar e há os que acreditam que o conhecimento é sempre real porém a correspondência com o mundo pode ser falha. Na classificação científica desse mundo, uns acham que tudo pode ser reduzido a elementos físicos, outros acham que o mundo é o que ele é e ainda outros que acreditam numa evolução de estruturas do mundo, sendo a estrutura superior irredutível a, ainda que formada por, estruturas inferiores.

Wundt deu início a estudos de psicologia científica como sendo basicamente o estudo da consciência. Seu conceito de consciência não era o mesmo de muito de seus discípulos. Até hoje em dia, estudar a consciência é um problema que divide os psicólogos. Acho, mas não sei se estou correto, resolvi o problema da consciência.

322

Associação da Educação com a mortalidade infantil e a gravidez na adolescência.

Monteiro, M. F. G. (IBGE/RJ)

Esta exposição aborda dois assuntos de interesse para a demografia e para os estudos sobre a saúde de crianças e adolescentes, e mostra o importante papel da educação como determinante de suas variáveis demográficas: a mortalidade infantil e a fecundidade de mulheres menores de 20 anos.

Por um lado temos o risco de morrer antes de completar um ano de vida, que felizmente vem decrescendo no Brasil, devido principalmente à diminuição da fecundidade. No entanto seus níveis são ainda altos, se comparados com países mais desenvolvidos.

Por outro lado, a fecundidade reduziu-se, nas últimas décadas, em todos os grupos de idade, com exceção do grupo de mulheres com menos de 20 anos.

Em ambas as situações, a educação das mulheres é fundamental, tanto para aumentar a probabilidade de sobrevivência das crianças com menos de 1 ano, como para evitar a gravidez na adolescência.

Assim são utilizados dados produzidos pelo IBGE, do Censo Demográfico de 1980 e da Pesquisa sobre Anticoncepção de 1986, para estudar alguns aspectos da gravidez na adolescência associados à educação, e da Pesquisa sobre Saúde e nutrição, de 1989, para mostrar que 74,3% das mulheres grávidas, com menos de um ano de estudo, não tinham recebido nenhuma atenção pré-natal.

Além destes dados do IBGE, foram utilizadas ainda informações de uma pesquisa sobre determinantes da mortalidade infantil, mostrando que a educação das mães pode reduzir significativamente os riscos de mortalidade infantil.

* Médico de Saúde Pública e Analista Especializado do IBGE para a área de saúde.

323 PSICOFÍSICA SOCIAL E CLÍNICA

DA SILVA, J.A., Laboratório de Psicofísica e Percepção - Universidade de São Paulo - Campus de Ribeirão Preto

Mediante a possibilidade de se fazer mensuração quantitativa em diferentes ramos das Ciências Sociais, Humanas e Biológicas, consideramos promissor o desenvolvimento de escalonamentos de mensuração ao nível de razão para quantificação em Psicologia Social, Sociologia, Criminologia e Ciência Política entre outros. Para tal, no enfoque denominado de Psicofísica Social e Clínica, abordaremos nessa Conferência, os problemas e os métodos utilizados para escalonar estímulos não métricos.

Os métodos enfocados serão: estimação em categorias, estimação de magnitude e emparelhamento intermodal. A aplicação desses métodos para escalonar atributos sociais e clínicos serão exemplificados. Dentre outros, serão destacados os seguintes atributos sociais: preferência por relógios de pulso; valores estéticos da escrita, desenhos e músicas; importância dos monarcas suecos; preferência e/ou prestígio ocupacional; agradabilidade dos sabores; julgamento moral; características liberais e conservadoras; seriedade das ofensas; suporte político, punição; poder nacional; pronunciabilidade de palavras; status social; valor subjetivo do dinheiro e racismo, e os seguintes atributos clínicos: desordens auditivas, visuais e pulmonares (esforço respiratório, dispnéia e percepção do volume pulmonar), mensuração do stress e/ou reajustamento social e complexidade e controle das tarefas de assistência prestada ao paciente.

324

DEVELOPING THROUGH RELATIONSHIPS.

Alan Fogel - Dept. of Psychology,
University of Utah, U.S.A.

It is obvious that humans develop in the company of other humans and that social partners contribute in important ways to the development of the individual. Most theories of developmental psychology recognize this basic premise. Problems arise, however, when one wishes to explain the process by which individuals develop through their relationships. Because psychology is primary a science of the individual, relational concepts must be superimposed upon ideas about the integrity of individual motivation, cognition and emotion. In the traditional views, social relationships can "influence" individual psychology, or individuals can "internalize" the actions and values of the social partner. These metaphors imply a linear causal mechanism that moves between the individual and the social partners. Even views that are described with terms such as interactional or transactional often mask a core of linear causality and a view of individuals as causally and functionally distinct from their environments.

Following other recent scholars who take a dialogic perspective on human development (Camaioni, De Lemos, Gibson, Markova, Rommetveit, Valsiner, Wertsch), I propose that relationships are the primary developing system, not individuals, and that individuals develop through their participation in relationships. I suggest that relationship processes are emerging and inherently creative. It is the creativity of action in relation to another person who is a co-participant that forms the core of developmental change. The self - cognition, emotion and action - is always completely and fundamentally relational, even when no one else is present. Cognition and emotion are always experience as part of a dialogical process with a real or imagined person or environment. These real imagined dialogues are always part of a cultural system of relationships.

I suggest that individual do not have to await language in order to participate in cultural dialogues and in order to experience a culturally mediate self. Infants participate in cultural discourse from the first days of life by means of <u>gradient</u>, rather than <u>categorical</u>, forms of information during social communication. Gradient information is meaningful to the infant in the form of changes in intensity and timing in all perceptual modalities. I suggest that the nature of the sensory surfaces of the body and its possibilities for action account for the particular forms of action and relationships to which human are heir. Even the most abstract thoughts are cognized and felt in terms of the body's actions and sensations and their possibilities for relational dialogue.

MINI-CONFERÊNCIAS

325 CLASSES FUNCIONAIS E EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS. GALVÃO, O. F. - Depto. de Psicologia Experimental - Universidade Federal do Pará, Belém - PA. Membros de classes de estímulos equivalentes também formam classes funcionais, mas as relações entre membros de classes funcionais talvez não atinjam os critérios de reflexividade, simetria e transitividade que definem as relações de equivalência (Sidman, Wynne, Maguire & Barnes, 1989). Aplicando-se à análise do comportamento dois diferentes critérios de equivalência, a partição descreve a propriedade básica das classes funcionais, enquanto reflexividade, simetria e transitividade descrevem as propriedades das classes de estímulos equivalentes. Resultados positivos em testes de equivalência após treino com mudanças repetidas de discriminações simples levaram-nos à proposição de uma interpretação desse procedimento de mudanças repetidas de discriminações simples como um caso de discriminação condicional (Galvão, Cohen-Almeida & Sidman, 1992). As diferenças entre os procedimentos "escolha segundo o modelo" e "mudanças repetidas de discriminações simples", como, entre outras, a alternação de modelos entre tentativas, não justificam a suposição de que diferentes processos comportamentais estejam envolvidas em cada caso. Apenas o processo de discriminação condicional, estaria presente em ambas as tarefas, respeitado o princípio de que para que funções discriminativas sejam condicionais os estímulos de comparação devem funcionar tanto como corretos como como incorretos, condicionalmente ao modelo (Dube, McIlvane & Green, 1992), que em nossa proposição pode ser apresentado em tentativa separada daquela em que a escolha é feita. Tal proposição tem implicações para a pesquisa de equivalência de estímulos com animais, e parece se constituir em uma simplificação conceitual relevante para a pesquisa básica, aplicada e para a tecnologia de ensino, unificando a interpretação de dados obtidos com ambos procedimentos. Bolsa Pós-Doutorado CNPQ, Ref. 200398/90-3.

326 **O desenvolvimento de estratégias verbais e formação de equivalência em crianças pré-escolares.** Celso Goyos (Universidade Federal de S. Carlos, Brazil)

Quatro crianças de classe de pré-escola, com idades entre quatro e cinco anos participaram do estudo. A fase inicial consistiu de treinamento de pareamento por amostra com quatro conjuntos de dois estímulos: A, B, C, e D, acoplado com um procedimento de reforçamento associado aos estímulos. Escolhas corretas de A1, B1, C1 e D1 eram seguidas por um tipo de reforço: R1 (fichas amarelas) e escolhas corretas de A2, B2, C2, e D2 eram seguidas por um outro tipo de reforço: R2 (fichas vermelhas) (Dube, McIlvane, Maguire, Mackay and Stoddard,1989). A fase seguinte consistiu de treino de pareamento arbitrario com as mesmas caracteristicas de reforçamento da fase anterior. Em seguida, introduziu-se testes para avaliar a emergência de duas classes de estímulos A, B, C, e D. Formação de equivalência foi observada para três crianças, tendo uma não apresentado. Foi também observado, durante as fases de treinamento e de testes, que todos os três sujeitos que formaram equivalência também emitiram espontâneamente nomes diante dos estímulos. Esses nomes correspondiam às cores das fichas empregadas como reforçadores. Por outro lado, tais verbalizações não foram observadas na criança que não apresentou formação de equivalência. Introduziu-se, portanto, um treino de nomeação aos estímulos para essa criança, e nos testes que se seguiram observou-se formação de equivalência. Em uma nova etapa do estudo, reverteu-se os reforçadores para as duas crianças que inicialmente apresentaram equivalência. Nas tentativas de pareamento por identidade envolvendo os estímulos D, escolhas corretas de D1 eram agora seguidas por R2, e escolhas corretas de D2 seguidas por R1. Nos testes de equivalência que se seguiram, nenhuma das duas crianças mostrou formação de classes revertidas: A1, B1, C1 e D2, e A2, B2, C2 e D1. As classes de estímulos originais não foram sequer quebradas, e a nomeação também continuou consistente com as classes originais. A fase final deste estudo consistiu em ensinar as crianças atribuir os nomes revertidos aos estímulos D: D1 passaria a ser 'vermelho' e D2, 'amarelo'. Os testes seguintes mostraram reversão dos membros das classes de equivalência.

Os resultados mostraram, ao contrario das conclusões de Dube et al (1989), que o procedimento de reforçamento especifico aos estímulos pode não ser uma condição suficiente para formação de equivalência. Por outro lado, os resultados sugerem que o procedimento atua como uma condição propicia para que nomes sejam atribuidos aos estímulos reforçadores (tais como aos estímulos discriminativos) para que possam se tornar parte de classes de estímulos equivalentes (Dugdale & Lowe, 1990). Neste estudo, o procedimento de reforçamento especifico aos estímulos deu origem a atribuição de nomes comuns aos estímulos que, por sua vez, parece estar relacionada com a expansão e re-formação de equivalência. (ESTUDO FINANCIADO PELA FUNDAÇÃO KRONENHALLE, LUXEMBURGO)

327

"MEMORIZACAO": ANALISE CONCEITUAL E DEMONSTRACOES EMPIRICAS

Oliveira-Castro, J.M. (*)
Instituto de Psicologia, Universidade de Brasilia

A análise do uso do conceito "fazer na cabeça" na linguagem cotidiana revela que seu uso é metafórico, pois não se refere a nada dentro do corpo, e negativo, pois indica a não ocorrência de comportamentos que ocorriam anteriormente. Estas características do uso do conceito têm gerado teorias conceitualmente confusas, as quais se utilizam de modelos metafóricos na tentativa de explicar fenômenos descritos como "mentais". As teorias sobre memória exemplificam esta confusão conceitual quando substituem a metáfora encontrada na linguagem cotidiana por metáforas sobre filtros, arquivos ou computadores, sustentando por vezes a premissa, tambem enganadora, de que a fisiologia preencherá as lacunas existentes. No sentido literal, parte do que se quer dizer com "memorizar", na linguagem cotidiana, refere-se a não ocorrência de certas respostas intermediárias. Partindo-se desta análise, uma tarefa de memorização de números foi elaborada, na qual a duração e a frequência da resposta intermediária foram medidas. Os resultados de alguns experimentos demonstraram a diminuição ordenada, e eventual desaparecimento, da resposta intermediária. Os resultados sugerem que as teorias psicológicas deveriam identificar as condições necessárias e suficientes para a não ocorrência de respostas intermediárias. As confusões conceituais existentes em psicologia parecem estar baseadas no mito da causalidade contígua.

(*) Pesquisador do CNPq

328 PROCESSO PSICOLÓGICO DE CONHECIMENTO DA REALIDADE SOCIAL NO BRASIL DO SÉCULO XVI. Mahfoud, Miguel - IPUSP. Massimi, Marina - FFCLRP/USP.

O objetivo do trabalho é o estudo do processo psicológico de conhecimento da realidade social, que ocorreu no contexto do descobrimento do Brasil, assim como é documentado aos relatos escritos por dois dos seus protagonistas (Caminha e o Piloto Anônimo).

Para a análise, utiliza-se dois referenciais teóricos: 1. a teoria do fenomenólogo social A. Schuetz (1944-1945), que aborda o processo - a nível de consciência da realidade social - vivenciado por indivíduos que se deparam com um novo contexto social. Este é descrito como o campo dos atos efetivos ou potenciais do agente, que organiza seus conhecimentos sobre o mundo social em termos da relevancia para suas ações. Por isso, à realidade social lhe aparece como estratificada em vários níveis (ou campos de importância) que requerem diversos graus de consciência. 2. Os conceitos de "fato social total" (Mauss, 1923-1924) e de "intercâmbio simbólico" (Levi Strauss, 1982) descrevendo um tipo de relação social característica de sociedades primitivas e tradicionais.

Da análise realizada, resulta que, embora os relatos de Caminha e do Piloto se refiram a um mesmo acontecimento histórico, os processos de conhecimento da realidade social neles descritos, se dão de forma muito diferenciada. Na carta de Caminha, a atenção do autor está voltada para o novo campo de ação na terra recém descoberta, onde a figura do índio ocupa um lugar privilegiado. Os elementos descritivos do índio integram um quadro cujo objeto central é o relato e a interpretação da complexa dinâmica de sucessivas interações de intercâmbio simbólico em que se estrutura o primeiro encontro entre os nativos e os homens europeus. Na narração do Piloto, cujo campo central de interesse é o mundo da vida no navio, a figura do índio aparece em segundo plano, como um elemento próprio do campo circunstante.

SIMPÓSIOS

329.1 O ENCONTRO DA CRIANÇA COM A IDÉIA DA MORTE: IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVO.

TORRES, W.C. - Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os estudos acerca da compreensão da morte na infância não são conclusivos tendo em vista que 1) alguns investigadores não consideram o conceito de morte em sua complexidade, envolvendo subconceitos como universalidade, funcionalidade e irreversibilidade e 2) algumas variáveis como classe social, experiências com a morte, etc., tem sido pouco exploradas.

De modo geral, as pesquisas sobre aquisição do conceito de morte centralizam-se na idade cronológica (Nagy, 40; Bolduc, 72; Weininger, 79; Swain, 79 ; etc.) e no desenvolvimento cognitivo (Koocker, 72 ; Anthony, 72; Kastenbaum, 74, 83; Sternlezcht, 80 ; Torres, 79; etc.) e apontam para a evolução gradual do conceito de morte com etapas bem definidas. As investigações que relacionam a aquisição deste conceito com a estrutura teórica do desenvolvimento cognitivo (Piaget), constatam, ainda, que o mesmo se desenvolve em interação com outros conceitos como os de tempo, conservação, probabilidade, etc., ressaltando sua importância para o próprio desenvolvimento cognitivo geral.

Finalmente, esta linha de investigação sobre as cognições da morte é importante para respaldar o próprio trabalho clínico que, embora enfatise o significado efetivo da experiência com a morte, não pode ignorar os fatores cognitivos e suas implicações no desenvolvimento afetivo e nas situações de crise.

329.2

A CRIANÇA SUICIDA

CASSORLA, R.M.S. Dpto. Psicol. Médica e Psiquiatria – Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Suicídios em crianças passam despercebidos por serem diagnosticados como acidentes e intoxicações. Estudos clínico-epidemiológicos e psicanalíticos, os primeiros com grupos controle, mostram tratarem-se de bebês que não foram desejados ou aceitos por seu meio familiar, ainda que inconscientemente. Lares desestruturados são mais comuns que nos de controle. Do estudo psicanalítico verifica-se a existência de objetos internalizados com características sádicas, rejeitantes, desvalorizadores e culpógenos. O ato suicida, por vezes, é a única forma de sentir-se "bom" para as figuras parentais, livrando-as de uma carga. As fantasias sobre a morte são confusas, predominando o re-encontro com figuras idealizadas mortas, ou uma volta a um mundo "intra-uterino", paradisíaco, como um parto ao contrário. O quadro clínico precedente ao ato comumente passa despercebido: crianças manifestamente melancólicas, passam por "boazinhas", porque não dão trabalho; crianças que se defendem da depressão através de condutas atuadoras não chamam a atenção por viverem em famílias atuadoras. Somatizações podem esconder também o quadro emocional.

Em púberes os atos são mais reconhecidos, e, comumente se verifica terem existido tentativas encobertas na infância, não diagnosticadas e nem sempre conscientes.

O estudo destes adolescentes, que tentaram suicídio na infância, mostra a busca desenfreada de ligações simbióticas, onde são projetados identificativamente aspectos idealizados. A perda ou ameaça de perda desses objetos leva a angústias terroríficas, similares às da infância, e a atos suicidas, que, aqui tem várias funções: chantagem, punição, agressão ao ambiente, mas principalmente a simbiose com figuras mortas idealizadas ou retorno ao "útero". A presença de outras mortes por suicídio no ambiente, facilita a identificação.

329.3 **A CRIANÇA TERMINAL: O CONFRONTO COM A MORTE**

VALLE, E.R.M. - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

Através de pesquisas e experiência da autora, assim como da literatura específica consultada, serão abordados alguns tópicos relativos à criança terminal:

- Existe um momento especial para se iniciar uma intervenção junto à criança terminal?
- Que tipos de intervenções são benéficas à criança que está morrendo?
- Quem é a criança que está à morte?
- A questão do desenvolvimento infantil e a percepção da morte.
- A participação da família: reações, ajudas, luto.
- Qualidade da relação: equipe-família-criança nessa situação.
- A equipe de saúde e a criança terminal: competências técnicas e de relacionamento humano.

329.4

A CRIANÇA E O PROCESSO DE LUTO

Schisler, E.L. - Igreja Metodista, Florianópolis, SC

Para compreender melhor a nossa preocupação é necessário em primeiro lugar entender o processo de luto em pessoas a quem é dado o direito pela sociedade de externar seu pesar e trabalhar o seus sentimentos, em contraste aos enlutados a quem são negados estes direitos; porque, apesar de evidência ao contrário, são percebidos como tendo pouca compreensão ou reação diante da morte, do sentido da perda ou da necessidade do luto. Entre estes estão as crianças, os bem idosos e pessoas com distúrbios mentais.

Portanto, a elaboração da morte e do luto na criança é mais difícil por sua invisibilidade social, excessão à criança hospitalizada frente a uma doença grave, que por necessidade, tem visibilidade institucional e familiar. O reconhecimento desta criança "visível" tem levado à pesquisas tanatológicas objetivando melhor apoiá-la junto com sua família e equipe hospitalar. No entanto, a criança de luto "invisível" pouco se tem pesquisado e alguns estudos que se tem feito são conflitantes. Por estas razões a criança enlutada precisa urgentemente de estudo e prática que atendem a sua necessidade.

Examinaremos nesta apresentação:

- O conceito e importância do trabalho de luto
- O conceito do luto não reconhecido
- O desenvolvimento do conceito da morte e da perda na criança
- Efeitos do luto da criança anos depois
- Como ajudar a criança enlutada no contexto de sua família, escola e comunidade.

330.1

DA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE À ASSUNÇÃO DA NEGRITUDE DE MILITANTES NEGROS

SOUZA, Irene Sales de, Profª Drª do Departamento de Educação da UNESP, Franca.

Em depoimentos sobre as vivências infantis de militantes de grupos do Movimento Negro de Franca e Ribeirão Preto encontramos relatos de situações constrangedoras de discriminação e preconceito que marcaram suas personalidades e delinearam a construção de suas identidades. Indicaram a escola como o locus onde ocorre o verdadeiro choque da criança negra - a descoberta do significado de ser negro nessa sociedade.

A família é fundamental no preparo de suas crianças para enfrentar tais situações pois a partir das biografias desses militantes a forma de enfrentamento desse conflito constitutivo é definitivamente estruturada no processo de identificação, uma vez que os pais são os modelos básicos que preparam, que apontam caminhos, que ajudam construir a concepção básica que essas pessoas fazem de si mesmas, dos outros e do mundo social.

Havian conflitos profundos de identidade em crianças cujos pais negavam a negritude e desejavam ser brancos.

As crianças que os pais aceitaram a negritude e as valorizavam, mostraram melhor compreensão das diferenças étnicas, preparo para o enfrentamento das situações discriminatórias que as instrumentalizaram para a vida. Mostraram-se mais seguras, autocofiantes e capazes de se autodefenderem, assumindo sua negritude.

330.2

CRIANÇA NEGRA NO ESPAÇO ESCOLAR

H. Cunha Jr. - Prof. Dr. - EESC/USP
Vice Presidente da ABREVIDA ASSOCIAÇÃO AFRO-BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E PRESERVAÇÃO DA VIDA.

RESUMO:

São abordadas as situações que regra a formação da identidade da criança negra no espaço escolar.

São tratados as informações de base sobre África e Afro-brasileiros recebidas pelos educadores na sua formação educacional anterior e a reprodução desta informação na escola.

São abordadas também as situações de conflitos raciais nas escolas e a incapacidade de solução pelos educadores.

São enumerados os problemas de identidade étnica apresentados pelos educadores.

Com base no quadro apresentado nos itens anteriores são discutidos os problemas de identidade apresentados pelas crianças negras na escola.

O material que deu origem a estes estudo provém de entrevistas, questionários e depoimentos recolhidos junto a professores da rede pública da municipalidade de São Paulo no ano 1,991 quando da realização do curso Sociedade Brasileira e Relações Raciais.

330.3

FORMAÇÃO DA MULHER: A INFÂNCIA NUMA SOCIEDADE RACISTA E MACHISTA.

SILVA, Maria Lucia da
Psicóloga, coordenadora do projeto **"Construindo nossa cumplicidade"**, Geledés - Instituto da Mulher Negra.

Pretende-se, nesta Comunicação, discutir a mulher negra e sua relação com as crianças negras, a partir de uma experiência concreta com Grupos de Auto-Ajuda desenvolvido pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra, desde 1990.

Os Grupos de Auto-Ajuda objetivam criar um espaço de reflexão das histórias de vida das mulheres negras, discutindo os efeitos do racismo na construção da identidade dessas mulheres.

Pretende-se através dos subsídios destes três anos de trabalho, apresentar elementos que enriqueçam a discussão acerca da produção social da loucura, destacando o racismo como elemento fundante deste processo no que tange às mulheres negras e, consequentemente, a sua relação com as crianças negras.

330.4

CONHECENDO O IMAGINÁRIO DA CRIANÇA NEGRA

Dra. Valmira dos Santos
Profa. Departamento de Enf.
da UFSC

A "negação" do racismo num país multi racial como o Brasil tem trazido consequências nefastas para o desenvolvimento do potencial de saúde dos humanos de descendências africanas , principalmente daqueles cuja natureza os dotou de maior quantidade de melanina . Minha convivência com as diversas modalidades e facetas do racismo me fez criar a linha de pesquisa: Constatação - Atuação - Reflexão , junto a criança negra,com o propósito de contribuir com o enriquecimento de sua identidade enquanto ser-negro-no mundo. Este trabalho é uma mostra preliminar de expressões do imáginario de um grupo de crianças negras. Embora o estudo não esteja concluido, julgo pertinente comunicar alguns achados.

331.1

UMA SOCIEDADE VOLTADA PARA O FUTURO

ANDERY, M. A. P. Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A análise Experimental do comportamento, informada pelo behaviorismo radical, como proposto por Skinner, tem um compromisso essencial com a transformação da sociedade e da cultura.

Da análise das propostas de Skinner até 1953 depreende-se como característica desejada de uma cultura e como valor um "impulso para o futuro". A capacidade de mudança, adaptação e solução de problemas de uma cultura é vista por Skinner como traço essencial de uma cultura bem sucedida.

A análise de propostas de mudança na estrutura econômica da sociedade hoje é tema de enorme debate, e o futuro de uma cultura, senão do mundo, depende das alternativas que possam ser encontradas.

Avaliar algumas das possíveis contribuições de Skinner para se discutir alguns dos problemas do mundo contemporâneo pode ser um caminho para propor mudanças que fortaleçam a probabilidade de tornar nossa cultura caracterizada pela maleabilidade necessária à solução de seus problemas : uma cultura voltada para o futuro.

331.2

INDIVIDUALISMO, BEHAVIORISMO E HISTÓRIA

TOURINHO, E.Z.(*) Departamento de Psicologia Social e Escolar, Universidade Federal do Pará

O conceito de "individualismo" remete à valorização de indivíduos particulares e, usualmente, à crença de que estes podem realizar-se, em diferentes domínios, de forma independente de seus pares. É possível abordar o individualismo do ponto de vista de um referencial skinneriano a partir de dois problemas : primeiro, a concepção de homem contida nos discursos individualistas; e, segundo, a função desempenhada por estes discursos. A análise skinneriana da noção de liberdade pessoal contribui para a discussão destes dois pontos resultando, de um lado, em uma crítica à concepção moderna de homem como ser livre, e, do outro, na denúncia dos limites da chamada "literatura da liberdade", que não atentaria para controles refinados do comportamento humano. A despeito dos fatos demonstrados pela ciência do comportamento, contudo, observa-se a persistência das concepções de homem associadas aos discursos individualistas. Uma compreensão deste fato requer que se leve em conta as razões históricas daqueles discursos, o que transcende o limite de uma ciência exclusivamente experimental, mas pertence ao campo da reflexão sobre o comportamento humano.

(*) Doutorando do IPUSP, Bolsista CAPES-PICD

331.3

ESCOLA E AUTONOMIA

MORO, M. Departamento de Fundamentos da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A análise do indivíduo, de seu comportamento, implica sua inserção nos grupos maiores a que pertence. Dentre as diferentes agências a que os indivíduos estão expostos numa sociedade, a escola é aquela a quem a função educacional tem sido explicitamente atribuída.

Na discussão que B.F.Skinner desenvolve em relação a diferentes aspectos envolvidos no processo educacional, podem ser destacados o ensinar a pensar, o desenvolvimento do estudante criativo e a auto confiança.

Da análise feita em relação a estes diferentes tópicos, tem-se a indicação de que o autor espera, como produto básico da educação - no caso, da agência escola - o auto-governo intelectual.

Destacando-se o auto governo intelectual, no trabalho do autor, aponta-se não só para o papel que ele atribui ao ensino, como também para sua concepção sobre o significado do sujeito autônomo.

331.4

A NOÇÃO DE SUJEITO CONTIDA NO CONCEITO DE OPERANTE

MICHELETTO, N.; SÉRIO, T.M.A.P. Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A análise da noção de sujeito revela a presença de pelo menos três significados distintos a ela associados: a) sujeito como substância (ao qual algo é atribuído), b) sujeito como consciência (aquele que atribui) e c) sujeito como subjetividade (o que é singular, diferente, não sujeito a leis).

Considerando estes três significados, discute-se :

a) como eles são tratados por Skinner, destacando-se para isso a abordagem skinneriana dos temas consciência, liberdade, alienação e criatividade;

b) a relação entre o tratamento proposto para tais conceitos e a postura epistemológica adotada por Skinner;

c) a aparente contradição entre as características de espontaneidade e atividade contidas no conceito de operante e a noção de casualidade contida no modelo de seleção pelas conseqüências.

332.1 IRRADIAÇÃO IONIZANTE E CONTINGÊNCIAS OPERANTES.

GIMENES, L.S. e VASCONCELOS, L.A. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

As pesquisas sobre as mudanças comportamentais que seguem a exposição à radiação ionizante (RI) são em grande parte, baseadas em medidas de auto-relato. Cada acidente é representado por um conjunto específico de variáveis, e associado a esta especificidade está a falta de uma linha-de-base da comunidade afetada por este tipo de evento. As pesquisas de laboratório são tentativas importantes de suprimir algumas lacunas deixadas pelas metodologias mais tradicionais, aumentando nosso conhecimento sobre o fenômeno comportamental que acompanha a exposição. Vários tipos de alterações comportamentais têm sido relatados após ocorrências de exposição. Entretanto, as origens, graus e conseqüências destes fenômenos radiogênicos são desconhecidos, e modelos animais podem ser úteis frentes os problemas éticos que impedem alguns tipos de estudos com sujeitos humanos. Em geral, as pesquisas realizadas com sujeitos infra-humanos se referem aos efeitos fisiológicos provocados pela RI, ou à análise da atividade geral do organismo, após exposição a diferentes dosagens de radiação. Um número reduzido de pesquisas tem investigado os efeitos da RI sobre comportamentos mantidos por contingências operantes. Após a exposição à RI, com doses de 3,5 a 5 Gy, a taxa de respostas de pressão a barra sofre uma redução em relação à linha-de-base em vários esquemas, e as exposições não produzem efeitos cumulativos. A influência radiogênica dos decrementos comportamentais é alterada por algumas variáveis com a taxa da dose e o fracionamento; a qualidade das radiações; requisitos da tarefa. Parece haver uma radiosensibilidade seletiva da tarefa que exija taxas de respostas mais altas. Além disso, existem diferenças na radioresistência entre algumas espécies, linhagens, sexo e indivíduos, que ainda não são explicadas. O estágio atual da pesquisa é representado pelo processo de identificação de paradigmas comportamentais na avaliação dos déficits comportamentais pós-irradiação.

CNPq

332.2 DISCRIMINAÇAO COMPLEXA E LESAO HIPOCAMPAL INDUZIDA POR RADIAÇAO IONIZANTE. Bueno, J.L.O. e Moreira, R.C.M. (Departamento de Psicologia e Educação, FFCL-RP/USP, Programa de Psicobiologia).

Em discriminações complexas o estímulo A é reforçado somente quando antecedido pelo estímulo-característica, e não reforçado se apresentado sozinho (X->A+, A-). O responder diferencial nestas duas condições - sacudir a cabeça ao estímulo A precedido pelo estímulo X, e ausência desta resposta ao estímulo A apresentado sozinho - significa aquisição de discriminação condicional. Holland (1991) sugere que o estímulo X atua indicando a ocasião para as CRs com base na sua associação com a relação primária entre o CS e o US. Esta função adquirida pelo estímulo X tem-se mostrado independente da função simples de eliciador de respostas e, portanto, tem-se sugerido modulações neurais diferentes. Holland (1991) e Hirsh (1980) sugerem que o hipocampo (células granulares do giro denteado) está envolvido em processos mnemônicos que incorporam operações condicionais e não está envolvido naquelas que não utilizam tais operações. Hirsh (1978), Mickley e cols (1988) têm demonstrado que a radiação ionizante tem obtido êxito em lesar as células granulares hipocampais, de acordo com o procedimento de radiação apresentado por Bayer e Peters (1977). Mickley e cols. (1989) têm demonstrado que esta lesão leva a prejuízos comportamentais nas respostas de rotação e de *startle*. O procedimento de Hirsh (1978) avaliou uma situação condicional na qual ele demonstrou que ocorreu prejuízo da solução da tarefa condicional apresentada em um teste que envolveu o estado interno do animal, o que é um assunto polêmico. Ainda, a lesão hipocampal mostrou que o prejuízo no desempenho em situação de discriminação condicional não se manifestou sobre as respostas a uma discriminação simples (Orr e cols, 1984). Neste trabalho enfatizamos a importância de se estudar os efeitos da lesão por radiação em uma situação de discriminação condicional.

*Apoio CAPES, CNPq e FAPESP

332.3 EFEITOS COMPORTAMENTAIS DA INTOXICAÇÃO POR CHUMBO.

ANGERANI, J. G. M. Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

Os riscos à saúde associados a exposição ao chumbo são conhecidos há mais de dois milênios. Apesar disso, este metal pesado continua ocupando posição de destaque entre os vários agentes tóxicos que preocupam profissionais da saúde e cientistas de várias áreas do conhecimento. Dados clínicos e experimentais permitem hoje a contestação de normas brasileiras que consideram seguros níveis de plumbemia (concentração de chumbo no sangue) inferiores a 40 µg/dl. Alterações significativas em vários sistemas bioquímicos e fisiológicos têm sido observadas em organismos com baixos índices de exposição ao metal. Além disso, o reconhecimento de que alterações funcionais decorrentes da exposição a substâncias tóxicas podem ser tão incapacitantes quantos danos em tecidos orgânicos, tem estimulado a aplicação dos métodos e técnicas das ciências comportamentais na detecção prematura dos efeitos tóxicos dessas substâncias sobre o organismo. Na avaliação destes efeitos, o comportamento, por incorporar a capacidade funcional total de um organismo, torna-se o principal objeto de estudo. Nesta perspectiva, estudos realizados com animais e humanos indicam a ocorrência de várias alterações funcionais produzidas pela exposição ao chumbo, em especial no nível atividade geral do organismo, memória, atenção e aprendizagem.

332.4 EVENTOS RADIOATIVOS E COMPORTAMENTOS DE COMUNIDADES

VASCONCELOS, L. A. GIMENES, L. S. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

O acelerado desenvolvimento no campo da energia nuclear tem mobilizado diferentes áreas de atuação profissional. A formação de equipes multidisciplinares passa pela física nuclear, medicina das radiações, além da psicologia, entre outras. Este trabalho apresenta alguns padrões de comportamento que são observados no contexto de um acidente ou incidente radioativo. Ao comparar quatro diferentes situações que envolveram elementos radioativos, Hiroshima (Japão), Three Mile Island (EUA), Chernobil (CEI) e Goiânia (Brasil), observa-se que apesar da diversidade dos níveis radiológicos entre esses eventos, os grupos populacionais envolvidos apresentam algumas características semelhantes. O despreparo das equipes de socorro, a contradição e o sensacionalismo nos meios de comunicação também são constantes nessas situações. O despreparo nessa área tem levado à atribuição de vários problemas de saúde como sendo associados à radiação. Essa atribuição aumenta a pressão psicológica, provocando estresse que pode ser relacionado a problemas de saúde, além de diminuir a confiança na competência dos especialistas. O impacto desses eventos radioativos sobre a saúde tem sido o interesse principal entre a população. Entretanto, muitos dos problemas de saúde detectados não podem ser atribuídos diretamente à exposição. As consequências psicológicas negativas são mantidas através dos altos níveis de ansiedade que podem ser atribuídos a diversos fatores como a presença de uma usina nuclear, ou a ausência de um prognóstico seguro de que a exposição não desencadeará algum tipo de enfermidade, especialmente nas crianças envolvidas e nas gerações futuras.

CNPq/CAPES

333.1

DROGAS: O CONSUMO DO JOVEM, O DISCURSO DO ADULTO
Sub-tema: A escola

Carlini-Cotrim, B. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), Depto. de Psicobiologia, Escola Paulista de Medicina, São Paulo

As teorias mais recentes no campo da prevenção ao abuso de drogas entre os jovens apontam para a importância da intervenção preventiva caracterizar-se por: a) ações contínuas e planejadas; b) observância das características epidemiológicas da população alvo; c) não utilização de mensagens moralistas ou amedrontadoras; d) articulação de instituições.

O consumo de substâncias psicoativas pelos estudantes brasileiros caracteriza-se, a se guiar pelas informações científicas disponíveis, pela predominância de produtos lícitos e pela relativa discrição (quando comparado com o consumo de estudantes de outros países).

O objetivo deste trabalho foi verificar, através do estudo de alguns indicadores, a adequação das ações de prevenção ao abuso de drogas realizadas em nossas escolas, em relação às especifidades epidemiológicas nacionais e às teorias preventivas mais recentes.

Com este propósito, foram analisados dois aspectos da realidade escolar do Estado de São Paulo: a) o tratamento dispensado ao tema "Drogas" nos livros didáticos, através da técnica de análise de conteúdo e b) a prática de prevenção ao abuso de drogas no cotidiano escolar, através de uma pesquisa postal feita junto a professores e diretores de 79 escolas.

Os resultados obtidos apontaram para um profundo anacronismo da intervenção preventiva em nosso Estado, onde predominaram ações descontínuas, sem planejamento, e desconectadas do perfil epidemiológico de nosso estudante.

Auxílio financeiro: FAPESP, CNPq, UNDCP

333.2 DROGAS: O CONSUMO DO JOVEM, O DISCURSO DO ADULTO

Sub-tema: Uso de drogas entre jovens estudantes no Brasil

Carlini-Cotrim, B. e Carvalho, V.A. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), Depto. de Psicobiologia, Escola Paulista de Medicina, São Paulo

A necessidade de obter diagnótico mais amplo da realidade brasileira quanto ao consumo de drogas deu início à pesquisa realizada pelo CEBRID em 1987 e 1989 com estudantes do 1º e 2º graus do país (10 capitais). Os dados foram colhidos em sala de aula, através de questionário de auto preenchimento, anônimo e voluntário, que referia-se ao padrão de uso (na vida, no ano, no mês e freqüente) de drogas psicotrópicas, inclusive álcool e tabaco.

A análise dos dados revelou homogeneidade quanto às drogas mais usadas pelos estudantes, mantendo a seguinte ordem de preferência nas diferentes cidades: 1 - álcool, 2 - solventes, 3 - ansiolíticos, 4 - anfetaminas e maconha. A comparação entre os dados de 1987 e 1989 mostrou um discreto crescimento no uso geral de drogas, de 21.1% para 26.1% (média de consumo das 10 cidades).

A amplitude desta pesquisa permitiu inferir um diagnóstico do consumo de drogas entre jovens estudantes do Brasil, revelando-se instrumento de reflexão à elaboração de programas de prevenção entre adolescentes.

É importante acrescentar a esta análise, outros dados: os de internações hospitalares por dependência de drogas no Brasil, que apontaram o álcool como motivo principal de internação, mesmo entre adolescentes e os dados do consumo entre meninos de rua onde também as drogas lícitas apareceram como as mais usadas.

Infelizmente as escassas campanhas educativas realizadas até hoje no Brasil abordaram principalmente as drogas ilícitas (cocaína, maconha) quando os dados epidemiológicos revelaram as drogas lícitas (álcool, solventes, medicamentos) como as mais usadas pelos jovens. Este quadro mostra distorções entre a realidade e o teor das campanhas de prevenção, que não parecem assim estar servindo aos interesses da saúde pública deste país.

AUXÍLIO FINANCEIRO: UNDCP

333.3 DROGAS: O CONSUMO DO JOVEM, O DISCURSO DO ADULTO.

Sub-tema: Os meios de comunicação de massa

Pinsky, I. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

Os estudos que associam drogas e mídia têm obtido importância crescente nos últimos anos. A maior parte deles é de origem norte-americana, embora os países nórdicos e o Canadá devam também ser citados. Essas pesquisas dividem-se em três grandes grupos que estudam: 1) as propagandas (comerciais e anúncios) de bebidas alcoólicas; 2) a prevenção (educação) aos malefícios causados pelo abuso de álcool e outras drogas; 3) as representações do álcool e outras drogas, uso, abuso, etc.

Esse trabalho pretende-se uma revisão bibliográfica sobre os principais estudos existentes na área. Para esse fim foram coletados e analisados mais de 40 artigos em revistas científicas.

Os resultados apontam para uma controvérsia generalizada e ausência de dados conclusivos especialmente nos dois primeiros grupos citados acima. Assim, os estudos que visam estudar os efeitos das propagandas têm obtido poucas evidências empíricas a favor do corte dessas. As avaliações das campanhas de prevenção, que têm como principal público alvo os jovens, indicam resultados pouco expressivos. Já os estudos das representações dos episódios relacionados ao álcool e outras drogas na mídia preocupam-se, basicamente, com o conteúdo e freqüência desses. Um dos dados obtidos refere-se à representação do beber como uma atividade institucionalizada que raramente leva a consequências severas.

Esses aspectos são importantes para oferecer subsídios a políticas nacionais do abuso de álcool e outras drogas.

Auxílio financeiro: CNPq

333.4 DROGAS: O CONSUMO DO JOVEM. O DISCURSO DO ADULTO
Sub-tema: O ponto de vista familiar
Zemel, M.L.S.

O trabalho trata da apresentação da "droga" vista pelo adolescente através de material produzido por eles próprios, focalizando o adolescente como um ser em desenvolvimento com uma função social importante.

Será discutido então a "crise da adolescência" enquanto uma necessidade do adulto, focando o ponto de vista psicológico, antropológico e social.

A família será apontada como instância que contribui para a criação e estratificação da patologia da dependência da droga, através de sua estruturação. Será também discutida a possibilidade e/ou impossibilidade da família ser trabalhada como uma forma de "desintoxicação da dependência" do consumo do jovem.

334.1

A INTERAÇÃO SOCIAL E SOLUÇÃO DE PROBLEMAS POR CRIANÇAS : QUESTÕES METODOLÓGICAS, RESULTADOS EMPÍRICOS E IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

Maria Lucia Seidl de Moura (UERJ)

O objetivo deste Simpósio é discutir questões teóricas, metodológicas, resultados empíricos e implicações para a prática educacional, da interação social entre crianças e seu papel na construção do conhecimento.

O papel da interação no desenvolvimento cognitivo vem recebendo ênfase nas últimas duas décadas de pesquisa psicológica. A literatura na área vem crescendo significativamente, inclusive no Brasil, mas apresenta lacunas, divergências teóricas e problemas metodológicos que merecem discussão. Em questão está a própria noção de interação, reduzida frequentemente a soma de comportamentos individuais "socialmente dirigidos". A concepção de D. Newman, P.Griffin e M. Cole (1990) de "Zona de Construção" como um sistema funcional supera algumas das limitações dessa concepção e permite discutir a possibilidade de mudança cognitiva. Os trabalhos de A.N.Perret-Clermont e seus colaboradores, com a noção de conflito socio-cognitivo e de P.Light enfatizando o papel da negociação de significações são também importantes.

Do ponto de vista metodológico é necessário ampliar os recursos disponíveis para analisar interações. Alguns modelos, como o de A.L.Lozano (1990) podem ser úteis e as investigações em desenvolvimento social tem trazido contribuições relevantes, desenvolvendo procedimentos sistemáticos de análise de observações registradas em vídeo.

Resultados de um estudo que acompanhou a resolução de problemas simples de adição e subtração por crianças de 1ª a 4ª série do primeiro grau em pequenos grupos confirmam a tendência observada em estudo anterior (Social Construction of knowledge and individual problem solving in two kind of tasks - 1991) de formas peculiares de interação nesse tipo de tarefas acadêmicas. Indicam que o processo natural de construção negociada de soluções pode estar sendo bloqueado ou pouco estimulado pela influência de ensino escolar formal. Mais estudos nessa área são necessários e podem contribuir para o repensar de modelos didáticos em vigor e a criação de condições que propiciem mudanças cognitivas significativas.

334:2

A INTERAÇÃO ENTRE CRIANÇAS E O RACIOCÍNIO EM JOGOS DE REGRAS

Lino de Macedo (USP)

O objetivo nesta comunicação será o de analisar - no contexto de jogos de regras - uma problemática presente em interações entre crianças e outra, em seus raciocínios, opondo-as aos seus principais "adversários". (1) Quando crianças interagem em jogos de regras a competição é um dos principais aspectos de suas relações, ainda que isso seja temido e combatido pelos adultos (pais e professores) como algo que poderá ser mau (1) para elas. Em crianças, os adultos valorizam mais a "colaboração".(2)Quando crianças colocam-se problemas em jogos de regras o raciocínio é um dos principais aspectos que favorecem suas resoluções, ainda que intuição e hábito, cada qual ao seu modo, dificultem sua produção. Os adultos valorizam o raciocínio, mas nem sempre sabem como favorecer sua construção pelas crianças. Competição X colaboração e raciocínio X hábito ou intuição serão os pares de opostos a serem aqui analisados, em uma perspectiva baseada no construtivismo de Piaget. As bases empíricas para essa reflexão serão retiradas de dois contextos: de um trabalho de capacitação de professores de ciclo básico para jogos (TA-TE-TI /QUATRO CORES / DOMINÓ E PEGA VARETAS) em salas de aula e de oficinas de jogos com adolescentes pobres, que frequentam - no período contrário ao de suas aulas - uma associação cultural em São Paulo.

334.3

DA TRANSFORMAÇÃO DAS FORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS NA APRENDIZAGEM

Maria Lucia Faria Moro (UFPR)

Resultados de alguns trabalhos anteriores e de pesquisa em andamento sugerem que as formas de interação social de crianças em início de escolaridade transformam-se evolutivamente nos pequenos grupos, durante sessões de aprendizagem construtivista.
Ficam evidenciadas competências infantis de organização em pequenos grupos para um trabalho escolar em princípio mais produtivo do ponto de vista da construção de noções e conceitos.
Também, novos elementos surgem para apoiar a ideia de que situações de aprendizagem em pequenos grupos são um caminho de extremo interesse para alterar o cotidiano das atividades em sala de aula em nossas escolas públicas.
Uma sequência de formas de interação social, de isoladas para formas conjuntas e intercomplementares, esboça-se como necessária, apresentando variações no ritmo de organização conforme o número de componentes dos pequenos grupos em ligação com a idade cronológica desses componentes.
Algumas alternativas de explicação para a progressão daquelas formas de interação aparecem e necessitam ser mais amplamente discutidas. Dentre elas, são particularmente desenvolvidas as seguintes ideias piagetianas e suas interligações:

- o movimento da centração para a descentração de pontos de vista na evolução individual;
- a necessidade do confronto das realizações individuais a partir da hipótese sobre a contradição natural como fruto e não causa dos desequilíbrios;
- o papel da tomada de consciência de ações diferentes ou opostas na conceituação individual em novo plano de construção.

334.4 UMA REVISÃO DA CONCEPÇÃO PIAGETIANA DA RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO E AS IMPLICAÇÕES PARA A ANÁLISE DA INTERAÇÃO SOCIAL E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.

ARENDT, R.J.J. Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ.

Este trabalho compõe uma das apresentações do Simpósio "Interação Social, Desenvolvimento Cognitivo e Aprendizagem", coordenado pela Profª Maria Lucia Seidl de Moura. Pretende-se aqui discutir a investigação aberta por Piaget em suas últimas obras visando retomar a análise do desenvolvimento cognitivo centrando-a sobre o objeto em lugar da centração anterior sobre o sujeito. Entende-se que a interação dialética entre sujeito e meio deverá ser necessariamente uma interação radical, quando se considera a expressão "meio" em sua concepção mais abrangente que inclui também e principalmente os objetos sociais. Discutindo a crítica sociológica que acusa o modelo piagetiano de omitir a dimensão social, sustenta-se a hipótese de que ela, pelo contrário, estaria embutida em seu conceito de interação.

Estas reflexões sugerem um novo encaminhamento a problemas cognitivos e psicossociais contemporâneos como, p.ex., o debate sobre a inteligência da criança brasileira marginalizada. A exposição finaliza com um breve relato dos desdobramentos atuais deste trabalho, tais como o projeto de pesquisa "A epistemologia genética e a identidade do conceito", financiado pelo CNPq.

335.1 **CONFUSÃO CONCEITUAL NO ESTUDO DE ATITUDES NO TRABALHO.** Bastos, A.V.B. - Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Ba.

Retoma-se a tradição de pesquisa que toma atitudes como preditores do desempenho no contexto de trabalho, cuja origem remonta ao movimento das relações humanas, na década de trinta, fazendo-se uma análise crítica da fragmentação e profunda confusão conceitual que cerca este domínio. São destacados os múltiplos conceitos (satisfação, apego, comprometimento) e confrontados resultados que mostram que a sua reduzida demarcação conceitual e empírica se traduz em um conjunto impressionante de dados e parco trabalho de integração teórica. Destacam-se, ainda, dados que mostram o reduzido poder preditivo da maioria destes construtos atitudinais. De forma particular, toma-se o construto de comprometimento no trabalho destacando-se a confusão decorrente da multiplicidade de focos/alvos desse vínculo - organização, sindicato, trabalho, profissão, valores. No caso de comprometimento organizacional, o mais largamente estudado, são apontadas as raízes das principais definições e propostas de operacionalização encontradas na literatura e apresentados os dados de meta-análises que sumarizam seus principais antecedentes e conseqüentes. Descritoo quadro de confusão, são avaliadas as estratégias metodológicas empregadas por pesquisadores, que no geral, têm se revelado insuficientes para superar os problemas apontados. Alguns avanços recentes na pesquisa sobre atitudes e a análise da lógica do uso desses conceitos na prática científica e na linguagem cotidiana são apontados como alternativas necessárias para a área.

335.2

A PLURALIDADE DE MODELOS TEÓRICOS EXPLICATIVOS DO TURNOVER. SENA, M.F. - Universi Federal do Ceará,Ce.

O grande número de trabalhos produzidos ao longo dos anos por pesquisadores oriundos da Sociologia, Ciência Política, Economia, Administração e Psicologia, relaciona a decisão de sair ou ficar numa empresa aos mais diversos fatores, como as características pessoais e demográficas, satisfação geral com aspectos do trabalho e da organização, características organizacionais, do grupo ocupacional, comprometimento, intenções, oportunidades alternativas de emprego, entre outros. Após apresentação dos modelos mais largamente aceitos, discute-se como os resultados até então disponíveis, são confusos quanto aos reais antecedentes desta decisão do trabalhador, demandando um exaustivo trabalho de revisão a se iniciar pela própria conceituação do que venha a ser "turnover" e pela revisão crítica das medidas utilizadas para a sua mensuração.

335.3

QUESTÕES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS NOS ESTUDOS SOBRE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO. ABBAD, G.S. - Departamento de Psicologia Social e do trabalho - UnB-Universidade de Brasília.

Os resultados provenientes das pesquisas sobre avaliação de desempenho não têm sido úteis para eliminar erros psicométricos como o de halo e leniência. Os sistemas de avaliação utilizados pelas organizações, mesmo quando implementados com tecnologias geradas pela pesquisa especializada, não têm produzido efeitos positivos sobre os níveis de produtividade ou de motivação do empregado. São muitos os problemas metodológicos e conceituais nas pesquisas sobre o assunto. Entre os problemas metodológicos pode-se citar a inadequação do tipo de delineamento experimental adotado pela maioria dos estudos sobre instrumentos de mensuração e treinamento de avaliadores, que deixam de incluir importantes variáveis que podem afetar o desempenho de avaliadores em ambientes organizacionais complexos. Além disso, a maior parte dos estudos baseia-se nas premissas segundo as quais o avaliador não é capaz de discriminar desempenhos bons de ruins. O mesmo indivíduo não pode apresentar desempenho uniformemente bom ou ruim nas várias tarefas que compõem o seu posto de trabalho. Essas premissas são facilmente questionáveis por se tratarem de questões empíricas. Outro problema presente nas pesquisas sobre avaliação de desempenho refere-se ao conceito de **desempenho satisfatório** adotado pela maioria dos pesquisadores. Os critérios de desempenho geralmente estabelecidos intuitivamente violam a lógica do uso do conceito de desempenho satisfatório como usado na linguagem cotidiana. O uso adequado deste conceito implica em comparar o desempenho do indivíduo com nível de desempenho possível, levando em conta as condições nas quais o comportamento ocorre. O problema surge nas pesquisas porque os critérios de desempenho satisfatório não permitem tais comparações ou são estabelecidos de forma não sistemática. Como seria possível estabelecer critérios objetivos e sistemáticos para identificar desempenho satisfatório? Identificando o que os indivíduos fizeram e são capazes de fazer, em quais situações. Isto implica em uma análise da influência sobre o desempenho de variáveis extra e intra-organizacionais.

335.4

DIFERENÇAS TEÓRICAS NA INVESTIGAÇÃO DA SAÚDE NO TRABALHO. FERNANDES, S.R.P. - Departamento de Psicologia da UFBA

Na análise da questão saúde no trabalho depara-se com uma diversidade de caminhos teóricos que privilegiam o processo de trabalho na organização capitalista ou a estrutura ocupecional, ou a organização e condições de trabalho, como determinantes da saúde "adoecimento" do trabalhador. Tais aportes teóricos trazem claras implicações conceituais e metodológicas para a pesquisa neste domínio. Aliado a esses aspectos, ao se tratar de saúde mental, surgem dificuldades conceituais específicas que envolvem a caracterização do complexo saúde/doença mental, apreendido sob uma multiplicidade de construtos. No contexto organizacional em particular, discute-se, ainda, a questão do "efeito do trabalhador sadio", que tem claras implicações para os resultados das pesquisas aí empreendidas.

336.1

PERCEPÇÃO DE ESTÍMULOS QUÍMICOS EM RECÉM-NASCIDOS: DISCRIMINAÇÃO E PREFERÊNCIAS.

BERGAMASCO, N.H.P. * Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

O desenvolvimento de métodos e técnicas que tornaram possível o acesso às respostas do recém-nascido, resultou num avanço crescente nesta última década, de estudos do equipamento sensorial do bebê. Esses estudos tem demonstrado que os bebês tem sistemas sensoriais e de respostas motoras altamente desenvolvidos. No entanto, algumas áreas como a quimiorecepção, ainda são menos conhecidas do que, por exemplo, a visão e a audição, provavelmente em razão de dificuldades metodológicas ainda não totalmente resolvidas. Uma abordagem que tem se mostrado útil para o conhecimento dessa área é o uso de expressões faciais como indicadores de paladar e olfato. Em recém-nascidos assim como em adultos, estímulos supra-liminares de sabores e aromas eliciam certos trejeitos faciais ou "caretas".

O presente estudo teve por objetivo levantar dados relativos a esses sistemas sensoriais, através dos movimentos faciais eliciados por diferentes estímulos olfativos e gustativos. Foram testados 31 recém-nascidos (15 meninos e 16 meninas), nascidos a termo e saudáveis (Apgar 7-10), entre 15 e 72 horas de vida (X= 43 hs). Os testes de gustação foram aplicados em 15 bebês. Os estímulos consistiram em soluções aquosas de sacrose para o doce, ácido cítrico para o azedo , sulfato de quinino para o amargo e água destilada como estímulo neutro para comparação. Os testes de olfação foram aplicados em 16 bebês. Os estímulos consistiram de 9 aromas de alimentos (morango, leite, chocolate, manga, baunilha, mel, pepsi, alho e cebola.

O procedimento geral consistiu na apresentação randomizada dos estímulos, em procedimento duplo-cego. Os bebês foram filmados em video-tape, em repouso, durante e após a apresentação de cada estímulo. As expressões faciais registradas foram analisadas e levantadas as categorias de movimentos faciais mais comuns para cada estímulo.

Os resultados mostram que: (1) Todos os recém-nascidos apresentaram reações faciais em resposta aos estímulos, tanto gustativos quanto olfativos. Isto confirma a funcionalidade desses sistemas sensoriais, poucas horas após o nascimento. (2) Os bebês responderam de modo diferenciado e característico para cada tipo de estímulo. Isto implica em que são capazes de discriminação. (3) Embora ocorressem consistentemente respostas típicas para cada modalidade, a análise dos registros evidenciou também diferenças individuais na sensibilidade, demonstrada pelas diferenças de intensidade das reações entre os recém-nascidos observados. (4) Os bebês demonstraram também preferências tanto em relação aos sabores como aos aromas, uma vez que apresentaram expressões avaliadas como de agrado ou de desagrado para diferentes estímulos.

* Bolsista CNPq.

336.2

AVALIAÇÃO DA ACUIDADE VISUAL EM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS*

SALOMÃO, S.R. - Departamento de Oftalmologia, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, SP

A visão é o canal sensorial dominante na aquisição de informações sobre o ambiente e, portanto, para adaptação ao mundo. Ela desempenha um papel importante no desenvolvimento geral do indivíduo pois é principalmente por seu intermédio que este percebe o espaço, inicia contato com o meio ambiente e consegue se comunicar (aprendizado da escrita e leitura). Dentre as principais funções visuais, a acuidade visual surge como o aspecto mais crítico da percepção da forma.

O estudo da resolução visual em bebês e crianças pré-verbais recebeu um grande impulso nas últimas duas décadas em decorrência do desenvolvimento de métodos e instrumentos que possibilitam sua medida. O interesse pela acuidade visual é que sua quantificação pode se constituir num indicador do desenvolvimento visual. O conhecimento sobre o quanto a criança pré-verbal é capaz de ver e sobre como esta capacidade se desenvolve é imprescindível para a compreensão do desenvolvimento global da criança, de seu desenvolvimento viso-motor. Além do desenvolvimento normal, a avaliação da acuidade visual destina-se à detecção de patologias e ao acompanhamento de sua evolução e tratamento.

O importante conceito de que o bebê recém-nascido é capaz de ver foi introduzido por Fantz em 1958. Ele observou que bebês têm mais interesse em olhar estímulo padronizados do que campos homogêneos. A partir daí, surge a técnica do olhar preferencial, onde um observador julga se a criança percebeu ou não um estímulo pela preferência e duração da fixação do olhar. Durante todos estes anos, foram feitos aprimoramentos nesta técnica para sua utilização em prática clínica, até chegarmos ao método utilizado atualmente, o procedimento dos cartões de acuidade.

A acuidade visual foi avaliada em 97 crianças normais, com idades variando de 3 a 36 meses, que não haviam passado por uma avaliação anterior e/ou exame oftalmológico, pelo procedimento dos cartões de acuidade. Além deste grupo, a acuidade de 10 crianças com patologias oculares previamente diagnosticadas também foi medida com o mesmo procedimento. Os resultados encontrados demonstram que o desenvolvimento da acuidade passa por duas fases distintas, uma até os 18 meses e outra dos 18 aos 36 meses. No grupo patológico, a grande maioria dos sujeitos apresentou valores abaixo dos normais para suas respectivas idades, confirmando a validade clínica do método.

*Apoio financeiro FAPESP processo 88/3224-3

336.3

ACHADOS OCULARES E VISUAIS EM CRIANÇAS DE RUA

LAPA, M.C. - Departamento de Oftalmologia, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, SP

A visão é um dos mais importantes meios de integração do indivíduo com o ambiente. A maior parte dos conhecimentos são adquiridos por seu intermédio. A perda ou diminuição da capacidade visual, prejudica o desenvolvimento natural do indivíduo, de maneira global, pois interfere em suas aptidões intelectuais, escolares, profissionais e sociais. Procurando caracterizar do ponto de vista ocular e atuar a nível de prevenção, se possível, a parcela de nossa população conhecida como "crianças de rua", avaliamos através de triagem visual, 488 crianças e adolescentes, cuja idade variou de 7 a 18 anos, no período de junho de 86 a dezembro de 90. Esta avaliação foi realizada por ortoptistas que participam de um grupo multiprofissional da EPM que objetiva investigar o estado geral de saúde do grupo em questão.

Do total de 488 "crianças de rua", encontrou-se 106 ou seja 22% de baixa de acuidade visual uni e bilateral; 10% de estrabismo intermitente e manifesto e 7% de ausência de visão de profundidade (estereopsia). 68 crianças não foram localizadas para exame oftalmológico. 17 tiveram prescrição de óculos, com melhora da acuidade visual, sendo na maioria altos graus. Em 12 casos a refração encontrada não justificou a baixa de visão. Na busca de uma explicação para este fato, tentamos relacioná-lo ao uso de drogas e ou ao estado nutricional destas crianças, porém, nada pôde ser evidenciado. Estes casos ficaram com suspeita de neuropatia tóxica e ou simulação, hipóteses estas que também não puderam ser confirmadas. Quanto a sintomatologia 145 ou seja 51% apresentavam queixa sendo as mais freqüentes cefaléia, baixa de visão, dor e prurido ocular, ardor e lacrimejamento. Esta citação na grande maioria dos casos foi difícil de ser valorizada considerando: primeiro a fraca atividade visual destes menores que não estudam, nem trabalham e também a carência afetiva inerente a este grupo.

Concluindo, de forma geral, não pudemos constatar diferenças significativas nos dados por nós encontrados neste grupo em comparação à população em geral. A impossibilidade de avaliar até o momento as hipóteses levantadas para as severas baixas visuais e a dificuldade em localizar as crianças para a realização do exame oftalmológico complementar, fizeram com que o objetivo fosse cumprido apenas parcialmente, o que nos levou a dar continuidade ao trabalho, buscando um conhecimento mais preciso do estado de saúde ocular da população de crianças de rua.

336.4

AVALIAÇÃO NEUROCOMPORTAMENTAL DO R.N. EXPOSTO À DROGA

Silva Haddad, A.M. (*), Doutoranda, Departamento Psicologia Experimental, USP e Brown University, R.I. USA.

O alarmante crescimento de mulheres grávidas como usuárias de drogas, em especial da cocaína, tem aumentado a preocupação sobre o efeito potencial da droga no recém nascido quando ainda no útero. Numerosos estudos sugerem que tanto a mãe como o bebê podem estar sujeitos a complicações médicas como placenta abrupta, parto prematuro, reduções do peso de nascimento do neonato, tamanho e circunferência da cabeça. Embora a literatura tenha mostrado alguma inconsistência, os neonatos expostos a substâncias abusivas podem apresentar anormalidades neurológicas e comportamentais, como tremores, irritabilidade, hipertonia, hipotonia, sugar vigoroso, choro excessivo e de tonalidade alta e escore pobre na Escala Brazelton. Os dados relacionados ao seguimento destes bebês mostraram que os efeitos adversos -- como atraso de linguagem, problemas de aprendizagem, falta de atenção, dificuldades comportamentais e emocionais -- continuam além do período neonatal. As diferenças encontradas nos dados se devem mais a aspectos metodológicos da amostra escolhida, e às limitações que advêm da confiabilidade quanto a frequência, tempo e padrões do uso.

(*) bolsista do CNPq

337.1

PROCEDIMENTOS NATURALISTICOS PARA O ENSINO DA LINGUAGEM FUNCIONAL EM CRIANCAS DE CRECHE.

NUNES, L.R.P. Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estudos realizados em creches que atendem populacao de baixa renda tem revelado que as interacoes verbais entre recreadoras e criancas pouco favorecem o pleno desenvolvimento da linguagem oral nestas. Os episodios interativos tipicos sao, em geral, curtos, de um so elo, nos quais a recreadora emite um mando verbal para que a crianca realize uma acao nao-verbal Considerando que a crianca carente apresenta risco de atraso no desenvolvimento da sua comunicacao oral e que a creche exibe condicoes pouco estimuladoras, desenvolvemos uma linha de pesquisa experimental interessada nos efeitos do uso de procedimentos instrucionais naturalisticos para favorecer o desenvolvimento da linguagem oral em criancas que apresentam atraso nesta area. No primeiro estudo, conduzido em uma creche em Sao Carlos, seis criancas entre 2 e 4 anos foram submetidas a um conjunto de procedimentos do ensino incidental - arranjo ambiental, mando-modelo, comentarios sistematicos e espera. Ao final do programa, os sujeitos iniciavam mais frequentemente interacoes verbais com adultos, apresentavam aumento de vocabulario, emitiam sentencas com maior numero de palavras, exibiam diversas funcoes comunicativas em suas verbalizacoes e generalizavam tais habilidades com diferentes interlocutores, em diferentes locais. Em um segundo estudo, ainda nao concluido, em uma creche no Rio de Janeiro, os dados apontam para as mesmas tendencias da investigacao anterior. Duas questoes foram suscitadas nestes estudos: como treinar recreadoras a usar sistematicamente tais procedimentos e como manter tais comportamentos em seus repertorios.

(Pesquisas financiadas pelo CNPq, SESFE e UFRJ)

337.2

O ENSINO INCIDENTAL E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL EM INDIVIDUOS PORTADORES DE DEFIENCIA MENTAL

Almeida, M.A. Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná.

A linguagem tem sido considerada um dos aspectos mais importantes do repertório comportamental do ser humano. Habilidades verbais são básicas para comportamentos sociais e acadêmicos.

Segundo Fleming (1978), uma das características mais comuns no comportamento do individuo mentalmente deficiente é a dificuldade em adquirir padrões de comunicação.

Com o objetivo de desenvolver a linguagem em crianças portadoras de deficiência mental, três estudos foram desenvolvidos usando-se as técnicas do ensino incidental.

No primeiro estudo, tutores adolescentes foram instruidos a usar os procedimentos de "mando-modelo" e "espera" na hora das refeições com crianças portadoras de deficiência mental. Os procedimentos consistiam basicamente em fazer perguntas abertas, dar instruções para verbalizar e modelar palavras desconhecidas pela criança (procedimento mando- modelo). Tão logo foi verificado que as crianças já conseguiam responder às instigações verbais dos tutores, os mesmos foram instruídos a usar o procedimento de "espera" que consistia em segurar o objeto de interesse da criança e esperar que a mesma o solicitasse. Os resultados demonstraram que a partir da introdução do procedimento "mando-modelo" as crianças conseguiram construir um repertório verbal, condicionado às instigações verbais do instrutor. No entanto, com a introdução do procedimento de "espera", as crianças tiveram a oportunidade de demonstrar verbalizações mais espontâneas.

O segundo estudo, consistiu numa reaplicação do primeiro, mas treinando adultos portadores de deficiência mental a empregar os procedimentos acima citados. Os resultados deste estudo foram semelhantes aos do primeiro, com a diferença que as tutoras portadoras de deficiência mental levaram mais tempo para assimilar as técnicas.

No terceiro estudo, fez-se toda uma reestruturação no ambiente para facilitar o treino da linguagem. Primeiramente as refeições foram servidas na sala de aula, onde o experimentador conduzia as sessões de treinamento da mesma forma que foi descrita nos estudos anteriores. Tão logo as crianças apresentaram melhoras no comportamento verbal, as mesmas voltaram para o refeitório, onde a própria professora passou a conduzir o treino. Em todos os estudos as crianças apresentaram ganhos significativos em linguagem oral espontânea.

337.3

UTILIZAÇÃO DE VARIAÇÕES DO ENSINO INCIDENTAL PARA PROMOVER O AUMENTO DE HABILIDADES LINGUÍSTICAS DE UMA CRIANÇA AUTISTA

LAMÔNICA, D.C., NUNES, L., Universidade do Sagrado Coração, Bauru, S.P., Universidade do Rio de Janeiro, R.J.

O objetivo deste estudo foi testar os efeitos da utilização dos procedimentos de mando-modelo e espera, variações do ensino incidental, sobre as habilidades linguísticas de uma criança diagnosticada autista.

O delineamento experimental de linha de base múltipla foi usado através de três situações diferentes intituladas: situação casa, escola e mercado, onde o sujeito deveria selecionar e nomear adequadamente os objetos desejados e iniciar interações comunicativas.

Comparando os efeitos do procedimento de treinamento da linguagem tradicional, nas sessões de linha de base e os efeitos do procedimento de treinamento das variações do ensino incidental nas situações de intervenção, os resultados sugeriram que os procedimentos do ensino incidental têm importantes implicações nos programas de linguagem para melhorar as habilidades linguísticas e promover a generalização.

337.4 UTILIZAÇÃO DE RECURSOS ALTERNATIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS: A ATUAÇÃO DOS FAMILIARES E PROFESSORA. Maria da Piedade Resende da Costa - Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.

Durante determinada fase do desenvolvimento da linguagem algumas crianças apresentam a incapacidade de repetir, por imitação, as palavras que escutam, ou seja, não são capazes de formar os estereótipos acústico-articulatórios corretos. Essas crianças apresentam a chamada dislalia evolutiva (Perelló, 1971 e 1973; Lunay e Borel-Maisonny,1975 e Garcia, 1978). A literatura relativa a problemas de linguagem em crianças procura descrever procedimentos para a correção desses problemas ou a prevenção de sua ocorrência. O objetivo do presente trabalho é descrever uma etapa do atendimento de 25 crianças (15 meninos e 10 meninas) na faixa etária de 4 a 6 anos de idade cronológica, alunas da pré-escola da rede municipal de ensino e com problemas de linguagem. O atendimento utilizou como recurso alternativo a atuação dos familiares (mãe e/ou pai e/ou irmão) e professora. A análise dos resultados sugere que essa atuação favoreceu aspectos como, por exemplo, a criança permanecer no seu ambiente natural.

338.1 Simpósio: A construção de conhecimentos no contexto pré-escolar: Processos de significação e intersubjetividade.

Maria Cecília Rafael de Góes (UNICAMP)

OS MODOS DE PARTICIPAÇÃO DO OUTRO NOS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO.

A investigação de processos de significação na criança abrange necessariamente um exame do funcionamento intersubjetivo já que o espaço interativo é o contexto de constituição do sujeito, de seus conhecimentos e formas de ação. No esforço para se compreender essa constituição é preciso que se aborde o papel do outro no funcionamento do sujeito. A contribuição do outro tem sido referida, na literatura da vertente histórico-cultural, como ação partilhada, ajuda, estabelecimento de fonte (bridging), criação de estrutura de suporte (scaffolding), transferência de responsabilidade etc. Estas são referências úteis para análise mas um passo produtivo adicional pode estar na investigação de como tais configurações gerais da ação do outro são realizadas enquanto modos específicos de participação no funcionamento do sujeito. O projeto de pesquisa (*) que é tomado como fonte para os temas deste simpósio inclui um estudo em que estamos buscando categorizar modos de participação de pares e professoras no espaço de ação da criança, no contexto pré-escolar. A categorização tem envolvido dois níveis de análise: o 1º diz respeito a movimentos do outro (enquanto formas de mediação semiótica) em relação à criança; a articulação desses movimentos num segmento interativo configura o 2º nível, relativo aos modos de participação do outro. Essas análises, ainda preliminares, têm gerado indagações de caráter conceitual e/ou metodológico com respeito à mediação semiótica, ao processo de internalização e à questão complexa da constituição do sujeito no espaço intersubjetivo.

(*) projeto financiado pela FAPESP

338.2

SIGNIFICAÇÃO E PROCESSOS DIALÓGICOS

Ana Luiza B. Smolka
UNICAMP

Bakhtin e Vygotsky indicam o diálogo como constitutivo do funcionamento concreto da linguagem e da consciência. É esse funcionamento material/mental da "palavra" (língua/fala) enquanto signo, enquanto dinâmica fundamentalmente social, que escolhemos privilegiar também como objeto da investigação sobre a produção de significados no contexto pré-escolar. O nosso objeto teórico se configura, portanto, como o movimento discursivo no contexto escolar.

Nossos estudos tomam como pontos de partida e ancoragem as concepções de mediação semiótica em Vygotsky; de princípio dialógico, Bakhtin; de formações discursivas, em Pecheux, e de enunciação polifônica, em Ducrot.

Tais concepções delineiam uma perspectiva que não só caracteriza a linguagem como prática social, mas considera linguagem e relações sociais como constitutivas da atividade mental especificamente humana. A língua é vista como produto e produção sócio-históricos, e a linguagem é considerada um dinâmico trabalho de construção de significações e sentido, que acontece num movimento interativo.

A dialogia manifesta-se de diferentes modos. Pode-se, por exemplo, traçar um movimento explícito, tal como se caracteriza o diálogo na interação face a face, no processo de enunciação concreta e única, na alternância de vozes. Mas pode-se também observar, num movimento dialógico "encoberto", o encontro de vozes que se dá na apropriação do discurso de outrem. Tal movimento é perceptível e captável na/pela análise dos atos de fala, relacionados às diferentes formas de interação verbal, que se configuram de acordo com as distintas esferas de utilização da língua na organização da prática social.

Articulam-se, assim, no estudo da enunciação, os aspectos pragmáticos e ideológicos do funcionamento discursivo, na medida em que se ressalta o caráter interativo da atividade de linguagem, recompondo-se o conjunto da situação de enunciação, isto é, suas circunstâncias e suas condições de produção.

338.3

INTERNALIZAÇÃO DE SIGNIFICADOS

Angel Pino Sirgado
UNICAMP

Como os instrumentos técnicos, os signos constituem realidades físicas (objetos, ações, situações) às quais os homens, por convenção, atribuem determinadas significações. Estas significações traduzem, essencialmente, as relações que os homens estabelecem entre as diferentes realidades, atribuindo a umas a função de referir a outras que elas representam. A função de representação qualifica os sistemas de signos em relação aos instrumentos técnicos, conferindo-lhes sua função semiótica. Na medida em que, como diz Vygotsky, os signos tem uma função mediadora e sua incorporação à atividade prática transforma as funções elementares da criança, de natureza biológica, em funções superiores, de natureza cultural, pode-se afirmar que a significação (função semiótica) é o que confere à atividade humana sua instrumentalidade transformadora, ou seja, é o que lhe permite fazer do real uma realidade significante, re-constituindo o real na ordem do simbólico.

Isso implica: 1. que a atividade humana, enquanto atividade significante, é de natureza eminentemente social, mesmo nas suas formas mais "individuais"; 2. que, como tal, sempre se refere a outra coisa que a ele mesma, o que a torna uma experiência inteligível e comunicável; e 3. que ela é, simultaneamente, constitutiva do objeto e do sujeito na ordem do simbólico.

Na análise do desenvolvimento da função semiótica no contexto pré-escolar parece útil considerar as categorias de público e privado enquanto esferas que contribuem para a compreensão do que se configura como internalização de significados pela criança.

338.4

SIGNIFICAÇÃO E MEDIAÇÃO POR SIGNO E INSTRUMENTO.

Afira Vianna Ripper
UNICAMP

A idéia da mediação constitui um pressuposto epistemológico dos que integram a chamada abordagem histórico-cultural da Psicologia. A mediação está implícita no conceito de atividade, entendida como um processo pelo qual o homem transforma a natureza, transformando-se ao mesmo tempo. Nesta perspectiva os instrumentos inventados pelo homem adquirem uma função mediadora na transformação das funções elementares da criança em funções superiores.

O "Ambiente Logo", constituído pela linguagem computacional Logo e a chamada "filosofia" Logo , será estudado enquanto mediação instrumental. Esse ambiente propicia à criança o desenvolvimento de uma linguagem descritiva. A criança efetua construções sobre a tela usando comandos de deslocamento e que constituem uma linguagem descritiva, a "língua da tartaruga" . Ela articula operações com letras, números e outros símbolos de teclado afim de objetivar na tela as representações mentais.

Este estudo pretende, tomando como unidade de análise a tríade criança-mediador-computador, examinar as formas de relação como geradoras de níveis crescentes de ação reflexiva, revelados pelo domínio da linguagem descritiva requerida na elaboração com Logo, procurando revelar de que modo o Ambiente Logo afeta o desenvolvimento de funções psicológicas nas esferas da linguagem escrita e conceituação de número.

339.1

INVESTIGAÇÃO DO CONTROLE DISCRIMINATIVO PELA SÍLABA NA AQUISIÇÃO E AMPLIAÇÃO DA LEITURA.

HÜBNER D'OLIVEIRA, M.M.H(*); MATOS, M.A. Universidade de São Paulo, S.P. (*) Pesquisadora CnPq.

Estudos realizados pelos autores (Hübner-D'Oliveira Matos, 1990, 1991 e 1992) vêm investigando se a leitura sob controle de unidades mínimas pode ser adquirida via o paradigma de equivalência. No procedimento geral básico,pré-escolares aprenderam a selecionar 3 desenhos(B)e 3 palavras impressas(C)diante do nome oral correspondente(A),em "matching-to-sample" (treino AB e AC)e demonstraram,sem treino,a leitura com compreensão(testes BC e CB). Em seguida,foram solicitadas a selecionar 3 novas palavras(derivadas das anteriores)diante dos desenhos correspondentes (Testes B'C' e C'B').Se houvesse um baixo índice de acertos nesses testes,eram submetidos a um treino A'C' e após,a um teste com um 3º conjunto de palavras, também derivadas das anteriores(Testes B"C" e C"B").Os resultados indicaram que uma ampliação no número de palavras aprendidas(do conjunto C para o C'),com recombinação das unidades é necessário para a aquisição do controle por essas unidades.No estudo atual,ensinou-se,no conjunto C,quatro outras palavras (e não três,como nos anteriores),com recombinação mais sistemática de suas sílabas.Nos testes B'C' e C'B'os sujeitos apresentaram controle pelas unidades mínimas parcial,tal como no primeiro estudo,e melhoras no desempenho nos testes B"C" e C"B", confirmando que a ampliação do repertório,com recombinação das sílabas,é uma variável importante para a obtenção do controle por unidades mínimas.Entretanto,começar esse repertório com quatro palavras(em vez de três),mesmo com recombinações mais sistemáticas,não se mostrou uma condição que acelerasse esse controle (de C para C').Verificou-se ainda que o desempenho em B'C' e C'B' foi influenciado por uma outra habilidade:a leitura na direção esquerda-direita.Erros indicavam identificação correta das sílabas,porém leitura no sentido inverso.Além disso,os acertos foram mais freqüentes para as novas palavras que não requeriam tal habilidade(com duas sílabas idênticas,p.ex.

339.2

ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA AQUISIÇÃO DA LEITURA.

BRESSER da SILVEIRA, M.H. MÓBILE - Escola Prática de Estudos Elementares, São Paulo, SP.

A análise comportamental da aquisição da leitura serviu de base para a elaboração de um programa de ensino, no que se refere ao planejamento das atividades, à seqüência de passos programados e aos procedimentos utilizados. O programa forneceu as condições necessárias para que crianças pré-escolares de 4 a 6 anos da MÓBILE - Escola Prática de Estudos Elementares, a ele submetidas, apresentassem as seguintes habilidades, componentes da complexa cadeia do ler: movimentação correta dos olhos requeridas na leitura, discriminação das sílabas contidas nas palavras, nomeação correta das sílabas, nomeação das palavras com compreensão e, por fim, a leitura de sentenças e pequenos textos. Tais habilidades foram instaladas obedecendo às características gerais do ensino programado personalizado, onde o ritmo de aprendizagem de cada aluno é respeitado, fator crucial para o estabelecimento de discriminações complexas que estão envolvidas no comportamento de ler.

339.3 ALFABETIZAÇÃO - REVENDO UMA PRÁTICA

LEITE, S.A. da S., UNICAMP, Campinas, SP

No presente trabalho, o autor apresenta uma retrospectiva sobre sua atuação junto à rede de ensino público, onde vem planejando e desenvolvendo, desde 1977, projetos de Alfabetização.

Durante esse período, uma série de alterações e influências foram observadas, seja em função do contínuo processo de reflexão sobre as práticas realizadas, seja através da contribuição recente de teorias psicológicas, lingüísticas e sociolinguísticas. Destaque especial deve ser dado à influência de teorias cognitivistas, em especial o construtivismo e a corrente sócio-histórica.

Na segunda parte do trabalho, a partir de toda experiência desenvolvida, são apresentadas algumas diretrizes básicas, relacionadas com o processo de Alfabetização escolar. Dentre elas, destacam-se: a) a importância de se adotar um conceito funcional de Alfabetização, baseado nos usos sociais da leitura e escrita; b) a importância de se interpretar a Alfabetização como um processo multideterminado, desenvolvido a partir de um conceito sobre indivíduo alfabetizado e à luz das recentes contribuições teóricas principalmente das derivadas da Psicologia e Lingüística; c) a importância de se superar a velha discussão metodológica em favor de uma concepção segundo a qual a prática pedagógica se constrói a partir das contribuições acima referidas; d) a compreensão de que a Alfabetização é um processo que exige continuidade, da pré-escola até, no mínimo, o final do ensino de primeiro grau, o que implica na ação coletiva do corpo docente, no sentido de construir um projeto único para a escola; e) para isto, novas formas de organização escolar devem ser implantadas, no sentido de garantir a participação de todos os docentes, no planejamento e desenvolvimento do trabalho, bem como a possibilidade do contínuo processo de reflexão sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula.

339.4

RELAÇÕES DE EQUIVALENCIA E ALFABETIZAÇÃO: ALGUNS RESULTADOS E POSSIVEIS DIREÇÕES PARA PESQUISA.

Julio C. de Rose, Universidade Federal de São Carlos.

Desempenhos envolvidos em leitura e escrita podem constituir uma rede de relações entre estímulos equivalentes, de tal modo que o ensino de algumas relações da rede pode fazer emergir as outras. Esta abordagem foi utilizada no desenvolvimento de um programa de ensino, em que foram ensinadas relações entre palavras ditadas e palavras impressas. Aumentou-se progressivamente o número de relações, através de um procedimento de aprendizagem sem erro. Observou-se a emergência de leitura de palavras, e generalização para palavras novas. Um estudo adicional, com procedimento similar, constatou a emergência de desempenhos relacionados à escrita. Tais estudos demonstram a aplicabilidade do paradigma de equivalência ao estudo da alfabetização, e sugerem novas direções para investigação. É necessário ampliar a rede de relações produzindo uma descrição mais completa do repertório envolvido na alfabetização. Deve-se investigar as diversas alternativas de relações a serem escolhidas para um programa de ensino, comparando-se, por exemplo, o treino de desempenhos "receptivos" com o de desempenhos "expressivos". Outra questão importante diz respeito aos procedimentos específicos para ensino dos desempenhos selecionados. A questão da generalização deve ser amplamente estudada, investigando-se os processos envolvidos e as alternativas de procedimento que contribuam para sua obtenção. É necessário estudar também a integração dos diversos desempenhos nas sequências comportamentais mais complexas envolvidas na leitura e escrita de textos.

Trabalho realizado com apoio da FAPESP e CNPq

340.1

O ANALFABETISMO DO MENINO DE RUA COMO PRODUÇÃO SIMBÓLICA DO CAMPO SOCIAL NO QUAL ELE ESTÁ INSERIDO

Carmem Maria Craidy
Prof. da Faculdade de Educação/UFRGS

No desenvolvimento humano a ignorância (assim como o conhecimento) é construída na interação social.

O analfabetismo é o produto simbólico das interações as quais o analfabeto e seu grupo estão submetidos na sociedade letrada.

Socialmente o adolescente urbano analfabeto (menino de rua) vive num mundo simbólico marcado pela violência; relações ambíguas e conflitadas; luta pela sobrevivência; inserção precoce no mercado de trabalho; privação da infância; confusão de papéis no âmbito da família; ausência de relações contratuais. Essa realidade resulta num perfil psicológico marcado pelo medo X agressividade; imediatismo; stress; ausência de individuação X vida grupal em gang; carência afetiva; pensamento mítico; desenvolvimento de saberes empíricos; ausência de reflexão abstrata; auto-estima baixa; comportamento instável e tumultuado; descontinuidade no discurso; estruturação da identidade do excluído, da qual "não saber" faz parte.

A pesquisa busca situar as "mediações" (sociais e psicológicas) pelas quais o analfabetismo é produzido.

340.3

ANALFABETOS NA SOCIEDADE LETRADA: DIFERENÇAS CULTURAIS E MODOS DE PENSAMENTO

Marta Kohl de Oliveira
Prof. Faculdade Educação/USP

O analfabeto urbano na sociedade letrada pertence a um grupo social determinado que tem como características:

- migrante das zonas rurais
- trabalhadores pouco qualificados;
- história descontínua e mal sucedida de passagem pela escola;
- filhos de pais pouco escolarizados em geral analfabetos.

Vivendo no mundo letrado o analfabeto sofre a influência desse mundo que determina a existência de graus de analfabetismo. Não é um grupo homogêneo.

Há um enfrentamento cultural entre o grupo de analfabetos e a sociedade letrada.

A relação entre cultura e pensamento é objeto de várias ciências sociais. Há duas tendências teóricas:

1 - O modo de funcionamento do ser humano é universal;

2 - Os indivíduos e grupos humanos funcionam psicologicamente em resposta às demandas do contexto em que vivem.

A escola desempenha papel importante no desenvolvimento da metacognição.

É importante que se considere a construção das possibilidades de desempenho intelectual dos indivíduos, mesmo quando não estão claras nas tarefas da vida cotidiana.

340.4

EXCLUSÃO SOCIAL E ALFABETIZAÇÃO

Angela B. Kleiman (UNICAMP)

Este trabalho examina fatores do contexto escolar que contribuem para a manuntenção do analfabetismo. O contexto examinado é a aula de alfabetização de adultos, mediante uma análise da interação entre alfabetizadores e seus alunos, adolescentes analfabetos, trabalhadores rurais no interior do Estado de São Paulo.

A introdução desses adolescentes à cultura letrada está marcada pelo conflito que se instaura em sala de aula, devido ao confronto de sistemas culturais, ou bases axiológicas, diferentes. A ausência de explicitação dessas diferenças produz incompreensão e rupturas no diálogo que confirmam e perpetuam as idéias preconcebidas de cada um dos grupos representados - professores alfabetizadores representantes da sociedade maioritária e adolescentes não-escolarizados, marginalizados social e economicamente - a respeito do outro.

A microanálise da interação numa aula de leitura permite traçar o percurso das expressões que simbolizam, na linguagem, o conflito que marca a passagem desses adolescentes pela sala de aula, e que determina, em grande medida, sua exclusão da escola. O discurso em sala de aula, então, constitui nesse contexto um instrumento da violência do espaço social que contribui para o analfabetismo e consequente marginalização dos adolescentes estudados.

(Pesquisa financiada por FAPESP e CNPq)

341.1

O PROJETO DE SAÚDE PERINATAL E DOS ESCOLARES

Marco Antonio Bertieri -FMRP-USP.

São apresentados os pontos e a metodologia analítica de pesquisa de uma coorte de recém-nascidos, durante o período perinatal e seu acompanhamento para o estudo dessas crianças nas escolas de Ribeirão Preto. No projeto foram examinados todos os partos hospitalares (resultando serem nascidos vivos) no município de Ribeirão Preto, Brasil, no período de 01 de junho de 1977 a 31 de maio de 1979. O estudo foi feito através de entrevistas com todas as puérperas que deram à luz nos 5 maternidades-enfermidades do país, à época, à gestação e ao parto, incluindo a atenção médica ao recém-nascido, ao curso da criança (quando ocorreu), à morte e à reprodução humana. Nos períodos letivos entre 1987 a 1989 foram levantados todas as crianças da coorte que estavam frequentando as escolas de 1º grau e obtidas informações quanto a escolaridade, o local de moradia, o tipo de escola e a antropometria dessas crianças (peso, altura e perímetro craniano), sendo que de uma amostra de 70% destes escolares, foram entrevistados os responsáveis para análise social mais detalhada e sua correlação com as informações da primeira análise. Assim são apresentados, nos dois momentos de detalhes, os passos para a execução do projeto, bem como a concretização da classe social e sua operacionalização, ponto básico para o modelo de análise.

341.2

SAÚDE PERINATAL E MÃES ADOLESCENTES

Heloisa Bettiol - Fac. Medicina de Rib.Preto-USP.

Foi estudada a participação da idade materna menor de 20 anos, na determinação do peso ao nascer da coorte de nativivos de parto único hospitalar de Ribeirão Preto, no período de um ano, através de questionários aplicados a todas às puérperas que deram à luz nos hospitais de Ribeirão Preto, no período de um ano. A classe social foi determinada usando-se o modelo proposto por Singer, e modificado por Barros para uso epidemiológico. A maioria das mães adolescentes pertenciam às classes proletárias (92,8%) e apresentaram as maiores proporções de baixo peso ao nascer (10,4%). Contudo, as mães adolescentes da burguesia apresentaram baixas proporções de RN de baixo peso (5%), semelhantes às mães mais velhas de mesma classe social; as maiores taxas de baixo peso correspondem às adolescentes do proletariado e subproletariado (9,3 e 12,3%, respectivamente). A análise de variáveis sócio-biológicas das mães adolescentes em função das classes sociais (idade gestacional, número de gestações, situação conjugal e hábito de parto), mostrou que as adolescentes apresentaram as maiores proporções dos fatores de risco, porém sua distribuição nesse grupo etário demonstrou um evidente diferencial segundo as classes sociais. Conclui-se que a idade materna menor que 20 Anos constitui-se num risco para a saúde perinatal não pelas suas características biológicas desfavoráveis, mas principalmente por concentrar em si outros fatores que influenciaram negativamente o peso ao nascer da criança.

341.3

ESTADO ATUAL DO CRESCIMENTO DOS ESCOLARES DE RIBEIRÃO PRETO(SP)-1988/89

Manoel Romeu P.Gutierrez
Fac. de Medicina de Ribeirão Preto - USP

Com o objetivo de avaliar o crescimento dos escolares com relacão ao seu meio social, econômico e familiar, e as suas influências, foram estudadas 4211 crianças de 8 anos e 6 meses a 11 anos, do total de 6750 procedentes e nascidas em Ribeirão Preto, entre junho de 1978 e maio de 1979, de ambos sexos, e que sempre viveram no município. Que frequentavam qualquer das escolas de primeiro grau em 1988 e 1989. Cada uma teve sua idade ,pêso, altura e perímetro craniano, registrados e processados por técnicas computacionais. Destas, 1031 (24.5%) foram entrevistadas em suas respectivas escolas e tomadas informações sobre sua composição familiar, escolaridade das mães, empregos e rendimentos e outras. As 75 escolas foram divididas em tres grupos - Grupo I -escolas públicas- municipais e estaduais-dos bairros localizados nos limites do perímetro urbano (24%) que representaram 25.4% do total dos escolares entrevistados; Grupo II -idem, porém localizadas nos bairros não periféricos ou intermediários (57%) que representaram 24.7% dos entrevistados e Grupo III-as particulares (19%) de qualquer localização territorial, (19.7%). Dos resultados observados, pode-se concluir que há uma sensível diferença entre as escolaridades das mães, distribuição de rendas (familiar bruta e per capita), e números de filhos, quanto a localização das escolas, bem como quanto ao crescimento dos escolares ou seu estado de nutrição, estando mais comprometido naqueles residentes nos bairros periféricos do que nos procedentes dos bairros intermediários e das escolas particulares. Pode-se também concluir que há maior proporção de criancas menores em famílias mais numerosas e de menor renda.Fato mais notável ainda quando se associa a baixa escolaridade materna.

341.4 RELAÇÃO EDUCAÇÃO E SAÚDE-A SAÚDE NA ESCOLA

Heliana da S. Palocci-Mestranda FE-Unicamp

A saúde na escola abrange: condições de saúde do escolar e as relações de saúde e educação dentro dos programas curriculares. A discussão será pautada em como o professor assimila o resultado das pesquisas na área de saúde e os trabalhos na escola, analisando os conteúdos e a metodologia dos livros didáticos e das propostas curriculares. Qual currículo oculto é veiculado nas aulas de programa de saúde, discutindo fatores que interferem e modificam a prática pedagógica do professor e sua posterior ação educativa. Apresentação de instrumentos de divulgação dos dados de saúde para serem utilizados pelos profissionais da educação: Projeto Revista "Passando a Limpo" (LEC-FFCLRP-NECA-FMRP-USP-Ribeirão Preto);Projetos da PG da Pediatria e Puericultura e LEC-USP-Ribeirão Preto-grupos de trabalho, produção do material didático, grupos de formação continuada.

342.1

CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL NO INÍCIO DA VIDA.

Maria da Conceição D.P. de Lyra - LabCom, Dept.de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco

Partindo da concepção co-construtivista, que postula que o desenvolvimento humano se dá no processo dialógico social (Vygotsky, Mead, Wallon, and, mais recentemente, por exemplo, De Lemos, Fogel, Valsiner, Wertsch, etc.) temos como objetivo discutir a relação entre a concepção teórica, mais especificamente, a natureza da questão que se coloca sobre este desenvolvimento, e a metodologia adotada na investigação e compreensão do processo de construção social. Propomos que o processo social de desenvolvimento faz emergir, particularmente, funções especificamente humanas que dizem da capacidade de duplicar a realidade através do uso de símbolos. Torna-se, portanto, necessário especificar, desde o início da vida, a natureza qualitativamente diversa daquilo que emerge como novo neste processo de desenvolvimento. Mais precisamente, torna-se necessário transpor esta concepção para a análise e compreensão da relação estreita entre o processo de construção social e o produto desenvolvimental que dele emerge.

Tomamos como ilustrativos desta proposta dois aspectos relativos ao processo de construção diático durante os primeiros meses de vida do bebê, a saber: (1) a produção de "sons semelhantes a vogais" nas interações face a face; e (2) o movimento de extensão e posterior abreviação dessas interações.

Discutiremos, particularmente, em relação ao primeiro (1), a relação entre a forma dialógica assumida pelas interações diádicas, ao longo do tempo, e o significado dos resultados encontrados nas interações face a face quando circunscritas a manutenção do contato do olhar e quando incluem pequenas interrupções desta contato; e em relação ao segundo (2), o significado deste movimento de extensão e abreviação, procurando ressaltar na abreviação sua potencialidade dinâmica, ou característica processual, através do conceito de pluricidade de significados.

(FACEPE, CNPq.)

342.2

RELAÇÕES INTERPESSOAIS: O NÍVEL DE RECORTE.

Ana Maria Almeida Carvalho - Dept. de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Apesar dos exemplos pioneiros de Moreno e de Kurt Lewin nas primeiras décadas deste século, a Psicologia, e talvez ainda mais claramente a Psicologia do Desenvolvimento, tradicionalmente abordam fenômenos sociais em suas dimensões intrapessoais, ou seja, como competências ou propriedades dos organismos individuais. Este trabalho propõe uma reflexão sobre a possibilidade de um recorte supraindividual dos fenômenos sociais, e especificamente das relações interpessoais ou vínculos. Argumenta-se, inicialmente, que o recorte intraindividual dos fenômenos sociais deve-se: (1) aos paradigmas clássicos sobre o processo de desenvolvimento como transmissão de informação; (2) a ausência de uma perspectiva comparativa ou evolucionária, que conduz o foco da atenção para indivíduos, e não para populações; (3) a um conceito de "social" que confunde níveis psicológicos e suprapsicológicos de análise. Propõe-se um conceito de "social" como espaço de informação criado pelos organismos; e de vínculo como um dos processos característicos desse espaço no ser humano, com existência intra e interindividual, e com propriedades reguladoras sobre fenômenos diádicos, triádicos e outros fenômenos de grupo. O argumento é ilustrado por uma análise sobre a natureza e função da parceria privilegiada entre crianças pequenas (2 a 6 anos).

(CNPq.)

342.3 CONCEITO DE PAPEL NA ANÁLISE DO PROCESSO INTERACIONAL. Oliveira,Z.M.R. (USP/SP)

A compreensão dos processos de desenvolvimento infantil está a exigir novos referenciais teórico-metodológicos que façam avançar o estágio atual de conhecimento na área. A crescente ênfase no caráter social do desenvolvimento humano, que se dá em ambientes culturalmente estruturados e onde determinadas formas de relações sociais e de uso de signos se fazem presentes, tem exigido uma retomada de certos postulados elaborados na primeira metade deste século pela Psicologia sociointeracionista de base dialética (Vygotski e Wallon).Tais postulados têm oferecido instigantes perspectivas para se analisar a formação da consciência e da subjetividade pela criança. Em nossa opinião, um dos pontos pouco explorados na obra daqueles autores é a concepção do papel que apresentam. Acostumados na tradição individualista da Psicologia ocidental e que vê o indivíduo como um ser já constituído, descontextualizados e a-histórico, os pesquisadores têm tido dificuldade para aprofundar a compreensão da ação humana, por ignorar, minimizar ou distorcer a idéia daqueles autores de ação partilhada de sujeitos em contextos sócio-históricos e que seria uma aproximação do nosso conceito de "jogo de papéis". Este pressupõe coordenações de pares papel/contra-papel pelos indivíduos, dentro de um enfoque processual que concebe a interação como constituindo os sujeitos e não como influências, mesmo que recíprocas, entre sujeitos já constituídos. O potencial heurístico do conceito no estudo da interação será mostrado por exemplos. (PAPESP, CNPq)

342.4

EMERGING PROCESSES AND RELATIONSHIPS.

Alan Fogel - Dept of Psychology,
University of Utah, U.S.A.

Relationships can be studied as evolving social systems in much the same way as psychologists study individual development or sociologist study changes in societies. Human social relationships move through a series of phases marked by changes in intimacy and common activity between partners. Both increases and decreases in intimacy, as well as additions and deletions of common activities, are normally part of change in a relationship over time. Theory and research on relationships must accept the dual existence of both innovation and dissolution as part of the process of change.

I present a model of relationship process that offers a way to understand innovation and dissolution of feelings of intimacy and common activities in relationships. This model is based on the concept of co-regulation. Co-regulation is the process by which individuals mutually adjust their actions during everyday social interactions. Co-regulation is not mere matching, imitation, or synchronization of social actions. Rather, co-regulation is defined as the creation of actions leading to the emergence of stable consensual frame for common activity. Co-regulation does not require shared goals, emotions or cognitions, but is based instead on the mutually adjustive actions that characterize human communication. Shared emotions and goals -- intimacy -- are the result of history of co-regulated communication within a relationship. If shared goals are present, they contribute to the development of increasing intimacy and relationship change as part of the process of co-regulating common actions.

When co-regulation is mutually creative, it leads to the innovation of new consensual frames in a relationship. When co-regulation is uncreative and actions become ritualized, it leads to the rigidification of consensual frames, or to their dissolution. I present examples from research for how the concept of co-regulation illuminates these developmental processes within relationships.

343.1

DECOMPOSIÇÃO E PROCESSAMENTO VISUAL DA IMAGEM: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS RELEVANTES.

SIMAS, M.L. de B. Laboratório de Percepção Visual, LabVis-UFPE. Departamento de Psicologia, UFPE, CEP 50670-901.

Desde 1989, o Laboratório de Percepção Visual (LabVis-UFPE) vem desenvolvendo estudos que investigam características e propriedades do processamento neural da imagem projetada na retina com experimentos controlados por micros em tempo real e com paradigmas psicofísicos. Num experimento típico, o observador é apresentado com um par de estímulos consecutivos, separados por um intervalo de 2000ms e é instruído a fazer uma escolha pelo estímulo teste que lhe foi mostrado em experimentos de treino até a correta identificação do mesmo após sucessivas apresentações do par. No experimento propriamente dito, o contraste de uma das imagens que compõem o estímulo teste varia e pode ser reduzido ou aumentado de acordo com o nível de acerto do observador. A cada três acertos consecutivos, o nível do contraste é reduzido de uma unidade e, a cada erro, aumentado de uma unidade[1]. Assim é possível se obter uma estimativa do nível de contraste necessário para que o observador possa ou apenas diferenciar entre os dois estímulos ou identificar o estímulo teste. Este, entre vários paradigmas, oferece condições de se estudar as preferências do sistema visual com base na hipótese de que a preferência é maior quando o nível de contraste para detecção é menor ou, em outras palavras, quando a sensibilidade do sistema visual é maior para um determinado tipo de imagem.

As pesquisas do LabVis-UFPE têm utilizado 3 tipos de configurações espaciais de estímulos no estudo do processamento da imagem, i.e., do contraste e da forma. Estes são baseados nas propostas de Shade[2], Kelly[3] e Simas e Dodwell[4] que envolvem estímulos cuja luminância varia sobre uma superfície de acordo com funções senoidais (ou cosenoidais) ou de Bessel e definidos em termos de frequências espaciais. As variações de luminância podem ocorrer de formas ortogonais e definidas em termos de coordenadas cartesianas[2] ou polares[3-4]. Aquelas definidas em coordenadas cartesianas são identificadas na literatura como *grades senoidais* ("sinewave gratings") e têm sido amplamente utilizadas no estudo das características (e no teste) de funções visuais. As outras variações já sugeridas[3-4] são definidas em coordenadas polares (são circulares) e constituem os estímulos modulados por funções esféricas Bessel, i.e., *alvos* J_0[3], onde a variação do contraste ocorre ao longo do raio e os de *frequências angulares* onde a variação ocorre a longo do ângulo[4].

No LabVis, vêm sendo estudada a sensibilidade do sistema visual para estímulos de frequências angulares, inclusive investigando a existência de mecanismos seletivos para faixas estreitas do espectro[5]. Desde o final de 1991, parte dos estudos voltaram-se para uma comparação sistemática entre as sensibilidades de mecanismos seletivos para grades senoidais e para alvos J_0. Embora Kelly e Magnuski[6] e Kelly[7] já tenham estudado a sensibilidade do sistema visual a estes estímulos e encontrado uma sensibilidade pelo menos duas vezes maior para grades senoidais, o estudo ganha uma nova faceta quando comparamos mecanismos seletivos para bandas estreitas do espectro de frequências espaciais nos dois tipos de configurações. Nossos resultados mostram que para um mesmo nível de luminância média, estes mecanismos se comportam de forma inversa e parecem operar em níveis distintos de contraste.

APOIO CNPq, FACEPE, FINEP

1 Wetherill, G.B. & Levitt, H. (1966). Sequential estimation of points on a psychometric function. Brit J Math Stat Psychol., 18, 1-10.
2 Shade, O.H. (1956) Optics and phenotechnic analog of the eye. J.Opt.Soc.Am., 46, 721-739.
3 Kelly, D.H. (1960) Stimulus pattern for visual research. J.Opt.Soc.Am. 50, 1116-1118.
4 Simas, M.L.B. & Dodwell, P.C. (1990) Angular frequency filtering: a basis for pattern decomposition. Spatial Vision, 5, 59-74.
5 Simas, M.L.B., Thurlow, J.T. & Vieira, F.M. (Inédito para publicação, no prelo).
6 Kelly, D.H. & Magnuski, H.S. (1975) Pattern detection and the two dimensional Fourier transform: Circular targets. Vis.Res., 15, 911-915.
7 Kelly, D.H. (1982) Motion and vision. IV. Isotropic and anisotropic spatial resonance. J.Opt.Soc.Am., 72, 432-439.

343.2

DESENVOLVIMENTO DE FUNÇÕES VISUAIS BÁSICAS DESDE O NASCIMENTO.

BERGAMASCO, N.H.P. Departamento de Psicologia Experimental, IP-USP.

Nosso propósito é o de relatar alguns dados acumulados nestes últimos anos, de uma área científica ainda no início de seu desenvolvimento - o avanço real das pesquisas neste campo começou há pouco mais de 30 anos.

O desenvolvimento de instrumentos, métodos e técnicas de pesquisas que possibilitaram o estudo de habilidades visuais sutis em recém-nascidos e crianças pequenas permitiu mudar o conceito de que o bebê apresentava uma "cegueira funcional" ao nascer, ou melhor, uma visão extremamente reduzida a não mais que a resposta a uma luz difusa e não padronizada, à visão de um recém-nascido altamente competente em termos visuais (e em outros aspectos também) para os elementos comportamentalmente importantes do seu ambiente. Há dados suficientes para se demonstrar um conjunto completo de habilidades visuais globais existentes desde o nascimento. O recém-nascido está longe de ser "uma pessoa cega" e pode analisar o ambiente visual ao longo de suas dimensões mais importantes, tais como, padrão, movimento, cor e profundidade. Na verdade o conjunto de resultados leva à conclusão que começa a ser solidificada, de que a visão infantil seria qualitativamente diferente da visão adulta, antes que uma visão reduzida da mesma.

Serão abordadas as técnicas que possibilitam estudar funções visuais em bebês, tanto a nível fisiológico como comportamental.

Serão discutidas também algumas descobertas importantes sobre as estruturas finas do sistema visual e do substrato neural envolvidos no desenvolvimento visual, que foram coletadas, e que, ao esclarecer vários aspectos do funcionamento visual infantil, originaram várias novas controvérsias/questões.

Apoio CNPq, FAPESP.

343.3

O DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO AUDITIVA NA CRIANÇA

Maria Angela Guimarães Feitosa
Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília

As habilidades tradicionalmente usadas para caracterizar a competência auditiva básica de uma espécie são a função de audibilidade mínima, os contornos de igual sonoridade, a função de crescimento de sonoridade, a discriminabilidade de intensidade e de freqüência e mascaramento.

Há considerável conhecimento sobre as características de sensações auditivas básicas no ser humano adulto e sobre características de sua deterioração como conseqüência de uma série de insultos ao ouvido. Por outro lado, conhece-se pouco sobre as relações entre as características de audição normal da criança e a do adulto.

No presente trabalho efetua-se um mapeamento da competência auditiva básica da criança a partir dos dados disponíveis na literatura sobre as habilidades acima relacionadas, sugerindo-se que (a) a audição da criança é diferente da audição do adulto, ou seja a competência auditiva "plena" só é atingida pós-natalmente; (b) não há ainda condições de uma descrição satisfatória das habilidades auditivas básicas da criança porque os dados são escassos, as vezes inconsistentes, quer por dificuldades metodológicas para o desenvolvimento de uma psicofísica adaptada à criança, quer por equívocos de interpretação de dados.

O presente trabalho apresenta ainda dados de pesquisa em andamento em nosso laboratório mostrando a suscetibilidade diferencial da criança nos dois primeiros anos de vida ao efeito de agentes lesivos ao ouvido e que comprometem o desenvolvimento da audição. Os dados são discutidos em termos de sua possível contribuição para uma teoria sobre a ontogênese da audição.

Financiamento: CNPq, Auxílio 50.0493/91-0.

343.4

DESENVOLVIMENTO DA ACUIDADE VERNIER COMO ÍNDICE DE MATURAÇÃO CORTICAL.

CRUZ, A.A.V. e Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

A acuidade vernier reflete a capacidade de percepção de desalinhamento entre duas linhas ou pontos. Desde sua descrição feita por Wülfing em 1892, a acuidade vernier permanece como um enigma psicofísico[1]. De fato, não é fácil explicar como o sistema visual consegue fazer julgamentos posicionais da ordem de 4 segundos de arco, portanto, bem menores que o diâmetro de um cone foveal. Embora Geisler, através de análises de observador ideal, acredite que a magnitude do limiar vernier possa ser explicado já a nível retiniano[2], a maioria dos pesquisadores acreditam que a acuidade vernier seja um processo cortical. Alguns achados apontam nessa direção, por exemplo: na periferia retiniana e em ambliopes estrábicos a acuidade vernier cai muito mais de que a acuidade a redes. Mais interessante ainda é o curso de desenvolvimento da acuidade vernier. Shimojo, na época trabalhando no laboratório do Prof. Held, no MIT, foi o primeiro a aplicar com êxito a técnica do olhar preferencial para a medida de acuidade vernier em crianças de baixa idade[3]. O estímulo usado foi uma rede quadrada de 10 C/° cuja porção central era deslocada horizontalmente para produzir o desalinhamento vernier. Essa porção central desalinhada era movida para cima e para baixo e um sinal auditivo era gerado concomitantemente ao deslocamento. Dessa maneira, a criança só veria o deslocamento vertical se ela possuísse acuidade vernier suficiente para detectar o desalinhamento horizontal (vernier). Com esse paradigma, foi mostrado que em recém natos, a acuidade vernier é pior que a acuidade visual medida com redes. Só aos 4 meses a acuidade vernier aparece inequivocamente melhor que a visual. Os níveis adultos de acuidade vernier só são verificados aos 10 anos de idade (vernier 6 a 10 vezes melhor que a acuidade visual). Esses achados foram interpretados por Held e colaboradores como evidência que o desenvolvimento da acuidade visual refletiria a paucidade de elementos corticais na fase inicial do desenvolvimento visual. Apesar de pouco testada, a hipótese de Held foi clinicamente reforçada pelos achados de Stanley *et al* [4]. Esses autores mostraram que em crianças com retardo de crescimento intrauterino, a acuidade vernier está mais baixa que a acuidade visual e havia significativa correlação negativa entre o diâmetro circunferencial cefálico e a acuidade vernier. Essas considerações apontam a necessidade de pesquisa no sentido de correlacionar-se acuidade vernier com outros índices de maturação cortical na infância.

1-Weichsel, G. & Mattos, S.P. Spatial configurations for visual hyperacuity. Vis Res.17:941-947, 1977
2-Geisler, W.S. Sequential ideal-observer analysis of visual discriminations. Psychol Rev., 96:267-314, 1989.
3-Shimojo, S. & Held R. Vernier acuity is less than grating acuity in 2- and 3-month-ends. Vis Res.27:77-85, 1987.
4-Stanley, O.H.; Fleming, P.J.; Morgan, M.H. Abnormal development of visual function following intrauterine growth retardation. Early Human Development, 19:87-101, 1989

344.1 Violência doméstica contra crianças e adolescentes: problemas teoricos de pesquisa no Brasil.

Autora: Maria Amélia Azevedo

Instituição: Instituto de Psicologia da USP (IPUSP)
Laboratorio de Estudos da Criança Brasileira (LACRI/IPUSP)

RESUMO

O trabalho analisa alguns tipos de pesquisa, existentes na realidade brasileira acerca da violência doméstica, de natureza sexual, dirigida a crianças e adolescentes. Identifica os modelos teóricos subjacentes e faz a respectiva crítica. Finalmente aponta a necessidade de construção de uma teoria histórico-crítica na área, definindo as respectivas exigências epistemológicas e metodológicas.

344.2 Violência doméstica contra crianças e adolescentes: problemas metodológicos de pesquisa no Brasil.

Autora: Viviane Nogueira de Azevedo Guerra

Instituição: Laboratório de Estudos da Criança Brasileira (LACRI) - Instituto de Psicologia da USP (IPUSP)

RESUMO

A partir de um amplo levantamento da literatura científica produzida no Brasil sobre a problemática da violência doméstica contra crianças e adolescentes, o trabalho se propõe a: 1º levantar algumas "questões que estão no ar" mas que a pesquisa ainda não respondeu (por exemplo: a violência doméstica é endêmica em nossa sociedade? Como descobrir uma família abusiva antes que ela venha a se-lo? Como se explica a LEI DO SILÊNCIO que vigora entre os profissionais acerca dessa problemática?); 2º identificar as abordagens metodológicas que seriam necessárias para responder a cada uma das questões levantadas (empírico-analíticas/fenomenológico-hermenêuticas/crítico-dialéticas etc.); bem como a respectiva estrutura lógica e os pressupostos filosóficos; 3º indicar as principais dificuldades de aplicação das referidas abordagens no contexto da realidade brasileira.

344.3 Crianças e Adolescentes: Objetos ou Sujeitos da Violencia?

Dr. Sérgio Adorno.Departamento de Sociologia. FFLCH-USP e Nucleo de Estudos da Violencia(USP).

No debate público sobre a violência urbana, na sociedade brasileira contemporânea, crianças e adolescentes ocupam espaço privilegiado. Ora, aparecem como vitimas de um modelo de desenvolvimento agrario - industrial que produz imensas desigualdades. Sao os excluidos da historia, privados de direitos, alvo preferencial dos grupos de exterminio e elo fragil de uma cadeia infindavel de violências que se inicia ao nascer e se perpetua ao longo da existencia. Ora, no entanto, adquirem perfil inverso: em lugar de vitimas, algozes. Penalmente irresponsáveis, sao responsabilizados, ao menos para expressivos segmentos da opinião publica, pelo crescimento das taxas de criminalidade urbana violenta. Percebe-se como problema o envolvimento cada vez maior de crianças e adolescentes com a delinquencia adulta. Afinal, vitimas ou algozes? De que lado se inclina a verdade? Nesta comunicaçao, cuida-se de problematizar esse debate. Pretende-se explorar suas raizes politico-ideologicas, fundadas em uma concepção de mundo que divide a sociedade entre homens de bem e bandidos. O nucleo da reflexao reside no conceito de socializaçao incompleta que permite dar conta da experiencia social vivida nos estreitos limites entre a ordem e a desordem, onde determinadas potencialidades, virtualidades e traços do comportamento sao exacerbados, enquanto outros reprimidos.

344.4

AVANÇOS RECENTES NO TRATAMENTO DO DISTÚRBIO DE ESTRESSE PÓS TRAUMATICO.

MÁRCIO ANTONINI BERNIK - Médico do Ambulatório de Ansiedade do Hospital das Clínicas da Fac. de Medicina da Universidade-SP.

RESUMO

Em 1980, a Associação psiquiátrica Americana incorporou a sua 3ª edição do Manual de Estatística e Diagnóstico (DSM-III) a categoria do Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Inicialmente criado para melhor compreender sintomas presentes em veteranos da guerra do Vietna, observou-se porem, que seus sintomas característicos ocorriam em vítimas de diversos eventos que tinham em comum o fato de estar "fora da vivencia humana habitual".

Vítimas de sequestro, tortura, acidentes, violência sexual ou domestica são grupo de risco para o desenvolvimento da síndrome.

Estudos recentes mostram que os fatores mais associados ao desenvolvimento de sequelas emocionais persistentes são eventos: causados por outros seres humanos (em oposição a tragédias naturais), de duração prolongada, percebidos pela vítima como absolutamente fora de seu controle e especialmente, eventos ocorridos em áreas supostamente seguras (como a propria casa). Crianças e adolescentes são especialmente vulneráveis.

Novas abordagens farmacológicas e psicoterápicas tem sido desenvolvidas, sendo as técnicas de rememoração sistemática as mais promissoras. Uma revisão destas técnicas vai ser apresentada.

345.1

A PREVENÇÃO EM INSTITUIÇÃO DE ATENDIMENTO INFANTIL

Nilce Pinheiro Mejias
Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo

Tendo extraído o termo prevenção da Medicina, os psicólogos o empregam no sentido de caracterizar a abordagem preventiva na área da saúde mental. A área de prevenção é, porém, complexa, envolvendo grande dificuldade de conceituação, sobretudo no que diz respeito à prevenção primária. KESSLER & ALBEE (1975), em artigo de revisão, concluíram que praticamente qualquer esforço para melhorar a educação da criança, tornar a comunicação mais eficiente, desenvolver autoconhecimento, reduzir o stress, pode ser considerada parte da prevenção primária do distúrbio emocional ou mental. Cowen (1984), enfatizando as dificuldades de conceituação, apresenta três requisitos estruturais gerais que um programa possa levar o nome de prevenção primária: 1. deve estar orientado para o grupo ao invés de indivíduos; 2. precisa ser características de antes do fato, ou seja, ser dirigido a grupos que não experimentaram um desajustamento significativo; 3. deve ser intencional, isto é, basear-se em conhecimento validado, sugerindo que o programa tem potencial, quer para melhorar a saúde psicológica, quer para prevenir o desajustamento. Incluindo, para ser prevenção primária o trabalho exige ainda um outro elemento crítico muitas vezes ignorado - são os dados mostrando os efeitos positivos do programa. E conclui Cowen que o cerne da prevenção primária é desenvolver programas que promovam o bem-estar psicológico ou previnam a infelicidade. E que a característica de pesquisa em prevenção primária é a realização de estudos que avaliem se seus resultados alcançaram os objetivos pretendidos.

Com base nessas afirmações, procurarei analisar dois trabalhos de minha autoria, realizados em instituição de atendimento infantil, para considerar em que medida estes e outros estudos congêneres obedecem aos requisitos propostos por Cowen, em um esforço para melhor definir e delimitar a área de prevenção.

345.2 O PAPEL PREVENTIVO DAS CLINICAS-ESCOLA DE PSICOLOGIA NO ATENDIMENTO A CRIANÇAS.

RAMONES FERREIRA DE MATTOS SILVARES - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLINICA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA - USP

As idéias a serem discutidas no presente trabalho são derivadas de uma pesquisa realizada pela autora, por três anos sobre a caracterização comportamental e sócio-econômica da população infantil de uma clínica-escola de Psicologia de São Paulo. Onde pareceu ficar evidente a necessidade de ser desenvolvido um trabalho preventivo por tais clínicas. Assim as reflexões presentes tem por objetivo propiciar uma discussão sobre o papel da atenção primária das clínicas-escola de Psicologia, bem como as razões empíricas para tal, além de procurar ampliar o conceito de Psicologia Clínica de modo a poder abranger tal esforço preventivo. Com base na análise de 766 prontuários de crianças inscritas numa clínica-escola paulistana pode-se verificar que além dos fatores psicológicos havia um forte determinante social no encaminhamento das crianças da clínica estudada. Isto porque, observou-se que crianças filhas de pais pouco escolarizados, além de serem encaminhadas mais tardiamente a clínica do que as de pais altamente escolarizados, vinham menos por iniciativa dos pais e mais por sugestão da escola da criança. Além disso pode-se também constatar uma relação entre o tipo de queixa infantil e o nível de escolaridade dos pais das crianças. Tais resultados parecem demonstrar empiricamente a necessidade das clínicas-escola voltarem-se a atenção primária a saúde mental e não se dedicarem exclusivamente a atenção secundária, como costumeiramente o fazem. Ao ver da autora seja considerando a necessidade do cliente da clínica-escola, seja levando em consideração o aluno que estagia em tais clínicas, um modelo voltado para prevenção deveria ser objeto de atenção dos professores-supervisores. Estes em cooperação com a direção de tais clínicas poderiam se dedicar a elaboração, por exemplo, de programas profiláticos de prevenção de distúrbios de aprendizagem. Parece fazer mais sentido prevenir tais distúrbios do que ficar aguardando a vinda da criança após anos de repetência.

CNPq e FAPESP

345 A PREVENCAO DA EXCEPCIONALIDADE EM CRECHES

NUNES, L.R. Instituto de Psicologia - UFRJ

Programas de intervencao precoce destinados a bebes e pre-escolares considerados de alto-risco e risco comprovado tem se desenvolvido na ultima decada em nosso pais. Tais programas podem visar a prevencao de tres condicoes: a manifestacao, a severidade e os efeitos colaterais dos atrasos no desenvolvimento. Na acao preventiva primaria, segundo Simeonsson (1991), busca-se reduzir a incidencia de novos casos de determinada condicao de excepcionalidade na populacao. Esta acao, que se faz atraves da promocao de condicoes para o desenvolvimento normal do menor e da concomitante reducao ou remocao das condicoes adversas a este desenvolvimento, deve se dirigir precipuamente para os chamados grupos de risco. Neste sentido, criancas de zero a seis anos, oriundas de familias de baixo nivel socio-economico, constituem a populacao alvo por excelencia da acao preventiva primaria. Tres sao os locais onde esta acao deve ser implementada: a maternidade, o posto de saude e a creche. Considerada a instituicao responsavel pela guarda e educacao de criancas pequenas, a creche, em que pese suas propostas e acoes proclamadas, tem falhado em promover o desenvolvimento integral da populacao atendida, principalmente se neste contingente figuram criancas de risco para a excepcionalidade. Um dos fatores que determinam este insucesso e a falta de qualificacao das recreadoras. Portanto, programa de treinamento de recreadoras sobre desenvolvimento infantil, fatores de risco, identificacao precoce da populacao de risco e procedimentos instrucionais especificos para lidar com estas criancas podem ser considerados como exemplos de acao preventiva primaria. Estudo em andamento, em duas creches do Rio de Janeiro, revela que o sucesso deste treinamento parece depender de fatores como: repertorio previo de habilidades de ensino da recreadora, percepcao da funcao educativa da creche e de seu proprio papel como educadora, grau de satisfacao com a instituicao, atitude em relacao a crianca especial e suporte tecnico e administrativo. (Pesquisa financiada pelo CNPq, SESPE e UFRJ)

346.1 **O Lugar da Afetividade e do Desejo na Relação Ensinar-Aprender.** Almeida, S. F. C. de; Universidade de Brasília

Simpósio: Afetividade, Cognição e Aprendizagem

A pedagogia tradicional, bem como algumas teorias psicológicas, baseadas no racionalismo e numa visão dualista do homem, consideram a aprendizagem como um processo exclusivamente consciente e produto da inteligência. Descartam a importância dos fatores relacional e afetivo implicados no ato de ensinar-aprender e negam a influência dos processos inconscientes na aquisição e elaboração do conhecimento.

Contrariamente ao pensamento acima exposto, propomos analisar e discutir a relação ensino-aprendizagem a partir de uma visão integradora do ser humano. Consideramos que a afetividade, expressa na relação vincular que se estabelece entre aquele que ensina e aquele que aprende, constitui, numa perspectiva genética, elemento inseparável e irredutível das estruturas cognitivas.

Superar as análises dicotômicas e as sínteses reducionistas, relativas ao processo ensino-aprendizagem, significa admitir, com todas as consequências psicopedagógicas daí decorrentes, que a transmissão e a apropriação do conhecimento ocorrem numa relação sujeito a sujeito, na qual intervêm processos conscientes e inconscientes e cognição, afetividade e desejo atuam de forma indissociável.

Recorreremos, sobretudo, às contribuições teóricas de Piaget, Wallon, Freud, Paín e Fernández no intento de aprofundarmos algumas questões pertinentes ao tema.

Apoio. A autora é bolsista-pesquisadora do CNPq.

346.2 As Necessidades Emocionais do Adolescente e a Escola. Günther, I. A. Universidade de Brasília

Simpósio. Afetividade, Cognição e Aprendizagem

Os anos da adolescência têm um peso fundamental na determinação de um futuro bem sucedido ou cheio de obstáculos. O significado específico dessa fase da vida está, basicamente, na dependência de duas vertentes: a) experiências com pessoas significativas; b) mudanças sociais relacionadas ao contexto sócio-histórico. Constata-se, nos tempos atuais que a estabilidade das relações familiares e institucionais diminuem, o sentimento de comunidade escasseia, as dificuldades econômicas aumentam. Observando a adolescência na perspectiva da cultura na qual está inserida, verificamos, de pronto, a existência dessas barreiras sociais, políticas, econômicas que exercem influência na formação do jovem, podendo alterar o curso do seu desenvolvimento.

OBJETIVO. O presente estudo, sem deixar de enfatizar a importância das condições externas, focalizou, especificamente as condições internas à instituição escola, no que diz respeito: a) às relações interpessoais com colegas; b) às relações interpessoais com os professores; c) às atividades escolares. A questão que se coloca é se, e em que medida, o ambiente psicológico da escola atende às necessidades emocionais do adolescente. São precisamente durante esses anos, que o efeito da escola deve ser o de propiciar um ambiente em que fatores pessoais, emocionais, cognitivos, sociais e políticos se aglutinem positivamente, contribuindo para alicerçar o curso do desenvolvimento prospectivo. Será que os jovens que permanecem na escola recebem da mesma o apoio de que necessitam? Ou será que a escola contribui para aumentar os inúmeros problemas que os adolescentes enfrentam? O interrelacionamento entre as diversas esferas da vida, as influências recíprocas de como as transformações físicas repercutem no desenvolvimento emocional, como o emocional afeta o cognitivo, ou de como o ambiente sócio político afeta as aspirações profissionais não estão inteiramente esclarecidos. Inquestionável é que a escola deveria ser um ambiente onde o estabelecimento de relações de confiança com adultos e companheiros possibilitasse a facilitação de um clima propício para o crescimento pessoal e desenvolvimento intelectual. Em pesquisa realizada com jovens da primeira série do segundo grau (Günther, 1991), constatou-se que os adolescentes estabeleceram uma distinção entre o que é ensinado/aprendido na escola, considerado "desinteressante, chato, irrelevante" para suas vidas, e a vida social com os amigos, avaliada como a melhor e mais estimulante porção que tal instituição possibilita. O passo seguinte, que constitui esse estudo, foi verificar a existência, ou não, de problemas na escola, do nível de participação em grupos e equipes, da percepção do clima psicológico, das relações com companheiros e professores.

Apoio. A autora é bolsista-pesquisadora do CNPq.

346.3 CONSTRUINDO NOÇÕES ESCOLARES NA APRENDIZAGEM

MORO, Ma. Lucia F. & BRANCO, V. Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resultados da análise qualitativa de estratégias cognitivas infantis, expressas em situações de aprendizagem construtivista em pequenos grupos sobre o sistema da adição/subtração e o da escrita alfabética, são discutidos. Os sujeitos são nove alunos de 1a. série do 1o. grau de uma escola pública de Curitiba, agrupados em três trios. A análise mostra as peculiaridades cognitivas infantis na elaboração das noções focalizadas, em diferentes níveis de progressão, quando são superados esquemas e outros são construídos a partir das oportunidades oferecidas pela situação. A discussão desse processo centra-se no papel da alternância e da intercomplementariedade das tarefas de realização prática com as de interpretação do realizado, com base no fenômeno da tomada de consciência das ações e de seus resultados para elaborações em novos planos, segundo a relação circular "ação x conceitualização", no processo de equilibração. No âmbito pedagógico, as estratégias são vistas como referência principal para balizar a ação desafiadora do professor.

346.4 SIMPÓSIO: AFETIVIDADE,COGNIÇÃO E APRENDIZAGEM

"Era uma vez... e foram felizes para sempre: Esquema narrativo e variações experimentais"
- ALINA GALVÃO SPINILLO - Universidade Federal de Pernambuco-Mestrado em Psicologia

A produção de história por crianças de 4 a 8 anos de idade foi comparada em diversas situações experimentais a partir de seqüência de gravuras desenhos feitos pela criança e na ausência de recursos visuais. As produções foram classificadas em categorias diversas em função da estrutura narrativa que apresentavam, verificando-se um efeito significativo da situação experimental sobre o nível de esquema narativo apresentado. Algumas situações favorecem o aparecimento de um esquema narrativo mais elaborado, enquanto outras mascaram as reais habilidades linguísticas da criança. Os resultados apontam aspectos relevantes do desenvolvimento de um esquema narrativo e implicações educacionais e metodológicas podem ser extraídas.

347.1

MODELOS DE DETERMINAÇÃO CAUSAL DO ESTADO NUTRICIONAL.

SOPHIA CORNBLUTH SZARFARC. Departamento de Nutrição - Faculdade de Saúde Pública USP-SP.

Desnutrição e anemia são dois dos principais problemas nutricionais nos países em desenvolvimento, não só pela elevada frequência com que ocorrem mas, principalmente, pelos efeitos deletérios que acarretam, especialmente à população infantil. A desnutrição é diagnosticada pela medida do crescimento - peso e/ou altura - que é aquela que melhor define o estado de saúde e nutrição dos indivíduos. O retardo no crescimento é importante fator de risco para a mortalidade infantil. Alterações mínimas no estado de saúde diminuem a velocidade normal de crescimento. A anemia, por sua vez, diminui ao mesmo tempo a capacidade física, a resistência à fadiga, sendo que as crianças, que são especialmente sensíveis a esta deficiência, nutricional, têm prejudicados seu desenvolvimento motor e de coordenação, seu desenvolvimento de linguagem e de realização escolar assim como são atingidas por efeitos psicológicos e comportamentais - como desatenção, fadiga, insegurança, etc, - indesejáveis. Se, por um lado, é necessário aplicar medidas de controle a essas deficiências nutricionais, por outro lado, é necessário conhecer os fatores que os determinam de modo e escolher a opção de intervenção mais adequada. A construção de modelos de determinação causal auxilia nesta escolha pois leva em consideração as causas primárias e secundárias do problema. Tanto para a anemia como para a desnutrição a alimentação exerce papel fundamental. A prática alimentar, a disponibilidade de alimentos a nível de mercado e/ou doméstico, a disponibilidade de recursos para compra, a ocupação, a escolaridade, a propaganda, a inserção em programas de suplementação alimentar, são alguns dos fatores relacionados à alimentação que devem ser analisados previamente à implantação de programa de controle de uma deficiência nutricional.

347.2

CARÊNCIAS NUTRICIONAIS E APRENDIZAGEM

Moysés, M. A. A; Collares, C. A. L.
(UNICAMP)

É comum atribuir-se dificuldades escolares a carências nutricionais, com ênfase na desnutrição e anemias. Omite-se que as pesquisas buscam as influências sobre o SNC (em termos anatômicos e funcionais), excluindo a aprendizagem escolar. A desnutrição grave no início da vida provoca alterações anatômicas no cérebro. Porém, qual a repercussão destas alterações sobre o desenvolvimento cognitivo? Há um impasse metodológico, pois os determinantes da desnutrição também determinam as formas de expressão do desenvolvimento, sendo impossível isolar os efeitos da carência do complexo de doença social que a determina e, ainda, dos viezes dos métodos de avaliação.

347.3

DESNUTRIÇÃO E APROVEITAMENTO ESCOLAR.

LERNER, B.R.#; LEI, D.L.M.#; STEFANINI, M.L.R.#; CHAVES, S.P.#; SZARFARC, S.C.*

As condições de saúde no Brasil tem apontado a desnutrição como uma das causas mais freqüentemente associadas à morbi-mortalidade infantil. O avanço no conhecimento da determinação da desnutrição aponta, como causa básica, a estrutura da sociedade, que diretamente no acesso da população aos alimentos e aos serviços.

Nos primeiros anos de vida e desnutrição prejudica o processo de crescimento e desenvolvimento interferindo, portanto, em aspectos mentais, como a capacidade de aprendizagem. A alta taxa de repetência escolar, no ensino fundamental, que tem origem comum à situação alimentar das crianças brasileiras, tem se mantido alta na década de 80, sendo que as maiores taxas (25,8%) ocorrem na primeira série, segundo dados recentes do IBGE.

A curva de crescimento linear de um indivíduo é a expressão da interação entre seu potencial genético e o ambiente físico social e econômico. A altura de crianças vem sendo, portanto, considerada internacionalmente como um dos indicadores mais sensíveis da qualidade de vida da população.

A presente abordagem visa discutir a prevalência da desnutrição, diagnosticada através do indicador "altura para a idade", e de carências específicas no Brasil e em São Paulo e sua relação com o desempenho escolar, através de estudo empírico com crianças ingressantes no primeiro grau de escolas públicas de São Paulo.

Instituto de Saúde da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo.
* Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP.

347.4

CONTEXTO SÓCIO-AMBIENTAL DE CRIANÇAS URBANAS DE BAIXA RENDA*

SIQUEIRA, A.A.F.; OLIVEIRA, D.C.; RABINOVICH, E.P.; SANTOS, N.G. (**)

O presente trabalho busca identificar algumas categorias sócio-ambientais que participam do desenvolvimento infantil.

A partir dos conceitos de determinantes próximos e subjacentes, buscou-se definir categorias de análise do "ambiente" vivenciado por 60 famílias residentes no município de São Paulo. Partiu-se de uma definição ampliada de ambiente, que propõe a sua abordagem a partir do contexto físico, relacional e social que a compõe.

Discute-se as conseqüências do modo de vida e da "interação ambiental" na determinação de perfis específicos de desenvolvimento infantil, com os conseqüentes desdobramentos para a inserção social das crianças e famílias.

* O presente trabalho foi elaborado a partir de pesquisa realizada com população de área específica da Cidade de São Paulo, 1988 - 91.

** Pesquisadores do Centro de Estudos do Crescimento e do Desenvolvimento do Ser Humano.

348.1 SIMPÓSIO: O Desenvolvimento da Língua Escrita numa Perspectiva Cognitiva.

" O Papel da Consciência Sintática na Aquisição da Língua Escrita " - Lúcia Lins Browne Rego - Mestrado em Psicologia Cognitiva - UFPE

Uma hipótese que vem ganhando cada vez mais suporte empírico é a de que crianças que são mais sensíveis à organização sintático-semântica das sentenças não só compreendem melhor a língua escrita como também usam melhor o contexto verbal para ler palavras cuja escrita não lhes é familiar. Na medida em que a criança vai conseguindo ler estas palavras ela vai incorporando novos princípios ortográficos (Tunmer, Herriman , Nesdale 1988, Rego 1991).

Para verificar se estes resultados até então restritos a crianças falantes do inglês (língua de ortografia muito peculiar), replicar-se-iam com crianças falantes do português, realizamos um estudo longitudinal com 38 crianças recifenses. Estas crianças tiveram suas habilidades para refletir sobre a estrutura sitático-semântica das sentenças avaliadas antes de começarem a ler convencionalmente. Quando as crianças concluíram a alfabetização as suas habilidades de leitura foram avaliadas. Os resultados preliminares indicaram que as habilidades sintático-semânticas das crianças foram bons preditores do desempenho delas em tarefas de compreensão de leitura e que as tarefas cuja resolução exigia uma maior atenção para o componente sintático foram preditoras não só da compreensão da leitura bem como do desempenho em leitura de palavras sem sentido, nas quais se faz necessário um conhecimento mais preciso da ortografia.-

348.2 SIMPÓSIO: O Desenvolvimento da Língua Escrita numa Perspectiva Cognitiva

"O Desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita" - Maria Bernadete Marques Abaurre - Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP

A observação dos textos infantis representativos das fases iniciais do desenvolvimento da escrita alfabética tem apontado para a necessidade de uma investigação sistemática dos critérios mais frequentemente utilizados pelas crianças para a segmentação de sua escrita, ou seja, dos critérios por elas utilizados para intercalar espaços em branco entre sequências de letras.

Cabe perguntar, por exemplo, em que medida as decisões sobre segmentação na escrita inicial são ou não episódicas, e em que medida poderiam fornecer indícios para uma melhor compreensão do desenvolimento da competência lexical em um sistema lingüístico específico. Cabe perguntar, também, em que medida interagem, na elaboração de hipóteses sobre segmentação, critérios de natureza semântica, fonético-fonológica (conhecimento tácito de esquemas preferenciais de acentuação representativos dos padrões rítmico-entonacionais de enunciados), e mesmo gráficos (relativos à harmonia na distribuição da escrita no papel).

Este trabalho pretende discutir a questão da segmentação na escrita inicial de um ponto de vista lingüístico, com o intuito de contribuir para a discussão dos aspectos cognitivos associados a este problema particular relativo ao desenvolvimento da competência escrita alfabética.

Serão apresentados e discutidos dados representativos da escrita de crianças brasileiras, da pré-escola e da primeira série do primeiro grau.

348.3 | SIMPÓSIO: O Desenvolvimento da Língua Escrita numa Perspectiva Cognitiva

"A Aquisição das Regras de Acentuação na Escrita" - Lair Levi Buarque-Mestrado em Psicologia/UFPE, Terezinha Nunes-Univ. de Londres, Peter Bryant-Univ. de Oxford.-

Os trabalhos de Ferreiro e seus colaboradores(1981)indicaram a existência de três estágios iniciais no desenvolvimento da escrita: pré-silábico, silábico e alfabético. Outros autores (Marsh,1980,1983, Frith,1980, 1985 e Nunes, 1991) argumentam que este último não pode ser visto como o ponto final no desenvolvimento da concepção da escrita, pois a concepção alfabética "pura" implica na representação seqüencial de fonemas por letras e as escritas que utilizamos não funcionam de modo tão regular. Assim, a aquisição do estágio alfabético não garante o domínio da ortografia, pois existem situações que complicam a representação alfabética básica e que precisam ser consideradas para que haja o domínio da leitura e escrita.

Duas situações são particularmente importantes para o desenvolvimento da ortografia: as chamadas regras contextuais e as considerações sintático-semânticas, aspectos que, uma vez incorporados, possibilitariam à criança a geração de novas grafias e eliminação gradativa dos erros.

Neste estudo, investigou-se um aspecto específico da aquisição das regras contextuais, a acentuação da sílaba tônica. A amostra abrangeu crianças de primeira a quarta séries do 1o. grau, pertencentes a escolas públicas e particulares do Recife,PE. Os resultados permitem discutir a evolução na aquisição da sílaba tônica e possíveis estratégias empregadas para a sua marcação na escrita.

348.4 SIMPÓSIO: O Desenvolvimento da Língua Escrita numa Perspectiva Cognitiva.

"A CONSCIÊNCIA DE UNIDADES SUPRASEGMENTARES E O SEU PAPEL NA AQUISIÇÃO DA LEITURA" - Claudia Cardoso-Martins - Faculdade de Educação/UFMG

O presente estudo examina duas questões. Em primeiro lugar, o presente estudo investiga as habilidades fonológicas subentendidas na identificação da rima por crianças pequenas. O presente estudo investiga, além disso, o papel desempenhado pela consciência de unidades suprasegmentares na aquisição da leitura em uma ortografia alfabética. Os resultados sugerem que, antes da aprendizagem da leitura, a identificação da rima baseia-se em um julgamento de semelhança fonológica global. Tal como a consciência de fonemas, a habilidade para isolar o segmento exato compartilhado por palavras que rimam normalmente emerge como resultado da aprendizagem da leitura. Apesar de estreitamente vinculada ao desenvolvimento da consciência de fonemas a habilidade para representar conscientemente e manipular unidades suprasegmentares parece desempenhar um papel específico na aprendizagem da leitura em uma ortografia alfabética. No presente estudo, o desempenho de crianças em fase de alfabetização em uma tarefa de identificação de rima que claramente subentende a identificação precisa de unidades suprasegmentares, correlacionou-se significativamente com o seu desempenho em uma tarefa de leitura, mesmo depois do efeito de variações na consciência de fonemas ter sido controlado.

349.1

Skinner e o **Verbal Behavior**: Uma Interpretação Anti-Representacionalista do Significado e da Referência.

Prof. Dr. José Antônio Damásio Abib - Universidade Federal de São Carlos.

O **Verbal Behavior** é um livro sobre o comportamento verbal de indivíduos no contexto intrínseco da linguagem. Ou seja, 'comportamento verbal' não significa o mesmo que 'linguagem' no sentido de Skinner, 'linguagem' refere-se às práticas de reforçamento de uma comunidade. Contudo, o comportamento verbal de indivíduos é reforçado por um ouvinte, sempre de acordo com a linguagem de uma comunidade.

O termo 'comportamento verbal' não significa o mesmo que 'fala', e 'comportamento linguístico', pois refere-se às formas vocal (fala), escrita, e gestual de comportamento, e não remete à 'linguagem' como sistema linguístico subjacente (o sistema da língua, ou a competência gramatical) que produz a fala ou gera o comportamento linguístico. Portanto, 'comportamento verbal' não significa o mesmo que 'linguagem', quer no sentido tradicional ou naquele de Skinner - embora a investigação do comportamento verbal deva ocorrer no contexto interno da linguagem (no sentido de Skinner).

A definição de comportamento verbal recorre a um vocabulário original e alternativo para tratar de um assunto já longamente investigado por outras disciplinas. É em parte por isso que a teoria funcional do significado, defendida por Skinner, visa também ser uma alternativa às versões tradicionais da teoria da representação do significado. Segundo aquela teoria, a palavra não ganha significado porque representa *indiretamente* a coisa através de idéias (conceitos e imagens), ou porque representa *diretamente* a coisa (teoria referencial do significado).

Skinner pretende mostrar que a atribuição de significado ao comportamento de falantes não se esgota na referência ou na descrição de coisas, eventos e situações do mundo externo. Com efeito, a classificação de tipos de comportamento verbal representa uma classificação de tipos de significados.

349.3	COMPORTAMENTO VERBAL NO CONTEXTO CLÍNICO.

Rodolpho Carbonari Sant'Anna - Universidade Estadual de Londrina.

Desde seu início a análise comportamental aplicada tem se caracterizado pela estratégia de atuação junto ao contexto de contingências em que se dá o seu objeto de análise e intervenção. Se o comportamento é o resultado de contingências nada mais coerente que trabalhar junto a elas quando se visa alterações comportamentais.

O grande obstáculo à essa estratégia sempre foi a falta de acesso, ou a própria impossibilidade de se alterar contingências. Tal obstáculo tem desviado o foco de atenção para o indivíduo que se comporta, principalmente quando o contexto de intervenção é o clínico tradicional. A análise, aqui, visa alterar o repertório comportamental do cliente, diretamente, como resultado da própria interação paciente-cliente.

Esta situação colocou o analista comportamental num contexto de interação predominantemente verbal, envolvendo uma audiência atenta à "tactos" auto-descritivos, especialmente os relacionados às sensações, emoções, sentimentos, abundantemente acompanhados por "autoclíticos". O episódio verbal já vem pronto, construído. Por exemplo: Terapeuta - Como passou a somana? Cliente - Eu estive muito angustiado todos êsses dias. Com facilidade a angústia rouba a análise do episódio verbal e é essa análise a que pode esclarecer o processo de sua construção. O "eu estive angustiado" enquanto produto tranforma-se em "ele esteve angustiado" enquanto processo. Skinner chama nossa atenção: "A origem pública dos termos subjetivos não deve ser esquecida". Propõe-se que é na análise e intervenção no episódio verbal em sí que se dá e se esgota parte da psicoterapia.

349.4 O "VERBAL BEHAVIOR" E A PESQUISA SOBRE EQUIVALENCIA DE ESTIMULOS.

Julio C. de Rose. Universidade Federal de Sao Carlos.

Foi dito com frequência que o livro Verbal Behavior nao gerou pesquisa empírica. Hoje, porém, mais de 30 anos após a publicação do livro, parte apreciável da pesquisa básica em Análise do Comportamento trata de tópicos relacionadas a comportamento verbal. Entre estes estão operantes verbais, governo por regras e equivalência de estímulos, sendo este último, provavelmente, o tópico mais expressivo na pesquisa atual em análise do comportamento humano. A pesquisa sobre equivalência e o modelo teórico dela derivado tem sido vistos como uma prova de que uma concepção comportamental pode lidar com a linguagem e cognição. O modelo de equivalência tem, no entanto, algumas discrepâncias em relações às concepções de Skinner. Admitindo as limitações da contingência tríplice, os estudos sobre equivalência buscam interpretar processos complexos através de contingências de quatro e cinco termos, envolvendo relações estímulo-estímulo. Isto leva à reintrodução de uma análise do "significado" em termos de relações entre estímulos mutuamente intercambiáveis, formulação esta rejeitada explicitamente em Verbal Behavior. O critério para verificação de equivalência é a ocorrência de desempenhos emergentes, de tal modo que o treino de um repertório produza a emergência de outros repertórios. Esta noção não é facilmente reconciliável com uma das hipóteses fundamentais em Verbal Behavior, de independência funcional dos operantes verbais. Skinner não admite a existência de desempenhos emergentes e sustenta que cada repertório deve ser desenvolvido separadamente, mesmo quando topografias comuns estão envolvidas.

MESAS REDONDAS

350.1	ALGUMAS PESQUISAS EDUCACIONAIS DE TRÂNSITO FORA DO BRASIL.

Reinier Johannes A.Rozestraten, USP/ Rib.Preto

A principal causa de atropelamentos em crianças é a travessia mal feita. Aqui 3 pesquisas educacionais.

A 1ª de Yeaton e Baley da Univ. de Florida.Trabalharam com 24 crianças,entre 5 e 9 anos de 2 escolas. A tarefa se treinamento se divide em 4 fases:"Conte;mostre;pergunte;mande fazer"cada uma de 6 passos:"aguardar no meio fio,olhar,observar a distância dos veículos,caminhar, continuar olhando, usar a faixa".Passou de linha base de 44% para 95% após o treinamento na escola A, e de 21% para 86% na escola B. Um follow-up de 1 ano em 14 crianças mostrou a durabilidade.

A 2ª de Rothengatter no Traffic Research Center da Univ. de Groningen também saiu de presuposto que o treinamento deve ser feito no trânsito real.O programa englobou treinamento pelos pais e demonstração audio-visual pela professora do Jardim.Um grupo foi treinado pelos pais, outro por assistentes experientes e houve um grupo controle. Trabalhou-se com 307 crianças entre 4 e 6 anos divididas em 2 grupos, abaixo e acima de 5 anos. Os resultados mostram que os próprios pais conseguem melhorar o desempenho da criança,o que ainda é visível depois de 4 meses. Houve apenas uma pequena diferença entre o efeito do treinamento pelos pais e pelos assistentes. Os resultados indicam que treinamento explícito pode melhorar o desempenho da criança e que os próprios pais são capazes de realizar perfeitamente este treinamento.

A 3a de Blomberg e Preusser da firma Dunlap trata da educação pública dirigida para crianças de 5 a 9 anos nas cidades de Los Angeles, Milwaukee e Columbus. Seguiu-se um modelo de 7 passos:conhecimento do problema,conteúdo-mensagem,produção,transmissão,público alvo comportamento e redução de acidentes. O programa trabalhou com breve apresentações no T.V. e nos cinemas e filme de 10 min. nas escolas.Todos com a figura de "Wiley Whistle".Os 3 pontos essenciais do treinamento foram:Pare,Olhe,Deixe o veículo passar.Em comparação com o comportamento da linha base houve redução de acidentes de trânsito em crianças de 21%, e nos outros acidentes apenas de 3%.

350.2 | CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE TRÂNSITO INFANTIL

Mahler, M.T.R. - Instituto Nacional de Segurança de Trânsito - São Paulo

- O Educador de Trânsito: Junto a este surgiu o problema da inexistência de um marco teórico prévio de referência - assim nasceu autodidata. As conseqüências disto constituem os pontos fundamentais da fragilidade das ações educativas de trânsito, face aos desafios que este apresenta: expansão de frota, crescimento urbano, acidentalidade, etc.

- O Construtivismo na Educação de Trânsito. Analisando os conceitos construtivistas legados por Vigotsky, conclue-se que se adequam perfeitamente ao estabelecimento do processo educativo de trânsito. Basta uma rápida análise das ações desenvolvidas pelos órgãos de trânsito, para constatar que são calcadas em princípios inatistas.

- A implantação da Educação de Trânsito na Escola. É imprescindível considerar três aspectos:

1) a conduta paterna como modêlo. Muito antes da criança ter conduta viária própria, já é expectadora da conduta dos pais no trânsito. A aprendizagem por imitação é muito forte na 1ª infância.

2) a educação de hábitos motores da criança como passageiro e pedestre. Esta etapa é uma seqüência da anterior., não pode ser exclusivamente formal, classical, mas através de situações reais. Os programas escolares não podem ocorrer somente ao nível de situações simuladas (Transitolândia), nem os conceitos a serem repassados tratados tão superficialmente.

3) multi- e inter-disciplinaridade.- Os conteúdos de Educação de Trânsito devem compôr todas as áreas do currículo escolar e integradamente administrados de forma gradativa. Não basta introduzir a Educação de Trânsito no currículo escolar, é importante acompanhar e avaliar como os conceitos são assimilados, a fim de cumprir sua real finalidade: fornecer aos escolares condições para exercer, com segurança sua autonomia no trânsito.

350.4

AS DEFICIÊNCIAS NO CONHECIMENTO DE NORMAS E PLACAS DE TRÂNSITO NA CRIANÇA

Raquel Alves dos Santos, Pós-grad. doutorado IPUSP

Com o fim de testar o conhecimento de normas de trânsito foi aplicado um teste de dez questões a alunos de 2a a 8a série de uma escola do primeiro grau estadual num bairro de bom nível sócio-cultural e econômico. No total foram submetidos ao teste 140 alunos: 74 meninos e 66 meninas, numa média de 20 alunos por série.

As dez questões na sua grande maioria eram de múltipla escolha, referindo-se às comunicações do motorista pelos faroletos, orientação espacial, comportamento de ciclista, tarefas dos policiais de trânsito, comportamento do pedestre na travessia, e em relação a coletivos. Somente uma questão era de resposta aberta em definição.

O teste não foi aplicado pela professora mas por pessoa estranha à classe que somente dava as informações estritamente necessárias para o trabalho.

Os resultados medidos conforme a quantidade de respostas que poderiam ser cotadas por inteiro ou por parte como certas forneceu a seguinte classificação: 1º: 8,08; 2º: 7,42; 3º: 7,32; 4º: 7,22; 5º: 6,81; 6º: 6,72; 7º: 6,25. Considerando como errados todas as questões que não estavam inteiramente corretas forneceu a seguinte classificação: 1º: 2,9 questões erradas, 2º, 3º, 6º e 5º = 3,5 q.e., 3º: 3,8 q.e., 4º: 4,2 q.e. e 5º: 4,3 q.e. Verifica-se uma graduação. Apesar da diferença etária entre a 2ª e a 3ª é na média de 2 anos os resultados da 2ª são ligeiramente superiores. Quase não há diferença quanto aos erros entre a 4ª, 5ª, 6ª e 7ª séries. 16% das crianças não sabem a orientação espacial: direita-esquerda, e 42% acham que o carro pára mais rápido que o homem. Mesmo que os resultados não são alarmantes, os desconhecimentos assinalados neste teste podem provocar comportamentos que provocam graves acidentes como atravessar de repente saindo por entre 2 carros estacionados (36%). Está se aplicando o mesmo teste em escola de nível baixo para uma comparação

351.1

SONHOS, FANTASIAS, SENTIMENTOS, INTUIÇÕES: SUA UTILIZAÇÃO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO INFANTIL.

Maly Delitti (PUC-SP)

Sonhos, sentimentos, intuição, fantasias são palavras que se referem a comportamentos encobertos. Na prática clínica, os analistas do comportamento trabalham fundamentalmente com a análise dos encobertos. O objetivo deste trabalho é levantar algumas questões e reflexões sobre 3 aspectos: 1) o uso dos sonhos, fantasias, sentimentos etc, com o objetivo de coletar dados acerca das relações destes comportamentos encobertos com outros aspectos e processos comportamentais (os encobertos como instrumento de diagnóstico). 2) a análise funcional e a utilização de fantasias, sonhos, sentimentos, etc. como processo de intervenção terapêutica (os encobertos como instrumento de intervenção, facilitando discriminações e generalizações com contingências da vida). 3) a compreensão e utilização dos sonhos, fantasias, sentimentos como diferentes formas de linguagem em terapia, isto é, entender as diferentes funções que estes comportamentos adquirem na relação terapêutica (ênfase na utilização destes comportamentos como facilitadores da comunicação entre terapeuta e cliente).

351.2

O USO DA FANTASIA COMO INSTRUMENTO RELEVANTE NA TERAPIA INFANTIL.

Jaíde Regra

Utilizando o relato fantasia colhido em diferentes atividades infantis propomos uma análise deste instrumento, especificando sua abrangência em relação aos seguintes aspectos: 1) possibilitar à criança descrever um conjunto de situações e emoções às quais contém os conceitos e regras que fazem parte de sua história de vida. 2) relacionar estas emoções e situações com seus eventos externos e privados. 3) efetuar correlações entre fantasia e realidade. 4) identificar as generalizações indevidas que dificultam seu comportamento adaptativo.

Deste modo, a fantasia da criança passa a ser tanto um instrumento avaliativo como terapêutico, no sentido de favorecer mudança.

O seu uso possibilita ainda o estabelecimento de condições necessárias para que a criança amplie seu modelo de atuação no meio, uma vez que auxilia na identificação de novas alternativas de comportamento para se lidar com situações de conflito.

351.3

O MANEJO DE EVENTOS PRIVADOS NA PSICOTERAPIA COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DE ANSIEDADE.

Regina Christina Wielenska (PUC-SP e GRUDA do IPq. do HCFMUSP).

Uma parcela significativa de patologias como Distúrbio Obsessivo-Compulsivo e Síndrome do Pânico envolve sintomas que ocorrem a nível privado e que deveriam constar da análise funcional do comportamento do cliente. O fato da criança e seus pais, por razões distintas, disporem de poucas condições de identificar e interpretar corretamente os eventos privados clinicamente relevantes exige que o terapeuta adote estratégias que ampliem a acessibilidade aos eventos privados, permitindo uma leitura mais completa das variáveis das quais o comportamento é função. Serão abordadas algumas destas formas de intervenção, com as devidas implicações sobre o estabelecimento da relação terapêutica com a criança, a orientação familiar, a implementação de procedimentos de exposição e prevenção de respostas e, por fim, sobre os resultados do tratamento.

351.4 TERAPIA INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DOS SENTIMENTOS.

Vera Otero (Clínica ORTEC - Ribeirão Preto)

A compreensão do que ocorre consigo e com o outro quando numa relação, facilita o processo terapêutico, levando à ocorrência de mudanças de comportamento, sentimentos, emoções, com evidentes alterações na interação familiar.

Será apresentado o caso clínico de uma criança, relatando-se os trabalhos desenvolvidos em sua própria terapia e com seus pais. Serão evidenciados os aspectos relativos aos sentimentos, emoções (comportamentos encobertos) da própria criança e de seus pais frente aos comportamentos explícitos tidos como inadequados.

352.1 EMOÇÕES E AÇÃO PEDAGÓGICA NA INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HUMANISTA

Abigail Alvarenga Mahoney (Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC/SP)

Ao tratar deste tema a partir da perspectiva humanista, conforme interpretada por Carl R. Rogers, o nosso olhar é atraído por vários pontos luminosos onde concentraremos nossa atenção.

Um deles é a forma de interação entre o adulto (professor) e as crianças (alunos).

Esse interagir, tendo um compromisso básico com objetivos e conteúdos escolares, é moldado principalmente pelas emoções que aí fluem.

A emoção, como elemento constitutivo da interação, é desta perspectiva o fator central favorecedor da apreensão dos conteúdos escolares.

Daí a importância de se pensar sobre as possíveis condições de como lidar com o emocional de maneira a transformar a ação pedagógica num espaço de possibilidades variadas de crescimento, levando em consideração o contexto em que as pessoas envolvidas atuam.

352.2 "EMOÇÕES E AÇÃO PEDAGÓGICA NA INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE"

Maria Aparecida Morgado - UFMT/Depto de Psicologia

Contribuições da Psicanálise aborda a sedução na relação pedagógica, um estudo em que procuro apontar as determinações de ordem psicológica-inconsciente do abuso de autoridadade do professor na relação com seus alunos.

Na parte inicial, levanto as caracteríaticas essenciais de quatro das principais tendências pedagógicas que atravessam a prática dos professores da escola brasileira; em seguida, abordo os conceitos psicanalíticos de identificação, transferência e contratransferência; num terceiro momento, articulo o saber pedagógico e o saber psicanalítico; na última parte, ilustro como a sedução pode ser detectada, com exemplos de relação professor-aluno nos primeiros anos de escolarização.

352.3

EMOÇÕES E AÇÃO PEDAGÓGICA NA INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL.

Roberto Alves Banaco (Laboratório de Psicologia Experimental da PUC-SP).

Não é só de comportamentos observáveis que a Psicologia Comportamental se ocupa. Ela estuda também as emoções, não como causa dos comportamentos expressos, mas como seus correlatos reflexos. Partindo-se dessas premissas como base, serão analisadas as ações pedagógicas que ainda hoje se utilizam de punições como controle para o comportamento de aprender, focalizando tanto os resultados comportamentais desse procedimento quanto as emoções eliciadas e pareadas ao comportamento de estudar (em geral raiva e medo). Pretende-se também focalizar a funcionalidade do aprendizado possibilitado pela escola, a inadequação dos métodos de ensino e a incapacidade dos professores em tornar a atividade de aprender reforçadora para os alunos, impedindo dessa forma o aparecimento do sentimento que podemos denominar "de alegria". No máximo, a criança consegue, ao final do ano, eliminar mais uma série de seu curriculum, acompanhada de um sentimento que com frequência chamamos de "alívio".

352.4

EMOÇÕES E AÇÃO PEDAGÓGICA NA INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOGENÉTICA DE HENRI WALLON

Heloysa Dantas (Faculdade de Educação da USP)

Da perspectiva da psicogenética de HENRI WALLON, a emoção constitui uma etapa do desenvolvimento humano. Isto significa que a infância é um período essencialmente emocional: compreender a emoção é compreender a infância. Ela se caracteriza por sua natureza social, uma vez que corresponde à própria condição de sobrevivência do bebê, cuja inépcia lhe torna necessário conseguir mobilizar o meio humano através do qual suas necessidades serão atendidas. Por outro lado, os controles centrais que a organizam amadurecem, e transitam do nível sub-cortical para o cortical. Quem fala em cortical diz cultural, indicando que o amadurecimento não está organicamente garantido, o que configura a necessidade da sua educação.

Por outro lado, enquanto processo interpessoal, ela não pode ser tratada como exterior, colocando a necessidade de que o adulto considere as suas reações à emoção infantil. A perspectiva welloniana abre então duas vias de reflexão e ação: a da educação da expressão da emoção na infância, e a da tomada de consciência dos seus efeitos no adulto que reage a ela.

353.1 **A PSICOLOGIA NAS ORGANIZAÇÕES:** análise de tendências de inovação na atuação do psicólogo organizacional.

BASTOS, Antônio Virgílio B. - Universidade Federal da Bahia

Apoiado em uma revisão da literatura disponível, na comunicação busca-se explorar os caminhos que vêm marcando a inserção do psicólogo nas organizações, identificando-se eixos básicos nos quais são perceptíveis mudanças nas suas práticas profissionais. O ponto de partida consiste na descrição da realidade atual, com base em dados de pesquisas realizadas, que se caracteriza por um modelo de atuação limitado, restrito à esfera técnica e distante das instâncias decisórias das organizações. Em seguida são apontadas algumas macro tendências econômicas, sociais e políticas, cujos reflexos nas organizações compõem cenários possíveis para a inserção do psicólogo e que demandam mudanças nas suas capacitações e modelos de atuação. Neste particular ênfase será dada à questão das transformações econômicas (internacionalização), sócio-culturais (atenção à ecologia), tecnológicas (automação , informatização), que têm pressionado a revisão dos modelos organizacionais clássicos e demandado novas posturas das organizações para lidar com ambientes crescentemente competitivos. A descrição desses cenários fornece elementos para a análise das tendências, já observadas, no sentido de ampliar e/ou redirecionar as ações de recursos humanos nas organizações. Tais tendências de inovação são descritas para as principais práticas, para cada domínio ou subárea de atuação e para o campo como um todo, via descrição da trajetória de alguns modelos básicos de atuação. A guisa de conclusão, são tecidos comentários sobre as implicações das mudanças observadas e das novas demandas colocadas pelas transformações econômicas, sociais e tecnológicas para o processo de formação do psicólogo organizacional.

353.2 **PSICOLOGIA SOCIAL**: fazeres na literatura especializada

Elizabeth de Melo Bomfim (coord.)
Maria de Fátima Quintal Freitas
Regina Helena de Freitas Campos

Trata-se de uma pesquisa das tendências da literatura sobre as práticas em Psicologia Social no Brasil na década de 1980/90. Foram pesquisados livros, teses de doutorado (USP-SP; PUC-SP; FGV-RJ;) dissertações de mestrado (USP-SP; PUC-SP; PUC-RJ; PUC-RS; PUCCAMP; UCF-RJ;UFPB;INS-SP;UFMG); periódicos de Psicologia (Arq.Bras. Psic. (FGV/RJ); Boletim de Psicologia (SP); Cadernos de Psicologia (UFMG); Estudos de Psicologia (PUCCAMP); Psicologia (USP); Psico(IPPUC); Psicologia e Sociedade (ABRAPSO); Psicologia: teoria e pesquisa (UnB); Revistas das Faculdades Franciscanas (SP); Revista de Psicologia (UFCE), Cadernos PUC-SP, Psicologia e Práticas Sociais (UERJ) anais de eventos científicos em psicologia (Anais dos Encontros Nacionais e dos Encontros Regionais de ABRAPSO; Anais da SSPC; Anais da SPRP; Anais da ANPEPP); dois periódicos de áreas afins (Cadernos de Pesquisa (FCC-SP); Revista Brasileira de Ciências Sociais (ANPOCS), e dois anais de eventos científicos de áreas afins (Anais das Reuniões da ANPED e dos Congressos da ABRASCO).

A literatura especializada evidencia que a Psicologia Social no Brasil é uma área em construção, caracterizada por um maior desenvolvimento da produção científica, a partir, principalmente, dos anos oitenta com a criação dos cursos de pós-graduação stricto sensu e da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Seus pressupostos teórico-metodológicos são fundamentais na formação do psicólogo e orientam práticas profissionais. Dentre elas destacam-se as práticas convencionais, tais como práticas acadêmicas (principalmente as universitárias relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão) e as práticas com os grupos, as organizações e as instituições. Nos últimos anos novos fazeres têm surgido quer como práticas em consolidação, quer como práticas emergentes. A Psicologia Comunitária/Psicologia na comunidade e os fazeres em Saúde Pública/Coletiva são práticas em consolidação, com crescente presença na literatura com relatos em formas específicas de mobilização e intervenção. Entre os fazeres emergentes destacam-se a Psicologia ambiental/ecologia humana, as atuações com os movimentos sociais (incluindo os trabalhos com e para mulheres), com meninos de rua e menores institucionalizados e com a relação trabalho e saúde. Outras práticas ou propostas de práticas relacionadas à Psicologia Social são citadas: Psicologia do Esporte, Psicologia do Trânsito, Psicologia Social da Justiça, aplicações da Psicologia Social à fonoaudiologia clínica, etc. Pela intrínseca relação teoria e prática, nem sempre é possível separar os estudos sobre as práticas das pesquisas realizadas em Psicologia Social no Brasil.

353.3 ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR E EDUCACIONAL NO BRASIL

WITTER, G.P. (Pontifícia Universidade Católica de Campinas*), WITTER, C., (Universidade São Judas Tadeu) YUKIMITSU, M.T.C.P. (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Breve), GONÇALVES, C.L.C. (*)

A preocupação com a atuação do profissional é uma constante nos estudos de avaliação da eficiência da universidade e também fornece subsídios para delimitação das áreas de atuação e áreas emergentes. **Objetivos**: levantar a produção textual (1980/1992) sobre formação e atuação de psicólogo escolar, verificar a contribuição por sexo, analisar a tipologia dos trabalhos e características da atuação. **Método**: foram analisados 10 periódicos, anais de quatro tipos de congressos e relatórios da CAPES. **Resultados**: significativamente a produção feminina é superior a masculina, mas há correlação (0,97) quanto à relevância dos temas estudados. A maioria da produção está nos anais, havendo defasagem quanto a publicação posterior (86%) em periódicos. A maioria está voltada para a ação do psicólogo. A atuação é predominantemente exercida na escola (67%), centrando-se em atendimentos psicológico (25%), em consultoria, atendendo alunos (33%). Algumas áreas novas começam a emergir com atuação em hospitais e escola de inglês. Houve deslocamente do enfoque clínico para outras formas de atendimento e para a consultoria. Concluiu-se que pouca alteração sofreu o quadro em relação aos achados de outros pesquisadores mas há indícios de mudanças produtivas. Conselho Federal de Psicologia.

353.4 FORMAÇÃO E ESTÁGIO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA NO BRASIL

WITTER, G.P. (Pontifícia Universidade Católica de Campinas*, GONÇALVES, C.L.C.(*), WITTER, C. (Universidade São Judas Tadeu) YUKIMITSU, M.T.C.P. (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve, NAPOLITANO, J.R.

A formação de profissionais competentes é uma das funções da universidade devendo ser objeto de pesquisas constantes que forneçam dados para sua melhoria. Os objetivos da presente presquisa foram: analisar o currículo efetivado nos cursos de formação de psicólogo (grade, créditos, carga horária); levantar mudanças ocorridas na década de 80 e os aspectos relativos ao estágio (estrutura, responsabilidade, controle de qualidade, supervisão). Médotdo. Através de instrumento remetido pelo Correio à direção de todos os cursos foram colhidas as informações tendo se obtido 35% de retorno dos 102 instrumentos remetidos. Resultados. A grade variou de 18 a 59 disciplinas, com 21 a 398 créditos, com carga horária variando de 4155 a 5970 horas: o estágio é organizado predominantemente em centros (75%) havendo serviços independentes (75%). Entre as 11 formas de controle de estágio predominam os relatórios (50%), as condições de estágio tendem à melhoria, predomina o estágio em clínica (33,3%) vindo a seguir escolar (29,5%). Concluiu-se que condições regionais e institucionais respondem pela grande variedade curricular e que a maioria das escolas tem feito reformas, mostrando flexibilidade para mudança e têm visado predominantemente melhor estágio. Conselho Federal de Psicologia.

354.1

REFLEXÃO A RESPEITO DO PROCESSO DE SETE GRUPOS DE TERAPIA PARA A TERCEIRA FASE DA VIDA

: Ruth Gelehrter da Costa Lopes

O atendimento psicológico a idosos (acima de 60 anos) teve origem na constatação da necessidade de sensibilizar a comunidade para o direito dos indivíduos em qualquer faixa etária terem acesso a um bem estar global. A Clínica Psicológica da PUC-SP presta este serviço desde 1989, tendo até esta data formado sete grupos terapêuticos. Desta experiência configurou-se a necessidade dos encontros serem semanais, com sessões de 1:50h, durante 18 meses, com no máximo 7 integrantes. O terapeuta ou a dupla de terapeutas são os responsáveis pela condução das sessões, criando condições para os participantes se exporem, possibilitando a reflexão conjunta a partir dos conteúdos levantados no grupo.

Na ocasião da apresentação gostaríamos de compartilhar esta experiência institucional, abordando: meios de divulgação utilizados ; seleção dos pacientes; temas predominantes nas sessões; desistências; re-encaminhamentos; etapas do processo do grupo; seleção de estagiários; e supervisão.

Nesta etapa do trabalho já podemos falar de resultados da psicoterapia voltada para idosos no que diz respeito às queixas originais:

- soluções encontradas e o significado na história particular do paciente; e
- acompanhamentos específicos como: terapia individual, sensibilização corporal, psicodiagnóstico, terapia para casais.

Entidade Financiadora: Fundação Ashoka

Apresentação a ser realizada na Mesa-Redonda: "Particularidades da Psicoterapia Oferecida a Idosos"

Coord.: Ruth G. da C. Lopes

354.2

A SENSIBILIZAÇÃO DO IDOSO À PERCEPÇÃO DO PRÓPRIO CORPO, COMO UMA VIA DE ESTÍMULO AO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO, CONFORME A VISÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE C. G. JUNG.

Profa. Rosa Maria Farah, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Este trabalho comporá a Mesa Redonda: "Particularidades da Psicoterapia oferecida a Idosos", coordenada pela Profa. Ruth G. da C. Lopes.

Relataremos uma experiência realizada no âmbito da "formação profissional" da Faculdade de Psicologia da PUCSP, experiência esta que consistiu no planejamento e execução, por nossos alunos, de um atendimento grupal à Idosos, com a utilização das "Técnicas de Integração Físio-Psíquica".

Destacaremos em nosso relato:

a) As principais características do contexto do Curso em que se realizou este trabalho, trabalho este cuja prática foi levada a efeito na Clínica Psicológica Dra. Ana Maria Poppovic, da PUCSP; b) As repercussões e mobilizações que pudemos observar no grupo de alunos, a partir da proposta de realização do trabalho; c) Os objetivos, características e fundamentos do trabalho proposto inicialmente aos Idosos bem como sua evolução até o estágio atual; d) Perspectivas para a continuidade e ampliação desta forma de atendimento psicológico.

354.3

ANALISE DE ATENDIMENTO PSICANALITICO A PACIENTE IDOSA ENCAMINHADA APOS SUBMETER-SE A TERAPIA DE GRUPO PARA TERCEIRA FASE DA VIDA*

Alicia Weisz Cobelo

A questão do idoso tem sido estudada com frequência nos últimos anos, assim acreditamos na importância de trazer a debate o atendimento realizado a pacientes, que num primeiro momento participaram de grupo terapêutico para a terceira fase da vida e que posteriormente foram encaminhados para terapia individual.

Temos como principais objetivos fazer uma breve introdução teórica sobre o percurso da psicanalise no atendimento de pacientes idosos. Para posteriormente apresentar um resumo de um caso clínico que pretendo levantar questões, estimular discussões e oferecer subsídios para a reflexão sobre o atendimento psicoterápeutico destes pacientes.

* Mesa redonda: "Particularidades da Psicoterapia oferecida a idosos"

Coord: Ruth G. da C. Lopes

354.4

IDOSOS COMO DEMANDA DA COMPREENSÃO TERAPÊUTICA NO SENTIDO DO AUXÍLIO AO USO DE SUAS CAPACIDADES

Profa. Elenir Rosa Golin Cardoso, supervisora da Clínica Psicológica da PUC-SP

Este trabalho comporá a Mesa Redonda: "Particularidades da Psicoterapia oferecida a Idosos", coordenada pela Profa. Ruth G. de C. Lopes.

O presente trabalho mostra a delicada posição de um supervisor na orientação de psicólogos em processo de aplicação do psicodiagnóstico em idosos: necessidade de ouvir, compreender, fazê-lo participar da experiência de testagem, sem estigmatizá-lo dentro de um grupo terapêutico.

355.1 **INTERAÇÃO ENTRE PSICOTERAPIA E FARMACOTERAPIA.**

Frederico G. Graeff

Dep. de Psicologia e Educação, FFCLRP-USP, "Campus" de Ribeirão Preto, SP.

Evidências colhidas tanto a nível clínico como pré-clínico indicam que o problema da interação psicoterapia-farmacoterapia tem características variáveis, conforme o tipo de distúrbio psiquiátrico estudado e as características individuais do paciente. Tanto interações favoráveis como desfavoráveis podem ocorrer, devendo-se estimular o estudo controlado de diferentes combinações de medicamentos e modalidades de terapia psicológica, bem como a análise acurada de cada paciente. O objetivo desta mesa redonda é o de discutir aspectos particulares dessas interações.

355.3

PSICOTERAPIA E PSICOFARMACOTERAPIA : A VISÃO DO PSICÓLOGO

Ricardo Gorayeb, USP/RP

Várias vezes os processos psicoterápicos, conduzidos por um psicoterapeuta não médico, podem requerer a utilização de psicofármacos como parte importante do tratamento. Incluem-se neste caso as depressões graves e estados agudos de ansiedade, incluida ai a doença de pânico. Com frequência também alta, várias terapias centradas essencialmente no efeito terapêutico dos psicofármacos podem (ou devem ?) requerer intervenções psicoterápicas, especialmente se formos considerar questões de adesão ao tratamento, como a ingestão regular da medicação prescrita e o comparecimento à consulta médica, e, aspectos da generalização adequada de comportamentos, necessária à obtenção de um bom resultado terapêutico e à sua manutenção. A participação nesta mesa redonda visa trazer uma experiência clinica de trato com pacientes que frequentemente utilizam produtos farmacológicos prescritos (ou não !) com ação sobre o sistema nervoso central, para discussão com outros profissionais com experiência semelhante. A apresentação constará de uma visão generalizadora sobre o problema, seguida da discussão de alguns casos clínicos onde houve interação entre a psicoterapia e a farmacoterapia. Discutir-se-á a questão da adequada relação médico-paciente como favorecedora da adesão ao tratamento, a definição precisa e avaliação sistemática dos objetivos terapêuticos, em qualquer das terapias, e a atuação interdisciplinar.

355.4

ASSOCIAÇÃO DE PSICOTERAPIA E PSICOFÁRMACOS NO TRATAMENTO DA DEPRESSÃO

Luiz Alberto Hetem

Psiquiatra, pós-graduando em Saúde Mental (FMRP-USP) e membro do Comitê Brasileiro para Prevenção e Tratamento da Depressão.

A associação de psicoterapia e medicamentos antidepressivos no tratamento da depressão tornou-se prática bastante difundida. O intuito é obter efeito terapêutico aditivo, mais completo e mais rápido que o obtido com cada modalidade isoladamente.

A conclusão das revisões mais recentes dos estudos controlados é que o tratamento combinado é, no mínimo, tão eficaz quanto cada uma das abordagens separadamente. Este dado é importante pois contradiz a crença de que psicoterapia não está indicada quando o paciente recebe medicação ou vice-versa.

Algumas outras dúvidas permanecem: Psicoterapia e psicofarmacoterapia atuam sobre sintomas diferentes? Dois tratamentos agem mais rápido que um? O tratamento combinado tem efeito mais duradouro? É mais eficiente na prevenção de recidivas? Qual o melhor tipo de psicoterapia? Existe população para a qual a associação seja preferencialmente indicada?

Baseado nos dados da literatura e na sua experiência peasoal o autor tenta responder esses questionamentos, comenta suas implicações clínicas e salienta que o tema continua sendo muito pesquisado.

356.2

CONDIÇÕES PSICO-SOCIO-ECONÔMICAS DA FAMÍLIA

Marin Kahn, I.S. (Faculdade de Psicologia da PUCSP)

Antes de discutir a criança que está frequentando creche, é fundamental avaliar-se quais seriam as condições psico-socio-econômicas em que se encontra a sua família. Pensar em como está estruturado o cotidiano dessa criança, quais são e como estão emocionalmente os adultos que estão à sua disposição e que possibilidades de contato com o mundo lhe são oferecidos.

Pretende-se dessa forma, questionar qual seria o suporte afetivo básico para seu desenvolvimento, assim como as condições de estímulação que o ambiente familiar lhe proporcionaria. Numa sociedade onde a mulher se vê exigida, tanto por questões externas quanto internas, para trabalhar fora de casa, o padrão conhecido: mãe - suporte afetivo (proteção), pai - suporte econômico (autoridade), está modificado e novos parâmetros devem ser considerados.

Partindo então do pressuposto, de que a família pode e deve ter uma opção de socialização para seus filhos, propõe-se argumentar quais seriam os parâmetros fundamentais que a creche deveria garantir, para apoiar o desenvolvimento da criança, respeitando suas necessidades físicas, afetivas, cognitivas e sociais.

Considerar portanto a creche como um espaço educacional e não compensatório ou de guarda, é prioritário.

Finalmente serão algumas observações sobre a criança que frequenta creche, abordando-se pontos usualmente colocados como críticos: a questões da segurança afetiva, a questão do respeito à individualidade e ao rítmo próprio, a questão da autonomia X dependência, a sociabilidade, a agressividade.

356.3 CADÊ A MÃE? JOÃO E FABIANA, HISTÓRIAS DE DES-ENVOLVIMENTO. Neumann,C.F.B.; Chaud,R. O.F.

Através da história de João, dois anos e meio de idade, e Fabiana, oito meses, tomando por referencial o relato de flashes de suas observações realizadas, a primeira integralmente na família desde os dois meses e meio de idade, e a segunda na família desde os primeiros dias e na creche a partir do vencimento da licença maternidade da mãe, este trabalho pretende discutir, de maneira aberta e contando com a colaboração dos colegas participantes, a aplicação da proposta de observação de bebês e crianças pequenas enquanto uma contribuição psicanalítica (constituição de um setting observacional), no sentido de instrumental fora de um contexto propriamente clínico, podendo se constituir num importanete elemento de diálogo no processo de formação e treinamento para pessoas da área, principalmente na medida em que, tende a quebrar uma atitude de um pré-julgado "conhecimento", para introduzir uma postura investigativa ancorada no respeito próprio a cada situação particularizada. Proporemos também a discussão em torno da percepção do des-envolvimento da criança, acompanhado pela expansão do que vem a significar "mãe" nestes contextos de cresciemnto, adotando, assim, a noção pessoal do termo mãe revestido também de uma significação mais ampla, metafórica.

356.4

CRECHES E PRÉ-ESCOLAS INTEGRADAS NO SISTEMA EDUCACIONAL: UM NOVO DESAFIO À EDUCAÇÃO INFANTIL. Lenira Haddad (Fundação Carlos Chagas).

O debate em torno da consciência ou não do cuidado/educação da criança pequena fora do lar adquire novos contornos se são consideradas as modificações nas relações de gênero e na concepção de criança pequena.

Recentes descobertas no campo do desenvolvimento infantil têm revelado necessidades e competências da criança pequena que conduzem a uma valorização e ênfase no convívio social cada vez mais precoce. Por outro lado, a urbanização, o trabalho materno e as transformações na organização familiar têm conduzido a um novo posicionamento da família e sociedade frente a questão da educação compartilhada.

357.1

RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: AÇÕES E SIGNIFICAÇÕES DE MENINAS E MENINOS DAS CLASSES POPULARES (*)

Nara M. S. Bernardes (PUCRS)

Esta pesquisa acerca da subjetividade de meninas e meninos das classes populares tem como pressuposto que as relações de gênero são relações socialmente construídas no contexto de sociedades e culturas patriarcais, e sua análise foi articulada à de outras subordinações sociais como classe, raça e idade.

A experiência vivida, no cotidiano escolar, de um grupo de vinte e oito crianças negras e não-negras, habitantes da periferia urbana da região metropolitana de Porto Alegre (RS), foi o ponto de partida para esta investigação.

As vivências e significações captadas por meio de uma análise compreensiva de base fenomenológica e que constituem a experiência de estar na escola destas crianças, possibilitaram elaborar reflexões sobre os modos como operam as opressões de gênero, classe, raça e idade na construção da subjetividade de meninos e meninas.

Tais reflexões dizem respeito à ocupação dos espaços externos e internos, ao envolvimento em atividades instrucionais, à bagunça, ao manejo do tempo, ao poder e ao controle no interior da escola.

(*) CNPq e FAPERGS

357.2 GÊNERO E SUBJETIVIDADE: INQUIETAÇÕES NA PSICOLOGIA SOCIAL.

Angelo Arruda (LFFb)

Disseminados por diferentes áreas do saber, florescem trabalhos sob a chancela dos estudos de gênero-categoria gestada pelo pensamento feminista anglo-saxão-para insistir sobre o caráter de construção social das distinções de sexo. Já há mesmo debates sobre suas limitações, contribuições e potencialidades bem como estados da arte em ciências como antropologia, história e educação. A psicologia, sempre mais tímida quando se trata dos grandes temas sociais, apresenta uma situação um tanto singular neste movimento.

A psicologia necessitou, nas últimas décadas, uma revisão mais funda devido a problemas que a realidade colocou. No caso da psicologia social, assumiu a forma de uma crise que no Brasil, gerou a busca de uma saída com estudos em direção aos dominados, num esforço de conhecimento para transformação de nossa própria realidade, abandonando a importação de problemáticas, o positivismo obrigatório e a crença na neutralidade científica. Tantas reformulações estimulam o repensar do significado da questão dos sexos.

Ainda estão por resgatar aspectos básicos da subjetividade da mulher e do homem que se mostram repartidos diferentemente entre os sexos e que são encarados de forma viesada devido às relações de gênero.

357.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CONTRACEPÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO

Sonia Reedel (FUNSFI)

Estuda-se representações que mulheres e homens têm da contracepção e de práticas contraceptivas. O conceito de representação social (Moscovici), e a categoria de gênero (Scott), são usados na análise. Revê-se estudos sócio-demográficos e psicológicos sobre contracepção, além de textos técnicos sobre contraceptivos. A pesquisa justifica-se por não se encontrar na bibliografia estudos sobre representações da contracepção enfocando gêneros. Foram entrevistados 5 mulheres e 5 homens, com 29 anos ou mais, com curso superior e residentes em áreas urbanas. As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo, expondo diversos entendimentos sobre práticas contraceptivas. Verificou-se: o corpo médico é hegemônico na produção de representações de contraceptivos; há situações consideradas inadequadas para ter filhos; as práticas contraceptivas variam segundo o tipo de relação com o parceiro e diversas situações de vida; o aborto é incluído entre os recursos para evitar filhos. Discute-se a adequação do quadro teórico utilizado. Sugere-se estudo sobre as representações que médicos têm da contracepção; sobre o conflito prazer/disciplina, além de estudos sobre representações da contracepção em outros grupos sociais.

357.4

GÊNERO E DESENVOLVIMENTO DA MULHER: PSICANÁLISE DE FREUD, CRÍTICA E EVOLUÇÃO

Maria Lúcia T. Nunes (PUCRS e UFRGS)

É possível afirmar que nenhuma questão foi discutida com mais ardor no campo da psicologia da mulher do que a teoria freudiana acerca do desenvolvimento da personalidade feminina. Tal teoria, oriunda de uma perspectiva masculina, se caracteriza pela misoginia e pelo determinismo biológico, ignorando as causas sociais da construção do que é ser mulher.

A noção vitoriana das diferenças sexuais e os tradicionais valores patriarcais levaram Freud a formular pressupostos que, mesmo já na década de 1920, eram questionados, vistos como equivocados e permeados por incoerências lógicas.

As investigações psicanalíticas acerca do desenvolvimento pré-genital das meninas assim como as investigações ao redor do conceito de gênero lançam novas luzes sobre a questão que pode ser caracterizada pela expressão "não nascemos meninas; somos **construídas** meninas.

As questões que forem levantadas sobre as mulheres e as respostas que obtivermos têm implicações políticas importantes para a qualidade de vida das mulheres.

358.1

BASES TEÓRICAS APLICADAS À PRÁTICA CLÍNICA: AS CONTINGÊNCIAS NA SESSÃO TERAPÊUTICA

Sonia Beatriz Meyer - Clínica Particular

A identificação de classes de contingências existentes na sessão terapêutica permite que os componentes deste processo complexo, que é a terapia, possam ser analisados. As contingências provêem de três classes principais, e cada qual pode ser desdobrada em mais componentes: 1) aquelas provenientes da história de vida do terapeuta; 2) aquelas provenientes da história de vida do cliente; 3) aquelas provenientes da relação terapêutica. A história de vida do terapeuta influi no processo de análise do comportamento em vários níveis: seus estudos em psicologia, a sociedade em que vive, suas características pessoais e sua experiência adquirida na prática clínica. As contingências da história de vida do cliente incluem, entre outras, suas queixas e sua forma de comunicação verbal e não verbal em terapia. As contingências existentes na relação entre terapeuta e cliente são as mais importantes e delas é que mudanças de comportamento costumam ocorrer, tanto para o cliente, que procura melhorar a qualidade de sua vida, como para o terapeuta que pode rever suas práticas e se tornar cada vez mais eficiente.

358.2

BASES TEORICAS APLICADS A PRATICA CLINICA: AS CONTINGÊNCIAS NA SESSAO TERAPEUTICA

Maria Luiza Guedes - PUCSP

O objeto desta análise será levantar alguns determinantes da atuação do terapeuta comportamental. Pretende-se desenvolve-la enfocando quatro questões que na prática clinica frequentemente afligem o terapeuta. 1) Como utilizar conceitos e princípios da análise experimental do comportamento como instrumentos na análise comportamental de uma situação clínica. Ou seja, como enfrentar a questão da defasagem entre a teoria - composta por conceitos provenientes de situação pura, isolada e sofisticada como é a de laboratório - e a prática clínica - caracterizada pela riqueza, complexidade e espontaneidade dos fenômenos da vida cotidiana. 2) Como da condição privilegiada de pesquisador produtor de conhecimento preparar-se para lidar com a premência da solução dos problemas do cliente. 3) Quanto podemos conhecer o pensar do terapeuta, ou seja, como entender o processo pelo qual a partir do fluxo continuo dos fenômenos: o comportamento do cliente, seu relato, a expressão de suas emoções, o terapeuta vai "pensando" possíveis relações funcionais (tendo como único ouvinte apenas a si mesmo) e imediatamente "agindo" em função destas hipóteses. 4) Como tornar estas hipóteses em significado para o cliente e como desencadear as transformações desejáveis.

358.3

BASES TEORICAS APLICADAS A PRATICA CLINICA: AS CONTINGÊNCIAS NA SESSÃO TERAPEUTICA

Priscila Derdyk - Clínica Particular

Muito do que acontece numa sessão terapeutica está bastante claro do ponto de vista comportamental. Sabemos, por exemplo, que o aspecto pedagógico que ocorre dentro da sessão é ou pode ser de máxima importância para a produção de novos comportamentos. Porém, as sessões vão além deste ponto. A própria relação terapeutica parece ser contingência que mais contribui para a mudança do cliente. São as contingências desta interação emocional, do cliente para o terapeuta e do terapeuta para o cliente, que contém uma série de aspectos que precisam ser mais claramente discriminados e entendidos dentro de um referencial teórico comportamental. Fenômenos como o da transferência (segundo a terminologia psicanalítica) onde sentimentos de uma experiência passada são experimentados como se estivessem no presente devem ser melhor avaliados. O mesmo se refere à transparência do terapeuta como uma forma de auto-revelação com objetivo de dar possiveis alternativas de comportamento. Aí chegamos na existência ou não da neutralidade do terapeuta ou mesmo da influência dos erros na dinâmica da terapia, além de uma série de outras contingências que necessitam ser pensadas e discutidas pela comunidade dos terapeutas comportamentais. A pergunta sobre "o que estou fazendo" sob a perspectiva da análise comportamental faz-se imprescindível. Vejo que levantar estas questões e discuti-las é uma forma de podermos avançar mais claramente no entendimento da terapia comportamental.

358.4

BASES TEÓRICAS APLICADAS À PRÁTICA CLÍNICA: AS CONTINGÊNCIAS NA SESSÃO TERAPÊUTICA

Roberto Alves Banaco - PUCSP

O estabelecimento e a manutenção de uma boa relação terapeutica tem sido atribuidos a características e habilidades pessoais do terapeuta. Para se fazer uma análise funcional deve-se transformar estas características e habilidades em comportamentos, identificando nesta análise todos os elementos relevantes dessa relação. Têm sido relativamente fácil listar comportamentos abertos de terapeutas que teriam com resultado o bom desempenho clínico. No entanto, outros comportamentos do terapeuta de tipo encoberto (tais como emoções e pensamentos) devem estar encadeados aos comportamentos abertos, sendo desta forma também determinantes da relação terapeutica. Alguns destes comportamentos encobertos podem envolver discriminações de estímulos gerados pelo cliente que seriam desencadeadores de reações emocionais no terapeuta que precisa, neste momento, além de administrar a sessão, respondendo ao conteúdo trazido pelo cliente, identificar o impacto que estes estímulos tem em seu próprio repertório, e "filtrar" o que pode/deve ser passado, tendo como critério de "filtro" aquilo que seria terapêutico para o cliente.

360.1 **Mesa Redonda – "Distúrbios infantis. Quem tratar: a criança, os pais ou a família?"**

Coordenadora: Terezinha Féres-Carneiro – PUC/Rio

A prática clínica no atendimento a famílias e casais tem demonstrado, cada vez mais, que os distúrbios infantis refletem, quase sempre, as perturbações da vida familiar. São poucos os casos em que crianças com dificuldades emocionais precisam ser atendidas em psicoterapia infantil pois, geralmente, tais dificuldades estão relacionadas a conflitos existentes na relação dos pais.

O objetivo da Mesa Redonda proposta é o de realizar um debate entre terapeutas infantis e terapeutas de família e casal, com longa experiência em suas respectivas áreas de atuação, em defesa de cada uma destas modalidades terapêuticas. O debate será conduzido no sentido de ressaltar as indicações e contra-indicações de uma intervenção terapêutica individual com a criança, quando esta apresenta distúrbios emocionais, tendo em vista que, muitas vezes, a psicoterapia infantil pode ser um desserviço para a criança e para a família se a sua realização é utilizada pelos pais como uma maneira de eles próprios não se submeterem a um tratamento quando isto se faz necessário.

No trabalho que apresentaremos "Remissão de sintomas infantis através da terapia de casal: uma discussão de casos clínicos" – vamos relatar uma experiência clínica, em consultório particular, no tratamento de oito casais durante um período de dois anos. O tempo médio de atendimento foi de oito meses, variando de três meses no mínimo a um ano e 8 meses no máximo. A análise dos dados clínicos obtidos mostram que embora cinco dos oito casais tenham vindo ao consultório buscar ajuda para seus filhos, que estavam com problemas de comportamento, tais problemas eram uma consequência das perturbações e dos conflitos existentes na relação do casal. Em apenas dois, dos oito casos, os filhos precisaram ser vistos em sessões de avaliação familiar; e em apenas um caso, um filho precisou ser posteriormente encaminhado para psicoterapia. O trabalho realizado permite concluir que, na maioria das vezes, os distúrbios de comportamento apresentados pelas crianças encontram suas raízes na relação dos pais e que, quase sempre, é suficiente uma intervenção a nível de casal para que haja uma remissão de grande parte dos sintomas apresentados pelos filhos.

360.2

Mesa Redonda:

Distúrbios Infantis. Quem tratar: A criança, os pais ou a família ?

Ferro-Bucher, Júlia
Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia

O tema proposto para essa Mesa-redonda é amplo e exige muitas reflexões.

A questão "quem tratar na família quando o terapêuta se encontra diante de distúrbios infantis" nos leva a outras questões. Inicialmente o terapêuta se perguntará: Que distúrbios são esses ? Qual é a função desses distúrbios no sistema familiar ? Quais são os ganhos e as perdas que o sistema obtém através desses distúrbios ? Qual é o sistema de crianças da família face a tais distúrbios ? Essas e outras questões nortearão o desenvolvimento do trabalho junto a criança que não deve ser vista fora do seu sistema familiar do qual ela depende tanto à nível de desenvolvimento físico e social quanto a nível emocional.

Minha comunicação se pautará nessas reflexões a partir de alguns exemplos clínicos.

360.3

Mesa-Redonda- "Distúrbios Infantis. Quem tratar: a criança, os pais ou a família?
Profa Lucia Rabello de Castro - PUC/RIO

A prática clínica com crianças mostra que no atendimento psicoterapêutico destas é quase sempre indicado um acompanhamento dos pais da criança. Esta modalidade de atendimento vem, em última instância, assegurar uma "quase terapia familiar", mesmo que a criança permaneça como sujeito principal do atendimento. Poder-se-ia dizer que este seria o paradigma, ou a modalidade típica, no atendimento clínico a crianças.

A problemática que aqui se coloca seria questionar esta modalidade, tendo em vista seus desdobramentos tanto a nível teórico, como prático. A nível teórico:as dificuldades emocionais da criança não teriam sua origem na dinâmica familiar, e portanto, praticamente, não se faz necessário tratar a família, para que a criança melhore? A resposta a esta questão enseja uma discussão teórica sobre as múltiplas maneiras de se compreender o que vem a ser os "distúrbios infantis". Sem dúvida, a posição aqui adotada é que eles não podem ser entendidos apenas a partir do estabelecimento de uma relação direta,linear e unívoca entre patologia familiar e dificuldade emocional da criança.

A título de exame mais detalhado deste 'parti-pris' teórico, serão aqui analisadas situaçÕes que denotam aspectos críticos e singulares entre dinâmica familiar e dificuldades emocionais infantis, representadas pelas famílias de crianças adotadas e as "famílias múltiplas". Em ambas as situaçÕes, quase sempre traumatizantes para a criança, a psicoterapia infantil foi empreendida. O critério se tornou a escuta do desejo da criança de poder ser atendida, mesmo que a psicoterapia familiar, sendo também julgada necessária, não tivesse sido levada a cabo por diversas razÕes. O atendimento à criança propiciou um alívio do seu sofrimento, entendido aqui como uma expansão das suas capacidades de individuação.

360.4 **Mesa Redonda – "Disturbios Infantis. Quem tratar: a criança; os pais ou a família?**

Ester Woiler - Mestre em Psicologia Clínica-PUC/SP

A prática clínica psicanalítica no atendimento infantil tem demonstrado que nem sempre os distúrbios infantis refletem as perturbações da vida familiar. Na maioria dos casos, em que o atendimento individual da criança é recomendado; o sintoma expressa o conflito intrapsíquico, a um nível dinamicamente mais profundo, que não necessariamente precisou ser deslocado para o relacionamento entre os membros da família, assumindo a forma de conflitos interpessoais.

A terapia individual psicanalítica da criança ocupa um espaço privilegiado para a projeção das distorções emocionais e suas correções; para o entendimento da função e do significado dos sintomas e sua consequente elaboração dos conflitos. Pois, cada criança reage de uma maneira diferente perante as perturbações familiares, que podem ou não gerar patologias. Isto varia de acordo com os recursos que a criança possui em cada idade, sua estrutura de personalidade, suas defesas, enfim, do seu grau de desenvolvimento afetivo-emocional. Uma criança pode estar ou sentir-se frustrada sem ter vivido frustrações reais. Sentir ódio de seus pais sem que eles sejam, necessariamente, "odiáveis". Pode, inclusive, sentir inveja da relação harmoniosa do casal e produzir sintomas.

Na nossa experiência clínica, quando a criança apresenta um ego muito fragilizado, múltiplos comprometimentos e defasagens significativas nas diversas áreas de desenvolvimento (intelectual, psicomotor e afetivo-emocional) é apenas ao longo de um trabalho terapêutico individualizado, que poderemos chegar a ajudá-la. Isto não exclue, que os pais precisem ser atendidos psicoterapicamente e, em alguns casos, a família também. A nossa experiência clínica com crianças adotivas, que resultou na nossa tese de mestrado na PUC-SP: "A condição afetivo-emocional da criança adotada: repercussões na aprendizagem, em especial na aprendizagem escolar". ilustram e apontam resultados que reforçam a nossa posição.

361.1

INTERAÇÃO SOCIAL: O SOCIAL E O PSICOLÓGICO

DURAN,A.P. Faculdade de Educação, UNICAMP

O trabalho pretende enfatizar e contribuir para esclarecer alguns aspectos do papel da interação social, enquanto conceito e processo, na compreensão das relações entre o biológico, o psicológico e o sócio-cultural(especialmente os últimos) sob uma perspectiva integradora útil à ciência psicológica.

Sem esquecer a importância da ação social (não interativa), a interação social é aqui considerada como locus de constução do indivíduo e da sociedade/cultura e como efetivo ponto de concretização das influências sócio-culturais sobre o indivíduo e da inversa influência do indivíduo sobre o sócio-cultural. Este não é entendido como contexto que influencia mas como incorporado no psicológico e,nessa medida, integrante da própria interação. A interação, por sua vez, permite desenvolver, no nível subjetivo, as categorias significativas de sócio-cultural e de psicológico.

Assinala-se também no trabalho a importância da multiplicidade, variedade e contraditoriedade existentes na rede de interações que compõem o social tanto como a importância da dimensão intersubjetiva (comunicação) das interações.

Ao final chega-se à importância do estudo da criança e da educação dentro dessa perspectiva.

361.2

SOCIOGENESE E CANALIZACAO CULTURAL: UMA ANALISE DO CONTEXTO DAS SALAS DE AULA

BRANCO, A.U. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasilia

Os fundamentos do pensamento sociogenético, associados ao conceito de "canalizacao cultural" dos processos do desenvolvimento humano sao aqui analisados em termos de sua contribuicao à educacao da crianca. A perspectiva co-construtivista, que destaca o papel relevante do contexto cultural e sua rede de significados atuando em interacao dialética com a participacao ativa da crianca é discutida no âmbito das relacoes professor-alunos e da ecologia das salas de aula. Enfatiza-se, particularmente, o significado das "relacoes de confianca" (McDermott,1977), os processos envolvidos na "motivacao" de alunos e professor, e a necessidade da construcao de metodologias criativas que dêem conta de desvendar os mecanismos tipicos do "curriculo oculto" das escolas em seus diferentes niveis de manifestacao. Alternativas metodológicas sao discutidas face à adocao de uma abordagem sistêmica e co-construtivista do desenvolvimento da crianca no âmbito das instituicoes educativas.

361.3 A INTERAÇÃO SOCIAL E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

ARANHA, M.S.F. Departamento de Psicologia, U.N.E.S.P. - Bauru (SP)

No estudo sobre o desenvolvimento humano a interação social tem ocupado diferentes espaços, dependendo da função a ela atribuída pelos diferentes pressupostos teóricos.

São três as principais tendências constatadas no estudo da interação social.

A primeira delas se preocupa com a interação social enquanto via de contribuição específica para o desenvolvimento da socialização.

A segunda delas se preocupa com a interação social enquanto via de formação de relações sociais, fenômeno complexo presumido como de importância para o desenvolvimento dos indivíduos. Aponta a necessidade de se conhecer a função, a natureza e os mecanismos de determinação das relações, através da construção de uma base descritiva consistente, do levantamento e testagem de hipóteses e a formulação de princípios explicativos.

A terceira, representada pelo sócio construtivismo, preocupa-se com a interação social enquanto contexto de construção da subjetividade humana. Aponta a necessidade de se investigar como se dá o processo de transformação da experiência social em conhecimento subjetivo, na construção da individualidade.

Metodologicamente, constata-se um movimento, inicialmente caracterizado por descrições lineares, buscando relações de causa-efeito, na direção do estudo de processo, através de análises sequenciais que visam a apreensão de sua dinâmica e movimento.

Este parece ser um momento muito rico no estudo do desenvolvimento, tanto no que se refere a concepções provocativas para a investigação, como no esforço de criação de novas estratégias metodológicas que viabilizem a compreensão de fenômeno tão complexo.

361.4 INTERAÇÃO SOCIAL NA ESCOLA: PROFESSOR E ALUNOS CONSTRUINDO O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.

GIL, M.S.C.A., Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba

É característica das salas de aula o fato de professores e alunos estarem trabalhando para a aprendizagem dos alunos, pressupondo assim, a existência de um objetivo comum. Este objetivo deve ser atingido ao longo de inúmeras trocas comportamentais, marcadas pelo desequilíbrio de poder inerente tanto às relações professor-aluno quanto às relações adulto-criança. A despeito do desequilíbrio presente, professor e alunos constroem o processo ensino-aprendizagem. A partir deste quadro de concepções da sala de aula, busca-se analisar as interações professor-aluno. Em decorrência, o procedimento de análise dos dados propõe que as informações sobre os desempenhos dos participantes da interação sejam tratadas simultaneamente, considerando os pontos de inflexão dos fluxos de desempenho. Deste modo os dados mostram a interdependência das ações de professor e e alunos durante as atividades. Ressalta-se e discute-se, por um lado, a participação ativa dos alunos na condução do processo ensino-aprendizagem e, por outro, a sensibilidade do professor que, apreendendo as condições de desempenho dos alunos possibilita que influenciem decisivamente o desenvolvimento das atividades. A participação dos alunos enquanto grupo (a classe) aparece como uma das formas possíveis de interação em sala de aula.

Financiamento CAPES/CNPq

362.1

PSICODIAGNÓSTICO DIFERENCIAL DE CRIANÇAS DEFICIENTES MENTAIS

Amiralian, M.L.T.M. Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP.

A relação de correspondência entre o fracasso escolar e a educação especial se inscreve na origem deste atendimento. A preocupação com o insucesso escolar de alguns alunos conduziu à estudos que buscassem a causa desse fracasso e sua solução. A educação especial foi a forma encontrada, se caracterizando pelo fornecimento de recursos especiais que suplementassem os existentes, insuficientes às necessidades das crianças com deficiência mental.

A prática desta proposta, todavia, não tem se mostrado uma tarefa simples sendo muitos os problemas que apresenta. Entretanto, podemos dizer, que uma das principais dificuldades encontradas é a identificação da criança que realmente necessita da classe especial. A discriminação de uma criança que apresenta fracasso escolar por deficiência mental daquela que o apresenta por outras causas é fundamental para a solução do fracasso escolar. O diagnóstico diferencial se propõe assim como uma prática fundamental para o sucesso da educação especial, identificando as crianças que não aprendem por insuficiência de suas estruturas cognitivas, discriminando-as daquelas que apresentam o mesmo sintoma por problemas pedagógicos, deficiências sensoriais leves, distúrbios psiconeurológicos da aprendizagem ou bloqueios na aprendizagem por problemas emocionais.

A nossa proposta para um diagnóstico diferencial eficaz se funda no psicodiagnóstico compreensivo, capaz de nos oferecer uma visão global do sujeito e possibilitando uma descrição funcional de seu desenvolvimento.

362.2 FRACASSO ESCOLAR E CLASSE ESPECIAL PARA D.M.: RELAÇÕES DE CORRESPONDÊNCIA E CONTRADIÇÃO.

MASINI, Elcie F.S. Livre Doc. da Fac. de Educ. da USP

Esta Pesquisa focaliza o aluno em situação de aprendizagem e registra o que ocorreu em classe em diferentes momentos de um ano letivo. Constitui uma forma de investigação que lida com a complexidade da sala de aula. Os dados analisados oferecem recursos para a professora acompanhar o ato de aprender e lidar com ele.

Objetivou-se neste trabalho identificar:

— no aluno, o processo de Aprendizagem Significativa (AS) diferenciando-a da Aprendizagem Mecânica;
— na relação professor X aluno, os recursos que propiciam A.S.

O desenvolvimento desta investigação, bem como os dados analisados oferecem recursos para a professora acompanhar o ato de aprender e seus resultados: a dialética entre a elaboração do conteúdo e a forma de organização do material de ensino; as implicações recíprocas das interrelações da professora X aluno X colegas. Analisa o como o aluno realizou a tarefa e também o como a professora agiu nessa situação específica.

A Relevância desta Pesquisa está em focalizar as diferentes maneiras que o aluno lida com o material ensinado e as implicações da atitude da professora e das condições da escola no processo de aprendizagem. Permite assim que se visualize o aluno elaborando e compreendendo, ou ao contrário, repetindo tarefas sem sentido. O aluno que segue sem problema sua escolarização e aquele que "fracassa" (e/ou o provável candidato à classe especial). Caso este aluno vá para uma classe especial de D.M., a professora que tem o preparo em identificar a A.S., por certo, terá condições de verificar a propriedade da permanência ou não desse aluno aí.

Os dados serão apresentados e discutidos.

362.3

FRACASSO ESCOLAR E CLASSE ESPECIAL PARA DEFICIENTES MENTAIS: RELAÇÕES DE CORRESPONDÊNCIA E CONTRADIÇÃO.

MAZZOTTA, M.J.S., Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

O fracasso escolar, via de regra, tem sido interpretado segundo uma visão dicotomizada do processo ensino-aprendizagem. Ora aponta-se para o fracasso da escola (ensino), ora para o fracasso do escolar (aprendizagem). Esta última interpretação tem recebido maior peso entre os educadores, levando ao entendimento generalizado de que é o aluno quem fracassa. Na maioria das vezes tem-se ignorado que é na relação entre o escolar (aluno) e a escola, contornada pelas condições sociais, econômicas, políticas e culturais, que se localizam as reais forças que determinam tal fracasso.

Por outro lado, confundida como panacéia para o fracasso escolar produzido pelo sistema, a classe especial para deficientes mentais tem sua validade posta em dúvida, principalmente quando assume a função ideológica de dissimuladora da discriminação negativa das crianças das classes populares. Entretanto, esta é uma séria disfunção que precisa ser identificada e superada.

Analisar criticamente o fracasso escolar e o papel da classe especial para deficientes mentais no sistema escolar, impõe-se como atitude científica (e ética) que vise evitar conclusões falaciosas e apressadas sobre as relações de correspondência e contradição entre estes importantes elementos da educação escolar brasileira.

362.4

FRACASSO ESCOLAR E CLASSE ESPECIAL PARA D.M.: RELAÇÕES DE CORRESPONDÊNCIA E CONTRADIÇÃO.

HARADA, Cristina - Professora Especializado em Deficiência Mental.

A experiência de atuar numa Classe Especial é um universo cheio de desafios, mas ao mesmo tempo muito fascinante. É um ato de amor? Sim, mas não um amor paternalista, um amor profisssional, questionador, que busca as causas e as soluçoes.

Neste relato, como professora de Classe Especial, gostaríamos de abordar alguns conceitos básicos fundamentais para melhor entender os problemas relacionados a esta.

Questão como a definição de Deficiência Mental, que é a base de todo este processo, ainda merece algumas reflexões, assim como outros: definição de classe especial, da clientela a que se destina, do processo de encaminhamento e de sua situação dentro de toda a estrutura educacional. Gostaríamos de discutir estes aspectos, tendo como ilustraçoes, fatos do dia-a-dia de uma sala de aula, que colocam, muitas vezes, em xeque todos estes conceitos por todos aqueles que convivem com esta situação.

CURSOS

363

PRÉ-REQUISITOS PARA A LEITURA E ESCRITA EXIGIDOS PELA ESCOLA

Coordenadora: Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar)

OBJETIVOS:

Gerais . Refletir sobre a utilização de pré-requisitos para o ensino de leitura/escrita

. Analisar o "como", o "por que" e o "para que" utilizar os pré-requisitos.

Específicos

. Identificar pré-requisitos para a aquisição da leitura/escrita.

. Relacionar pré-requisitos para a aquisição da leitura/escrita.

. Identificar o repertório do aluno quanto aos níveis dos pré-requisitos.

JUSTIFICATIVA:

Constata-se que um grande número de alunos da 1ª série do 1º grau não consegue aprender a ler e escrever apesar do sistema escolar estatal ter desmembrado essa 1ª série em dois anos letivos, ou seja, o chamado ciclo básico. Observa-se que esse aluno ao ingressar na 1ª série do 1º grau não possui o repertório correspondente às expectativas de planejamento para o ano letivo elaborado pela professora. Observa-se também que esse aluno não consegue se ajustar às atividades desenvolvidas em sala de aula e segue seu caminho à margem da expectativa da professora. Ao caminhar à margem esse aluno passa a ser marginalizado pelo sistema escolar e o que é pior: essa marginalização deixa sequelas (emocionais) contribuindo para a gênese de outros problemas - os chamados distúrbios de conduta. Os problemas de aprendizagem e de conduta do aluno vão aumentando: ele é reprovado uma, duas, três ou mais vezes e, apesar de não apresentar deficits de inteligência, é encaminhado para a educação especial.

O presente curso pretende realizar uma reflexão sobre os pré-requisitos para a leitura e escrita utilizados na pré-escola e o aspecto preventivo para a educação especial.

364 Curso: O Superdotado: Identificação, características e Atendimento.
Profa. Eunice Soriano de Alencar

Objetivos
. Desmistificar as idéias errôneas sobre o superdotado.
. Familiarizar os participantes com teorias, pesquisas, conceitos e programas na área da superdotação.

Programa
. O conceito de superdotação
  Perspectivas históricas
  As diversas definições de superdotado
  Idéias errôneas sobre o superdotado
. A natureza da superdotação
  Quem são os superdotados e como identificá-los
  Comportamentos que indicam superdotação
  O processo de identificação
. Inteligência e criatividade
  Relações entre inteligência e criatividade
  Teorias e testes de inteligência e criatividade
. Programas de atendimento ao superdotado
  Objetivos dos programas
  Aceleração, enriquecimento e segregação
  Características a serem implementadas no ambiente em que se dá a aprendizagem
  O papel da família na educação do superdotado
. O atendimento ao superdotado no Brasil e em outros países

Bibliografia Básica
Alencar, E.M.L.S. (1986). Psicologia e Educação do superdotado. São Paulo: EPU.
Santos, O. B. (1988). Os superdotados: Quem são? Onde estão? São Paulo: Pioneira.

365

PRINCIPIOS DE TRANSFERENCIA OU GENERALIZAÇAO E SUAS IMPLICAÇOES PARA EDUCAÇAO E TERAPIA

Joseph E. Spradlin, PhD. University of Kansas, EUA.

Este curso enfocará a descrição dos vários tipos de classes de estimulos e sua implicação para ensino e terapia. Uma classe de estímulos é um conjunto de estímulos não idênticos que, sob algumas circunstâncias, controla a mesma resposta. Classes de estímulos podem ser categorizadas como: 1) classes de estímulos baseadas em algumas propriedades físicas definidoras comuns, compartilhadas por todos os membros (e.g., maçãs, homens, cachorros, etc.); 2) classes de estímulos cujos membros não compartilham propriedades físicas definidoras comuns (e.g., brinquedos, ferramentas, letras, números, advogados, professores). Um tipo particular de classe de estímulos cujos membros não tem propriedades físicas definidoras em comum é uma classe de equivalência, conforme definida por Sidman & Tailby (1982). A classe de equivalência, de acordo com estes autores, deve consistir de membros cujas relações entre si são caracterizadas pelas propriedades de reflexividade, simetria e transitividade. Este tipo de classe de estímulo é bastante encontrado em desempenhos de acadêmicos e de linguagem, e serve como um importante modelo tanto para o ensino como para a avaliação do ensino. Este curso é planejado para pessoas que já possuem um conhecimento básico dos princípios de análise do comportamento e tem interesse no ensino de pessoas com deficiências em linguagem e habilidades acadêmicas.

Curso realizado com apoio da FAPESP

366

CURSO: ASPECTOS PSICOLÓGICOS À ASSISTÊNCIA DA CRIANÇA COM CÂNCER. Elizabeth Ranier Martins do VALLE*;Regina Aparecida Garcia de LIMA*;Luciana Pagano Castilho FRANÇOSO*;Luis Gonzaga TONE**.

O presente curso tem por objetivo dar subsídios de aspectos psicológicos do câncer infantil a profissionais e/ou alunos de graduação da área de saúde.

Para tanto, pretende abordar e discutir os seguintes tópicos:

. Câncer infantil: o que é, incidência, sinais pré-diagnósticos, principais tipos de tratamento (visão geral)

. A criança com câncer: sua participação no diagnóstico e tratamento; suas reações emocionais; a criança em fase terminal/morte; a possibilidade de cura e a qualidade de vida.

. A família da criança com câncer: reações ao diagnóstico; o enfrentamento da realidade; o discurso dos pais; os irmãos.

. O profissional de saúde frente ao câncer infantil: o significado do cuidar da criança doente, o preparo do profissional; o apoio à família e à criança: assistência psico-social e assistência de enfermagem; o papel do psicólogo na equipe.

. GACC - Grupo de apoio à criança com câncer; a casa de apoio.

* Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

** Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP.

367 CURSO: FAMÍLIA E DEFICIÊNCIA - UM CONVÍVIO ESPECIAL.

AMIRALIAN, M.L.T.M., BECKER, E., - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Famílias com integrante portador de deficiência podem remeter os profissionais envolvidos no atendimento a um complexo desafio: a necessidade de compreender a dinâmica das relações familiares perante tal condição.

O curso tem o objetivo de fornecer subsídios para esta compreensão e a intervenção decorrentes: para isto serão abordados temas que possibilitem a conceituação de família como paciente, bem como a investigação de padrões funcionais e disfuncionais na dinâmica familiar. Momentos críticos de desenvolvimento da pessoa portadora de deficiência também serão contemplados, na medida em que explicitam peculiares psicodinamismos de suas famílias.

368

Curso: "Família e Terapia Familiar"

Coordenadora: Terezinha Féres Carneiro
PUC/Rio

Participante: Julia Bucher - UnB

Tendo em vista a importância da família na determinação da saúde ou da doença emocional da criança, o Curso tem como objetivo discutir desenvolvimentos teóricos atuais sobre a estrutura e a dinâmica da família contemporânea e apresentar diferentes abordagens em terapia familiar.

Serão discutidos os seguintes tópicos:

- Família e o desenvolvimento emocional da criança.
- A criança diante do divórcio dos pais.
- A criança na família recasada.
- Distúrbios infantis e avaliação familiar.
- Abordagens sistêmicas em terapia familiar.
- A possibilidade de integrar diferentes abordagens em terapia familiar.

369 PSICANÁLISE DA CRIANÇA: KLEIN, WINNICOTT, LACAN. (Santos, M.A. (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto).

O curso visa introduzir aspectos fundamentais relacionados à posição que a criança ocupa dentro do discurso psicanalítico. Articulados em torno da experiência de profissionais com diferentes abordagens e adotando os eixos referenciais propostos por Freud, Melanie Klein, Winnicott e Lacan, serão abordadas questões cruciais ligadas à teoria psicanalítica, em seus reflexos evidentes na prática clínica, notadamente no atendimentos infantil.

Psicanálise da Criança na Abordagem Kleiniana: Fundamentos da Técnica (Maria Bernadete Amêndola Concart de Assis)

A exposição sobre este tema será feita em duas partes. Na primeira, Fundamentos da Técnica, serão abordados alguns pontos que caracterizam a técnica kleiniana da análise de crianças, tratando-se de seus fundamentos teóricos. Na segunda, Material Clínico, será apresentada e discutida uma sessão de análise com uma criança.

Psicanálise da Criança na Abordagem Kleiniana: A Participação dos Pais no Processo Terapêutico (Maria Lucimar Fortes Paiva)

A análise de criança, sob a perspectiva psicanalítica, conduz a reflexões sobre aspectos técnicos relacionados a transferência quando se trata do contato com a família da criança em atendimento. Os dados da realidade externa, do contexto familiar, bem como o apoio às angústias evidenciadas nos pais a partir do atendimento da criança impõem uma questão básica a ser discutida: uma questão teórico-técnica sobre a relação transferencial ou uma questão de proteção à figura do analista?

Psicanálise da Criança na Abordagem Winnicottiana (Manoel Antônio dos Santos)

Em nossa exposição, enfocaremos a noção de objeto transicional e o papel dos fenômenos transicionais e da criatividade no desenvolvimento psíquico primitivo. Proposto por Winnicott como a primeira possessão "não-eu" do bebê, o objeto transicional serve de intermediário que propicia a descoberta da diferença entre o mundo interno e o mundo externo. Aparece ao mesmo tempo como um objeto real e um significado simbólico, extraído da fantasia e da imaginação criadora da criança. Por exemplo, o bebê pode se apegar a um ursinho de pelúcia, que em sua fantasia o protege contra o temor de perder algo muito precioso, ou a um cobertor, que oferece conforto e tranqüilidade. À medida que amadurece, ele pode paulatinamente deixar de lado este tipo de posse "não-eu" e buscar obter o prazer e segurança através das verdadeiras relações do objeto (no sentido empregado por Anna Freud,1954). Do ponto de vista emocional, o fato de o objeto transicional, não ser o seio ou a mãe é tão importante quanto o fato de que representa o seio ou a mãe. O fenômeno transicional constitui, assim, um território, um espaço potencial de jogo e ilusão, onde a potencialidade criadora da criança pode ser livremente exercitada e aplicada à "criação" e à "destruição" dos objetos, como um jogo permanente com o real. A abordagem destes componentes básicos da experiência emocional permite compreender uma série de fenômenos que emergem na prática clínica, como os objetos transicionais transferenciais que surgem na análise tanto de crianças, como de adultos neuróticos (Greenson, 1972).

Psicanálise com Crianças na Teoria de Lacan (Helena Sampaio Bicalho)

A Drª Helena Bicalho apresentará a concepção da direção da análise com crianças em seus dois momentos estruturais: a entrada e o fim da análise. Utilizando-se da teoria lacaniana como eixo referencial de seu trabalho, a Drª Helena irá discutir algumas questões-chaves implicadas pelo tratamento psicanalítico com crianças. Mostrará, por exemplo, que a entrada em análise é a prova da estrutura clínica do sujeito, e que nela já está antecipado, pelos elementos estruturais que engendra, o seu fim. Para ilustrar sua abordagem teórica e postura de trabalho, trará à discussão a dimensão prática do atendimento psicoterápico, apresentando fragmentos de um caso clínico.

371

REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A RELAÇÃO INDIVIDUO-SOCIEDADE

SANTOS,M.F.S.* E WEBER,S.** - * LABORATÓRIO DE INTERAÇÃO SOCIAL HUMANA - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - UFPE; **MESTRADO EM SOCIOLOGIA/DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - UFPE.

O curso tem como objetivo aprofundar a discussão sobre a Representação Social, que vem se constituindo uma noção chave em Psicologia Social, sobretudo pelo valor heuristico de suas proposições. Ao enfocar a intersecção entre a produção individual e a coletiva, ela contribui para um maior conhecimento do processo de construçao da subjetividade. Aglutina assim, pesquisas de diferentes linhas teóricas.

Será enfocada, no decorrer do curso, a diferença entre Representação Social, Ideologia e Cultura,discutindo-se os projetos de sociedade e sua apropriação pelos sujeitos. Serão ainda apresentados os diferentes métodos de investigação utilizados em algumas pesquisas recentes.

372 **TRIAGEM E PSICODIAGNÓSTICO: PROCESSOS DE INTERVENÇÃO**

VILARINHO, M. A. S. (Fac. São Marcos/SP)

A prática de triagem, entendida como consulta psicológica o momento significativo para o cliente, exige do psicólogo sensibilidade e abertura para a inovação e o inesperado.

O psicodiagnóstico, por sua vez, veio se transformando no decorrer do tempo, recolhendo suas práticas nas interfaces das teorias que procuram conhecer o homem. Coloca-se, assim, a questão da pluralidade das interpretações, da flexibilidade do modelo, da utilidade e limitações do processo.

Neste curso discutiremos as características e dificuldades específicas desses entendimentos, abordando as questões dos encaminhamentos, as ambiguidades das instituições, a questão de quem é o cliente, a co-participação dos clientes no processo, as questões sobre o informe psicológico e as relações entre teoria e prática.

TÓPICOS: Triagem: encruzilhada de vários caminhos. Escolher ou acolher? Entrevista de triagem: momento significativo? O impacto social e as questões do encaminhamento. Psicodiagnóstico informal. Psicodiagnóstico e ecletismo pragmático. Co-participação do cliente. Exploração dos efeitos terapêuticos no psicodiagnóstico.

373 TESTE DAS FÁBULAS: FORMA VERBAL E PICTÓRICA

Jurema Alcides Cunha*, Maria Lucia Tiellet Nunes**, Blanca Guevara Werlang*** e Margareth da Silva Oliveira*

O Teste das Fábulas baseia-se no Método das Fábulas de Düss. A partir da experiência com o instrumento em projeto de pesquisa[1], foram realizados estudos com os seguintes objetivos:

a) criar uma forma pictórica (a ser administrada com a forma verbal);

b) desenvolver um sistema de categorização das respostas;

c) identificar respostas populares em pré-escolares e escolares;

d) caracterizar fenômenos específicos;

e) revisar o referencial teórico e

f) identificar indícios associados com conflitos atuais, situacionais, crises de desenvolvimento, conflitos neuróticos e manifestações psicóticas.

O curso tem como objetivo geral oferecer subsídios básicos para o manejo do Teste das Fábulas, em sua forma verbal e pictórica.

*PUCRS; **PUCRS e UFRS; ***PUCRS e UNISINOS, RS.

[1] Subvencionado pelo CNPq e FAPERGS.

COMPORTAMENTO VERBAL E COMPORTAMENTO GOVERNADO POR REGRAS II

Fernando César Capovilla (Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo).

O campo de comportamento verbal e controle por regras tem concentrado a maior parte dos esforços de teóricos, pesquisadores e aplicadores em análise do comportamento na última década.

O presente curso analisa o campo objetivando habilitar participantes a:

1) definir seus conceitos-chave e respectivas áreas de pesquisa;
2) descrever seus principais avanços recentes em teoria e experimentação;
3) identificar a utilidade dos conceitos como ferramentas para pesquisa e aplicação em clínica e educação;
4) descrever e interpretar à sua luz fenômenos educacionais e clínicos, especialmente no que concerne à análise do comportamento da criança.

Critérios de precisão conceitual, rigor metodológico, relevância social são empregados na abordagem dos seguintes tópicos:

1. Natureza do comportamento verbal e da regra;
2. Os programas de Skinner (1957) e de Hayes (1989): implicações para teoria, experimentação, clínica e educação;
3. Unidades funcionais do comportamento verbal do orador (ecóico, textual, transcritivo, ditativo, tato, mando, intraverbal, autoclítico) e do ouvinte (acedimento, rastreamento, aumentamento). Seu lugar em clínica e educação.
4. Formação de conceitos (classes de equivalência de Sidman, e classes relacionais de Hayes) via discriminação condicional e quadros autoclíticos manipulativos. Quadros relacionais, operadores lógicos e transferência de funções. Demonstração experimental e aplicações educacionais e clínicas.
5. Comportamento verbal na prática: procedimentos computadorizados, diretamente derivados dos conceitos da área, para análise experimental do ensino de leitura e aritmética bem como para a do diagnóstico e tratamento de crianças disléxicas, e para a da reinserção social de crianças portadoras de afasias e paralisia cerebral.

375

RACIOCÍNIO LÓGICO-MATEMÁTICO: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Luciano Meira, Graça Dias & Alina Spinillo
Mestrado em Psicologia, UFPE

O curso analisa os processos cognitivos subjacentes ao raciocínio nas áreas de linguagem e matemática, em crianças dos quatro aos catorze anos. Os seguintes tópicos são abordados:

Raciocínio dedutivo e a compreensão da linguagem (Dias, 1988): Pesquisas demonstram que pré-escolares são capazes de abstrair-se do real e raciocinar dedutivamente em situações fictícias, propostas como silogismos. Analisamos o uso instrucional de brincadeiras de "faz-de-conta", cujo objetivo é desenvolver habilidades lógicas e a compreensão da linguagem de sala-de-aula.

Lógica infantil e o aprendizado de proporções (Spinillo, 1990): Estudos recentes mostram que crianças desde os seis anos possuem noções sobre proporções, e podem usar o raciocínio proporcional em tarefas não computacionais. Abordamos as implicações destes estudos para a compreensão da lógica da criança, e para o ensino de proporções nas séries iniciais do primeiro grau.

Raciocínio matemático e resolução de problemas (Meira, 1991): Investigamos aqui o caráter "situado", ou contextualizado, do raciocínio matemático. Através da análise de vídeos de adolescentes resolvendo problemas com materiais diversos, discutimos as conseqüências da abordagem "situada" para o estudo do raciocínio e o ensino de matemática no primeiro grau.

O curso oferece visões múltiplas e complementares do raciocínio lógico-matemático e suas implicações para a psicologia e instrução escolar.

376 PSICOLOGIA DA TERCEIRA IDADE II : APRENDIZAGEM E MEMÓRIA

Reinier Johannes A. Rozestraten , USP / Rib.Preto

O Curso aborda dois assuntos: a capacidade de aprendizagem e a memória do idoso.

Na 1ª parte procura-se definir melhor a capacidade de aprendizagem e seus fatores constituintes,bem como as prováveis causas de sua diminuição. Veremos os resultados de diversas pesquisas experimentais sobre a associação aos pares, e as diferenças na codificação e na descoberta de estratégias para a solução de problemas dando por fim uma visão geral das conclusões dessas pesquisas. Em seguida veremos a importância que as pesquisas da capacidade de aprendizagem têm para a educação do adulto e os diversos princípios que Löwe apresenta a respeito.

Especial atenção é dada às mudanças nas habilidades motoras e aos problemas que sua medição coloca, bem como à importância da distinção entre o tempo de reação pré-motora e motora para as diversas idades.Tratar-se-á também do efeito da pre-sinalização e da importância da maneira de apresentação das informações.

Na 2ª parte serão apresentados alguns conceitos gerais sobre a memória e como ela pode ser afetada na velhice,conforme as diversas pesquisas. Examinaremos as diversas perspectivas da natureza das deficiências da memória na velhice. As abordagens vão desde a mais otimista que afirma que uma memória mais pobre surge de usos ineficientes das estratégias de codificação e de recuperação, problema que pode ser solucionado por intervenção remediativa, até a abordagem mais pessimista que acha que a capacidade da memória que diminue é a consequência de mudanças irreversíveis, ligadas à idade, que se processam nos mecanismos que formam a base para a cognição. Consideraremos diveras hipóteses que defendem causas diferentes para as deficiências da memória como 1) falhas na meta-memória, 2) codificação semântica deficiente, 3) falhas na recordação deliberada e 4) redução de recursos do processamento. Quais dessas hipóteses dará uma explicação satisfatória?

377 REPRESENTAÇÃO E FORMAÇÃO DE CONCEITOS NA TEORIA DE VYGOTSKI. Oliveira,Z.M.R.; Gonçalves,M.P.C.; Barbosa,I.G. (FFCLRP-USP/PE-USP-CINDEDI)

A visão do desenvolvimento infantil como estreitamente ligado às condições de vida da criança em um meio social com sua tecnologia, valores, formas de raciocinar e lidar com informações historicamente construídos, tem sido defendida pela corrente sociohistórica ou sociointeracionista em Psicologia Vygotski, 1978-1984; Wallon, 1959, 1966). Segundo ela, o indivíduo constrói seus conhecimentos, sua cognição e sua afetividade na interação que se estabelece entre ela e parceiros mais experientes em situações sociais concretas. Nestas,instruções, apontamentos e representações de indivíduos mais experientes interagem com os gestos, sentidos e concepções de crianças e adolescentes.

A idéia de interação básica naquela linha teórica, contudo, tem sido adotada sem um aprofundamento da matriz dialética que a gestou. Vários equívocos metodológicos e de interpretação são então criados. Nessa oportunidade iremos examinar o conceito de interação social na obra de Vygotski, buscando subsídios para se apreender o processo de internalização por ele postulado.

Destacamos o estudo da construção da representação e da aprendizagem de conceitos partindo do conceito de mediação simiótica e de zona de desenvolvimento proximal. Discutiremos o valor da imitação e da interação social na formação das funções psicológicas superiores e como a formação de conceitos abrange em Vygotski a compreensão das diferentes fases do movimento do pensamento e de suas funções com outras funções psíquicas como: atenção deliberada; memória mediada; percepção; capacidade associativa, lógica e inagística; capacidades lingüísticas etc. Essa discussão estende-se ao ensino escolar, uma das fontes de conceitos científicos da criança, capaz de influenciar qualitativamente seu desenvolvimento. (FAPESP, CNPq).

378

PSICOTERAPIA E DEFICIÊNCIAS (curso)

Amaral, Ligia A. (coord.), KOVÁCS, Maria Júlia e PINTO, Elizabeth Batista. Instituto de Psicologia, USP.

Entendendo que um pensar compartilhado, sobre temas ainda pouco explorados (tanto em relação ao embasamento teórico quanto à prática profissional) é fator de fundamental importância na formação do aluno de Psicologia e nos momentos de reflexão sobre a prática por parte dos profissionais, o curso propõe-se a subsidiar discussão sobre o processo psicoterápico e sua fruição por uma clientela com especificidades, como a das pessoas portadoras de deficiência.

Para tanto estão contemplados alguns pontos básicos relacionados à questão em pauta, sendo alguns deles ainda polêmicos: deficiência primária e secundária; congênita e adquirida; necessidade compulsória e psicoterapia; se não compulsória, quando e como intervir; especificidade ou não de técnicas; técnicas possíveis/necessárias etc.

Após esse mapeamento introdutório, está previsto o compartilhamento de três formas de intervenção terapêutica, referidas às reflexões e experiências das docentes. São elas: "Psicoterapia Breve", "Atendimento domiciliar" - ambas referidas a pessoas portadoras de deficiência adquirida - e "Ludoterapia com crianças com deficiência mental".

380 O PERFIL DO EDUCADOR DE CRECHE. Vitória,T.; Mello,A.M. (FFCLRP-USP; Creche-USP)

A característica assistencial e custodial das creches, determinou historicamente uma desqualificação profissional do pessoal que nelas trabalha. Para trabalhar diretamente com um grupo de crianças na creche, geralmente os critérios de seleção mais comuns são: ser mulher, gostar de crianças e ser paciente. Muitas vezes não se exige que a pessoa seja alfabetizada e é comum encontrarmos menores de 18 anos nesta função.

Contudo, este quadro começa a se alterar à medida que o poder público, especialmente o municipal, começa a se responsabilizar pela administração direta de um número cada vez maior de creches. Atualmente os concursos públicos para admissão de pessoal de creche apresenta como critério a conclusão do 1º grau. Além disso, a nível federal está em trânsito um projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação que considera a creche como equipamento educacional, que deve contar com projetos pedagógicos e profissionais qualificados para executá-los. Segundo este projeto, estes educadores devem ter formação mínima de 2º grau, embora estejamos lutando para que haja uma formação específica para este educador.

Em suma, observa-se uma tendência a alteração do quadro geral de educadores das nossas creches, quanto à formação escolar. Mas isto não é suficiente para garantir a execução de projetos pedagógicos nas creches. Hoje sabemos que além de gostar de crianças e ser paciente, o educador necessita de conhecimentos específicos sobre desenvolvimento infantil, dinâmica familiar, pedagogia, saúde, nutrição etc.

Além disso, não precisa ser mulher; pelo contrário seria muito interessante a presença de mais homens educadores nas creches, para que as relações das crianças com os adultos deste ambiente não se restringissem ao universo feminino.

Visto que, mesmo a formação de 2º grau não garantiria estes conhecimentos, faz-se necessário planejar e executar projetos de formação em serviço, além de uma constante atualização dos temas pertinentes à sua prática diária.

WORKSHOPS

381 WORKSHOP: METODOLOGIA DE ESTUDO DA INTERAÇÃO: OLHAR NATURALISTA X OLHAR SIMBÓLICO

Coordenador: Márcia Regina Bonagamba Rubiano(USP-RP); Expositores: Ana Maria Almeida Carvalho; Zilma de Moraes Ramos de Oliveira (USP-RP); Maria Auxiliadora Dessen(UFB) e Carlos Newman (Instituto de Psicologia); Debatedores: Cesar Ades(USP); Leda Verdiani Tfouni(USP-RP); Maria Clotilde Rossetti Ferreira(USP-RP) e Thereza Pontual de Lemos Mettel (UFB).

Trata-se de uma discussão sobre o uso que fazemos do olhar naturalístico e/ou simbólico em nossos estudos e também as contribuições e limitações colocadas por estas duas formas de análise para a compreensão da interação social humana.

Este workshop pretende dar continuidade a outros realizados anteriormente: Estudo da interação criança-criança (1989) e Registro e análise de vídeo(1991) O objetivo é aprimorar a metodologia de análise de observações em estudos sobre a interação adulto-criança e criança-criança. Justifica-se pela necessidade da Ciência Psicológica definir metodologias que abarquem cada vez de forma mais completa seu objeto de estudo.

Os contrastes evidenciados pelo confronto de estudos de um mesmo fenômeno com uso de abordagens diferentes pareceu propício ao objetivo proposto. Desta maneira, no primeiro dia (5ª feira) o foco será a interação criança-criança a partir de uma abordagem teórica sóciointeracionista-construtivista e de uma abordagem guiada por princípios etológicos. No segundo dia (6ª feira) será focalizada a interação bebê-família a partir de uma abordagem teórica psicanalítica e de uma abordagem mais empírica.

Os expositores farão uma apresentação sobre a abordagem teórico metodológica utilizada em seus estudos procurando refletir sobre o uso do olhar naturalístico X olhar simbólico. Os debatedores procurarão levantar pontos no sentido de orientar o debate.

382

OFICINA DE SEXO SEGURO, REPRODUÇÃO E AIDS.

Prof Vera Paiva, M.C.Antunes, G.Bedoian, V.Stempliuk, F.Cipriano, F.Silveira, G.Brajão, O.Serrano. PST - Inst.Psicologia - USP

A prevenção da AIDS só é possivel através de mecanismos informativos, educativos e conscientizadores. Este é um modelo de intervenção que foi desenvolvido em um projeto de pesquisa realizada com adolescentes do centro de São Paulo. A análise dos resultados dessa pesquisa serão discutidos nas comunicações orais.

Começaremos com uma rodada de discussões sobre: dúvidas, dificuldades e o impacto da AIDS na vida de cada um. Depois trabalharemos com modelagem, em massa; dos órgão genitais e reprodutivos discutindo a questão do corpo erótico/reprodutivo, o HIV e os fluidos corporais. O objetivo será a participação do grupo na construção do conhecimento. Será montado um quadro com todas essas informações sobre o HIV e os fluidos. Apresentaremos um video a ABIA.

Na 2a parte, iniciaremos com uma avaliaçao da sessão anterior. Depois discutiremos o que cada um imagina ser sexo seguro. Dividiremos em subgrupos para pensar três situações de relação mais segura no contexto homo e heterossexual. Será um bom momento para discutir normas de gênero, preferências sexuais, preconceito e crenças pessoais. Faremos demonstrações do uso do condom, banalisando e erotizando o seu uso. Discutiremos as dificuldades em realizar o sexo seguro e, usando a técnica de role-playing, trazer cenas de dificuldades na negociação do condom e do próprio prazer. Terminaremos com a divisão em subgrupos para elaborar uma história de transmissão do HIV entre os personagens de um "labirinto".

O objetivo deste workshop será fazer os participantes vivenciarem e transmitir um modelo onde a prevenção é trabalhada no contexto afetivo e socio-cultural em que, concretamente, a infecção pode acontecer incorporando o prazer, transcendendo a negação, o medo e o preconceito.

ÍNDICE DE AUTORES

Organizado pelos números dos resumos.

Abaurre, M.B.M. 348.2
Abbad, G.S. 203, 335.3
Abib, J.A.D. 349.1
Abrahão, N.L. 239
Ades, C. 76, 77, 155
Adorno, S. 344.3
Affonso, R.M.L. 36
Agatti, A.P.R. 160
Aguiar, M.S. 308
Albuquerque , R.C.S.P. 215
Albuquerque, E. 138
Alencar, E.M.L.S. 264, 265, 266, 364
Alconi, J. 115
Aleshinsky, I. 116
Almeida, M.A. 337.2
Almeida, M.T.F. 214
Almeida, S.F.C. 157, 346.1
Almeida, S.R.P. 119
Almeida, S.S. 8, 10, 154, 155, 307
Alvares, A.M. 263
Alves, C.N. 34
Alves, D.H. 220
Alves, I.C.B. 23
Alves, J.M. 3
Alves, K.A. 19
Alves, K.M.B. 159
Alves, P. 189
Alves, R.M. 295
Amaral, L.A. 378
Ambrosio, S. 98
Amiralian, M.L.T.M. 362.1, 367
Amorim, A.C.F. 56
Anaruma, S.M. 140
Andery, M.A.P.A. 331.1
Andrade, C.A. 223
Andrade, G.A. 283
Andrade, M.P. 206, 207, 208
Andriola, W.B. 20, 21
Angerami, J.G.M. 332.3
Antoneli, R.M. 149
Antunes, M.C. 169, 382
Aparicio, S. 40, 120
Aragão, E.M.A. 111
Aranha, M.S.F. 361.3
Araújo, I. 285, 287
Araújo, L. 300
Arendt, R.J.J. 334.4
Arnoldi, M.A.G.C. 114
Arruda, A. 357.2
Arruda, S.S.S. 222
Assis, G. 195
Atalla, M.M.A. 2, 160
Avila, A.V. 228
Azevedo Marques, M.F.L. 95
Azevedo, C. 163
Azevedo, C.S.S. 3
Azevedo, E.P. 1
Azevedo, M.A. 344.1
Azevedo, M.R.Z.S. 39
Azzi, R.G. 158
Baccara, S.M. 164
Baier, C.A. 64
Balduino, L. 57, 201, 213
Banaco, R.A. 352.3, 358.4
Bandeira, D.R. 22, 118
Barbieri, M.A. 341.1
Barbieri, V. 15
Barboni, F.D. 53, 125, 127, 128, 129
Barbosa, C. 181
Barbosa, I.G. 34, 377
Barbosa, M.R. 113
Barbosa, V.M. 220
Barnabé, J.C. 155, 233, 307
Barreto, M.Q. 243
Barros, C.P.F. 219
Barros, C.W. 195

Barros, M.N.F. 261
Bastos, A.V.B. 44, 45, 335.1, 353.1
Bastos, L.B. 220
Batista, C.G. 143
Batista, M.Q.G. 195
Becker, E. 367
Beckert, M.E. 85
Bedoian, G. 170, 382
Beninca, C.R.S. 38, 81
Bergamasco, N.H.P. 72, 147, 336.1, 343.2
Bernardes, N.M.G. 357.1
Bernik, M.A. 344.4
Bessa, L.C.J. 271
Betiol, H. 341.2
Bianchi, A. 380
Biasoli-Alves, Z.M.B. 78, 80, 82
Bomtempo, E. 1, 2, 178, 179
Bonamigo, L.R. 296, 297
Bonfim, E.M. 352.2
Borges, C.P. 226
Borges, M.M. 104, 201, 202
Bori, C.M. 58
Bortolozzi, A.C. 226, 249
Bosco, E. 187
Botelho, D.A. 43
Brajão, G. 169, 382
Branco, A.U. 136, 210, 361.2
Branco, U.V.C. 13
Branco, V. 346.3
Brandão, M.L. 308, 309, 310, 311
Brandão, R.P. 299
Brandi, M.I.M. 100
Brandolisi, V.N. 115
Bresser da Silveira, M.H. 339.2
Brizio, M. 40, 120
Brocanelli, A.B. 224
Bruns, M.A.T. 5
Buarque, L.L. 348.3
Bucher, J.S.N.F. 164, 360.2, 368
Bueno, A.M. 206, 207, 208
Bueno, J.L.O. 61, 62, 209, 233, 332.2
Bueno, J.V. 253
Bueno, L.V. 54, 55
Bueno, S.M.V. 253
Cabral, E. 189
Cabral, E.A. 288, 289, 290
Caldana, R.H.L. 78
Calvano, N. 123, 187, 188, 189
Camargo, L.M.M. 153
Cameschi, C.E. 84, 305
Campos, A.R. 15
Campos, C. 307
Campos, D.C. 31
Campos, L.A.M. 144
Campos, L.F.L. 119, 178
Campos, M.C.R.M. 15
Campos, M.M. 318
Campos, R.H.F. 353.2
Candua, O.P. 157
Canto, L.C. 46, 47
Canizares, M. 76, 77
Caon, C.M. 236
Capovilla, F.C. 68, 69, 88, 89, 229, 232, 244, 374
Cardoso, E.R.G. 354.4
Cardoso, M.B.P. 228
Cardoso, M.M. 98
Cardoso, S.H. 310
Carelli, A. 133
Carlini-Cotrim, B. 333.1, 333.2
Carmo, C.P. 161
Carneiro, E.G.P. 144
Carrido, E.C. 18
Carvalho, A.M.A. 12, 293, 342.2
Carvalho, J.N. 164
Carvalho, K.G. 134

Carvalho, V.A. 333.2
Carvalho,G.P. 215
Casella, E.B. 193
Caserta, M.C.S. 61
Cassoria, R.M.S. 329.2
Cassundé, M.A. 237
Castanho, A.R.S.P. 25, 76, 77
Castro, J.E.S. 284
Castro, L.R. 360.3
Castro, O.P. 116
Cavalcanti, E.C.A. 240
Celante, F.V. 299
Cervejeira, S.R. 206, 207, 208
César, O.P. 30, 68, 69
Cesaretti, R.E. 280
Chagas, L.A.W.M. 279, 280, 281
Chamat Borges, L.S.J. 179
Chaud, R.O.F. 356.3
Chaves, M.S.P. 347.3
Chippari, M.. 142
Cipriano, F. 170, 382
Civiletti, M.V.P. 145
Cobelo, A.W. 354.3
Coelho, A.E.L. 167
Coelho, C. 85, 215
Coelho, D.S. 203
Coelho, W.F. 43
Coelho, W.G. 74, 75
Cogo, P.S.F. 116
Colares, M.F.A. 271
Coleta, I.D. 73
Collares, C.A.L. 347.2
Collares, K.S. 264
Colosio, R. 23
Conte, S. 319
Contreras, M.L.S. 96
Corga, D. 259
Correa, J. 107
Correia, F.A. 253
Costa Jr., A.L. 70, 71
Costa, A.C.S. 25
Costa, A.E.B. 168
Costa, C.R. 206, 207, 208
Costa, C.L. 86
Costa, D.C. 148, 184
Costa, E. 278
Costa, M.P.R. 337.4, 363
Costa, N.R.A. 34
Costa, S.M. 101
Coutinho, S.M.G. 301, 302
Coutinho, C.M.G.
Couto, M.I.V. 193
Craidy, C.M. 348.1
Cruz, A.A.V. 343.4
Cruz, A.G. 106
Cruz, A.P.M. 9
Csillag, S. 147
Cunha Jr., H. 330.2
Cunha, A.C.B. 204
Cunha, E.S. 299
Cunha, J.A. 373
Cunha, L.G. 11
Cunha, M.R.C. 3
Cunha, T.C.G. 25
Cunha, V.C. 123
Cursino, E.A. 303
Custódio, E.M. 15
D'Elia, V.F. 37
Da Hora, L.H. 228
Da Silva, A.P.S. 92
Da Silva, F.B.. 144
Da Silva, J.A. 53, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 192, 323
Da Silva, M.C. 285
Da Silva, S.L. 385
Da Silveira, I.A.V.G. 99

Damiani, K. 86, 87
Dantas, B.M. 74, 75
Dantas, H. 352.4
Daud, M.M. 154
Daudt, P. 294
De Oliveira, L.M. 10, 63, 154, 155, 156, 307
De Oliveira, Q.L. 17
De Rose, J.C. 65, 66, 67, 200, 201, 202, 205, 245, 247, 339.4, 349.4
De Rose, T. 205
De Souza, F. 213
Dela Coleta, M. 27
Delevati, N.M. 30, 72
Delitti, M. 351.1
Derdyk, P. 358.3
Dias, D. 302
Dias, G. 375
Dias, L.B.S. 303
Dias, L.D. 264
Dias, M.G. 6
Dias-da-Silva, M.H.G.F. 82
Diniz, L.F. 107
Do Valle, E.R.M. 329.3, 366
Duarte, G.M. 200
Duarte, J.G.M. 106
Duran, A.P. 361.1
Durante, A.S. 119
Durval, S.S.F. 221
Enéas, M.L.E. 41, 273
Engelmann, A. 321
Epelboin, S. 189
Escarlate, L.B. 301
Escobar, V.F. 268
Escolano, A.C.M. 63
Espinoza, M.F.S. 112
Esteves, E.N. 198
Fabra, S.A. 116
Facchinetti, C. 106
Facioli, A.M. 73
Fait, C.S. 116
Falcão, C.L. 21
Falcão, M.T. 291, 292
Farah, R.M. 354.2
Farreh, R.L. 221
Fávero, M.H. 238
Feitosa, M.A.G. 343.3
Felício, J.L. 15
Féres-Carneiro, T. 368.1, 368
Fernandes, H. 285, 287
Fernandes, K.S. 164
Fernandes, N. 188
Fernandes, S. 76, 77
Fernandes, S.R.P. 335.4
Fernandes, S.R.P. 227
Ferrari, A. 40, 120
Ferrari, C. 295
Ferraro, C.G. 187
Ferreira, E.F. 206, 207, 208
Ferreira, M.C. 219, 257, 258
Ferreira, M.F. 189
Ferreira, M.G. 156
Figueiredo, L.C.M. 241
Figueiredo, M.A.C. 43, 165, 166
Figueiredo, V.E.G. 299
Fleith, D.S. 159
Fogel, A. 324, 342.4
Folberg, M.N. 116
Fonseca, M.L. 200, 202
Fonseca, A.V. 218
Fonseca, F.L. 256
Fonseca, N.M.V. 98
Fonseca, P.P. 185, 186
Fontealba, L.H. 178
Fontes, J.C.S. 56
Fontes, N. 200
Francisco, A.C. 116

Franco, G.T. 236
Françoso, L.P.C. 366
Freire, I.M. 72
Freitas, E.C. 106
Freitas, M.F.Q. 353.2
Freller, C. 162
Frias, E.R. 124
Frioli, P.M.A. 25
Galetão-Silva, L.G. 88
Galera, C. 73, 190, 191
Galvão, O.F. 325
Gama, A.L.G. 57, 201
Gama, P.C.S. 157
Garbin, T.R. 115, 251
Garcia, A.M.S. 263
Garcia, R.A. 8, 10
Gasparetto, S. 147, 293
Gatti, A.L. 31
Gazzotti, A.A. 307
Gentile, T.F.C. 96
Geraldo, S.A. 135
Giannasi, E.S.A. 224
Gil, M.S.C.A. 13, 276, 361.4
Gimenes, L.S. 332.1, 332.4
Giménez, S.R. 103, 234
Góes, M.C.R. 338.1
Goldbach, A. 112
Golfeto, J.H. 184
Gomes, F.M. 97
Gomes, L.S. 206, 207
Gomes, M.B. 56
Gomes, W. 216, 294, 300
Gomide Jr, S. 108
Gomide, E.F.S. 33
Gonçalves, A.C.R. 2
Gonçalves, C.J.C. 248, 353.3, 353.4
Gonçalves, C.M.C. 114
Gonçalves, K.C. 164
Gonçalves, L. 278
Gonçalves, M.F.C. 34, 377
Gonçalves, R.P. 112
Gonçalves, S.S. 168
Gorayeb, R. 97, 271, 355.3
Gouçadins L.G. 267
Goyos, A.C.N. 326
Graeff, F.G. 7, 9, 304, 355.1
Graminha, S.S.V. 14, 272
Grant , W.H. 183
Grossi, R. 283
Guedes, M.L. 358.2
Guércio, A.L. 221
Guerra, V.N.A. 344.2
Guimarães, D. 286
Guimarães, L.B. 201, 218
Günther, H. 104, 110, 162
Günther, I.A. 181, 346.2
Gutierrez, M.R.P. 341.3
Guzzo, R.S.L. 248
Hadlad, A.M.S. 336.4
Haddad, L. 356.4
Hanna, E.S. 201, 202
Harada, C. 362.4
Haydu, V.B. 206, 207, 208
Heck, A.R. 54, 55
Herencia, C.P.C. 222
Hetem, L.A. 355.4
Heuri, A.L.P.V. 236
Hock, M.I. 9
Horowitz, D.B. 218
Hubner-D'Oliveira, M.M. 230, 339.1
Hunziker, M.H.L. 86, 87, 156
Iwasaki, J.K. 189
Jablonski, B. 259
Jacques, T. 216
Jaan, I. 132
Japur, M. 109

Jardim, A.B. 229, 244
Jesus, S.F. 299
Jonas, A.L. 255
Juliani, J. 67
Julião , S.O. 264
Junqueira, L.B. 210
Kamizaki, R. 126
Kashiwagi, A.C. 155
Kerbauy, R.R. 246
Klodaras, J.B. 65
Kleiman, A.B. 340.4
Koller, S.H. 139, 296, 297
Korres, A.M.N. 313
Kossobudzki, L.H.M. 279, 280, 281
Kovácks, M.J. 378
Lacerda, A.P. 202
Lamônica, D.C. 337.3
Lamy, G.A.A. 93
Lapa, L.Z. 161
Lapa, M.C. 336.3
Lei, D.L.M. 347.3
Leite, L.P. 249
Leite, S.A.S. 339.3
Lemes, W.R. 84
Lerner, B.R. 347.3
Lerner, R. 196, 197
Lessa, E.M.C. 176
Levitsky, D.A. 156
Lhullier, C. 296, 297
Lhullier, L.A. 132
Lichtig, I. 193
Lima Castilho, R.V. 217
Lima, D.C. 301
Lima, R.A.G. 366
Linhares, M.B.M. 135
Lins e Silva, M.E. 138
Lira, B.B.P. 38
Liviski, J.D. 105
Logatti, A.M. 94
Lomônaco, J.F.B. 236
Lopes Jr, J. 241
Lopes, D. 216
Lopes, E.J. 190, 191
Lopes, L.C. 221
Lopes, M.F. 233
Lopes, R.G.C. 354.1
Lordello, E.R., 211
Loureiro, S.M. 135
Loureiro, S.R. 18, 19
Luna, S.V. 158
Lunardelli, M.C.F. 47
Luque, S.A. 148
Luzia, J.C. 206, 207, 208
Lyra, M.C.D.P. 288, 289, 290, 342.1
Mac Dowel, D. 20
Mac Dowell, A.E. 180
Macedo, E.C. 232
Macedo, J.W.F. 173
Macedo, L. 334.2
Machado, A. 162, 188
Machado, A.L.O. 219
Machado, L.M.C.M. 83
Machado, L.R. 86
Machado, V.L.S. 92, 135
Madeira, C.N. 226
Mafra, A.A. 221
Magalhães, C.M.C. 12, 212, 294
Magalhães, M. 220
Magalhães, M.F. 54, 55
Mahfoud, M. 274, 328
Mahler, M.T.R. 350.2
Mahoney, A.A. 352.1
Maichaki, S.G. 206, 207, 208
Maimoni, E.H. 16
Maisonnette, S. 311
Malki, I. 180

Manabe, R.T. 276
Manbiça, C. 134, 202
Manzini, E.J. 252
Maraschin, C. 163
Marchtein, M.B.A.L. 96
Marcílio, M.L. 316
Mario Kahn, I.S. 356.2
Marques, A.P. 194
Marques, T.M. 108
Marquez, A.M. 255
Martinelli, D.A. 180
Martinelli, J.C.M. 64
Martinez, G. 285, 287
Martinez, J.M. 206, 207, 208
Martins , C.C. 348.4
Martins S.H.S. 135
Martins, I.M. 132
Martins, L. 286
Martins, M.A.O. 272
Martins, P.D. 206, 207, 208
Martins, R.A. 4
Martins, R.L. 288, 289, 290
Marturano, E.M. 135
Masini, E.F.S. 362.2
Matias, M.C.S. 116
Matos, M.A. 196, 197, 198, 230, 339.1
Mattos, M.I.L. 180
Mazzarello, M. 20, 21
Mazzotta, M.J.S. 362.3
Mechan, A.C. 283
Medeiros, M. 213
Meira, L. 375
Meirelles, J.B. 214
Mejias, N.P. 345.1
Mello, A.M. 35, 388
Melo Silva, L.L. 275
Melo, C.S. 136
Melo, L.L. 309, 318
Menandro, M.C.S. 298
Menandro, P.R.M. 172
Menardi, M.A. 37
Mendes, A.F. 164
Mendes, C.L. 226, 249
Mendes, S.C. 215
Menin, M.S.S. 177
Metnicoff, F. 119
Meyer, S.B. 268, 358.1
Mezzaroba, S.M.B. 91
Micheletto, N. 331.4
Mito, T.I.H. 41, 273
Mitsunaga, G.Y. 137
Miura, R.K.K. 247
Monteiro, M.F.G. 322
Monteiro, S.R.G. 193
Mora, P.O. 304
Moraes, A.B.A. 100, 101
Moraes, M.J. 96
Morais, K.C. 166
Morato, H.T.P. 277, 278
Morato, S. 311
Moreira, A. 180
Moreira, A.C. 119
Moreira, R.C.M. 62, 332.2
Morgado, M.A. 352.2
Moro, A.R. 228
Moro, C. 293
Moro, C.S. 72
Moro, M.L.F. 334.3, 346.3
Moroni, S. 119
Moroz, M. 331.3
Moschen, S. 40, 128, 163
Moshmann, A. 213
Mota, C.T. 16
Motta, R. 43
Moura, C.B. 283
Moura, L. 269, 270

Moutinho, A.K. 288, 289, 290
Moysés, M.A.A. 347.2
Muccillo, G. 303
Nagel, D. 163
Nalini, L.E.G. 243
Nascimento, A.B. 153
Navarro, J.M. 193
Navarro, Z.M. 15
Neiva, E.R. 157
Nemo, C.M.B. 102
Neto, M.B.C. 195
Neumann, C.F.B. 356.3
Neves, E.L.M. 106
Nicéas, L. 237
Nogueira, D. 284, 285, 287
Nogueira, I.B. 175
Nogueira, L.S.N. 3
Nunes, A.R. 225
Nunes, F.P. 225, 228
Nunes, L.R.P. 284, 225, 285, 286, 287, 337.1, 337.3, 345.4
Nunes, M.L.T. 357.4, 373
Okay, Y. 193
Oliva, M.F. 26
Oliveira , Z.M.R. 33, 34, 342.3, 377
Oliveira, A.D.R. 134
Oliveira, D.C. 347.4
Oliveira, L.S. 119
Oliveira, M.K. 340.3
Oliveira, M.M.M. 13
Oliveira, M.S. 373
Oliveira, P.C. 215
Oliveira, S.L.M. 192
Oliveira, Z.M.R. 33, 34
Oliveira-Castro, J.M. 203, 327
Omote, S. 28, 29
Ortega, A.C. 295
Ortega, M.M. 113
Osmo, A.A. 193
Ostetto, L.E. 79
Otero, V.R.L. 351.4
Otta, E. 30, 212
Pacheco, A.L. 213
Pacs, A.H.N. 157
Paiva, K.R. 240
Paiva, M.L.F. 121
Paiva, R.V.F. 8
Paiva, V. 382
Palma, C.S. 165
Palocci, H.S. 341.4
Pantoja, A.P.F. 288, 289, 290
Pantoni, R.V. 32, 92
Paschoali, M.C. 122
Paslan, S.R. 269, 270
Pasquali, L. 20, 21
Passerino, A.A. 25
Pauli, S.C. 32
Pedrosa, M.I. 291, 292
Percillo, D.N. 134
Pereira, A.B. 57, 200
Pereira, C.A.A. 106, 123, 187, 188
Pereira, K. 285, 287
Pereira, M.F. 276
Pereira, M.I.G.G. 117
Pereira, P.A. 201
Pereira, T.S. 144
Pereira-Nóbrega, N. 150
Peron, J.E. 314
Perosa, G.B. 146
Pfeiffer, E.F. 110, 182
Piccinini, C.A. 282
Picolo, L.A. 137, 249
Pinsky, I. 24, 333.3
Pinto, E.B. 378
Pinto, J.M.R. 267
Pires, A.S.S. 134

Pires, L. 278
Pires, S.G. 30
Ponchio, M.F.M. 164
Porto, J.B. 214
Portugal, F.P. 242
Prado, C.S. 5
Presotto, E.A. 245
Prosdocimi, R. 297
Prudêncio, M.R.A. 222
Rabinovich, E.P. 347.4
Ramalho, V. 237
Ramos, B.M.C. 209
Ramos-Cerqueira, A.T.A. 98, 99
Rangel, R.B. 141
Reginato, S.M. 142
Rego, L.L.B. 348.1
Regra, J. 351.2
Reis, M.J.D. 65, 66, 205
Renzi, P. 319
Rezende, D. 153
Rezende, F.L. 222
Rezende, F.L. 222
Rezende, L.N.J. 214
Ribeiro Filho, N.P. 130, 131
Ribeiro, A.F. 231
Ribeiro, J.G. 65, 66
Ribeiro, P.L.L. 185, 186, 269, 270
Ribeiro, R. 124, 175
Rickli, A. 105
Ripper, A.V. 338.4
Rocha, F.C.A. 222
Rocha, M. 278
Rocha, M.C. 277
Rocha, R.C.F. 64
Rocha, S.R.A. 84
Rocinholi, L.F. 154
Rodrigues Jr, J.F. 159
Rodrigues, A. 259
Rodrigues, M.M.P. 260
Rodrigues, O.M.P.R. 137, 249
Roedel, S. 357.3
Romanelli, G. 263
Roque, A.C. 164
Rosa, E.M. 299
Rosa, F.H. 139, 297
Rosetti-Ferreira, M.C. 32, 148, 149
Rossatto, M.I. 1
Rosseto, S.S. 261
Rossetti, C.B. 295
Rossito, A.L. 200, 205
Rozestraten, R.J.A. 350.1, 376
Rubiano, M.R.B. 148, 381
Ruivo, R.J. 23
Russo, I.C.P. 250
Sales, C.A.C.C. 246
Salomão, S.R. 336.2
Salomon, S.M. 2
Salorenzo, L.H. 218
Sanches, V.V. 226
Sant'Anna, R.C. 349.3
Santos, D.M.M. 236
Santos, E.H.P. 299
Santos, K.A. 220
Santos, M.A. 49, 50, 51, 52, 185, 186, 269 270, 369
Santos, M.F.S. 371
Santos, N.G. 347.4
Santos, P.L. 80
Santos, R.A. 350.4
Santos, R.A.C. 91
Santos, R.M.R. 232
Santos, S.A.L. 96
Santos, T.G. 107
Santos, V. 338.4
Santos, Y.R. 157
Santucci, L.B. 154

Sarria, C.E.F. 219
Sayão, Y. 162
Schneroki, F. 124
Schisler, E.L. 329.4
Schliemann, A. 237
Seabra, A.G. 229, 244
Sebastião, L.T. 258
Seidl de Moura, M.L. 107, 145, 334.1
Sena, M.F. 335.2
Serathiuk, C.G. 280, 281
Sério, T.M.A.P. 331.4
Serrano, O. 170, 382
Silva , A.L.S. 187
Silva, A.A. 24, 25, 26, 251
Silva, A.P.L. 3
Silva, A.P.S. 63
Silva, A.V. 104, 182, 282
Silva, I.V. 3
Silva, J. 278
Silva, J.C. 116
Silva, M.L. 330.3
Silva, M.T.A. 206, 207, 208
Silva, P.M.H. 238
Silva, R.C. 303
Silva, V.A. 151, 152
Silvares, E.F.M. 103, 234, 345.2
Silvares, E.F. 268
Silveira, F. 169, 382
Silveira, M.H.B.
Simão, L.M. 161, 194, 252
Simas, M.L.B. 37, 74, 75, 343.1
Simonato-Tozo, S.M.P. 82
Simonassi, I.E. 243
Siqueira, A.A.P. 347.4
Siqueira, M.M.M. 108, 171
Sirgado, A.P. 338.3
Smaira, S.I. 99
Smolka, A.L.B. 338.2
Soares, A.M. 164
Sobreira Lopes, R. 216, 282.
Solymos, G.M.B. 254
Sordi, R. 163
Sousa, C.M. 214
Sousa, F.A.E.P. 53, 125, 126, 127,128, 129
Souza Brito, R.C. 56
Souza, A. 188
Souza, B. 162
Souza, D. 162
Souza, D.G. 57, 58, 200, 201, 202
Souza, I.S. 174, 330.1
Souza, J.A.N. 57, 141
Souza, J.Q. 223
Souza, L. 172
Souza, L.B. 166
Souza, L.M.F. 251
Souza, M. 162
Souza, M.D. 288, 289, 290
Souza, M.H.N. 254
Souza, R.M. 122, 284
Souza, S. 76, 77
Sperb, T.M. 294
Spinillo, A.G. 138, 346.4, 375
Spradlin, J.E. 365
Stefanini, M.L.R. 347.3
Stempliuk, V. 169, 382
Stephaneck, P. 190, 191
Stilck, S. 26
Stilck, S.R.A.N. 306
Strzykalski, M.S. 139
Szarfarc, S.C. 347.1, 347.3
Szymelski, C. 297
Tamayo, A. 134, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222
Tamayo, N. 218
Teixeira, A.M.S. 199
Teixeira, C. 163

Teixeira, F.L.A. 168
Teixeira, L.R.M. 235
Terra, A.P. 116
Tfouni, L.V. 92, 185, 186, 239, 240, 263
Thiers, V.O. 88, 229, 244
Thum, R. 296
Todorov, J.C. 58, 59, 60, 84, 85, 305
Tomanari, G.A.Y. 83
Tomaz, C.A.B. 7
Tone, L.G. 366
Tornick Jr. A. 99
Torres, C.V. 48
Torres, W.C. 329.1
Torrezan, E.A. 255
Tourinho, E.Z. 331.2
Travaglini, D. 198
Trindade, E. 5, 267
Trindade, Z.A. 223, 260, 298, 299
Tróccoli, B.T. 167
Tunes, E. 141, 157
Vargas, M.M. 31
Vasconcelos, L.A. 332.1, 332.4
Vaz, F.J. 99
Vendrusculo, J. 184
Viana, M.B. 7, 304
Vidal, L.J.M.T. 15
Vieira, A.B.P. 106
Vieira, A.E.C. 288, 289, 290
Vieira, M.C.S. 94
Vieira, M.L. 1, 24, 293, 312
Vieira, T. 80, 95
Vieira, E.P. 54, 55, 253
Vilarinho, M.A.S. 372
Vilela, A. 181
Villela, V.L.E. 156
Virgolim, A.M.R. 266
Vitória, T. 32, 35, 380
Voigt, C. 132
Volpato, C.F. 149
Weber, L.N.D. 105, 279, 280, 281
Weber, S. 371
Weitzel, B.M. 279, 281
Werlang, B.G. 373
Wielenska, R.C. 351.3
Windholz, M.H. 317
Witter, C. 90, 261
Witter, G.P. 353.3, 353.4
Woiler, E. 368.4
Wolf, R.L. 68, 69
Xavier, G.F. 155
Yoshida, E.M.P. 41, 273
Yukimitsu, M.T.C.P. 41, 42, 178, 273
353.3, 353.4
Zago, N. 262
Zaia, M. 278
Zamberlan, M.A.T. 39, 283
Zannon, C.L.M.C. 70, 71, 301, 302
Zanotto, M.A.C. 200
Zaparoli, W. 230
Zemel, M.L.S. 333.4
Zuim, C.B.B. 157